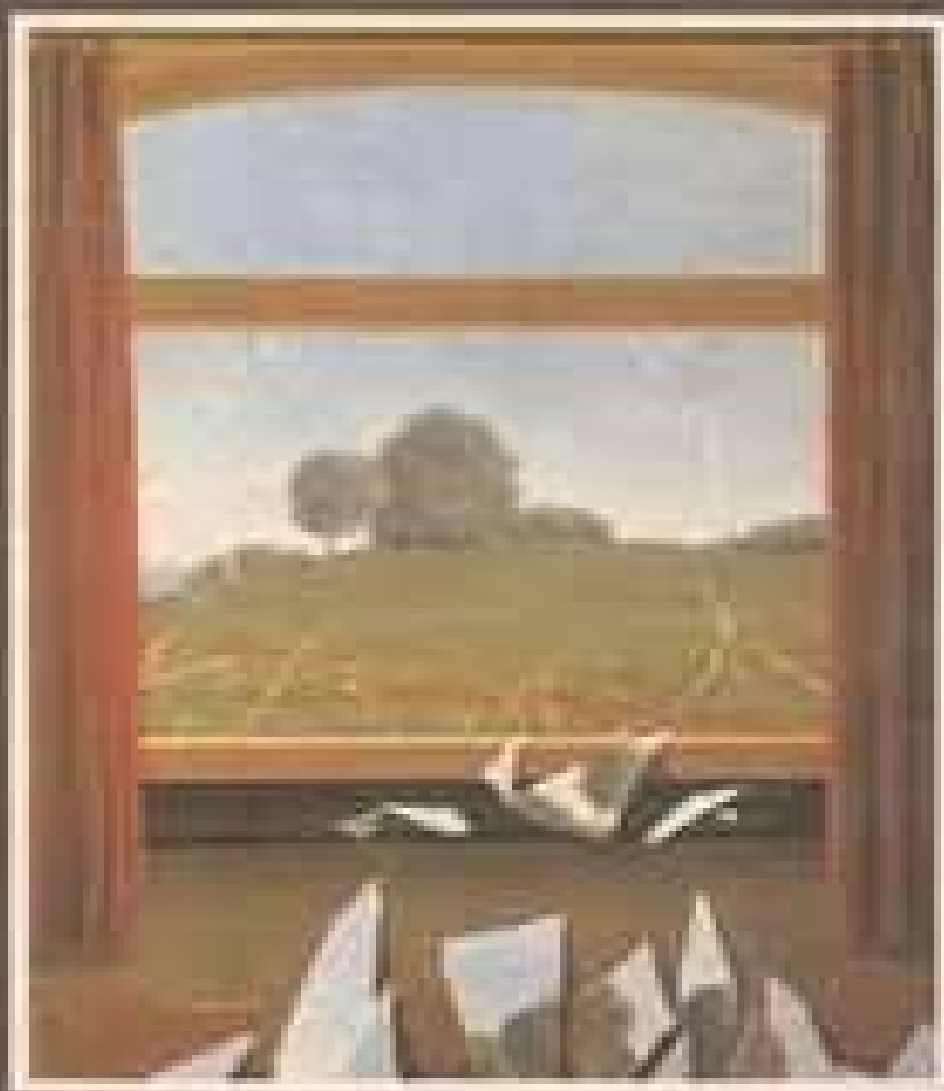


FILOSOFANDO

Introdução à Filosofia

Maria Lúcia de Arruda Aranha

Maria Helena Pires Martins





FILOSOFANDO, INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

MARIA LUCIA DE ARRUDA ARANHA

Nota:

Este livro foi scaneado e corrigido por Edith sulí; para uso exclusivo

de deficientes visuais, de acordo com as leis de direitos autorais.

Para este fim se utilizou de um sintetizador de voz. Portanto
o livro pode conter erros de diagramação e outros.

julho de 2001

Fim da nota

FILOSOFANDO

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

EDITORA MODERNA

MARIA LUCIA DE ARRUDA ARANHA

Professora da Escola Nossa Senhora das Graças (São Paulo)

MARIA HELENA PIRES MARTINS

Professora da Escola de Comunicação e Artes da USP

2ª edição

revista e atualizada

EDITORA

DIRETOR GERAL

DIRETOR EDITORIAL

DIRETOR DE PRODUÇÃO

DIRETOR DE MARKETING

DIRETOR ADM. FINANCEIRO

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

COORDENAÇÃO DE PREPARAÇÃO

PREPARAÇÃO DE TEXTOS

EDIÇÃO DE ARTE

CHEFIA DE ARTE

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Ma

Vera Lucia da Silva Barrionuevo

CAPA

Wanduir D

René Magritte, 1936 - "Le clef des champs")

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

DIAGRAMAÇÃO

COORDENAÇÃO DE REVISÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aranha, Maria Lúcia de Arruda

São Paulo - 1993.

Bibliografia.

I. Filosofia 2. Filosofia-Introduções I. Martins,

Maria Helena Pires. II. Título.

93-1477 CDD-I01

Índices para catálogo sistemático:

I. Filosofia : Introdução 1 01

ISBN 85-16-00826-6

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Afonso Brás. 43I

Tel.: 822-5099

CEP 04511-901 - São Paulo - SP - Brasil

Impresso no Brasil

24681097531

SUMÁRIO

#UNIDADE I - O HOMEM

1. A cultura

1. Introdução 2

2. A atividade animal 2

Ação instintiva, 2 A inteligência concreta 3

1. A atividade humana 4

A linguagem, 4 O trabalho 5

1. Cultura e humanização 6

2. A comunidade dos homens 6

Exercícios 7

Texto complementar

Adorno e Horkheimer: O homem e o animal 8

2. Trabalho e alienação

1. Visão filosófica do trabalho 9

2. Visão histórica do trabalho 9

Nascimento das fábricas e urbanização,10 A sociedade

pós-industrial 11

1. O que é alienação? 11

Conceituação de alienação,12 Alienação na produção,13 Alienação

no consumo 15

Alienação no lazer 17

Exercícios 19

UNIDADE II - O CONHECIMENTO

1. O que é conhecimento

1. Introdução 21

2. Formas de conhecer 21

Intuição 22

Conhecimento discursivo 22

1. Teoria do conhecimento 23

A verdade, 23 A possibilidade do conhecimento 25

O âmbito do conhecimento 26

A origem das idéias 26

Exercícios 26

1. Linguagem, conhecimento, pensamento

1. A linguagem como atividade humana 28

2. Estruturação da linguagem 29

Tipos de signo, 29 Elementos da linguagem 30

1. Tipos de linguagem 30

2. Linguagem, pensamento e cultura 31

Exercícios 32

Textos complementares

Edward Lopes: As línguas naturais e a cultura 33

Jean-Claude Bernardet: O nascimento de uma linguagem 33

1. Ideologia

Primeira parte - O que é ideologia?

1. Senso comum e bom senso 35

2. Ideologia: sentido amplo 36

3. Ideologia: sentido restrito 36

A concepção de Gramsci, 36 Conceituação de ideologia 37

4. O discurso não-ideológico 39

Exercícios 40

Segunda parte - A ideologia na escola

1. As teorias reprodutivistas 40

2. Os textos didáticos 41

3. Onde está a saída? 42

Exercícios 42

Textos complementares

Textos didáticos de 1ª gra 43

Destutt de Tracy: [Dois sistemas de instrução] 44

Terceira parte - A ideologia nas histórias em quadrinhos

1. Introdução 46

2. A decodificação ideológica dos quadrinhos 46

3. Os quadrinhos alternativos 48

Exercícios 48

Texto complementar

Moacyr Cirne: O quadrinheiro e a responsabilidade social do
artista 49

Quarta parte - Propaganda e ideologia

1. Propaganda comercial 50
2. Propaganda ideológica 51
3. Consequências sociais da propaganda 52

Exercícios 53

1. A consciência mítica
2. Introdução 54
3. O mito entre os primitivos 55

Funções do mito 56

O homem primitivo e a consciência de si 57

1. Mito e religião 57
2. O mito hoje 58

Exercícios 59

Textos complementares

Pierre Clastres: Iniciação 60

Roland Barthes: Conjugais 60

1. Do mito à razão: o nascimento da filosofia na Grécia Antiga
2. Introdução 62
3. A concepção mítica 63

As epopéias, 63 A Teogonia 63

3. A concepção filosófica 63

A escrita, 64

A moeda 64

A lei escrita 65

O cidadão da pólis 65

O nascimento do filósofo 66

1. Mito e filosofia: continuidade e ruptura 67

Exercícios 68

Textos complementares

Pré-socráticos: fragmentos 68

Platão: Os poetas 69

1. O que é filosofia?
2. Introdução 71
3. A atitude filosófica 72
4. A filosofia e a ciência 72
5. O processo do filosofar 73

A filosofia de vida 73

A filosofia propriamente dita 74

1. Qual é a "utilidade" da filosofia? 75
2. Filosofia: nem dogmatismo, nem ceticismo 76

Exercícios 76

Textos complementares

Jaspers: A filosofia no mundo 77

Platão: Ciência e missão de Sócrates 78

1. Instrumentos do conhecimento

Primeira parte - Lógica formal

1. Introdução 79
2. Inferência e argumento 79
3. Tipos de argumentação 80

Dedução, 80 Indução, 81 Analogia 82

4 Falácias 83

Falácias não-formais, 83 Falácias formais 84

1. Histórico da lógica 84

A lógica aristotélica (ou lógica clássica) 84

A lógica pós-aristotélica 85

Exercícios 86

Segunda parte - Lógica dialética

1. Introdução 88
2. Características da dialética 88
3. A dialética marxista 89

As três leis da dialética 89

Os riscos da dialética 90

4. Lógica formal e lógica dialética 90

Exercícios 91

Textos complementares

Engels 91

Roger Garaud 91

1. Teoria do conhecimento

Primeira parte - Teoria do conhecimento na Antiguidade

1. Introdução 92

2. Filosofia pré-socrática 93

Heráclito: tudo flui 93

Parmênides: o ser é imóvel 93

1. Os sofistas 93

#4. Sócrates 95

1. Platão 95

Idealismo ou realismo das idéias? 96

1. Aristóteles 97

Uma nova concepção do devir 97

Deus, Ato Puro 98

1. A metafísica 98

Exercícios 99

Texto complementar

Platão: O mito da caverna 99

Segunda parte - Teoria do conhecimento na Idade Média

1. A patrística 101

2. A escolástica 101

A questão dos universais 102

Exercícios 102

Texto complementar

Santo Tomás: As verdades da razão natural não contradizem as
verdades da fé cristã 103

Terceira parte - Teoria do conhecimento na Idade Moderna e
Contemporânea

1. Racionalismo e empirismo 103

O racionalismo cartesiano 104

O empirismo inglês 105

Exercícios 108

Textos complementares

Francis Bacon 108

Descartes, 108 Locke 110

I Ime 110

1. Criticismo kantiano 111

A Ilustração 111

O criticismo kantiano 112

Exercícios 114

Texto complementar

Emmanuel Kant: O que é a ilustração 115

1. A filosofia pós-kantiana (séc. XIX) 115

O positivismo 115

Exercícios 118

1. O idealismo hegeliano 118

Exercícios 119

1. O materialismo marxista 119

Materialismo dialético e materialismo histórico 120

1. Quadros comparativos: idealismo/materialismo e materialismo dialético 121

+++

?? mecanicistalmaterialismo ??

+++

Exercícios 122

Quarta parte - O século XX e a crise da razão

1. Antecedentes: Kierkegaard e Nietzsche 122
2. A fenomenologia 123
3. A Escola de Frankfurt 124

4. A razão 124

A herança iluminista 124

O novo Iluminismo 125

Exercícios 125

#UNIDADE III - A CIÊNCIA

1. O conhecimento científico

Primeira parte - O que é ciência?

1. Introdução 127

2. O senso comum 127

3. O conhecimento científico 129

4. Ciência e poder 130

Exercícios 131

Segunda parte - A filosofia e as ciências

1. Os mitos da ciência 131

2. Qual é o papel da filosofia? 133

Exercícios 133

Texto complementar

H. Japiassu: O mito da neutralidade científica 134

2. A ciência grega

1. Introdução 135

2. Matemática e mecânica 135

3. O saber contemplativo 136

4. Platão 136

A cosmologia platônica 137

1. A ciência aristotélica 137

Pressupostos metafísicos 137

A física aristotélica 138

A astronomia aristotélica 138

Algumas considerações sobre Aristóteles 139

Exercícios 140

Texto complementar

Aristóteles: Metafísica 140

1. A ciência medieval

1. A filosofia medieval 143

A filosofia patrística, 143 A escolástica 143

1. A ciência medieval 144

Qual o lugar da ciência no mundo medieval? 144

1. Exceções à tradição medieval 144

Roger Bacon 145

A alquimia 145

Os árabes 145

1. A decadência da escolástica 145

Exercícios 146

Texto complementar

Santo Tomás de Aquino: Deus é imóvel 146

2. A ciência na Idade Moderna - a revolução científica
do século XVII

1 Introdução 147

1. Características do pensamento moderno 148

Racionalismo, 148

Antropocentrismo 148

Saber ativo 149

2. A física na Idade Moderna 149

3. A astronomia: o heliocentrismo 150

5. As transformações produzidas pelas novas ciências 151

Secularização da consciência 151

Descentalização do cosmos 151

Geometrização do espaço 152

Mecanicismo 152

Exercícios 152

1. O método científico

1. Introdução 154

2. O método na Idade Moderna 154

3. A classificação das ciências 155

4. O método experimental 155

Observação 155

Hipótese 156

Experimentação 157

Generalização 157

5. O conceito de modelo 158

6. As ciências após o século XVII 159

A síntese newtoniana 159

A química,160 A biologia 160

As ciências humanas 161

7. A crise da ciência no final do século XIX 162

As geometrias nãoeuclidianas,162 A física não-newtoniana,162

8. As novas orientações na epistemologia contemporânea 162

O Círculo de Viena 163

A reação de Popper 163

A posição de Kuhn 163

Feyerabend: contra o método 163

Exercícios 164

Texto complementar

Karl Popper: [O conhecimento científico] 164

1. As ciências humanas

I. Introdução 166

1. Dificuldades metodológicas das ciências humanas 167

2. Tendência naturalista: o positivismo 168

A psicologia experimental 168

1. Tendência humanista 170

A crítica ao positivismo: a fenomenologia 170

A psicanálise 172

5. Quadro comparativo: tendência naturalista e tendência
humanista 174

Exercícios 174

Textos complementares

Skinner: O âmbito dos reflexos condicionados 175

MerleauPonty: O corpo 176

MerleauPonty: A sexualidade 177

UNIDADE IV - A POLÍTICA

1. Introdução à política

2. Introdução 179

3. O poder 179

Poder e força 180

Estado e poder 180

O poder legítimo 180

1. Uma reflexão sobre a democracia 181

A personalização do poder 181

A institucionalização do poder 181

O exercício democrático 182

A fragilidade da democracia 183

Exercícios 183

Textos complementares

Pascal 184

H. Arendt 184

Marilena Chaui 185

1. A sociedade tribal

2. A perspectiva dos "civilizados" 186

2. O poder nas sociedades tribais 187

Exercícios 188

Textos complementares

Norma Telles: Diversidade cultural e etnocentrismo 189

Pierre Clastres: [Preconceito] 189

1. O pensamento político grego - a política normativa

1. Antecedentes 190

2. Os sofistas 192

3. O pensamento político de Platão 192

A utopia platônica: A República 193

As formas de governo 194

4. O pensamento político de Aristóteles 194

A cidade feliz, 194 Quem é cidadão?, 195 As formas de governo, 195

5. Conclusão: o bom governo 196

Exercícios 196

Textos complementares

Péricles: A democracia ateniense 197

Platão 197

1. O pensamento político medieval - a vinculação da política à religião

1. Introdução 199
2. Estado e Igreja 200
3. A luta das duas espadas 200
4. A concepção tomista 201
5. O renascimento urbano 201

Exercícios 202

2. A política como categoria autônoma

Primeira parte - Maquiavel

1. Formação do Estado nacional 203
2. A Itália dividida 203
3. Controvérsias sobre O príncipe 204
4. O príncipe virtuoso 204
5. Ética e política 205
6. Maquiavel republicano 206

7. A autonomia da política 206

Exercícios 207

Textos complementares

Maquiavel: O príncipe 207

Maquiavel: Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio 209

Segunda parte - Hobbes e o Estado absoluto

1. Introdução 210

2. Estado de natureza e contrato 210

3. O Estado absoluto 211

4. Uma interpretação 212

5. Pensamentos divergentes 212

Exercícios 213

Texto complementar

Hobbes: Leviatã 213

22. O pensamento liberal

Primeira parte - O que é liberalismo

1. A história 216

2. As idéias 216

Exercícios 217

Segunda parte - Locke

1. Introdução 218

2. Estado de natureza e contrato 218

3. Sociedade civil: a institucionalização do poder 218

4. O conceito de propriedade 219

Exercícios 219

Texto complementar

Locke: Segundo tratado sobre o governo 220

Terceira parte - Montesquieu

1. O Iluminismo 221

2. Autonomia dos poderes 222

Exercícios 222

Textos complementares

Montesquieu: O que é a liberdade 223

Montesquieu: [Os três poderes] 223

Quarta parte - Rousseau e a democracia direta

1. Introdução 223

2. O estado de natureza 224

3. O contrato social 225

Soberano e governo 225

A vontade geral 225

4. Rousseau pedagogo . 226

5. Rousseau revolucionário? 226

6. Conclusão 227

Exercícios 227

Textos complementares

Rousseau: Discurso sobre a origem e os fundamentos da
desigualdade entre os homens 228

Rousseau: Do contrato social 228

Quinta parte - O liberalismo do século XIX

1. Introdução 229

2. O liberalismo francês 230

3. O liberalismo inglês 230

4. As contradições do século XIX 231

Exercícios 232

1. Hegel: a teoria do Estado

1. Introdução 233

2. A dialética idealista 233

3. A concepção de Estado 234

4. A influência da filosofia hegeliana 234

Exercícios 235

#24. A crítica ao Estado burguês: as teorias socialistas

Primeira parte - As idéias socialistas

1. Introdução 236

2. O socialismo utópico 237

Crítica ao socialismo utópico 238

3. Feuerbach 239

Exercícios 239

Segunda parte - O marxismo

1. Introdução 240

2. Materialismo dialético 240

3. Materialismo histórico 241

A práxis, 241 A luta de classesm 242

4. A mais-valia 243

5. Alienação e ideologia 243

6. Estado e sociedade 244

7. A utopia comunista 245

Exercícios 245

Texto complementar

Marx: Prefácio à Contribuição à crítica da
economia política 246

Terceira parte - O anarquismo

1. Introdução 247

2. Principais idéias do anarquismo 247

3. Representantes e movimentos 248

O anarquismo no Brasil 249

Exercícios 249

Texto complementar

Woodcock: A ditadura do relógio 249

1. O totalitarismo: fascismo, nazismo e stalinismo

1. Fascismo e nazismo: totalitarismo de direita 251

Situação histórica 251

Características principais 252

1. Stalinismo: totalitarismo de esquerda 254

2. O autoritarismo 255

Exercícios 256

Textos complementares

Versos de Trilussa 256

Orwell: Dois Minutos de Ódio 258

2. Liberalismo e socialismo hoje

Primeira parte - O liberalismo no século XX

1. Introdução 259

2. Liberalismo social 260

3. Liberalismo de esquerda 260

4. Neoliberalismo 261

Exercícios 262

Segunda parte - O socialismo no século XX

1. Introdução 262

2. Que fazer? 263

3. As diversas faces do marxismo 264

A social-democracia 264

A esquerda da social-democracia 265

Gramsci 265

A teoria crítica da sociedade 265.

O eurocomunismo 266

Outras tendências 267

4. A crise do "socialismo real" 267

Exercícios 268

Texto complementar

Paul Singer: [A economia socialista] 268

Terceira parte - Reflexões finais

1 . Fim da utopia? 269

1. Neoliberalismo: solução ou problema? 269

2. Onde está a saída? 270

Exercícios 271

UNIDADE V - A MORAL

1. Introdução à moral

1. Os valores 273
2. A moral 274
3. Caráter histórico e social da moral 274
4. Caráter pessoal da moral 275
5. Caráter social e pessoal da moral 275
6. O ato moral 276

Estrutura do ato moral 276

O ato voluntário 277

O ato responsável 277

O dever e a liberdade 277

A virtude 278

7. Conclusão 278

Exercícios 278

Textos complementares

Walter Ceneviva: O crime "elegante", 279 Eduardo Prado Coelho:

Interdição e transgressão 280

Franz Kafka: Diante da Lei 281

1. Concepções éticas

1. Mito, tragédia e filosofia 283
2. A concepção grega de moral 284
3. A moral iluminista 284

Kant 285

1. Marx: a moral como superestrutura 285
2. Nietzsche: a transvaloração dos valores 286
3. Freud: as ilusões da consciência 286
4. A filosofia da existência 287
5. A questão moral contemporânea 287

O novo Iluminismo 288

Habermas e a ética discursiva 289

Exercícios 289

#29. A adolescência

1. Introdução 290
2. A crise da adolescência 290
3. A teoria de Piaget 291

Os quatro estágios 291

A construção da consciência moral 293

4. A teoria de Kohlberg 294

Exercícios 295

Texto complementar

Paulo Mendes Campos: Para Maria da Graça 295

1. A liberdade

1. Introdução 297

2. O que é determinismo 298

3. A teoria da liberdade incondicional 299

4. Superação da dicotomia 299

Determinismo ou liberdade? 299

A liberdade situada 300

5. A estrutura do homem 300

Aspecto empírico 301

Aspecto pessoal 301

Aspecto aperceptivo 301

Conclusão 302

6. A dimensão social da liberdade 302

Exercícios 303

1. O existencialismo

1. A fenomenologia 304

2. Heidegger 304

3. Sartre e o existencialismo 305

Essência e existência 306

A liberdade e a angústia 307

A má fé 307

A responsabilidade 307

O absurdo 308

4. Conclusão 308

Exercícios 308

Texto complementar

Simone de Beauvoir: Moral da ambigüidade 309

1. O corpo

1. A posição idealista 311

Platão 311

O ascetismo medieval 311

2. A posição materialista 312

A dessacralização do corpo 312

3. A relação corpo-espírito para Spinoza 313

4. A posição da fenomenologia 315

5. Exemplos de integração corpoconsciência 315

O trabalho humano 315

A educação física 316

A sexualidade 316

A dor e a doença 316

Integração das atividades gerais 317

6. Conclusões 317

Exercícios 318

1. O amor

1 . O mito de Eros 319

1. O encontro: a intersubjetividade 320

Os paradoxos do amor 320

3. Amor e perda 321

4. O amor no mundo contemporâneo 322

Exercícios 322

Texto complementar

Roland Barthes: Fragmentos de um discurso amoroso 323

1. O erotismo

1. A cultura e a lei 324

2. Obstáculos a Eros 326

O puritanismo 326

A permissividade 327

3. Conclusão 329

Exercícios 329

Texto complementar

Roland Barthes: Fragmentos de um discurso amoroso 330

1. A morte

1. A morte como enigma 331

2. As mortes simbólicas 331

3. A filosofia e a morte 332

4. Aspecto histórico-social da morte 332

As sociedades tribais e tradicionais 332

A negação da morte 333

Exercícios 335

UNIDADE VI - ESTÉTICA

1. Criatividade

1. Conceitos: o uso vulgar, a definição do dicionário,
o uso em psicologia 337

1. Critérios de determinação da criatividade 338

2. Criatividade como capacidade humana 338

A imaginação 338

A inspiração 339

4. Desenvolvimento e repressão da criatividade 339

Exercícios 339

Texto complementar

Rudolf Arnheim: [Contemplação e criatividade] 340

1. Estética: introdução conceitual

1. Conceituação: no uso vulgar, em artes, em filosofia 341

2. Etimologia da palavra estética 341

3. O belo e o feio: a questão do gosto 342

4. A recepção estética 343

Exercícios 343

Texto complementar

Friedrich Schiller: Carta XX 344

2. Arte como forma de pensamento

1. Arte é conhecimento intuitivo do mundo 345

O papel da imaginação na arte 346

Arte e sentimento 346

2. A educação em arte 347

Exercícios 348

Texto complementar

Ernst Fischer: Arte e sociedade 349

1. Funções da arte

1. Função pragmática ou utilitária 350

2. Função naturalista 351

3. Função formalista 351

Exercícios 352

Texto complementar

Fernand Léger: O novo realismo: a cor pura e o objeto 353

2. O significado na arte

1. A especificidade da informação estética 354

2. A forma 355

A função poética: a transgressão do código 355

O papel das vanguardas artísticas 356

3. O conteúdo 357

Exercícios 359

Texto complementar

Ferreira Gullar: O que diz a obra de arte 360

1. Concepções estéticas

1. O naturalismo grego 362

Conceito de naturalismo 362

O naturalismo na arte grega 363

2. A estética medieval e a estilização 364

Santo Agostinho 364

Santo Tomás de Aquino 364

3. O naturalismo renascentista 365

4. Iluminismo e academismo: a estética normativa 365

5. Kant e a crítica do juízo estético 365

6. A estética romântica 366

7. A ruptura do naturalismo 366

8. O pós-modernismo 367

Exercícios 368

Textos complementares

Mário Pedrosa: [O naturalismo] 369

Teixeira Coelho Netto: [O pós-moderno] 369

Quadro cronológico 371

Vocabulário 377

Orientação bibliográfica 383

Índice onomástico 391

|

INTRODUÇÃO

Honrar um pensador não é elogiá-lo, nem mesmo interpretá-lo, mas discutir sua obra, mantendo-o, dessa forma, vivo, e demonstrando, em ato, que ele desafia o tempo e mantém sua relevância.

(Cornelius Castoriadis)

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.

(MerleauPonty)

1. Por que filosofia?

A inclusão do curso de filosofia no currículo das escolas de 2º grau e nas séries iniciais do 3º grau talvez leve algumas pessoas a considerarem que só os alunos de ciências humanas deveriam se ocupar com seu estudo, e não os futuros engenheiros, médicos, comerciantes, técnicos e profissionais da área de ciências exatas e biológicas.

Ao contrário, defendemos a idéia de que a iniciação filosófica não só é necessária como também deveria ser obrigatória do ponto de vista pedagógico, por ser muito importante para a formação integral de todos os alunos.

Porque, ao estimular a elaboração do pensamento abstrato, a filosofia ajuda a promover a passagem do mundo infantil ao mundo adulto.

Se a condição do amadurecimento está na conquista da autonomia no pensar e no agir, muitos adultos permanecem infantilizados quando não exercitam desde cedo o olhar crítico sobre si mesmos e sobre o mundo.

O estudo de filosofia é essencial porque não se pode pensar em nenhum homem que não seja solicitado a refletir e agir. Isso signi

fica que todo homem tem (ou deveria ter) uma concepção de mundo, uma linha de conduta moral e política, e deveria atuar no sentido de manter ou modificar as maneiras de pensar e agir do seu tempo.

A filosofia oferece condições teóricas para a superação da consciência ingênua e o desenvolvimento da consciência crítica, pela qual a experiência vivida é transformada em experiência compreendida, isto é, em um saber a respeito dessa experiência.

Em última análise, cabe à filosofia fazer a crítica da cultura. Só assim será possível desvelar as formas de dominação que se ocultam sob o convencionalismo, a alienação e a ideologia.

No entanto, bem sabemos que uma das características dos Estados autoritários é impedir o ensino da filosofia e silenciar a crítica dos pensadores, a fim de garantir a obediência passiva dos cidadãos.

Isso já aconteceu no Brasil quando, a partir de 1971, o ensino de filosofia desapareceu das escolas de 2º grau durante treze anos e os cursos de filosofia do 3º grau se esvaziaram a ponto de algumas faculdades terem cogitado a sua extinção.

Por isso, qualquer que seja a atividade profissional futura ou projeto de vida, enquanto pessoa e cidadão, o aluno precisa da reflexão filosófica para o alargamento da consciência crítica, para o exercício da capacidade Humana de se interrogar e para a participação

mais ativa na comunidade em que vive.

#2 Nossa proposta de trabalho

Diante do desafio de um curso introdutório à filosofia, optamos pela abordagem temática dos assuntos, sem no entanto descuidar da necessária referência à história da filosofia, que permite estabelecer o fio condutor da exposição dos temas. Isso porque se o filosofar não é uma atividade solitária, mas se faz no diálogo entre os pensadores quando explicitam suas divergências, esse debate também se estende à tradição dos antepassados cuja herança precisa continuamente ser reavaliada.

Na presente edição o livro é constituído por 41 capítulos distribuídos em seis unidades.

Cada capítulo tem um texto básico por nós elaborado em linguagem suficientemente clara e acessível, e a maioria deles conta com textos complementares que visam a ampliação da reflexão crítica, remetendo o aluno ao contato direto com os grandes autores.

Os capítulos apresentam exercícios que orientam a compreensão do nosso texto e dos textos complementares; alguns dos exercícios apresentam maior nível de exigência e já su põem a capacidade de extrapolação e maiores vôos de elaboração pessoal.

O quadro cronológico das correntes filosóficas e dos eventos

históricos desde o século VI a.C. até o século XX ajuda a dar a visão de conjunto.

Nesta edição acrescentamos o índice onomástico, a fim de facilitar o manuseio e a localização rápida dos diversos autores citados.

#3 As alterações efetuadas nesta 2ª edição

Durante os seis anos de divulgação do nosso dades (O homem e a cultura; Lógica; Filosofia das ciências; Filosofia política; Filosofia moral; Estética). Na presente edição as seis unidades têm a seguinte denominação:

O homem; O conhecimento; A ciência; A política; A moral; Estética.

Como se vê, introduzimos a unidade sobre o conhecimento, e, por questão de coerência, retiramos de outras unidades os capítulos que se encaixariam melhor nessa nova, bem como a completamos com novos capítulos (3 - O que é conhecimento e 10 - Teoria do conhecimento).

Nas demais unidades mantidas, além dos capítulos remanejados, escrevemos outros (28 - Concepções éticas e 41-Concepções estéticas).

O Capítulo 22, sobre liberalismo, sofreu alterações, acréscimos e reordenamento, tendo sido introduzido o Capítulo 26 para analisar o confronto liberalismo versus socialismo a partir da queda do muro de Berlim.

O vocabulário reúne os principais conceitos filosóficos utilizados no livro. Nosso livro, inúmeras foram as reimpressões feitas devido à adoção nas séries do 2º grau e classes iniciais do 3º grau. Além disso, tivemos notícias de seu uso por grupos autônomos interessados no trabalho de iniciação à reflexão filosófica.

De maneira geral, o livro foi revisado na íntegra, com mudanças que tiveram por objetivo tornar a linguagem mais clara. Também após esse tempo, achamos necessário introduzir algumas alterações que enriquecessem a obra, sem descaracterizá-la. Para tanto, foram feitos alguns acréscimos para realçar aspectos novos considerados importantes.

?? levamos em conta a apreciação espontânea de colegas, além de termos consultado, em diversos estados, professores que utilizaram nosso livro em sala de aula. Nós próprias, na continuidade da atividade docente, fomos severas críticas desse trabalho.

Esperamos que nosso livro continue sendo usado para facilitar o trabalho do professor em sala de aula. Estamos abertas à apreciação crítica de nossos colegas, na certeza de que tal contribuição é indispensável ao aprimoramento da obra.

Primeiramente, há uma alteração estrutural: a 1ª edição era constituída por seis uni

UNIDADE 1

O HOMEM

O trabalho é a atividade humana por excelência, pela qual o homem transforma o mundo e a

si mesmo. Por isso, se num primeiro momento a natureza se apresenta como destino, é o

trabalho que surge como condição de transcendência e liberdade, a não ser nos sistemas onde

persistem formas de exploração que levam à alienação.

CAPITULO 1

A CULTURA

As meninas-lobo

Na Índia, onde os casos de meninos-lobo foram relativamente numerosos duas crianças, Amala e Kamala, vivendo no meio de uma família de lobos. A primeira tinha um ano e meio e

veio a morrer um ano mais tarde. Kamala, de oito anos de idade, viveu até 1929. Não tinham nada de humano

e seu comportamento era exatamente semelhante àquele de seus irmãos lobos.

Elas caminhavam de quatro patas apoiando-se sobre os joelhos e coto sobre as mãos e os pés para os trajetos longos e rápidos.

Eram incapazes de permanecer de pé. Só se alimentavam de carne crua como os animais, lanando a cabeça para a frente e lambendo os líquidos. Na instituição onde foram recolhidas,

passavam o dia acabrunhadas e prostradas numa sombra; eram ativas e ruidosas durante a noite, procurando fugir e uivando como lobos. Nunca choraram ou riram.

Kamala viveu durante oito anos na instituição que a acolheu, humani-
necessitou

de seis anos para aprender a andar e pouco antes de morrer só tinha um vocabulário de cinquenta palavras. Atitudes afetivas foram aparecendo aos poucos.

Ela chorou pela primeira vez por ocasião da morte de Amala e se ape-
cuidaram dela e às outras crianças com as quais conviveu.

A sua inteligência permitiu-lhe comunicar-se com outros por gestos,
de um vocabulário rudimentar, aprendendo a executar ordens simples.

(B. Reymond, Le développement social de l'enfa
p.12-14, apud C. Capalbo, Fenomenologia e ciên
p. 25-26.)

2.1. Introdução

O relato desse fato verídico nos leva
discussão à respeito das diferenças entre
homem e o animal. As crianças encontradas
na Índia não tiveram oportunidade de se
humanizar enquanto viveram com os lobos

humanizar enquanto viveram com os lobos

permanecendo, portanto, "animais". Não possuíam nenhuma das características humanas: Ação instintiva

não choravam, não riam e, sobretudo, não falavam. O processo de humanização só foi iniciado quando começaram a participar do convívio humano e foram introduzidas no mundo

do símbolo pela aprendizagem da linguagem.

Fato semelhante ocorreu nos Estados

Unidos com a menina Helen Keller, nascida

cega, surda e muda. Era como um animal at

a idade de sete anos, quando seus pais contrataram a professora Anne Sullivan, que, a partir do sentido do tato, conseguiu conduzi-la ao

mundo humano das significações.

Esses estranhos casos nos propõem uma

questão inicial: Quais são as diferenças entre

o homem e o animal?

2. A atividade animal Ação instintiva

Os animais que se situam nos níveis

mais baixos da escala zoológica de desenvolvimento, como, por exemplo, os insetos, têm

a ação caracterizada sobretudo por reflexos e

instintos. A ação instintiva é regida por leis

biológicas, idênticas na espécie e invariáveis

de indivíduo para indivíduo. A rigidez dá a

ilusão da perfeição quando o animal, especializado em determinados atos, os executa

com extrema habilidade. Não há quem não tenha

ainda observado com atenção e pasmo o

"trabalho" paciente da aranha tecendo a teia.

Mas esses atos não têm história, não se renovam e são os mesmos em todos os tempos,

salvo as modificações determinadas pela evolução das espécies e as decorrentes de muta

ções genéticas. E mesmo quando há tais modificações, elas continuam valendo para todos

os indivíduos da espécie e não permitem inovações, passando a ser transmitidas heredita—

riamente.

Em certas aves chamadas tentilhões, o

hábito de fazer ninhos típicos da espécie é tão

fixo que após cinco gerações em que essas

aves eram criadas por canários, ainda

continuavam a construí-los como antes.¹

O psicólogo Paul Guillaume² explica que um ato inato não precisa sur
início da vida, pois muitas vezes aparece

apenas mais tarde, no decorrer do desenvolvimento: andorinhas novas, impedidas de

voar até certa idade, realizam o primeiro

vôo sem grande hesitação; gatinhos não esboçam qualquer reação diante de um rato,

mas após o segundo mês de vida aparecem

reações típicas da espécie, como perseguição, captura, brincadeira com a presa, ronco, matança *etc.*

Na verdade os instintos são "cegos", ou

seja, são uma atividade que ignora a finalida

de da própria ação. A vespa "fabrica" uma

célula onde deposita o ovo junto ao qual coloca aranhas para que a larva, ao nascer, encontre alimento suficiente. Ora, se retirarmos as

aranhas e o ovo, mesmo assim o inseto continuará realizando todas as operações, terminando pelo fechamento adequado da célula,

ainda que vazia. Esse comportamento é

"cego" porque não leva em conta o sentido

principal que deveria determinar a "fabricação" da célula, ou seja, a preservação do ovo

e da futura larva.

O ato humano voluntário, em contrapartida, é consciente da finalidade

ato existe antes como pensamento, como

uma possibilidade, e a execução é o resultado da escolha dos meios necessários para

atingir os fins propostos. Quando há interferências externas no processo, os planos

também são modificados para se adequarem à nova situação.

-
1. A mente, in Biblioteca Científica Life, Rio de Janeiro, J. Olym
 - 2 P. Guillaume, Manual de psicologia, p. 35-37.

A inteligência concreta

Nos níveis mais altos da escala zoológica, por exemplo com
deixam de ser exclusivamente resultado de

reflexos e instintos e apresentam uma plasticidade maior, carác
in teligentes. Ao contrário da rigidez dos instintos, a resposta ao problema, ou à
situação é

nova para os quais não há uma pro
biológica, é uma resposta inteligente, e como
tal é improvisada, pessoal e criativa.

(Gravura)

A jovem e o macaco, de Trémois. Por qu
comportamento dos símios sempre nos provoca um
olhar intrigante? Talvez porque, se os gestos do
macaco o fazem assemelhar-se aos homens, ao
mesmo tempo percebemos
capazes de consciência de si.

Experiências interessantes foram realizadas pelo psicólogo ges
Canárias, onde instalou uma colônia de chimpanzés. Um dos exper
colo-o animal faminto numa jaula onde são penduradas bananas que o animal
não consegue

alcançar. O chimpanzé resolve o problema quando puxa um caixote e o coloca sob a fruta a fim

de pegá-la. Segundo Köhler, a solução encontrada pelo chimpan
momento em que o animal tem um insight
(discernimento, "iluminação súbita"), isto é,
quando o macaco tem a visão global do campo e
estabelece a relação entre o caixote e a fruta.

Esses dois elementos, o caixote e a banana, antes separados e
se o animal percebesse uma realidade nova
que lhe possibilita uma ação não-planejada
pela espécie. Portanto, não se trata mais de
ação instintiva, de simples reflexo, mas de um
ato de inteligência.

A inteligência distingue-se do instinto
por sua flexibilidade, já que as respostas são
diferentes conforme a situação e também por
variarem de animal para animal. Tanto é que
Sultão, um dos chimpanzés mais inteligentes
no experimento de Köhler, foi o único que fez
a proeza de encaixar um bambu em outro para
alcançar a fruta.

Trata-se, porém, de um tipo de inteli-
gência concreta, porque depende da experiência vivida "aqui e agora". Mesmo

quando

o animal repete mais rapidamente o teste já

aprendido, seu ato não domina o tempo, pois,

a cada momento em que é executado, esgota-se no seu movimento.

Em outras palavras, o animal não inventa

o instrumento, não o aperfeiçoa, nem o conserva para uso posterior. Portanto, o gesto útil não

tem seqüência e não adquire o significado de

uma experiência propriamente dita. Mesmo que

alguns animais organizem "sociedades" mais

complexas e até aprendam formas de sobrevivência e as ensinem a suas crias, não há nada

que se compare às transformações realizadas

pelo homem enquanto criador de cultura.

1. A atividade humana

A linguagem

O homem é um ser que fala. A palavra

se encontra no limiar do universo humano,

pois caracteriza fundamentalmente o homem

e o distingue do animal.

Se criássemos juntos um bebê humano e

um macaquinho, não veríamos muitas diferenças nas reações de cada um nos primeiros contatos com o mundo e as pessoas. O desenvolvimento da percepção,

da apreensão dos objetos,

do jogo com os adultos é feito de forma similar, até que em dado momento, por volta dos

dezoito meses, o progresso do bebê humano

torna impossível prosseguirmos na comparação com o macaco, devido à capacidade que o

homem tem de ultrapassar os limites da vida

animal ao entrar no mundo do símbolo.

Poderíamos dizer, porém, que os animais também têm linguagem. Mas a

dessa comunicação não se compara à revolução que a linguagem humana provoca na

relação do homem com o mundo.

É interessante o estudo da "linguagem"

das abelhas, que dançando "comunicam" às outras onde acharam pólen. Ninguém pode negar que o cachorro expressa que nos permitem identificar medo, dor, prazer. Quando abana o rabo arreganhando os dentes, o cão nos diz coisas; e quando

pronunciamos a expressão "Vamos passear" ,

ele nos aguarda alegremente junto à porta.

No exemplo das abelhas, estamos diante

da linguagem programada biologicamente,

idêntica na espécie. No segundo exemplo, o

do cachorro, a manifestação não se separa da

experiência vivida; ao contrário, se esgota nela mesma, e o animal não faz uso dos "gestos vocais" independentemente de qual surgem. Quanto a entender o que o dono diz, isso se deve ao adestramento, e os resultados são sempre mecânicos, rígidos, geralmente obtidos mediante aprendizagem por reflexo condicionado.

A diferença entre a linguagem humana e a do animal está no fato de que este não conhece o símbolo, índice está relacionado de forma fixa e única

com a coisa a que se refere. Por exemplo, as

frases com que adestramos o cachorro devem

ser sempre as mesmas, pois são

é, indicam alguma coisa muito

Por outro lado, o símbolo é universal

convencional, versátil e flex

convenção é "de certa forma arbitrária (é assim em português; o inglês diz cross, e o francês croix).

Mas a palavra cruz não tem um sentido

unívoco, na medida em que faz lembrar um

instrumento usado para executar os condenados

referir-se à morte (ver seção de necrologia dos

jornais); se usada de cabeça para baixo, adquire outro significado

pode significar apenas uma encruzilhada de

caminhos; ou um enfeite, e assim por diante,

com múltiplas, infindáveis e inimagináveis
significações. (Consultar também o Capítulo
4 - Linguagem, conhecimento, pensamento.)

Assim, a linguagem animal visa a adaptação à situação concreta
vivida, tornando-o capaz de reorganizá-la

numa outra totalidade e lhe dar novo sentido.

É pela palavra que somos capazes de nos situar no tempo, lembrando o que ocorreu no

passado e antecipando o futuro pelo pensamento. Enquanto o animal vive sempre no

presente, as dimensões humanas se ampliam

para além de cada momento.

É por isso que podemos dizer que, mesmo quando o animal consegue resolver problemas, sua inteligência é ainda concreta. Já

o homem, pelo poder do símbolo, tem inteligência abstrata.

Se a linguagem, por meio da representa-

ção simbólica e abstrata, permite o distanciamento do homem em relação ao mundo,

também é o que possibilitará seu retorno ao mundo

para transformá-lo. Portanto, se não tem oportunidade de desenvolver e enriquecer a

linguagem, o homem torna-se incapaz de compreender e agir sobre o mundo que o cerca.

Na literatura, é belo (e triste) o exemplo

que Graciliano Ramos nos dá com Fabiano

protagonista de Vidas secas. A pobreza de vocabulário da personagem prejudica a tomada de

consciência da exploração a que é submetida, e a intuição que tem da situação não é suficiente para ajudá-la a reagir de outro modo.

Exemplo semelhante está no livro 1984,

do inglês George Orwell, cuja história se passa num mundo do futuro dominado pelo

poder totalitário, no qual uma das tentativas de

esmagamento da oposição crítica consiste na

simplificação do vocabulário realizada pela

"novilíngua". Toda gama de sinônimos é reduzida cada vez mais: pobreza no falar,

pobreza no pensar, impotência no agir.

Se a palavra, que distingue o homem de

todos os seres vivos, se encontra enfraquecida

na possibilidade de expressão, é o próprio homem que se desumaniza.

O trabalho

Seria pouco concluir daí que a diferença

entre homem e animal estaria no fato de o homem ser um animal que pensa e fala. De fato,

a linguagem humana permite a melhor ação

transformadora do homem sobre o mundo, e

com isso completamos a distinção: o homem

é um ser que trabalha e produz o mundo e a si

mesmo.

O animal não produz a sua existência,

mas apenas a conserva agindo instintivamente ou, quando se trata de animais de maior

complexidade orgânica, "resolvendo" problemas de maneira inteligente. Esses atos visam

a defesa, a procura de alimentos e de abrigo, e

não devemos pensar que o castor, ao construir

o dique, e o joão-de-barro, a sua casinha, estejam "trabalhando"

transformadora da realidade, na verdade o animal n

ação não é deliberada, intencional.

O trabalho humano é a ação dirigida por

finalidades conscientes, a resposta aos

desafios da natureza na luta pela sobrevivência.

Ao reproduzir técnicas que outros homens já

usaram e ao inventar outras novas, a ação humana se torna fonte

O trabalho, ao mesmo tempo que

transforma a natureza, adaptando-a às necessidades humanas, altera o próprio homem,

desenvolvendo suas faculdades. Isso significa que,

pelo trabalho, o homem se autoproduz. Enquanto o animal permanece

na sua essência, já que repete os gestos comuns à espécie, o homem m

pelas quais age sobre o mundo, estabelecendo

relações também mutáveis, que por sua vez

alteram sua maneira de perceber, de pensar e de sentir.

Por ser uma atividade relacional, o trabalho, além de desenvolver ha permite que a convivência não só facilite a aprendizagem e o aperfeiçoamento dos

instrumentos, mas também enriqueça a afetividade resultante do relacionamento humano:

experimentando emoções de expectativa, desejo,

prazer, medo, inveja, o homem aprende a conhecer a natureza, as pessoas e a si mesmo.

O trabalho é a atividade humana por excelência, pela qual o homem in natureza e em si mesmo. O trabalho é condição de transcendência e, portanto, é expressão da liberdade.

Veremos no Capítulo 2 (Trabalho e

alienação) que o trabalho, para atingir esse nível superior de condição de liberdade, não

depende apenas da vontade de cada um. Ao contrário, inserido no contexto social que o torna

possível, muitas vezes é condição de alienação e de desumanização, sobretudo nos

sistemas onde as divisões sociais privilegiam alguns e submetem a maioria a um trabalho

imposto, rotineiro e nada criativo. Em vez de

contribuir para a realização do homem, esse trabalho destrói sua liberdade.

(Gravura

Dédalo e Ícaro, de Charles-Paul Landon. Segundo o mito grego, Dédalo de seu cativeiro construindo asas para ele e seu filho Ícaro. Dédalo alça vôo e pouso a salvo na Sicília, enquanto seu imprudente filho voa em direção ao sol, a cera que prende as asas e o mito simboliza a engenhosidade técnica que permite ao homem sua liberdade, mas cuja ambição desmedida pode levar à destruição.

1. Cultura e humanização

As diferenças entre o homem e o animal

não são apenas de grau, pois, enquanto o animal permanece mergulhado na natureza, o

homem é capaz de transformá-la, tornando

possível a cultura. O mundo resultante da

ação humana é um mundo que não podemos

chamar de natural, pois se encontra transformado pelo homem.

A palavra cultura também tem vários

significados, tais como o de cultura da terra

ou cultura de um homem letrado. Em antropologia, cultura significa tudo que o

homem

produz ao construir sua existência: as práticas, as teorias, as instituições, os valores

materiais e espirituais. Se o contato que o homem

tem com o mundo é intermediado pelo símbolo, a cultura é o conjunto de símbolos elaborados por um povo em determinado tempo e lugar. Dada a infinita possibilidade de simbolizar, as culturas dos povos são múltiplas e variadas .

A cultura é, portanto, um processo de

autoliberação progressiva do homem, o que o

caracteriza como um ser de mutação, um ser

de, que ultrapassa a própria experiência.

p Quando o filósofo contemporâneo

Gusdorf diz que "o homem não é o que é, mas é o que não é", não está fazendo um jogo de palavras. Ele quer dizer que por um modelo que o antecede, por uma essência que o caracteriza, circunstâncias fizeram dele. Ele se define pelo lançar-se no futuro, antecipando, por meio de um projeto, a sua ação consciente sobre o mundo.

Não há caminho feito, mas a fazer, não há modelo de conduta, mas um processo contínuo de estabelecimento de valores. Nada

mais se apresenta como absolutamente certo e inquestionável.

É evidente que essa condição de certa forma fragiliza o homem, pois ele perde a segurança característica da harmonia com a natureza.

Ao mesmo tempo, o que parece ser sua fragilidade é justamente a característica humana mais perfeita e homem de produzir sua própria história.

5. A comunidade dos homens

Retomando o que foi dito até agora: o homem é um ser que fala; é um natureza e a si mesmo.

Nada disso, porém, será completo se não enfatizarmos que a ação humana é uma ação coletiva. O trabalho é executado como tarefa social, e a palavra toma sentido pelo diálogo. Nem mesmo o ermitão pode ser considerado verdadeiramente solitário. A ausência do outro é apenas camuflada, e sua escolha de se afastar, em cada ato seu, a negação e, portanto, a consciência da sociedade rejeitada. Seus valores, mesmo colocados contra os da sociedade, se situam também a partir dela. A recusa de se comunicar é ainda um modo de comunicação...

O mundo cultural é um sistema de significados já estabelecidos pelo qual, ao nascer, a criança encontra o mundo de valores já dados, onde ela vai se situar. A língua que aprende, a m

jeito de sentar, andar, correr, brincar, o tom da voz nas conversas, as relações familiares, tudo enfim se acha codificado. Até na emoção, que pareceria uma direção de certa forma a sua expressão. Podemos

observar como a nossa sociedade, preocupada com a visão estereotipada da masculinidade, vê com complacência o choro feminino e o recria no homem.

O próprio corpo humano nunca é apresentado como mera anatomia, de tal modo que não existe propriamente o "nu natural": todo homem já se percebe envolto em panos,

e portanto em interdições, pelas quais é levado a ocultar sua nudez em nome de valores

(sexuais, amorosos, estéticos) que lhe são ensinados. E mesmo quando se desnuda, o faz

também a partir de valores, pois transgredir os estabelecidos ou propõe outros novos.

Todas as diferenças existentes no comportamento modelado em sociedade da maneira pela qual os homens organizam as

relações entre si, que possibilitam o estabelecimento das regras de conduta e dos valores

que nortearão a construção da vida social, econômica e política.

Considerando isso, como fica a individualidade diante da herança social e do risco de o indivíduo perder sua liberdade e autenticidade. É o que Heidegger, filósofo

alemão contemporâneo, chama de "mundo do man" (man equivale em português ao

pronome reflexivo se ou ao impessoal a gente). Veste-se, come-se, pensa-se, não como cada um

gostaria de se vestir, comer ou pensar, mas como a maioria o faz. Os sistemas de controle

da sociedade aprisionam o indivíduo numa

rede aparentemente sem saída.

Entretanto, assim como a massificação

pode ser decorrente da aceitação sem crítica

dos valores impostos pelo grupo social, também é verdade que a vida autêntica só pode

ocorrer na sociedade e a partir dela. Aí reside

justamente o paradoxo de nossa existência social, pois, como vimos, o processo de

humanização se faz pelas relações entre os homens, e é das imensas relações que a consciência de si emerge lentamente

continuamente entre a contradição e sua resolução.

Cabe ao homem a preocupação constante de manter viva a fecunda tensão de pólos que se opõem mas não se separam, pela qual, ao mesmo tempo, o homem é um ser social, também é uma pessoa, isto é, tem uma individualidade dos demais.

Portanto, a sociedade é a condição da alienação e da perda do homem se perder, mas também de se encontrar. O sociólogo Berger usa a expressão êxtase (ékstasis, em

grego, significa "estar fora", "sair de si") para

explicar o ato possível de o homem "se manter do lado de fora das rotinas normais da sociedade"³, o que
relação ao próprio mundo em que se vive.

A função de "estranhamento" é fundamental para o homem desencanar-se das rotinas, e se manifesta de múltiplas formas: quando paramos para pensar a vida diária, quando o filósofo se admira com o que parece óbvio, quando o artista lança um olhar novo sobre a sensibilidade já embaçada pelo costume, quando o cientista descobre uma nova hipótese.

O "sair de si" é remédio para o preconceito, o convencimento inabaláveis e portanto paralisantes. É a condição para que, ao retornar de sua "viagem", o homem se torne melhor.

Exercícios

1. Faça um quadro comparativo das características do instinto, da inteligência abstrata.
2. Faça um quadro comparativo das características da linguagem animal e humana.
3. Caracterize e distinga estes dois tipos de atos: uma aranha tentando subir em um caixote para alcançar um inseto, e um homem tentando alcançar um inseto subindo em um caixote.
4. Comente: "Uma aranha executa operações que o homem não consegue executar."

que se assemelham às manipulações do tecelão, e a construção das colméias pelas abelhas poderia envergonhar, por sua perfeição, mais de um mestre-de-obras. Mas há algo em que o pior mestre-de-obras é superior à melhor abelha, e é o fato de que, antes de executar a construção, ele a projeta em seu cérebro". (Karl Marx)

5. Comente: Sísifo, condenado, após a morte, a empurrar nos Infernos uma montanha, de onde ela torna a cair sem cessar, não trabalha, pois seu esforço não serve para nada.

1. Explique o que significa: "Pelo trabalho o homem se autoproduz".

1. Critique o uso da expressão "nu natural".

2. Procure informar-se sobre a história de

Tarzan. Com base no que foi estudado neste capítulo e no texto sobre as meninas-lobo, explique por

que essa lenda é inverossímil.

Leia o texto complementar e responda às questões de 9 a 12.

1. Explique o que significa: "O mundo do animal é um mundo sem conceito".

10. Como os autores relacionam tempo e linguagem?

11. Qual é o significado
animais?

12. Procure exemplos na l

homens se transformam em animais ou viceversa.

Analise o significado.

Texto complementar

O homem e o animal

O mundo do animal é um mundo sem conceito. Nele nenhuma palavra existe idêntico no fluxo dos fenômenos, a mesma espécie na variação dos exemplos, a mesma coisa na

diversidade das situações. Mesmo que a reconhecimento seja possível, a identificação está limitada ao

que foi predeterminado de maneira vital. No fluxo, nada se acha que se possa determinar como

permanente e, no entanto, tudo permanece idêntico, porque não há nenhum saber sólido acerca do

passado e nenhum olhar claro mirando o futuro. O animal responde ao nome e não tem um eu, está

fechado em si mesmo e, no entanto, abandonado; a cada momento surge uma nova compulsão,

nenhuma idéia a transcende. (...)

A transformação das pessoas em animais como castigo é um tema constante de todas as nações. Estar encantado no corpo de um animal equivale a uma condenação. Para as

crianças e os diferentes povos, a idéia de semelhantes metamorfoses é imediatamente compreensível

e familiar. Também a crença na transmigração das almas, nas mais antigas culturas, considera a

figura animal como um castigo e um tormento. A muda ferocidade no olhar do

tigre dá testemunho

do mesmo horror que as pessoas receavam nessa transformação. Todo animal recorda uma desgraça

infinita ocorrida em tempos primitivos. O conto infantil exprime o pressentimento das pessoas.

(Th. Adorno e M. Horkheimer, *Dialética do escl*
1985, p. 230-231.)

CAPÍTULO 2

TRABALHO E ALIENAÇÃO

A história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a subjugação do homem pelo homem.

1. Visão filosófica do trabalho

Vimos no capítulo anterior que, pelo trabalho, o homem transforma (antecipação da ação pelo pensamento), sendo, portanto, deliberada, intencional.

O trabalho estabelece a relação dialética entre a teoria e a prática: o projeto, que de novo altera a ação, fazendo com que haja mudança dos procedimentos empregados, o que gera o processo histórico.

Além disso, para que o distanciamento da ação seja possível, o homem precisa da linguagem: ao representar o mundo, torna presente no pensamento o que está ausente e comunica-se com o outro. O trabalho se realiza então, e sobretudo, como atividade coletiva.

Além de transformar a natureza, humanizando-a, além de proceder "à comunhão" (à união) dos homens, o trabalho transforma o próprio homem. "Todo trabalho

trabalha para fazer um homem ao mesmo tempo que uma coisa", disse o filósofo personalista Mounier. Isto significa que, pelo trabalho, o homem se autoproduz: desenvolve

habilidades e imaginação; aprende a conhecer as forças da natureza e a desafiá-las; conhece as próprias forças e limitações; relaciona-se com os companheiros e vive

os afetos de toda relação; impõe-se uma disciplina. O homem não permanece o mesmo, pois o trabalho altera a visão que ele tem do mundo e de si mesmo.

Se num primeiro momento a natureza se apresenta aos homens como trabalho será a condição da superação dos determinismos: a transcendência é propriamente

a liberdade. Por isso, a liberdade não é alguma coisa que é dada ao homem, mas o resultado da sua ação transformadora sobre o mundo, segundo seus projetos. (Consultar

o Capítulo 30 A liberdade.)

1. Visão histórica do trabalho

A concepção de trabalho sempre esteve predominantemente ligada ao do Paraíso e a condenação ao trabalho com o "suor do seu rosto". A Eva coube também o "trabalho" do parto.

A etimologia da palavra trabalho vem do vocábulo latino tripalia dos condenados, e que também servia para manter presos os animais difíceis de ferrar. Daí a associação do trabalho com tortura, sofrimento, pena, labuta.

Na Antiguidade grega, todo trabalho manual é desvalorizado por sua essência fundamental de todo ser racional. Para Platão, por exemplo, a finalidade dos homens livres é justamente a "contemplação das idéias". Voltaremos a analisar

este aspecto no Capítulo 10 (Teoria do conhecimento).

Também na Roma escravagista o trabalho era desvalorizado. É significativo negocium indicar a negação do ócio: ao enfatizar o trabalho como "ausência de lazer", distingue-se o ócio como prerrogativa dos homens livres.

Na Idade Média, Santo Tomás de Aquino procura reabilitar o trabalho teórico de seu pensamento, calcada na visão grega, tende a valorizar a atividade contemplativa. Muitos textos medievais consideram a ars mechanica (arte mecânica) uma ars inferior.

Tanto na Antiguidade como na Idade Média, essa atitude resulta na Na Idade Moderna, a situação começa a se alterar: o crescente interesse justifica-se pela ascensão dos burgueses,

vindos de segmentos dos antigos servos que compravam sua liberdade e dedicavam-se ao comércio, e que portanto tinham outra concepção a respeito do trabalho.

A burguesia nascente procura novos mercados e há necessidade de descoberta do novo caminho para as Índias e das terras do Novo Mundo. A preocupação de dominar o tempo e o espaço faz com que sejam aprimorados os relógios e a bússola.

Com o aperfeiçoamento da tinta e do papel e a descoberta dos tipos móveis, Gutenberg inventa a imprensa.

No século XVII, Pascal inventa a primeira máquina de calcular; Torricelli constrói o barômetro; aparece o tear mecânico. Galileu, ao valorizar a técnica, inaugura

o método das ciências da natureza, fazendo nascer duas novas ciências, a física e a astronomia (ver Capítulo 14 - A ciência na Idade Moderna).

A máquina exerce tal fascínio sobre a mentalidade do homem moderno mecanismo do relógio para explicar o modelo característico do universo (Deus seria o grande relojoeiro!).

Nascimento das fábricas e urbanização

Na vida social e econômica ocorrem, paralelamente ao desenvolvimento. Além do aperfeiçoamento das técnicas, dá-se o processo de acumulação de capital e a ampliação dos mercados.

O capital acumulado permite a compra de matérias-primas e de máquinas e corporações e manufaturas tenham de dispor de seus antigos instrumentos de trabalho e, para sobreviver, se vejam obrigadas a vender a força de trabalho em troca de salário.

Com o aumento da produção aparecem os primeiros barracões das fábricas com ritmo e horários preestabelecidos. O fruto do trabalho não mais lhes pertence e a produção é vendida pelo empresário, que fica com os lucros.

Está ocorrendo o nascimento de uma nova classe: o proletariado.

No século XVIII, a mecanização no setor da indústria têxtil sofre significativamente a produção de tecidos. Outros setores se desenvolvem, como o metalúrgico; também no campo se processa a revolução agrícola.

No século XIX, o resplendor do progresso não oculta a questão social pelo recrudescimento da exploração do trabalho e das condições subumanas de vida:

extensas jornadas de trabalho, de dezesseis a dezoito horas, sem direito a férias, sem garantia para a velhice, doença e invalidez; arregimentação de crianças e

mulheres, mão-de-obra mais barata; condições insalubres de trabalho, em locais mal-iluminados e sem

higiene; mal pagos, os trabalhadores também viviam mal alojados e em promiscuidade.

Da constatação deste estado de coisas é que surge no século XIX

(Gravura)

Crianças trabalhando em uma fábrica de papel na Alemanha, no século XIX. Era freqüente a arregimentação de mão-de-obra formada por mulheres e crianças, submetidas

a extensas jornadas de trabalho.

A sociedade pós-industrial

As alterações sociais decorrentes da implantação do sistema fabril secundário (indústria).

A partir de meados do século XX surge o que chamamos de sociedade de consumo. Em outros setores tenham perdido importância, mas as atividades de todos os setores ficam dependentes do desenvolvimento de técnicas de informação e comunicação. Basta

ver como o cotidiano de todos nós se acha marcado pelo consumo de

serviços de publicidade, comunicação, pesquisa, empresas de comércio e finanças, saúde, educação, lazer *etc.*

A mudança de enfoque descentraliza a atenção antes voltada para o indivíduo. veremos adiante.

1. O que é alienação?

Hegel, filósofo alemão do século XIX, faz uma leitura otimista da história do espírito.

O filósofo se refere a dois homens que lutam entre si e um deles vence. A fim de ser reconhecido como senhor, o vencedor "conserva" o outro como "servo". Depois disso, é o servo submetido que tudo faz para o senhor; mas, com o

tempo, o senhor descobre que não sabe fazer mais nada, pois, entre ele e o

mundo, colocou o escravo, que domina a natureza. O ser do senhor se descobre como

dependente do ser do escravo e, em compensação, o

escravo, aprendendo a vencer a natureza, recupera de certa forma a liberdade. O trabalho surge, então, como a expressão da liberdade reconquistada.

Marx retoma a temática hegeliana, mas critica a visão otimista do produtor, não mais lhe pertencendo: trata-se do fenômeno da alienação.

Em Hegel também surge o conceito de alienação. Em sua perspectiva da cultura. Essa cisão provocada pelo espírito que se exterioriza na cultura (por meio do trabalho) é superada pelo trabalho da consciência, que nesse estágio superior

é consciente de si. Com isso, segundo Marx, ao privilegiar a consciência,

Hegel perde a materialidade do trabalho (o que se compreende dentro da linha idealista do pensamento hegeliano).

Isso não significa que Marx não considere o trabalho condição da supremacia de toda concepção humanista está em que o homem deve trabalhar para si, não entendendo isso como trabalho sem compromisso com os outros, pois todo trabalho

é tarefa coletiva, mas no sentido de que deve trabalhar para fazer-se a si mesmo homem. O trabalho alienado o desumaniza. Vejamos portanto em que consiste a alienação

no trabalho.

Conceituação de alienação

Há vários sentidos para o conceito de alienação.

Juridicamente, significa a perda do usufruto ou posse de um bem

chamando a atenção dos motoristas: "Compramos seu carro, mesmo alienado".

Referimo-nos a alguém como alienado mental, dizendo, com isso, q
A alienação religiosa aparece nos fenômenos de idolatria, quando
Para Rousseau, a soberania do povo é inalienável, isto é, pertencen
É o ideal da democracia direta.

Na vida diária, chamamos alguém de alienado quando o percebemos
Em todos os sentidos, há algo em comum no uso da palavra alienaçã
de si na relação com o outro; na idolatria, perde-se a autonomia; na concepção
de Rousseau, o povo não

deve perder o poder; o homem comum alienado perde a compreensão do mundo
em que vive e

torna alheio a sua consciência um segmento importante da realidade em que se
acha inserido.

Etimologicamente a palavra alienação vem do latim aliena re, ali
alienar é tornar alheio, transferir para outrem o que é seu.

Para Marx, que analisou esse conceito básico, a alienação não é
da divisão do trabalho, o produto do seu trabalho deixa de lhe pertencer. Todo o
resto é decorrência disso.

Retomando a discussão anterior, vimos que o surgimento do capita
dele a posse do produto. Mas não é apenas o produto que deixa de lhe pertencer.
Ele próprio abandona o centro de si mesmo. Não escolhe o salário - embora isso
lhe

apareça ficticiamente como resultado de um contrato livre -, não escolhe o
horário nem o ritmo de trabalho e passa a ser comandado de fora, por forças
estranhas

a ele.

Ocorre então o que Marx chama de fetichismo da mercadoria e reificação. O fetichismo" é o processo pelo qual a mercadoria, ser inanimado tornem superiores

aos valores de uso e determinem as relações entre os homens, e não viceversa. Ou seja, a relação entre os produtores não aparece como sendo relação entre eles próprios

(relação humana), mas entre os produtos do seu trabalho. Por exemplo, as relações não são entre alfaiate e carpinteiro, mas entre casaco e mesa.

A mercadoria adquire valor superior ao homem, pois privilegiam-s mercadoria assume formas abstratas (o dinheiro, o capital) que, em vez de serem intermediárias entre

indivíduos, convertem-se em realidades soberanas e tiranicas.

Em consequência, a "humanização" da mercadoria leva à desumanização e reificação (do latim res, "coisa"), sendo o próprio homem transformado em mercadoria (sua força de trabalho tem um preço no mercado).

As discussões a respeito da alienação preocuparam autores marxistas como Sartre, o cristão Mounier e o não-marxista Heidegger, que descreveram os modos inautênticos do existir humano.

A seguir, examinaremos a alienação na produção, no consumo e no (Gravura)

Fetichismo: nas práticas religiosas. Feitiço" ou "fetiche" signifi na qual a satisfação sexual depende da visão ou contato com um objeto determinado (sapatos, meias, roupas íntimas etc.). o paralelo entre esses dois sentidos e o

do fetichismo da mercadoria é que, nos três casos, os objetos inertes, sem vida, são "animados",

"humanizados".

Alienação na produção

O taylorismo

Nos sistemas domésticos de manufatura, era comum o trabalhador c
do sistema fabril, no entanto, isso não é mais possível. devido á crescente complexidade resultante da divisão do trabalho.

Chamamos dicotomia a concepção-execução do trabalho justamente a
inclusive a maneira como vai ser produzido, e outro grupo é obrigado à simples execução do trabalho, sempre parcelado, pois a cada um cabe parte do processo.

A divisão do trabalho foi intensificada no início do século XX.
(fordismo). A expressão teórica do processo de trabalho parcelado é levada a
efeito por Frederick Taylor (1856-1915), no livro Princípios de administração
científica,

onde estabelece os parâmetros do método científico de racionalização da
produção - daí em diante conhecido como taylorismo - e que visa o aumento de
produtividade

com a economia de tempo, a supressão de gestos desnecessários e
comportamentos supérfluos no interior do processo produtivo.

O sistema foi implantado com sucesso no início do século nos EUA
os domínios da fábrica, atingindo outros tipos de empresa, os esportes, a
medicina, a

escola e até a atividade da dona de casa. Por exemplo, um ferro de passar é
fabricado de acordo com os critérios de economia de tempo, de gasto de energia
(de eletricidade

e da dona de casa, por que não?); a localização da

pia e do fogão devem favorecer a mobilidade; os produtos de limpeza devem ser eficazes num piscar de olhos.

Taylor parte do princípio de que o trabalhador é indolente, gosta da simplificação deles, de tal forma que a devida colocação

do corpo, dos pés e das mãos possa aumentar a produtividade. Também a divisão e o parcelamento do trabalho se mostra importante para a simplificação e maior

rapidez do processo. São criados cargos de gerentes especializados em treinar operários, usando cronômetros e depois vigiando-os no desempenho de suas funções. Os

bons funcionários são estimulados com recompensas, os indolentes, sujeitos a punições. Taylor tentava convencer os operários de que tudo isso era para o bem deles,

pois, em última análise, o aumento da produção reverteria em benefícios também para eles, gerando a sociedade da opulência.

O homem, reduzido a gestos mecânicos, tornado "esquizofrênico" por Chaplin, o popular Carlitos.

O sistema de "racionalização" do trabalho faz com que o setor de da execução das tarefas.

A necessidade de planejamento desenvolve intensa burocratização, justificando a hierarquia e a impessoalidade das normas. A burocracia e o planejamento se apresentam com a imagem de neutralidade e eficácia da organização, como

se estivessem baseados num saber objetivo, competente, desinteressado. Mas é apenas uma imagem de neutralidade que mascara um conteúdo ideológico (ver Capítulo 5

- Ideologia) eminentemente político: na verdade, trata-se de uma técnica social de dominação. Vejamos por que.

Não é fácil submeter o operário a um trabalho rotineiro, irreflexo

Se não compreendemos o sentido da nossa ação e se o produto do trabalho não é nosso, é bem difícil dedicarmo-nos com empenho a qualquer tarefa. O taylorismo substitui

as formas de coação visíveis, de violência direta, pessoal, de um "feitor de escravos", por exemplo, por formas mais sutis que tornam o operário dócil e submisso.

É um sistema que impessoaliza a ordem, que não aparece mais com a face de um chefe que oprime, diluindo-a nas ordens de serviço vindas do "setor de planejamento".

Retira toda a iniciativa do operário, que cumpre ordens, modela seu corpo segundo critérios exteriores, "científicos", e cria a possibilidade da interiorização da

norma, cuja figura exemplar é a do operário-padrão.

O recurso de distribuição de prêmios, gratificações e promoções maiores de produção gera a "caça" aos postos mais elevados

na empresa, e estimula a competição em vez da solidariedade. A fragmentação dos grupos e do próprio operário que ocorre nas fábricas facilita ao capitalista o controle

absoluto do produto final.

É interessante lembrar que o taylorismo não é exclusivo do capitalismo com justificativa de que o sistema não era utilizado para a exploração do trabalhador, mas para sua libertação. O produto do trabalho não seria apropriado pelo

capitalista, já que a propriedade privada dos meios de produção fora eliminada

com a revolução de 1917. Mas, de fato, o que resultou disso não foi a empresa burocratizada.

mas o próprio Estado burocrático. Não faltaram críticas de grupos anarquistas, intelectuais de esquerda em geral, acusando Lênin de ter esquecido o princípio da

realização do socialismo a partir de organizações de base, ao introduzir relações hierárquicas de poder dentro do próprio processo de trabalho.

A "racionalização" do processo de trabalho traz em si uma irracionalidade que aparece nas fichas do setor de pessoal são vistas sem amor nem ódio, de modo impessoal. O burocrata-diretor é apenas um profissional que manipula as pessoas

como se fossem cifras ou coisas.

O filósofo alemão Habermas, herdeiro da tradição da Escola de Frankfurt, distingue a razão instrumental e razão comunicativa, referentes a dois aspectos distintos da realidade social.

A razão instrumental é predominantemente técnica, usada na organização da produção. Mas a lógica da razão instrumental não é a mesma da razão vital, existente no mundo vivido das experiências pessoais e da comunicação entre as pessoas.

Ora, a irracionalidade no mundo moderno (e a sua patologia) decorre da predominância da razão instrumental em detrimento da razão comunicativa.

Não se trata de negar o valor da primeira, mas de resgatar o que ela tem de racional e vital.

A alienação no setor de serviços

Marx viveu no período em que a exploração capitalista sobre o proletariado chegou ao ponto crucial em que o crescente empobrecimento do operariado levaria á

tomada de consciência da dominação e à conseqüente superação dela por meio da revolução.

Mas na chamada "sociedade opulenta" dos países economicamente mais desenvolvidos, a exploração econômica das massas tal como tinha sido conhecida no século anterior.

Com a ampliação do setor de serviços, aumenta a classe média, muito mais abrigam milhares de funcionários executivos e burocratas em geral.

Na nova organização acentuam-se as características de individualização e dispersão dos indivíduos, o que faz aumentar o interesse pelos assuntos da vida privada (e menos pelas questões públicas e políticas), além da procura hedonista de formas de lazer e satisfação imediata (talvez justamente porque o prazer lhes é negado no trabalho alienado!).

Assim, a exploração e a alienação, embora ainda continuem existindo materialmente, os trabalhadores passam a compartilhar do "espírito do capitalismo", sucumbindo aos apelos e promessas da sociedade de consumo, como veremos adiante.

O sofrimento da natureza

Quando tratamos da produção humana, nos referimos ao poder que o homem tem de transformar a natureza e usá-la em função de seus interesses. E desde que a ciência

possibilitou a revolução tecnológica, esse poder vem sendo ampliado enormemente.

E se até aqui demos conta apenas dos prejuízos que a técnica pode sofrer com o abuso exercido sobre ela. A exaltação indiscriminada do progresso

(ver Capítulo II - O conhecimento científico) quase nunca tem permitido respeitar

a integridade da natureza, a ponto de as organizações de defesa do meio ambiente virem denunciando há tempos as ameaças à sobrevivência do planeta.

A sociedade administrada

Chegamos ao impasse que nos deixa perplexos diante da técnica apressada e opressora.

Quando se submete passivamente aos critérios de produtividade e eficiência no mundo competitivo do mercado, o homem permite que lhe seja retirado todo prazer

em sua atividade produtora, passando a ser regido por

"princípios" "racionalistas" que o levam à perda de si. Mais ainda, na sociedade da total administração, segundo a expressão de Horkheimer e

Adorno, os conflitos existentes foram dissimulados, não havendo oposição porque o homem perdeu sua dimensão de crítica.

Não queremos assumir a posição ingênua da crítica gratuita à técnica da técnica" (a razão instrumental, a que já nos

referimos). Onde a técnica se torna o princípio motor, o homem se encontra mutilado, porque

é reduzido ao anonimato, às funções que desempenha, e nunca é um fim, mas sempre meio para qualquer coisa que se acha fora dele.

Enquanto prevalecerem as funções divididas do homem que pensa e de que só alguns sabem e são competentes e portanto decidem; a maioria que nada sabe é incompetente e obedece.

Por isso, a questão fundamental, hoje, é a da necessidade da ref

ou da sua exploração.

Alienação no consumo

O consumo nãoalienado

O ato do consumo é um ato humano por excelência, no qual o homem atua de modo racional, ético e estético.

Quando nos referimos a necessidades, não se trata apenas daquela que é necessária para a sobrevivência, mas também de necessidades e imprevisíveis direções e dão condições para a transcendência. Nesse sentido, as necessidades de consumo variam conforme a cultura e também dependem de cada indivíduo.

No ato de consumo participamos como pessoas inteiras, movidas por diversas necessidades. No ato de vestir, diversos fatores são considerados: precisamos proteger nosso corpo; ou ocultá-lo por pudor; ou "revelá-lo" de forma erótica; usamos de imaginação na combinação

das peças, mesmo quando seguimos as tendências da moda; desenvolvemos um estilo próprio de vestir; não compramos apenas uma peça, pois gostamos de variar as cores

e os modelos.

Enfim, o consumo nãoalienado supõe, mesmo diante de influências externas, que o indivíduo mantenha a possibilidade de escolha autônoma, não só para estabelecer

suas preferências como para optar por consumir ou não.

Além disso, o consumo consciente nunca é um fim em si, mas sempre um meio para

O consumo alienado

Num mundo em que predomina a produção alienada, também o consumo

O problema da sociedade de consumo é que as necessidades são

artificialmente estimuladas, sobretudo pelos meios de comunicação de massa, levando os indivíduos

a consumirem de maneira alienada.

A organização dicotômica do trabalho a que nos referimos - pela encontrar satisfação na maior parte da sua vida, enquanto se obriga a tarefas desinteressantes. Daí a importância que assume para ele a necessidade de se dar prazer

pela posse de bens. "A

civilização tecnicista não é uma civilização do trabalho, mas do consumo e do "bem-estar". O trabalho deixa, para um número crescente de indivíduos, de incluir

fins que lhe são próprios e torna-se um meio de consumir, de satisfazer as "necessidades" cada vez mais

amplas."(2)

2 O. Friedmann, Sete estudos sobre o homem e a técnica, p. 147.

Vimos que na sociedade pós-industrial a ampliação do setor de se de possibilidade de consumo. A única coisa a que não se tem escolha é não consumir!

Os centros de compras se transformam em "catedrais do consumo", coisas, serviços, idéias. Basta ver como em tempos de eleição é "vendida" a imagem de certos políticos...

A estimulação artificial das necessidades provoca aberrações do metro" deixando volumes "virgens" nas estantes; adquirimos quadros famosos, sem saber apreciá-los (ou para mantê-los no cofre). A obsolescência dos objetos, rapidamente

postos fora de moda", exerce uma tirania invisível, obrigando as pessoas a

comprarem a televisão nova, o refrigerador ou o carro porque o design se tornou antiquado

ou porque uma nova engenhoca se mostrou "indispensável".

E quando bebemos Coca-Cola porque "É emoção pra valer!", bebemos nosso paladar é que menos bebemos...

Como o consumo alienado não é um meio, mas um fim em si, torna-se toda relação com as necessidades reais do homem, o que faz com que as pessoas gastem sempre mais do que têm. O próprio comércio facilita tudo isso com as prestações, cartões de crédito, liquidações e ofertas de ocasião "dia das mães" *etc.*

Mas há um contraponto importante no processo de estimulação artística, que é a existência de grande parcela da população com baixo poder aquisitivo, reduzida apenas ao desejo de consumir. O que faz com que essa massa desprotegida não se revolte?

Há mecanismos na própria sociedade que impedem a tomada de consciência: o empenho no trabalho, pelo estudo, há possibilidade de mudança, ou seja, "um dia eu chego lá. E se não chegam, "é porque não tiveram sorte ou competência".

Por outro lado, uma série de escapismos na literatura e nas televisões, na esperança semanal da Loto, Sena e demais loterias. Além disso, há sempre o recurso ao ersatz, ou seja, a imitação barata da roupa, da jóia, do bule da rica senhora.

O torvelinho produção-consumo em que está mergulhado o homem contemporâneo se acha reduzido na alienação ao que Marcuse chama de unidimensionalidade (ou seja, a uma só dimensão). Ao deixar de ser o centro de

si mesmo, o homem perde

a dimensão de contestação e crítica, sendo destruída a possibilidade de oposição no campo da política, da arte, da moral.

Por isso, nesse mundo não há lugar para a filosofia, que é, por

Lessive Brillo, de Andy Warhol. Principal representante da Pop

Art, o artista destaca pela repetição um objeto banal do cotidiano: uma pilha de caixas de prosaicos

alvejantes de roupa, que pode nos levar a refletir sobre o impacto visual dos produtos na sociedade de consumo.

Alienação no lazer

Histórico do lazer

O lazer é criação da civilização industrial, e aparece como um f

Antes o lazer era privilégio dos nobres que, nas caçadas, festas

burgueses enriquecidos também podiam se dar ao luxo de aproveitar o tempo livre.

Os artesãos e camponeses que viviam antes da Revolução Industria

já que a deficiente iluminação não permitia outra escolha.

Seguiam o ritmo das estações, pois a semente exige o tempo de plantio, tanto quanto a colheita deve ser feita na época certa. Havia "dias sem trabalho", que

ofereciam possibilidade de repouso, embora não muito, pois geralmente os feriados

previstos eram impostos pela Igreja e havia a exigência de práticas religiosas

e rituais obrigatórios. As festas religiosas ou as que marcavam o fim da colheita eram atividades coletivas e adquiriam importante sentido na vida social.

O advento da era industrial e o crescimento das cidades alteram

A mecanização, divisão e organização das tarefas exigem que o tempo de trabalho seja cronometrado, e as extensas jornadas de dezesseis a dezoito horas mal deixam

tempo para a recuperação fisiológica.

Mas as reivindicações dos trabalhadores vão lentamente conseguindo a lei das oito horas; progressivamente a semana de trabalho é reduzida para cinco dias. Depois de 1930, outras conquistas, como descanso remunerado, férias e, concomitantemente,

a organização de "colônias de férias", fazem surgir no século XX o "homem-de-após-trabalho".

É o início de uma nova era, que tende a tomar contornos mais definidos

com a intensificação da automação do trabalho. Estamos nos dirigindo a passos largos para a "civilização do lazer"...

No Brasil a legislação trabalhista demorou mais tempo e dependeu da tardia organização sindical, uma vez que também o processo de industrialização brasileiro foi

posterior ao dos países mais avançados. Apenas na década de 30, no governo populista de Getúlio Vargas, os trabalhadores conquistaram a regulamentação das oito horas

diárias de trabalho e outros benefícios.

A diminuição da jornada de trabalho cria o tempo liberado, que não só é gasto no transporte - na maioria das vezes o operário mora longe do local de trabalho; com as ocupações de asseio e alimentação; com o sono; com obrigações familiares

e afazeres domésticos; com obrigações sociais, políticas ou religiosas; às vezes até com um "bico" para ganhar mais alguns trocados. Isso sem falar no

trabalho da mulher, que sempre supõe a "dupla jornada de trabalho".

O que é lazer?

O tempo propriamente livre, de lazer, é considerado aquelas horas de trabalho ou todas as outras que ocupam o chamado tempo liberado.

O que é lazer, então? Segundo Dumazedier, "o lazer é um conceito que seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua

livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e

sociais.

Portanto, há três funções solidárias no lazer:

- visa o descanso e, portanto, libera da fadiga;
- visa o divertimento, a recreação, o entretenimento e, por

que despendemos no trabalho. O lazer oferece, no bom sentido da palavra, a evasão pela mudança de lugar, de ambiente, de ritmo, quer seja em viagens, jogos ou esportes

ou ainda em atividades que privilegiam a ficção, tais como cinema, teatro, romance, e que exigem o recurso à exaltação da nossa vida imaginária;

- visa a participação social mais livre, e

com isso promove o nosso desenvolvimento.

A procura desinteressada de amigos, de aprendizagem voluntária, estimula a sensibilidade

e a razão e favorece o surgimento de condutas inovadoras.

De tudo isso, fica claro que o lazer autêntico é ativo, ou seja, escolhe e lhe dá prazer e o modifica como pessoa.

É bom não reduzir o lazer criativo apenas aos programas com funções
somos bons observadores, assumimos atitude seletiva, somos sensíveis
aos estímulos recebidos e procuramos compreender o que vemos e
apreciamos.

O lazer alienado

No mundo em que a produção e o consumo são alienados, é difícil
repercutem no tempo livre.

Sabe-se que pessoas submetidas ao trabalho mecânico e repetitivo
tornando-se incapazes de se divertir. Ou então, exatamente ao contrário,
procuram compensações violentas que as recuperem do amortecimento dos
sentidos.

A propaganda da bem-montada "indústria do lazer" orienta as escolhas
danceterias, filmes da moda.

Até aqui, fizemos referência a determinado segmento social que tenta
aos mais pobres a ocupação do seu tempo livre: lugares onde ouvir música,
praças para passeios, várzeas para o joguinho de futebol, clubes populares, locais
de integração

social espontânea. Isso torna muito reduzida a possibilidade do lazer ativo,
nãoalienado, ainda mais se supusermos que o homem se encontra submetido a
todas as

formas

de massificação pelos meios de comunicação.

Vimos que o lazer ativo se caracteriza pela participação integral
da experiência. Tal não ocorre com o lazer passivo, no qual o homem não
reorganiza a informação recebida ou a ação executada, de modo que elas nada
lhe acrescentam

de novo, ao contrário, reforçam os comportamentos mecanizados.

É bom lembrar que o caráter de atividade ou passividade nem sempre que assistem ao mesmo filme podem ter atitude ativa ou passiva, dependendo da maneira pela qual se posicionam como seres que comparam, apreciam, julgam e decidem

ou não.

3j. Dumazedier, Lazer e cultura popular, p. 34.

Exercícios

1. Explique: Pelo trabalho o homem se auto-produz
2. Qual é a ideia comum nas diversas abordagens do conceito de alienação?
3. Qual é, segundo Marx, a origem da alienação do trabalho?
4. Em que consiste o taylorismo?
5. Em que sentido a "racionalidade" do taylorismo e da burocracia?
6. O que distingue o consumo nãoalienado do consumo alienado?
7. Quais são as três funções do lazer segundo Dumazedier?
8. Faça distinção entre lazer alienado e nãoalienado.
9. Analise o significado do texto a seguir, aplicando os

"Um cartaz publicitário (...) estampa apenas a imagem de um par de olhos que tomaram o lugar das pupilas. Quer dizer: o único objeto visível para esses olhos é o valor, porque os próprios olhos transformaram-se em valor; olhar só pode ser, então, avaliar e valorizar. No capitalismo, olhar é calcular o que se vê, operação que não tem sentido senão o de adicionar novas quantidades abstratas a outras quantidades abstratas. A seu modo, o cartaz publicitário é, portanto,

extremamente realista, pois mostra a realidade do capitalismo - um processo em que a visão

vê o que deve ser visto: a destruição de todos os códigos, de todos os territórios, de todos os sentidos, e a realização do valor.' (Laymert Garcia dos Santos)

10. Pesquise um dos itens a seguir e faça uma dissertação
- a) A evolução da técnica (o utensílio, a máquina, o automóvel)
 - b) As transformações provocadas pela técnica na maneira de viver
 - c) Como a técnica altera a relação do homem com a natureza
 - d) Os perigos da tecnocracia.
 - e) A necessidade da filosofia como reflexão crítica sobre a técnica
-

UNIDADE II

O CONHECIMENTO

O artista, pintor brasileiro contemporâneo, buscando a linguagem mais apropriada para exprimir sua visão de mundo, penetra por trás das aparências dos objetos, encontrando suas formas básicas na geometria. Essa busca não deixa de ser análoga à procura da verdade na teoria do conhecimento.

CAPÍTULO 3

O QUE É CONHECIMENTO

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos.

1. Introdução

A epígrafe deste capítulo se refere ao esforço constante que anseia estabelecer semelhanças, diferenças, contigüidades, sucessão no tempo, causalidades, que possibilitem "pôr ordem no caos". Mesmo porque só assim será possível ao

homem também agir sobre o mundo e tentar transformá-lo.

O conhecimento é o pensamento que resulta da relação que se estabelece. A apropriação intelectual do objeto supõe que haja regularidade nos acontecimentos do mundo; caso contrário, a consciência cognoscente nunca poderia superar o caos.

Por exemplo, Kant diz: "Se o cinábrio [minério de mercúrio] fosse ocasião de receber no pensamento, com a representação) da cor vermelha, o cinábrio pesado".

O conhecimento pode designar o ato de conhecer, enquanto relação também se refere ao produto, ao resultado do conteúdo desse ato, ou seja, o saber adquirido e acumulado pelo homem.

Na verdade, ninguém inicia o ato de conhecer de uma forma virgem simultâneo à transmissão pela educação dos

conhecimentos acumulados em uma determinada cultura.

No correr dos tempos, a razão humana adquire formas diferentes, dependendo da maneira pela qual o homem entra

em contato com o mundo que o cerca. A razão é histórica e vai sendo tecida na trama da existência humana. Então, a capacidade que o homem tem, em determinado momento,

de discernir as diferenças e as semelhanças, e de definir as propriedades dos objetos que o

rodeiam, estabelece o tipo de racionalidade possível naquela circunstância.

(Deleuze e Guattari)

A apreensão que fazemos do mundo não é sempre tematizada, sendo pré-reflexiva. E isso vale tanto para o homem das sociedades tribais e para a

criança como para nós, no cotidiano da nossa vida. Não é sempre que estamos refletindo sobre o mundo (ainda bem!), e a abordagem que dele fazemos se encontra primeiro

no nível da intuição, da experiência vivida.

Se de início o homem precisa de crenças e opiniões prontas (nas segurança para agir, em outro momento) é preciso que ele seja capaz de "reintroduzir o caos", criticando as verdades sedimentadas, abrindo fissuras e fendas no

"já

conhecido", de modo a alcançar novas interpretações da realidade.

Todo conhecimento dado tende a esclerosar-se no hábito, nos clics preconceito, na ideologia, na rigidez das "escolas". Esse conhecimento precisa ser revitalizado pela

construção de novas teorias (no caso da filosofia e da ciência) e pelo despertar de novas sensibilidades (no caso da arte).

Pelo esforço resultante do questionamento, a razão elabora o traço abstrato. A

ação do homem, inicialmente "colada" ao mundo, é lentamente elucidada pela razão, que permite

"viver em pensamento" a situação que ele pretende compreender e transformar.

Com isso não estamos dizendo que o pensar humano possa ficar separado. torna-se

objeto do pensamento: instala-se a fase de auto-reflexão e crítica do conhecimento anteriormente recebido.

Os diversos modos de conhecer, apenas indicados neste item, serão a filosofia.

1. Formas de conhecer Intuição

Se perguntarmos "de que modo o sujeito que conhece pode apreender o discurso.

Mas nós apreendemos o real também pela intuição, que é uma forma de conhecimento imediato, isto é, feito sem intermediários, um pensamento presente ao espírito.

Como a própria palavra indica (*tuere* em latim significa "ver"), intuição é uma visão súbita. Enquanto o raciocínio é discursivo e se faz por meio da palavra, a intuição

é inefável, inexprimível: como poderíamos explicar em que consiste a sensação do vermelho!

A intuição é importante por ser o ponto de partida do conhecimento "saltos" do saber humano. Partindo

de uma divisão muito simplificada, a intuição pode ser de vários tipos:

- intuição sensível - é o conhecimento imediato que nos é dado pelo som do violino.

- intuição inventiva - é a do sábio, do artista, do cientista, que repentinamente descobrem uma nova hipótese, um tema original. Também na vida diária, enfrentamos situações que exigem soluções criativas, verdadeiras invenções súbitas.

- intuição intelectual é a que se esforça por captar diretamente a primeira verdade indubitável.

Conhecimento discursivo

Para compreender o mundo, para "organizar o caos", a razão superior, princípios gerais que, devidamente articulados, podem levar à demonstração e a conclusões que se consideram verdadeiras. Diferentemente da intuição, a razão é por excelência a faculdade de julgar.

Chamamos conhecimento discursivo ao conhecimento mediato, isto é. É o pensamento que opera por etapas. por um encadeamento de idéias, juízos e raciocínios que levam a determinada conclusão.

Para tanto, a razão precisa realizar abstrações. Abstrair significa uma abstração quando isolamos, separamos um elemento

de uma representação, elemento este que não é dado separadamente na realidade (representação significa a imagem, ou a idéia da "coisa" enquanto presente no espírito).

Quando vemos um cinzeiro, temos inicialmente a imagem dele, uma formrma concreta e particular. porque se refere àquele cinzeiro especificamente (por exemplo, de forma hexagonal e de cristal transparente).

Quando abstraímos, isolamos essas características por serem secu "ser cinzeiro". Resulta daí o conceito ou idéia de cinzeiro, que é a repreprsentação intelectual de um objeto e, portanto imaterial e geral. Ou seja, a idéia de cinzeiro não se refere àquele cinzeiro particular, mas a qualquer objeto que sirva para recolher cinzas. Da mesma forma, podemos abstrair do cinzeiro a forma ou a cor, que de fato não existem fora da coisa real.

O matemático reduz as coisas que têm peso, dureza, cor, para só de lado se são duas pessoas ou duas frutas.

A lei científica também é abstrata. Quando concluímos que o calo considerar apenas os aspectos comuns àqueles corpos, ou seja, o corpo em geral" enquanto submetido à ação do calor.

Ora, quanto mais tornamos abstrato um conceito, mais nos distanc de transcendência, para a superação do "aqui e agora" e construção de hipóteses transformadoras do real.

No entanto, toda vez que a razão se distancia demais do vivido, no Capítulo 10 (Teoria do conhecimento), a crítica às formas esclerosadas do racionalismo exacerbado faz retomar o valor da intuição em pensadores como Bergson,

Dilthey. Husserl.

Da mesma forma, permanecer no nível do vivido e da intuição impede o verdadeiro conhecimento se faz, portanto, pela ligação contínua entre a razão, entre o vivido e o teorizado, entre o concreto e o abstrato.

1. Teoria do conhecimento

A teoria do conhecimento é uma disciplina filosófica que investiga bem como as condições do conhecimento verdadeiro.

Embora os filósofos da Antiguidade e da Idade Média tratassem de enquanto disciplina independente, pois essas questões se achavam vinculadas aos textos de metafísica. Surge como disciplina autônoma apenas na Idade Moderna, quando

os filósofos se ocupam de forma sistemática com as questões sobre a origem, essência e certeza do conhecimento humano, a partir de

Descartes, Locke, Hume, e culminando com a grande crítica da razão levada a efeito por Kant.

O esquema a seguir indica os principais problemas do conhecimento.

- quanto ao critério da verdade: o que permite reconhecer a evidência, a utilidade prática.)

- quanto à possibilidade do conhecimento: pode o sujeito

- quanto ao âmbito do conhecimento:

abrange a totalidade do real, ou se restringe ao sujeito que conhece? (Exemplo: realismo, idealismo.)

- quanto à origem do conhecimento:

qual é a fonte do conhecimento? (Exemplo:

racionalismo, empirismo.)

A verdade

Todo conhecimento coloca o problema da verdade. Pois quando conh

Van Meegeren foi um pintor que falsificou obras de Vermeer, como A moça de turbante. O museu de Washington, mesmo depois de descoberta a fraude, comprou do governo

holandês a maioria dos Van Meegeren, tal era a qualidade do seu trabalho: "Os falsos Vermeer eram verdadeiros Van

Meegeren".

Começamos distinguindo verdade e realidade. Na linguagem cotidiana

a um dente, só podemos afirmar que são reais e não verdadeiros ou falsos. Se dizemos que o colar ou o dente são falsos, devemos reconhecer que o "falso" colar é

uma verdadeira bijuteria e o dente um verdadeiro dente postiço.

Isso porque a falsidade ou veracidade não estão na coisa mesma, a coisa aparece para o sujeito que conhece. Por isso dizemos que algo é verdadeiro quando é o que parece ser.

Assim, ao beber o líquido escuro que me parecia café, descubro q "este líquido é café", no qual se estabelece o vínculo entre sujeito e objeto, típico

do processo do conhecimento.

Resta portanto saber o que é a verdade enquanto juízo a respeito pensamento as coisas". O juízo seria verdadeiro se a representação fosse cópia fiel do objeto representado. Essa definição sofreu posteriormente inúmeras críticas,

sobretudo quando, a partir da Idade Moderna, rompeu-se a crença de que a realidade do mundo aí está para ser conhecida na sua transparência. Afinal, a questão é

mais complexa:

como julgar a verdade da representação do real pelo pensamento? Ou seja, como saber se a definição mesma de verdade é verdadeira? Além disso, a filosofia moderna

vai questionar a possibilidade mesma de conhecimento do real.

Isso nos remete para a discussão a respeito do critério da verdade. Analisar passo a passo as discordâncias dos autores a respeito do assunto, devido à complexidade e à necessidade de aprofundamento da questão. Algumas referências

serão feitas nos capítulos que se seguem; por enquanto, bastam-nos algumas pistas.

Para Descartes, o critério da verdade é a evidência. Evidente é só ao espírito. Trata-se de uma evidência resultante da intuição intelectual.

Para Nietzsche é verdadeiro tudo o que contribui para fomentar a

Para o pragmatismo (William James, Dewey, Peirce), a prática é o efeitos, dos resultados práticos.

Nos dois últimos casos (Nietzsche e pragmatismo), o critério da ser um valor racional e adquire um valor de existência, que pode ser sintetizado

na frase de Saint-Exupéry: "A verdade para o homem é o que faz dele um homem.

Há ainda os lógicos que buscam o critério da verdade na coerência e é coerente com um sistema de princípios estabelecidos. Essa é a verdade típica da matemática. Afirmar que por um ponto fora de

uma reta só passa uma paralela

a essa reta pode ser verdadeiro se admitirmos os postulados de Euclides, mas falso se adotarmos os princípios da geometria nãoeuclidiana.

A verdade pode ainda ser entendida como resultado do consenso, e os ajuda a compreender o real e agir sobre ele.

É difícil e complexa a discussão a respeito dos critérios da verdade e a compreendê-lo. Por exemplo, alguém poderá dizer-bem na linha dos positivistas que só a ciência nos dá o conhecimento verdadeiro, uma vez que os critérios de verificabilidade

(pelo menos das ciências da natureza, como a física) nos levam a conclusões seguras, objetivas, aceitas pela comunidade dos cientistas e que, ainda por cima, com

o desenvolvimento da tecnologia, resultam em eficácia no agir.

Por outro lado, não há como deixar de reconhecer que a ciência, um conhecimento abstrato, seleciona o que lhe interessa conhecer e reduz as infinitas

possibilidades do real, excluindo o sujeito com suas emoções e sentimentos. Nesse sentido, por que recusar um outro tipo de verdade, aquela

intuitiva pelo sentimento? E não se poderia falar na verdade que resulta da experiência artística, já que também a arte é uma forma de conhecimento?

Entre os dois extremos do conhecimento, das ciências da natureza

humanas (ver Capítulo 16-As ciências humanas) e das novas exigências para se estabelecer o estatuto epistemológico do conhecimento do homem pelo homem.

A possibilidade do conhecimento

Uma das discussões em torno do problema do conhecimento diz respeito a duas tendências principais: o ceticismo e o dogmatismo.

Ceticismo

"Nada existe. Mesmo se existisse alguma coisa, não poderíamos conhecê-la sem a ajuda de outros." Essas três proposições, atribuídas a Górgias (séc. IV a.C.), um dos representantes da sofística, exemplificam a postura conhecida como ceticismo.

Naquele mesmo século, outro grego chamado Pirro, acompanhando Alexandre o Grande em suas campanhas, ficou impressionado com a diversidade das convicções que animam os homens, bem como as diferentes filosofias tão contraditórias, abstendo-se no final de aderir a qualquer certeza.

Pelo menos semelhante no gosto pelas viagens, o filósofo renasceu no século IV a.C. e à intolerância de um período de lutas religiosas, analisando nos Ensaaios a influência de fatores pessoais, sociais e culturais na formação das opiniões.

Skeptikós, em grego, significa "que observa", "que considera". O ceticismo moderado, baseado na impossibilidade de conhecimentos mais radicais, pela impossibilidade do conhecimento; e nas tendências moderadas suspensão provisória de qualquer juízo.

Portanto, há gradações no ceticismo. Os céticos moderados admitiram uma forma relativa de conhecimento (relativismo), reconhecendo os limites para a apreensão da verdade.

Para outros moderados, mesmo que seja impossível encontrar a certeza, não se deve abandonar a busca. Mas para o ceticismo radical,

como o pirronismo, se a certeza é impossível, é melhor renunciar ao conhecimento,

o que traz, como

consequência prática, a indiferença absoluta em relação a tudo.

O ceticismo radical se contradiz ao se afirmar, pois concluir que é impossível e a verdade é inacessível" não deixa

de ser uma certeza, e tem valor de verdade.

Dogmatismo

Dogmatikós, em grego, significa" que se funda em princípios" ou "relativo a uma doutrina". Dogmatismo é a doutrina segundo a qual o homem pode atingir a certeza.

Filosoficamente é a atitude que consiste em admitir que a razão humana tem a possibilidade de conhecer a realidade,

Do ponto de vista religioso, chamamos dogma a uma verdade fundamental e indiscutível da doutrina. Na religião cristã, por exemplo, há o dogma da Santíssima

Trindade segundo o qual as três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo) não são três deuses, mas um. Deus é uno e trino. Não importa

se a razão não consegue entender, já que é um princípio aceito pela fé e o seu fundamento é a revelação divina.

Quando transpomos a ideia de dogma para o campo não-religioso, e a designar as verdades não-questionadas e inquestionáveis. Só que, nesse caso, não se

estando mais no domínio

da fé religiosa, o dogmatismo torna-se prejudicial. já que o homem, de posse de uma verdade, fixa-se nela

e abdica de continuar a busca,

O mundo muda, os acontecimentos se sucedem e o homem dogmático permanece petrificado nos conhecimentos dados de uma vez por todas. Disse Nietzsche que

"convicções são prisões". Refratário ao diálogo,

o homem dogmático teme o novo e não raro se torna intransigente e prepotente.

Quando

resolve agir, o fanatismo é inevitável, e com ele, a justificação da violência.

Também chamamos dogmáticos os seguidores de "escolas" e tendências

Quando o dogmatismo atinge a política, assume um caráter ideológico do partido único, com todas as infelizes decorrências, como censura e repressão. Em nome do dogma da raça ariana, Hitler cometeu o genocídio dos judeus e ciganos

nos campos de concentração.

Além dos significados comuns do conceito de dogmatismo, é preciso outro, denunciado por Kant na Crítica da razão pura. Como se propôs a fazer a avaliação das reais condições dos limites da razão para conhecer, Kant chama de dogmáticos todos os filósofos anteriores, inclusive Descartes., por não terem colocado

a questão da crítica do conhecer como discussão primeira. Ou seja, aqueles filósofos "não acordaram do sono dogmático", no sentido de ainda terem uma confiança não-questionada

no poder da razão em conhecer.

O âmbito do conhecimento

Os filósofos gregos tinham uma concepção realista do conhecimento. Isto é, tudo no mundo é compreensível pelo pensamento. O conhecimento se faz pela formação de conceitos, que são verdadeiros enquanto adequados à realidade existente.

Na Idade Moderna, a partir de Descartes, o realismo metafísico pergunta "como descobrir a verdade?". Ao desenvolver o método para evitar o erro e chegar à verdade indubitável, Descartes encontra o cogito. A pergunta

"quem existe?", responde:

"eu e meus pensamentos". É desse ponto de partida que pensa poder recuperar a existência de Deus e do mundo.

Com isso, o idealismo se configura como o caminho para a procura

A origem das idéias

Como vimos, a teoria do conhecimento assume na Idade Moderna uma pergunta: qual é a origem do pensamento? Duas correntes principais se desenvolvem então: o racionalismo e o empirismo.

O racionalismo tem seu maior expoente em Descartes, segundo o qual

Mas o inglês Locke, embora de formação cartesiana, critica as idéias como derivadas direta ou indiretamente da experiência sensível.

No século XVIII Kant tentará superar com o criticismo essas duas posições, dando maior espaço no Capítulo 10.

Exercícios

1. Explique o processo do conhecimento usando os seguintes conceitos: sujeito, objeto, pensamento e verdade.

2. Leia a citação de Deleuze e Guattari e relacione com o problema "O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de início apagar, limpar, laminar, mesmo esvaçar para fazer passar uma corrente de ar. saída do caos, que nos traga a visão."

3. Identifique as frases seguintes, indicando se o conhecimento
a) Isto é vermelho. b) É um conhecimento que progride por idéias
É comunicável. e) Gosto deste gato.
f) Exige demonstração. g) Este lápis é menor
do que aquele. h) É inexprimível. i) Assim que mergulhou na água, Arquimedes descobriu subitamente
o princípio do empuxo. j) É o conhecimento que se relaciona
imediatamente com os objetos.

4. Leia a citação a seguir e, a partir dela, distinga
verdade e realidade:

"Van Meegeren é um dos mais ilustres falsários de toda a história entre autênticos Vermeer e Pieter de Hooch. Toda uma comissão formada por especialistas altamente competentes concluiu pela autenticidade dessas obras, O escândalo
teve um final estranho: o Museu de Washington comprou do governo holandês a quase totalidade dos Van Meegeren. Os falsos Vermeer eram verdadeiros Van Meegeren."

(Huisman e Vergez)

5. Faça uma pesquisa para distinguir os diferentes estados: ignorância; erro; falsidade; opinião; dúvida; probabilidade; certeza; crença.

6. Faça uma dissertação sobre o tema: "A verdade é filha

7. "O filósofo é crítico, embora não seja cético. Não desce a certeza, considerando-as provisórias e sujeitas a serem relativizadas por novos argumentos."

(Rouanet)

interprete a citação acima respondendo:

- a) O que é um filósofo cético?
 - b) Quando seria dogmático?
 - c) Qual é a atitude do filósofo que recusa o ceticismo e
-

CAPÍTULO 4

LINGUAGEM, CONHECIMENTO, PENSAMENTO

A função do nome se limita sempre a ressaltar um aspecto particular de uma coisa, e é precisamente desta restrição e desta limitação que depende seu valor.

Não é função do nome referir-se exaustivamente a uma situação concreta, mas apenas destacar e mencionar certo aspecto. O isolamento deste aspecto não é um ato

negativo, mas positivo, porque no ato de denominação escolhemos, no meio da multiplicidade e

difusão dos nossos dados sensoriais, certos centros fixos de percepção que não são os mesmos do pensamento lógico ou científico.

(E. Cassirer)

Apesar de haver muitos modos de conhecer o mundo, através do mito verbal que melhor se manifesta o pensamento abstrato que faz uso de idéias e conceitos gerais. Por isso, vamos começar nossa discussão exatamente caracterizando a linguagem verbal.

1. A linguagem como atividade humana

Considerando o homem um ser que fala e a palavra a senha de entrada humano, vamos examinar mais profundamente o que vem a ser a linguagem

especificamente

humana.

G. Gusdorf, A, frlcr, p. 7-H.

A linguagem é um sistema simbólico. O homem é o único animal capaz de criar símbolos, isto é, signos arbitrários em relação ao objeto que representam e, por isso mesmo, convencionais, ou seja, dependentes de aceitação social. Tomemos, por exemplo, a palavra casa. Não há nada no som nem na forma escrita que nos remeta

ao objeto por ela representado (cada casa que, concretamente, existe em nossas ruas). Designar esse objeto pela palavra casa, então, é um ato arbitrário. A partir do momento em que não há relação alguma entre o signo casa e o objeto por ele representado, necessitamos de uma convenção aceita pela sociedade, de que aquele signo

representa aquele objeto. É só a partir dessa

aceitação que poderemos nos comunicar, sabendo que, em todas as vezes que usarmos

(Charles M. Schulz, And a Woodstock o a Birch Tree.)

a palavra casa, nosso interlocutor entenderá o que queremos dizer. A linguagem, portanto, é um sistema de representações aceitas por um grupo social, que possibilita a comunicação entre os integrantes desse mesmo grupo.

Entretanto, na medida em que esse laço entre representação e objeto é uma invenção do sujeito para poder se aproximar da realidade. A linguagem, portanto, é produto da razão e só pode existir onde há racionalidade.

A linguagem é, assim, um dos principais instrumentos na formação

em que damos nome a qualquer objeto da natureza, nós o individualizamos, o diferenciamos do resto que o cerca; ele passa a existir para a nossa consciência. Com esse

simples ato de nomear, distanciamo-nos da inteligência concreta animal, limitada ao aqui e agora, e entramos no mundo do simbólico. O nome é símbolo dos objetos

que

existem no mundo natural e das entidades abstratas que só têm existência no nosso pensamento (por exemplo, ações, estados ou qualidades como tristeza, beleza, liberdade).

O nome tem a capacidade de tornar presente para a nossa consciência

O nome, ou a palavra, retém na nossa memória, enquanto idéia, aq

numa noite de verão, o toque da mão da pessoa amada; o som da voz do pai; o rosto de um amigo querido. O simples pronunciar de uma palavra representa, isto é, torna

presente à nossa consciência o objeto a que ela se refere. Não precisamos mais da existência física das coisas:

criamos, através da linguagem, um mundo estável de idéias que nos permite lembrar o que já foi e projetar o que será. Assim é instaurada a temporalidade no existir

humano. Pela linguagem, o homem deixa de reagir somente ao presente, ao imediato; passa a poder pensar o passado e o futuro e, com isso, a construir o seu projeto

de vida.

Por transcender a situação concreta, o fluir contínuo da vida, o

mudanças mais lentas do que o mundo natural. Pelas palavras, podemos transmitir o conhecimento acumulado por uma pessoa ou sociedade. Podemos passar adiante esta

construção da razão que se chama cultura.

1. Estruturação da linguagem

Toda linguagem é um sistema de signos. O signo é uma coisa que e a mão pode estar no lugar de um cumprimento ou de um adeus; ele é signo dessas duas coisas. Os

números substituem as quantidades reais de objetos. Elefante está escrito aqui no lugar do animal.

Tipos de signo

Ora, se o signo está no lugar do objeto que ele representa, essa mantém com o objeto representado.

Se a relação é de semelhança, temos um signo do tipo ícone. Exemp onomatopaica (cocorocó, bem-te-vi etc.).

Se a relação é de causa e efeito, uma relação que afeta a existê signos de chuva (são causa da chuva); o chão molhado também pode ser signo de chuva (é efeito da chuva); a fumaça ou o cheiro de queimado são signos de fogo; os

sinais matemáticos +, -, x e * são signos das operações que devem ser efetuadas; a febre é signo de doença. Todos esses signos indicam, apontam para o objeto representado.

Se a relação é arbitrária, regida simplesmente por convenção, te citar outros exemplos de sítmbolos: a cor preta, nas culturas ocidentais, é simbolo de luto, pesar, enquanto o branco o é na China e no Japão; o branco é também

símbolo de pureza; o uso da aliança no dedo anular da mão esquerda simboliza a condição de casado. Esses signos são

aceitos pela sociedade como representação dos objetos luto, pureza e casamento e só se mantêm por convenção, hábito ou tradição.

2 p p Peirce, Sernüítica. p. 46.

Podemos ver, assim, que só o homem é capaz de estabelecer signos é simbólico.

Os outros animais são capazes de entender ícones e índices. O ca do dono numa roupa, num lugar. E o cheiro indica a presença do objeto (o dono) que ele procura. Ele reconhece, ainda, o tom de voz, as ações que indicam passeio, castigo ou a hora de comer.

Assim, o signo relaciona-se com o objeto de forma a dar origem e um segundo signo que explica o primeiro. Exemplificando: para explicar o signo casa a uma criança, podemos fazer o desenho:

(Gravura)

O desenho, nesse caso, é o segundo signo que explica o primeiro, a usar o exemplo "casa", poderíamos explicá-lo através da palavra lar. Este segundo signo (lar) explica o primeiro em sentido bastante específico de "minha casa

ou "lugar onde moro e considero meu refúgio". Essa explicação é diferente da oferecida pelo desenho, que se refere mais à arquitetura que à relação afetiva que mantemos

com o lugar onde moramos.

Elementos da linguagem

Precisamente por ser um sistema de signos, toda linguagem possui da língua portuguesa relaciona signos que pertencem a essa língua. A linguagem musical

tonal, para compor seu repertório, seleciona, dentre todos os sons possíveis, alguns, denominados dó, ré, mi. fá. sol, lá, si, acrescidos do sustenido ou do hemol (que são meios-tons).

Além do repertório, também é preciso que se estabeleçam as regras com os exemplos semânticos, não podemos combinar signos que tenham sentidos opostos:

subir/ descer, nascer/morrer *etc.* Não podemos dizer

"Ele subiu descendo as escadas, mas podemos dizer "Ele subiu correndo as escadas'.

Como último passo, a linguagem deve estabelecer as regras de uso signos. Em que ocasiões devemos empregar Vossa Senhoria? Quando e como usar a cor preta

como luto?

Só quando conhecemos o repertório de signos, as regras de combin

1. Tipos de linguagem

Apesar de, até este ponto, termos falado mais da linguagem verbal das linguagens matemáticas, linguagens de computador, passam pelas línguas diversas, pelas linguagens artísticas (arquitetônica, musical, pictórica, escultórica,

teatral, cinematográfica etc.) e chegam às linguagens gestuais, da moda, espaciais *etc.*

Será que todas essas linguagens se estruturam da mesma forma? Se

Logo à primeira vista, fica claro que algumas dessas linguagens

Tomando a moda como exemplo de linguagem flexível, percebemos que é alterado o seu repertório de signos. Há signos que caem em desuso, como, por exemplo, o corpinho (anterior ao sutiã), e há outros que são introduzidos a cada nova

estação, como o biquíni fio dental, surgido no verão de 86. Quanto às regras de combinação, elas também são variáveis. Hoje é moda combinar calças compridas e vestidos

ou túnicas retas, ou, ainda, blusas diferentes, umas sobre as outras. Isso era inadmissível há algum tempo. Em relação ao uso, podemos dizer o mesmo:

hoje, o jeans

tem entrada franca em festas e até em casamentos, que já exigiram roupas bastante formais.

Essa flexibilidade característica da linguagem da moda decorre da cristalização social. Ao contrário, ela é ditada por um pequeno grupo de costureiros, desenhistas e editores de moda que, por estarmos numa sociedade capitalista, incentivam mudanças que promovam maior consumo.

No outro pólo, podemos usar como exemplo as linguagens de computador. Cada uma dessas linguagens, seja Assembler, basic, Fortran ou Cobol, responderá dentro dos limites da sua linguagem. Assim, por exemplo, se ao digitar uma instrução como copy

("copie") errarmos na ortografia e escrevermos copi, o computador imediatamente parará, pois seu repertório não inclui esse signo.

As linguagens artísticas constituem um meio-termo. Se, por um lado,

campo e as possibilidades de cada linguagem até seu limite máximo. E é exatamente a essas explorações que devemos o desenvolvimento e a criação de novos estilos

e novas técnicas. Por exemplo, na exposição *A cor Como linguagem* (MASP, 1975), na qual estavam representadas várias tendências da pintura contemporânea que utilizam

a cor, e não o desenho, como linguagem específica da pintura, surpreendemo-nos ao deparar com uma tela totalmente branca. A primeira vista, parecia uma tela em branco,

antes de ser pintada. Prestando mais atenção, percebemos que ela havia sido pintada de branco. Desconcertados, nos perguntamos o que aquilo poderia significar dentro

daquela exposição.

O que significa o branco em termos de cor? Significa a impressão produzida nos órgãos visuais pelos raios da luz não-decomposta. O branco é anterior às outras

cores e contém a possibilidade de todas elas. A tela branca, portanto, dentro da proposta da cor como linguagem, significava, representava exatamente essa possibilidade

de todas as cores. No caso, o artista levou ao limite extremo a experimentação da cor como linguagem.

1. Linguagem, pensamento e cultura

Assim como existem diversos tipos de linguagem, existem

diversos tipos de pensamento. Há o pensamento concreto, que se forma a partir da percepção, ou seja, da representação de objetos reais, e é imediato, sensível e intuitivo; e o pensamento

abstrato, que estabelece relações (não-perceptíveis), que cria os conceitos e as noções gerais e abstratas, é mediato (precisa da mediação da linguagem) e racional.

Por exemplo, quando percebemos algumas laranjas sobre a fruteira portanto, é concreta, sensível (as laranjas estão ali), imediata (dispensa raciocínio) é individual (é daquelas laranjas).

Já quando o matemático soma $4 + 4$, ele está lidando com uma noção de laranjas, abacates, meninos *etc.* que representamos abstratamente pelos numeros, que são construção da nossa razão (ver Capítulo

10 - Teoria do conhecimento).

Para cada tipo de pensamento há um tipo de linguagem adequado. v

Para o pensamento abstrato e conceitual, que se afasta do sensível signos simbólicos que, como já dissemos, nos permite transcender o dado vivido e construir um mundo de idéias.

Ora, cada língua possui uma estruturação própria em nível de rep de modo diferente de outra, pois estabelece repertório e regras diferentes.

Exemplo clássico é a língua esquimó, que tem seis nomes diferentes neve. Outras

alternativas não são previstas na língua portuguesa. O importante, entretanto, não é o fato de uma língua ter maior número de palavras para

"recortar" a realidade, mas saber que a existência dessas palavras leva à percepção da realidade

de modo diferente. O esquimó percebe os diferentes estados da neve, e nós percebemos somente

se há neve ou não.

À linguagem elege determinadas partes da realidade para nomear. Nesse sentido, ela "recorta" a realidade.

Assim, podemos dizer que a estruturação da língua influencia a p

Por outro lado, outros tipos de linguagem, em especial as lingua

Estética, quando tratarmos da arte como forma de pensamento e conhecimento. O pintor, por exemplo, está mais ligado ao mundo visual das cores e formas do que ao

mundo abstrato dos conceitos. Podemos adiantar que, na medida em que as linguagens artísticas são mais flexíveis que as línguas, elas necessariamente se estruturam

e se reestruturam em função de projetos específicos. Quando a pintura tinha por função retratar ou imitar a realidade, vimos surgir a linguagem do figurativismo

realista, que utiliza recursos variados, como a

perspectiva, para criar a ilusão de profundidade. Quando a máquina fotográfica foi inventada e passou a dar conta dessa retratação da realidade de forma mais eficiente

e rápida, a pintura precisou encontrar outra função e, conseqüentemente, outra linguagem.

A. Schaff. Linguagem e conhecimento, p. 252.

Além do pensamento, a linguagem também mantém estreita relação c

pensamento do homem sob a forma de ciência, técnicas e artes, elas também sofrem a influência das modificações culturais. Nas línguas há modificações de repertório

e semânticas a partir das novas descobertas e do desenvolvimento da técnica. Nas artes, as reestruturações da linguagem respondem a mudanças de valores, de anseios

e de buscas no seio da cultura de cada sociedade.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto base.

2. Como se caracterizam as linguagens do ponto de vista d
3. Qual a relação entre pensamento e linguagem?
4. Qual a relação entre linguagem e cultura?
5. Explique a seguinte frase de Gusdorf: "A linguagem for

1. Discuta a seguinte idéia: "A linguagem não cria o mundo; objetivamente o mundo já lá está. A virtude da linguagem, todavia, é a de constituir, a partir de sensações incoerentes, um universo a medida da humanidade". (Gusdorf)

7. A partir da leitura do texto base e do texto complement expressar. com inteira justeza, senão a sua própria cultura, e que ela falha, lamentavelmente, quando pretende traduzir a língua (e a cultura nela implícita) de uma outra sociedade".

Depois de ler o texto complementar II "Nascimento de uma linguag" atenda ao solicitado nas questões 8 e 9:

8. Pense nos filmes a que você assiste, mesmo os seriados
9. Um documentário conta uma história? Quais as diferença

Sugestões para pesquisa e seminário

- a) Faça uma pesquisa sobre a linguagem das telenovelas br
- b) Compare a linguagem de dois veículos de comunicação (jornais, revistas, tevê, rádio etc.) e mostre como recortam a realidade de modos diversos, inclusive

em função da linguagem própria de cada um. Complete essa discussão

relacionando-a com o conceito de ideologia.

Textos complementares

1

As línguas naturais e a cultura

Se, em face do resto da cultura, "uma língua é o seu resultado o
súmula; o meio para ela operar; a condição para ela subsistir" (Mattoso Câmara,
1969, 22),

cada língua natural é um microcosmo do macrocosmo que é o total da cultura
dessa sociedade. Nos termos de Benjamim L. Whorf, cada língua "recorta a
realidade" de

um

modo particular. A "tese de Whorf", como é conhecida, contraria a impressão
ingênua de que as línguas seriam meras variações de expressões que remeteriam
a significados

- universalmente válidos e estáveis (Peterfalvi, 1970. 98). Assim, as línguas
naturais não são um decalque nem uma rotulação da realidade; elas
delimitam aspectos

de experiências vividas por cada povo, e

estas experiências, como as línguas, não coincidem, necessariamente, de uma
região para outra.

O indivíduo que guia um automóvel é chamado, em francês,
isto significa que os franceses associam tal indivíduo com a sua atividade de
aquecer o motor para pôr a máquina em movimento; os espanhóis e ingleses o
associam

com o ato de dirigir o carro, enquanto que nós, falantes do português, o
associamos diretamente com o motor do veículo. Trata-se de uma mesma
atividade, mas a análise

que cada língua pratica nessa realidade resulta na apreensão de um aspecto particular de uma série de operações, e esse aspecto focalizado difere de uma para outra

comunidade de falantes.

(Edward Lopes, Fundamentos da lingüística contemporânea, p. 21.)

II

O nascimento de uma linguagem

Esses caçadores de imagens colocavam suas câmaras fixas num determinado lugar e "registravam o que estava na frente. Também quando teve início a ficção,

a câmara ficava fixa e registrava a cena. Acabada a cena, seguia-se outra. O filme era uma sucessão de "quadros", entrecortados por letreiros que apresentavam diálogos

e davam outras informações que a tosca linguagem cinematográfica não conseguia fornecer. A relação entre a

tela e o espectador era a mesma que no teatro. A câmara

filmava uma cena como se ela estivesse ocupando uma poltrona na platéia de um teatro. Aos poucos, a linguagem cinematográfica foi-se construindo e é provavelmente

aos cineastas americanos que se deve a maior contribuição para a formação desta linguagem cujas bases foram lançadas até mais ou menos 1915. Uma linguagem, evidentemente,

não se desenvolve em abstrato, mas em função de um projeto. O projeto, mesmo que implícito, era contar histórias. O cinema tornava-se como que o herdeiro do folhetim

do século XIX, que abastecia amplas camadas de leitores, e estava se preparando para se tornar o grande contador de histórias da primeira metade do século XX. A linguagem

desenvolveu-se, portanto, para tornar o cinema apto a contar estórias; outras opções teriam sido possíveis, que o cinema desenvolvesse uma linguagem científica ou

ensaística, mas foi a linguagem da ficção que predominou.

Os passos fundamentais para a elaboração dessa linguagem foram a
Inicialmente o cinema só conseguia

dizer: acontece isto (primeiro quadro), e depois: acontece aquilo (segundo quadro), e assim por diante. Um salto qualitativo é dado quando o cinema deixa de relatar

cenas que se sucedem no tempo e consegue dizer "enquanto isso". por exemplo, uma perseguição: vêem-se alternadamente o perseguidor e o perseguido; sabemos que,

enquanto

vemos o perseguido, o perseguidor que não vemos continua a correr, e viceversa.

Óbvio, para hoje. Na época, a elaboração de uma estrutura narrativa como esta era

uma conquista nada óbvia. Num dos primeiros filmes de Méliès, vemos uma estrada, uma casa, um carro; o carro se

desgoverna e atravessa a parede da casa. No quadro

seguinte, vemos uma sala de jantar, uma família almoçando tranqüilamente; de repente, o carro irrompe na sala pela parede.

É o mesmo acidente que já tínhamos visto

de fora no quadro anterior algum tempo antes. Como se o filme tivesse recuado no tempo. Hoje, organizar-se-ia a narração colocando o exterior: a estrada, a casa,

o carro andando; o interior: a família almoçando; voltar-se-ia ao exterior: o início do acidente, o carro entra na parede;

ao interior: fim do acidente, o carro acaba

de entrar na sala. De forma a ter um acidente que ocorra num momento único, visto de fora e de dentro. Mas foi necessário criar esta linguagem aos poucos.

(Jean Claude Bernardet, O que é cinema, São Paulo. Brasiliense, 1983, p.32-34,)

CAPÍTULO 5

IDEOLOGIA

(Gravura)

(Glauco, Abobrinhas da Brasilândia, São Paulo, Circo Editorial, 1985.)

PRIMEIRA PARTE - O que é ideologia?

1. Senso comum e bom senso

Chamamos senso comum ao conhecimento adquirido por tradição, her resultados da experiência vivida na coletividade

a que pertencemos. Trata-se de um conjunto de idéias que nos permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que nos ajuda a avaliar, julgar e portanto

agir.

Como examinaremos no Capítulo II (O conhecimento científico), o É um conhecimento

ingênuo (não-crítico), fragmentário (porque difuso, assistemático e muitas vezes sujeito a incoerências)

é conservador (resiste às mudanças).

Com isso não queremos desmerecer a forma de pensar do homem comum a uma abordagem crítica e coerente, características estas que não precisam ser necessariamente atributos de formas mais requintadas de conhecer, tais como a ciência

ou a filosofia. Em outras palavras, o senso comum precisa ser transformado em bom senso, este entendido como a elaboração coerente do saber e como explicitação das

intenções conscientes dos indivíduos livres. Segundo o filósofo Gramsci, o bom senso é "o núcleo sadio do senso

comum".

Qualquer pessoa, não sendo vítima de doutrinação e dominação, e de juízos sábios

porque vitais, isto é, orientados para sua humanização.

Geralmente os obstáculos à passagem do senso comum ao bom senso sociedades não-democráticas as informações não circulam igualmente em todas as camadas sociais e nem todos têm igual possibilidade de consumir e produzir cultura.

No Brasil, por exemplo, um terço das crianças em idade escolar estão excluídas da educação, isso sem falar da pirâmide educacional segundo a qual os que têm acesso

a escola abandonam o estudo no decorrer do processo, sendo mínima a porcentagem dos que atingem os níveis superiores de escolarização.

Não é só isso. Mesmo aqueles que frequentam escolas submetem-se enquanto outros recebem apenas preparação técnica, mantendo-se a dicotomia trabalho intelectual/trabalho manual. Com isso é garantida a dominação daqueles que são

obrigados a, se ocupar apenas com o fazer (ver Capítulo 2 - Trabalho e alienação).

A superação de tal estado de coisas decorre não só da democratiz versus formação

técnica) como também depende da conquista de espaços possíveis de atuação nos sindicatos e nas organizações representativas dos mais diversos tipos.

No entanto, não são apenas os trabalhadores manuais que não têm especialistas de qualquer área, inclusive cientistas, podem estar restritos a formas fragmentárias do senso comum quando se acham presos a preconceitos, a concepções

rígidas, quando sucumbem à ação massificante dos meios de comunicação de massa.

Outras vezes, renunciemos ao exercício do bom senso quando nos s
a timidez de decisão dos pais que, ao educarem os filhos, delegam poderes a psicólogos, pedagogos, pediatras. Não pretendemos, ao dizer isso, desvalorizar a contribuição

tão importante da ciência, muito ao contrário! Apenas ressaltamos que o homem leigo não precisa permanecer passivo diante do saber do técnico, demitindo-se das ações

que ele próprio poderia exercer. Ele tem o direito de informar-se ativamente a respeito do tratamento a que se acha submetido e dos seus efeitos. Em última análise,

convém desmistificar a tendência de cultuar as pessoas "estudadas" em detrimento do homem "sem letras" ou simplesmente nãoespecialista.

Qualquer homem, se não foi ferido em sua liberdade e dignidade, elaborar criticamente o próprio pensamento e de analisar adequadamente a situação em que vive.

É nesse estágio que o bom senso se aproxima da filosofia, da filosofia de vida, como a entendemos no Capítulo 8 (O que é filosofia?).

Podemos perceber que não é automática a passagem do senso comum em sentido restrito, que abordaremos no item 3 deste capítulo.

1. Ideologia: sentido amplo

Há vários sentidos para a palavra ideologia. Em sentido amplo, é perguntamos qual é a ideologia de determinado pensador, estamos nos referindo à doutrina, ao corpo sistemático de idéias e ao seu posicionamento interpretativo diante

de certos fatos. E nesse sentido que falamos em ideologia liberal ou ideologia

marxista.

Ainda podemos nos referir à ideologia enquanto teoria, no sentido portanto a ideologia de uma escola, que orienta a prática pedagógica; a ideologia religiosa, que dá regras de conduta aos fiéis; a ideologia de um partido político, que estabelece determinada concepção de poder e fornece diretrizes

de ação a seus filiados. Já ouvimos a expressão "atestado ideológico", que é a declaração exigida sobre a filiação

partidária de alguém. No Brasil, durante o recrudescimento do poder autoritário, órgãos como o Deops (Departamento Estadual de Ordem Política e Social) exigiam em

certas circunstâncias que as pessoas apresentassem atestados desse tipo, a fim de controlar a adesão às ideologias marxistas, consideradas perigosas à segurança nacional.

1. Ideologia: sentido restrito

O conceito de ideologia tem outros sentidos mais específicos, e como Destutt de Tracy, Comte, Durkheim, Weber, Mannheim.

A. Gramsci, Conceção dialética da história, p. 16.

Mas é sobretudo com Marx que a explicitação do conceito enriquece explicar a realidade e dar regras de ação, é preciso considerar também as formas de conhecimento ilusório que levam ao

massacre dos conflitos sociais. Segundo

a concepção marxista, a ideologia adquire um sentido negativo, como instrumento de dominação.

Isso significa que a ideologia tem influência marcante nos jogos que plasman a maneira de pensar e de agir dos

indivíduos na sociedade. A ideologia seria de tal forma insidiosa que até aqueles em nome de quem ela é exercida não lhe perceberiam o caráter ilusório.

A concepção de Gramsci

Vale considerar um reparo feito pelo marxista italiano Gramsci (arbitrárias. As primeiras são historicamente necessárias porque "organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência

de sua posição, lutam etc.". Segundo Gramsci, pode-se dar ao conceito de ideologia "o significado mais alto de uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente

na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas"" e que tem por função conservar a unidade de todo o bloco

social.

Portanto, Gramsci considera que em um primeiro momento, enquanto mundo, a ideologia tem a função positiva de atuar como cimento da estrutura social. Quando incorporada ao que chamamos senso comum, ela ajudará a estabelecer o consenso, o que em última análise confere hegemonia a uma determinada classe, que passará a ser dominante.

Evitando a concepção mecanicista, Gramsci não considera que os elementos de bom senso e de instinto de classe que aos poucos formarão por sua vez a ideologia dos dominados. Daí a necessidade da formação de intelectuais surgidos da própria classe subalterna e capazes de organizar coerentemente a concepção de mundo dos dominados.

Conceituação de ideologia

Vejamos a definição dada pela professora Marilena Chaui: "a ideologia é um conjunto de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar,

o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos)

de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais,

políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função

da ideologia é a de apagar as diferenças, como as de classes, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais

identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade. a Nação, ou o Estado".²

Observamos então que a ideologia é apresentada como tendo fundar

- constitui um corpo sistemático de representações que nos "ensinam" normas que nos "ensinam" a agir;

- tem como função assegurar determinada relação dos homens pela sociedade;

- para tanto, as diferenças de classe e os conflitos sociais são camuflados, ora com a descrição da "sociedade uma e harmônica", ora com a justificação

das diferenças existentes;

- com isso é assegurada a coesão dos homens e a aceitação mais penosas e pouco recompensadoras, em nome da "vontade de Deus" ou do "dever moral" ou simplesmente como decorrente da "ordem natural das coisas";

em última instância, tem a função de manter a dominação de uma c

É interessante observar que a ideologia não é concebida como uma

Também os que se beneficiam dos privilégios sofrem a influência da ideologia, o que lhes permite exercer como natural sua dominação, aceitando como universais os

valores específicos de sua classe.

Portanto, a ideologia se caracteriza pela naturalização, na medida em que portanto são históricos e não naturais: por exemplo, dizer que a divisão da sociedade em ricos e pobres faz parte da natureza; ou que é natural que uns mandem

e outros obedeçam.

Outra característica da ideologia é a universalização, pela qual o patrão, o "operário-padrão" avaliza os valores que o mantêm subordinado e que certamente seriam descartados por aqueles que já adquiriram consciência de classe.

É assim que a empregada doméstica "boazinha" não discute salário e não implica se trabalha além do horário. Também os missionários que acompanhavam os colonizadores

às terras conquistadas certamente não percebiam o caráter ideológico da sua ação ao querer implantar uma religião e uma moral estranhas às do povo dominado.

A universalidade das idéias e dos valores é resultado de uma abstração social. Por exemplo, quando nos referimos à "sociedade una e harmônica",

lidamos com uma abstração, porque, ao analisarmos concretamente os homens nas suas

relações

sociais, descobrimos a divisão de classe e os interesses divergentes.

Portanto, a universalização e a abstração supõem uma lacuna ou o
alguma coisa que não pode ser explicitada sob

pena de desmascaramento da ideologia. Por

isso a ideologia é ilusória, não no sentido de "falsa" ou "errada", mas

enquanto uma aparência que oculta a maneira pela qual a realidade social foi produzida. Isto é, sob o cer da ideologia existe a realidade

concreta que precisa

ser descoberta pela análise da gênese do processo. Vejamos outros exemplos:

2 M. Chaui, O que é ideologia. p. 113.

Quando dizemos que "o trabalho "dignifica o homem", estamos diante de uma
afirmação difícil de ser contestada: como vimos no capítulo 1 (A cultura), o
homem se

distingue do animal pelo trabalho, com o qual humaniza a natureza e a si mesmo.
No entanto

torna-se um conceito ideológico quando se trata de uma abstração, ou seja, toda
vez que

considerarmos

apenas a idéia de trabalho, independentemente da análise da situação

concreta e particular da realidade histórico-social em que os operários

realizam seu trabalho. Nesse caso, o que descobrimos é exatamente contrário: o embrutecimento e a reificação ("coisificação") do homem, e não a valorização da sua dignidade.

Ao afirmarmos que "o salário paga o trabalho do operário", estamos pois, analisando a gênese do trabalho assalariado, descobrimos a mais-valia e, portanto, o artifício do qual deriva a exploração do trabalhador, que produz a sua alienação e oculta a diferença de condição de vida das pessoas na comunidade.

A afirmação "a educação é um direito de todos" é verdadeira e at se torna abstrata e lacunar, ao apresentar como universal um valor que beneficia apenas uma classe.

Isso é confirmado pelas estatísticas que mostram a evasão e o abandono. Mesmo que sejam dadas "explicações", em função das dificuldades de adaptação, do mercado de trabalho e até do desinteresse ou preguiça dos alunos, o que se

oculta é que na sociedade de classes há uma contradição entre os que produzem a riqueza material e cultural com seu trabalho e os que usufruem essas riquezas, excluindo

deles os produtores. Assim, a educação é um dos bens a serem usufruídos pelos componentes da classe dominante. Portanto, a educação aparece como um direito de todos,

mas, analisando a gênese da produção e usufruto dos bens, descobre-se que de fato a educação está restrita a uma classe.

(Ciça, O Pato, Rio de Janeiro, Codecr 1978, Col. Humor, V. 1.)

Além disso, a ideologia mostra uma realidade invertida, ou seja, o que seria a origem da realidade é posto como produto e viceversa; o que é

efeito passa

a ser considerado causa, o que é determinado é tido como determinante. Por exemplo, a ideologia burguesa afirma que existe desigualdade social porque existem diferenças

individuais (a desigualdade natural seria a causa da desigualdade social). Ora, a sociedade é na verdade resultado da práxis. e as desigualdades sociais estabelecidas

pela divisão social do trabalho e pelas relações de produção é que são causas das desigualdades individuais.

Com isso não desconsideramos as diferenças que de fato existem e níveis de interesse, aptidão, inteligência. Mas, grosso modo, na

ideologia a atividade a que cada um se submete aparece como decorrente da competência e não como resultado da divisão de classes.

Assim, se o filho de um operário não melhora o padrão de vida, i de trabalho. quando na realidade ele joga um "jogo de car

tas marcadas", e suas chances de melhorar não dependem dele, mas da classe que detém os meios de produção.

Outra inversão própria da ideologia é a maneira pela qual são es porque a antecede e "ilumina". As idéias tornam-se autônomas e são consideradas causa da ação humana (e não o contrário).

A divisão hierárquica entre o pensar e o agir se encontra também ao trabalho manual. Sob esse esquema, uma classe "sabe pensar", enquanto a outra "não sabe pensar" e

só executa. Portanto, uma decide, porque sabe, e a outra apenas obedece.

1. O discurso não-ideológico

A ação e o pensamento humanos nunca se acham totalmente determinados pelo discurso contra-ideológico.

Não é simples, no entanto, o trabalho de desvelamento do real, pela mídia de comunicação de massa, nos hospitais psiquiátricos, nas prisões, nas indústrias, impedindo de todas as formas a flexibilidade entre o pensar e o agir, determinando

a repetição de fórmulas prontas e acabadas. Por outro lado, é exatamente nesses mesmos espaços em que é veiculada a ideologia que se inicia o processo de conscientização.

O que distingue o discurso ideológico do não-ideológico, que pode ser a teoria?

Se o discurso ideológico é abstrato e lacunar, faz uma análise imediata. O discurso não-ideológico é aquele que visa

o preenchimento das lacunas pela procura da gênese do processo. Isto não significa que se deva contrapor ao discurso lacunar um discurso "pleno", mas sim a elaboração

da crítica, do contradiscurso que revele a contradição interna do discurso ideológico e que o faça explodir.

É esse justamente o papel da teoria, que está encarregada de desvelar a realidade, enquanto a ideologia visa exatamente o contrário, ou seja, a dissimulação dessa diferença ou a justificação dela.

Além disso, a teoria estabelece uma relação dialética com a prática ideológica. Explicando melhor: a práxis é justamente a relação indissolúvel teoria-prática, de modo que não há agir humano que não tenha sido antecedido por um projeto,

da mesma forma que a teoria não é algo que se produza independentemente da prática, pois seu fundamento é a própria prática. Nós conhecemos as coisas na medida em

que as produzimos, daí toda teoria se tornar lacunar (e portanto ideológica), sem o "vaivém" entre o fato e o pensado.

Ora, o saber que resulta do trabalho é um saber instituinte e, n o saber ideológico é o saber instituído, esclerosado, morto.

Por isso, é importante o papel da filosofia como crítica da ideo

Ainda neste capítulo, examinaremos a ideologia subjacente aos te 1º grau, às histórias em quadrinhos e à propaganda. Por questão de espaço,

não trataremos das importantes reflexões de Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo, cujos estudos desvendam o caráter ideológico do sistema carcerário e

dos hospícios. Na História da loucura, Foucault critica a moderna concepção de loucura, analisando como ela foi construída"apartirdoséculoXVII. São também importantes

os trabalhos teóricos e práticos de psiquiatras como o italiano Basaglia e os ingleses Laing e Cooper, com as propostas da

anti-psiquiatria.³

Tais discussões controvertidas têm sido sujeitas a um debate fer

**

Mais informações poderão ser encontradas na pequena introdução f

Exercícios

1. Releia a definição de ideologia segundo Marilena Chaui
2. Em que sentido a teoria se distingue da ideologia? Com
3. Explique por que o conteúdo das frases a seguir é ideo

abstração). Justifique sua resposta.

- a) O Estado é uma instituição que está a serviço de todos
- b) Isto é legal, portanto justo e legítimo.
- c) A sociedade burguesa é formada por três tipos diferentes

da renda da terra); e o trabalhador (proprietário do salário). Se todos são proprietários, embora de coisas diferentes, então todos os homens dessa sociedade são

iguais e possuem direitos iguais.

4. Analise o aspecto ideológico da seguinte afirmação: "A
pode-se observar que geralmente as pessoas são pobres por serem
incompetentes, preguiçosas ou pouco esforçadas".

5. Os provérbios têm um valor positivo enquanto expressam da sab
Justifique isso comentando os seguintes:

"Em boca fechada não entra mosca.

"Feliz é quem só quer o que pode e só faz o que quer.

"A quem nada deseja nada falta."

"De grão em grão a galinha enche o papo."

"Cada um por si, Deus por todos."

"Cada macaco no seu galho."

6. Bertolt Brecht, dramaturgo e poeta marxista, faz no poema a s
"Nós vos pedimos com insistência:

Nunca digam - Isso é natural!

Diante dos acontecimentos de cada dia,

Numa época em que reina a confusão,

Em que corre o sangue,

Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza...
Não digam nunca: Isso é natural!
A fim de que nada passe por ser imutável."

SEGUNDA PARTE - A ideologia na escola

1. As teorias reprodutivistas

Desde o final do século passado e na primeira metade do século > de que a educação teria uma função democratizadora, ou seja, a escola seria um fator de mobilidade social.

Ao contrário das expectativas, porém, foram constatadas altas ta os índices fossem mais perversos nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, essa distorção acontecia também em outras regiões do mundo.

Tendo em vista tais constatações, na década de 70 desenvolveu-se fizessem interpretações diferentes, chegavam a conclusões semelhantes entre si, ao admitirem que a escola não é equalizadora, mas reprodutora das diferenças sociais.

Segundo Althusser, o Estado tem um aparelho repressivo (exército se utiliza de outras instituições pertencentes à sociedade civil (como a família, a escola, a igreja, os meios de comunicação, os sindicatos, os partidos etc.) a fim de estabelecer o consenso pela ideologia, e que por isso são chamados aparelhos ideológicos de Estado.

Bourdieu e Passeron desenvolvem o conceito de violência simbólica mediante forças simbólicas, ou seja, pela doutrinação que força as pessoas a pensarem e a agirem de determinada forma, sem perceberem que legitimam com isso a ordem vigente.

Baudelot e Estabiet denunciam a impossibilidade de existir uma "

- uma secundária superior, outra primária profissional
- que se destinam respectivamente aos filhos da elite e aos dos proletários. A separação é feita de tal forma que desde o começo os filhos dos proletários estão

destinados a não atingir os níveis superiores de escolarização.

Além disso, o próprio funcionamento da escola repete a estrutura

E, mais ainda, acentuando a dicotomia entre teoria e prática, a escola não só desvaloriza o trabalho manual, privilegiando o trabalho intelectual, como também torna

a própria teoria estéril, já que distanciada da prática, verbalizada, freqüentemente simples erudição inútil.

Portanto, para esses teóricos a escola não democratiza, mas, ao mais tarde outros se contrapuseram a essa visão pessimista demais.

1. Os textos didáticos

Os problemas descritos são complexos e mereceriam análise mais p
no momento, é analisar como o texto didático veicula certos valores que visam adequar o indivíduo

à sociedade, integrando-o na ordem estabelecida. Embora o caráter

ideológico também exista na literatura infanto-juvenil e em livros de

2º grau, sobretudo nos de moral e cívica, história e geografia, vamos nos deter na análise

de textos didáticos de 1º grau.

Analisando os fragmentos transcritos nos textos complementares deformadora.

A concepção de trabalho iguala em plano imaginário todos os tipos

Esses textos mostram a sociedade como uma e harmônica, cada pessoa cumprindo o seu papel como se fosse um

destino

a que não se pode fugir e ao qual se deve conformar (alegremente, de preferência...). A impressão que se tem é que a riqueza e a pobreza fazem parte da natureza

das coisas, e não são resultado da ação dos homens. Resta aos pobres a paciência e aos ricos a generosidade.

Também a família é apresentada sem conflitos, com papéis bem marcados e obediente e, caso não seja, isso é mostrado como um desvio que precisa ser corrigido; a empregada, geralmente negra, é feliz por ser "quase" alguém da família. Simula um mundo sem preconceito em que as raças se irmanam...

A pátria merece páginas de ufanismo, retratando um país ilusório a fome, as doenças, o analfabetismo, o racismo, nada disso transparece, sendo de fato ocultado.

Outros tópicos ficam por sua conta investigar: o que é dito sobre

o que podemos pensar a respeito dessa escamoteação da realidade e a realidade: camufla a desigualdade até quando a reconhece (o pedreiro é pobre, mas é importante para a grandeza da nação); mascara a divisão e não desvela a injustiça

social; dá uma visão estática e imobilista da família, da escola e do mundo, acentua estereótipos. Em outras palavras, impede a tomada de consciência dos conflitos

e contradições da sociedade, criando, ao contrário, predisposição ao conformismo e à passividade.

Esses textos didáticos têm, portanto, uma função ideológica.

Talvez alguns argumentem que não vale a pena mostrar erros e mis-
e sob certos aspectos hipócrita, pois sabemos que as crianças têm intuição para
perceber as contradições de seus pais e professores, e escondê-las seria instituir
na educação o jogo perverso da dissimulação. Além disso, os bons autores, ao
lado da transmissão dos valores humanos considerados importantes para a sua
formação,
saberão mostrar-lhes, com sutileza, os riscos e perigos dos desvios para onde se
envereda muitas vezes a humanidade.

1. Onde está a saída?

Pela análise de textos didáticos concluiríamos que a escola tem
passível da ação da ideologia.

No entanto, tal colocação é redutora demais e não dialética. É p
educativa não é neutra, mas se acha vinculada a uma sociedade, às relações de
produção, ao sistema político. No entanto, ao mesmo tempo, não
se justifica permanecer inativo enquanto não houver a esperada transformação da
sociedade.

Para o filósofo e educador francês Georges Snyders, que faz a cr
da realidade social, também não deve ser considerado brinquete passivo de
mistificação. Sempre haverá na escola a possibilidade de professores e alunos
inventarem práticas
que se tornem críticas da inculcação ideológica.

A escola é um espaço possível de luta, de denúncia da domesticaç
e seletividade e de procura de soluções, ainda que precárias e
parciais.

Exercícios

1. Qual foi a grande ilusão da escola nova?
2. Qual foi a importância das teorias critico-reprodutivistas? Q
3. Analise cada um dos fragmentos dos textos didáticos de

Iº grau que transcrevemos neste capítulo e interprete a ideologia subjacente a eles.

4. Leia com atenção os dois textos a seguir, retirados de diferentes do ponto de vista ideológico:

a) O livro O peixinho arteiro conta a história de um peixe e à professora, é pescado e se salva porque o pescador tropeça deixando os peixes caírem do cesto para a água de novo.

"Eu, convidar você para fugir?! - o Lambari riu, apesar de senti atenção às aulas de Dona Piranha, saberíamos que nadar perto de cachoeira é perigoso, por causa da correnteza, das pedras...

- E saberíamos também - completou o Peixinho - o que é an continuarei sendo seu amigo. Do contrário, não.

- Pode ficar descansado. Nunca mais serei arteiro. Agora, Dona Piranha, contando tudo o que nos aconteceu.

- Boa idéia - fez o Peixinho todo animado. Então, até ama
- Até amanhã - disse o Lambari, nadando para sua casa.

E o Peixinho nunca mais foi arteiro. Ao contrário, passou a ouvir exemplar no Colégio."

(Oranice Franco)

- b) Era uma vez um menino maluquinho. *Ele tinha o olho ma*

davam para abraçar o mundo)! e macaquinhos no sótão (embora nem soubesse o que significava macaquinho no sótão). / Ele era um menino impossível! / Ele era muito

sabido! ele sabia de tudo / a única coisa que ele não sabia / era como ficar quieto/ seu canto seu riso! seu som *nunca estavam onde ele estava*. Se quebrava um vaso aqui / logo já estava lá (...)

E aí, o tempo passou./ E, como todo mundo,/ o menino maluquinho / e virou um cara legal!/ Aliás,/ virou o cara mais legal/ do mundo!!

Mas, um cara legal, mesmo!/ E foi aí que *todo mundo descobriu* que

ele/ não tinha sido/ um/ menino/ maluquinho/ ele tinha sido era um menino feliz!"

(Ziraldo. O menino maluquinho)

5. Leia o texto complementar de Destutt de Tracy e faça o

a) Analise o texto usando os conceitos aprendidos no item 0 que dicotomias, a lacuna, a inversão.

b) Releia o poema de Brecht (na relação de exercícios do e o texto de Destutt de Tracy.

Textos complementares

Textos didáticos de 1º grau

"Mãe (...) É acolhedora, tranqüila, segura, presa firmemente ao desanimada, ela nos reconforta."

Lúcia trabalha comigo há vinte anos, Faz parte da família (...). Lúcia sabe que vovó Lica e

todos gostam dela. Por isso, Lúcia é uma preta feliz.

"Este Brasil que eu amo

Brasil enfeitado de verde-amarelo, *no campo, no mato, no rio,*
na montanha. *Brasil namorado chamando outras raças* para amar e criar a
raça mais linda de todo este mundo."

"Ordem e Progresso

O brinco na orelha *As frutas na fruteira* No braço, a pulseira
É preciso colocar."

"Era uma vez um marceneiro que trabalhava desde manhã até à noite

"História de duas camponesas que voltam para casa com a cesta cheia
contente, apesar do duro serviço. Ela responde que colocou na cesta uma planta
que a ajuda a não sentir o cansaço: (...) Pois bem, a planta milagrosa que
deveríamos

sempre ter conosco, para sentir menos cansaço, para suportar as penas, para
trabalhar calmamente é., é... a paciência!"

"O operário mostra suas mãos cheias de calos: durante toda a vida
pesadas. Diz o senhor: Que beleza! Assim
são as mãos dos santos,"

"Piero vai visitar o avô na fundição... /O avô diz para o
netinho: / - Eu também. Piero, entrei por curiosidade na fundição quando era
menino. E me pareceu

tudo tão bonito, que aqui fiquei... É belo amar o trabalho que a gente faz. Estou
velho e ao bom Deus só peço uma coisa: quero ficar aqui, na fundição, até o
último

dia dos meus dias. E vovô levantou os olhos para o céu, em direção às estrelas."

"A poupança é aquela coisa, caro amigo, que, colocando o dinheiro está cheio, você está uma, duas, três vezes rico, rico, rico como um rei."

"O camponês sempre espera, e a esperança é a parte melhor e mais

"Debaixo de sol ou chuva/o papai vai trabalhar *para dar todo co*
Papai trabalha para sustentar a casa e mamãe trata do lar, do ma

"Na cozinha, a mulher do seu Messias estava fritando bolinhos pa
outras mulheres já estavam depenando frangos e galinhas. A Lúcia ficou com a
vovó e a Dona Elza
pra ajudar na cozinha."

(Extraídos de Maria de Lourdes Nosella, *As belas mentiras*, e Umberto Eco,
Mentiras que parecem verdade.)

II

[Dois sistemas de instrução]

Em toda sociedade civilizada existem necessariamente duas classes de pessoas: a
que tira sua

subsistência da força de seus braços e a que vive da renda de suas propriedades

ou do produto de funções onde o trabalho do espírito prepondera sobre o
trabalho manual. A primeira é a classe

operária; a segunda é aquela que eu chamaria a classe erudita.

Os homens da classe operária têm desde cedo necessidade do trabalho de seus filhos. Estas

crianças precisam adquirir desde cedo o conhecimento e sobretudo o hábito e a tradição do trabalho

penoso a que se destinam. Não podem, portanto, perder tempo nas escolas.

(...).

Os filhos da classe erudita, ao contrário, podem dedicar-se a es
muita coisa a aprender para alcançar o que se espera deles no

futuro. Necessitam de um certo tipo de conhecimentos que só se pode apreender quando o espírito amadurece e atinge determinado grau de

desenvolvimento. (..)..

Esses são fatos que não dependem de qualquer vontade humana; de
própria natureza dos homens e da sociedade: ninguém está em condições de
poder mudá-los.

Portanto, trata-se de dados invariáveis dos quais devemos partir.

Concluamos, então, que em todo Estado bem administrado e no qual
educação dos cidadãos, deve haver dois sistemas completos de instrução que não
têm nada em comum entre Si

(Destuttde Tracy. 1802)

TERCEIRA PARTE - A ideologia nas histórias em quadrinhos

(Gravuras)

(Disney Especial, n. 6, Os aventureiros, edição especial de Pato Donald,

n. 1556, ago. 1981, São Paulo Abril, p. 173.)

(Pato Donald de Ouro, n. 1, edição especial de Mickey, n. 328, fev. 1980, São Paulo, Abril, p. 7.)

(Disney Especial, n. 59, Os vizinhos encenqueiros, edição especial de Pato Donald, n. 1558, set. 1981, São

Paulo, Abril, p. 190.)

(Pato Donald de Ouro, n. 1, edição especial de Mickey, n. 3
1980, São Paulo, Abril, p. 75.)

(SuperHomem, n. 72, 1985, A destruição de Metrópolis, São Paul

1. Introdução

Os quadrinhos são um fenómeno característico da cultura de massa diárias dos jornais.

Escolhemos desenvolver a análise da história em quadrinhos a par uma das abordagens possíveis, pois os quadrinhos são uma expressão complexa da produção contemporânea. Além da função de entretenimento e lazer, têm também a função

mítica e tabuladora característica das obras de ficção e ainda preenchem funções estéticas, pois se trata de uma nova linguagem artística.

A abordagem que vamos fazer é a que parte da reflexão acerca da à alienação, tanto pode levar ao conhecimento como à escamoteação da realidade, tanto é criativa como também paralisadora.

Portanto, sem querer tomar partido na discussão (classicamente p em discutir se a cultura de massa aliena ou não. Vamos partir do pressuposto de que os quadrinhos são capazes tanto de alienar como de conscientizar. Começamos pelo

pior.

**(nota)

1. A decodificação ideológica dos quadrinhos

No início da década de 70 (na mesma década em que os teóricos da e Armand Mattelart, defenderam a tese de que a leitura das histórias em quadrinhos não era tão inocente assim como se pensava. Fizeram impiedosa crítica aos quadrinhos,

da qual não escaparam

desde os super-heróis até os aparentemente inofensivos personagens de Disney.

Esses autores denunciam a ideologia subjacente aos quadrinhos, n uma visão deformada do trabalho e levam à passividade política. Vejamos algumas dessas críticas.

Em grande parte da produção de histórias em quadrinhos, a atividade dos casos de aventura, de atividades desenvolvidas durante o ócio, e em situações que são a negação do cotidiano, do dia-a-dia de cada pessoa. Aliás, parece que

algumas personagens não trabalham nunca, e não sabemos muito claramente de onde vem o seu sustento: às vezes são muito ricas (e essa riqueza se acha desvinculada

da ação que a produziu) ou, às vezes, vivem de expedientes, como Donald, que consegue inexplicavelmente manter um padrão médio de vida que lhe permite usufruir os

benefícios da sociedade de consumo.

Geralmente, a classe proletária não é representada por nenhuma p
ênfatisada sobretudo no seu aspecto de lazer,
e não no da produção.

Segundo Dorfman e Mattelart, "no mundo de Disney, dos pólos do p
A gente pertence sempre a estratos do setor terciário, isto é, dos que vendem seus serviços. Cabeleireiros, agências imobiliárias e de turismo, secretárias, vendedoras

e vendedores de todo o tipo, (...) empregados de armazém, padeiro, guarda-noturno, garçons, ou do setor de entretenimento, distribuidores povoam o mundo de objetos

e objetos, jamais produzidos, sempre comprados. O ato que para tanto as personagens estão repetindo a todo o momento é o da compra".

(A. Dorfman e A. Mattelart. Para ler o Paro Donald, p. 79.)

A sociedade é representada como uma, estática e harmônica, sem a
quebrada apenas Pelos Vilões, que, encarnando o mal, atentam

geralmente contra o patrimônio (bancos, jóias e caixas-fortes). A defesa da Legalidade dada e não-questionada

é feita pelos "bons", com a morte dos "maus" ou com a integração desses à norma estabelecida. Resulta daí um

maniqueísmo⁶ simplista, que reduz todo conflito à luta

entre o bem e o mal, sem considerar quaisquer nuances de uma sociedade em que as pessoas e os grupos possam ter opiniões e interesses divergentes.

Além disso, ao lidar com categorias abstratas de bem e mal, o comorais, e não políticos e sociais. Em outras palavras, a ênfase no aspecto moral da ação neutraliza o conflito social, ocultando que o homem vive numa sociedade

de classes: quando é "restabelecida a ordem", ninguém questiona esta

"ordem", que na verdade nada tem de natural, já que construída pelo homem, nem este

"bem", que representa os interesses de determinada classe.

Quanto à figura do super-herói dos quadrinhos, é possível ver ou instaura uma relação paternalista de dependência e de predominância dos valores individuais sobre os coletivos, pois os problemas que afligem a comunidade só são

resolvidos pelo socorro urgente do herói, frente à impotência dos homens comuns.

Isso reforça o mito da ação individual, "dos grandes homens", e da sociedade hierarquizada e autoritária, justificando posições verticais de domínio, onde não há lugar para relações interpessoais igualitárias, horizontais e democráticas.

É interessante notar que a fragmentação do coletivo em "átomos" "esquizofrênica" é dividida entre o eu heróico e o eu cotidiano: SuperHomem e Clark Kent, Zorro e Don Diego, Thor e Don Blake, Batman e

Bruce Wayne. A duplicidade favorece a identificação do leitor com o herói: o homem comum é o tímido e apagado jornalista Clark Kent, que ama secretamente sua colega

Minam Lane e nem sequer ousa declarar-se. Segundo Mircea Eliade, o mito do SuperHomem satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se decaído e

limitado, sonha revelar-se um dia uma "personagem excepcional", um "herói".

Mesmo no plano heróico, nem todas as soluções são dadas pela intuição do lado do bem. O destino, na medida em que tece a trama, limita as possibilidades de decisão do ser humano, o que mais uma vez "naturaliza" a sua ação, retirando

dela aquilo que a caracteriza como essencialmente humana, ou seja, a capacidade do homem de transformar o mundo intencionalmente, num projeto que antecipa a ação.

Na luta contra o mal, praticamente nenhum papel de importância é desempenhado como, por exemplo, o submisso Lotar e Mandrake. Na maior parte, porém, o racismo se manifesta mesmo pela ausência de herói negro.

Quanto à mulher, é sempre cortejada, mas frágil, dependente, medrosa da mulher, excluindo-a do processo histórico. Até quando é dotada de poderes especiais, como a

Bat-Girl, por exemplo, acaba sucumbindo ao poder do inimigo e precisa ser salva na hora pelo herói masculino.

A superioridade de uns sobre outros se estende até à justificativa dos países subdesenvolvidos. Aliás, esses povos são vistos como pobres, feios, escuros e tolos, com todas as qualidades que justificam a tutela dos ricos, belos, brancos e inteligentes...

O que foi observado para as histórias em quadrinhos pode ser estendido aos programas de televisão.

****nota**

6 No sentido original, maniqueísmo se refere a uma antiga religião genérica, maniqueísmo consiste na interpretação simplista da realidade como

sendo

constituída por tendências antagônicas e bem-definidas, uma representando o bem, outra o mal.

Vale ressaltar que o impacto produzido por essa crítica gerou efeitos de angústia e indecisão, as personagens assexuadas foram erotizadas (até o Fantasma se casou!) e buscou-se em alguns casos atenuar o maniqueísmo. Tudo isso, afinal,

torna mais complexo e difícil detectar os elementos ideológicos quando eles ainda existem.

1. Os quadrinhos alternativos

Para não sermos injustos com a imensa variedade de produção de quadrinhos, sem perder a dimensão de divertimento e prazer, conduzem à visão crítica da sociedade e de nós mesmos.

Nos países em "vias de desenvolvimento", há uma dificuldade muito grande na implantação dos quadrinhos nacionais, devido à força de difusão das multinacionais dos quadrinhos. Impossibilitados de competir

com as empresas, distribuidoras cuja infraestrutura barateia o produto, nossos quadrinheiros não têm chances de fazer trabalhos com a periodicidade necessária ao seu desenvolvimento e para chamar a atenção do público.

Apesar das dificuldades, surgem artistas cujas preocupações predomina a partir do imaginário nacional. Além disso, esse trabalho se efetiva não apenas como reprodução do "pensar brasileiro", mas também como questionamento dele. Veja

exemplos da produção de alguns desses artistas: Henfil, Glauco e Cica (neste capítulo), Fernando Gonzales e Angeli (no Capítulo 29-A adolescência), e também o que

nos diz o brasileiro Moacy Cirne no texto complementar.

(Henfil in O Pasquim, Rio de Janeiro, abr 1972, n. 145, p. 3.)

EXERCÍCIOS

1. Explicita as principais características dos quadrinhos ideológicos
- a) Como é tratado o mundo do trabalho?
- b) Quando são maniqueístas?
- c) O que significa colocar o conflito no plano moral, e quais as decorrências disso?

- d) Mostre como, a partir da situação anterior, acabam por
- e) O que significa a "naturalização" da ação?

2. Como são tratados a mulher e o negro nos quadrinhos ideológicos

3. Qual é o papel reservado aos quadrinhos alternativos?

4. Comente criticamente os quadrinhos que ilustram o início do item 3 deste capítulo, usando os conceitos aprendidos.

1. Monte você mesmo uma história, "colando" personagens de quadrinhos e preenchendo

balões com diálogos retirados dos textos de 1º grau.

transcritos neste capítulo.

6. Escolha trechos de histórias de super-heróis que ilustrem
Capítulo.

7. Selecione quadrinhos de autores nacionais que tenham

8. Leia o texto complementar seguinte e explique:

a) Em que sentido "nenhuma arte é neutra"?

b) Por que "toda arte é política"?

Texto complementar

O quadrinheiro e a responsabilidade social do artista

O autor de quadrinhos - seja ele criador de argumentos e persona sua prática estética da-se em função de uma prática social determinada. Sua arte, mesmo quando aparentemente ingênua, jamais será inocente.

Ao se valer dos mecanismos da cultura de massa, o quadrinheiro, política e socialmente com o tempo histórico que marca a sua existência

enquanto ser concreto no interior das classes sociais, assim como se compromete ao recusar esses mesmos mecanismos. De uma forma (dentro da cultura de massa) ou

de outra (à sua margem), o artista de quadrinhos só tem um compromisso: com a realidade. Este compromisso, decerto, não se esgota em um realismo estreito, de cunho

idealista.

O compromisso (estético) com a realidade (social), nos bons autores, passa a ser o sonho gráfico pensado/trabalhado para a narrativa visual dos quadrinhos. Mas, mesmo como sonho e fantasia, o quadrinho existe econômica, ideológica

e politicamente. Não se pode ignorar, assim, a invasão imperialista representada pelos comics americanos a partir dos anos 30, sufocando-nos em termos

culturais

(enquanto consumidores) e económicos (enquanto produtores).

Toda arte é política - mesmo quando seu agenciador fala de uma s

simples orgia formal diante de sensações gráficas, pictóricas, sonoras, narrativas *etc.* (Hrecht: "Pois a arte, sendo "apolítica", não quer dizer outra coisa senão

estar aliada ao grupo dominante". Teatro dialético, . 207). Sem dúvida, a orgia e a magia formais resultantes de uma arte instigadora são necessárias, desde que

representem um avanço concreto em direção aos anseios básicos da humanidade.

De igual modo, como não poderia deixar de ser, todo quadrinho é

à esquerda (o atual quadrinho cubano, por exemplo). Toda a produção quadrinizante contém, em maior ou menor grau, direta ou indiretamente, conotações políticas ora

liberais (Ferdinando, Pogo, Mafalda), ora conservadoras (Fantasma, Mandrake, Bronco Piler), ora revolucionárias: algumas obras do novo quadrinho europeu, do novo

quadrinho latino-americano *etc.*

(...) No Brasil, levando em consideração a nossa especificidade pol

só podemos destacar a importância daqueles que se têm dedicado à visão crítica da realidade: é o caso de um Chico Caruso, de um Ouídacci, de um Luiz Gê, de um Claudius.

de um Edgar Vasques, de um Nani, de um Henfil, de um Luís Fernando Veríssimo, de um Paulo Cai-uso - de muitos outros. Mas há também aqueles que fazem um trabalho

sistemático para sindicatos e centros culturais de trabalhadores, sobretudo em Belo Horizonte e na capital paulista.

(Moacy Cirne, Uma introdução política aos quadrinhos, p. 23, 24 e 104.) "

QUARTA PARTE - Propaganda e ideologia

Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome que não é meu de batismo ou de cartório, um nome.. - estranho.

Meu blusão traz lembrete de bebida que jamais pus na boca, nesta vida. Em minha camiseta, a marca de cigarro que não fumo, até hoje não fumei. Minhas meias falam

de produto

que nunca experimentei mas são comunicados a meus pés. Meu tênis é proclama colorido de alguma coisa não provada por este provador de longa idade. Meu lenço, meu

relógio, meu chaveiro, minha gravata e cinto e escova e pente, meu copo, minha xícara, minha toalha de banho e sabonete, meu isso, meu aquilo, desde a cabeça ao

bico dos sapatos, são mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidência, costume, hábito, premência, indispensabilidade, e fazem de

mim homem-anúncio itinerante, escravo da matéria anunciada. Estou, estou na moda.

É doce estar na moda, ainda que a moda seja negar minha identidade, trocá-la por

mil, açambarcando todas as marcas registradas, todos os logotipos do mercado. Com que inocência demito-me de ser eu que antes era e me sabia tão diverso de outros,

tão mim-mesmo, ser pensante, sentinte e solidário

com outros seres diversos e conscientes de sua humana, invencível condição. Agora sou anúncio, ora vulgar ora bizarro, em língua nacional ou em qualquer língua (qualquer,

principalmente). E nisto me comprazo, tiro glória de minha anulação. Não sou - vê lá - anúncio contratado. Eu é que mimosamente pago para anunciar, para vender em

bares festas praias pérgulas piscinas, e bem à vista exhibo esta etiqueta global no corpo que desiste de ser veste e sandália de uma

essência tão viva, independente,

que moda ou suborno algum a compromete. Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher, minhas idiossincrasias tão pessoais, tão minhas que no rosto

se espelhavam, e cada gesto, cada olhar, cada vinco da roupa resumia uma estética? Hoje sou costurado, sou tecido, sou gravado de forma universal, saio da estamparia,

não de casa, da vitrine me tiram, recolocam, objeto pulsante mas objeto que se oferece como signo de outros objetos estáticos, tarifados. Por me ostentar assim,

tão orgulhoso de ser não eu, mas artigo industrial, peço que meu nome

retifiquem. Já não me convém o título de homem, meu nome novo é coisa. Eu sou a coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade, O corpo. Rio de Janeiro, Record, 1984, p.

85-87.)

A propaganda, seja ela comercial ou ideológica, está sempre ligada à ocultação por uma inversão: a propaganda sempre mostra que quem sai ganhando com o consumo de tal ou qual produto ou idéia não é o dono da empresa, nem os representantes

do sistema, mas, sim, o consumidor. Assim, a propaganda é mais um veículo da ideologia dominante.

1. Propaganda comercial

Propaganda comercial é a que tem por objetivo vender um produto, A partir de estudos sobre a sociedade norte-americana nos anos 50 descobriu-se que os consumidores raramente eram levados" a comprar alguma coisa movidos por

apelos estritamente racionais. Esses estudos levaram

à pesquisa das motivações inconscientes e irracionais que mobilizam o consumidor.

Entre os fatores irracionais, vamos encontrar-necessidades e aspirações e os outros. A publicidade vai agir no sentido de apresentar os produtos como meios eficazes para a satisfação dessas necessidades e aspirações. Basta comprar o

cigarro

de marca tal, o relógio x, o jeans y, e as meias w para conseguir sucesso profissional, segurança, charme, inteligência e o que mais se desejar. Assim, a publicidade

mascara a realidade e não nos deixa tomar contato com os meios concretos e possíveis de

suprirmossas necessidades: Ela transforma o objeto no fetiche que satisfaz.

O que a publicidade vende, portanto, é muito mais do que o produto e as possibilidades do produto.

Recorrendo ao exemplo de um anúncio de máquina de lavar louça, vemos duas mulheres loiras de costas, com acentuado decote. Uma tem a pele bem branca e a outra, a pele bronzeada e marcas de maiô. A chamada, em letras grandes, diz:

"Você já sabe qual das duas tem uma lava-louças x". Ora, o máximo que o

produto anunciado pode nos prometer é louça bem-lavada. A promessa, implícita na imagem,

de tempo de lazer, local para tomar sol, aparência (segundo a moda) bronzeada e saudável de "férias", ultrapassa em muito o que o produto concretamente oferece.

Os apelos, portanto, são sempre emocionais. Mesmo quando se revela felicidade ou de frustração, privação e sofrimento, emoções que dependem da posse de determinados produtos para serem usufruídas ou afastadas.

Assim, a propaganda acaba exercendo função modelizante: modela o coisas.

N. J. Garcia, O que é propaganda ideológica, p. 10-11 .

1. Propaganda ideológica

A propaganda ideológica, isto é, a que vende idéias e não produtos muito mais sutil e, por isso, é muito mais perigosa. Raramente é identificada como propaganda. "As mensagens apresentam uma versão da realidade a partir da qual

se propõe a necessidade de manter a sociedade nas condições em que se encontra ou transformá-la em

sua estrutura econômica, regime político ou sistema cultural."7 As informações aparecem

como se a realidade fosse assim mesmo e houvesse absoluta neutralidade na sua apresentação. Isso se dá tanto em obras de ficção como em noticiários, entrevistas

e documentários. O que na maioria das vezes não percebemos é que há sempre uma seleção prévia de aspectos da realidade que vão ser apresentados e uma interpretação

dessa realidade a partir de um ponto de vista que serve a determinados

interesses. As informações, assim, são fragmentadas, retiradas do seu contexto histórico e

social.

Vejamos, por exemplo, como foi apresentada a greve dos professor sem aula, mães sem saber com quem deixar os filhos para irem trabalhar. Foram apresentados todos os aspectos negativos, para a população, da greve dos professores.

Omitiram-se do noticiário, entretanto, dados fundamentais que os levaram à greve: o cálculo do salário sobre 240 horas-aula mensais, sem considerar o trabalho, não-remunerado,

de preparação de aula e correção de exercícios e provas; o desgaste humano e afetivo de se lidar com quarenta ou cinquenta crianças e jovens durante oito horas por

dia; a política de desvalorização da educação, que recebe verbas cada vez menores; as condições de vida de um professor que, mesmo dando oito horas-aula por dia,

recebe um salário ainda indigno: a questão das férias de três meses que, ocupadas, em parte, com provas finais, conselhos de classe, preenchimento de diários, reuniões

de planejamento e trabalhos burocráticos, acabam reduzidas a trinta dias. Tudo isso foi omitido, mostrandose somente o prejuízo imediato das crianças sem aula e

divulgando-se a figura do professor como "mercenário da educação", que se nega a cumprir a "missão" de educar as crianças para um Brasil melhor.

A propaganda ideológica elabora as idéias de forma a adaptá-las entendimento de seus receptores, criando a impressão de que atendem a seus interesses. As técnicas usadas são a universalização dos interesses de um pequeno grupo;

a transferência dos benefícios diretamente para os receptores; a ocultação dos

efeitos da exploração; a política de Poliana (lembrar os mais desgraçados e dar graças

a Deus pelo pouco que tem); e achar o bode expiatório em fatores externos, incontroláveis, como crises internacionais, FMI, corrupção de grupos estrangeiros, fatos

e pessoas do passado *etc.*

Assim, esse tipo de propaganda difunde apenas o essencial do conteúdo em fórmulas resumidas e simples, isto é, em palavras de ordem e slogan. A palavra de ordem resume o objetivo a ser atingido. Exemplo: "O povo, unido, jamais será vencido".

O slogan contém um apelo aos sentimentos de amor, ódio, indignação ou entusiasmo. Exemplo: "Fora Rede Globo, o povo não é bobo", ouvido no comício do Anhangabaú,

em abril de 1984, na campanha pelas diretas, e em 1992, pelo impeachment do presidente Fernando Collor de

Melo.

Para que o controle ideológico sobre a população seja mantido, é necessário o meio em que vive (o que o levaria à consciência de suas reais condições de vida) e de ter informações diferentes das veiculadas pela ideologia dominante. Essa

é a função da censura oficial, das patrulhas ideológicas, da violência, da pressão psicológica, da cooptação e da lavagem cerebral!

****nota**

Patrulha ideológica: expressão usada no Brasil, a partir de 1978 para criticar artistas, intelectuais e outras pessoas populares por não defenderem as idéias desses mesmos grupos.

Cooptação: processo pelo qual um indivíduo ou pequeno grupo recebe pertence e passar a defender aquele que lhe fez as concessões.

Lavagem cerebral: processo pelo qual indivíduos ou pequenos grupos não podem sair durante certo tempo, são bombardeados com novas idéias. O indivíduo, fora do seu ambiente normal e com o

senso crítico diminuído pela pressão psicológica, acaba aderindo às idéias que lhe são propostas.

****fim da nota**

Nos meios de comunicação de massa, não é necessária muita pressão de exemplo, podemos citar os capítulos finais de qualquer novela de televisão, quando as personagens principais acabam se casando. A realização profissional e a

realização pessoal na relação com outras pessoas não importam. O principal é achar o príncipe encantado e casar-se para que tudo esteja resolvido.

Assim, é preciso que estejamos sempre atentos. É evidente que não o mundo em geral. O importante é mantermos uma postura crítica, questionadora, comparando sempre as informações entre si, observando o que ocorre à nossa volta,

para podermos ter uma visão mais global dos fatos e, principalmente, o conhecimento da origem das idéias veiculadas pelos meios de comunicação de massa para descobrirmos

a quem realmente elas servem.

1. Conseqüências sociais da propaganda

Na medida em que a propaganda comercial é veiculada pelos meios pobres, quais as conseqüências desse constante apelo para comprar?

Tomando como exemplo o Brasil, onde só se pode considerar sociedade

fica o resto da população que recebe o estímulo da propaganda e não pode satisfazer nem suas necessidades, menos ainda suas aspirações?

Em primeiro lugar, há um dado da Febem (Fundação Estadual para o estudo da infância) que indica que a época em que a propaganda é mais intensa, acontece o maior número de furtos praticados por menores. Na impossibilidade de comprar, eles respondem aos estímulos da propaganda do único jeito possível. E são presos.

Em segundo lugar, a população menos carente se atira ao trabalho apresentado como indispensável à vida. E a ordem social é mantida, com todos trabalhando para, um dia, chegarem lá.

Além da atitude de consumo, a propaganda comercial também veicula determinados comportamentos, além de modelos de roupa, maquiagem, decoração. Inconscientemente, e pela repetição, vamos assimilando o que deve ser comido no café da manhã, como lavar a roupa, o que beber, em que tipo de bar e em qual companhia, a que programas assistir, sem indagar se são adequados aos nossos gostos e preferências, ao tipo de vida que levamos, ao tipo de salário que recebemos, enfim às condições concretas da nossa vida. E sem essa reflexão sobre as nossas condições reais de vida, viveremos alienados e sem nenhuma condição de transformação do real.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto base.
2. Leia o texto que se segue e mostre por que ele é um ve
"Férias ameaçadas - A supergreve nas escolas altera o calendário

vitais da economia, continuam em curso paralisações de larga envergadura no setor de ensino de

1º e 2º graus. Elas ameaçam avançar sobre o segundo semestre e comprometer de forma irremediável o calendário de férias de centenas de milhares de famílias. Em Belém, a greve dos

professores da rede oficial do Estado completou 38 dias no último final de semana. No Ceará, 900.000 alunos estão sem aulas há quarenta dias porque 40.000 professores,

também da rede oficial, permanecem de braços cruzados. No Rio Grande do Sul, a maioria das 4.000 escolas estaduais está fechada há mais de quarenta dias.

Em Porto Alegre, perto de 400 professores mantêm um acampamento

Soares alega que o Estado não tem dinheiro para satisfazer as exigências dos professores, que pleiteiam um piso de 2,5 salários mínimos para os que estão no início

da carreira, concessão do 13º salário, semestralidade e a destinação de 25% do orçamento do Estado à educação. O resultado é um impasse que tem provocado incidentes

nada pedagógicos: vaiado quando saía de uma reunião com o governador, na quinta-feira passada, o secretário da Fazenda, Hipólito Campos, perdeu a calma e reagiu

com um gesto obsceno. "Não vamos aceitar provocações desse tipo", responde o presidente do Centro dos Professores do Rio Grande do Sul. Paulo Egon Wiederkehr.

Enquanto brigam professores e governo, as maiores vítimas da que o que fazer. Além das aulas, os estudantes deverão perder muitos dias de férias. Se a greve terminasse neste momento, eles já teriam perdido as férias de julho e suas aulas iriam até o dia 20 de janeiro, de acordo com os cálculos da Secretaria de Educação.

Também se envolvem no problema as faculdades, que precisarão adiar seus vestibulares, tradicionalmente realizados na primeira quinzena de janeiro. E já começam a

queixar-se os gaúchos que vivem da exploração do turismo no litoral. Caso a greve não termine logo, as praias ficarão quase vazias no período mais gordo do verão,

pois perto de um milhão de estudantes gaúchos estará às voltas com os livros."
(Revista Veja, 26.6.1985)

3. Faça um levantamento das propagandas de cigarro veiculadas.
4. Releia o poema de Carlos Drummond de Andrade e mostre:
 - a) o efeito da propaganda na nossa vida.
 - b) a crítica que o poema faz.
 - c) as frases que são identificadoras de alienação. Por exemplo:
 - d) as expressões que se referem à não-alienação. Por exemplo:
 - e) "em língua nacional ou qualquer língua! (qualquer, primeira)

de que tipo de alienação?

f) no poema, o autor denuncia a existência de uma Inversão de valores, usando os conceitos de fetichismo e reificação.

5. Reuna um grupo e faça uma redação mostrando como seria a vida das respectivas "chamadas". Exemplo: Maria, então, passou Vitacreme a seu marido dizendo: - Amor, "passe mais vida no seu café da manhã". Ao que ele respondeu,

acariciando-lhe a mão: - Querida, use Nescafé Requite "toda vez que você queira tomar um café mais suave".

1. Conseqüências sociais da propaganda

Na medida em que a propaganda comercial é veiculada pelos meios

pobres, quais as conseqüências desse constante apelo para comprar?

Tomando como exemplo o Brasil, onde só se pode considerar sociedade fica o resto da população que recebe o estímulo da propaganda e não pode satisfazer nem suas necessidades, menos ainda suas aspirações?

Em primeiro lugar, há um dado da Febem (Fundação Estadual para o estudo da propaganda) que indica que, na época em que a propaganda é mais intensa, acontece o maior número de furtos praticados

-por menores. Na impossibilidade de comprar, eles respondem aos estímulos da propaganda do único jeito possível. E são presos.

Em segundo lugar, a população menos carente se atira ao trabalho apresentado como

Patrulha ideológica: expressão usada no Brasil, a partir de 1961, para designar a ação de grupos que criticam artistas.

Intelectuais e outras pessoas populares por não defenderem as idéias desses mesmos grupos.

Cooptação: processo pelo qual um indivíduo ou pequeno grupo abandona a que pertence e passa a defender aquela que lhe fez as concessões.

Lavagem cerebral: processo pelo qual indivíduos ou pequenos grupos, depois de levados a lugares afastados, de onde

não podem sair durante certo tempo, são bombardeados com novas idéias. O indivíduo, fora do seu ambiente normal e com o

senso crítico diminuído (devido à pressão psicológica), acaba aderindo às idéias que lhe são propostas.

Indispensável à vida. E a ordem social é tida, com todos trabalhando para, um dia, manter-se lá.

Além da atitude de consumo, a propaganda comercial também veicula. c

além de modelos de roupa, maquiagem e decoração. Inconscientemente, e pela razão, vamos assimilando o que deve ser

tcícios

Levante as ideias principais do texto base.

Leia o texto que se segue e mostre por que é veículo de propaganda ideológica:

...érias ameaçadas A greve nas empresas interrompe o calendário. Terminada a safra de lavoura durante boa parte do primeiro semestre os setores vitais da economia, continuam

paralisações de larga envergadura no setino de 1º e 2º graus. Elas ameaçam avançar no segundo semestre e comprometer de médio prazo o calendário de férias de centenas

de famílias. Em Belém, a greve dos da rede oficial do Estado completou 38 dias no final de semana. No Ceará, 900.000 alunos sem aulas há quarenta dias porque os professores, também

da rede oficial, permanecem cruzados. No Rio Grande do Sul, mais de 4.000 escolas estaduais estão fechadas

quarenta dias.

No Rio de Janeiro, perto de 400 professores se acamparam diante do Palácio Piratini, para exigir do governador Jair Soares a atender as reivindicações. Soares alega que o Estado não pode satisfazer

as exigências dos professores que pleiteiam um piso de 2,5 salários mínimos no início da carreira. concessão de estabilidade e a destinação de verbas do Estado à educação.

O resultado é que tem provocado incidentes nada agradáveis quando saía de uma reunião. Na quinta-feira passada, o secretário de Educação, Lúcio Campos, perdeu a calma com um gesto obsceno.

'Não vamos aceitar esse tipo de coisa', responde o presidente dos professores do Rio Grande do Sul, Paulo

Quando os professores e o governo, as briga de querela ficam em casa, sem ter as aulas, os

estudantes deverão s de férias, Se a greve terminasse es já teriam perdido as férias

de iriam até o dia 20 de janeiro, de :ulos da Secretaria de Educação.

- comido no café da manhã, como lavar a rou

pa, o que beber, em que tipo de bar e em qual
p4 companhia. a que programas assistir, sem in

dagar se são adequados aos nossos gostos e
preferências, ao tipo de vida que levamos, ao
dições concretas da nossa vida. E sem essa

- tipo de salário que recebemos, enfim às con-reflexão sc
vida, viveremos alienados e sem nenhuma
condição de transformação do real.

a

5"

e.

e 5

'-54

4—

Também se envolvem no problema as faculdades, que precisarão adiar seus vestibulares, tradicionalmente realizados na primeira quinzena de janeiro. E já começam a

queixar-se os gaúchos que vivem da exploração do turismo no litoral. Caso a greve não termine logo, as praias ficarão quase vazias no período mais gordo do verão,

pois perto de um milhão de estudantes gaúchos estará às voltas com os livros."

(Revista Veja, 26.6.1985)

3. Faça um levantamento das propagandas de cigano veiculadas no

4. Releia o poema de Carlos Flummond de Andrade e mostre

a) o efeito da propaganda na nossa vida.

b) a crítica que o poema faz.

c) as frases que são identificadoras de alienação. Por exemplo:

d) as expressões que se referem à não-alienação. Por exemplo:

e) "em língua nacional ou qualquer lingual (qualquer, principalm

tipo de alienação?

no poema, o autor denuncia a existência de uma inversão, no que os conceitos de fetichismo e reificação.

5. Retire um grupo e faça uma redação mostrando como ser

suas respectivas 'chamadas'. Exemplo: Maria, então, passou Vitacreme a seu marido dizendo: - Amor, "passe mais vida no seu café da manhã". Ao que ele respondeu,

acariciando-lhe a mão: -. Querida, use Nescafé Requite "toda vez que você queira tomar um café mais suave".

CAPÍTULO 6

A CONSCIÊNCIA MÍTICA

1. Introdução

Antes da discussão dos conceitos, sugerimos fazer uma pesquisa s

1. Mito da criação do mundo segundo Hesíodo
2. Urano, Cronos e Zeus
3. Deméter e Perséfone
4. Prometeu e Pandora
5. Dionísio e Apolo
6. Narciso
7. Ritos de iniciação de povos primitivos
8. Lendas de índios brasileiros

2. Introdução

Entre os inúmeros relatos de índios habitantes das terras brasil

de dentro dele ruidos estranhos e não resistiram à tentação de abrilo, apesar de recomendações contrárias. Deixaram escapulir então a escuridão da noite. Por piedade

divina, a claridade lhes foi devolvida pela Aurora, mas com a determinação de que nunca mais haveria só claridade, como antes, mas alternância do dia e da noite.

Semelhantemente, os gregos dos tempos homéricos relatam a lenda

Pandora consegue fechá-la a tempo de reter a esperança, única forma de o homem não sucumbir às dores e aos sofrimentos da vida.

Observando os dois relatos, percebemos semelhanças: ambos falam

A leitura apressada, na busca do sentido do mito, pode nos levar a realidade ainda não justificada pela razão

p (no exemplo, a explicação da origem do dia e

da noite e a da origem dos males). Essa compreensão do mito não esconde o preconceito comum de identificá-lo com as lendas ou fábulas, e portanto como uma forma

menor de

explicação do mundo, prestes a ser superada por explicações mais racionais.

No entanto, a noção de mito é complexa e mais rica do que es
Mesmo porque o mito não é exclusividade de povos primitivos, nem de civilizações nascentes, mas existe em todos os tempos e culturas

como componente indissociável da maneira humana de compreender a realidade.

Só para antecipar a discussão, vejamos alguns exemplos de di

Quando alguém diz que o socialismo é um mito, pode estar diz

algo inatingível, de uma mentira, de uma ilusão que não leva a l

opondo-se ao sentido negativo de mito, outros verão positivamente o mito do socialismo como

utopia, o lugar do "ainda-não", cuja força

mobiliza as pessoas a construírem o que um dia poderá "vir-a-ser".

Em tempos difíceis, Hitler fez viver o mito da raça ariana, pura, desencadeando movimentos apaixonados de perseguição e genocídio.

Os contos de fada, as histórias em quadrinhos, sem dúvida ne
imaginário e mitos universais como o do herói e o da luta entre o bem e o mal.

Examinando as manifestações coletivas

no cotidiano da vida urbana, descobrimos componentes míticos no carnaval, no futebol, ambos como manifestações delirantes do imaginário nacional e da expansão de

forças inconscientes.

herói e o da luta entre o bem e o mal.

Da mesma forma, os psicanalistas aproveitam a riqueza do mito e se encontra na interpretação feita por Freud do mito de Édipo.

Podemos ainda nos referir a um artista famoso como um mito: James sexual.

A lista possível das conotações diversas que o mito assume não tem só linha de interpretação.

O mito não é resultado de delírio, nem uma simples mentira, O mito humano.

***nota

Sófocles, dramaturgo grego do século V a.C.. relata esse mito na *Édipo rei*. Em vão Édipo tenta fugir ao destino vaticinado pelo oráculo: matar o pai e desposar a própria mãe, Ao retomar o mito grego, Freud refere-se ao "complexo de Édipo", que representa o desejo inconsciente de toda criança.

(Gravura)

São Raimundo Nonato, no Piauí tornou-se grande centro arqueológico com a descoberta de registros rupestres que datam de até 12 mil anos antes da chegada dos colonizadores.

Nas representações figurativas reconhecem-se gestos que estariam ligados ao sistema simbólico da etnia como cerimoniais, ritos e mitos. Na ilustração, três

registros

encontrados em locais diferentes. (Anne-Marie e Niède Guidon. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas.

VIDAL, Lux, org. Grafismo indígena.

São Paulo, Nobel/Fapesp/Edusp, 1992.)

1. O mito entre os primitivos

Começamos pelos povos primitivos, entre os quais o mito é estrutural. Foi importante a contribuição dos antropólogos que, a partir do desenvolvimento de muitos contatos diretos com tribos das ilhas do Pacífico, da África e do interior do Brasil. Esses "trabalhos de campo", como são chamados, mostram que o mito vivo é muito mais expressivo e

rico do que supomos quando apenas

ouvimos o relato frio das lendas desligadas do ambiente que as fez surgir.

Enquanto processo vivo de compreensão da realidade, o mito surge em que a coerência lógica é garantida pelo rigor da argumentação e da exigência de provas. Mas não é essa a verdade do mito, que é verdade intuitiva, isto é, percebida

de maneira espontânea, sem exigência de comprovações. O critério de adesão do mito é a crença, e não a evidência racional.

O mito é portanto uma intuição compreensiva da realidade, é uma forma de raízes

do mito não se acham nas explicações exclusivamente racionais, mas na realidade vivida, portanto pré-reflexiva, das emoções e da afetividade.

Ao entrar em contato com o mundo, o homem não é apenas uma "cabeça

Portanto, antes de interpretar o mundo, o homem o deseja ou o teme. Nesse sentido, volta-se para ele ou dele se oculta.

Por isso, o primeiro "falar sobre o mundo" está preso ao desejo e da morte.

Funções do mito

Embora tenhamos nos referido ao mito enquanto forma de compreensão tranquilizar o homem em um mundo assustador.

Os primeiros modelos de construção do real são de natureza sobre. É um discurso de tal força, que se estende por todas as dependências da realidade vivida, e não apenas no campo sagrado (ou seja, da relação entre o homem e o divino), mas existe em toda a atividade humana.

Como indicam os exemplos a seguir, o mito se manifesta:

na preocupação com a origem divina da técnica: veja o mito de Prometheus

- na natureza divina dos instrumentos:

ainda em nossos dias subsiste entre os povos primitivos o culto a certos utensílios, como a enxada ou o anzol, a lança ou a espada;

- na origem da agricultura: o mito indígena de Mani, de cujo túmulo seu castelo tenebroso, simbolizando o trigo enterrado como semente e renascendo como planta;

- na origem dos males: o mito de Pandora, como já vimos;

- na fertilidade das mulheres: os arunta, povo australiano, acha que quando elas passam por certos locais;

- no caráter mágico das danças e desenhos: quando o homem de Cro-Magnon propriamente enfeitar a caverna nem mostrar suas habilidades pictóricas, mas desejava agir magicamente, garantindo de antemão o sucesso da caçada futura.

Isso significa que no mundo primitivo tudo é sagrado e nada é natural. Para Mircea Eliade, filósofo romeno estudioso do mito e das religiões, as atividades humanas significativas.

Dessa forma, o homem imita os gestos exemplares dos deuses, repete por que celebravam determinadas cerimônias, obtinha invariavelmente a mesma resposta: "Porque os ancestrais assim o prescreveram". Essa é também a justificativa

invocada pelos teólogos e ritualistas hindus: "Devemos fazer o que os deuses fizeram no princípio"; "Assim fizeram os deuses, assim fazem os homens".

Nos rituais, os arautos não se limitam a representar ou imitar as cerimônias. Nesse sentido, o tempo sagrado é reversível, ou seja, toda festa religiosa não é uma simples comemoração, mas torna-se a ocasião em que o sagrado acontece

novamente e representa a reatualização do evento sagrado que teve lugar no passado mítico, "no começo".

Na sua ação, o homem primitivo imita os deuses nos ritos que atuam: brotará da terra, a mulher não será fecundada, a árvore não dará frutos, o dia não sucederá à noite.

A forma sobrenatural de descrever a realidade é coerente com a mentalidade primitiva. A passagem do nascimento, do casamento, da morte, da infância para a idade adulta. Sem os ritos, a realidade não se concretiza. É como se os fatos naturais descritos não pudessem se concretizar de fato.

Segundo Mircea Eliade, "quando acaba de nascer, a criança só dis

São os ritos que se efetuam imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de 'vivo' propriamente dito; é somente graças a estes ritos que ele

fica integrado na comunidade dos vivos. (...) No que diz respeito à morte, os ritos são tanto mais complexos quanto se trata não-somente de um

"fenômeno natural"

(a vida - ou a alma - abandonando

o corpo), mas também de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social: o defunto deve afrontar certas provas que interessam ao seu próprio destino

post-mortem,

mas deve também ser reconhecido pela comunidade dos mortos e aceito entre eles"²

O homem primitivo e a consciência de si

Como todo o real é interpretado por meio do mito, e sendo a cons da percepção de si como sujeito propriamente dito. Não é ele que comanda sua ação, já que sua experiência não se separa da experiência da comunidade, mas se faz

por meio dela.

Isso não quer dizer que não haja nenhum princípio de individuação do coletivo sobre o individual. Como diz Gusdorf, "a primeira consciência pessoal está, portanto, presa na massa comunitária e nela submergida. Mas esta consciência

dependente e relativa não é uma ausência de consciência; é uma consciência

em situação, extrínseca e não intrínseca, a individualidade aparecendo então como um

nó no tecido complexo das relações sociais. E o eu se afirma pelos outros, isto é. ele não é pessoa, mas personagem"³.

A decorrência do coletivismo é o dogmatismo: a consciência mítica tácita dos mitos e das prescrições dos rituais. A adesão ao mito é feita pela fé, pela crença.

Da visão dogmática decorre a moral dogmatizante, pois, na comunidade ao coletivo, determinando a adaptação sem crítica do indivíduo às normas da tradição.

No universo cuja consciência é coletiva, a transgressão da norma sobrenaturalidade, ao ser transgredido, estigmatiza a família, os amigos e, às vezes, toda a tribo. Daí os ritos de purificação" e os rituais do "bode expiatório", nos quais o pecado é transferido ao animal. É bom lembrar que, segundo o relato da tragédia, o crime de Edipo traz toda sorte de pragas para Tebas, e o sábio Tirésias vaticina que a cidade só se livraria quando encontrado o assassino de Laio.

1. Mito e religião

"No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto que termina o mito e a religião começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissoluvelmente ligada aos elementos míticos e repassada deles."⁴

Podemos distinguir três fases na formação dos conceitos de deuse

A primeira fase é caracterizrzada pela multiplicidade de deuses momentâneos, assim chamados porque não perduram além do momento. São simplesmente excitações

instantâneas, fugidias,

às quais é atribuído o valor de divindade, e cuja fonte é a emoção

subjetiva,

marcada ainda pelo medo. Esses deuses não representam nem forças da natureza

nemm aspectos especiais da vida humana. As vezes, trata-se de um conteúdo mental, como a

alegria, a Decisão, a Inteligência; outras, de um objeto ou de qualquer realidade percebida

como tendo sido repentinamente enviada do Céu.

Na segunda fase, há a descoberta do sentimento da individualidade divino, dos elementos pessoais do sagrado. O surgimento dessa nova etapa se dá à medida

que a ação exercida pelo homem sobre o mundo se torna mais complexa, fazendo surgir a

divisão do trabalho. Assim, toda atividade humana particular ganha o

seu deus funcional, que vigia cada etapa do trabalho dos homens. A regulação da atividade

encontra sua medida na propria periodicidade dos ciclos naturais (as

estações do ano, o plantio, a colheita etc.). E cada ato, por mais especializado que seja,

adquitrquire um significado religioso: o homem

recorre a divindades que devem protegê-lo a cada momento. Entre os gregos, por exemplo,

Deméter preside o ritmo das estações e das colheitas; Afrodite, o amor, e assim por diante.

****nota**

2M. Eliade, O sagrado e o profano, p. 143-144.

1. usdorf, Mito e metafísica, p. 102.

4E. Cassirer, Antropologia Filosófica, p. 143.

****fim da nota**

Ao mesmo tempo, o caráter existencial do mito conduz à prática do papel, convicção de que o que acontece no mundo natural depende, em parte,

dos atos humanos. Como exemplo, podemos citar os ritos mágicos da fertilidade, sem os quais se acreditava que nem a terra frutificaria nem a mulher conceberia. Convém

lembrar aqui que a magia tanto pode ser usada para o bem como para o mal, uma vez que não se encontra ligada a princípios éticos.

A terceira fase caracteriza-se pelo aparecimento do deus"

pessoa.⁵ Ele é fruto do processo histórico que inclui o desenvolvimento linguístico e aparece

quando o nome do deus funcional, derivado do círculo de atividade especial que lhe deu origem, perde a ligação com essa atividade e

torna-se um nome próprio, constituindo

um novo ser que continua a se desenvolver segundo suas próprias leis.

O deus pessoal caracteriza-se por ser capaz de sofrer e agir com de sua natureza, seu poder e sua eficiência. Como exemplo, a deusa grega

Atenas, filha de Zeus, surge inicialmente como deusa guerreira, que protege os exércitos.

Aos poucos, à medida que a guerra se torna um trabalho, ela passa a proteger o trabalho em geral e, mais tarde, o trabalho intelectual especificamente e as artes.

Ao mesmo tempo, é deusa da sabedoria, a protetora da cidade de Atenas.

Como desenvolvimento da terceira fase, surgem as religiões monoteístas, que passa a ser abordada pelo lado racional, e não mais pelo emocional, como acontecia nas fases anteriores. O divino deixa também de ser concebido pelos poderes mágicos

e passa a ser focado pelo poder de justiça. "O sentido ético substituiu e suplantou o sentido mágico, a vida inteira do homem se converte numa luta constante pelo

amor da justiça."⁵

1. E. Cassirer. ,Antropologia Filosófica, p. 162.

É pelo exercício do livre-arbítrio, agora que o homem entra em contato com o sagrado. Ao dar a sua livre adesão ao bem, torna-se um aliado da divindade, praticando

o "dever " religioso.

1. O mito hoje

A consciência do homem pré-histórico que existe antes do advento da civilização permanece ingênua e dogmática. No Capítulo 7(mito e razão), veremos a passagem para

o pensamento reflexivo com a conseqüente quebra da unidade do mito. A nova forma de

compreensão do mundo dessacraliza o pensamento e a ação (isto é, retira dele o caráter

de sobrenaturalidade), fazendo surgir a filosofia, a ciência, a técnica, a religião.

Perguntamos então : o desenvolvimento do pensamento reflexivo de decretar a morte da consciência mítica?

Quando Augusto Comte, filósofo francês do século XIX e fundador positivismo, explica a evolução da humanidade com a teoria dos três estados, define a

maturidade do espírito

humano pelo abandono de todas as formas míticas e religiosas. Com isso privilegia o fato positivo, ou seja, o fato objetivo, que pode ser medido e controlado pela experimentação.

Essa posição opõe radicalmente o mito à razão, ao mesmo tempo que inferioriza o mito como tentativa fracassada de explicação da realidade. Ao criticar o mito, o

positivismo se mostra reducionista, empobrecendo as possibilidades de abordagens do mundo

abertas ao homem. A ciência é necessária, mas não é a única interpretação válida do

real,

nem é suficiente. Quando exaltada,

faz nascer o mito do cientificismo: a crença na ciência como única forma de saber possível é

mitos também prejudiciais, como o do progresso, cujo fruto mais amargo é a tecnocracia, e os da objetividade e neutralidade científicas (ver Capítulo II - O conhecimento

científico),

Contrariando o positivismo, precisamos recuperar o mito, hoje, e mundo, e o

advento de outras abordagens do real não retira do homem aquilo que constitui a raiz da sua inteligibilidade. O mito é o ponto de partida para a compreensão do ser.

Em outras palavras, tudo o que pensamos e queremos se situa inicialmente de base para todo trabalho posterior da razão.

A função fabuladora persiste não só nos contos populares, no folclore, nas lendas, nas histórias, nas fábulas, nas míticas:

casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte, cuja definição objetiva não esgota os significados subjacentes que ultrapassam os limites da própria subjetividade.

Essas palavras nos remetem a valores arquetípicos. Isto é, valores que são modelos universais, existentes na natureza inconsciente e primitiva de todos nós.

O mesmo sucede com personalidades que os meios de comunicação se apropriam, que, no imaginário das pessoas, representam todos os tipos de anseios: sucesso, poder, liderança, sexualidade *etc.*

Nas histórias em quadrinhos, o maniqueísmo retoma o arquétipo do homem moderno de superar a própria impotência, tornando-se um ser excepcional.

O comportamento do homem também é permeado de "rituais", mesmo quando novos, as festas de formatura, de debutantes, trotes de calouros, lembram verdadeiros ritos de passagem.

Até as mais racionais adesões a partidos políticos e a correntes ideológicas, esse pano de fundo, não-justificado e injustificável, em que o homem se move

em direção a um valor que o apaixona e que só posteriormente busca explicitar pela razão.

Mito e razão se complementam mutuamente.

No entanto, o mito, recuperado no cotidiano do homem contemporâneo, é diferente do mito do homem primitivo. O nascimento da reflexão permite a rejeição dos mitos prejudiciais ao

homem. O exercício da crítica racional faz a diferenciação deles, legitimando alguns e negando outros que levam à desumanização.

Para Gusdorf, "o mito propõe todos os valores, puros e impuros. Não é da sua atribuição autorizar tudo o que sugere. Nossa época conheceu o horror do desencadeamento dos mitos do poder e da raça, quando seu fascínio se exercia sem um equilíbrio. O mito propõe, mas cabe à consciência dispor. E foi talvez porque um racionalismo estreito demais fazia profissão de desprezar os mitos, que estes, deixados sem controle, tornaram-se loucos"⁶.

6 G. Gusdorf, Mito e metafísica, p. 308.

Exercícios

1. Qual é a diferença entre mito e lenda?
2. Explique e dê exemplos: O mito para o primitivo abrange a totalidade da vida.
3. Faça um paralelo entre: mito/ciência; rito/técnica.
4. Como é a consciência de si do homem primitivo?

5. Quais são as fases na evolução da religião?
6. Qual a função da razão diante do mito?
7. Enfoque alguma personalidade conhecida e marcante do c
8. A partir dos conceitos de mito e rito, analise os fenô
9. "Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra for

também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao

alcance da pessoa, ape

sar da adversidade - mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade. Essas histórias prometem à criança

que, se ela ousar se engajar nessa busca atemorizante, os poderes benevolentes virão em sua ajuda, e ela o conseguirá. As histórias também advertem que os muito temerosos

e de mente medíocre, que não se arriscam a se encontrar, devem se estabelecer numa existência monótona - se um destino ainda pior não recair sobre eles." (Bruno

Bettelheim)

- a) Explique em que sentido, a partir das sugestões do texto, pod
- b) Aplique as análises do texto a algum conto de fada (po
10. Leia o texto complementar de Pierre Clastres e respon

a) O que é rito de passagem?

- b) Compare com alguns ritos modernos dessacralizados.

11. Leia o texto complementar de Roland Barthes e o inter

da cabana feliz é ideológico?

Textos complementares

1

Iniciação

Não causará surpresa descobrir uma analogia estrutural entre os a idade adulta. Esta passagem é imediatamente legível em dois níveis. Antes de tudo, ela marca o reconhecimento social da maturidade biológica dos indivíduos que

não podem mais ser considerados como crianças. Traduz em seguida a aceitação pelo grupo da entrada em seu seio de novos adultos, do pertencimento pleno e inteiro

dos jovens à sociedade. Ora, a ruptura com o mundo da criança é percebida pelo pensamento indígena e exprimida no rito como uma morte e um renascimento. Tornar-se

adulto é morrer para a infância e nascer para a vida social, pois desde então rapazes e moças podem deixar sua sexualidade expandir-se livremente. Compreende-se

assim que os ritos de passagem tenham lugar, como os ritos de nascimento, em uma atmosfera dramatizada ao extremo. A comunidade dos adultos dramatiza a recusa em

reconhecer seus recém-iguais, sua resistência em aceitá-los como tais, finge ver neles concorrentes, inimigos. Mas ela quer igualmente, por meio da prática ritual,

mostrar aos jovens que, se eles sentem o orgulho de aceder à idade adulta, isto se dá ao preço de uma perda irremediável, a perda do mundo despreocupado e feliz

da infância. É devido a isto que, em numerosas sociedades sul-americanas, os ritos de passagem comportam uma série de provas físicas muito penosas e uma dimensão

de crueldade e de dor que torna esta passagem um acontecimento inesquecível:

tatuagens, escarificações, flagelações, picadas de vespas ou de formigas etc., que os

jovens iniciados devem suportar em meio ao mais profundo silêncio. Eles desmaiam, mas sem gemer. E nesta pseudomorte, nesta morte provisória (o desmaio deliberadamente

provocado por aqueles que conduzem o ritual), surge claramente a identidade de estrutura que o pensamento indígena estabelece entre nascimento e passagem. Este é

um renascimento, uma repetição do primeiro nascimento, que deve, conseqüentemente, ser precedido por uma morte simbólica.

(Pierre Clastres, Arqueologia da violência, p. 80.)

II

Os casamentos abundam na nossa melhor imprensa ilustrada: grande de Castries e o barão Vitrolles), casamentos de amor (Miss Europa 53 e o seu amigo de infância), casamentos (futuros) de vedetes

(Marlon Brando e Josiane Mariani, Raf Vallone e Michèle Morgan). Naturalmente, estes casamentos não são todos enfocados na mesma fase, visto que a sua virtude mitológica

não é a mesma,

(...) A união de Sylviane Carpentier, Miss Europa 53, e de seu a a da cabana feliz. Graças ao seu título, Sylviane podia ter seguido a carreira brilhante de uma estrela: viajar, fazer cinema, ganhar muito dinheiro; sensata e modesta,

renunciou à "glória efêmera" e, fiel ao seu passado, casou com o eletricitista de Palaiseau. Os jovens esposos são-nos desta vez apresentados na fase pós-nupcial de

sua união, estabelecendo os hábitos da sua felicidade e instalando-se no anonimato de um modesto conforto: mobiliando apartamento de dois quartos e

cozinha, tomando

o café da manhã, indo ao cinema, fazendo a feira *etc.*

Aqui, a operação consiste evidentemente em pôr ao serviço do mod
possa no entanto ser escolhida, eis um fato que lisonjeia os milhões de franceses
que compartilham essa felicidade por condição. A pequena burguesia pode
orgulhar-se

da adesão de Sylviane Carpentier, assim como a Igreja, antigamente, ganhava
força e prestígio com o ingresso de algum aristocrata em suas ordens: o
casamento de

Miss Europa, o seu enternecedor ingresso, depois de tantas glórias, no pequeno
apartamento de Palaiseau, equivaie ao Sr. de Rancé escolhendo a ordem da Trapa
ou

Louise de la Valièrre a do Carmo: grande glória para a Trapa, o Carmo e
Palaiseau.

O amor-mais-forte-que-a-glória reverte assim em favor da

Como recompensa, a própria condição pode desenvolver as suas vantagens, que
são essencialmente as da fuga. Neste universo, a felicidade consiste em jogar o
jogo

de uma espécie de reclusão doméstica: questionários "psicológicos", truques,
trabalhos manuais, aparelhagem eletrodoméstica, estabelecimento de horários,
todo este

paraíso utilitário da Elle ou do Express glorifica a reclusão no lar, a introversão
do casal no conforto doméstico, tudo o que possa distraí-lo, infantilizá-lo,

inocentá-lo e, sobretudo, tudo o que o isenta de uma responsabilidade social
mais lata. "Dois corações, uma cabana." No entanto,

(...) mundo também existe. Mas o amor

espiritualiza a cabana, e a cabana disfarça o barraco: assim se exorciza a miséria
pela sua magem ideal, a pobreza.

(Roland Barthes, *Mitologias*, p. 36.)

CAPÍTULO 7

DO MITO À RAZÃO: NASCIMENTO DA FILOSOFIA NA GRÉCIA ANTIGA

Advento da Polis, nascimento da filosofia: entre as duas ordens de fenômenos os vínculos são demasiado

estreitos para que o pensamento racional não apareça, em suas origens, solidário das estruturas sociais e

mentais próprias da cidade grega.

(Jean-Pierre Vernant)

1. Introdução

Todos nós sabemos que os primeiros filósofos da humanidade foram gregos.

Isso significa que embora tenhamos referências de grandes homens na China (Confúcio, Lao Tsé), na

Índia (Buda), na Pérsia (Zaratustra), suas teorias ainda estão

por demais vinculadas à religião para que se possa falar propriamente em reflexão filosófica.

O que veremos neste capítulo é o processo pelo qual se to grega, constituída por diversas regiões politicamente autônomas.

Periodização da história da Grécia Antiga

- Civilização micênica -p desenvolve-se desde o início do segundo XII a.C., partem Agamemnon, Aquiles e Ulisses para sitiar e conquistar Tróia.

- Tempos homéricos (séculos XII a VIII a.C.) - são assim chamado

mundo essencialmente rural, o enriquecimento dos senhores faz surgir a aristocracia proprietária de terras e o desenvolvimento do sistema escravista.

- Período arcaico (séculos VIII a VI a.C.) - grandes alterações e conseqÜente movimento de colonização grega.

- Período clássico (séculos V e IV a.C-) - apogeu da civilização e filosofia. Época em que viveram os sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles.

- Período helenístico (séculos III e II a.C.) - decadência culturalmente e influência das civilizações orientais.

1. A concepção mítica

As epopéias

Os mitos gregos eram recolhidos pela tradição e transmitidos oralmente e os recitavam de cor em praça pública. Era difícil conhecer os autores de tais trabalhos de formalização, porque num mundo em que predomina a consciência mítica

não existe a preocupação com a autoria da obra, já que o anonimato é a consequência do coletivismo, fase em que ainda não se destaca a individualidade. Além disso,

não havia a escrita para fixar obra e autor.

Por esse motivo há controvérsia a respeito da época em que teria vivido Homero, um desses poetas, e até se ele realmente teria existido (séc. IX a.C.?).

É costume atribuir-lhe a autoria de dois poemas épicos (epopéias): *Ilíada*, que trata da guerra de Tróia (Tróia em grego é Ilion), e *Odisséia*, que relata o

retorno de Ulisses a Ítaca, após a guerra de Tróia (Odisseus é o nome grego de Ulisses). Por vários motivos, inclusive pelo estilo diferente dos dois poemas,

alguns

intérpretes

acham que são obras de diversos autores.

De qualquer forma, as epopéias tiveram função didática importante da cultura por meio das histórias dos deuses e antepassados, expressando uma determinada concepção de vida. Por isso desde cedo as crianças decoravam passagens dos poemas de Homero.

As ações heróicas relatadas nas epopéias mostram a constante interação do homem homérico é presa do Destino (Moiras), que é fixo, imutável, e não pode ser alterado. Até distúrbios psíquicos como o desvario momentâneo de Agamemnon são atribuídos à ação divina. É nesse sentido a fala de Heitor: "Ninguém me lançará ao Hades" contra as ordens do destino! Garanto-te que nunca homem algum, bom ou mau, escapou ao seu destino, desde que nasceu!"

O herói vive, portanto, na dependência dos deuses e do destino. O herói diminui diante dos homens comuns. Ao contrário, ter sido escolhido pelos deuses é sinal de valor e em nada tal ajuda desmerece a sua virtude.

A virtude do herói se manifesta pela coragem e pela força, sobre o preceptor de Aquíles diz: "Para isso me enviou, a fim de eu te ensinar tudo isto, a saber fazer discursos e praticar nobres feitos".² Nessa perspectiva, a noção

de virtude não deve ser confundida com o conceito moral de virtude como o conhecemos posteriormente, mas como excelência, superioridade, alvo supremo do herói. Trata-se

da virtude do guerreiro belo e bom.

A Teogonia

Hesíodo, outro poeta que teria vivido por volta do final do século VII a.C., apresenta características que apontam para a

época que se vai iniciar a seguir, com particularidades que tendem a superar a poesia impessoal e coletiva das epopéias.

Mas mesmo assim, sua obra Teogonia (teo: deus; gonia: origem) reconta a origem dos deuses, e as forças que surgem não são a pura natureza, mas sim as próprias divindades: Gaia é a Terra, Urano é o Céu, Cronos é o Tempo, surgindo ora por segregação,

ora pela intervenção de Eros, princípio que aproxima os opostos.

**

Hades: deus do Mundo Subterrâneo (em Roma: Plutão). Também se refere ao Mundo dos

Mortos (Infernos). 2 Esta citação e as referidas no exercício 3 são da

Íliada e Odisséia. apud Maria Helena Rocha Pereira, Estudos de

história da cultura clássica, p. 90, 98, 101 e 102.

1. A concepção filosófica

É no período arcaico que surgem os primeiros filósofos gregos, e a passagem do mito para o pensamento crítico racional e filosófico. Alguns autores costumam chamar de "milagre grego" a passagem do mítico para o pensamento crítico racional e filosófico. Atenuando a ênfase dada a essa "mutação", no entanto, alguns estudiosos mais recentes pretendem superar essa

visão simplista e a-histórica, realçando o fato de que o surgimento da racionalidade crítica foi o resultado de um processo muito lento, preparado pelo passado mítico,

cuja características não desaparecem "como por encanto na nova abordagem filosófica do mundo. Ou seja, o surgimento da filosofia na Grécia não

foi o resultado de um salto, um "milagre" realizado por um povo privilegiado, mas a culminação de um processo que se fez através dos tempos e tem sua dívida com

o passado mítico.

Algumas novidades surgidas no período arcaico ajudaram a transformar o surgimento da moeda, a lei escrita, o nascimento da pólis (cidade-estado), todas elas

tornando-se condição para o surgimento do filósofo. Vejamos como isso se deu.

A escrita

Geralmente a consciência mítica predomina nas culturas de tradição "o que se diz". A palavra antes da escrita, ligada a um suporte vivo que a pronuncia, repete e fixa o evento por meio da memória pessoal. Aliás, etimologicamente,

epopéia significa "o que se exprime pela palavra" e lenda é "o que se conta".

É bem verdade que, de início, a primeira escrita é mágica e ressignifica literalmente "sinais divinos".

Na Grécia, a escrita surge por influência dos fenícios e já nos séculos VII e VI a.C. Enquanto os rituais religiosos são cheios de fórmulas mágicas, termos fixos e inquestionados, os escritos deixam de ser reservados apenas aos que detêm o poder e

passam a ser divulgados em praça pública, sujeitos à discussão e à crítica. Apenas um parêntese esclarecedor: isso não significa que a escrita tenha se tornado acessível

a todos. Muito ao contrário, permanece ainda grande o número de analfabetos. O

que está em questão, no entanto, é a

dessacralização da escrita, ou seja, seu desligamento da religião.

A escrita gera uma nova idade mental porque exige de quem escreve o mundo, para além de quem a proferiu, necessita de mais rigor e clareza, o que estimula o espírito crítico. Além disso, a retomada posterior do que foi escrito e o exame pelos outros - não só de contemporâneos mas de outras gerações - abrem os horizontes do pensamento, propiciando o distanciamento do vivido, o confronto

das idéias, a ampliação da crítica.

Portanto, a escrita aparece como possibilidade maior de abstração

A moeda

Por volta dos séculos VIII a VI a.C. houve o desenvolvimento do (atual sul da Itália) e Jônia (atual Turquia). O enriquecimento dos comerciantes promoveu profundas transformações decorrentes da substituição dos valores aristocráticos

pelos valores da nova classe em ascensão.

Na época da predominância da aristocracia rural, cuja riqueza se vinham carregados de simbologia afetiva e sagrada, decorrente da posição social ocupada por homens considerados superiores e do caráter sobrenatural que impregnava

as relações sociais.

A fim de facilitar os negócios, a moeda, que tinha sido inventada com o comércio, os produtos que antes eram feitos sobretudo com valor de uso passam a ter valor de troca, isto é, transformam-se em mercadoria,

Daí a exigência de

algo que funcionasse como valor equivalente universal das mercadorias.

A invenção da moeda desempenha papel revolucionário, pois está v
pela Cidade, revertendo benefícios para a própria comunidade. Além desse efeito político de democratização, a moeda sobrepõe aos símbolos

sagrados e afetivos o caráter racional de sua concepção: muito mais do que um metal precioso que se troca por qualquer mercadoria, a moeda é um artifício racional,

uma convenção humana, uma noção abstrata de valor que estabelece a medida comum entre valores diferentes.

A lei escrita

Drácon (séc. VII a.C.), Sólon e Clístenes (séc. VI a.C.) são os
dos reis ou da interpretação da vontade divina, é codificada numa legislação escrita. Regra comum a todos, norma racional, sujeita à discussão e modificação, a lei

escrita passa a encarnar uma dimensão propriamente humana.

As reformas provocadas pela legislação de Clístenes fundam a pólis
não mais baseadas na consangüinidade, mas determinadas por nova organização administrativa. Tais modificações expressam o ideal igualitário que prepara a democracia

nascente, pois a unificação do corpo social abole a hierarquia fundada no poder aristocrático das famílias.

O cidadão da pólis

Jean-Pierre Vernant, helenista e pensador francês, vê no nascime
um começo, uma verdadeira invenção", que provocou grandes alterações na vida social e nas relações entre os homens.

A originalidade da cidade grega é que ela está centralizada na

agora (praça pública), espaço onde se debatem os problemas de interesse comum. Separam-se

na pólis o domínio público e o privado: isto significa que ao ideal de valor de sangue, restrito a grupos privilegiados em função do nascimento ou fortuna, se sobrepõe

a justa distribuição dos direitos dos cidadãos enquanto representantes dos interesses da cidade. Está sendo elaborado o novo ideal de justiça, pelo qual todo cidadão

tem direito ao poder. A nova noção de justiça assume caráter político, e não apenas moral,

ou seja, ela não diz respeito apenas ao indivíduo e aos interesses da tradição familiar, mas se refere a sua atuação na comunidade.

A pólis se faz pela autonomia da palavra, não mais a palavra mágica do conflito, da discussão, da argumentação. O saber deixa de ser sagrado e passa a ser objeto de discussão.

A expressão da individualidade por meio do debate faz nascer a pólis, o destino na praça pública. A instauração da ordem humana dá origem ao cidadão da

pólis, figura inexistente no mundo coletivista da comunidade tribal.

Portanto, o cidadão da pólis participa dos destinos da cidade por meio de uma nova concepção a respeito das relações entre os homens, não mais assentadas nas suas diferenças, na hierarquia típica das relações de submissão e domínio. Ou

seja, "os que compõem a cidade, por mais diferentes que sejam por sua origem, sua classe, sua função, aparecem de uma certa maneira

"semelhantes" uns aos outros".

De início a igualdade existe apenas entre os guerreiros, mas "essa imagem do

mundo humano encontrará no século VI sua expressão rigorosa num conceito, o de isonomia:

igual participação de todos os cidadãos no exercício do poder"³.

**

1. J.-P. Vernant, As origens do pensamento grego, p. 42.

O apogeu da democracia ateniense se dá no século V a.C., já no p
de habitantes, dos quais 300 mil eram escravos e 50 mil metecos (estrangeiros);
excluídas mulheres e crianças, restavam apenas 10% considerados cidadãos
propriamente

ditos, capacitados para decidir por todos.

Por isso, quando falamos em democracia ateniense, é bom lembrar
se desenvolvia a idéia de cidadão ideal, com a consolidação da democracia, mais
a escravidão surgia como contraponto indispensável, na medida em que ao
escravo eram

reservadas as tarefas consideradas "menores" dos trabalhos manuais e da

luta pela sobrevivência. Mas não resta dúvida de que, na fase aristocrática
anterior, havia ainda outros tipos de privilégios. O que enfatizamos no processo é
a

mutação do ideal político e o surgimento de uma concepção nova de poder.

O ideal teórico da nova classe dos comerciantes será elaborado p
O nascimento do filósofo

A grande aventura intelectual dos gregos não começa propriamente
Jônia (metade sul da costa ocidental da Ásia
Menor) e na Magna Grécia (sul da península itálica e Sicília).

Os primeiros filósofos viveram por volta do século VI a.C. e, ma

pré-socráticos (a divisão da filosofia grega se centraliza

na figura de Sócrates) e agrupados em diversas escolas. Por exemplo, escola jônica (Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito, Empédocles).

escola itálica (Pitágoras), escola eleática (Xenófanes, Parmênides, Zenão); escola atomista (Leucipo e Demócrito).

Os escritos dos filósofos pré-socráticos desapareceram com o tempo. Os filósofos posteriores. Sabemos que geralmente,

escreviam em prosa, abandonando a forma poética característica das epopéias,

dos relatos míticos.

É interessante notar que, enquanto Hesíodo, ao relatar o princípio do mundo (cosmogonia) e dos deuses (teogonia), refere-se a sua geração. Os primeiros pensadores levam à elaboração de uma cosmologia, pois procuram a racionalidade do universo.

Queriam perguntar como seria possível emergir do Caos um "cosmos" - ou seja, como da confusão

inicial surgiu o mundo ordenado -, os pré-so-

cráticos procuram o princípio (a arché) de todas as coisas.

Entendido este não como o que antecede no tempo, mas enquanto fundamento

do ser. Buscar a arché é explicar qual é o elemento constitutivo de todas as coisas.

A filosofia surgiu no século VI a.C. nas colônias gregas da Magna Grécia e da Jônia. Só no século seguinte desloca-se para Atenas, centro da fermentação cultural.

do período clássico.

As respostas dos filósofos à questão do fundamento das coisas são para Tales é a água; para Anaximenes é o ar; para Demócrito é o átomo; para Empédocles, os famosos quatro elementos, terra, água, ar e fogo, teoria aceita até o século XVIII. quando foi criticada por Lavotsier.

1. Mito e filosofia: continuidade e ruptura

Já podemos observar a diferença entre o pensamento mítico e a filosofia dos mitos oferecendo uma pluralidade de explicações possíveis. Assim justificamos a perspectiva comumente aceita da ruptura entre mythos e logos (razão).

No entanto, estudiosos como Cornford se preocuparam em encontrar ainda tinha vinculações com o mito. Segundo Vernant, Cornford observou que a física jônica é a expressão do pensamento filosófico racional e abstrato, pois recorre a argumentos e não a explicações sobrenaturais. No entanto, se a atitude do filósofo o distingue do homem mítico, o conteúdo da filosofia permanece semelhante ao

do mito, e dele o aproxima.

Por exemplo, Hesíodo relata na Teogonia como Gaia (Terra) gera sozinha, por segregação, o Céu e o Mar; depois, a união da Terra com o Céu, presidida por Eros (princípio

de coesão do Universo), resulta na geração dos deuses. Ora, examinando os textos dos filósofos jônicos, Cornford descobriu neles a mesma estrutura de pensamento

existente no relato mítico: os jônios afirmam que, de um estado inicial de indistinção, separam-se pares opostos (quente e frio, seco e úmido) que vão gerar os seres

naturais

(o céu de fogo, o ar frio, a terra seca, o mar úmido), Para os filósofos, a ordem do mundo deriva de forças opostas que se equilibram reciprocamente, e a união dos

opostos explica os fenómenos meteóricos, as estações do ano, o nascimento e a morte de tudo que vive,⁴

--

4s.-p. Vemant. Mito e pensamento entre os gregos, p. 297.

Portanto, na passagem do mito à razão, há continuidade no uso da concepção da razão", pois o aparecimento da filosofia é um fato histórico enraizado no passado.

Embora existam esses aspectos de continuidade, a filosofia surge recebido, Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. Enquanto no mito a inteligibilidade

é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenómenos.

Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa como pensamento abstrato.

Na nova abordagem do real caracterizada pelo pensamento filosófico dos primeiros filósofos é de natureza cosmológica. de maneira que, na Grécia Antiga, o filósofo é também o homem do saber científico. Só no século XVII as ciências

encontram seu próprio método e separam-se da filosofia, formando as chamadas ciências particulares (ver Capítulo 14-A ciência na Idade Moderna).

Exercícios

1. Levante as principais idéias do capítulo.
2. Qual é a importância das epopéias no período homérico?
3. Explique qual é o sentido das citações a seguir, tendo
 - a) Diz a deusa Atenas a Ulisses: "Eu sou uma divindade que te gu
 - b) Agamemnon, depois de um desvario momentâneo, diz: "Não sou eu

Zeus, o Destino e a Erínia, que caminha na sombra", (Erínias eram deusas da vingança, também chamadas Fúrias.).

4. Segundo o historiador da filosofia Bumet, "se o (grego) inven aliado ao poder do raciocínio". Tal concepção, típica da crença no "milagre grego", mereceu a crítica de filósofos como Vemant.

- a) Explique qual é o significado dessa crítica.
 - b) Especifique melhor a crítica, referindo-se à importância do a
 - c) Explique: "A filosofia é filha da Cidade".
5. Contraponha a noção de virtude para o herói mítico e p
 6. Qual é a importância da ágora para o desenvolvimento d
 7. "Em todas as literaturas, a prosa é posterior ao verso

literatura grega não faz exceção à regra, antes a

acentua, pois o desnível cronológico entre ambas deve importar uns três séculos." (M. Helena Rocha

Pereira)

- a) Quais são as obras em prosa? E as em verso?
- b) Em que épocas elas aparecem?
- c) Explique o que a autora quer dizer com a oposição imagina ção

8. Leia o texto complementar 1 e identifique os elementos relação ao pensamento mítico.

9. Platão viveu no século V a.C., mas ainda sentia próximo a poesia.

Pesquisa

Dividir a classe em quatro grupos, que deverão pesquisar a respeito de: escola eleática; escola atomista.

Textos complementares

1

Pré-socráticos

Como a maior parte das obras dos pré-socráticos desapareceram, Herman Diels e Walther Kranz selecionaram os fragmentos que sobraram, reconhecendo os autênticos.

assim como fizeram levantamento de uma ampla doxografia, ou seja, transcreveram as referências de diversos autores a respeito daqueles filósofos. Os trechos a seguir

referem-se a alguns desses fragmentos, bem como a comentários de doxógrafos.

Anaximandro

Anaximandro não explica a gênese pela mudança do elemento primordial. Contrários são quente e frio, seco e úmido, e os outros. (Simplício)
Anaximandro afirma que, por ocasião da gênese deste cosmos, a fo

eterno separou-se do calor e do frio, formando-se uma esfera deste fogo ao redor do ar que envolve a

Terra, assim como a casca em torno da árvore. Quando esta se rompeu, dividindo-se em diversos

círculos, formaram-se o Sol, a Lua e as estrelas. (Pseudo Plutarco)

Anaxímenes

Outros dizem que a alma é ar, como Anaxímenes e alguns estóicos.

As estrelas surgiram da Terra, ao destacar-se desta a unidade as umidade, surgiu o fogo; e do fogo, que se elevava, constituíram-se as estrelas. (Hipólito)

Heráclito

(Heráclito afirma a unidade de todas as coisas: do separado e do do eterno, do pai e do filho, de Deus e da justiça.) É sábio que os que ouviram, não a mim, mas as minhas palavras (logos), reconheçam que todas as coisas são um.

Eles não compreendem como, separando-se, podem harmonizar-se: ha A guerra é o pai de todas as coisas e de todas o rei; de uns fez uns, escravos, de outros, homens livres.

Parmênides

Os (anéis) mais estreitos estão cheios de fogo sem mistura; os (parte de fogo; no centro

destes (anéis) está a divindade que tudo governa; pois em tudo ela é o princípio do cruel nascimento e da união, enviando o feminino a unir-se com o masculino, como,

ao contrário, o masculino com o feminino.

Em primeiro lugar criou (a divindade do nascimento ou do amor),
Empédocles

Ainda outra coisa te direi. Não há nascimento para nenhuma das coisas
fim na morte funesta, mas somente composição e dissociação dos elementos
compostos: nascimento

não é mais do que um nome usado pelos homens.

Esta (luta das duas forças) é manifesta na massa dos membros humanos
da vida florescente; outras, divididos pela cruel força da discórdia, erram
separados nas margens da vida. Assim também com as árvores e peixes das
águas, com os

animais selvagens das montanhas e os pássaros mergulhões levados por suas
asas.

(Apud O. Bornheim, Os filósofos pré-socráticos, p. 26,29, 39, 57.69 e 70.)

II

Os poetas

Trata-se de um trecho do Livro X de A República: no diálogo, os
irmãos mais novos de Platão.

- E no entanto não acusamos ainda a poesia do mais grave de seus
um pequeno número, eis o que sem
dúvida é realmente temível.

- Seguramente, se ela surte tal efeito.

- Ouve, e considera o caso dos melhores dentre nós. Quando ouvir

Homero ou qualquer outro poeta trágico imitar um herói na dor, o qual, em meio
de seus

lamentos, se estende em longa tirada, ou canta, ou se golpeia no peito, sentimos, como sabes, prazer,

abandonamo-nos para acompanhá-lo com nossa simpatia e, em nosso

entusiasmo, louvamos como bom poeta aquele que, no mais alto grau possível, provocou em nós tais disposições.

- Sei disso; como poderia ignorá-lo.

- Mas, quando um infortúnio doméstico nos fere, já reparamos e corajosos, porque assim age

um homem e porque a conduta que há pouco aplaudimos só convém às mulheres.

- Assim pois, Glauco, quando te deparares com panegirista os negócios humanos ou ensinar o seu manejo, é justo tomá-lo em mão, estudá-lo e viver regulando por ele toda a existência, deves por certo saudá-los e acolhê-los

amigavelmente, como homens que são tão virtuosos quanto possível, e conceder-lhes que Homero é o príncipe da poesia e o primeiro dos poetas trágicos, mas saber outrossim

que, em matéria de poesia, não se deve admitir na cidade senão os hinos em honra dos deuses e os elogios à gente de bem. Se, ao invés, admitires a Musa voluptuosa,

o prazer e a dor serão os reis de tua cidade, em lugar da lei e deste princípio que, por comum acordo, sempre foi considerado o melhor, a razão.

(Platão, A República.a, p. 224 e ss.)

CAPÍTULO 8

O QUE É FILOSOFIA?

O que pretendo sob o título de Filosofia, como fim e campo das m na sua vida de filósofo, a filosofia deixou de ser um enigma?... Só os pensadores secundários que, na verdade, não se podem chamar filósofos, estão contentes com as suas definições.

(GHusserl)

A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo.

(MerleauPonty)

(Gravura)

A história de Morte de Sócrates, de Louis David.

Sócrates foi condenado à morte acusado de corromper a mocidade e de desconhecer os deuses da Cidade. Enquanto aguardava a execução

da sentença, discutia com seus discípulos a respeito da imortalidade da alma,

sua condenação, defesa e morte é contada no belo diálogo de Platão, Apologia de Sócrates. Na prisão, o mestre discutia com os discípulos questões sobre a imortalidade

da alma, relatadas no Fédon, também de Platão.

1, Introdução

Lembremos a figura de Sócrates. Viveu em Atenas no século V a.C. pelos jovens, passava horas discutindo na praça pública. Interpelava os transeuntes, dizendo-se ignorante, e fazia perguntas aos que julgavam entender determinado

assunto. colocava o interlocutor em tal situação que não havia saída senão reconhecer a própria ignorância. Com isso Sócrates conseguiu rancorosos inimigos. Mas

também alguns discípulos.

O interessante é que na segunda parte do seu método", que se seguiu efetiva. Sabemos disso não pelo próprio Sócrates, que nunca escreveu, mas por seus discípulos, sobretudo Platão e

Xenofonte (ver o texto complementar II deste capítulo: "Ciência e missão de Sócrates").

Afinal, acusado de corromper a mocidade e desconhecer os deuses

****nota**

Ver referências ao método de Sócrates ,na Primeira Parte do Capítulo 10-Teoria do conhecimento.

A partir do que foi dito, podemos fazer algumas observações:

- Sócrates não está em seu "gabinete" contemplando "o próprio um
- A relação estabelecida com as pessoas não é puramente intelectual
- Seu conhecimento não é livresco, mas vivo e em processo de se
- Guia-se pelo princípio de que nada sabe e, desta perplexidade

interrogação e o questionamento do que é familiar.

- Ao criticar o saber dogmático, não quer com isso dizer que ele um "farol" que ilumina; o caminho novo deve ser construído pela discussão, que é intersubjetiva, e pela busca criativa das soluções.

- Portanto, Sócrates é "subversivo" porque "desnorteia", perturb

Se fizermos um paralelo entre Sócrates e a própria filosofia, ch
Por ser alteradora da ordem, perturba, incomoda e é sempre "expulsa da cidade", mesmo quando as pessoas se riem do filósofo ou o consideram "inútil". Por via das

dúvidas, o amordaçam, cortam o "mal" pela raiz e até retiram a filosofia dos cursos secundários... Mas há outras formas de "matar" a filosofia: quando a tornamos

pensamento dogmático e discurso do poder, ou, ainda, quando cinicamente reabilitamos Sócrates morto, já que então se

tornou inofensivo.

1. A atitude filosófica

Entre os antigos gregos predominava inicialmente a consciência m
no capítulo anterior.

Quando se dá a passagem da consciência mítica para a racional, a
VI a.C.), que também era matemático, usou pela primeira vez a palavra filosofia (philos-sophia), que significa "amor à sabedoria". É bom

observar que a própria etimologia

mostra que a filosofia não é puro logos, pura razão: ela é a procura amorosa da verdade.

O trabalho filosófico é essencialmente teórico. Mas isso não sig
corpo de doutrina

ou um saber acabado, com determinado conteúdo, ou que seja um conjunto de conhecimentos estabelecidos de uma vez por todas.

Para Platão, a primeira virtude do filósofo é admirar-se. A admi

não como posse da verdade, mas como sua busca. Para Kant filósofo alemão do século XVIII, "não há

filosofia que se possa aprender; só se pode aprender a filosofar".

Isto significa que a filosofia é sobretudo uma atitude, um pensar permanente.

É um conhecimento instituinte, no sentido de que questiona o saber instituído.

Portanto, a teoria do filósofo não constitui um saber abstrato, o se encontra no seio mesmo da história. No entanto, está mergulhada no mundo e fora dele: eis o paradoxo enfrentado pelo filósofo. Isso significa que o filósofo inicia

a caminhada a partir dos problemas da existência, mas precisa se afastar deles para melhor compreendê-los, retornando depois a fim de dar subsídios para as mudanças.

1. A filosofia e a ciência

No seu começo, a ciência estava ligada à filosofia, sendo o filósofo Tales e Pitágoras eram também geômetras, e Aristóteles escreveu sobre física e astronomia.

Na ordem do saber estipulada por Platão, o homem começa a conhecer (episteme), para só então ser capaz de atingir o nível mais alto do saber filosófico.

A partir do século XVII, a revolução metodológica iniciada por Galileu no período até o século XX, aparecem as chamadas ciências particulares - física, astronomia, química, biologia, psicologia, sociologia *etc.* -, delimitando um campo específico de pesquisa.

Na verdade, o que estava ocorrendo era o nascimento da ciência, objeto específico: à física cabe investigar o movimento dos corpos; à biologia, a

natureza dos seres vivos; à química, as transformações substanciais, e assim por diante. Além da delimitação do objeto da ciência, se acrescenta o aperfeiçoamento do método científico, fundado sobretudo na experimentação e matematização (ver Capítulos 14 e 15).

O confronto dos resultados e a sua verificabilidade permitem uni-juízos de realidade, já que de uma forma ou de outra pretendem mostrar como os fenômenos ocorrem, quais as suas relações e, conseqüentemente, como prevê-los.

A primeira questão que nos assalta é imaginar o que resta à filosofia particulares, tornadas independentes. Ainda mais que, no século XX, até as questões referentes ao homem passam a reivindicar o estatuto de cientificidade, representado pela procura do método das ciências humanas.

Ora, a filosofia continua tratando da mesma realidade apropriada a filosofia jamais renuncia a considerar o seu objeto do ponto de vista da totalidade. A visão da filosofia é de conjunto, ou seja, o problema tratado nunca é examinado de modo parcial, mas sempre sob a perspectiva de conjunto, relacionando cada aspecto com os outros do contexto em que está inserido.

Se a ciência tende cada vez mais para a especialização, a filosofia na sua integridade não sucumba à alienação do saber parcelado. Por isso a filosofia tem uma função de interdisciplinaridade, estabelecendo o elo entre as diversas formas do saber e do agir.

O trabalho da filosofia sob esse aspecto é importante e, reconhecer que o saber especializado, sem a devida visão de conjunto, leva à

exaltação do "discurso competente (ver Capítulos 5 e

11) e às conseqüentes formas de

dominação.

A filosofia ainda se distingue da ciência pelo modo como aborda seu objeto: em todos os setores do conhecimento e da

ação, a filosofia está presente como reflexão crítica a respeito dos fundamentos

desse conhecimento e desse agir. Então, por exemplo, se a física ou a química se denominam ciências e usam determinado método, não é da alçada do próprio físico

ou do químico saber o que é ciência, o que distingue esse conhecimento de outros, o que é método, qual a sua validade, e assim por diante. Eles até podem dedicar-se

a esses assuntos, mas, quando o fazem, passam a se colocar questões filosóficas. O mesmo acontece com o psicólogo ao usar, por exemplo, o conceito de homem livre.

Indagar sobre o que é a liberdade é fazer filosofia.

Mudando o enfoque: e se a questão for o comércio, ou a fábrica?

sobre o conceito subjacente de homem que se encontra nas relações estabelecidas socialmente.

Portanto, a filosofia não faz juízos de realidade, como a ciência de montagem, repetindo sempre o mesmo gesto, e vai além dessa constatação. Não vê apenas como é, mas como deveria ser. Julga o valor da ação, sai em busca do significado

dela. Filosofar é dar sentido à experiência.

1. O processo do filosofar

A filosofia de vida

Como seria o caminhar do filósofo? Na medida em que somos seres do homem comum, costumamos chamar filosofia de vida.

No Capítulo 5 (Ideologia), quando nos referimos à passagem do se comum é fragmentário, incoerente, preso a preconceitos e dogmático, o bom senso supõe a capacidade de organização que dá certa autonomia ao homem que analisa sua

experiência de vida cotidiana.

Como veremos adiante, enquanto o homem comum faz sua filosofia d dos outros especialistas (como o físico ou o matemático). Por exemplo, quando observamos o estudioso de trigonometria, podemos bem pensar que grande parte dos homens

não precisa se ocupar com esse assunto. No entanto, o mesmo não acontece com o objeto de estudo do filósofo, cujo interesse se estende a qualquer homem.

Segundo Gramsci, "não se pode pensar em nenhum homem que não seja. Isso significa que as questões filosóficas fazem parte do cotidiano de todos nós. Se o filósofo da educação investiga os fundamentos da pedagogia, o homem comum

também se preocupa em escolher critérios - não importa que sejam pouco rigorosos - a fim de decidir sobre as medidas a serem tomadas na educação de seus filhos.

Estamos diante de diferentes filosofias de vida quando preferimo bem remunerado, porém mais atraente, ou quando escolhemos o colégio onde estudar. Há valores que entram em jogo aí. Se escolho um "colégio fraco para passar de ano

e ter tempo para passear", ou se, ao contrário, prefiro um "colégio forte para me preparar para o vestibular", ou, ainda dentro dessa última opção, "um bom colégio

para ter um contato melhor com o mundo da cultura e abrir as possibilidades de autoconhecimento", é preciso reconhecer que existem critérios bem diferentes fundamentando

tais decisões.

É por isso que consideramos tão importante a introdução do estudo
2º grau. Não propriamente para preparar futuros prováveis filósofos

especialistas, mas a fim de dar alguns subsídios para o aprimoramento da reflexão filosófica inerente a qualquer ser humano. Nesse sentido, o ensino da filosofia

deveria se estender a todos os cursos e não só às classes de ciências humanas.

A filosofia propriamente dita

A filosofia propriamente dita tem condições de surgir no momento
Como vimos, o homem comum, no cotidiano da vida, é levado a momentos de parada, a fim de retomar o significado de seus atos e pensamentos, e nessa hora é solicitado

a refletir. Entretanto, ainda não é filosofia rigorosa o que ele faz.

Examinemos a palavra reflexão: quando vemos nossa imagem refletida
ela vai até o espelho e retorna; reflectere, em latim, significa "fazer retroceder", "voltar atrás". Portanto, refletir é retomar o próprio pensamento, pensar o
já pensado, voltar para si mesmo e colocar em questão o que já se conhece.

É ainda Gramsci quem diz: "o filósofo profissional ou técnico não
"pensa" com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema do

que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, sabe explicar o desenvolvimento que o pensamento teve até ele e é capaz de retomar os problemas

a partir do ponto em que se encontram, depois de terem sofrido as mais variadas tentativas de solução."2

Segundo o professor Dermeval Saviani, a reflexão filosófica é r
**nota

2 A. Gramsci, Obras escolhidas, p. 44.

Dermeval Saviani, Educação brasileira. estrutura e sistema, p. 68.

Radical: a palavra latina radix, radicis significa "raiz", e no
de ser inflexível (nesse caso seria a antifilosofia!), mas

enquanto busca explicitar os conceitos fundamentais usados em todos os campos
do pensar e do agir. Por exemplo, a filosofia das ciências examina os
pressupostos

do saber científico, do mesmo modo que, diante da decisão de um vereador em
aprovar determinado

projeto, a filosofia política investiga as "raízes" (os princípios políticos)
que orientam sua ação.

Rigorosa: enquanto a "filosofia de vida" não leva as conclusões
deve dispor de um método claramente explicitado a fim de proceder com rigor,
garantindo a coerência e o exercício da crítica. Mesmo porque o filósofo não faz
afirmações

apenas, precisa justificá-las com argumentos. Para tanto usa de linguagem
rigorosa, que evita as

ambiguidades das expressões cotidianas e lhe permite discutir com

outros filósofos a partir de conceitos claramente definidos. É por isso que o
filósofo sempre "inventa conceitos", ou cria expressões novas (quanto fizeram
isto

os gregos)) ou altera e especifica o sentido de palavras usuais.

De conjunto: enquanto as ciências são particulares, porque abordam-se expressa nas mais variadas formas (técnica, magia, arte, política etc.), a filosofia é globalizante, porque examina os problemas sob a perspectiva de conjunto,

relacionando os diversos aspectos entre si. Nesse sentido, além de considerarmos que o objeto da filosofia é tudo (porque nada escapa a seu interesse), completamos

que a filosofia visa ao todo, à totalidade. Daí a função de interdisciplinaridade da filosofia, estabelecendo o elo entre as diversas formas de saber e agir humanos.

A maneira pela qual se faz rigorosamente a reflexão filosófica vivida pelos homens em sua ação sobre o mundo.

Qual é a "utilidade" da filosofia?

Para responder à questão, precisamos saber primeiro o que entendemos por utilidade. Eis o primeiro impasse. Vivemos num mundo em que a visão das pessoas está marcada pela busca dos resultados imediatos do conhecimento. Então, é considerada

importante

a pesquisa do biólogo na busca da cura do câncer; ou o estudo de matemática

no 2º grau porque "entra no vestibular"; e constantemente o estudante se pergunta: "Para

que vou estudar isto, se não usarei na minha profissão?"

Seguindo essa linha de pensamento, a filosofia seria realmente "útil" é semelhante à arte. Se perguntarmos qual é a finalidade de uma obra de arte, veremos que ela tem um fim em si mesma e, nesse sentido, é "inútil".

Entretanto, não ter utilidade imediata não significa ser desnecessário

Onde está a necessidade da filosofia?

Está no fato de que, por meio da reflexão (aquele desdobrar-se, agir imediato no qual o "homem prático" se encontra mergulhado.

É a filosofia que dá o distanciamento para a avaliação dos fundamentos da ciência e o reconstrói na sua unidade; retoma a ação pulverizada no tempo e procura compreendê-la.

Portanto, a filosofia é a possibilidade da transcendência humana. Transcendência, o homem surge como ser de projeto, capaz de liberdade e de construir o seu destino.

O distanciamento é justamente o que provoca a aproximação maior. A função da razão é promover a arte da vida". A filosofia recupera o processo perdido no imobilismo das coisas feitas (mortas porque já ultrapassadas). A filosofia

impede a estagnação.

Por isso, o filosofar sempre se confronta com o poder, e sua invencibilidade. É o que afirma o historiador da filosofia

François Châtelet:

"Desde que há Estado - da cidade grega às

burocracias contemporâneas -, a idéia de verdade sempre se voltou, finalmente, para o lado dos poderes (ou foi recuperada por eles, como testemunha, por exemplo,

a evolução do pensamento francês do século XVIII ao século XIX). Por

consequente, a contribuição específica da

filosofia que se coloca ao serviço da liberdade, de

todas as liberdades, é a de minar, pelas análises que ela opera e pelas ações que desencadeia, as instituições repressivas e simplificadoras: quer se trate da ciência,

do ensino, da tradução, da pesquisa, da medicina, da família, da polícia, do fato carcerário, dos sistemas burocráticos, o que importa é fazer aparecer a máscara,

deslocá-la, arrancá-la... "4

A filosofia é, portanto, a crítica da ideologia, enquanto forma

Atentando para a etimologia do vocábulo grego correspondente à verdade (a-létheia, a-lethetiein, 'desnudar'), vemos que a verdade é pôr a nu aquilo que estava escondido,

e aí reside a vocação do filósofo: o desvelamento do que está encoberto pelo costume, pelo convencional, pelo poder.

Finalmente, a filosofia exige coragem. Filosofar não é um exercício do poder que tentam manter o status quo. é aceitar o desafio da mudança. Saber para transformar.

Lembremos que Sócrates foi aquele que enfrentou com coragem o de

****notas**

F. Châtelet. História da Filosofia; Idéias, doutrinas, v. gp p.309.

1. Filosofia: nem dogmatismo. nem ceticismo

Vimos, no Capítulo 3 (O que é conhecimento), que o ceticismo é o conhecimento, quer na forma moderada de suspensão provisória do juízo, quer na radical recusa em formular qualquer conclusão.

No outro extremo, existe o dogmatismo, segundo o qual o filósofo

Enquanto o dogmático se apegava à certeza de uma doutrina, o cético que não leva a lugar nenhum.

Comparando as duas posições antagônicas, podemos perceber que o dogmático atinge uma certeza e nela permanece; o cético anseia pela certeza e decide que ela é inalcançável.

Mas a filosofia é movimento, pois o mundo é movimento. A certeza a qual, por sua vez, será nova tese, e assim por diante. A filosofia é a procura da verdade, não a sua posse, como disse Iaspers, filósofo alemão contemporâneo, concluindo que "fazer filosofia é estar a caminho; as perguntas em filosofia são mais essenciais que as respostas e cada resposta transforma-se numa nova pergunta".

Exercícios

1. Qual é a relação inicial da ciência com a filosofia e
2. O que é filosofia de vida? Como ela se distingue da fi
3. O que caracteriza a reflexão filosófica propriamente d
4. O que significa dizer que a filosofia é inútil" mas ne

1. Qual é a relação da filosofia com o poder?

6. "Pois é impossível negar que a filosofia coxeia. Habita a his
naquele ponto em que são advento,

sentido nascente. Sente-se mal nojá feito. Sendo expressão, só se realiza renunciando a coincidir com aquilo que exprime e afastando-se dele para lhe captar o sentido.

É a utopia de uma posse à distância." (MerleauPonty)

Explique o que MerleauPonty quer dizer com: "só se realiza renun

7. Comente: "Toda filosofia comporta a secreta ambição de pôr te sob o impulso de um instinto de morte. Na realidade, porém, a hi constante da reflexão, para além de todas as tentativas de a liquidar". (Gusdorf).

8. Leia o texto complementar 1, de Jaspers, e responda:

- a) Por que a filosofia é perigosa?
- b) Em que sentido a antifilosofia é uma filosofia"?
- c) Explique por que a filosofia não é um pensamento dogmático

9. Comente: "No mundo atual, o esplendor de nossos poderes humanos faz com que se ressalte, numa visão trágica, a ambigüidade de nossos desejos. Somente a filosofia levanta o problema dos valores". (Huisman e Vergez)

10. Leia o texto complementar II de Platão, e responda:

- a) O que significa a máxima de Sócrates, "só sei que nada sei"? Em que sentido ela se refere a Sócrates e à própria filosofia?
- b) Em que medida a posição de Sócrates não se confunde com o ceticismo?

Textos complementares

A filosofia no mundo

Mas como se põe o mundo em relação com a filosofia? Há cátedras da tradição, a filosofia é polidamente respeitada, mas, no fundo, objeto de desprezo. A opinião corrente é a de que a filosofia nada tem a dizer e carece de qualquer

utilidade prática. É nomeada em público, mas - existirá realmente? Sua existência se prova, quando menos, pelas medidas de defesa a que dá lugar.

A oposição se traduz em fórmulas como: a filosofia é demasiado c não me diz respeito. Ora, isso equivale a dizer: é inútil o interesse pelas questões fundamentais da vida; cabe abster-se de pensar no plano geral para mergulhar,

através de trabalho consciencioso, num capítulo qualquer de atividade prática ou intelectual; quanto ao resto, bastará ter "opiniões" e contentar-se com elas.

A polêmica torna-se encarniçada. Um instinto vital, ignorado de vida, Adquiriria outro estado de espírito, veria as coisas a uma claridade insólita, teria de rever seus juízos. Melhor é não pensar filosoficamente.

E surgem os detratores, que desejam substituir a obsoleta filosofia de mendas de uma teologia falida. A insensatez das proposições dos filósofos é ironizada. E a filosofia vê-se denunciada como instrumento servil de poderes políticos e outros.

Muitos políticos vêem facilitado seu nefasto trabalho pela ausência tão-somente usam de uma inteligência de rebanho. É preciso impedir que os homens se

tornem sensatos. Mais vale, portanto, que a filosofia seja vista como algo entediante.

Oxalá desaparecessem as cátedras de filosofia. Quanto mais vaidades se ensinam, menos estarão os homens arriscados a se deixar tocar pela luz da filosofia.

Assim, a filosofia se vê rodeada de inimigos, a maioria dos quais o hábito de considerar o bem-estar material como razão suficiente de vida, o hábito de só apreciar a ciência em função de sua utilidade técnica, o ilimitado desejo de poder, a bonomia dos políticos, o fanatismo das ideologias, a aspiração a um nome literário - tudo isto proclama a antifilosofia. E os homens não o percebem porque não se dão conta do que estão fazendo. E permanecem inconscientes de que a antifilosofia é uma filosofia, embora pervertida, que, se aprofundada, engendraria sua própria aniquilação.

O problema crucial é o seguinte: a filosofia aspira à verdade to

E a verdade o que será? A filosofia busca a verdade nas múltiplas
Busca, mas não possui

o significado e substância da verdade única. Para nós, a verdade não é estática e definitiva, mas movimento incessante, que penetra no infinito.

No mundo, a verdade está em conflito perpétuo. A filosofia leva o filósofo a ver a verdade revelar-se a seus olhos, graças ao intercâmbio com outros pensadores e ao processo que o torna transparente a si mesmo.

Quem se dedica à filosofia põe-se à procura do homem, escuta o que faz e se interessa por sua palavra e ação, desejoso de partilhar, com seus

concidadãos, do destino

comum da humanidade.

Eis por que a filosofia não se transforma em credo. Está em cont

(Karl Jaspers. Introdução ao Pensamento Filosófico. p. 138)

II

Ciência e missão de Sócrates

Ora, certa vez, indo a Delfos*, (Querofonte) arriscou esta consu
sábio que eu; respondeu a Pitiap que

não havia ninguém mais sábio. Para testemunhar isso, tendes aí o irmão dele,
porque ele já morreu.

Examinai por que vos conto eu esse fato; é para explicar a proce
o deus? Que sentido oculto pôs na resposta? Eu cá não tenho consciência de ser
nem muito sábio nem pouco: que quererá ele, então, significar declarando-me o
mais

sábio? Naturalmente, não está mentindo, porque isto lhe é impossível". Por
longo tempo fiquei nessa incerteza sobre o sentido: por fim, muito contra meu
gosto,

decidi-me

por uma investigação, que passo a expor. Fui ter com um dos que passam por
sábios, porquanto, se havia lugar, era ali

que, para rebater o oráculo, mostraria ao deus: "Eis

aqui um mais sábio que eu. quando tu disseste que eu o era!" Submeti a exame
essa pessoa -

é esçusado dizer o seu nome; era um dos políticos. Eis, Atenienses, a

impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele: achei que ele passava por sábio aos olhos de muita gente, principalmente aos seus próprios, mas não

o era. Meti-me, então, a explicar-lhe que supunha ser sábio. mas não o era. A conseqüência foi tornar-me odiado dele e de muitos dos circunstantes.

Ao retirar-me, ia concluindo de mim para comigo: "Mais sábio do saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu. se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o

que não sei". Daí fui ter com outro, um dos que passam por ainda mais sábios e tive a mesmisstma impressão; também ali me tornei odiado dele e de muitos outros.

Depois disso, não parei, embora sentisse, com mágoa e apreensões importância

ao serviço do deus. Cumpria-me, portanto, para averiguar o sentido do oráculo, ir ter com todos os

que passavam por senhores de algum saher. (...)

Além disso, os moços que espontaneamente me acompanham - e são o dos homens: eles próprios imitam-me muitas vezes; nessas ocasioes. metem-se a interrogar os outros: suponho que descobrem uma multidão de pessoas que supõem saber

alguma coisa, mas pouco sabem, quiçá nada. Em conseqüência, os que eles examinam se exasperam contra mim e não contra si mesmos e

propalam que existe um tal Sócrates,

um grande miserável, que corrompe a mocidade.

(Plaão, Defesa de Sócrates, Col. Os pensadores. São Paulo. Abril Cultural, 1972, p. 14.)

**

Em Delfos, havia um templo onde Apolo dava oráculos, predizendo o futuro.

Pítia - Assim se chamava a sacerdotisa do templo de Delfos, que formulava os oráculos (N.T.).

CAPÍTULO 9

INSTRUMENTOS DO CONHECIMENTO

PRIMEIRA PARTE - Lógica formal

Os animais se dividem em: a) pertencentes ao imperador-, b) embaixadores, c) domesticados, d) leitões, e) sereias, f) fabulosos, g) cães em liberdade, h) incluídos na presente classificação, i) que se agitam Como loucos, j) inumeráveis, k) desenhados com um pincel muito fino de pêlo de camelo, l) et coetera, m) que acabaram de quebrar a bilha, n) que de longe parecem moscas. (Jorge Luis Borges. apud Foucault(1))

1. Introdução

Passado o riso ou o espanto, podemos perceber que a classificação "pôr ordem na casa", restabelecendo um critério único. Queremos aproximar e distinguir os

animais pelas suas semelhanças e diferenças, buscando a coerência de princípio.

Isso significa que, ao compreender a realidade, procuramos formas corretas para pensá-la.

Vimos que a filosofia, no correr dos séculos, sempre se preocupou

conhecimento, formulando a esse respeito várias questões: qual a origem do conhecimento?

qual a sua essência? quais os tipos de conhecimento? qual o critério da verdade? é possível o conhecimento?

Neste capítulo veremos como a lógica trata do assunto referente logos. que significa "palavra", "expressão", "pensamento", "conceito". "discurso", "razão".

Vejamos como a lógica se ocupa com a razão e o pensamento. A ela não interessa nenhuma das perguntas formuladas acima, mas apenas investigar a validade dos argumentos

e dar as regras do pensamento correto. A lógica é, portanto, uma disciplina propedêutica, é o vestibulo da filosofia, ou seja, a ante-sala, O instrumento que vai

permitir o caminhar rigoroso do filósofo ou do cientista.

1. Inferência e argumento

Chamamos inferência ao processo pelo qual chegamos a uma conclusão que o conhecimento é constituído por elementos racionais, embora existam também os fatores emocionais e intuitivos. Divagação, associação de idéias, imaginação são

recursos válidos para o pensamento, cujos resultados podem ser desde crenças e opiniões até sentenças científicas.

Ora, nenhum desses aspectos específicos da inferência interessam descoberta, qualquer que tenha sido o caminho percorrido, cabe ao lógico examinar a forma da inferência, a concatenação existente entre os diversos enunciados, a

fim de verificar se é justificável chegar a determinada conclusão. Em outras palavras, a lógica examina se a

estrutura das inferências é coacta ou não.

O argumento possui uma estrutura de rigor constituída por proposições.

A proposição é a representação lógica do juízo. Juízo é o ato de juízo de dois conceitos.

Na proposição "O homem é livre", há dois conceitos (homem e livre) e o segundo é negado do conceito homem. Na lógica os conceitos são chamados de termos. Portanto, nos exemplos citados, os termos são homem, livre e mineral.

A argumentação é a representação lógica do raciocínio. É um tipo de encadeamento logicamente de juízos e deles

tirar uma conclusão. Essa operação é discursiva porque vai de uma ideia ou de um juízo a outro passando por um ou vários intermediários e exige o uso de palavras.

Portanto, é um conhecimento mediato, isto é, procede por mediação, por meio de alguma coisa. Por exemplo:

Toda baleia é mamífero.

Ora, nenhum mamífero é peixe. Logo, a baleia não é peixe.

No exemplo, há três proposições em que a última, a conclusão, de "que foram colocadas antes").

Nem sempre (na verdade quase nunca...) a argumentação se formaliza escrito, às vezes começamos pela conclusão, além do mais, com frequência, omitimos premissas, deixando-as subentendidas. Costumamos também concatenar argumentos

de modo que a conclusão de um pode ser a premissa de outro. Por isso, um dos

trabalhos do lógico é montar

o raciocínio redescobrimo sua estrutura e avaliando a validade da conclusão.

Por exemplo, quando dizemos: "Claro que baú tem acento 1, estamos falando de uma palavra oxítona terminada em i ou u tônicos é acentuada quando precedida de vogal. Ora, na palavra baú o tônico é precedido de vogal, portanto deve ser acentuado".

1. Tipos de argumentação

Tradicionalmente dividimos os argumentos em dois tipos, os dedutivos e os indutivos, sendo que a analogia constitui apenas uma forma de indução.

Dedução

A dedução é o argumento cuja conclusão é inferida necessariamente

A matemática usa predominantemente processos dedutivos de raciocínio como verdades, quando fazemos ver que a conclusão decorre necessariamente das proposições colocadas anteriormente. Mas a dedução matemática não se confunde com

a dedução lógica, pois a matemática manipula símbolos capazes de se transformarem uns nos outros, ou de se substituírem. revelando relações sempre imprevistas, o

que torna a dedução matemática mais fecunda.

O mesmo não acontece com a dedução lógica, chamada por Aristóteles. Por exemplo, quando dizemos "se $x = y$, e $y = z$, então $x = z$ ", há um termo médio (y), que estabelece a ligação entre x e z , de modo que a conclusão se torna necessária,

ou seja, tem de ser esta e não outra. Além disso, o enunciado da conclusão não

excede o conteúdo das premissas, isto
é, não se diz mais na conclusão do que já foi
dito.

Assim, quando dizemos: "Todos os homens são mortais *Sócrates é*
Vejamos esse raciocínio representado no esquema:

Mortais
Homens
Sócrates

Podemos ainda dizer que o silogismo é um raciocínio que parte de
Uma proposição é geral quando o sujeito da proposição é tomado
É preciso prestar atenção, pois

às vezes usamos apenas o artigo definido (o, a) para indicar a totalidade: "O
homem é livre". Observe também que não importa se nos referimos a uma parte
de outra

totalidade; se na proposição tomamos todos os elementos que a constituem.
trata-se de uma proposição geral. Na proposição "Os paulistas são sul-
americanos", não

importa que os paulistas sejam uma parte dos brasileiros, mas que nesse caso
estamos nos referindo à totalidade dos paulistas.

Uma proposição é particular quando o sujeito da proposição é tor
curiosas". Uma proposição particular pode ser singular quando o sujeito se refere
a um indivíduo:

"Esta flor é bonita"; "São Paulo é uma bela cidade"; "Mário é estudante".

Nos exemplos a seguir, a primeira dedução tem conclusão geral; e
Todo brasileiro é sul-americano.

Todo paulista é brasileiro.

Todo paulista é sul-americano.

- Todo brasileiro é sul-americano, Algum brasileiro é índio.

Algum índio é sul-americano.

É verdade que a dedução é um modelo de rigor. Mas também é estér
que não nos ensina nada de novo, e apenas organiza o conhecimento já
adquirido. Portanto, ela não inova, o que não significa que a dedução não tenha
valor algum.

Condillac, filósofo francês do século XVIII, compara a lógica aos parapeitos das
pontes: "impedem-nos de cair, mas não nos fazem ir adiante". Isso significa que
a conclusão diz exatamente o que as premissas já disseram. Paul Valéry, poeta e
ensaísta francês do século XX, comenta

humoristicamente que "não é a cicuta², é

****nota**

² Cicuta: veneno que Sócrates foi obrigado a ingerir após ter sido condenado à
morte.

o silogismo que mata Sócrates.

Indução

Indução é uma argumentação na qual, a partir de dados singulares
deriva de verdades universais já conhecidas, partindo portanto do plano do
inteligível, a indução, ao contrário, chega a uma conclusão a partir da
experiência sensível,

dos dados particulares. Exemplos:

Esta porção de água ferve a cem graus, e esta outra, e esta outra
O cobre é condutor de eletricidade, e o ouro, e o ferro, e o zinco

Diferentemente do argumento dedutivo, o conteúdo da conclusão das premissas, e retira daí sua validade, a conclusão da indução tem apenas probabilidade de ser correta. Portanto, segundo Wesley Salmon, "podemos afirmar que as premissas

de um argumento indutivo correto sustentam ou atribuem certa verossimilhança à sua conclusão".

Apesar da aparente fragilidade da indução, que não possui o rigor pela fundamentação de grande parte dos nossos conhecimentos na vida diária e de grande valia nas ciências experimentais. Além disso, todas as previsões que fazemos

para o futuro têm base na indução, ou seja. no raciocínio que, baseado em alguns casos da experiência presente, nos faz inferir que o mesmo poderá ocorrer mais tarde.

Cabe ao lógico examinar as condições favoráveis para considerar é, se pertence a um tipo de argumento em que a maioria das premissas são verdadeiras e têm condições de aumentar a probabilidade de acerto.

Há vários tipos de indução, e aqui vamos examinar alguns.

Existe indução completa quando há condições de serem examinados A vista, o tato, o ouvido, o gosto, o olfato (que chamamos órgãos
Portanto, todo sentido tem um órgão corporeo.

No entanto, o caso mais comum é o da indução incompleta, ou indu

A generalização indutiva é precária quando se faz apressadamente e sem critérios.

É preciso examinar se a amostragem é significativa e se existe um número suficiente

de casos que permitam a passagem do particular para o geral.

Ao fazer a prévia eleitoral, um instituto de pesquisa consulta a considerar que dentre os eleitores da amostra 25% votará no candidato X, e 10% no Y, conclui-se que a totalidade dos eleitores votará segundo a mesma proporção.

Outro tipo comum de raciocínio indutivo é o chamado argumento de que respeitamos. Se vamos ao médico e atendemos às prescrições feitas, é porque partimos do pressuposto de que aquele profissional já deve ter realizado esses procedimentos

inúmeras vezes com sucesso e que portanto no nosso caso também acertará o diagnóstico. Quando consultamos um livro sobre determinado assunto, escolhemos um autor

digno de confiança que em outras circunstâncias já se manifestou satisfatoriamente sobre a questão.

É evidente que o argumento de autoridade pode levar a enganos, nferentes à própria natureza da indução, mas também a outros que serão examinados no

item 4 (Falácias), neste capítulo.

Analogia

Embora a analogia seja um caso de indução, vamos analisá-la sepa

Analogia (ou raciocínio por semelhança) é uma indução parcial ou mas a uma outra enunciação singular ou particular, inferida em virtude da comparação entre objetos que, embora diferentes, apresentam pontos de

semelhança:

Paulo sarou de suas dores de cabeça com este remédio.

Logo, João há de sarar de suas dores de cabeça com este mesmo re

É claro que o raciocínio por semelhança fornece apenas uma proba

Capítulo 38 - Arte como forma de conhecimento).

Grande parte de nossas conclusões diárias baseia-se na analogia.

na suposição de que deverá ser bom também. Se formos bem atendidos numa loja, voltaremos da próxima vez, na expectativa de tratamento semelhante. Da mesma forma,

se formos mal atendidos, evitaremos retornar.

Quando as explicações de um determinado fato nos parecem complex a ler, sofre como nadador iniciante, engole água e perde o fôlego". Do mesmo modo, o texto literário é enriquecido pela metáfora, que é uma forma de estabelecer

semelhança: "Amor é fogo que arde sem se ver" (Camões).

Também a ciência se vale das analogias. O médico britânico Alexa de uma mancha de bolor que tinha sido formada casualmente. Investigando o novo fato, reconheceu os fungos do gênero *Penicillium*. Por analogia, supôs que, se o bolor

destruía as bactérias na cultura in vitro, poderia ser usado

como medicamento para curar doenças em

organismos ou seres mais complexos.

As analogias podem ser fracas ou fortes, dependendo da relevância dos fatos, nas experiências biológicas podem ser feitas comparações de natureza

fisiológica que tornam a analogia adequada e fecunda. Assim, se o biólogo constatar

determinados efeitos de uma droga ministrada em ratos, é possível sustentar que os efeitos provocados nos homens sejam semelhantes.

1. Falácias

A falácia é um tipo de raciocínio incorreto. embora tenha a aparência de distinção entre eles, dando ao sofisma o sentido pejorativo decorrente da intenção de enganar o interlocutor, enquanto no paralogismo não haveria essa intenção.

As falácias podem ser formais, quando contrariam as regras do raciocínio não-formais, quando, segundo o professor norte-americano Irving Copi, os erros decorrem de "inadvertência ou falta de atenção ao nosso tema, ou então porque somos iludidos por alguma ambigüidade na linguagem usada para formular nosso argumento".

São inúmeros os tipos de falácia e por isso vamos nos restringir a algumas.
Falácias não-formais

Começamos pelas falácias não-formais, bastante comuns na vida diária. Muitas falácias decorrem do fato de algumas premissas serem irrelevantes, mobilizando emoções como medo, entusiasmo, hostilidade ou reverência.

Por exemplo, já havíamos nos referido ao argumento de autoridade quando um especialista, tornando-se irrelevante se, por exemplo, recorrermos à autoridade do cientista Einstein para justificar posições religiosas ou ao jogador Pelé para avaliar política. Trata-se de recurso desviante, em que é

setor que não é da competência do especialista. isso é muito comum na propaganda,

quando artistas famosos "vendem" desde sabon até idéias (quando apóiam, por exemplo, candidato

às eleições).

Há ainda o argumento de autoridade avessas - no sentido de ser p
ofensivo, conhecido como argumento contra o homem. Ele ocorre quando
consideramos

errada uma conclusão porque parte de alguém por nós depreciado. Ao refutar a
verdade,

atacamos o homem que fez a afirmação: desconsiderar a filosofia de

Francis Bacon porque

perdeu seu cargo de Chanceler da Inglaterra depois de serem constatados atos de

desonestidade; ou ainda desmerecer o valor musical de Wagner a partir de sua
adesão aos

movimentos anti-semitas.

A falácia de acidente consiste em considerar essencial algo que
acidente como, por exemplo, concluir que a medicina é inútil devido ao erro de
um médico.

Ou, outro aspecto, aplicar o que é válido como regra geral em circunstâncias

particulares "acidentais" em que a regra se torna inaplicável. É o caso de pessoas
excessivamente

moralistas e legalistas, desejosas de aplicar cegamente as normas e as

leis, independentemente da análise cuidadosa das circunstâncias específicas dos

acontecimentos.

A falácia de ignorância da questão consiste em se afastar da que discussão para outro lado. Um advogado habilidoso, que não tem como negar o crime do réu, enfatiza que ele é bom filho, bom marido, trabalhador etc.; um vereador acusado de ter gasto sem a autorização da Câmara põe em relevo a importância e urgência dos gastos; ou, ainda, o deputado que defende o governo acusado de corrupção em comissão de inquérito não se depém para avaliar os fatos devidamente comprovados, mas discute questões formais do relatório da comissão ou enfatiza o pretensu revanchismo dos deputados opositoristas.

Há também falácias como a petição de princípio, ou círculo vicio consiste em supor já conhecido o que é objeto da questão. Por exemplo: "Por que o ópio faz dormir? Porque tem uma virtude dormitiva" ou tal ação é injusta porque é condenável; e é condenável porque é injusta". Nessas citações é fácil perceber o erro, mas nem sempre se descobre à primeira vista que a afirmação da conclusão está presente entre as premissas, como no exemplo relatado por Copi: "Permitir a todos os homens uma liberdade ilimitada de expressão deve ser sempre, de um modo geral, vantajoso para o Estado; pois é altamente propício aos interesses da comunidade que cada indivíduo desfrute de liberdade, perfeitamente

ilimitada,

para expressar os seus sentimentos".

Outras vezes, as falácias não-formais decorrem de ambigüidades e empregados com sentidos diferentes nas diversas etapas da argumentação. Trata-se de equívoco usarmos a palavra fim em dois sentidos diferentes como se fosse o mesmo:

"O fim de uma coisa é a sua perfeição; a morte é o fim da vida; logo a morte é a perfeição da vida".

Falácias formais

Além das falácias não-formais, há as falácias formais, quando o correto e válido. Como no presente capítulo não vamos nos estender na exposição dessas regras, daremos apenas alguns exemplos.

Entre as regras da conversão de proposições nas chamadas inferências de uma definição. Caso contrário, trata-se de falácia: "Todos os mamíferos são vertebrados, logo, todos os vertebrados são mamíferos". O certo seria: "logo, alguns vertebrados são mamíferos".

Agora examinemos os seguintes argumentos:

a) Todos os homens são loiros.

Ora, eu sou homem.

Logo, eu sou loiro.

b) Todos os homens são vertebrados.

Ora, eu sou vertebrado.

Logo, eu sou homem.

À primeira vista ficamos tentados em dizer que o argumento a é falsa (ou seja, o conteúdo dela não corresponde à realidade), trata-se de um raciocínio formalmente correto. Segundo as regras da lógica, colocadas tais premissas, a conclusão se põe necessariamente.

Por outro lado, o raciocínio b, que tendemos a considerar verdadeiro, é inválido. Não importa se a conclusão corresponde à realidade, mas sim que não se trata de uma construção logicamente válida. Segundo uma das regras do silogismo, o termo médio deve ser, pelo menos uma vez, total. O termo médio (que no caso é "vertebrado") é aquele que aparece nas duas premissas e permite estabelecer a ligação entre os outros dois termos. Essa regra não é atendida no raciocínio

b, pois os homens são alguns dentre os vertebrados, e eu sou um dos vertebrados. Para tornar mais clara esta evidência, vamos substituir o sujeito "eu" por "meu

gato":

Todos os homens são vertebrados.

Meu gato é vertebrado.

Logo, meu gato é homem.

Os exemplos a e b são falácias, sendo o primeiro uma falácia quantitativa e o segundo uma falácia qualitativa, pois desatende uma regra do argumento válido.

1. Histórico da lógica

A lógica aristotélica (ou lógica

clássica)

A Grécia clássica aparece historicamente como o berço da filosofia. Os filósofos pré-socráticos redigem em prosa um discurso que se opõe à atitude mítica predominante nos poemas de Homero e Hesíodo.

O novo modo de pensar é decomposto na sua estrutura por Aristóteles em partes integrantes. Essa e outras obras sobre o assunto foram denominadas mais tarde, em conjunto, Órganon, que significa "instrumento" (de fato, instrumento para se proceder corretamente no pensar). O próprio Aristóteles não usou a palavra lógica, que só apareceu mais tarde.

Embora alguns filósofos anteriores a Aristóteles, tais como o pré-socrático Parmênides, os sofistas, Sócrates e Platão, tenham estabelecido algumas leis do pensamento, nenhum o fez com tal amplitude e rigor.

Por essa razão a lógica aristotélica permaneceu através dos séculos. Aristóteles, a lógica se subdivide em:

lógica formal (ou menor), que estabelece a forma correta das operações válidas ou corretas.

- lógica material (ou maior), parte da lógica que trata do pensamento segundo a matéria ou natureza dos objetos a conhecer. Enquanto a lógica formal se preocupa com a estrutura do pensamento, a lógica material investiga a adequação do raciocínio à realidade.

É

também chamada metodologia, e como tal procura o método próprio de cada ciência.

Uma das mais duradouras contribuições da lógica aristotélica est
estabelecimento dos primeiros princípios, percebidos por intuição, e que são anteriores a qualquer

raciocínio, servindo de base a todos os argumentos. Esses princípios, que se relacionam entre si, também dependem da concepção

metafísica aristotélica (ver o Capítulo 10 - teoria do conhecimento na

Antiguidade). São eles o princípio de identidade, o princípio de não-contradição e o princípio do

terceiro excluído.

É assim que Aristóteles formula na Metafísica o princípio de não-contradição:

"É impossível que o mesmo (o mesmo determinante) convenha e não convenha ao mesmo

ente ao mesmo tempo e sob o mesmo aspecto. Isto significa que duas proposições

contraditórias não podem ser verdadeiras e

que não é possível afirmar e negar simultaneamente a mesma coisa.

Serão contra os princípios de identidade, não-contradição e terceiro tornarão os defensores da lógica dialética no século XIX (como veremos adiante).

Na Idade Média, no século XIII, foram introduzidas as célebres fórmulas mnemônicas que facilitam a retenção pela memória:

por meio de palavras latinas era possível identificar as combinações

possíveis das premissas e da conclusão que redundavam em silogismo válido, a fim de distingui-lo dos sofismas. Também foram organizadas as

oito regras do silogismo.

A lógica pós-aristotélica

Até o século XIX, a lógica aristotélica

não sofreu mudança essencial, apesar de ter

sofrido as mais diversas críticas.

Hostil a Aristóteles, a filosofia na Idade Moderna procura caminhar

Estagirita³. E assim que Descartes, tendo estudado

com os jesuítas de La Flèche, repudia os procedimentos silogísticos da escolástica medieval e procura um novo método para a filosofia que possibilite a invenção

e a descoberta e não se restrinja à demonstração do já sabido. Também a física moderna exigia um instrumento diferente da lógica formal. Daí a importância da geometria

analítica de Descartes e do cálculo infinitesimal de Leibniz.

Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês, escreve o *Novum Organum*

Bacon reflete o novo espírito da Idade Moderna, que prestigia a técnica, a experiência, a observação dos fatos e repudia a vocação medieval para os debates puramente

formais e as estereis demonstrações silogísticas. A estas contrapõe outras formas de indução, que não a simples enumeração, por considerá-las mais fecundas.

A parte mais original de sua obra é a que indica as possíveis ocasiões de erro devido

aos preconceitos, a que Bacon chama de idola (ver Terceira Parte do Capítulo 10 - A teoria do conhecimento). O pensamento de Bacon dá origem ao empirismo, corrente que se opõe ao racionalismo cartesiano e que culmina, no século XIX, com o positivismo.

As preocupações com o método das ciências serão retomadas por St Mill no século XIX, quando formula os cinco "cânones" clássicos da inferência indutiva⁴.

****nota**

1. Estagirita: refere-se a Aristóteles, que nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia.

Os cinco cânones são: método de concordância, método de diferença,, método conjunto de concordância e de diferença método dos resíduos e método de variação concomitante.

Segundo Copi, "os métodos de Mill patenteiam-se como instrumentos para testar hipóteses. Os seus enunciados descrevem o método da experiência controlada, que é uma

arma absolutamente indispensável no arsenal da ciência moderna".

A lógica matemática ou simbólica

A lógica matemática ou simbólica teve como precursor Frege, no final do século passado, e foi desenvolvida no século XX por Whitehead e Bertrand Russell.

A lógica matemática visa superar as dificuldades e ambigüidades

e, portanto, confuso que poderia atrapalhar o rigor lógico do raciocínio. Para evitar essas

dificuldades, criou-se uma linguagem simbólica artificial.

Por exemplo: usamos as letras p , q , r , pp , q_1 , r_1 etc. para indicar proposicionais; para designar os conectivos, usamos os sinais:

(gráfico)

Consideremos como exemplo o silogismo (5):

O país está em guerra ou a situação externa é calma.

O país não está em guerra

Logo, a situação externa é calma.

****nota**

1. Jesus Eugênio de Paula Assis, *Lógica*. apud M. Chaui, *Printeiru filosofia*, p. 168.

Podemos simbolizar esse argumento da seguinte maneira:

(gráfico)

Exercícios

Estes exercícios foram extraídos da bibliografia indicada no fim (Garcia, Irving Copi e Wesley Salmon).

I. Exercícios de identificação de argumentos.

Leia com atenção os seguintes raciocínios e identifique se são i
Como

sugestão, comece verificando qual é a conclusão, a fim de evitar erros na montagem da estrutura do argumento. Inicialmente, resolveremos seis

exercícios como modelo.

1. Como todo professor, você deveria saber um pouco de psicologia

R.: Trata-se de uma dedução:

Todo professor deve saber um pouco de psicologia

Você é professor.

Portanto, você deveria saber um pouco de psicologia.

O raciocínio parte de uma proposição geral e a conclusão é parti

2. O macaco foi curado da tuberculose com tal soro; logo, o home

R.: Trata-se de uma analogia, pois a semelhança entre o macaco e

3. Se você observar a pontuação adotada em relação às ora

de vírgula, seu raciocínio foi indutivo ou dedutivo?

R.: Foi indutivo, pois observamos várias orações subordinadas (p

4. Depois de ter feito várias experiências com fígado de macaco,

R.: Trata-se de uma indução, pois Claude Bernard fez diversas ex

os fígados.

5. Na prova de física, o problema se refere a um caso esp

dados fornecidos a fim de resolver o problema.

R.: Raciocínio dedutivo, pois a partir da lei, que é gera

6. O orvalho da noite deve ter a mesma causa que o "suor"

R...: É uma analogia, pois descobrimos uma semelhança entr

e o "suor" na garrafa.

Agora, faça sozinho os seguintes exercícios, conforme os modelos

1. Sempre que fico muitas horas sem comer, sinto dor de e
2. Toda combustão é sempre acompanhada de desprendimento
3. Claude Bernard sabia que os vegetais fazem reserva de
glicose sob uma forma particular.

4. O caiçara disse que não vai pescar porque as nuvens es
que vai chover.

5. Sei que a aula vai começar porque tocou o Sinal.

6. Diversos metais, tendo sido aquecidos, se dilataram, o
corpos.

7. Você está lendo um livro e observa que muitas palavras
que o í e o u dessas palavras oxítonas só levam acento quando precedidos por
uma vogal. Qual é o raciocínio que leva a essa conclusão?

8. Agora você está diante da palavra urubu:
põe-lhe acento ou não? Quando se decidir, que método seguiu?

9. O planeta Marte se parece com a Terra pela forma, movimento d
Marte deve ser habitado, como a Terra.

1. Depois de ter experimentado que em muitos rios a água é doce
e em muitos mares é salgada, concluo que a água do rio é doce e a do mar
salgada.

11. Como estudante do curso secundário, você deveria sabe

12. Os morcegos não são aves porque são animais vivíparos

13. Ele nasceu na África, por isso pensei que ele deveria

14. Este remédio, curou o resfriado de João; logo, pela

mesma razão, há de curar o resfriado de José.

15. André Maurois conta humoristicamente a história de um conselho médico, abandona o uísque e passa a ingerir brandy e soda: como não cessavam seus males, passa para o gim e soda. Sempre doente, conclui: "Definitivamente, a soda me fez um mal incrível".

II. Exercícios sobre falácias

Identifique o tipo de falácia dos seguintes argumentos:

1. Reveja a questão nº 15 do exercício anterior e explique.
2. Todos os homens são racionais. Ora, as mulheres não são.
3. Os cozinheiros vêm preparando comida há gerações e geram filhos cozinheiros.
4. Meu cliente é o único amparo de seus velhos pais. Se faltar dinheiro, meu cliente é o de "inocente"!
5. O velho Juca jura que viu um disco voador pousar na sua casa. Portanto, seu relato não tem possibilidade de ser verdadeiro.
6. Um bom médico salva a maioria dos seus pacientes porque cura a maioria dos seus pacientes.
7. Todos os cães são mamíferos, todos os gatos são mamíferos.

SEGUNDA PARTE -

Lógica dialética

O que é, exatamente por ser tal como é, não vai ficar tal como está.

(Brecht)

1. Introdução

Etimologicamente, dialética vem do grego *dia*, que expressa a idéia "dualidade", "troca", e *lektikis*, "apto à palavra", "capaz de falar". É a mesma raiz de *logos* (palavra, razão) e, portanto, se assemelha ao conceito de diálogo. No diálogo há mais de uma opinião. há dualidade de razões.

A palavra dialética tomou vários sentidos ao longo da história, inicialmente na obra de Hegel e depois na de Karl Marx e Friedrich Engels.

Para ampliar as informações, convém reportar-se à Unidade IV e c marxismo). Como a dialética é também um método e uma filosofia, é preciso relacioná-la com as noções de idealismo e materialismo e, em seguida, estabelecer diferenças entre materialismo mecanicista e materialismo dialético.

Vimos no item 5 deste capítulo que a lógica aristotélica baseia-se no mundo, típica da filosofia antiga.

Enquanto a metafísica utiliza noções abstratas e absolutas, explora o princípio de contradição, segundo o qual a realidade é essencialmente

processo, mudança, devir.

O que teria determinado a passagem da concepção de um mundo estático - o relógio - para uma nova concepção dinâmica?

A partir do século XVIII, três grandes descobertas científicas ocorreram:

- a descoberta da célula - todos os órgãos animais e vegetais, se tornam cada vez mais complexos.

- a descoberta da lei da conservação e transformação da energia (calor destruído, mas sim convertido e transformado de uma forma em outra. Por exemplo: a energia mecânica é transformada em calor pelo choque e atrito; o calor das caldeiras

é transformado em energia mecânica.

- a evolução das espécies - a teoria de Darwin a respeito da origem do desenvolvimento e transformação através dos tempos.

Essas descobertas mostram que o mundo é transformação. Tudo muda, o trabalho, mudam a ordem social, mudam a si mesmos. O velho é sempre substituído pelo novo, e cada coisa, ao nascer, já tem em si o germe da sua destruição. Portanto,

não há "coisas acabadas". mas um complexo de processos onde tudo só é estável na aparência.

1. Características da dialética

Para Engels. "a dialética é a ciência das leis gerais do movimento

A dialética é a estrutura contraditória do real, que no seu movimento da realidade se explica pelo antagonismo entre o momento da tese e o da antítese, cuja contradição deve ser superada pela síntese.

Eis os três momentos:

síntese.

- identidade: tese;
- contradição ou negação: antítese;
- positividade ou negação da negação:

Para melhor entender o processo, vejaos o que Hegel diz a respeito no primeiro lugar, "suprimir", "negar", mas também a entendemos no sentido de "conservar". os dois sentidos, acrescenta-se um terceiro, de "elevar a um nível superior".

Esclarecendo com exemplos: quando começo a esculpir uma estátua, estou diante

de uma matéria-prima, a madeira, que depois negada, isto é, destruída na sua forma

natural mas ao mesmo tempo conservada, pois a

madeira continua existindo como matéria. só é modificada, elevada a um objeto

qualitativamente diferente, uma forma criada. Portanto, o trabalho nega a natureza, mas não

a destrói. antes a recria.

Da mesma forma, se enterramos o grão de trigo, ele morre (dá-se desaparece como grão para que a planta surja como espiga: produzido o grão,

a planta morre. Esse processo não é sempre idêntico, pois podem ocorrer alterações nas plantas,

resultantes do aparecimento de qualidades novas (evolução das espécies).

Segundo a concepção dialética, a passagem do ser ao não-ser não

é aniquilamento, destruição ou morte pura e simples, mas movimento para outra realidade. A contradição faz com que o ser suprimido se transforme.

Além da contraditoriedade dinâmica do real, outra categoria fundamental para entender a dialética é a de totalidade, pela qual o todo predomina sobre as partes que o

constituem. Isto significa que as coisas estão em constante relação recíproca, e nenhum

fenômeno da natureza ou do pensamento pode ser compreendido isoladamente fora dos

fenômenos que o rodeiam. Os fatos não são átomos, mas pertencem a um todo dialético e como tal

fazem parte de uma estrutura.

A dialética marxista

Hegel foi o primeiro a contrapor a lógica dialética à lógica tradicional. Para compreender a natureza é representá-la como um processo. Mas, sendo idealista, explica a realidade como constituída pela marcha do pensamento. O ser é a Idéia que se exterioriza, manifestando-se nas obras que produz, e que se interioriza,

voltando para si e reconhecendo sua produção. O movimento de exteriorização e interiorização da idéia se faz por contradições sempre superadas nas sínteses que,

por sua vez, se desdobram em contradições (novas teses e antíteses). A dialética encaminha Hegel para uma nova concepção de história.

Karl Marx e Friedrich Engels partem do significado da dialética hegeliana, que é idealista. Segundo Marx, no caso de Hegel, "a dialética apóia-se sobre a cabeça;

basta repô-la sobre os seus pés para lhe dar uma fisionomia racional". isso significa

que, para Hegel, é o pensamento que cria a realidade, sendo esta a manifestação exterior da idéia. Para Marx, o dado primeiro é o mundo material, e a contradição

surge entre homens reais, em condições históricas e sociais reais.

Assim, o mundo material é dialético, isto é, está em constante movimento dos antagonismos das classes no processo da produção social.

No Capítulo 24, no item sobre marxismo, veremos o exemplo histórico através de contradições (tese versus antítese) sempre superadas (síntese). Para Marx a história passou a ser compreendida tendo por motor a luta das classes antagônicas

(senhor versus escravo; senhor versus servo; burguês versus proletário). Ou seja, da contradição entre senhor e servo derivou a síntese do capitalismo, que por sua vez gerou a contradição entre capitalista e operário, cuja síntese, segundo Marx, deveria ser o socialismo.

As três leis da dialética

Lei da passagem da quantidade à qualidade - o processo de transformação "saltos". Mudanças mínimas de quantidade vão se acrescentando

e provocam, em determinado momento, uma mudança qualitativa: o ser passa a ser outro. O

exemplo clássico é o da água esquentando: ao alcançar 100° C, deixa o estado líquido e passa para o gasoso. Lênin define o salto como o ponto de passagem decisivo da velha

qualidade para a nova, como o ponto crítico do desenvolvimento. Esta lei é

ilustrada pelo exemplo do calor das caldeiras transformado em movimento mecânico e viceversa.

A química é, por excelência, a ciência das mudanças:

por exemplo, para formar uma molécula, se se unirem três átomos em vez de dois, temos o ozônio e não o oxigênio. Na biologia, segundo a teoria evolucionista de Darwin,

alterações acumuladas levam à formação de uma nova espécie. Na história das sociedades humanas, as ações dos indivíduos vão se somando até o ponto de ruptura em

que a velha ordem é substituída por uma nova ordem. Daí a diferença entre evolução e revolução: a

primeira é quantitativa; a segunda, qualitativa,

Lei da interpenetração dos contrários - a dialética considera a

E justamente a contradição é a força motriz

que provoca o movimento e a transformação. A contradição é o atrito, a luta que surge entre os contrários. Mas os dois

pólos contrários são também inseparáveis,

e a isso chamamos unidade dos contrários, pois, mesmo em oposição, estão em relação recíproca. Por estarem em luta, há a geração do novo. Por exemplo, o ovo já

tem em germe a sua negação; nele coexistem duas forças: que ele permaneça ovo e que ele venha a ser pinto.

Lei da negação da negação -.- da interação das forças contraditórias

a síntese, que é o surgimento do novo. Tese, antítese, síntese, eis a triade que explica o movimento do mundo e do pensamento.

Os riscos da dialética

O costume de não pensar dialeticamente pode levar à dogmatização
relação teoria e práxis é uma relação dialética, a teoria não pode se
constituir separadamente da prática que lhe dá o conteúdo para pensar, nem vice
versa. Nesse erro incorreu Stálin,
político soviético que petrificou a teoria, usando-a para
justificar todo tipo de ação arbitrária, inclusive o emudecimento de intelectuais
de pensamento divergente, como Trótski e Bukhárin.

1. Lógica formal e lógica dialética

A lógica dialética não faz desaparecer a lógica formal. Esta cor
dos fatos ou quando atingimos as leis pelo método experimental. Então,
explicamos o mundo pela causalidade linear, característica do mundo mecânico
típico da ciência
clássica.

A lógica formal se torna insuficiente quando é preciso passar por
recíprocas. Com o progresso da física, o pensamento científico se volta para os
fenômenos relacionados com a estrutura íntima da matéria, os quais não mais
são explicados
pelas relações clássicas da causalidade formal. O mesmo ocorre com os
fenômenos das outras ciências, que introduzem a ideia de processo.

É aí exatamente que a lógica

formal se torna insuficiente, devendo ser substituída.

Entretanto, em outro aspecto, a lógica formal continua sendo válida
enquanto a produção da ideia é dialética, sua expressão é sempre formal. "O que
é pensado

dialeticamente tem de ser dito formalmente, pois se acha subordinado às
categorias da linguagem, que são formadas por força de sua constituição social,

de sua função

como instrumento criado pelo homem para a comunicação com os semelhantes."6

**nota

6A. Vieira Pinto. Ciência e existência. p. 185.

Exercícios

1. Contradição e totalidade são duas categorias importantes da dialética.

2. Qual é a principal diferença entre a dialética hegeliana

3. Que transformações nas ciências provocaram um pensar dialético formal?

4. Quais são os riscos da dialética?

5. A existência da lógica dialética exclui o recurso à lógica

6. Leia o texto complementar, de Engels, e responda:

a) O que muda para Hegel quanto à concepção de verdade?

b) Qual a relação desse texto com a frase:

"Tudo que existe merece perecer?"

7. Leia o texto complementar II, de Garaudy, e justifique suas afirmações:

a) As leis dialéticas não constituem um sistema fechado.

b) A dialética não transcende a história.

Textos complementares

o caráter revolucionário da filosofia hegeliana (a qual não em que põe fim de uma vez para sempre ao caráter definitivo de todos os resultados do pensamento e da atividade humana. Para Hegel, a verdade que era preciso reconhecer

na filosofia não era já uma coleção de princípios dogmáticos bem acabados que, uma vez descobertos, apenas nos resta aprender de cor; a verdade residia doravante

no próprio processo do conhecimento, no longo desenvolvimento histórico da ciência que

sobe dos graus inferiores a graus cada vez mais elevados do saber, sem nunca

chegar, pela descoberta de uma pretensa verdade absoluta, ao ponto em que não pode avançar mais e em que nada mais lhe resta a fazer senão permanecer de braços cruzados

a contemplar de boca aberta a verdade absoluta a que se chegou. E isto tanto no domínio do conhecimento filosófico como no de todos os outros saberes e da atividade

prática.

Tal como o conhecimento, também a história não pode encontrar um "Estado" perfeito são coisas que só podem existir na imaginação; bem pelo contrário, todas as situações que se sucederam na história não passam de etapas transitórias

no desenvolvimento sem fim da sociedade humana que vai do inferior ao superior. Cada etapa é necessária, e por consequência legítima para a época e as condições

às quais deve a sua origem; mas torna-se caduca e injustificada na presença de condições superiores novas que se desenvolvem pouco a pouco no seu próprio seio; precisa

de dar lugar a uma etapa superior que entre por sua vez no ciclo da decadência e da morte.

(F. Engels, Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. in Marx-Engels, Antologia filosófica, Lisboa, Editorial Estampa. 1971. p. 100-101.)

II

Na realidade, não se pode fixar de uma vez por todas um sistema das formas lógicas de Aristóteles ou de Santo Tomás, das categorias de Kant ou da lógica de Hegel. O método e os princípios do marxismo exigem que se estudem as leis da dialética, não como as normas imutáveis de uma razão absoluta, mas como um balanço, para cada grande período histórico, das vitórias da racionalidade. A dialética não é nem uma razão constituinte transcendente à história que ela informa, nem uma razão constituída, esclerosada e coagulada numa etapa de seu desenvolvimento, nem uma simples hipótese de trabalho que se abandona do mesmo modo como foi escolhida, simplesmente por sua comodidade, as sim o produto de uma epigênese" histórica: cada etapa de seu desenvolvimento consolida o adquirido no momento mesmo em que é superado. É o arcabouço de uma história que se está fazendo.

(R. Garaudy, Perspectivas do homem, 3. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, p. 297.)

**nota

Epigênese: teoria da transformação dos seres por gerações graduais.

Nota 1: Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo, refere-se a um texto do escritor argentino Jorge Luis

Borges onde este transcreve a classificação acima. "encontrada numa certa enciclopédia chinesa"...

CAPÍTULO 10

TEORIA DO CONHECIMENTO

PRIMEIRA PARTE - Teoria do conhecimento na Antiguidade

Para os que entram nos mesmos rios, correm rios e novas águas. (Heráclito)

Necessário é dizer e pensar que só o ser é: pois o ser e, e o nada, ao contrario, nada é: afirmação que bem deves considerar. Desta via de investigação eu te afasto; mas também daquela outra, na qual vagueiam os mortais que nada sabem, cabeças duplas. Pois é a ausência de meios que move, em ser, peito, o seu espírito errante. Deixam-se levar, surdos e cegos, mentes obtusas, massa indecisa, para a qual o ser e o não ser é considerado o mesmo e não o mesmo, e para a qual em tudo há uma via contraditória.

(Parmênides)

1. Introdução

Os assuntos aqui tratados são abordados em outros capítulos sob Vimos no Capítulo 7 que, na Grécia, a passagem do mundo tribal à mítica e depois, com o aparecimento das cidades, faz surgir a racionalidade crítica típica do pensar filosófico.

O advento da pólis grega é concomitante a outras transformações comércio), dos legisladores (que elaboram nova concepção de poder nas leis escritas). Essas transformações culminam com a figura do cidadão e do filósofo, em um mundo antes marcado pelo desígnio divino.

Começa então a grande aventura filosófica dos gregos, cuja influência se estende por vários períodos:

- período pré-socrático (séculos VII e VI a.C.) - abrange os filósofos das colônias gregas (Jônia e Magna Grécia) que iniciaram o processo de desligamento entre a filosofia e o pensamento mítico.

- período socrático ou clássico (séculos V e IV a.C.) - o centro do pensamento filosófico passa a ser Platão, que posteriormente foi mestre de Aristóteles. O pensamento organizado e sistemático de Platão e Aristóteles influenciará durante séculos a cultura ocidental.

Os sofistas são desse período e foram duramente criticados por seus contemporâneos.

- período pós-socrático (séculos III e II a.C.) - caracteriza-se pela influência helenística, que se estendeu por regiões da Ásia e parte do norte da África. Após a morte de Alexandre,

inicia-se a época helenística, marcada pela influência oriental; as correntes filosóficas mais conhecidas são o estoicismo e o epicurismo, principais expressões do período pós-socrático.

****nota**

Ver também o Capítulo 7-Do mito à razão; os Capítulos 12 - A ciência grega e 13-A ciência medieval; 19-O pensamento político grego e 20-o pensamento político medieval.

1. Filosofia pré-socrática

Relembrando ainda o Capítulo 7, a filosofia pré-socrática se caracteriza pelo nascimento da filosofia na Grécia é marcado pela passagem da cosmogonia para a cosmologia. A cosmogonia, típica do pensamento mítico, é

descritiva e explica

como do caos surge o cosmos, a partir da geração dos deuses, identificados às forças da natureza. Na cosmologia, as explicações rompem com a religiosidade: a arché

(princípio) não se encontra mais na ordem do tempo mítico, mas significa princípio teórico, enquanto fundamento de todas as coisas.

Daí a diversidade de escolas

filosóficas, dando origem a fundamentações conceituais (e portanto abstratas) muito diferentes entre si.

Vamos destacar apenas dois, dentre os pré-socráticos: Heráclito

filósofos, deles nos restando apenas fragmentos e os comentários sobre seus textos feitos pelos filósofos do período clássico.

Heráclito: tudo flui

Heráclito (544-484 a.C.) nasceu em Efeso, na Jônia (atual Turquia)

Mas, ao contrário deles, não rejeita as contradições e quer apreender a realidade na sua mudança, no seu devir. Todas as coisas mudam sem cessar, e o que temos diante

de nós em dado momento é diferente do que foi há pouco e do que será depois: "Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio", pois na segunda vez não

- somos os mesmos, e também o rio mudou.

Portanto não há ser estático, e o dinamismo pode bem ser representado pelo devir, "o fogo eterno e vivo, que ora se acende e ora se apaga".

Para Heráclito o ser é o múltiplo. Não no sentido apenas de que há oposições internas. O que mantém o fluxo do movimento não é o simples aparecer de novos seres, mas a luta dos contrários, pois "a guerra é pai de todos, rei de todos".

E é da luta que nasce a harmonia, como síntese dos contrários.

Pode-se dizer que Heráclito teve a intuição da lógica dialética,

Parmênides: o ser é imóvel

Parmênides (c.540-c.470 a.C.) viveu em Eléia, cidade do sul da M
importantíssima teoria filosófica na medida em que influenciou de forma decisiva o pensamento ocidental. Ocupouse longamente em criticar a filosofia heraclitiana:

ao "tudo flui" (panta rei) de Heráclito, contrapôs a imobilidade do ser.

Para Parmênides é absurdo e impensável considerar que uma coisa e o "não ser não é". Mais tarde, os lógicos chamarão a isto princípio de identidade, base de toda construção metafísica posterior.

Por raciocínios que não cabe examinar neste pequeno espaço, Parm
é único, imutável, infinito

e imóvel. Não há, entretanto, como negar a existência do movimento no mundo que percebemos, onde as coisas nascem e morrem, mudam de lugar e se expõem em infinita

multiplicidade. Para Parmênides, o movimento existe apenas no mundo sensível, e a percepção levada a efeito pelos sentidos é ilusória. Só o mundo inteligível é verdadeiro,

pois está submetido ao princípio que hoje chamamos de identidade e de não-contradição.

Uma das conseqüências dessa teoria é a identidade entre o ser e
que eu não conseguir pensar não pode ser na realidade.

1. Os sofistas

O século de Péricles (V a.C.) constitui o período áureo da cultu

do período clássico, embora ainda discutam questões referentes à natureza, desenvolvem o enfoque antropológico, abrangendo a moral e a política.

Os sofistas vivem nessa época, e alguns deles são interlocutores (485-411 a.C.); Górgias, de Leôncio, na Sicília (485-380 a.C.); Híppias, de Elis; e ainda Trasimaco, Pródico, Hipódamos, entre outros.

Tal como ocorreu com os pré-socráticos, dos sofistas só nos restam fragmentos de suas obras, além das referências - muitas vezes tendenciosas - feitas por filósofos

posteriores.

A palavra sofista, etimologicamente, vem de sophos, que significa posteriormente adquiriu o sentido pejorativo

de "homem que emprega sofismas", ou seja, alguém que usa de raciocínio capcioso, de má-fé, com intenção de

enganar. Sóphistria significa "sutileza de sofista".

Os sofistas sempre foram mal interpretados devido às críticas que tem sido reelaborada no sentido de procurar resgatar a verdadeira importância do seu pensamento. Desde que os

sofistas foram reabilitados por Hegel no século XIX,

o período por eles iniciado passou a ser denominado Aufklärung grega (imitando a expressão alemã que designa o

iluminismo europeu do século XVIII).

São muitos os motivos que levaram à visão deturpada dos sofistas reunidos sob a designação de sofista. Talvez o que possa identificá-los é o fato de serem considerados sábios e pedagogos. Vindos de todas as partes do mundo grego,

desenvolvem um ensino itinerante pelos locais em que passam, mas não se fixam

em lugar algum. Deve-se a isso o gosto pela crítica, o exercício do pensar resultante

da circulação de idéias diferentes.

Segundo Jaeger, historiador da filosofia, os sofistas exercem in-
sofistas deram importante contribuição para a sistematização do ensino.
Formaram um currículo de estudos:

gramática (da qual foram os iniciadores), retórica e dialética; por influência dos
pitagóricos, desenvolveram a aritmética, a geometria, a astronomia e a música.

Essa divisão será retomada no ensino medieval, constituindo o trivium (referente
aos três primeiros) e o quadrivium (referente aos quatro últimos).

Para escândalo de seus contemporâneos, costumavam cobrar pelas aulas e por
esse motivo Sócrates os acusava de prostituição. Cabe aqui um reparo: na Grécia
Antiga,

apenas os nobres se ocupavam com o trabalho intelectual, pois gozavam do ócio,
ou seja, da disponibilidade de tempo decorrente do fato de que o trabalho
manual,

de subsistência, era ocupação de escravos. Ora, os sofistas, geralmente homens
saídos da classe média, faziam das aulas seu ofício, já que não eram
suficientemente

ricos para filosofarem descompromissadamente. Se alguns sofistas de menor
valor podiam ser chamados de mercenários do saber, isso na verdade era
acidental. (Será

que essas observações podem nos servir ainda hoje?)²

Como veremos na Unidade IV (Política), os sofistas elaboram o id
contrapõem aos da aristocracia rural. A exigência que os sofistas vêm satisfazer
é de ordem essencialmente prática, voltada para a vida: iniciam os jovens na arte
da retórica, instrumento indispensável na assembléia democrática, e os
deslumbram com o brilhantismo da participação no debate público.

Se foram acusados pelos seus detratores de pronunciarem discurso
exposição e da defesa das idéias, pois se achavam preocupados com a persuasão,
instrumento por excelência do cidadão na cidade democrática. Os melhores
deles, no

entanto, buscaram aperfeiçoar os instrumentos da razão, ou seja, a coerência e o
rigor da argumentação, porque não basta dizer o que se considera verdadeiro, é
preciso

demonstrá-lo pelo raciocínio. Pode-se dizer que aí se encontra o embrião da
lógica, mais tarde desenvolvida por Aristóteles.

Quando Protágoras, um dos mais importantes sofistas, diz que "o
do relativismo do conhecimento, mas enquanto exaltação da capacidade de
construir a verdade: o logos não mais é divino, mas decorre do exercício técnico
da razão

humana.

****nota**

2 Até hoje os professores são mal-remunerados. Tanto porque as pessoas se
recusam a pagá-los de forma semelhante

ao que é feito aos outros profissionais liberais, tanto porque os próprios
professores sofrem da síndrome de Sócrates!

1. Sócrates

Sócrates (c.470-399 a.C.) nada deixou escrito, e teve suas idéias
ao brilho deles, é de se supor que nem sempre fossem realmente fiéis ao
pensamento do mestre. Nos diálogos que Platão escreveu, Sócrates figura
sempre como o principal

interlocutor.

Mesmo tendo sido incluído muitas vezes entre os sofistas, Sócrates

Como vimos no Capítulo 8 (O que é filosofia), Sócrates se indisp

a mocidade. Por isso foi condenado e morto.

Costumava conversar com todos, fossem velhos ou moços, nobres ou que nada sei", que consiste justamente na sabedoria de reconhecer a própria ignorância, ponto de partida para a procura do saber.

Por isso seu método começa pela parte considerada "destrutiva", do oponente que se diz conhecedor de determinado assunto. Com hábeis perguntas, desmonta as certezas até o outro reconhecer a ignorância. Parte então para a segunda

etapa do método, a *tnaiêutica* (em grego, "parto"). Dá esse nome em homenagem a sua mãe, que era parteira, acrescentando que, se ela fazia parto de corpos, ele "dava

à luz" idéias novas.

Sócrates, por meio de perguntas, destrói o saber constituído por nos diálogos relatados por Platão, e é bom lembrar que, no final, nem sempre Sócrates tem a resposta: ele também se põe em busca do conceito e às vezes as discussões

não chegam a conclusões definitivas.

As questões que Sócrates privilegia são as referentes à moral, d Diante de diversas manifestações de coragem, quer saber o que é a "coragem em si", o universal que a representa. Ora, enquanto a filosofia ainda é nascente, precisa inventar palavras novas, ou usar as antigas dandolhes sentido diferente. Por isso Sócrates utiliza o termo *logos*, que na linguagem comum significava "palavra", "conversa", e que no sentido filosófico passa a significar "a razão que se dá de algo", ou mais propriamente, conceito.

Assim explica García Morente: "O que os geômetras dizem de uma f

Do mesmo modo, o que Sócrates pede com afã aos cidadãos de Atenas é que lhes dêem o

logos da justiça, o logos da coragem. (...) Pois que é este logos senão o que

hoje denominamos conceito"? Quando Sócrates pede o logos, quando pede que indiquem qual é o

logos da justiça, que é a justiça, o que pede é o conceito da justiça,

a definição da justiça".³

****nota**

3M. Garcia Morente. Fundamentos Filosofia; lições preliminares. p. 83.

1. Platão

Platão (428-347 a.C.) viveu em Atenas, onde fundou uma escola de

Para melhor sintetizar as idéias de Platão, recorreremos ao livro

imagina uma caverna onde estão acorrentados os homens desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna.

Aí são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar

à luz do dia os verdadeiros objetos, quando regressasse, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco, não acreditando em suas palavras.

A análise do mito pode ser feita pelo menos sob dois pontos de vista epistemológico (relativo ao conhecimento) e o político (relativo ao poder).

Segundo a dimensão epistemológica, o mito da caverna é uma alego

teoria das idéias, Platão distingue o mundo sensível, dos fenômenos, e o mundo inteligível, das idéias.

O mundo sensível, acessível aos sentidos, é o mundo da multiplicidade. Percebemos inúmeras abelhas dos mais variados tipos, a idéia de abelha deve ser uma, imutável, a verdadeira realidade. Com isto Platão se aproxima do pensamento instrumental

teórico de Parmênides e, aliando-o aos ensinamentos de Sócrates, elabora uma teoria original.

Do seu mestre aproveita a noção nova de logos, e continuando o pensamento intelectual, distinta da intuição sensível.

Portanto, acima do ilusório mundo sensível, há o mundo das idéias, livre dos enganos dos sentidos.

Sendo as idéias a única verdade, o mundo dos fenômenos só existe enquanto participa da idéia. Um cavalo só é cavalo enquanto participa da idéia de "cavalo em si". Trata-se da teoria da participação, mais tarde duramente criticada por Aristóteles.

Para Platão há uma dialética que fará a alma elevar-se das coisas. No topo delas está a idéia do Bem, a mais alta em perfeição e a mais geral de todas: os seres e as coisas não existem senão enquanto participam do Bem. E o Bem supremo

é também a Suprema Beleza. É o Deus de Platão.

O que foi dito a respeito. Se lembrarmos

dos pré-socráticos, podemos verificar que Platão tenta superar a oposição instalada pelo pensamento de Heráclito, que afirmava a mutabilidade essencial do ser, e

a posição de Parmênides, para o qual o ser é imóvel. Platão resolve o problema: o mundo das idéias se refere ao ser parmenideo, e o mundo dos fenômenos ao devir.

heraclitiano.

Mas como é possível aos homens ultrapassarem o mundo das aparências para alcançar o mundo das idéias. Mas tudo esquecem quando se degradam ao se tornarem prisioneiros do corpo, que é considerado o "túmulo da alma". Pela teoria da reminiscência,

Platão explica como os sentidos se constituem apenas

na ocasião para despertar nas almas as lembranças adormecidas. Em outras palavras, conhecer é lembrar. No diálogo Menon, Platão descreve como um escravo, ao

examinar figuras sensíveis que lhe são oferecidas, é induzido a "lembrar-se" das idéias e descobre uma verdade geométrica.

Voltando ao mito da caverna: o filósofo (aquele que se libertou da ignorância), deve retornar ao meio dos homens para orientá-los.

Eis assim a segunda dimensão do mito, a política, surgida da percepção da necessidade da ação política, da transformação dos homens e da sociedade, desde que essa ação seja dirigida pelo modelo ideal contemplado. Voltaremos a esse assunto

no Capítulo 19 (O pensamento político grego).

Idealismo ou realismo das idéias?

Alguns teóricos tendem a interpretar o pensamento de Parmênides e a considerar que, veremos adiante, o idealismo é uma expressão

do pensamento moderno, no momento em que a teoria do conhecimento se torna reflexão autônoma.

Segundo Garcia Morente, o eleatismo não é idealismo, mas realismo. Parmênides identifica ser e pensar, não se pode concluir que ele reduz o ser das coisas

ao pensamento, pois em nenhum momento é negada a existência autônoma das coisas reais. Aliás, toda filosofia tida é "ingênua" no sentido de aceitar o pressuposto de que "as coisas são reais".

O que se deve levar em conta é que naquele momento a filosofia de Sócrates e Parmênides leva até as últimas consequências o poder recém-descoberto da razão de procurar entender o mistério do mundo.

Como vimos, Platão rejeita como enganosa a multiplicidade do mundo sensível e privilegia as idéias como essências existentes das coisas do mundo sensível. Ou seja, a cada

"sombra do mundo dos fenômenos" corresponderia uma essência imutável no mundo das idéias.

Platão confere às idéias uma existência real; portanto, trata-se menos de uma teoria

idealista e mais propriamente de um realismo das idéias. Ou ainda, segundo outros, de um

idealismo objetivo.

1. Aristóteles

Aristóteles (384-322 a.C.) nasceu em Estagíra, na Calcídica (região da Macedônia). Seu pai era médico de Filipe, rei da Macedônia. Mais tarde, Alexandre,

filho de Filipe, foi discípulo de Aristóteles até o momento em que precisou assumir

precocemente poder e continuar a expansão do império.

Freqüentou a Academia de Platão e a fidelidade ao mestre foi ent

críticas que mais tarde justificaria dizendo: "Sou amigo de Plarão, mas mais amigo da

verdade". Sua extensa obra forma um dos grandes sistemas filosóficos cuja importância se

encontra tanto na abrangência dos assuntos abordados como na interligação rigorosa enas

partes constitutivas.

Em 340 a.C. funda em Atenas o Liceu, assim chamado por ser vizinho do templo de

Apolo Lício.

a nova concepção do devir

(Gravura)

A Escola de Atenas, de Rafael Nessa clássica representação, Platão parece apontar para o mundo das idéias, enquanto dele discorda o discípulo

Aristóteles, que "traz

as idéias do céu à terra".

Aristóteles retoma a problemática do conhecimento e se preocupa em definir a

ciência como conhecimento verdadeiro, conhecimento pelas causas, capaz de superar

enganos da opinião

e de compreender a natureza do devir. Mas ao analisar a oposição entre o mundo sensível e o inteligível segundo

a tradição de Heráclito, Parmênides e Platão, Aristóteles recusa as soluções

apresentadas e critica pormenorizadamente o mundo "separado" das idéias platônicas.

A teoria aristotélica se baseia em três distinções fundamentais, simplificadamente: substância-essência-acidente-potência; forma-matéria, que por sua

vez desembocam

na teoria das quatro causas. Aristóteles "traz as idéias do céu à terra":

o mundo das idéias de Platão, fundindo o mundo sensível e o inteligível no conceito da

substância, enquanto "aquilo que é em si mesmo, ou enquanto suporte dos atributos.

Ora, quando dizemos algo de uma substância podemos nos referir a atributos que lhe

convém de tal forma que, se lhe faltassem, a substância não seria o que é. Designamos

esses atributos de essência propriamente dita, e chamamos de acidente o atributo que a

substância pode ter ou não, sem deixar de ser o que é. Então, a substância individual "este

homem" tem como características essenciais os atributos pelos quais este homem

é homem (Aristóteles diria, a essência do homem é a racionalidade) e outros, acidentais (como ser gordo, velho ou belo), atributos

esses que não mudam o ser do homem em si.

No entanto, o problema das transformações dos seres ainda não se forma e matéria. Matéria é o princípio indeterminado de que o mundo físico é composto, é "aquilo de que é feito algo", o que não coincide exatamente com o que

nós entendemos por matéria, na física, por se caracterizar pela indeterminação.

Forma é "aquilo que faz com que uma coisa seja o que é".

Todo ser é constituído de matéria e forma, princípios indissociáveis, pela qual todos são o que são, a matéria é pura passividade, contendo a forma em potência. Numa estátua, por exemplo, a matéria (que nesse caso é a matéria

segunda, pois já tem alguma determinação) é o mármore; a forma é a idéia que o escultor realiza na estátua.

É através da noção de matéria e forma que se explica o devir. Toda coisa, quando é enterrada, tende a se desenvolver e se transformar no carvalho que era em potência.

Percebe-se aí o recurso aos dois outros conceitos, de ato e potência. O conceito de potência não deve ser confundido com força, mas sim com a ausência de

perfeição em um ser capaz de vir a possuí-la. Pois uma potência é a capacidade de tornar-se alguma coisa e, para tal, é preciso que sofra a ação de outro ser já em ato. A semente que contém o carvalho em potência foi gerada por um carvalho

em

ato.

O movimento é, pois, a passagem da potência para o ato. O movimento leva à distinção dos diversos tipos de movimento e às causas do movimento ou teoria das quatro causas: as mudanças derivam da causa material, da causa formal, da

causa eficiente e da causa final. Retomaremos esse assunto no Capítulo 12 (A ciência grega).

Mesmo ainda considerando o postulado parmenídeo de que o ser é i

expostos, pelos quais se compreende a imutabilidade e a mudança, o acidental e o essencial, o individual e o universal. Se conhecer é lidar com conceitos universais,

é também aplicar esses conceitos a cada coisa individual. Com isso, nem é preciso justificar a imobilidade do ser, nem criar o mundo das essências imutáveis,

Deus, Ato Puro

Toda a estrutura teórica da filosofia aristotélica desemboca na um ser superior e necessário, ou seja, Deus. Isso porque, se as coisas são contingentes, já que não têm em si mesmas a razão de sua existência, é preciso concluir

que são produzidas por causas a elas exteriores. Assim, todo ser contingente foi produzido por outro ser, que também é contingente e assim por diante. Para não ir

ao infinito na sequência de causas, é preciso admitir uma primeira causa, por sua vez incausada,

um ser necessário (e não contingente). Esse Primeiro Motor (imóvel, por não ser movido por nenhum outro) é também um puro ato (sem nenhuma potência). Chamamos Deus

ao Primeiro Motor Imóvel, Ato Puro, Ser Necessário, Causa Primeira de todo existente.

1. A metafísica

Vimos como a filosofia grega, desde o momento em que se destaca do real.

Entre as diversas e importantes contribuições do pensamento grego que explicassem o ser em geral e que hoje reconhecemos como sendo o assunto tratado pela parte da filosofia denominada

metafísica.

Há uma curiosidade em torno da origem do nome metafísica. Embora primeira. O termo metafísica surgiu no século 1 a.C., quando Andronico de Rodes, ao classificar as obras de Aristóteles, colocou a Filosofia primeira depois das

obras de Física, Meta Física, ou seja, "depois da Física".

De qualquer forma, nada impediu que esse "depois", puramente esp que estão além dela porque ultrapassam as questões postas a partir do conhecimento do mundo sensível. Portanto, no sentido pelo qual o conhecemos hoje. o termo só

começou a ser aplicado a partir do século V da nossa era.

A filosofia primeira não é primeira na ordem no conhecer, já que as mais distantes dos sentidos) e que são as mais fundamentais na ordem real. Trata-se da parte nuclear da filosofia, onde se estuda "o ser enquanto ser isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares.

É a metafísica que fornece a todas as outras ciências o fundamento comum, o objeto ao qual todas se referem e os princípios dos quais dependem. Ou seja, todas as ciências se referem continuamente ao ser e a diversos

conceitos ligados diretamente a ele, tais como

quantidade, oposição, diferença, gênero, espécie, todo, parte, perfeição, unidade, necessidade, possibilidade, realidade *etc.* Mas nenhuma ciência examina tais

conceitos. E nesse sentido que consideramos que o objeto da metafísica consiste em examinar o ser e suas propriedades.

Exercícios

1. Qual é a principal preocupação dos filósofos pré-socráticos?
2. Faça um paralelo entre Heráclito e Parmênides, por meio de suas ideias.
3. Relacione as duas epígrafes que iniciam este capítulo, Parmênides e Heráclito.

1. Qual foi a principal contribuição de Parmênides ao pensamento ocidental?
2. Qual foi a importância dos sofistas para a educação e a política?
3. "Só sei que nada sei": em que medida não se trata de simples conclusão psicológica, mas de uma atitude filosófica?

1. Qual é a importância do conceito, não só, no pensamento de Sócrates, mas para a filosofia nascente?

1. Em que medida a teoria das ideias de Platão pretende superar o pensamento de

Heráclito e Parmênides?

9. Analise a seguinte citação de Platão: "E, quanto à percepção, ela é perfeita quando nenhuma destas sensações a ofusca, sem a vista nem o ouvido, nem o prazer nem a dor; mas permanecendo só, separada do corpo, desdenhosa de

ter

que achar-se em contato com ele, dirige-se com todo seu poder para o que é".

10. O que significa dizer que Aristóteles trouxe "as ideias em movimento"?
11. Considerando a substância mesa: cite um atributo essencial e um atributo acidental.

um acidental; qual é a matéria, qual afórma?

12. Explique: para Aristóteles o movimento é a passagem d

13. Explique por que o pensamento de Aristóteles desemboc

1. Qual é a importância da metafísica

no pensamento grego?

1. Com base no texto complementar, de Platão:

O mito da caverna

a) Interprete o "mito da caverna" do ponto de vista epist

b) Qual é o significado da metáfora do sol?

Texto complementar

Trata-se de um trecho do Livro VII de A Republica. no dialogo, as falas na primeira pessoa

são de Sócrates, e seus interlocutores, Glauco e Adimanto, são os irmãos mais novos de Platão.

- Agora - continuei - representa da seguinte forma o estado de nossa à instrução e à ignorância. Imagina homens em morada subterrânea, em forma de caverna,

que tenha em toda a largura uma entrada aberta para a luz; estes homens aí se encontram desde a

infância, com as pernas e o pescoço acorrentados, de sorte que não podem mexer-se nem ver alhures

exceto diante deles, pois a corrente os impede de virar a cabeça; a luz lhes vem de um fogo aceso

sobre uma eminência, ao longe atrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa um caminho elevado;

imagina que, ao longo deste caminho, ergue-se um pequeno muro, semelhante aos tabiques que os

exibidores de fantoches erigem à frente deles e por cima dos quais exibem as suas maravilhas.

- Vejo isso - disse ele.

- Figura, agora, ao longo deste pequeno muro homens a transportar ob

que ultrapassam o muro, bem como estatuetas de homens e animais de pedra, de madeira e de toda

espécie de matéria, naturalmente entre estes portadores, uns falam e outros se calam.

- Eis - exclamou - um estranho quadro e estranhos prisioneiros!
 - Eles se nos assemelham - repliquei - mas, primeiro, pensas que em tal situação jamais

tenham visto algo de si próprios e de seus vizinhos, afora as sombras projetadas pelo fogo sobre a

parede da caverna que está à sua frente?

- E como poderiam? - observou - se são forçados a quedar-se a vida t

- E com os objetos que desfilam, não acontece o mesmo?

- Incontestavelmente.

- Se, portanto, conseguissem conversar entre si não julgas que tomar sombras que avistassem?

- Necessariamente.

- Considera agora o que lhes sobrevirá naturalmente se forem lib
a levantar-se imediatamente, a

volver o pescoço, a caminhar a erguer os olhos à luz: ao efetuar todos esses

movimentos sofrerá, e o ofuscamento o impedirá de distinguir os objetos cuja sombra

enxergava há pouco. O que achas, pois, que ele responderá se alguém lhe vier dizer que tudo quanto vira até então eram vãos fantasmas, mas que presentemente mais

perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê de maneira mais justa? Se, enfim,

mostrando-lhe cada uma das coisas passantes o obrigar, à força de perguntas,

a dizer o que é isso? Não crês que ficará embaraçado e que assombras que viu há pouco lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que ora lhe são mostrados?

- Muito mais verdadeiras - reconheceu ele.

- E se o forçarmos a fitar a própria luz, não ficarão os seus olhos, e não crerá

que estas são realmente mais distintas do que as outras que lhe são mostradas?

- Seguramente.

- E se - prossegui - o arrancam à força de sua caverna, e o expõem ao sol, não sofrerá ele vivamente e não se queixará destas violências? E quando houver chegado à luz, poderá com os olhos completamente deslumbrados pelo fulgor,

distinguir uma só das coisas que agora chamamos verdadeiras?

- Não poderá - respondeu -; ao menos desde logo.

- Necessitará, penso, de hábito para ver os objetos da realidade e dos outros objetos que se refletem nas águas, a seguir os próprios objetos. Após isso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da lua, contemplar mais facilmente

durante a noite os corpos celestes e o céu mesmo, do que durante o dia o sol e sua luz.

- Sem dúvida.

- Por fim, imagino, há de ser o sol, não suas vãs imagens próprio sol em seu verdadeiro lugar, que ele poderá ver e contemplar tal como é.

- Necessariamente.

- Depois disso, há de concluir, a respeito do sol, que é é causa de tudo quanto ele via, com os seus companheiros, na caverna.

- Evidentemente, chegará a esta conclusão.

- imagina ainda que este homem torne a descer a caverna e vá sentar-se em seu

antigo lugar: não terá ele os olhos cegados pelas trevas, ao vir subitamente do pleno sol?

- Seguramente sim - disse ele.

- E se, parajulgar estas sombras, tiver de entrar de novo em competi não abandonaram as correntes, no momento em que ainda está com a vista confusa e antes que seus

olhos se tenham reacostumado (e o hábito à obscuridade exigirá ainda bastante tempo), não provocará

riso à própria custa e não dirão eles que, tendo ido para cima, voltou com a vista arruinada, de

sorte que não vale mesmo a pena tentar subir até lá? E se alguém tentar soltá-los e conduzi-los ao

alto, e conseguissem eles pegá-lo e matá-lo, não o matarão?

- Sem dúvida alguma - respondeu.

- Agora, meu caro Glauco - continuei - cumpre aplicar ponto por pont

ao-que dissemos mais acima, comparar o mundo que a vista nos revela à morada da prisão e a luz do

fogo que a ilumina ao poder do sol. No que se refere à subida à região superior e à contemplação de

seus objetos, se a considerares como a ascensão da alma ao lugar inteligível, não te enganarás sobre

o meu pensamento, posto que também desejas conhecê-lo. Deus sabe se ele é verdadeiro. Quanto a

mim, tal é minha opinião: no mundo inteligível, a idéia do bem é percebida por último e a custo, mas

não se pode percebê-la sem concluir que é a causa de tudo quanto há de direito e belo em todas as

coisas; que ela engendrou, no mundo visível, a luz e o soberano da luz; que, no mundo inteligível,

ela própria é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e que é preciso vê-la para conduzir-se

com sabedoria na vida particular e na vida pública.

- Partilho de tua opinião - replicou - na medida em que posso.

(Platão, A República, v. II, p.105 a 109.)

SEGUNDA PARTE - Teoria do conhecimento na Idade Média

Aquilo que a verdade descobrir não pode contrariar aos livros do Novo Testamento.

(Santo Agostinho)

1. A patrística

No período de decadência do Império Romano, quando o cristianismo surge a partir do século II a filosofia dos Padres da Igreja, conhecida também como patrística. No esforço de converter os pagãos, combater as heresias e justificar a fé, desenvolvem a apologetica, elaborando textos de defesa do cristianismo.

Começa aí uma longa aliança entre fé e razão que se estende por toda Idade Média e em que a razão é considerada

auxiliar da fé e a ela subordinada. Daí a expressão

agostiniana "Credo ut intelligam", que significa "Creio para que possa entender".

Os Padres recorrem inicialmente à filosofia platônica e realizam uma grande síntese com a doutrina cristã, mediante adaptações consideradas necessárias.

O principal nome da patrística é Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona, cidade do norte da África. Agostinho retoma a dicotomia platônica referente ao mundo

sensível e ao mundo das idéias e substitui esse último pelas idéias divinas.

Segundo a teoria

da iluminação, o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas:

tal como Sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto.

Santo Agostinho viveu no final da Antiguidade; logo depois Roma caiu para os bárbaros, tendo início o longo período da Idade Média. Na primeira

metade, conhecida como Alta Idade Média, continua sendo enorme a influência dos Padres da Igreja,

e vários pensadores de saber enciclopédico retomam a cultura antiga, continuando o trabalho de adequação às verdades teológicas.

1. A escolástica

A escolástica é a filosofia cristã que se desenvolve desde o século IX.

Continua a aliança entre razão e fé, aquela sempre considerada a superior. A escolástica que consiste na recomendação de humildade para se consultar os intérpretes autorizados pela Igreja.

No entanto, a partir do século XI, com o renascimento urbano, começa a surgir uma atitude de contestação e debates em que a razão busca sua autonomia. Inúmeras universidades aparecem por toda a Europa e são indicativas do gosto pelo racional, tornando-se focos por excelência de fermentação intelectual.

Durante muito tempo predomina na Idade Média a influência da filosofia grega, que era visto com desconfiança, ainda mais pelo fato de os árabes terem feito interpretações tidas como perigosas para a fé.

A partir do século XIII, Santo Tomás utiliza as traduções feitas da filosofia aristotélica-tomista. Daí para frente a influência de Aristóteles se fará sentir de maneira forte, sobretudo pela ação dos padres dominicanos e mais tarde dos jesuítas, que desde o Renascimento, e por vários séculos, mostraram-se

empenhados na formação dos jovens.

Se por um momento a recuperação do aristotelismo constitui um re-
Tomás, já no período final da escolástica torna-se um entrave para
o desenvolvimento da ciência. Basta lembrar a crítica de Descartes e a luta de
Galileu contra o saber
petrificado da escolástica decadente.

A questão dos universais

Aristóteles não será conhecido na Idade Média a não ser a partir
XIII, quando suas obras são traduzidas para o latim.

No entanto, no século VI. Boécio traduzira a lógica aristotélica
um comentário a respeito da questão da existência real ou não dos universais.

O universal é o conceito, a idéia, a essência comum a todas as coisas (por
exemplo, o conceito de homem). Em outras palavras, perguntava-se se os
gêneros e espécies

tinham existência separada dos objetos sensíveis: as espécies (como o cão) e os
gêneros (como os animais).

teriam existência real"? Ou seja, seriam realidades, idéias ou apenas" palavras?
Essa questão é retomada nos séculos XI e XII, alimentando longa polêmica,
cujas soluções

principais são: o realismo, o conceptualismo e o nominalismo.

Os realistas, como Santo Anselmo e Guilherme de Champeaux,
consideram que o universal tem realidade objetiva (são res, ou seja,
"coisas"). É evidente a influência platônica do mundo das idéias. No

século XIII, Santo Tomás de Aquino, já conhecendo Aristóteles, é partidário do realismo moderado, segundo o qual os universais só existem formalmente no espírito, mas têm fundamento nas coisas.

Para os nominalistas, como Roscelino, o universal é apenas um conceito, nenhuma realidade específica correspondente. Essa tendência reaparece no século XIV com Guilherme de

Ockam, franciscano que representa a reação à filosofia de Santo Tomás.

Pedro Abelardo, grande mestre da polêmica, opta pela posição conceptualista, intermediária entre as duas anteriores. Para ele os universais são conceitos, entidades mentais.

Podemos analisar o significado dessas oposições a partir das condições de aspecto, os realistas são os partidários da tradição, e como valorizam o universal, a autoridade, a verdade eterna, representada pela fé. Por outro lado os nominalistas consideram que o individual é mais real, indicando o deslocamento do critério da verdade da fé e da autoridade para a razão humana. Naquele momento histórica essa última posição representa a emergência do racionalismo burguês em oposição às forças feudais que deseja superar.

Exercícios

1. Qual é a importância da apologética, e em que medida essa

preocupação representara a especificidade do pensamento medieval?

2. Como se deu a influência de Platão e Aristóteles no período medieval?

3. Em que consiste a questão dos universais? Em que eles que ocorrem naquele período medieval?

4. Leia o texto complementar, de Santo Tomás, e responda

a) A razão humana pode contrariar as verdades da fé?

b) As verdades da fé podem ser contrárias aos princípios

c) Qual é a hierarquia que se estabelece entre fé e razão?

Texto complementar

I

As verdades da razão natural não contradizem as verdades da fé cristã

Se é verdade que a verdade da fé cristã ultrapassa as capacidades dos princípios inatos naturalmente à razão podem estar em contradição com esta verdade sobrenatural.

É um fato que esses princípios naturalmente inatos à razão humana verdadeiros; são tão verdadeiros, que chega a ser impossível pensar que possam ser falsos. Tampouco é permitido considerar falso aquilo que cremos pela fé, e que Deus confirmou de maneira tão

evidente, que só o falso constitui o contrário do verdadeiro, como se conclui claramente da definição dos conceitos, é impossível que a verdade da fé seja contrária

aos princípios que a razão humana

conhece

em virtude das suas forças naturais.

(...) Deus não pode infundir no homem opiniões ou uma fé que vão conhecimento adquirido pela razão natural.

É isto que faz o apóstolo São Paulo escrever, na Epístola aos Romanos, "Está bem perto de ti, em teu coração e em teus lábios, ouve: a palavra da fé, que nós pregamos" (Romanos,

- capítulo 10. versículo 8). Todavia, já que a palavra de Deus ultrapassa o entendimento, alguns acreditam que ela esteja em contradição com ele. Isto não pode ocorrer.

Também a autoridade de Santo Agostinho o confirma. No segundo livro do Gênesis comentado ao pé da letra, o Santo afirma o seguinte: "Aquilo que a verdade descobrir não pode contrariar aos livros sagrados, quer do Antigo quer do Novo Testamento".

Do exposto se infere o seguinte: quaisquer que sejam os argumentos cristãos, não procedem retamente dos primeiros princípios inatos à natureza e conhecidos por si mesmos.

Por conseguinte, não possuem valor demonstrativo, não passando de razões de probabilidade

sofismáticas. E não é difícil refutá-los.

(Santo Tomás de Aquino, Súplica contra os gentios, Os pensadores, São Paulo. Abril Cultural, 1973, p. 70.)

TERCEIRA PARTE - Teoria do conhecimento na Idade Moderna

e Contemporânea

1-Racionalismo e empirismo

Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas,
(Descartes)

De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento?
respondo, numa palavra, da experiência.

(Locke)

... penso não haver mais dúvida que não há princípios práticos c
(Locke)

O século XVII representa, na história do homem, a culminância e emergência da nova classe dos burgueses determina a produção de uma nova realidade cultural, a ciência física, que se exprime matematicamente. A atividade filosófica,

a partir daí, reinicia um novo trajeto: ela se desdobra como uma reflexão cujo pano de fundo é a existência dessa ciência.

A revolução científica determinou a quebra do modelo de inteligência pelo aristotelismo, o que provocou, nos novos filósofos e pensadores, o receio de enganar-se novamente (ver Capítulo 13-A ciência medieval).

A procura da maneira de evitar o erro faz surgir a principal característica

Essa preocupação centraliza as reflexões não apenas no conhecimento ou epistemologia).

Podemos dizer que até então a filosofia tem uma atitude realista. A Moderna inverte o pólo de atenção, centralizando no sujeito a questão do conhecimento.

Como já vimos, se o pensamento que o sujeito tem do objeto concorda com o pensamento, o pensamento concorda com o objeto? Isto é, "um dos problemas que a teoria do conhecimento terá que propor e solucionar é aquele de saber quais são os critérios,

as maneiras, os métodos de que se pode valer o homem para ver se um conhecimento é ou não verdadeiro.

As soluções apresentadas a essas questões vão originar duas correntes: o racionalismo e o empirismo, como veremos a seguir.

O racionalismo cartesiano

(Gravura)

Cristina cercada de sábios (detalhe), do Duraesnil.

O filósofo francês Descartes viajou por vários países europeus, tendo morado muito tempo na Holanda. Convidado

para a corte da rainha Cristina. não suportou o inverno da Suécia, onde morreu em 1650.

René Descartes (1596-1650), cujo nome latino era Cartesius (daí

Dentre suas obras, o Discurso do método e Meditações Metafísicas expressam a tendência de preocupação com o problema do conhecimento a que já nos referimos. O ponto

de partida é a busca de uma verdade primeira que não possa ser posta em

dúvida. Por isso, converte a dúvida em método. Começa duvidando de tudo, das afirmações

do senso comum, dos argumentos da autoridade, do testemunho dos sentidos, das informações da consciência, das verdades deduzidas pelo raciocínio, da realidade do

mundo exterior e da realidade de seu próprio corpo.

****nota**

4.M. García Morente, Fundamentos de filosofia: lições preliminares. p. 146.

O cogito

Descartes só interrompe essa cadeia de dúvidas diante do seu próprio "eu existo". Eis aí o fundamento, o ponto de partida para a construção de todo o seu pensamento. Mas este "eu" cartesiano é puro pensamento, uma res cogitans (um ser

pensante), pois, no caminho da dúvida, a realidade do corpo (res

extensa, coisa externa, material) foi colocada em questão.

Não pretendemos fazer compreender a trajetória de Descartes, pois o leitor com a estrita preocupação de observar como o autor constrói o racionalismo, priorizando o sujeito, não o objeto.

A partir dessa intuição⁵ primeira (a existência do ser que pensa) são duvidosas e confusas e outras são claras e distintas.

As idéias claras e distintas são idéias gerais que não derivam de uma apreensão de outras verdades. São as idéias inatas, que não estão sujeitas a erro pois vêm da razão, independentes das idéias que "vêm de fora", formadas pela ação

dos sentidos, e das outras que nós formamos pela imaginação. São inatas, não no sentido de o homem já nascer com elas, mas como resultantes exclusivas da

capacidade

de pensar. São idéias verdadeiras. Nessa classe estão a idéia da substância infinita de Deus e

a idéia da substância finita, com seus dois grandes grupos - a res cogitans e a res extensa.

Embora o conceito de idéias claras e distintas resolva alguns problemas à verdade de parte do nosso conhecimento, não dá nenhuma garantia de que o objeto pensado corresponda a uma realidade fora do pensamento. Como sair do próprio pensamento e recuperar o mundo?

**

5 Por intuição entendo não o testemunho mutável dos sentidos ou o juízo falaz (enganoso) de uma imaginação que compõe mal o seu objeto, mas a concepção de um

espírito puro e atento, tão fácil e distinta, que nenhuma dúvida resta sobre o que compreendemos." (Descartes)

Deus - Conseqüências do cogito

Para isso, Descartes lança mão, entre outras provas, da famosa prova do ser perfeito; se um ser é perfeito, deve ter a perfeição da existência, senão lhe faltaria algo para ser perfeito. Portanto, ele existe.

O mundo

Se Deus existe e é infinitamente perfeito, não me engana. A existência Portanto, o mundo tem realidade. E dentre as coisas do mundo, o meu

próprio corpo existe. O que caracteriza a natureza do mundo é a matéria e o movimento (res extensa),

em oposição à natureza espiritual do pensamento (res cogitans).

Podemos perceber, nesse rápido relato, uma tendência forte e absoluta. Conseqüências do cogito.

Estabelece-se o caráter originário do cogito como autoevidência

Acentua-se o caráter absoluto e universal da razão que, partindo do cogito, só com suas próprias forças pode chegar a descobrir todas as verdades possíveis.

Daí a importância de um método de pensamento que garanta que as imagens mentais, ou representações da

razão, correspondam aos objetos a que se referem e que são exteriores a essa mesma razão.

A partir do século XVII, passa-se a buscar o ideal matemático, a *mathesis universalis* (matemática universal). Isso não significa aplicar a matemática no conhecimento do mundo, mas usar o seu tipo de conhecimento, que é

completo, inteiramente dominado pela inteligência e baseado na ordem e na medida,

permitindo estabelecer cadeias de razões.

Outra conseqüência é o dualismo psicofísico (ou dicotomia corpo e alma) e uma substância extensa. A conciliação das duas substâncias dificulta a reflexão de Descartes e gera antagonismos que serão objeto de debates nos dois séculos subsequentes.

Isso porque o corpo é uma realidade física e fisiológica e, como tal, possui massa, extensão no espaço e movimento, bem como desenvolve atividades de alimentação,

digestão etc., estando, portanto, sujeito às leis deterministas da natureza. Por outro lado, os fenômenos mentais não têm extensão no espaço nem localização. As

principais atividades da mente são recordar, raciocinar, conhecer e querer; portanto, não se submetem às leis físicas, mas são o lugar da liberdade.

Estabelecem-se, então, dois domínios diferentes: o corpo, objeto veremos, marcará as dificuldades do início das chamadas ciências humanas (ver Capítulo 16 - As ciências humanas).

O empirismo inglês

A palavra empirismo vem do grego *empeíria*, que significa "experiência". O empirismo, ao contrário do racionalismo, enfatiza o papel da experiência sensível no processo do conhecimento.

Francis Bacon

Francis Bacon (1561-1626). seguindo a tradição empirista inglesa Bacon, século XIII), realça a significação histórica da ciência e do papel que ela poderia desempenhar na vida da humanidade. Seu lema "saber é poder", mostra como ele procura, bem no espírito da nova ciência, não um saber contemplativo e desinteressado, que não tenha um fim em si, mas um saber instrumental, que possibilite a dominação da natureza. Começa o ideal prometico da ciência.

Daí o interesse pelo método da ciência. Na obra *Novum Organum* (N Orgão, no sentido de instrumento de pensamento), Bacon critica a lógica aristotélica,

opondo ao ideal dedutivista a eficiência da indução como método de descoberta.

inicia pela denúncia dos preconceitos e noções falsas que dificu

Os ídolos da tribo "estão fundados na própria natureza humana, n
mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo". Isso
significa que muitos dos nossos enganos derivam da tendência ao
antropomorfismo.

Os ídolos da caverna "são os dos homens enquanto indivíduos. Poi
que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria
singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros".

Os ídolos do foro são os provenientes, de certa forma, das relaça
graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras,
impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto.
(..) E os

homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.

Os ídolos do teatro são os "ídolos que imigraram para o espírito
demonstração. (...) Ademais, não pensamos apenas nos sistemas filosóficos, na
sua universalidade, mas também nos numerosos princípios e axiomas das
ciências que

entraram em vigor, mercê da tradição, da credulidade e da negligência".

Francis Bacon desenvolve um estudo pormenorizado da indução a pa
do caráter estéril do silogismo e insiste na necessidade da experiência e da
investigação

segundo métodos precisos.

Suas falhas estão em não ter construído um sistema completo, e
seus exemplos de indução são menos exatos que método indutivo-dedutivo de
Galileu.

Além disso, a física de

Baton permanece nas qualidades corporais, não recorrendo à matemática, mérito que coube também, e sobretudo, a Galileu.

John Locke

John Locke (1632-1704) tornou-se conhecido pela contribuição com a respeito da teoria do conhecimento parte da leitura da obra de Descartes e consiste em saber "qual é a essência, qual a origem, qual o alcance do conhecimento humano".

Entretanto, na obra Ensaio sobre o entendimento humano, Locke de "psicológico". O professor García

Morente explica: "A origem de uma idéia, como a idéia de esfera, pode ser considerada psicologicamente ou logicamente. Psicologicamente estudaremos as sensações,

as percepções que puderam produzir naturalmente, biologicamente, em nós, a noção de esfera; por exemplo, ter visto objetos dessa forma, naturais ou artificiais.

Mas outro sentido da palavra origem é considerar a esfera como originada pelo movimento de meia circunferência girando ao redor do

diâmetro" (nota 8).

**nota

Nota 6: Prometéico: relativo a Prometeu figura da mitologia grega que roubou o fogo dos deuses para dá-lo aos homens. Simboliza o advento da técnica.

Nota 7: As citações que se seguem são de Francis Bacon, *Novum Organum*, Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 27-29.

Nota 8: M. García Morente, Fundamentos de filosofia: lições Preliminares, p. 177

Locke. escolhendo o caminho da psicologia, distingue duas fontes feita na mente através dos sentidos. A reflexão é a percepção que a alma tem daquilo que nela ocorre. Portanto, a reflexão se reduz apenas à experiência interna

do resultado da experiência externa produzida pela sensação.

O que ocasiona a produção de uma idéia simples na mente é a "qual movimento, o repouso e o número, e qualidades secundárias (cor, som, odor, sabor etc.), que provocam no sujeito determinadas percepções sensíveis. Enquanto as primárias

são objetivas, pois realmente existem nas coisas, as secundárias variam de sujeito para sujeito e, como tais, são relativas e subjetivas.

O sujeito, através da análise, trata e desata as idéias simples, por objetiva. São nomes de que nos servimos para denominar e ordenar as coisas. Dai o seu valor prático, e não, cognitivo. Se estabelecermos uma comparação com o processo

cartesiano de conhecimento, podemos dizer que, enquanto Descartes enfatiza o papel do sujeito, Locke enfatiza o papel do

objeto.

Locke critica as idéias inatas de Descartes, afirmando que a alma (onde não há inscrições), como uma cera onde não houvesse

qualquer impressão, e o conhecimento só começa após a experiência sensível. Se houvesse idéias inatas, as crianças já as teriam: além disso, a idéia de Deus não se

encontra em toda parte, pois há povos sem nenhuma representação de Deus ou, pelo menos, sem a representação de um

ser perfeito.

David Hume

David Hume (1711-1776), filósofo escocês, leva mais adiante o em Francis Bacon e Locke. Partindo do princípio de que só os fenômenos são observáveis,

de que o mecanismo íntimo do real não é

passível de experiência, afirma que as relações são exteriores aos seus termos, ou seja, se não são observáveis, não podem pertencer aos objetos. As relações são

simples modos que o homem tem de passar de um objeto a outro, de um termo a outro, de uma idéia particular a outra. São apenas passagens externas que nos permitem

associar os termos a partir dos princípios de causalidade, semelhança e contigüidade.

Assim, Hume nega a validade universal do princípio de causalidade de fatos ou a sequência de eventos, e não o nexos causal entre esses mesmos atos ou eventos. O que nos faz

ultrapassar o dado e afirmar mais do que pode ser alcançado pela experiência,

é o hábito criado, é a observação de casos semelhantes. deles, imaginamos que o fato atual se comportará de forma análoga. A única base para as idéias ditas gerais.

portanto, é a crença, que, do ponto de vista do entendimento, faz uma extensão ilegítima do conceito.

Conclusão

Vimos que, no século XVII, a partir dos problemas gnosiológicos

conhecimento), surgem duas correntes opostas:

o racionalismo e o empirismo. Exagerando, poderíamos dizer que o racionalismo é o sistema que consiste em limitar o homem ao âmbito da própria razão, e o empirismo é o que o limita ao âmbito da experiência sensível. Isso não quer dizer que o

racionalismo exclua a experiência sensível, mas esta é apenas a ocasião

do conhecimento e está sujeita a enganos. A verdadeira ciência se perfaz no espírito. Para o empirismo, ao contrário, a experiência é fundamental, e o trabalho

posterior

da razão está a ela subordinado. Como consequência, os racionalistas confiam na capacidade do homem de atingir verdades universais, eternas, enquanto os empiristas

terminam por questionar o caráter absoluto da verdade, já que o conhecimento parte de uma realidade in

fieri (isto é, em transformação constante), sendo tudo relativo

ao espaço, ao tempo, ao humano.

Exercícios

1. Levante as características do racionalismo cartesiano.
2. Levante as características do empirismo.
3. Para Locke, de onde vêm as idéias simples? E as complexas?
4. Qual o papel da crença para Hume?
5. Leia os textos complementares I a IV e aponte os elementos

no racionalismo ou no empirismo.

6. Leia o texto 1 de Descartes, e enumere as etapas de se
7. A partir da leitura do texto 2 de Descartes, explique e como chega à intuição da primeira idéia indubitável.
8. A partir da leitura dos textos de Locke, explique com
9. Com base no Capítulo 4 (Conhecimento, linguagem, pensa "ídolos do foro").

Textos complementares

i

Francis Bacon

Nosso método, contudo, é tão fácil de ser apresentado quanto difícil estabelecer os graus de certeza, determinar o alcance exato dos sentidos e rejeitar, na maior parte dos casos, o labor da mente, calcado muito de perto sobre aqueles, abrindo e promovendo, assim, a nova e certa via da mente, que, de resto, provém das próprias percepções sensíveis.

2

A melhor demonstração é, de longe, a experiência, desde que se atenha experimento.

(Francis Bacon, Novurn Organum, Col. Os pensad

II

Descartes

1

Eu estudara um pouco, sendo mais jovem, entre as partes da filosofia

matemáticas, a análise dos geômetras e a álgebra, três artes ou ciências que pareciam dever contribuir

com algo para o meu desígnio. Mas, examinando-as, notei que, quanto à lógica, os seus

silogismos e a maior parte de seus outros preceitos servem mais para explicar a outrem as coisas que

já se sabem, ou mesmo, como a arte de Lúlio, para falar, sem julgamento, daquelas que se ignoram,

do que para aprendê-las. E embora ela contenha, com efeito, uma porção de preceitos muito verdadeiros

e muito bons, há todavia tantos outros misturados de permeio que são ou nocivos, ou supérfluos,

que é quase tão difícil separá-los quanto tirar uma Diana ou uma Minerva de um bloco de

mármore que nem sequer está esboçado. Depois, com respeito à análise dos antigos e à álgebra dos

modernos, além de se estenderem apenas a matérias muito abstratas, e de não parecerem de nenhum

uso, a primeira permanece sempre tão adstrita à consideração das figuras, que não pode exercitar o

entendimento sem fatigar muito a imaginação; e esteve-se de tal forma sujeito, na segunda, a certas

regras e certas cifras, que se fez dela uma arte confusa e obscura que embaraça o espírito, em lugar

de uma ciência que o cultiva. Por esta causa, pensei ser mister procurar algum outro método que,

compreendendo as vantagens desses três, fosse isento de seus defeitos. E, como

a multidão de leis

fornece amiúde escusas aos vícios, de modo que um Estado é bem melhor dirigido quando, tendo

embora muito poucas, são estritamente cumpridas; assim, em vez desse grande número de preceitos

de que se compõe a lógica, julguei que me bastariam os quatro seguintes, desde que tomasse a firme

e constante resolução de não deixar uma só vez de observá-los.

O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada

incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu

não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelo mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais

compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revtivesse a certeza de nada omitir.

2

Não sei se deva falar-vos das primeiras meditações que aí realizei;

tão pouco comuns, que não serão, talvez, do gosto de todo mundo. E, todavia, a fim de que se possa

julgar se os fundamentos que escolhi são bastante firmes, vejo-me, de alguma forma, compelido a

falar-vos delas. De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões,

que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, como já foi dito acima;

mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário

agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar

a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse

inteiramente indubitável. Assim, porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que

não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, porque há homens que se

equivocam ao raciocinar, mesmo no tocante às mais simples matérias de geometria, e cometem aí

paralogismos, rejeitei como falsas, julgando que estava sujeito a falhar como qualquer outro, todas

as razões que eu tomara até então por demonstrações. E enfim, considerando que todos os mesmos ,

pensamentos que temos quando despertados nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que

haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as

coisas que até

então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos.

Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria

necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: eu penso,

logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não

seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da

filosofia que procurava.

(Descartes, Discurso do método, Col. Os pensa

2

3

Primeiramente, considero haver em nós certas noções primitivas,

E não há senão muito poucas dessas noções; pois, após as mais gerais, do ser, do número, da duração etc., que convém a tudo quanto possamos conceber,

possuimos,

em relação ao corpo em particular, apenas a noção da extensão, da qual decorrem as da figura e do movimento;

e, quanto à alma somente, temos apenas a do pensamento,

em que se acham compreendidas as percepções do entendimento e as inclinações da vontade; enfim, quanto à alma e ao

corpo em conjunto, temos apenas a de sua união,

da qual depende a noção da força de que dispõe a alma para mover o corpo, e o corpo para atuar sobre a alma, causando seus sentimentos e suas paixões.

(Descartes, Carta a Elisabeth, Col. Os pensador

III

Locke

1

Todas as idéias derivam da sensação ou reflexão. Suponhamos que a mente seja como um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer idéias; como ela será suprida?

De onde lhe provém este vasto estoque, que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela

com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento?

A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado, e

dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregada tanto nos objetos sensíveis

externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas,

nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas

duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas idéias, ou as que possivelmente teremos.

(15) Os passos pelos quais a mente alcança várias verdades.

Os sentidos inicialmente tratam com idéias particulares, preenchendo o gabinete ainda vazio, e a mente se familiariza gradativamente

com algumas delas, depositando-as na memória e designando-as por nomes. Mais tarde, a mente,

prossequindo em sua marcha, as vai abstraindo, apreendendo gradualmente o uso dos nomes gerais.

Por este meio, a mente vai se enriquecendo com idéias e linguagem, materiais com que exercita sua

faculdade discursiva. E o uso da razão torna-se diariamente mais visível, ampliando-se em virtude

do emprego desses materiais. Embora a posse de idéias gerais, o uso de palavras gerais e a razão

geralmente cresçam juntos, não vejo como isto possa de algum modo prová-las inatas. Concordo

que o conhecimento de algumas verdades aparece bem cedo na mente, mas de modo tal que mostra

que não são inatas. Pois, se observarmos, descobriremos que isto continua também com as idéias

não-inatas, mas adquiridas, sendo aquelas primeiras impressas por coisas externas, com as quais as

crianças se deparam bem cedo, ocasionando as mais freqüentes impressões em seus sentidos. Nas

idéias assim apreendidas, a mente descobre que algumas concordam e outras diferem, provavelmente

tão logo tenha uso da memória, tão logo seja capaz de reter e receber idéias

distintas. Mas, quer isto

seja ou não existente naquele instante, uma coisa é certa: existe muito antes do uso de palavras, ou

chega antes do que ordinariamente denominamos "o uso da razão". Pois uma criança sabe como certo ,

antes de poder falar, a diferença entre as idéias de doce e amargo (isto é, que o doce não é amargo),

como sabe depois (quando começa a falar) que a amargura e a doçura não são a mesma coisa.

(Locke, Ensaio acerca do entendiment

Iv

Hume

35. Suponha-se que uma pessoa, embora dotada das mais vigorosas facu
retlexão, seja trazida repentinamente a este mundo. É certo que tal pessoa
observaria de imediato

uma sucessão contínua de objetos e um fato sucedendo-se a outro; não seria
porém capaz de descobrir

nada mais. A princípio, não haveria raciocínio que a conduzisse à idéia de causa
e efeito, já que

os poderes particulares graças aos quais se realizam todas as operações naturais
não se manifestam

aos sentidos; nem é razoável concluir, simplesmente porque um acontecimento
em determinado

caso precede um outro, que o primeiro é a causa e o segundo é o efeito. A
conjunção dos dois pode

ser arbitrária e casual. Talvez não haja razão para inferir a existência de um do

aparecimento do

outro. Numa palavra: sem mais experiências, tal pessoa não poderia fazer uso de conjectura ou de

raciocínio a respeito de qualquer questão de fato ou ter certeza de qualquer coisa além do que estivesse

imediatamente presente à sua memória e aos seus sentidos.

Suponha-se, agora, que esse homem adquiriu mais experiência e viveu

suficiente para ter observado uma conjunção constante entre objetos ou acontecimentos familiares:

qual é o resultado dessa experiência? Ele infere imediatamente a existência de um objeto do

aparecimento do outro. E, sem embargo, nem toda a sua experiência lhe deu

qualquer idéia ou conhecimento do poder secreto pelo qual um objeto produz o outro; e tampouco é levado a

fazer essa inferência por qualquer processo de raciocínio. No entanto, é levado a fazê-la; e, ainda que esteja

convencido, o seu raciocínio nada tem que ver com essa operação,

persiste na mesma linha de pensamento, há algum outro princípio que o determina a tirar essa conclusão.

1. Esse princípio é o costume ou hábito. Com efeito, sempre que a repetição de algum ato ou ação particular produz uma propensão de renovar o mesmo ato ou operação

sem que sejamos impelidos por qualquer raciocínio ou processo do entendimento, dizemos que essa propensão é um efeito do hábito. Ao empregar esta palavra, não pretendemos

dar

a razão primária de uma tal propensão. Limitamo-nos a apontar um princípio da natureza humana, que é universalmente admitido e conhecido pelos seus efeitos. Talvez

não

seja possível levar mais avante as nossas indagações ou pretender indicar a causa dessa causa; talvez devamos contentar-nos com ela como o princípio deduzido de

todas

as nossas conclusões da experiência. Demo-nos por satisfeitos em ter chegado aí e não nos queixemos da estreiteza de nossas faculdades, que não nos podem levar mais

- E é certo que aqui avançamos uma proposição muito inteligível, pelo menos, se não verdadeiramente afirmar que após a conjunção constante de dois objetos - por exemplo,

calor e chama, peso e solidez - somos levados tão somente pelo costume a esperar, após um deles, o aparecimento do outro. Esta hipótese parece ser, mesmo, a única

que resolve a dificuldade: por que tiramos de mil exemplos de uma inferência que não podemos tirar de um só exemplo, a todos os respeitos igual aos outros?

A razão é incapaz de variar desse modo. As conclusões que tira da consideração de um círculo são as mesmas que tiraria da observação de todos os círculos do universo.

Mas ninguém, ao ver um único corpo mover-se depois de ser impelido por outro, poderia inferir que todos os corpos se moverão sob um impulso semelhante. Todas as

inferências

derivadas da experiência, por conseguinte, são efeitos do costume e não do raciocínio.

O hábito é, pois, o grande guia da vida humana. É aquele princípio único que faz com que a experiência nos seja útil e nos leve a esperar, no futuro, uma seqüência

de acontecimentos semelhante às que se verificaram no passado. Sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda a questão de fato além do que está imediatamente

presente à memória ou aos sentidos. Jamais saberíamos como adequar os meios aos fins ou como utilizar os nossos poderes naturais na produção de um efeito qualquer.

Seria o fim imediato de toda ação, assim como da maior parte da especulação.

(David Hume. Investigação sobre o entendimento humano, Col. Os pensadores, Sao Paulo, Abril Cultural, 1973. p. 145-146.)

2.Criticismo kantiano

O mais nobre assunto de estudo para o homem é o homem.

(Lessing)

A Ilustração

O século XVIII é conhecido como Iluminismo, Século das Luzes, Ilustração ou Aufklârung. Como as próprias designações

sugerem, trata-se do otimismo no poder da razão de reorganizar o mundo humano.

Vimos que, já no Renascimento, se desenrola a luta contra o princípio da autoridade

e a busca dos próprios poderes humanos, pelos quais o homem tecerá ele próprio a trama

do seu destino.

0 racionalismo e o empirismo do século XVII (Descartes, L

de perceber o mundo através de idéias claras e distintas; Locke valoriza os sentidos e a experiência na elaboração do conhecimento; Hume levanta o problema da exterioridade

das relações frente aos termos.

"Filha emancipada do cartesianismo, a filosofia do Iluminismo de busca da evidência intelectual, e sobretudo a audácia de exercer livremente seu juízo e de levar a toda parte o espírito da dúvida metódica.

"Sou, logo penso"⁹ seria

de algum modo o cogito do filósofo do Iluminismo, bem próximo do cogito cartesiano."¹⁰

Outra influência importante foi o advento da ciência galileana e as novas ciências. Como essa ciência é aliada da técnica, faz surgir o modelo de um novo homem, o homem construtor, o artífice do futuro, que não mais se contenta em

contemplar a harmonia da natureza, mas quer conhecê-la para dominá-la.

*

E é uma natureza dessacralizada, isto é, desvinculada da religião, que reaparece em

todos os campos de discussão do homem no século XVIII.

Tornando-se livre de qualquer tutela, sabendo-se capaz de procurar razão a todos os domínios: político, econômico, moral e religioso (ver Capítulo 22 - O que é liberalismo).

A exaltação do poder do homem decorre, segundo Desné, do fato de espírito de iniciativa e de previdência, o lugar que tem na sociedade

(...) A emancipação do homem, na qual Kant vê o traço distintivo do Iluminismo,

é a emancipação

de uma classe, a burguesia, que atinge sua maioria".

Nesse momento se dá o fortalecimento do sistema capitalista como exemplifica pela Revolução Industrial, marcada pelo aparecimento da máquina a vapor em meados do século XVIII e que introduz o processo de mecanização das indústrias.

De fato, o século XVIII é o século das revoluções burguesas: ainda e, em 1789, os Bourbon são depostos com a Revolução Francesa. Ecos desses acontecimentos chegam ao Novo Mundo, em movimentos de emancipação como a Independência dos Estados Unidos (1776). a Inconfidência Mineira (1789) e a Conjuração Baiana (1798).

Na Inglaterra, os representantes da Ilustração são sobretudo New
Na França, surgem Montesquieu, Voltaire, Rousseau. O poder de pe
de seus filósofos, empenhados em "levar as luzes" a todos os homens.
Importante nesse processo é a publicação da Enciclopédia, obra imensa cujos verbetes são confiados

a diversos autores: Voltaire, D'Alembert, Diderot, Helvetius.

Na Alemanha, o movimento é conhecido como Aufklärung. É importante
"país", já que não podemos falar em autonomia nacional,

pois a Alemanha não passa, naquele momento, de um agregado de Estados que têm em comum apenas a língua. (A unificação alemã só ocorrerá no século XIX.) A economia

feudal ainda predominante mantém o povo miserável e impede a ascensão da burguesia rica e esclarecida. Além disso, a Alemanha se acha extenuada pela Guerra dos Trinta

Anos. Só na segunda metade do século XVIII começam a aparecer sinais da emancipação intelectual, sobretudo na produção literária (Lessing, Herder, Goethe, Schiller)

e musical (os descendentes de Bach

- Carl Philipp e Johann C. -, Haendel, Haydn, Mozart, Schubert, Beethoven).

Na filosofia alemã, as expressões maiores são: Wolff, Lessing e cuja influência marcará a filosofia posterior.

O criticismo kantiano

Immanuel Kant (1724-1804) nasceu na Alemanha. Interessado desde o início pela ciência newtoniana, já constituída plenamente no seu tempo, e preocupado com a confusão conceitual a respeito do debate sobre a natureza do nosso conhecimento, Kant questiona na sua obra Crítica da razão pura, se é possível uma "razão pura" independente da experiência. Daí seu método ser conhecido como criticismo.

- Observe que o autor da citação inverte a máxima de Descartes "Penso, logo existo."

**nota

10 Desné. apud E. Châtelet. História da Filosofia; idéias; doutrinas, v. 4, p. 75.

Diante da questão "Qual é o verdadeiro valor dos nossos conhecimentos conhecidos legitimamente e que tipo de conhecimento não tem fundamento. Com

isso pretende superar a dicotomia racionalismo-empirismo.

Condena os empiristas (tudo que conhecemos vem dos sentidos) e, vem de nós):

o conhecimento deve constar de juízos universais, da mesma maneira que deriva da experiência sensível.

Para superar essa contradição, Kant explica que o conhecimento é e forma. A matéria dos nossos conhecimentos são as próprias coisas, e a forma somos nós mesmos.

Exemplificando: para conhecer as coisas, precisamos ter delas um organizada

por formas da nossa sensibilidade, as quais são a priori, ou seja,

anteriores a qualquer experiência (e condição da própria experiência...). Assim,

para conhecer as coisas, temos de organizá-las a partir da forma a priori do

tempo e do espaço. Para Kant, o tempo e o espaço não existem como realidade externa, são antes

formas que o sujeito põe nas coisas.

Outro exemplo: quando observamos a natureza e afirmamos que uma ou "tal coisa é causa de outra", ou "isto existe", temos, de um lado, coisas

que percebemos pelos sentidos, mas, de outro, algo escapa aos sentidos, isto é, as categorias de substância, de causalidade, de existência (entre outras). Essas

categorias não são dadas pela experiência, mas são postas pelo próprio sujeito cognoscente.

Portanto, o nosso conhecimento experimental é um composto do que

por impressões e do que a nossa própria fauldade de conhecer de si mesma tira por

ocasião de tais impressões "

Kant também conclui que não é possível conhecer as coisas tais c
seja, o noumenon (a coisa-em-si) é inacessível ao conhecimento, Apenas
podemos

conhecer os fenômenos; esta palavra, etimologicamente, significa "o que
aparece". A

inovação de Kant consiste em afirmar que a realidade não é um dado exterior ao
qual

o intelecto deve se conformar, mas, ao contrário, o mundo dos fenômenos só
existe na medida em que "aparece" para nós e, portanto, de certa forma
participamos da

sua construção.

Prosseguindo a análise da possibilidade do conhecimento, Kant se
como a existência de Deus, a imortalidade da alma, a liberdade, a infinitude do
universo. Se você seguiu nosso raciocínio, lembrará que todo conhecimento,
para Kant,

é constituído pela forma a priori do espírito e pela matéria fornecida pela
experiência

sensível. Ora, os seres da metafísica não podem preencher essa segunda
exigência:

não temos experiência sensível de Deus, por exemplo. Portanto, o conhecimento
metafísico é impossível, e devemos nos abster de afirmar ou negar qualquer
coisa

a respeito dessas realidades. Trata-se de um agnosticismo (etimologicamente, a,
"não", e gnosís, "conhecimento)"). Somos agnósticos quando

consideramos a razão

incapaz de afirmar ou negar a existência de Deus. O agnosticismo não se confunde com

o ateísmo, pelo qual afirmamos a inexistência de Deus.

Entretanto, em outra obra, *Crítica da razão prática*, Kant tenta aqui acompanhar seu raciocínio, mas apenas apontar as conclusões: pela análise da

moralidade, Kant deduz a liberdade humana, a imortalidade da alma e a existência

de Deus.

O pensamento kantiano é conhecido como idealismo transcendental. A expressão transcendental em Kant significa aquilo que é anterior a toda experiência:

"Chamo transcendental todo conhecimento que trata, não tanto dos objetos, como, de modo geral, de nossos conceitos

a priori dos objetos". Mesmo fazendo a crítica

do racionalismo e do empirismo, Kant segue um processo que redundava em idealismo, pois, ainda que reconheça a experiência como

fornecedora da matéria do conhecimento,

é o nosso espírito, graças às estruturas a priori, que constrói a ordem do universo.

Tal como Copérnico dissera que não é o Sol que gira em torno da Terra, mas o reflexo do objeto exterior: é o próprio espírito que constrói o objeto do seu saber. Nesse sentido, dizemos que Kant realizou

uma revolução copernicana.

Exercícios

1. O que são as formas a priori do conhecimento?
2. Como Kant supera a dicotomia entre racionalismo e empirismo?
3. Por que, para Kant, a coisa em si é Inacessível ao conhecimento?
4. Porque podemos dizer que o conhecimento é também uma

construção do sujeito?

As questões 5 a 8 referem-se ao texto complementar de Kant, "O que é a Ilustração".

5. A partir do que leu sobre a Ilustração no texto base, qual é o seu conceito de Ilustração?
6. Quem são os guardiões, hoje, que impedem a humanidade de entrar na Ilustração?
7. Por que a passagem à maioridade é considerada difícil?
8. Como a filosofia, como disciplina nas escolas, pode ajudar a Ilustração?

Sugestão para dissertação

Atualmente, os meios de comunicação de massa ajudam o brasileiro a entrar na Ilustração?

Sugestão para seminário:

Faça um levantamento sobre o papel da censura no Brasil no período da Ilustração.

Texto complementar

O que é a ilustração

A ilustração (Aufklärung) é a saída do homem de sua menoridade, a qual ele próprio se impõe. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do próprio entendimento.

sem a condução de um outro. O homem é o próprio culpado dessa menoridade quando sua causa reside não na falta

de entendimento, mas na falta de resolução e coragem

para usá-lo sem a condução de um outro. Sapere aude! "Tenha coragem de usar seu próprio

entendimento!" - esse é o lema da ilustração).

Preguiça e covardia são as razões pelas quais uma tão grande par
externa (naturaliter maiorennes); e essas são também as razões pelas quais é tão
fácil para outros manterem-se

como seus guardiões. É cômodo ser menor. Se tenho

um livro que substitui meu entendimento, um diretor espiritual que tem uma
consciência por mim, um médico que decide sobre a minha dieta e assim

por diante, não preciso

me esforçar. Não preciso pensar, se puder pagar: outros prontamente

assumiram por mim o trabalho penoso.

Que a passagem à maioridade seja tida como muito difícil e perig
humanidade (e por todo o belo sexo) deve-se a que os guardiões de

bom grado se encarregam da sua tutela. Inicialmente os guardiões domesticam o
seu gado, e certificam-se de que essas criaturas

plácidas não ousarão dar um único passo sem seus cabrestos: em seguida, os
guardiões lhes mostram

o perigo que as ameaça caso elas tentem marchar sozinhas, Na verdade, esse
perigo não é tão

grane Após algumas

quedas, as pessoas aprendem a andar sozinhas. Mas cair uma vez as intimida

e comumente as amedronta para as tentativas ulteriores.

É muito difícil para um indivíduo isolado libertar-se da sua men-
tornou-se

quase a sua natureza (...).

Mas que o público se esclareça a si mesmo é muito perfeitamente possível; se
lhe for assegurada

a liberdade, é quase certo que isso ocorra... Sempre haverá alguns pensadores
independentes,

mesmo entre os guardiões das grandes massas, que, depois de terem-se libertado
da menoridade, disseminarão o espírito de reconhecimento racional tanto de sua
própria

dignidade quanto da vocação de todo homem para pensar por si mesmo. Mas
note-se

que o público, que de início foi reduzido à tutela por seus guardiões, obriga-os a
permanecer sob jugo, quando é estimulado a se rebelar por guardiões que, eles

próprios, são incapazes de qualquer ilustração. Isso mostra quão nocivo é semear
preconceitos; mais tarde, voltam-se contra seus autores ou predecessores. Sendo

assim, apenas lentamente o público pode alcançar a ilustração. Talvez a
destruição de um despotismo pessoal ou da opressão gananciosa ou tirânica
possa ser realizada

pela revolução, mas nunca uma verdadeira reforma nas maneiras de pensar.

Enquanto essa reforma não ocorrer, novos preconceitos servirão, tão bem quanto
os antigos,

para atrelar as grandes massas não-pensantes.

Entretanto, nada além da liberdade é necessário à ilustração: na
ser aplicado, ou seja, a liberdade de fazer uso público da própria razão a respeito
de tudo (...).

A pedra de toque para o estabelecimento do que devem ser as leis
O que o povo não pode decretar para si próprio muito menos pode
ele une a vontade pública geral na sua própria. A ele incumbe zelar para que
todas as melhorias, verdadeiras ou presumidas, sejam compatíveis com a ordem
civil;

fazendo isso, ele pode deixar aos súditos que busquem eles próprios o que lhes
parece

necessário à salvação de suas almas.

(I. Kant, "O que é a ilustração". In Régis C. Andrade. Kant, a l
indivíduo e a república. in F. Weffort (org). Os clássicos da política, v. 2, p. 83-
85.)

A filosofia pós-kantiana (séc. XIX)

Todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que , somente são
reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados.

Ciência, logo previsão, logo ação.

(Comte)

À crítica feita por Kant à metafísica na Crítica da razão pura provocou o
aparecimento de duas linhas divergentes entre os filósofos posteriores. De um
lado, os

materialistas (Feuerbach) e os positivistas (Comte), sendo que estes reduzem o
trabalho da

filosofia a mera síntese dos resultados das diversas ciências particulares, não
cabendo ao filósofo

teorizar sobre "idéias

sem conteúdo". De outro, os idealistas (Fichte, Schelling e Hegel), que

levam às últimas consequências a capacidade que Kant atribuía à razão de impor formas a priori ao conteúdo dado pela experiência, Portanto, para os idealistas, a filosofia é o estudo dos processos pelos quais a realidade deriva dos princípios constitutivos do espírito: o mundo é o produto de um movimento do pensamento.

O positivismo

A Revolução Industrial no século XVIII, expressão do poder da burocracia e da eficácia do novo saber inaugurado pela ciência moderna no século anterior. Ciência e técnica tornam-se aliadas, provocando modificações no ambiente humanos jamais suspeitadas. De fato, basta lembrar que, antes do advento da máquina a vapor, usava-se a energia natural (força humana, das águas, dos ventos, dos animais) e, por mais que houvesse diferenças de técnicas adotadas pelos diversos povos através dos tempos, nunca houve alterações tão cruciais como as que decorreram da Revolução Industrial.

A exaltação diante desse novo saber e novo poder leva à concepção de cientificismo, segundo o qual a ciência é considerada o único conhecimento possível e

o método das ciências da natureza o único válido, devendo, portanto, ser estendido a todos os campos da investigação e atividade humanas (ver Capítulo II

- O que é ciência). Nesse clima, desenvolve-se no século XIX o pensamento positivista, que tem Auguste Comte (1798-1857) como principal

representante.

Comte e a lei dos três estados

Para um rápido esboço do pensamento de Comte, vamos utilizar sua

"Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência human

creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base

de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes do exame atento do passado. Essa lei consiste

em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: (...)

"No estado teológico, o espírito humano, dirigindo essencialment

os efeitos que o tocam, numa palavra, para os conhecimentos absolutos, apresenta os fenômenos como produzidos pela ação direta e contínua de agentes sobrenaturais

mais ou menos numerosos, cuja intervenção arbitrária explica todas as anomalias aparentes do universo.

"No estado metafísico, que no fundo nada mais é do que simples m

entidades (abstrações personificadas) inerentes aos diversos seres do mundo, e concebidas como capazes de engendrar por elas próprias todos os fenômenos observados,

cujas explicações consistem, então, em determinar para cada uma uma entidade correspondente.

"Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhecendo a in

abilidade de conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da observação, suas leis efetivas,

a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude. A explicação dos fatos, reduzida então a seus termos reais, se resume de agora em diante na ligação

estabelecida entre os diversos fenômenos particulares e alguns fatos gerais, cujo numero o progresso da ciência tende cada vez mais a diminuir.

"(...) Essa revolução geral do espírito humano pode ser facilmente da inteligência individual. (...) Ora, cada um de nós, contemplando sua própria história, não se lembra é que foi sucessivamente, no que concerne

às noções mais importantes,

teólogo em sua infância, metafísico em sua juventude e físico em sua virilidade?" 2

Desse texto podemos constatar que, para Comte, o estado positivo maioridade do espírito humano. O termo positivo designa o real em oposição ao quimérico, certeza em oposição à indecisão: o preciso em oposição ao vago. É o que se opõe a formas teológicas ou metafísicas de explicação do mundo.

Assim, enquanto o primitivo poderia explicar, por exemplo, a que corpos pela ação dos deuses, o metafísico Arístóteles a explicaria pela essência dos corpos

pesados, cuja natureza os faz tender para baixo, onde seria o seu "lugar natural". Galileu,

espírito positivo, não indagaria o porquê, não procuraria as causas primeiras e últimas,

mas contentaria em descrever como o fenômeno ocorre.

****nota**

Auguste Comte. Curso de Filosofia Positiva, Col. Os pensadores, São Paulo,

Abril cultural,

1973, p. 9-1

Segundo Comte, "todos os bons espíritos repetem, desde Bacon, que o positivismo retoma, portanto, a linha desenvolvida pelo empirismo metafísico, no século XVIII. Leva às últimas consequências o papel reservado à razão de descobrir as relações constantes e necessárias entre os fenômenos, ou seja,

as leis invariáveis que os regem. Deriva daí o determinismo, pelo qual o reino da ciência é o reino da necessidade. Aqui o conceito de necessidade significa o que tem de ser e não pode deixar de ser; nesse sentido, necessário opõe-se a contingente. No mundo da necessidade, não há lugar para a liberdade.

Expulsos os mitos, a religião, as crenças em geral e a metafísica dos mais importantes resultados da física, da química, da história natural. Segundo Garcia Morente, o positivismo é o suicídio da filosofia...

A classificação das ciências e a sociologia

Comte fez uma classificação das ciências: matemática, astronomia, química, biologia e sociologia. O critério da classificação vai da mais simples e abstrata, que é a matemática, até a mais complexa e concreta, que é a sociologia. E essa ordem não é apenas lógica, mas cronológica. pois foi nessa sequência que elas apareceram no tempo.

A sociologia foi considerada ciência por Comte, que se diz seu fundador. A sociedade como um organismo coletivo.

O indivíduo encontra-se submetido à consciência coletiva; por isso

à imagem da invariável ordem natural.

A sociologia de Comte gira em torno de núcleos constantes, como família, o trabalho, a pátria, a religião. Exclui a preocupação com uma teoria do Estado e com a economia política.

A filosofia de Comte pode ser considerada como uma reação conser da reconstrução, instituindo a ordem de maneira soberana. E é essa idéia de ordem que domina seu trabalho de sistematização da filosofia, levando-o à necessidade

de classificar as ciências e todo o conhecimento em quadros fechados, estanques. (Observe que a palavra ordem significa ao mesmo tempo "arranjo" e "mando".)

É ele mesmo que afirma: "Nenhum grande progresso pode efetivamente se realizar se não tende finalmente para a evidente consolidação da ordem.

Segundo Verdenal, "a idéia de ordem está ligada à idéia de hiera ao resultado, e isso dá a chave da famosa palavra de ordem: pelo progresso para a ordem".

****nota**

(Verdenal, apud Chatelet. História da filosofia; idéias, doutrinas. v. 4. p. 205.

A história não é mais pensada como um vir-a-Ser, mas como uma se tempo, daquilo que já existia em forma embrionária e que se desenvolve até alcançar o seu ponto final. O seu conceito de ciência é o de um saber acabado, que se mostra sob a forma de resultados e receitas.

Tendo colocado a ciência positiva como o ápice da vida e do conh

deve se conformar. O principal deles é que a ciência deve assegurar a marcha normal e

regular da sociedade industrial. Ora, ao fazer isso, Comte troca a teoria filosófica do conhecimento por uma ideologia.

Essa rígida construção teórica culmina com a concepção da religião formada pelo Grande Ser, pelo Grande Feitiço e pelo Grande Meio, fornecerá o enquadramento social que colocará os indivíduos ao abrigo das convulsões históricas.

Não deixa de ser estranho constatar a criação de uma religião positiva que o contexto comtiano privilegia o positivo como última fase de uma evolução iniciada pelo estado teológico, considerado o mais arcaico e infantil da

humanidade. Nesse sentido, o professor Verdenal se pergunta: "O exame da religião positiva põe-nos, mais uma

vez, diante das ambigüidades comtianas: trata-se de uma racionalização do sagrado ou de

uma sacralização do racional?"⁴.

A propósito de uma visão crítica do positivismo, consulte o Capítulo 1 (As bases humanas).

Exercícios

1. Mostre a ligação entre a filosofia empirista e o positivismo.
2. Caracterize cada um dos três estados: o teológico, o metafísico e o positivo.
3. Por que Comte identifica os estados teológico, metafísico e positivo?
4. Por que Garcia Morente afirma que o positivismo é a mais avançada filosofia?

1. Analise e justifique o dístico "Ordem e

Progresso" da bandeira brasileira.

Proposta de seminário

Com base no Capítulo 5 (Ideologia), explique

por que Comte troca a teoria filosófica do conhecimento por uma

1. O idealismo hegeliano

O homem tem de viver em dois mundos que se contradizem(...)

O espírito afirma o seu direito e a sua dignidade perante a anarquia e a

brutalidade da natureza à qual devolve a miséria e a violência que

ela o faz experimentar. Mas esta divisão da vida e da consciência cria para a cultura moderna

e para a sua compreensão a exigência de resolver uma tal contradição.

(Hegel)

Hegel, tomando como ponto de partida a noção kantiana de que a c
chama de filosofia do devir, ou seja, do ser como processo, como movimento,
como vir-a-ser. Desse ponto de vista, o ser está em constante transformação,
donde surge

a necessidade de fundar uma nova lógica que não parta do princípio de
identidade (estático), mas do princípio de contradição para dar conta da dinâmica
do real,

(Ver Segunda Parte do Capítulo 9 - Instrumentos do conhecimento.)

A dialética ensina que todas as coisas e idéias morrem: essa for
idéia central é a de que a morte é criadora, é geradora. Todo o ser contém em si
mesmo o germe da sua ruína

e, portanto, da sua superação. O movimento da dialética

se faz em três etapas: tese, antítese e síntese (ou seja: afirmação, negação e

negação da negação).

A verdade, nesse caso, deixa de ser um fato para ser um resultado
O conhecimento estabelecido a partir de uma realidade dada
imediatamente, simples aparência, é chamado por Hegel de conhecimento
abstrato, ao qual opõe

o conhecimento do ser real, concreto, que consiste em descrever o modo como
uma realidade é produzida.

Conhecer a gênese, o processo de constituição pelas mediações contraditórias,
é conhecer o real.

Hegel, ao explicar o movimento gerador da realidade, desenvolve
idealista: no sistema hegeliano, a racionalidade não é mais um modelo a se
aplicar,

"mas é o próprio tecido do real e do pensamento". O mundo é manifestação da
Idéia, "o real é racional e

o racional é real". A história universal nada mais é do que a
manifestação da Razão."

**nota

'p Verdenal, apud E Chatelet, História da filosofia; idéias, doutrinas, v. 5, p. 229.

Como ponto de partida do devir, Hegel coloca não a natureza - a
coloca um objeto oposto a si, a

Natureza (antítese), que é a idéia alienada, o mundo privado de consciência. Da
luta desses dois princípios antitéticos nasce uma síntese, o Espírito, a um tempo
pensamento e matéria, isto é, a idéia que toma consciência de si através da
Natureza.

Por esse movimento a Razão passa por todos os graus, desde o da
Os dois últimos graus (do homem individual e social) são a manifestação
(enquanto emoção, desejo, imaginação). Ao Espírito subjetivo se opõe a antítese
do

Espírito objetivo, ou seja, o espírito exterior do homem enquanto expressão da
vontade coletiva por meio da moral, do direito, da política:

o Espírito objetivo se realiza naquilo que se chama mundo da cultura. Essa
relação antitética é superada pelo Espírito absoluto, síntese final em que o
Espírito,

terminando o seu trabalho, compreende-o como realização sua. A mais alta
manifestação do Espírito absoluto é a filosofia, saber de todos os saberes,
quando o Espírito

atinge a absoluta autoconsciência. Por isso, Hegel a chama de "pássaro de
Minerva que chega ao anoitecer", ou seja, a crítica filosófica se faz ao final do
trabalho

realizado.

Assim, Hegel propõe um novo conceito de história: o presente é r
e justaposição de fatos acontecidos no tempo, mas é um verdadeiro
engendramento, um processo cujo motor interno é a contradição.

Exercícios

1. Em que consiste o conhecimento do ser real para Hegel?

1. Por que o pensamento hegeliano é idealista?

3. Explique a afirmação de Hegel: "o real é racional e o

Iluminismo e o racionalismo,

4. Que novo conceito de história deriva das idéias de Hegel?

5. Explique, a partir dos conceitos desenvolvidos no texto,

1. O materialismo marxista

Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser que determina a sua consciência.

(Marx)

Para Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) a teoria que se apresentava, de um lado, como avanço técnico, como aumento do poder do homem sobre a natureza, como enriquecimento e como progresso; mas, de outro, e contraditoriamente, trazia a escravização crescente da classe operária, cada vez mais empobrecida.

Dando sequência às críticas feitas por Feuerbach ao idealismo hegeliano, o materialismo dialético: "o dialético de Hegel foi colocada com a cabeça para cima ou,

dizendo melhor, ela, que se tinha apoiado exclusivamente sobre sua cabeça, foi de novo reposta sobre seus pés.¹⁵

nota 15: F. Engels, Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. in Marx-Engels, Antologia filosófica, Lisboa,

Editorial Estampa, 1971. p. 136.

Materialismo dialético e materialismo histórico

A teoria marxista compõe-se de uma teoria científica, o materialismo dialético.

Para o materialismo, o mundo material é anterior ao espírito e é oposta ao idealismo, que considera o mundo material como a encarnação da "idéia absoluta" da "consciência". Para os materialistas, a história da filosofia tem uma longa tradição idealista que está pressuposta até

nas teorias em que o idealismo não transparece de imediato, como a teoria do Primeiro Motor Imóvel, com a qual Aristóteles explica o movimento do mundo.

Dentro da visão materialista, o movimento é a propriedade fundamental e é a fonte da consciência. A consciência é um dado secundário, derivado, pois é reflexo da matéria.

No entanto, é preciso distinguir o materialismo marxista, que é dialético, do materialismo anterior a ele, conhecido como materialismo mecanicista ou "vulgar".

Este se funda numa causalidade linear que simplifica grosseiramente a ação da matéria sobre o espírito, não permitindo ao homem nenhuma possibilidade de liberdade,

O pensamento é reduzido a uma secreção do cérebro, e a ação humana é determinada pelas condições materiais das quais não pode fugir.

Enquanto o materialismo mecanicista parte da constatação de um mundo morto e, em última análise, de partículas materiais que se combinam de forma inerte, o materialismo dialético parte da consideração de que os fenômenos materiais são processos. Tal mudança de enfoque se tornou possível porque no século XIX as ciências descobrem novas formas de movimento além do movimento mecânico de simples mudança de lugar ou deslocamento: a descoberta da transformação da energia, a descoberta da célula viva e a descoberta da evolução das espécies. Essas novas formas indicam a possibilidade da mudança qualitativa. O mundo não é uma realidade estática, não é um relógio, um mecanismo regulado pelo "divino

relojoeiro", mas é uma realidade dinâmica, é um complexo de processos. Por isso,

a abordagem da realidade só pode ser feita de maneira dialética, que considera as coisas na sua dependência recíproca, e não-linear.

No contexto dialético, também o espírito não é consequência passiva da consciência do homem, mesmo sendo determinada pela matéria e estando historicamente situada, não é pura passividade: o conhecimento do determinismo liberta o homem

por meio da ação deste sobre o mundo, possibilitando inclusive a ação revolucionária (ver Capítulo 30-A liberdade).

O materialismo histórico não é mais do que a aplicação do método dialético ao campo da história. E, como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais (econômicos, técnicos).

O senso comum pretende explicar a história pela ação dos "grandes homens" divinos. Marx inverte esse

processo: no lugar das idéias, estão os fatos materiais; no lugar dos heróis, a luta de classes. Não nega, com isso, que o homem tenha idéias, mas as explica pela estrutura material da sociedade:

a idéia é algo secundário, não no sentido de menos importante, mas no de algo derivado das condições materiais.

As idéias que aparecem tanto no direito como na literatura, na filosofia, por exemplo, a valorização da fidelidade na moral na sociedade da Idade Média pode ser explicada pela relação de produção que liga o senhor ao vassalo. Sem a fidelidade,

essa relação de produção estaria arruinada. Na sociedade contemporânea, baseada no modo de produção capitalista, com a emergência da industrialização

em grande escala,

surge o consumismo como valor, ou seja, o precisar ter muitas coisas para se sentir humano e aceito pela sociedade.

Portanto, para estudar a sociedade não se deve, segundo Marx, pa-
necessarios a sua vida. É analisando o contato que os homens estabelecem com a
natureza para transformá-la por meio do trabalho e as relações entre si que se
descobre

como eles produzem sua vida e suas idéias.

1. Quadros comparativos: idealismo/materialismo e materialismo

mecanicista/materialismo dialético

Os quadros que seguem devem ser compreendidos como uma proposta didática
de

contraposição de alguns pontos fundamentais de posições filosóficas diferentes.
No entanto, como

em todo quadro, é preciso levar em conta que a simplificação às vezes é
inadequada e demasiado

reduzora.

(**nota da escaneadora:

A primeira afirmação refere-se ao primeiro termo e a segunda ao segundo,
exemplo a primeira é referente ao idealismo e a segunda ao materialismo.)

Idealismo Materialismo

1. O espírito é eterno, infinito, primeiro: a matéria deriva dele,

1. A matéria é eterna, infinita, primeira; o espírito deriva de

2. Os fenômenos do universo são devidos à intervenção de

imateriais.

1. Os fenômenos do universo são os diversos aspectos da matéria em movimento.

1. O movimento, o dinamismo, a atividade, o poder criador são unicamente da competência do espírito.

1. O movimento é a propriedade fundamental da matéria. O mundo é eterno.

1. O conhecimento não atinge "a coisa em si"; a matéria é impenetrável pelo conhecimento.

1. O mundo é cognoscível.

2. A vida espiritual da sociedade determina a vida material

1. As idéias sociais são o reflexo do desenvolvimento material objetivo da história.

Materialismo mecanicista

Materialismo dialético

1. Epoca: século XVIII-Diderot,D'Holbach, Helvetius.

1. Epoca: século XIX - Marx e Engels.

2. Materialismo dito vulgar: estático: a-histórico.

3. Materialismo histórico: dinâmico.

3-O mundo é um conjunto de coisas acabadas.

3. O mundo é um complexo de processos.

4. Antecedentes históricos: a ciência do século

XVIII não conhecia senão as leis da simples mudança de lugar: as outras formas do movimento não tinham revelado suas leis; explicava-se a vida, o pensamento, pelas leis da mecânica.

1. As mudanças da ciência: o calor, a eletricidade, o magnetismo, os processos químicos,
a vida, provam que a matéria é capaz, além
2. Determinismo: o homem é produto passivo da matéria; o pensamento é reduzido à secreção do cérebro; o homem é reduzido às necessidades orgânicas elementares (comer, beber etc.).
5. A consciência, no homem, tem duplo papel: ela é determinada, mas também reage, determinando: não é pura passividade. A consciência que se tem do determinismo liberta o homem através da ação deste sobre o mundo. As idéias são forças ativas.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto.
2. Em que sentido o pensamento marxista é materialista?
3. Por que o marxismo não é um materialismo mecanicista?
4. Qual a crítica que o materialismo histórico faz ao con
5. Leia a Primeira e Quinta partes do Capítulo 5 (Ideolog

QUARTA PARTE - O século XX e a crise da razão

Se por evolução científica e progresso intelectual queremos significar a libertação da humanidade das trevas, das fadas,

e no destino cego - em suma, a emancipação do medo - então a denúncia daquilo que

atualmente se chama de razão é o maior serviço que a razão pode prestar.

(Horkheimer)

1. Antecedentes: Kierkegaard e Nietzsche

A crítica ao racionalismo, em especial a sua forma idealista e a sua tendência a delinear já no século XIX, nas obras de filósofos como Søren

Kierkegaard (1813-1885) e Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Kierkegaard recusa todo o projeto da filosofia moderna. Anti-hegeliano, ele busca encontrar um centro para sua própria vida. Torna-se o pensador da subjetividade. "... só a subjetividade é verdade; o seu elemento é a interioridade. Não se exprime em

termos de certeza, ela é a incerteza objetiva, mantida na apropriação da interioridade mais apaixonada, que é a verdade, a maior verdade para um

existente."¹⁶

O pensamento petrifica a vida, aprisiona-a. Em nome da verdade se fechados, passados, petrificados. Como, então, dar voz ao indivíduo, ao mundo subjetivo?

Nietzsche, por sua vez, opera mais um deslocamento do problema de uma interpretação, de uma atribuição de sentidos, sem jamais ser uma explicação da realidade. Ora, o conferir sentidos é, também, o conferir valores, ou seja, os sentidos são atribuídos a partir de uma determinada escala de valores que

se quer promover.

A tarefa da filosofia é a de interpretar a "escrita de camadas sobrepostas das expressões e gestos humanos." O trabalho interpretativo volta-se, em primeiro lugar, para o exame do conjunto do texto metafísico, a fim de desmascarar o modo pelo qual a linguagem passou do nomear as coisas concretas para o

sistematizar verdades eternas. O homem imaginou que, ao possuir o conhecimento do mundo. Por essa razão, "o discurso metafísico apresenta-se como

discurso do absoluto, do incondicionado, da presença sem temporalidade; utiliza, sem as declarar, metáforas que converteu em conceitos e em categorias".¹⁷

Nietzsche propõe, como método de decifração, a genealogia para colocar em relevo os diferentes processos de instituição das verdades, as lacunas, os espaços em branco mais significativos, o que não foi dito ou foi recalcado e que permitiu erigir determinados conceitos em verdades absolutas e eternas.

**nota

16citado em Bannour, W. in F. châtelet, História da filosofia: idéias, doutrinas, vol. 5, p. 250. 'J. M. Rcy in F. châtelet, História da filosofia: idéias, doutrinas, vol. 6, p. 138.

Ao apreender o caráter histórico dos conceitos, bem como dos códigos, esclarecendo sua relação com outros, a genealogia mostra o

que eles excluíram para poder chegar à "temporalidade" da tradição, da autoridade

ou da lei. Ao expor a inexistência de significados estáveis, isoláveis, expõe também

também a ausência de qualquer fundamento rigoroso da verdade metafísica.

Nietzsche mostra, ainda, as origens extra-racionais da razão. Pa aproxima-se do objeto, mas não se identifica a ele, conserva-o à distância, diferenciando-se dele e podendo até destruí-lo. Em A gaia ciência afirma que o conhecimento

é um jogo entre três paixões: o rir, o deplorar e o detestar, que se encontram em estado de guerra. O conhecimento, então, é tão-somente a estabilização momentânea

desse estado, não havendo adequação ao objeto, só domínio.o

Nietzsche destrói, dessa forma, a noção de que há uma identidade

1. A fenomenologia

A fenomenologia surgiu no final do século XIX, com Franz Brentar Husserl (1859-1958). Outros representantes

foram: Heidegger. Max Scheler, Hartmann, Binswanger, De Waelhens,

Ricoeur, MerleauPonty, Jaspers, Sartre.

Seu postulado básico é a noção de intencionalidade, pela qual é

XVII. A

fenomenologia pretende realizar a superação da dicotomia razão-experiência no processo de conhecimento, afirmando que toda consciência é intencional. Isso significa

que, contrariamente ao que afirmam os racionalistas, não há pura consciência, separada do mundo, mas toda consciência tende para o mundo; toda consciência é consciência

de alguma coisa. Mas também, contrariamente aos empiristas, os fenomenólogos afirmam que não há objeto em si, já que o objeto só existe para um sujeito que lhe

dá significado.

Com o conceito de intencionalidade a fenomenologia se contrapõe possibilidade de um conhecimento científico cada vez mais neutro, mais despojado de subjetividade, mais distante do homem, a fenomenologia contrapõe a retomada da

"humanização"

da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerados pólos inseparáveis.

Se examinarmos o próprio conceito de fenômeno, que em grego significa conhecimento tais como aparecem, isto é. como se apresentam à consciência. Isso significa que deve ser desconsiderada toda indagação a respeito de uma realidade

em-si, separada da relação com o sujeito que a conhece. Não há um puro ser "escondido" atrás das aparências ou do fenômeno: a consciência desvela progressivamente

o objeto por meio de seguidos perfis, de perspectivas as mais variadas. A consciência é doadora de sentido, fonte de significado para o mundo. Conhecer é um processo

que não acaba nunca, é uma exploração exaustiva do mundo. No entanto, é bom lembrar que a consciência que o homem tem do mundo é mais ampla que o mero conhecimento

intelectual, pois a consciência é fonte de intencionalidades não só cognitivas, mas afetivas e práticas. O olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual o homem

experiencia o mundo, percebendo, imaginando, julgando, amando, temendo *etc.*

A fenomenologia, como Nietzsche, critica a filosofia tradicional

Ao contrário, a fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de partida de sua reflexão o próprio homem, num esforço

de encontrar o que realmente é dado na experiência, e descrevendo "o que se passa" efetivamente do ponto de vista daquele que vive uma determinada situação concreta.

Nesse sentido, a fenomenologia é uma filosofia da vivência.

Heidegger (1889-1976) faz também a crítica do pensamento analítico

Para recuperar a integridade e a compreensão do Ser, propõe uma relação poética, extra-racional, até mesmo irracional.

Assim, tijolo a tijolo, vai se demolindo o conceito clássico de

1. A Escola de Frankfurt

Os representantes da Escola de Frankfurt, fundada em 1923 sob o nome de Instituto para a Pesquisa Social, sob a liderança de Max Horkheimer, Herbert Marcuse

e Walter Benjamin localizam a origem do irracional, representado por todas as formas de totalitarismo, no exercício de

um determinado modo de racionalidade, a saber,

a razão instrumental. Trata-se do exercício da racionalidade científica, típica do positivismo, que visa a dominação da natureza para fins lucrativos, colocando

a

ciência e a técnica a serviço do capital.

O germe do desenvolvimento dessa faceta da razão já se encontra na Iluminação, acreditando na força da razão para combater o obscurantismo no conhecimento da natureza, na moral e na política.

Os frankfurtianos, tendo lido Nietzsche, Freud, Heidegger, sabem inocentemente. Sabem que a razão não ilumina, não revela a

natureza que se emancipa do mito através da ciência. Afastam-se do cientificismo materialista, da crença na ciência e na técnica como condições da emancipação social,

pois sabem que o progresso se paga com o desaparecimento do sujeito autônomo, engolido pelo totalitarismo uniformizante da indústria cultural ou da sociedade unidimensional.

Criticam a razão de dominação, controle da natureza exterior e a ser desejado. Nas palavras de Olga Matos:

"A racionalidade que separa sujeito de objeto, corpo e alma, eu imaginação e a memória em inimigos do pensamento. Cabe ao sujeito, destituído de seus aspectos empíricos e individuais, ser o mestre e conhecedor da natureza; ele

passa a dar ordens à natureza, que deve aceitar sua anexação ao sujeito e falar sua linguagem

- linguagem das matemáticas e dos números. Só assim a natureza poderá ser conhecida, isto é, controlada, dominada

nada, o que não significa ser compreendida em suas dissonâncias em relação ao sujeito e nos acasos que ela torna manifestos. Os acasos da natureza são incontornáveis

porque constituem um obstáculo resistente ao exercício triunfante da razão controladora.

A ciência domina a natureza "abolindo" matematicamente os acasos "incoerência da vida".⁵

Por isso, o indivíduo autônomo, consciente de seus fins, deve se só será possível, no nível individual, ao se resolver o conflito entre a autonomia da razão e as forças obscuras e inconscientes que invadem essa mesma razão.

. A razão. A herança iluminista

Contra esse movimento irracionalista que critica o uso da razão poder e agente da repressão, em vez de ser instrumento da liberdade humana, devemos recuperar o impulso crítico nascido com a Ilustração, que acenou ao homem com a possibilidade de construir racionalmente seu destino livre da tirania e das superstições.

Segundo Rouanet: "seu ideal de ciência era o de saber posto a serviço do homem, e não um saber cego, seguindo uma lógica

desvinculada de fins humanos. Sua moral era

livre e visava uma liberdade concreta, valorizando como nenhum outro período, a vida das

paixões e pregando uma ordem em que o cidadão não fosse oprimido pela religião, e a

mulher não fosse oprimida pelo homem. Sua

doutrina dos direitos humanos era abstrata, mas por isso mesmo u
apropriações sempre novas, e gerando continuamente novos objetiv
políticos".19

****nota**

Olgária Matos, E.scola de Frankfurt; luzes e sombras do Iluminismo.

S. P. Rouanet, 'As razões do Iluminismo, p. 27.

Devemos, neste ponto, diferenciar a Ilustração, enquanto idéias
século XVIII (defesa da ciência e da racionalidade crítica contr
dogma religioso; defesa das liberdades individuais e dos direito
autoritarismo e o abuso do poder), e cujo principal representante foi Kant,

doI Iluminismo, considerado como tendência intelectual não limitada a nenhuma
época, que

combate o mito e o poder a partir da razão. O Iluminismo, assim entendido,
apresenta-se como processo que coloca a razão sempre a serviço da crítica do
presente,

de suas estruturas e realizações históricas.

Assim, a tarefa iniciada por Kant, de superação da incapacidade
de seu próprio entendimento e ousar servir-se da própria razão, não
poderá jamais ser completada. É tarefa que precisa ser refeita a cada momento, a
partir das duas condições necessárias: o exercício da razão crítica e da
crítica racional.

Hoje, entretanto, os conceitos de razão de crítica devem ser ree
Quando falamos em razão, não mais acreditamos ingenuamente que,
de sermos homens, sejamos automaticamente racionais. Devemos, a partir dos

estudos

de Freud e Marx, admitir que a razão pode também ser deturpadora e perversa, ou seja, admitir que tanto os impulsos do inconsciente

como a ideologia (ou falsa consciência) são responsáveis por distorções que colocam a

razão a serviço da mentira e do poder.

Exemplificando, quando a racionalidade assume as vestes de razão estamos lidando com uma visão parcial

e instrumental da razão que tenta adequar meios a fins. É razão que observa e normaliza, razão

que calcula, classifica e domina, em função

de interesses de classes e não dos interesses da sociedade como um todo. E, se o poder que oprime fala em nome da racionalidade, para combatê-la parece necessário

contestar a própria razão.

Esse tipo de racionalidade, criticado pela Escola de Frankfurt, razão mais completa e mais rica, que dialoga e se exerce na intersubjetividade.²¹

****nota**

20 A esse respeito, ver o conceito de razão comunicativa de Habermas, no Capítulo 28 - Concepções éticas.

O novo Iluminismo

O exercício da razão plena é a tarefa do novo Iluminismo, que de não-racional leva ao conformismo, uma vez que, sem o trabalho conceitual, não há como sair da facticidade, ou seja, do vivido.

Assim, a nova razão crítica precisa:

- fazer a crítica dos limites internos e externos da razão, cons
- estabelecer os princípios éticos que fundamentam sua função no
- vincular essa construção a raízes sociais contemporâneas, subm

dentro do qual os sujeitos propõem e criticam argumentos, criticam as motivações subjacentes e desenvolvem as capacidades humanas de saber, de busca da verdade,

da justiça e da autonomia.

Exercícios

1. Trace o desenvolvimento da crítica ao racionalismo de Frankfurt.

1. O que é o novo Iluminismo?

2. O que é a racionalidade crítica?

3. O que é a crítica racional"?

5. Por que ambas são necessárias?

6. Como pode ser entendida a atividade racional hoje?

7. Procure exemplos de irracionalismo nos comportamentos

Como pode ser combatido"?

UNIDADE III

A CIÊNCIA

CAPÍTULO 11

O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

(Gravura)

Galileu diante da Inquisição - de Cristiano Banti -1857

Galileu, o criador do novo método científico, defronta-se com o poder, numa situação emblemática que marca as relações tensas entre ciência e política: ora porque os poderosos querem fazer calar a ciência, ora porque desejam usá-la para atingir seus objetivos de dominação.

PRIMEIRA PARTE - O que é ciência?

Lewis Carroll era professor de matemática na Universidade de Oxford quando escreveu o seguinte em Alice no país das maravilhas:

Gato Cheshire... quer fazer o favor de me dizer qual é o caminho que eu devo tomar?

- Isso depende muito do lugar para onde você quer ir-disse o Gato.
- Não me interessa muito para onde

-disse Alice.

- Não tem importância então o caminho que você tomar-disse o Gato.
- ... contanto que eu chegue a algum lugar - acrescentou Alice como uma explicação.

Ah, disso pode ter certeza-disse o Gato-desde que caminhe bastante

A resposta do Gato tem sido freqüentemente citada para exprimir e, além disso, não se importam muito. Diz-se que a ciência não pode oferecer objetivos sociais porque os seus valores são intelectuais e não éticos. Uma vez que

os objetivos sociais tenham sido escolhidos por meio de critérios não científicos, a ciência pode determinar a melhor maneira de prosseguir Mas é provável que a ciência possa contribuir para formular valores e, assim, estabelecer objetivos, tornando o homem mais consciente das conseqüências de seus atos. A necessidade de

conhecimento das conseqüências, no ato de tomar decisões, está implícita na observação do Gato de que Alice chegaria certamente a algum lugar se caminhasse o bastante.

Desde que esse algum lugar poderia revelar-se bem indesejável, é melhor fazer escolhas conscientes do lugar para onde se quer ir.

René Dubos, Odespertarda razão, São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 972. p. 165.)

O texto de René Dubos, professor de biomedicina ambiental, reflete portanto, começar esta Unidade com a reflexão que deve estar presente sempre quando abordarmos tal problemática: a ciência não é um saber neutro, desinteressado,

à margem do questionamento social e político acerca dos fins de suas pesquisas.

1. Introdução

Vimos, no Capítulo 3, o que é conhecimento e quais as diversas formas de o conhecimento científico.

O senso comum é o conhecimento de todos nós, homens comuns, não o senso comum, não há como desprezar essa forma de conhecimento tão universal.

Ou seja, mesmo o

cientista mais rigoroso, quando está fora do campo de sua especialidade, é também um homem comum e usa o conhecimento espontâneo no cotidiano de sua vida.

1. O senso comum

Chamamos de conhecimento espontâneo ou senso comum o saber resultante ao enfrentar os problemas da existência. Nesse processo ele não se encontra solitário, pois tem o concurso dos contemporâneos, com os quais troca informações. Além

disso,

cada geração recebe das anteriores a herança fecunda que não só é assimilada como também transformada.

O volume enorme de saberes herdados e construídos nem sempre são refletido. Dependendo da cultura, são encontradas, com maior ou menor intensidade, proposições racionais ao lado de crenças e mitos de toda espécie.

O senso comum, enquanto conhecimento espontâneo ou vulgar, é amada diária. O homem do campo sabe plantar e colher segundo normas que aprendeu com seus pais, usando técnicas herdadas de seu grupo social e que se transformam lentamente em função dos acontecimentos casuais com os quais se depara.

É um tipo de conhecimento empírico, porque se baseia na experiência e exige planejamento rigoroso. É também um conhecimento ingênuo: ingenuidade aqui deve ser entendida como atitude não-crítica, típica do saber que não se coloca como problema e não se questiona enquanto saber.

Quando uma pessoa faz um bolo, segue a receita e incorpora uma s
neve, elas crescem e se tornam esbranquiçadas; que não convém abrir o forno
quando o bolo começa a assar, senão ele murcha; que a medida adequada de
fermento faz

o bolo crescer. Se estiver fazendo pudim em banho-maria, sabe que uma fatia de
limão na água evita o escurecimento da vasilha, o que facilitará seu trabalho
posterior

de limpeza. Essa pessoa sabe tudo isso, mas não conhece as causas, não
consegue explicar por que e como ocorrem esses fenômenos.

Muitas vezes o conhecimento espontâneo é presa das aparências. P
Vemos que o Sol se move, nascendo a leste e se pondo a oeste... Copérnico e
Galileu tiveram contra a teoria heliocêntrica a "evidência" do senso comum.

Em comparação com a ciência, o conhecimento espontâneo é fragmen
estabelece conexões onde estas poderiam ser verificadas. Por exemplo: não é
possível

ao homem comum perceber qualquer relação entre o orvalho da noite e o
"suor" que

aparece na garrafa que foi retirada da geladeira; nem entre a combustão e a
respiração (esta é

uma forma de combustão discreta, ou seja, a queima

dos alimentos no processo digestivo para obter energia é também uma
combustão). Talvez o exemplo mais interessante seja o

de Isaac Newton que, se dermos crédito à velha história, sem dúvida apócrifa,
teria descoberto a lei da gravitação universal ao associar

a queda de uma maçã à "queda" da Lua (ver exercício nº 3).

É ainda um conhecimento particular restrito a pequena amostra da

partir da qual são feitas generalizações muitas vezes apressadas e imprecisas. O homem

comum seleciona os dados observados sem nenhum critério de rigor, de forma ametódica

e fortuita. Em outras palavras, conclui para todos os objetos o que vale para um ou para grupo de objetos observados.

O senso comum é freqüentemente conhecimento subjetivo, o que ocorre por exemplo, quando avaliamos a temperatura ambiente com a nossa pele, já que só o

termômetro dá objetividade a essa avaliação. Além disso: o senso comum depende de juízos

pessoais a respeito das coisas, contém envolvimento das emoções e dos valores de quem

observa. É difícil

para a mãe avaliar objetivamente a conduta do filho. Do mesmo modo, se

temos antipatia por alguém, é preciso certo esforço para reconhecer, por exemplo, o seu valor

profissional. Também, ao observar o comportamento de povos com costumes diferentes

dos nossos, tendemos a julgá-los a partir de nossos valores, considerando-os estranhos,

ignorantes, engraçados ou até desprezíveis.

Se considerarmos ainda a força da ideologia (ver Capítulo 5), em forma de imposição de idéias e condutas visando a manutenção da dominação de uns

sobre outros, concluímos que o conhecimento comum é presa fácil do saber ilusório. Mesmo

porque a ideologia permeia as mais diversas instâncias das relações humanas: a família, a

escola, a empresa, os meios de comunicação de massa e assim por diante.

Pelo que vimos até aqui, parece que o senso comum é uma visão de mundo precária, distorcida e até perversa. Em decorrência, poderíamos pensar que só superamos a pobreza

mental recorrendo a formas mais sofisticadas do saber, tais como a filosofia e a ciência.

No entanto, pensar assim é pressupor que o homem comum deve ser outros que lhe digam qual a melhor forma de pensar e quais as melhores ações a serem

realizadas, o que é contrário a tudo que se pensa sobre o valor da autonomia humana.

Para evitar mal-entendidos, distinguimos os conceitos de senso comum e bom senso. Enquanto o senso comum é o

conhecimento espontâneo tal como foi descrito, no seu caráter acrítico, difuso, fragmentário,

dogmático, é possível transformá-lo em bom senso ao torná-lo organicamente estruturado,

coerente e crítico. Para o filósofo italiano Gramsci, o bom senso é o núcleo sadio do senso comum.

Tratamos desse assunto na Primeira Parte do capítulo 5.

O conhecimento científico

O conhecimento científico é uma conquista recente da huma

trezentos anos e surgiu no século XVII com a revolução galileana. Isso não significa que antes da aquela data não houvesse saber rigoroso, pois, como vimos no Capítulo 7 (Do mito à razão), desde o século VI a.C., na Grécia Antiga, os homens aspiravam a um conhecimento que se distinguisse do mito e do saber comum. Tais sábios (sophos, como eram chamados) ocupavam-se com a filosofia e a ciência.

No século V a.C., Sócrates buscava a definição dos conceitos, por meio da qual pretendia atingir a essência das coisas. Platão mostrava o caminho que a educação do sábio devia percorrer para ir da opinião (doxa) à ciência (episteme).

No pensamento grego, ciência e filosofia achavam-se ainda vinculadas e só vieram a se separar na Idade Moderna, buscando cada uma delas seu próprio caminho, ou seja, seu método." A ciência moderna nasce ao determinar um objeto específico de investigação e criar um método pelo qual se fará o controle desse conhecimento.

A utilização de métodos rigorosos permite que a ciência atinja um tipo de conhecimento sistemático, preciso e objetivo segundo o qual são descobertas relações universais e necessárias entre os fenômenos, o que permite prever acontecimentos e também agir sobre a natureza de forma mais segura.

Cada ciência se torna então uma ciência particular, no sentido de ter

um campo delimitado de pesquisa e um método próprio. As ciências são particulares na medida em que cada uma privilegia setores distintos da realidade: a física trata do movimento dos corpos; a química, da sua transformação; a biologia, do ser vivo *etc.*

Por outro lado as ciências são também gerais, no sentido de que assemelham. Ao afirmarmos que "o peso de qualquer objeto depende do campo de gravitação" ou que "a cor de um objeto depende da luz que ele reflete" ou ainda que

"a água é uma substância composta de hidrogênio e oxigênio", fazemos afirmações que são válidas para todos os corpos, todos os objetos coloridos ou qualquer porção

de água, e não apenas para aqueles que foram objeto da experiência.

A preocupação do cientista está portanto na descoberta das reguladas feitas para alguns fenômenos são generalizadas e expressas pelo enunciado de uma lei.

Enquanto o saber comum observa um fato a partir do conjunto dos científico é um fato abstrato, isolado do conjunto em que se encontra normalmente inserido e elevado a um grau de generalidade: quando nos referimos à "dilatação"

ou ao "aquecimento" como fatos científicos, estamos muito distantes dos dados sensíveis de um certo corpo em um determinado momento. Além disso, estabelecemos entre

tais fatos uma relação de variação do tipo "função" (na qual o volume é, em dado momento, função da temperatura). Isso supõe a capacidade de racionalização dos dados recolhidos, que nunca aparecem como dados brutos, mas sempre passíveis de interpretação.

O mundo construído pela ciência aspira à objetividade: as

verificadas por qualquer outro membro competente da comunidade científica, pois a racionalidade desse conhecimento procura despojar-se do emotivo,

tornando-se impessoal na medida do possível. A esse respeito diz o filósofo francês MerleauPonty: "A ciência explica o mundo, mas se recusa a habitá-lo". Em outras

palavras, por mais

que a ciência amplie o conhecimento que temos do mundo, de certo ponto de vista ela reduz esse conhecimento, pois o cientista remove toda experiência individual

que caracterizaria o "estar-no-mundo".

Para ser precisa e objetiva, a ciência dispõe de uma linguagem r torna cada vez mais precisa, na medida em que utiliza a matemática para transformar qualidades em quantidades. A matematização da ciência se inicia com Galileu.

Ao estabelecer

a lei da queda dos corpos, por exemplo, Galileu mediu o espaço percorrido e o tempo que um corpo leva para descer o plano inclinado, e ao final das observações

registrou a lei numa formulação matemática.

Por meio desse exemplo, constatamos que a ciência do século XVII de instrumentos torna a ciência mais rigorosa, precisa e objetiva. Os instrumentos de medida (balança, termômetro, dinamômetro etc.) permitem ao cientista ultrapassar

a percepção imediata e subjetiva da realidade e fazer uma verificação objetiva dos fenômenos.

Antecipando uma discussão ainda a ser desenvolvida, é preciso re se trata de um conhecimento "certo" e "infalível". Há muito de construção nos

modelos científicos e, às vezes, até teorias contraditórias, como, por exemplo, a teoria

corpuscular e a ondulatória, ambas utilizadas para explicar o fenômeno luminoso. Além disso, a ciência está em constante evolução, e suas verdades são sempre provisórias.

O filósofo e escritor inglês Samuel Butler refere-se a isso jocosamente, usando a forma de manchete de jornal: "Um terrível acontecimento:

uma teoria soberba, covardemente assassinada por um desagradável pequeno fato"...

Mas se é verdade que a física e as demais ciências da natureza s
extremo oposto se encontram as ciências humanas, cujo componente qualitativo não pode ser reduzido à quantidade, assim como resiste a certas formas de experimentação.

Constatamos

que, enquanto a psicanálise é avessa a qualquer forma de experimentação ou matematização, outras teorias psicológicas recorrem não só às experiências em laboratório

como se utilizam da matemática em estatísticas (ver Capítulo 16-As ciências humanas).

(Gravura)

O rigor da ciência deriva do fato de as hipóteses poderem ser comprovadas. Na figura, o filósofo e cientista Pascal sobe ao topo de uma montanha

para verificar se a alteração da coluna de mercúrio

era realmente resultado da pressão atmosférica, comparando com idêntica observação efetuada em local mais próximo do nível do mar.

1. Ciência e poder

Como veremos no Capítulo 14 (A ciência na Idade Moderna), as ciê

realidade, no sentido de maior previsibilidade dos fenômenos e, conseqüentemente, maior poder para a transformação da natureza.

Isso se tornou viável devido á aliança da ciência com a técnica. saber científico, que tem alterado o habitat humano timidamente a partir do século XVIII, com a Revolução industrial, e com grande rapidez no século XX.

Reciprocamente, a tecnologia também provocou avanços incríveis no conhecimento

científico. Basta lembrar o que significa a precisão relativa da balança mecânica em comparação

com o rigor da balança eletrônica!

No entanto, o poder da ciência e da tecnologia é ambíguo, porque pode estar a serviço

do homem ou contra ele. Daí a necessidade de o trabalho do cientista e do técnico ser

acompanhado por retlexões de caráter moral e político, a fim de que sejam questionados os

fins a que se destinam os meios utilizados pelo homem: se servem ao crescimento espiritual

ou se o degradam, se servem à liberdade ou às formas de
Por isso é impossível admitir a existência do trabalho científico
"saber pelo saber". A ciência se encontra irre mediavelme
da qual não pode abdicar (ver a Segunda Parte deste Capítulo - A
É assim que podemos retomar a epígrafe do capítulo, e o comentár
(onde a ciência chega) poderia revelar-se bem
indesejável, é melhor fazer escolhas conscientes do lugar para o

Exercícios

1. Faça um quadro comparando as características do conhecimento espontâneo e do

conhecimento científico.

1. O que Gramsci quer dizer com "o bom senso é o núcleo sadio do senso comum"?
2. Leia o trecho a seguir e explique o significado da citação de Valéry, relacionando-a com as

características do conhecimento espontâneo e do conhecimento científico.

Segundo a lenda, Newton teria descoberto a lei da gravitação universal ao associar a queda de

uma maçã à "queda" da Lua. Ou seja, estabeleceu a relação entre a queda dos corpos (relação Terra-maçã) e o movimento da Lua (relação Terra-Lua), percebendo tratar-se do mesmo fenômeno. Explicando

de outra forma: um corpo, orbitando em torno da Terra, está ao mesmo tempo caindo e se deslocando

horizontalmente. Disse a esse respeito o

poeta e ensaísta Paul Valéry: "Seria preciso o gênio de Newton para ver que a Lua cai, embora toda

gente saiba que ela não cai".

1. A partir da citação de Kneller, analise o conhecimento espontâneo e o científico do ponto

de vista da objetividade.

"A ciência (...) procura remover tudo o que for único no cientista, individualmente

considerado:

recordações, emoções e sentimentos estéticos despertados pelas disposições de átomos, as cores

e os hábitos de pássaros, ou a imensidão da Via Láctea (...) A ciência elimina a maior parte da aparência

sensual e estética da natureza. Poentes e cascatas

são descritos em termos de frequências de raios luminosos, coeficientes de refração e forças

gravitacionais ou hidrodinâmicas. Evidentemente,

essa descrição, por mais elucidativa que seja, não é

uma explicação completa daquilo que realmente experienciamos." (Kneller)

5. A descrição da objetividade da ciência, referida na ci
a seguir. Comente a diferença:

em matéria de ciência, não há objetividade absoluta. Também o ci
do que seja a ciência. (...)

Não se pode ignorar que a ciência é ao mesmo tempo um poder mate
absoluta, racional e universal, independente do tempo e do espaço, que se
distinguiria dos outros modos de

conhecimento pela objetividade de seus teoremas, pela universalidade de suas
leis e pela racionalidade de seus resultados experimentais, cuidadosamente
estabelecidos

e verificados, e, portanto, eficazes. A produção científica se faz numa sociedade
determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de
funcionamento.

É profundamente marcada pela cultura em que se insere. Carrega em si os traços
da sociedade que a engendra, reflete suas contradições, tanto em sua organização
interna

quanto em suas aplicações." (Hilton Japiassu)

6. Estabeleça relações entre ciência e técnica, explicand

"Uma ciência tem a idade dos seus instrumentos de medida". Dê exemplos que você encontre por si mesmo.

7. Faça uma dissertação sobre o seguinte tema: "Os movime

SEGUNDA PARTE -

A filosofia e as ciências

Ciência sem consciênciia não é senão a ruína da alma.

(Rabelais)

O sono da razão produz monstros.

(inscrição em uma pintura de Goya)

1. Os mitos da ciência

O Iluminismo, no século XVIII, exaltou a capacidade humana de co

Pela ciência o homem podia espantar o medo causado pela ignorância e superstição, guardando a esperança de um mundo onde as luzes da razão permitiriam a melhor qualidade

de vida possível e a emancipação dos preconceitos, da violência e do arbítrio.

No entanto, segundo observam os filósofos da Escola de Frankfurt e a razão, é preciso com urgência indicar quais são os seus riscos e desvios.

Já no século XIX, o positivismo valorizava exageradamente o conh e mesmo a filosofia, consideradas expressões inferiores e superadas da experiência humana. Mas essa exclusão é arbitrária e mutiladora, e significa na verdade um

reducionismo:

- reduz o objeto próprio das ciências à natureza observável, ao
- reduz a filosofia aos resultados das ciências;
- reduz as ciências humanas às ciências da natureza.

Portanto, a preocupação positivista de tudo reduzir ao racional cria o mito do cientificismo,

segundo o qual o único conhecimento perfeito é o científico. Dessa distorção decorrem inúmeras outras.

Embutido no ideal cientificista, existe o mito do progresso. Seg trazer à luz as possibilidades latentes. E se as

ciências e as técnicas aumentam o controle do homem sobre a natureza e a sociedade,

parece válido pensar que a ação cada vez mais eficaz leve o desenvolvimento aparentemente

na direção de um mundo cada vez melhor. Ou seja, o progresso é explicado como um

fenômeno linear, cuja tendência automática é o aperfeiçoamento humano.

todas as ações do homem realizadas em seu nome. Mas infelizmente conseqüências: na busca do progresso, as construções

urbanas tornaram a vida humana cada vez mais solitária; as fábricas poluem o ar; a

especulação imobiliária destrói o verde; a modernização da agricultura torna mais miserável a

vida dos bóias-frias; a opulência não expulsa a miséria, mas con

Seria o caso de se pensar que o desequilíbrio ecológico, a injus de

renda, a má qualidade de vida afetiva e sentime tal são de fato indicativos

de regressão humana, o que nos leva a rever a noção de progresso. É Walter Benjamin quem diz que se

fosse dada a palavra à natureza, ela certamente lastimaria...

Outra decorrência do cientificismo e exaltação do progresso é o tecnocracia. É o próprio Comte quem diz: "Ciência logo previsão, logo ação". O positivismo

garante a justificação do poder da técnica, mais que isso, do poder dos tecnocratas.

Passamos a viver em um mundo onde a palavra definitiva é sempre dada aos técnicos e aos

administradores competentes.

O saber derivado da ciência passa a ser considerado o único a ter, portanto, o poder pertence a quem possui o saber. Cria-se assim o mito do especialista,

segundo o qual apenas certas pessoas têm competência em determinados setores específicos. A

conclusão é que, se há um discurso competente

em contraposição, há incompetentes (que somos nós...), cujo não-saber supõe a aceitação

passiva do discurso do saber. Caberia à teoria o papel de comando sobre a prática dos homens:

a teoria manda porque possui as idéias,

e a prática obedece porque é ignorante... Com essa relação hierárquica, perde-se a dialética

entre teoria e práxis.

Portanto, são essas as sombras da herança iluminista. A ciência mesmo que sejam expressões da racionalidade, produzem contraditoriamente

efeitos

irracionais,

perversos, já que a razão é posta a serviço da destruição da natureza, da alienação

humana e da dominação.

1. Qual é o papel da Filosofia?

Na Antiguidade, a filosofia era o coroamento do saber. Para Platão, por exemplo, a

ciência nada mais era do que a preparação para ela. Com a revolução científica a ciência

se tornou autônoma, fragmentando-se em inúmeras ciências particulares. Como vimos, a

civilização ocidental se desenvolveu vertiginosamente sob o signo do saber objetivo e

tecnocrático, organizando-se em torno dos princípios da ciência e do progresso. Ora, a

visão utilitarista daí decorrente não abre espaço para a filosofia, que, aparentemente, "não

serve para nada".

Mas a desprezada filosofia encontra-se, na verdade, nos pressupostos da ciência, já

que a própria ciência não é capaz de investigar seus fundamentos. Cabe portanto à

filosofia discutir a respeito dos conceitos que são usados, da validade dos métodos, do valor das

conclusões, bem como da concepção de homem subjacente a cada ciência.

Outra função da filosofia consiste em estabelecer a interdisciplinaridade dos diversos

campos do saber formados a partir da fragmentação resultante do

aparecimento das ciências particulares, dando origem a especialistas

que investigam rigorosamente apenas parte do todo. A veia satírica de

Pitigrilli bem nos mostrou o que isto significa: "O especialista é aquele que sabe tanto de uma parte, ate saber tudo de nada...". Cabe portanto à filosofia recolocar

o problema da unidade do saber, tornado "esquizofrênico" pela ciência moderna, na medida em que foi compartimentalizado. O resultado dessa fragmentação é que o homem

se torna o grande ausente da ciência.

Enquanto a ciência e a técnica utilizam a razão instrumental, ma a das vivências subjetivas. a fim de recuperar o desejo e a sensibilidade oprimidos no processo de "desencantamento do mundo" levado a efeito pelas leis naturais

e impessoais da ciência.

Por isso, a reflexão empreendida pela filosofia não pode ser des mundo. Ela tem compromisso

com a investigação a propósito dos fins e das prioridades a que a ciência se propõe, bem como com a análise das condições em que se realizam as pesquisas e das conseqüências

das técnicas utilizadas.

A análise crítica denuncia a escamoteação do homem, ou seja, ver (como as resultantes do ideal positivista), podem se tornar na verdade formas de alienação humana.

No desempenho desse papel, o filósofo não aparece com respostas

de certas propostas pelo ideal do conhecimento objetivo, o filósofo é aquele que, segundo

MerleauPont, acredita na sua própria desordem interior e por isso acredita na busca segundo a qual sempre haverá coisas para se ver e dizer.

Exercícios

1. O que é o mito do cientificismo? E por que se trata de um reducionismo?
2. Explique por que a tecnocracia é condição de alienação
3. Leia a citação a seguir e estabeleça a relação com a visão cientificista do mundo: "Não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância. O discurso competente confunde-se, pois, com a linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo os lugares e as circunstâncias já foram predeterminadas para que seja permitido falar e ouvir e, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência". (Marilena Chauí)

1. Quais são os papéis do filósofo diante da ciência?
5. O que significa dizer que a herança iluminista não é "luzes" e "sombras"?

1. Leia o texto complementar seguinte e responda às questões:

a) Identifique e explique os argumentos que o autor utiliza para questionar a equivalência entre ciência e progresso.

b) Que relação o autor estabelece entre ciência e moral? Sob esse aspecto, qual é a função da filosofia?

Texto complementar

O mito da neutralidade científica

Atualmente, a atividade científica defronta-se com serios desafios à introdução de inúmeras inovações tecnológicas (da poluição industrial aos horrores das guerras químicas e eletrônicas), estão

levando, um questionamento da equivalência

entre ciência e progresso, entre tecnologia e bem-estar social. (...)

O que podemos perguntar, desde já, é se não seria temerário pela "ética do saber objetivo"? Poderia ser "orientado" por esse tipo de racionalidade? Não se trata de um

"homem" ideal. Estamos falando desse homem real e concreto

que somos nós; desse homem cujo patrimônio genético começa a ser a manipulado; cujas bases biológicas são condicionadas por tratamentos químicos; cujas imagens

e pulsões

estão sendo entregues aos sortilégios das técnicas publicitárias e aos estratégias dos

condicionamentos de massa; cujas escolhas coletivas e o querer comum cada

vez mais se transfer para as decisões de tecnocratas onipotentes; cujo psiquismo

consciente e inconsciente, individual

e coletivo, torna-se cada vez mais "controlado"

pela ciência, pelo cálculo, pela positividade e pela racionalidade do saber científico; desse homem, enfim, que já começa a tomar consciência de

que doravante, pesa sobre

ele a ameaça constante de um Apocalipse nuclear, cuja realidade catastrófica não constitui ainda objeto de reflexão.

(...) Talvez o problema seja mais bem elucidado se concebermos um "saber sobre o homem" a um "saber-querer do homem", este, sim, capaz de dirigir

sua ação. Porque não é na ciência, mas numa antropologia reflexiva, que iremos encontrar o discurso do homem sobre

ele mesmo. Só esse discurso pode revelar, como originária

e constitutiva do homem, essa dialética do "saber" e do "querer", do fato e do valor, do ser e do dever-ser. Ela é esse lugar onde aquilo que

foi conquistado à maneira

do "fato", faz valer seus direitos em revestir-se da modalidade do "valor" do "sentido". Com esse "saber-querer", a biologia, a psicologia, a sociologia etc., não

somente podem, mas devem cooperar, sob o controle do pensamento livre, para a definição de uma ética

da ciência. Por isso, não podemos admitir que o conhecimento objetivo

possa constituir a única finalidade, o único valor. Porque, não sendo capaz de fundar uma ética, torna-se incapaz de constituir

o valor supremo do homem. Os valores

não podem surgir de um saber sobre o homem, mas de um querer do homem, ser inacabado e sempre aberto às possibilidades futuras.

(H. Japiassu, O mito da Neutralidade Científica . p. 9 e segs.)

CAPÍTULO 12

A CIÊNCIA GREGA

M. P-M. Schuhl observou na ideologia dessa sociedade de escravidão bloqueado antecipadamente o pensamento em direção à técnica:

à ordem de valores constituídos pela contemplação, pela vida liberal e ociosa, pelo domínio

do natural, a cultura grega opõe, como sendo negativas, as categorias depreciadas do

prático, do utilitário, do trabalho servil e do artificial.

(Jean-Pierre Vernant)

1.Introdução

Por volta dos séculos VII e VI a.C. surge a filosofia na Grécia, mais propriamente

nas colônias gregas da Jônia e Magna Grécia.

Essa filosofia, conhecida como pré-socrática, representou um esforço de racionalização e de

desvinculamento do pensamento mítico. Caracteriza-se ainda pelo prevalecimento de

questões cosmológicas, por especular a respeito da origem e da natureza do mundo

físico, procurando a arché, ou seja, o princípio

de todas as coisas.

Se, porém, o pensamento racional se desliga do mito, filosofia e ciência permanecem

ainda vinculadas. Aliás, não haverá separação entre elas antes do século XVII. Para

os gregos, há um saber que envolve tanto o conhecimento dos seres particulares (ciência)

como o conhecimento do ser enquanto ser (metafísica). Isso significa que falta à ciência

grega um método próprio que a distinga da filosofia.

1. Matemática e mecânica

No Egito, os funcionários do faraó sabiam fazer a redivisão das terras após o refluxo

das cheias do Nilo. Além dos agrimensores egípcios, também hindus e chineses de

uma época mais recuada já conheciam, por exemplo, as propriedades do triângulo retângulo, mas

apenas em alguns casos particulares e, assim mesmo, na aplicação prática. Foi

o grego Pitágoras de Samos (séc. VI a.C.) quem demonstrou teoricamente o teorema que

leva seu nome e generaliza esta relação válida para todo triângulo retângulo: "O quadrado da

hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos".

Pitágoras considerava o número a arché de todas as coisas, princípio de onde deriva a

harmonia da natureza, feita à imagem da harmonia do número. Esse tipo de reflexão

permite

separar a geometria das preocupações puramente empíricas, tornando-a uma ciência

racional.

Outras contribuições teóricas foram feitas na mesma época por Tales de Euclides (séc. III a.C.), matemático de Alexandria, que na obra Elementos sistematiza o conhecimento teórico, dandolhe os fundamentos, ao estabelecer os princípios

da geometria, os conceitos primitivos e os postulados. Os conceitos primitivos são o ponto, a reta e o plano, e não se definem, enquanto os postulados (por exemplo:

"por um ponto fora de uma reta só passa uma paralela a essa reta"), devem ser aceitos sem demonstração. Tais princípios constituem o

ponto de partida sobre o qual se constrói o edifício teórico de qualquer demonstração.

Além da matemática, outra ciência que se desenvolveu entre os gregos. Arquimedes, um pouco envolto em lendas, faz lembrar acontecimentos interessantes.

Quando Siracusa, sua cidade natal, encontrava-se assediada pelos romanos que lançavam pedras surpreendendo os exércitos inimigos, e incendiou navios que sitiavam a cidade, por meio de um sistema de lentes de grande alcance.

Outro exemplo conhecido das atividades de Arquimedes é o referendo da coroa. Ele teria inescrupulosamente substituído parte do ouro por prata. Não podendo derreter a coroa, Arquimedes não sabia como resolver o problema, até que um dia, ao entrar

na banheira e observar o deslocamento da água, teve a famosa "intuição súbita" de um dos mais fecundos princípios da hidrostática, segundo o qual o peso da água

deslocada por um corpo nela imerso é igual à força de empuxo que o líquido aplica no corpo".

Por meio dessa grande atividade técnica, que lhe permitiu descobrimentos práticos para o nível teórico e científico. Além da lei do empuxo, redigiu um tratado de estática, formulou a lei de equilíbrio das alavancas e fez estudos sobre o centro de gravidade dos corpos.

Galileu viu em Arquimedes o único cientista verdadeiro da Grécia, cuja determinação da influência de cada fator que atua no fenômeno e enunciação do resultado sob a forma de lei geral.

Essas novidades, no entanto, não nos devem iludir quanto à concepção para a especulação racional e desvinculada da técnica. O próprio Arquimedes, fazendo jus à mentalidade formalista, preferia mesmo a geometria e o cálculo, construindo

aparelhos mais para se divertir e não como preocupação central de suas atividades.

1. O saber contemplativo

Como explicar a preocupação com o saber contemplativo e a consequência como já pontuamos na epígrafe deste capítulo?

Não podemos compreender a produção cultural de um povo sem antes sabermos que na Grécia antiga vigorava o sistema escravagista. havendo em consequência a desvalorização do trabalho manual, da técnica, do fazer propriamente dito.

Em contraposição, era valorizada a atividade intelectual, enquanto pura contemplação, geralmente dissociada da prática. A essa atividade, considerada

superior, dedicavam-se

aqueles que não precisavam se preocupar com o dia-a-dia e podiam entregar-se ao ócio, alçando o espírito em altos vãos.

1. Platão

Vimos na Primeira Parte do Capítulo 10 (Teoria do conhecimento)

razão e sentidos, indicando que a razão atinge com dificuldade o verdadeiro conhecimento por causa da deformação que os sentidos inevitavelmente provocam. Por

isso, cabe à razão depurar os enganos que os sentidos nos levam a cometer, para que o espírito possa atingir a verdadeira contemplação das idéias.

Para Platão, se o homem permanecesse dominado pelos sentidos, só um conhecimento imperfeito, restrito ao mundo dos fenômenos, das coisas que são meras aparências e que estão em constante fluxo. A esse conhecimento Platão chama de

doxa (opinião). O verdadeiro conhecimento, a episteme (ciência), é, ao

contrário, aquele pelo qual a razão ultrapassa o mundo sensível e atinge

o mundo das idéias, lugar das essências imutáveis de todas as coisas, dos verdadeiros modelos

(arquétipos). Esse é o único mundo verdadeiro, e o mundo sensível só existe

enquanto participa do mundo das idéias, do qual é apenas sombra ou cópia. Um cavalo, por

exemplo, só é cavalo na medida em que participa da idéia de "cavalo em si".

A cosmologia platônica

A teoria cosmológica se encontra sobretudo no diálogo Timeu. A física é atribuída ao mundo das idéias, atribuindo àquele o domínio da mudança e da

aparência.

Como explicar a gênese das coisas do mundo?

Geralmente os gregos consideram a matéria eterna, não-criada. Talvez pré-existente,

a função de pôr ordem no Caos inicial. Em algumas passagens, pode-se interpretar que esse princípio divino é também identificado à idéia do Bem e, como tal, é o

fim último para onde tendem todas as coisas, na busca da perfeição.

Caberá ao sábio, ao filósofo, empreender a caminhada desde o mundo do Bem. Ou seja, elevar o conhecimento de simples opinião (que é o conhecimento do vir-a-ser) a ciência (que é o conhecimento do ser verdadeiro).

Para que esse processo do conhecimento seja possível, é necessários os seguintes dizeres: "Não entre aqui quem não souber geometria". Isso porque a matemática descreve as realidades não-sensíveis e é capaz de se dissociar dos sentidos

e da prática; na geometria, a figura sobre a qual raciocinamos independe da figura sensível que representa.

Além disso, os gregos têm uma tradição de aplicação desinteressada entre os diferentes comprimentos da corda, bem como as alterações de tensão ou espessura que mudam os sons emitidos pela lira.

Portanto a matemática e a geometria são consideradas como prelúdios essenciais.

Ao contrapor o mundo sensível (lugar do devir) ao mundo das idéias racionais, estático e que rejeita a realidade da mudança, do movimento.

1. A ciência aristotélica

Aristóteles, discípulo de Platão, foi suficientemente crítico para explicar a existência do movimento. Quanto ao movimento, parte da constatação da sua existência, explicando-lhe a origem e a natureza. Vejamos que tipo de ciência surge daí.

Pressupostos metafísicos

Por trás das afirmações da ciência aristotélica há uma série de pressupostos metafísicos. Na Primeira Parte do Capítulo 10 e aqui retomamos sinteticamente.

Para Aristóteles, o movimento é explicado pelas noções de matéria e forma. Pelo qual todo ser é o que é, a matéria é indiferenciada, é pura passividade, possuindo a forma em potência. Para passar da potência para o ato,

é preciso que um ser já em ato atualize o ser em potência. Assim, a semente, quando enterrada, tende a se desenvolver e a se transformar no carvalho que era em potência.

O movimento é, pois, a passagem da potência para o ato. O movimento

Aristóteles não se refere apenas ao conceito de movimento local.

uma qualidade alterada, por exemplo, quando o analfabeto aprende a ler. Ou, ainda, como movimento quantitativo da planta que cresce, pois há alteração de tamanho.

Há também a mudança substancial, pela qual um ser começa a existir (geração) ou deixa de existir (destruição das essências).

Ainda mais: se Aristóteles considera que o movimento é a passagem da potência para o ato, para explicar esse processo, lembremos o exemplo do artesão esculpindo uma estátua, atividade em que podemos distinguir quatro causas: a causa material é o mármore; a

causa eficiente é o escultor; a causa fórmal é a forma que a estátua adquire; e a

causa final é o motivo ou a razão pela qual a matéria passa a ter determinada forma,

ou, dito de outra maneira, é a finalidade para a qual a estátua foi feita.

Ou seja: a causa material é aquilo de que uma coisa é feita; a e é aquilo para o qual a coisa é feita. Convém lembrar que nem sempre é fácil distinguir (mesmo para Aristóteles) as diferenças entre a causa formal e a final.

A física aristotélica

A física geral é a ciência que trata do ser em movimento. Já exp metafísicos da teoria do devir e das quatro causas, elaborados com a finalidade de superar as ilusões dos sentidos.

Para Aristóteles, os corpos são classificados a partir da teoria constitutivos de todos os seres são: terra, água, ar e fogo. Essa teoria foi aceita até o século XVIII, quando Lavoisier demonstrou que não se tratava de elementos, mas de substâncias compostas.

No universo aristotélico, todos os corpos estão dispostos de mod queda dos corpos, o peso e a leveza são qualidades dos corpos e determinam formas diferentes do movimento. Então, a terra e a água, por serem corpos pesados, têm

o lugar natural embaixo; o ar e o fogo, sendo leves, têm o lugar natural em cima.

Conseqüentemente, o movimento natural é aquele em que as coisas o ser estará realizado e permanecerá em repouso.

Para os gregos, portanto, não há necessidade de explicar o repou a ordem natural pode ser alterada por um movimento violento causado pela aplicação de uma força exterior. Enquanto o movimento natural é o da pedra que cai, do fogo

que sobe, o movimento violento é o da pedra lançada para cima, da flecha arremessada pelo arco. Esse movimento necessita, durante toda sua duração, de um motor unido

ao móvel, de modo que, suprimido o motor, cessará o movimento. Isso é

fácil de explicar no caso do cavalo que puxa carroça, mas o exemplo do arremesso de projétil requer de Aristóteles alguns

artifícios: ao lançar a pedra, a mão comunica o seu próprio poder ao ar próximo a ela,

provocado um turbilhão que mantém a pedra em movimento; esse poder comunica-se por

contiguidade

e, porque a intensidade diminui a cada transmissão, o movimento acaba cessando, pelo movimento natural o corpo retorna

ao lugar natural.

Mais adiante veremos como a física qualitativa de Aristóteles, b
análisei

da essência dos corpos pesados e leves, será alterada pelas inovações introduzidas

por Galileu, no século XVII.

A astronomia aristotélica

A preocupação com o movimento dos astros é muito antiga. Povos c
Cristo, e com frequência esses conhecimentos

misturavam-se a analogias com o destino dos homens, comandado pela junção dos astros.

São os gregos que, pela primeira vez, tentam explicar racionalme

significa "ordem", "beleza", e se opõe a caos, "desordem").

Persiste, no entanto, certa mística nessas explicações, decorren
perfeição, eternidade, repouso

e o círculo como forma perfeita. Daí o movimento uniforme ser considerado o movimento perfeito, sempre idêntico a si mesmo, e por isso mesmo imutável e eterno. O

movimento circular não tem início nem fim; volta sobre si mesmo e continua sempre; é movimento sem mudança. Acrescente-se a isso a concepção do universo finito,

limitado pela esfera do Céu, fora do qual não há lugar, nem vácuo, nem tempo...

O geocentrismo

O modelo astronômico de Aristóteles baseia-se na cosmologia de E
um dos discípulos de Platão. Esse modelo é geocêntrico (pois tem
corpos celestes (Lua, Sol e cinco planetas) se acham cravados na sua própria esfera. Ao todo existem 55 esferas, para que as intermediárias possam fornecer
ligações

mecânicas

necessárias para a reprodução do movimento. Mas de onde vem o movimento inicial? Só pode ser de Deus, o Primeiro Motor Imóvel, que determina o movimento da última

esfera, a esfera das estrelas fixas., transmitido por atrito às esferas contíguas. Esse movimento vai até a Lua, última esfera interna. No centro acha-se a Terra,

também esférica, mas imóvel.

Todos os modelos propostos pelos gregos eram geocêntricos. e a ú
heliocêntrico (hélios: "Sol"), nunca aceito e até considerado subversivo.

A hierarquização do cosmos

Outra característica importante na cosmologia aristotélica se en-
Terra. O universo está dividido em:

mundo supralunar, constituído pelos Céus, que incluem, na ordem:
fixas. São corpos constituídos por uma substância desconhecida por nós, o éter
(não confundir com a substância química), que é cristalino, inalterável,
imperecível,

transparente e imponderável. O éter é também conhecido como quinta-essência,
em contraposição aos quatro elementos. Por esse motivo os corpos celestes são
incorruptíveis,

perfeitos, não-sujeitos a transformações. O movimento das esferas é circular,
considerado o movimento perfeito.

mundo sublunar. correspondente à região da Terra, que, embora in-
mudança, portanto perecíveis, corruptíveis,

sujeitos a movimentos imperfeitos: aí não mais acontece o movimento circular
das esferas, mas o movimento retilíneo para baixo e para cima. Os elementos
constitutivos

são os já referidos quatro elementos (terra, água, ar e fogo).

As idéias de Aristóteles referentes ao universo serão retomadas
Ptolomeu, no século II da era cristã, na obra conhecida
como Almagesto,

cuja influência se exerce durante a Idade Média até ser contestada por Copérnico
e Galileu.

Algumas considerações sobre Aristóteles

Essa hierarquia do cosmos proposta por Aristóteles, em que o mun-
e a física aristotélicas. Apenas no Renascimento essa dicotomia será desfeita,
quando Galileu e depois Kepler e Newton "igualam Céu e Terra", isto é,

explicam a

física e a astronomia pelas mesmas leis.

A partir da cosmologia, percebemos que os gregos associam a perfeição a de um mundo estático.

Mesmo no mundo das mutações, a ciência aspira ao ideal de imobilidade. É em função da substância, da essência, que em determinadas condições tal corpo se comporta de tal maneira. Por isso a física aristotélica é qualitativa, porque

construída sobre os princípios que definem as coisas, a partir dos quais são deduzidas as consequências. Trata-se da valorização do método dedutivo, cujo modelo

de rigor se encontra na matemática. Apesar disso, os gregos não matematizaram a física, obra que coube a Galileu.

Da mesma forma, Aristóteles não recorre à experiência, embora utilize a observação. Aliás, justiça seja feita à sua inestimável contribuição aos estudos

de biologia. Sendo filho de médico, herdou o gosto pelo assunto e chegou a classificar cerca de 540 espécies de animais, estabelecendo relações entre eles, além

de ter feito dissecações para estudar suas estruturas anatômicas.

O fato de não recorrer à experiência pode ser entendido pela restrição

ao saber contemplativo. Por isso, diante da queda dos corpos, Aristóteles pergunta "por quê?" e não "como?". Se fizesse essa última pergunta, procederia à descrição

do fenômeno, processo este que só foi iniciado pelos modernos. Mas,

perguntando "por quê?". envereda pela procura das causas. desembocando inevitavelmente na discussão

metafísica da essência dos corpos. Por isso, a ciência aristotélica é filosófica, centrada na argumentação baseada nos princípios.

Além disso, esse procedimento valoriza a perspectiva finalista que Aristóteles, todo

corpo tende a realizar a perfeição que tem em potência, a atingir a forma que lhe é própria e o fim a que se destina. "A natureza é o que tende para um fim, em movimento

contínuo, em virtude de um princípio imanente." Como vimos, o corpo pesado tende para baixo, que é seu lugar natural; a semente tende a se transformarem árvore:

as raízes adentram no solo para nutrir a planta etc. A concepção teleológica será criticada na ciência moderna, no século XVII.

Outro aspecto importante da metafísica aristotélica é que, ao explicar o movimento como passagem da potência para o ato, Aristóteles faz a física desembocar numa teologia:

de causa em causa, é preciso parar numa primeira causa (incausada), num primeiro motor (imóvel), evidentemente de natureza divina, e

que daria movimento a todas as coisas. Aristóteles chama esse Deus de Ato Puro (pois não

tem potência alguma) e de Primeiro Motor

Imóvel (ver texto complementar do Capítulo

13 - A ciência medieval).

Exercícios

1. Qual é a relação entre filosofia e ciência na Antiguidade?
2. Por que consideramos que os gregos foram os primeiros filósofos?
3. Por que Arquimedes é considerado uma exceção entre os filósofos?
4. Que relação pode ser estabelecida entre o modo de produção e a ciência?
5. A partir da teoria das idéias, quais as decorrências para a ciência?
6. Quais são os pressupostos metafísicos da ciência aristotélica?
7. Em que sentido a física aristotélica é filosófica e teórica?
8. Para Aristóteles a física e a astronomia

constituem ciências absolutamente diversas. Explique a diferença entre elas.

isso a partir da hierarquia do mundo sublunar e supralunar.

1. Leia o fragmento I do texto complementar

e explique:

a) Como Aristóteles valoriza o saber

contemplativo?

b) A partir das hierarquias referidas no parágrafo 12, qual é a relação

entre fazer e pensar?

1. Leia o fragmento 2 e responda:

a) Qual é a referência que Aristóteles faz aos

pré-socráticos?

b) Qual é o avanço que Aristóteles julga ter em relação a eles?

Texto complementar

Aristóteles. Metafísica

1

(10) É portanto verossímil que quem primeiro encontrou uma arte qualquer, fora das sensações comuns, excitasse a admiração dos homens, não somente em razão

da utilidade da sua descoberta, mas por ser sábio e superior aos outros. E com o multiplicar-se das artes, umas em vista das necessidades, outras da satisfação,

sempre continuamos a considerar os inventores destas últimas como mais sábios que os das outras, porque as suas ciências não se subordinam ao útil. (II) De modo

que, constituídas todas as (ciências) deste gênero, outras se descobriram que não visam nem ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde

(os homens) viviam no ócio. É assim que, em várias partes do Egito, se organizaram pela primeira vez as artes matemáticas, porque aí se consentiu que a casta sacerdotal

vivesse no

ócio. (12) Já assinalamos na Ética a diferença que existe entre a arte, a ciência e as outras disciplinas do mesmo gênero. O motivo que nos leva agora a discorrer

é este: que a chamada filosofia é por todos concebida como tendo por objeto as causas primeiras e os princípios; de maneira que, como acima se notou, o empírico

parece ser mais sábio que o ente que unicamente possui uma sensação qualquer, o homem de arte mais do que os empíricos, o mestre-de-obras mais do que o operário,

e as ciências teóricas mais que as práticas. Que a filosofia seja a ciência de certas causas e de certos princípios é evidente.

2

É pois manifesto que a ciência a adquirir é a das causas primeiras (causa); ora, causa diz-se em quatro sentidos: no primeiro, entendemos por causa a substância e a quiddidade (o "porquê" reconduz-se pois à noção última, e o primeiro

"porquê" é causa e princípio); a segunda (causa) é a matéria e o sujeito; a terceira é a de onde

(vem) o início do movimento; a quarta (causa), que se opõe à precedente,

é o "fim para que" e o bem (porque este é, com efeito, o fim de toda a geração e movimento). Já estudamos suficientemente estes princípios na Física; todavia queremos

aqui associar-nos aos que, antes de nós, se aplicaram ao estudo dos seres e filosofaram sobre a verdade. (2) E, com efeito, evidente que eles também falam em certos

princípios e em certas causas; tal exame será portanto útil ao nosso estudo, porque ou descobriremos uma outra espécie de causas, ou daremos mais crédito às que

acabamos de enumerar. A maior parte dos primeiros filósofos considerou como princípios de todas as coisas unicamente os que são da natureza da matéria.

É aquilo

de que todos os seres são constituídos, e de que primeiro se geram, e em que por fim se dissolvem, enquanto a substância subsiste, mudando-se unicamente as suas

determinações, tal é, para eles, o elemento e o princípio dos seres.

(Aristóteles, Metafísica, Col. Os Pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 212-213 e 216.)

CAPÍTULO 13

A CIÊNCIA MEDIEVAL

A imperatriz Teodora e seu séquito, em um dos mosaicos da igreja de S. Vital, em Ravena.

O retiro de S. Joaquim entre os pastores, de Giotto.

Observe as reproduções. O mosaico bizantino data do século VI, e os dois são históricos diferentes.

Nos mosaicos bizantinos o imperador é sempre a figura central, geralmente maior que as demais do seu séquito. A rigidez e a imobilidade da representação não decorrem de inabilidade do artista, mas da forma pela qual se expressa determinado conteúdo, marcado pela rígida hierarquia das classes, decorrente da organização social teocrática (poder divino dos reis).

Por outro lado, Giotto, primeiro mestre do novo humanismo emergente (pré-renascentista), quebra a rigidez da representação introduzindo o movimento na expressão de situações em que o drama humano se mostra de maneira mais significativa. A cena situa-se em paisagem terrena, o fundo é trabalhado com árvores, pedras, animais; as figuras têm "movimento" e há o início de superação da bidimensionalidade, até então característica

da pintura medieval.

1. A filosofia medieval

Com a queda do Império Romano (séc. V). não surge lentamente como elemento ir dos inúmeros remos bárbaros forma-a religião surge lentamente como elemento agregador dos inúmeros reinos bárbaros

formados após sucessivas invasões; seus chefes são pouco a pouco convertidos ao cristianismo, e a

Igreja se transforma em soberana absoluta da vida espiritual do mundo ocidental.

A cultura greco-romana quase desaparece nos períodos mais turbulentos da

implantação do modo feudal de produção, mas permanece latente, guardada nos mosteiros. São

os monges os únicos letrados em um mundo onde nem os servos nem os nobres sabem ler.

No entanto, não devemos considerar todo o período medieval (sécs. V a XV,

portanto mil anos) como sendo de obscuridade. Em vários momentos, há expressões diversas

e produção cultural às vezes tão heterogênea que se torna difícil reduzir o período àquilo

que se poderia chamar pensamento medieval. Uma constante se faz notar no

pano de fundo desse pensamento: a tentativa de conciliar a razão e a fé. A temática religiosa

predomina a preocupação apologética, isto é, na defesa

da fé cristã e no trabalho de conversão dos não-cristãos. A máxima predominante é "Crer para

compreender, e compreender para crer". A filosofia, embora se distinguindo da teologia, é

instrumento desta, é serva da teologia.

Apesar do risco de simplificação, dividi-se a Idade Média em duas tendências fundamentais: a filosofia patrística e a escolástica.

filosofia patrística

A filosofia patrística inicia-se ainda no período decadente do Império Romano, no século III. Essa filosofia auxilia a exposição racional da doutrina religiosa e se acha contida nos trabalhos dos chamados Padres da Igreja, cujas principais preocupações são as relações entre fé e ciência, a natureza de Deus e da alma e a vida moral.

A retomada da filosofia platônica, baseada na predileção pelo su do mundo, do controle racional das paixões.

Alguns dos representantes da patristica foram Clemente de Alexan Tertuliano. Mas a principal figura é Santo Agostinho (354-430), bispo de Hipona. Seguindo a tradição platônica, que via sempre o Perfeito por trás de todo imperfeito e a Verdade absoluta por trás de todas as verdades particulares. também

Santo Agostinho pensa numa iluminação pela qual a verdade é infundida no espírito humano por Deus.

A escolástica

A escolástica é a especulação filosófico-teológica que se desenv começaram a surgir durante o Renascimento carolíngio.

Carlos Magno (séc. VIII), preocupado em incrementar a cultura, f sábios, como o inglês Alcuíno. O ensino aí desenvolvido baseia-se sobretudo no

trivium (gramática, retórica e dialética) e no quadri vi um (aritmética, música, geometria

e astronomia).

A partir do século XI surgem as universidades (de Paris, Bologna tornam-se locais de fecunda reflexão filosófica.

Já no século XII, aparecem traduções de obras de Arquimedes, Her chegava deformado à Europa, pois era traduzido do grego para o sírio, do sírio para o árabe, do árabe para o hebraico e do hebraico para o latim medieval. Por isso,

a Igreja condenou de início o pensamento aristotélico, que na tradução árabe adquirira contornos panteístas.

Consultando a tradução feita diretamente do grego, Santo Tomás d à visão cristã e escreveu uma obra monumental, a Suma teológica, onde, uma vez mais, as questões de fé são abordadas pela

"luz da razão" e a filosofia é o instrumento

que auxilia o trabalho da teologia. É com um Aristóteles cristianizado que surge então a filosofia aristotélico-tomista.

1. A ciência medieval

Pelo que podemos ver, a tradição grega, retomada na Idade Média, possível porque o modo de produção feudal, assentado no trabalho do servo da gleba, também despreza a atividade manual, ao mesmo tempo que valoriza o nobre guerreiro,

para o qual o ócio decorre de seus privilégios.

Nesse panorama, a ciência continua voltada para a discussão raci para conhecer os corpos, só se têm os olhos; para avaliar o frio e o quente, só se tem a pele.

Sabemos que geralmente as leis científicas necessitam de uma medida.
Galileu, já no século

XVII, usou uma clepsidra (relógio de água) para medir o tempo que um corpo leva para descer no plano inclinado. Isso sem falar nas unidades de medida: Mersenne,

outro filósofo do século XVII, curiosamente, juntou o desenho do pé do rei a um de seus livros sobre o assunto: esse desenho serviu como medida nas suas experiências.

Se a ciência medieval não é experimental, tampouco se utiliza da Moderna. Por isso, a ciência permanece qualitativa,

como na Antiguidade, mesmo porque os recursos disponíveis da matemática ainda são incipientes para se proceder à matematização. Por exemplo, alguns representantes

da Escola de Oxford tentaram definir o conceito de velocidade, o que não foi possível devido à inexistência do cálculo infinitesimal.

Aliás, as dificuldades existem inclusive no nível mais simples, arábicos não se acha generalizado até o Renascimento, de modo que continuava sendo costume o recurso aos algarismos romanos. Isso dificultava os cálculos, o que

pode ser observado, por exemplo. na divisão de MDCXXXII por IV, impossível de ser resolvida sem o auxílio do ábaco, uma prancheta provida de bolas que existe até

hoje.

Qual o lugar da ciência no mundo medieval?

Pelo que pudemos observar até aqui, há relutância ou impossibili

A preocupação com a vida depois da morte faz prevalecer o interesse pelas discussões religiosas. Mesmo quando se pede ajuda à razão filosofante, é ainda a

revelação

que surge como critério último de verdade na produção do conhecimento.

A retomada do pensamento aristotélico traz de novo a física qual
o

modelo de Ptolp meu (séc. II), cuja obra famosa, *Almagesto* torna-se a última
palavra em astronomia

até Copérnico, no século XVI.

"Essa visão do universo em duas regiões, uma inferior, outra sup
sujeita à mudança, outra não, iria tornar-se outra doutrina básica da filosofia
e cosmologia medievais. Oferecia uma segurança serena, cósmica, a um mundo
amedrontado,

afirmando a sua essencial estabilidade e permanência, mas sem ir ao ponto de
pretender que todas as mudanças fossem meras ilusões, sem negar a realidade do
crescimento e declínio, da geração e da destruição"

O modelo da astronomia medieval reproduz o desejo de permanência
ordem estabelecida e hierarquizada. A hierarquia existe na superioridade dos
Céus

sobre

a Terra, em cujo centro se encontra o Inferno; e também na própria estrutura da
Igreja,

constituída pelo papa, cardeais, bispos *etc.* Da mesma forma, reproduz a divisão
da

sociedade em reis, suseranos, vassalos e servos.

1. Exceções à tradição medieval

Apesar da predominância das questões religiosas que afastam os f
discussões referentes à natureza, são muitas as exceções a indicar pontos de
ruptura
que preparam de certa forma a crise do modelo científico da tradição grega. Esse
processo pode
ser entendido a partir do aparecimento das cidades e da expansão do comércio: a
economia
capitalista emergente necessitará de um outro saber, mais prático e menos
contemplativo.
(É importante o papel desempenhado pelos franciscanos², o trabalho dos
alquimistas e
a mentalidade árabe.

A. Koestler, Os sonâmbulos, p. 32.

Roger Bacon

Roger Bacon (séc. Xlii), padre franciscano que pertencia à Escola de Oxford,
foi perseguido em várias ocasiões devido às idéias pouco
enquadradas no mundo escolástico. Além de procurar aplicar o método
matemático à ciência da

natureza, fez diversas tentativas para torná-la experimental, sobretudo no campo
da óptica. Apesar de

argumentar que "ver com seus próprios olhos" não é incompatível com a fé, não
conseguiu

demover os medievais da desconfiança gerada por qualquer tipo de
experimentação.

alquimia

A alquimia foi uma atividade prática em voga no século XIII e teve importância muito

grande na descoberta de novas substâncias químicas, como o processo para a extração de

mercúrio, as fórmulas para preparar vidro e esmalte, bem como o desenvolvimento de

noções sobre ácidos e seus derivados.

O saber oficial desdenhava essa atividade, por demais vinculada às práticas manuais.

Além disso, as técnicas descobertas eram com frequência guardadas em segredo, e os

documentos, de difícil leitura, criavam uma série de superstições e uma aura mística que

prejudicavam a avaliação objetiva das reais descobertas da química nascente. A Igreja denunciava o

caráter herético de tais práticas, finalmente proibidas por bula papal em 1317. A Inquisição

controlava os infratores com freqüentes perseguições, muitas vezes com a condenação à

fogueira sob acusação de bruxaria.

Não se pode negar a importância da alquimia no desenvolvimento das técnicas de

laboratório, mas suas explicações teóricas eram antropomórficas, no sentido de que as

substâncias inorgânicas eram vistas como seres vivos, compostos de corpo e alma. Como se acreditava

que as características e propriedades de uma substância eram determinadas por seu espírito,

havia a crença na transmutação, ou transferência do espírito de um metal nobre para a matéria

de metais comuns. Surge, então, a ilusão da procura da "pedra filosofal" - com a qual qualquer

substância poderia ser transformada em ouro - ou ainda a busca do "elixir da longa vida".

Os árabes

Outra exceção na tradição científica medieval é a contribuição d por meio de traduções e da criação de centros de estudos. Pensadores fecundos como Al Kindi, Alfarabi, Avicena e Averrois transmitem os conhecimentos dos antigos

no campo das ciências em geral. São os introdutores, no Ocidente, dos algarismos arábicos e os criadores da álgebra. Na alquimia, pela sistematização dos fatos observados

durante gerações e em trabalhos efetuados em laboratório, aceleram a passagem do ocultismo para o estudo racional. Na astronomia, aperfeiçoam os métodos trigonométricos

para o cálculo das órbitas dos planetas, chegando a introduzir o conceito de seno. Na medicina, transmitem as obras de Hipócrates e Galeno, além de organizarem um

trabalho original de sistematização.

1. A decadência da escolástica

Do século XIV em diante, a escolástica sofre um processo de autc contrárias à reflexão, obstruem as pesquisas e a livre investigação. O princípio da autoridade, ou seja, a aceitação cega das afirmações contidas nos textos bíblicos

e nos livros dos grandes pensadores, sobretudo Aristóteles, impede qualquer inovação. É a obscura fase do

magister dixi, que significa "o mestre disse"...

O rigor do controle da Igreja se faz sentir nos julgamentos feitos

Conforme o caso, as obras eram colocadas no Index, lista das obras proibidas. Se a leitura fosse permitida, a obra recebia a chancela

Nihil obstat (nada obsta), podendo ser divulgada. Quando consideravam o caso muito grave, o próprio autor era julgado.

Foi trágico o desfecho do processo contra Giordano Bruno (séc. XVI) da infinitude do universo e por concebê-lo não como um sistema rígido de seres, articulados em uma ordem dada desde a eternidade, mas como um conjunto que se transforma continuamente.

Foi talvez a lembrança ainda recente desse acontecimento que tenha levado Galileu

a abjurar, temendo o mesmo destino de Bruno.

2 Ler a esse respeito o interessante romance de Umberto Eco, O nome da rosa, centrado nas contradições do período.

Exercícios

1. Por que a Idade Média, tal como a Antiguidade grega, d
2. Quais são as exceções que se contrapõem ao pensamento
3. Quais são as principais características da física e da
4. Explique o significado do texto a seguir:

"Digo a meus ouvintes: eis o que diz Aristóteles; eis o que afirmo a reconhecer que minhas asserções são dignas de crédito, visto não procederem de mim, mas das mais insignes autoridades na matéria, que falam por mim... Se se trata, porém, de idéias brotadas de minha cabeça e que não se encontram nas minhas

compilações, eu as abandono logo, como suspeitas de erro, ou as deixo de lado até que caduquem e desapareçam antes de ver a luz do dia." (Declaração de um professor da

Universidade de Pisa, no séc. XVI, segundo Laloup.)

5. Leia o texto complementar de Santo Tomás e responda:

- a) Quais os conceitos da metafísica aristotélica que se encontram no texto?
- b) Como, a partir desse texto, podemos afirmar que permanece a vinculação entre filosofia e

ciência na Idade Média?

Texto complementar

Deus é imóvel

5. Daqui se infere ser necessário que o Deus que põe em m

Com efeito, por ser a primeira causa motora, se Ele mesmo

fosse movido, sê-lo-ia ou por si mesmo ou por outro. Ora, Deus não pode ser posto em movimento por outra causa motora, pois neste caso

haveria, outra causa anterior

a Ele, com o que já não seria Ele a primeira causa motora. Se fosse movido por si mesmo, teoricamente isto poderia ocorrer de duas maneiras: ou sendo

Deus, sob o mesmo

aspecto, causa e efeito ao mesmo tempo, ou sendo Ele, sob um aspecto, causa de si mesmo, e, sob outro,

efeito.

Ora, a primeira hipótese não pode ocorrer, pois tudo o que é movido pelo passo que o que move está em ato (na qualidade de causa motora). Se Deus fosse sob um e mesmo aspecto causa e

efeito ao mesmo tempo, seria necessariamente potência e ato sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo, o

que é impossível.

Tampouco pode-se verificar a segunda hipótese acima apontada. Pois, se Deus fosse sob um aspecto causa motora, e sob outro efeito movido, já não seria a primeira causa em virtude de si mesmo. Ora, o

que é por si mesmo, é anterior ao que não o é. Logo, é necessário que a primeira causa motora seja

totalmente imóvel.

1. A mesma argumentação pode ser feita a partir das causas motoras e dos defeitos existentes no

universo criado. Com efeito, parece que todo o movimento procede de uma causa imóvel, a qual não é

movida segundo o mesmo tipo de movimento. Assim, observamos que os processos de alteração, de

geração e de corrupção verificados no reino criado inferior se reduzem ao corpo celeste (o Sol) como à

sua primeira causa motora, a qual por sua vez não é movida por nenhuma outra situada dentro da mesma

esfera, uma vez que não pode ser gerada, nem corrompida, nem alterada.
Conclui-se, portanto, necessariamente

que Aquele que constitui o princípio primário de todo movimento é totalmente imóvel.

(Santo Tomás de Aquino, Compêndio de teologia, Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 78.)

CAPÍTULO 14

A CIÊNCIA NA IDADE MODERNA

A revolução científica do século XVII

"O silêncio desses espaços infinitos me apavora."

(Pascal)

O silêncio de Pascal

os pensamentos estraçalhados de Pascal são a crise de uma consciência excepcional no limiar de uma nova era.

O místico Pascal contempla o céu estrelado numa vã espera de vozes.

O céu calou-se estamos sós no infinito.

deus nos abandonou.

"daquela estrela à outra

a noite se encarcera

em turbinosa vazia desmesura

daquela solidão dee estrela."

(leopardi via haroldo de campos: citação de versos do poeta italiano Leopardi através de uma recriação do poeta brasileiro Haroldo de

Campos.)

" nenhum ufo"2

no dose contact of the third kind3

a solidão "cósmica" de Pascal, é o pendant do vazio de sua classe social

cujas hegemonia está para terminar. Os germens da revolução francesa que vai derrubar a nobreza e colocara burguesia no poder já estão no

(Paulo Leminski in Folha de F Paulo, 27ju. 1985, Folha Ilustrada.)

Introdução

poeta Paulo Leminski (1944-1989) se refere entre outras coisas, à revolução

científica do século XVII, quando se deu a substituição da teoria geocêntrica, aceita durante mais de vinte séculos. A nova teoria heliocêntrica não retirou apenas

a Terra do centro do universo, mas também esfacelou uma construção estética que ordenava os espaços e hierarquizava o "mundo superior dos Céus" e o "mundo inferior

e corruptível da Terra". Galileu geometrizou o universo, igualando todos os espaços. Ao descobrir a ViaLáctea, contrapôs, a um mundo fechado e finito, a idéia da

infinitude do

céu. Por isso faz sentido a frase de Pascal: "O silencio desses espaços infinitos me

apavora.

A questão, no entanto, não é apenas científica. Se fosse, Galileu

Há algo mais que se quebra, além da ordem cósmica, e cujas causas são anteriores a esse período.

No Capítulo 12 (A ciência grega), vimos que o modo de produção e com a técnica. Isso se explica pela desvalorização do trabalho manual, ofício de escravos. Também na Idade Média a situação não é muito diferente, pois as classes

antagônicas são constituídas pelos senhores e servos da gleba: nobres guerreiros e servos laboriosos.

Ora, a situação se altera com o advento da nova classe comerciantes e servos que, com seu trabalho, compravam a liberdade e a de suas cidades, desobrigando-se da obediência aos senhores feudais.

Então, o valor do novo homem que surge se encontra não mais na fé. O modo de produção que começa a vigorar é o capitalista, e com ele se dá a superação dos valores medievais. A classe ociosa, opõe-se o valor do trabalho; à riqueza

baseada em terras, opõe-se o valor da moeda, dos metais preciosos, da produção manufatureira em crescimento, da procura de outras terras e mercados.

O renascimento científico deve ser compreendido, portanto, como já que, para o desenvolvimento da indústria, a burguesia necessitava de uma ciência que investigasse as forças da natureza para, dominando-as, usá-las em seu benefício.

A ciência não é mais a serva da teologia, deixa de ser um saber contemplativo, formal e finalista, para que,

indissoluvelmente ligada à técnica, possa servir à nova classe.

Reconhecido o terreno onde germinam as novas idéias, podemos compreender o feudal.

1. Características do pensamento moderno

Racionalismo

Desde o Renascimento, a religião, suporte do saber, vinha sofrendo com o questionamento da autoridade papal, o advento do protestantismo

e a conseqüente destruição da unidade religiosa. Ao critério da fé e da revelação,

o homem

moderno opõe o poder exclusivo da razão de discernir, distinguir e comparar.

Ao dogmatismo opõe a possibilidade da dúvida. Desenvolvendo a mentalidade crítica, questiona a

autoridade da Igreja e o saber aristotélico. Assume uma atitude polêmica

perante a tradição. Só a razão é capaz de conhecer.

Antropocentrismo

Enquanto o pensamento medieval é predominantemente teocêntrico (figura de Deus), o homem moderno coloca a si próprio no centro dos interesses e decisões.

A laicização do saber, da moral, da política é estimulada pela capacidade de livre exame. Da mesma

forma que em ciência se aprende a ver com os próprios olhos, até na religião

os adeptos da Reforma defendem o acesso direto ao texto bíblico, cada

um tendo o direito de interpretá-lo.

Além disso, o homem moderno descobre sua subjetividade.

pensamento antigo e medieval parte da realidade inquestionada do objeto e da capacidade do

homem de conhecer, surge na Idade Moderna a preocupação com a "consciência da

consciência". O problema central é o problema do sujeito que conhece, não mais do objeto

conhecido.

Antes se perguntava: "Existe alguma coisa?", "Isto que existe, o que é?".

Agora o problema não é saber se as coisas são, se nós podemos eventualmente conhecer qualquer coisa. Das questões epistemológicas, isto é, relativas ao conhecimento, deriva a ênfase que marcará a filosofia daí por diante.

Saber ativo

Em oposição ao saber contemplativo dos antigos, surge uma nova realidade observada e submetida a experimentações. Da mesma forma, o saber deve

retornar ao mundo para transformá-lo. Dá-se a aliança da ciência com a técnica.

Além da participação de Galileu, Kepler e Newton, outros cientistas do século XVII: Mariotte estuda a elasticidade do gás; Von Guericke inventa a máquina pneumática e a máquina elétrica; Pascal e Torricelli criam o barômetro e revelam a

existência da pressão atmosférica; Huygens desenvolve a teoria ondulatória da luz.

Na matemática, surge a geometria analítica com Fermat e Descartes; o cálculo infinitesimal com Leibniz e Bernoulli.

A anatomia, desde o século XVI, tivera a contribuição de Vesúlio com um estudo mais objetivo da anatomia humana. Servet e Harvey explicam a circulação sanguínea, Hooke descreve a estrutura celular das plantas.

Nunca antes na história da humanidade o saber fora tão fecundo.

1. A física na Idade Moderna

"A filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continua a revelar-se. Mas para poder lê-lo, é necessário aprender a linguagem. Para de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras

figuras geométricas,

sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto."4

Galileu Galilei (1564-1642), italiano que lecionou nas universidades, desenvolveu a moderna concepção de ciência. Escreveu O ensaiador, Diálogo sobre os dois máximos sistemas do mundo, Discurso sobre duas novas ciências.

Sua vida foi marcada pela perseguição política e religiosa, por causa do heliocentrismo). Condenado pela Inquisição, foi obrigado a abjurar publicamente suas idéias, sendo confinado em prisão domiciliar a partir de

1633.

-
1. Galileu, O ensaiador, Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 119.

Em novembro de 1992 o Vaticano anunciou a reabilitação oficial de Galileu. Dentre os seis cientistas indicados pelo papa João

Paulo II para formar a comissão de estudos da Pontifícia Academia de Ciências encontrava-se o brasileiro Carlos Chagas Filho.

1. A astronomia: o heliocentrismo

Além da astronomia, a contribuição de Galileu foi importante tanto no campo da óptica geométrica (lentes, reflexão e refração da luz), termologia (foi o inventor do termômetro), hidrostática, óptica física (teoria sobre a natureza da luz) e principalmente no campo da dinâmica, da qual lançou os fundamentos.

Toda essa produção foi possível devido a vários fatores, alguns instrumentos como a luneta, relógio de água, Embora engenhocas um tanto primitivas, eram suficientes para mostrar o valor dado à observação, pela qual se torna possível abandonar a ciência

especulativa e caminhar em direção à construção de uma ciência ativa.

Em oposição ao discurso formal, Galileu solicita o testemunho do fenômenos. Enquanto a física antiga procura o "porquê" do fenômeno e o explica pelas qualidades inerentes aos corpos, Galileu se interessa pelo "como", o que supõe

a descrição quantitativa do fenômeno.

Tal descrição torna-se possível porque Galileu faz distinção entre (e movimento). As qualidades secundárias são subjetivas, enquanto as primárias são objetivas e passíveis de tratamento matemático, o que permitiu a

Galileu assimilar

o espaço físico ao espaço geométrico de Euclides.

Quanto ao movimento, Galileu desfez a diferença aristotélica e torna-se quantitativa.

Com isso, estabelece um corte entre as duas leituras do mundo, pois, onde Aristóteles via qualidades

(corpos pesados ou leves), Galileu descobre relações e funções.

Quando estuda Arquimedes e vê que as leis do equilíbrio dos corpos flutuantes são verdadeiras, destrói a teoria da

"gravidade" e "leveza" dos corpos. "Subir" e "descer"

não atestam mais a ordem imutável do mundo, a essência escondida das coisas. Por exemplo, onde está a "gravidade" da madeira quando mergulhada na água?

Torna-se "leve",

a ponto de só poder mover-se para baixo se for forçada. Ao explicar "como" os corpos caem (e não "por que" caem),

Galileu descobre a relação entre o tempo que um corpo leva para percorrer o

plano

inclinado e o espaço percorrido. Repetidas experiências confirmam as relações constantes e necessárias, donde decorre a lei da queda dos

corpos traduzida numa formula

geométrica.

No entanto, não podemos concluir diante de uma ciência puramente experimental e empírica. O procedimento de Galileu é sempre indutivo, não é sempre que

ele parte

dos fatos para as leis. Muitas vezes realiza experiências mentais", pelas quais

imagina situações impossíveis de verificar experimentalmente e tira conclusões desses

raciocínios.

O que dá validade científica aos processos intelectuais é que os resultados devem ser

submetidos à comprovação. Uma grande descoberta alcançada com esse método foi o princípio da

inércia, segundo o qual qualquer objeto não submetido à ação de uma força

permanece indefinidamente em repouso ou em movimento uniforme. Ora, isso não acontece de

fato, pois não é levado em conta o atrito, mas pode ser pensado como se ocorresse.

Galileu é um dos expoentes que marcam o surgimento dos novos tempos: a ciência

nacente não é resultado de simples evolução, mas surge de uma ruptura, da

adoção de uma

nova linguagem, sendo, portanto, o fruto de uma revolução científica. Embora na citação

do início deste item Galileu se refira à "filosofia" (esse saber universal), já começa aí o

processo de separação da ciência. Método, em grego, significa "caminho". E esse caminho,

Galileu o encontra na união da experimentação com a matemática.

1. A astronomia: o heliocentrismo

Já vimos que o geocentrismo se encontra nas obras de Aristóteles, posteriormente

completadas por Ptolomeu (séc. II). Essa concepção perdura durante toda a Antiguidade e

Idade Média: o universo medieval era geocêntrico, finito, esférico, hierarquizado.

O geocentrismo é de certa forma confirmado pelo senso comum: percebemos que a

Terra é imóvel e que o Sol gira à sua volta.

Isto é confirmado no próprio texto bíblico: em uma passagem das Escrituras, Deus fez parar

o Sol para que o povo eleito continuasse a luta enquanto ainda houvesse luz, o que sugere o

Sol em movimento e a Terra fixa.

(Gravura)

O universo aristotélico.

Terra - Lua - Mercúrio - Vênus - Sol - Marte - Júpiter - Saturno -

Esfera das Estrelas Fixas

Modelo copernicano

Sol - Mercúrio - Vênus - Terra - Marte - Júpiter - Saturno - Estrelas

Fixas

o modelo copernicano subverte a ordem hierarquizada do cosmos aristotélico, mas

continua ainda com alguns Conceitos antigos, como as órbitas circulares e o céu das estrelas fixas, o

qual completa um universo finito.

Foi no século XVI que o monge Nicolau Copérnico (1473-1543) publicou a obra onde

apresenta a teoria heliocêntrica. Apresentada timidamente como simples hipótese, talvez por temor à Inquisição, a teoria teve pouca

repercussão e foi praticamente ignorada até o início do século XVII, quando ressurgiu como

uma bomba com Galileu e Kepler.

O telescópio, invenção talvez dos holandeses, proporcionou a Galileu descobertas

valiosas: para além das estrelas fixas, haveria ainda infindáveis mundos; a superfície da Lua

era rugosa e irregular; o Sol tinha manchas, e Júpiter tinha quatro luas! Mas como isso era

possível? Vimos que para os aristotélicos o universo era finito, a Lua e o Sol eram

compostos de uma substância incorruptível e perfeita, e Júpiter, engastado em uma esfera de

cristal, não podia ter luas que a perfurassem...

reconhecer a incorruptibilidade do mundo supralunar: desfaz portanto a diferença entre Terra e Céus. Além disso, à consciência medieval de um "mundo fechado", é

contraposta

a concepção moderna do "universo infinito". Vimos que a noção de infinitude era um atributo divino e Giordano Bruno já pagara demasiadamente caro por essa ousadia.

O forte impacto dessas novidades desencadeou inúmeras polêmicas

Que idéias tão terríveis são essas, que tanto ameaçam a ordem estabelecida e que merecem ser sufocadas?

1. As transformações produzidas pelas novas ciências

Secularização da consciência

Na nova ciência não há lugar para explicações que recorram à causa das esferas celestes era impulsionado pelo Primeiro Motor Imóvel, ou seja, por Deus.

A ciência é secularizada, laicizada, o que significa justamente buscando a verdade científica independentemente das verdades reveladas.

Descentralização do cosmos

O sistema geocêntrico era um todo centralizado, finito, ordenado nem o Sol é o centro. Dá-se, portanto, uma subversão da ordem e, conseqüentemente, uma ansiedade no homem, que descobre o seu mundo transformado em "poeira cósmica",

a Terra como simples planeta, um grão de areia perdido na imensidade do espaço

infinito. Mais: o sistema solar é apenas um dos muitos sistemas que compõem o Céu.

O que passa a ser questionado não é apenas o lugar do mundo, mas o lugar do homem no mundo.

Geometrização do espaço

Para os antigos, sempre houve uma mística do lugar. Havia lugares

Hades (Inferno); Olimpo (lugar dos deuses); o espaço sagrado do templo; o espaço público da ágora (praça pública); o gineceu (lugar da mulher). Da mesma forma, havia

na física aristotélica a teoria do lugar natural e, na astronomia, a divisão entre mundo sublunar e mundo supralunar, constituídos de diferentes naturezas e hierarquicamente

situados (um inferior e outro superior).

Para a nova astronomia, o espaço é desmistificado, dessacralizado do espaço, o que significa que o espaço heterogêneo dos lugares naturais se torna homogêneo, é despojado das qualidades e passa a ser quantitativo, mensurável (isto

é, pode ser medido). Podemos dizer, portanto, que há "democratização" do espaço, pois todos - espaços passam a ser equivalentes,

iguais, nenhum sendo superior ao outro.

Não havendo mais diferença entre qualidades dos espaços celestes terrestres, é possível admitir que as leis da física são também da mesma natureza que

as leis da astronomia.

Mecanicismo

A ciência moderna compara a natureza

e o próprio homem a uma máquina, um conjunto de mecanismos cujas leis precisam

ser descobertas. As explicações são baseadas num esquema mecânico cujo modelo

preferido é o relógio.

Ficam excluídas da ciência todas as considerações a respeito do perfeição, do sentido e do fim. Isto é, as causas formais, finais, tão caras à filosofia

antiga, não servem para explicar: apenas as causas eficientes utilizadas nas explicações científicas.

Exercícios

1. Relacione o surgimento da ciência moderna com a emergência da
2. Considerando as três características atribuídas ao pen
elas valem para a ciência e também para outros setores como, por exemplo, a religião, as artes ou a política.
3. Faça um esquema comparativo da física de Aristóteles c
4. Faça um esquema comparativo da astronomia de Ptolomeu
Galileu.
5. Enquanto Galileu pergunta como a pedra cai, Aristótele
6. O que significa dizer que Galileu abandonou o mito do
geometrização do espaço?

1. "Interrogado por Napoleão sobre o papel reservado a Deus em seu sistema do
mundo, Laplace, que cem anos depois de Newton conferido à Nova Cosmologia sua perfeição

ativa, respondeu: Senhor, eu não tenho necessidade dessa hipótese. Mas não era o Sistema Laplace, era o mundo ali descrito que não

tinha mais necessidade da hipótese de Deus". (Koyré)

. Qual é a característica da ciência nova que corresponde à frase de Laplace?

Os textos dos exercícios 8 a 11 foram extraídos da peça A vida Brecht. Leia-os e responda às perguntas.

8. "(...) o tempo antigo passou,

tempo novo. Logo a humanidade terá uma idéia clara de sua casa, do corpo celeste que ela habita.

O que está nos livros antigos não lhe basta mais.

agora nós queremos ver com nossos olhos." (fala de Galileu)

a) Quais são os "livros antigos" referidos no texto?

b) Qual é a relação entre fé e dúvida na nova mentalidade?

c) Explique o sentido de "nós queremos ver com nossos olhos".

9. Galileu tenta convencer um filósofo a ver pelo telescópio

Júpiter, cuja constatação contraria o sistema ptolomaico. O filósofo

responde: "Senhor Galileu, antes de aplicarmos o seu famoso telescópio, gostaríamos de

ter o prazer de uma disputa. Assunto: é possível que tais planetas existam?".

a) A que escola deveria pertencer esse filósofo, considerando o

b) Em que medida a proposta do filósofo se contrapõe à de Galileu

c) Qual é o significado amplo do telescópio no contexto da ciência

10. "Terra e Céu, para eles, não existem mais. A Terra, porque é

alto

e o baixo, entre o eterno e o perecível. Que nós perecemos. sabemos bem. Mas o que eles dizem é que também o Céu perece." (fala do Monge)

a) Qual é o significado de "alto e baixo, eterno e perecível"?

b) Em que medida a nova astronomia "democratiza" o espaço

11. "Eu sustento que a única finalidade da ciência está e dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais." (fala de Galileu)

Análise a dimensão política da ciência a partir da fala de Galil
À natureza não se vence, senão quando se lhe obedece.

Os descobrimentos até agora feitos de tal modo são que quase só nos estratos mais profundos e distantes da natureza, é necessário que tanto as noções quanto axiomas sejam abstraídos das coisas por um método mais adequado e seguro, e que o trabalho do intelecto torne melhor e mais correto.

CAPÍTULO 15

O MÉTODO CIENTÍFICO

À natureza não se vence, senão quando se lhe obedece.

Os descobrimentos até agora feitos de tal modo são que quase só nos estratos mais profundos e distantes da

natureza, é necessário que tanto as noções quanto axiomas sejam abstraídos das coisas por um método mais adequado e seguro, e que o trabalho do intelecto torne melhor

e mais correto.

(francis Bacon)

1.Introdução

Etimologicamente, método vem de meta, "ao longo de", e o dos, "v ciência, ou para alcançar um fim determinado.

Sempre que nos propomos a fazer alguma coisa, como, por exemplo, nos organizamos, a fim de que o acontecimento tenha o sucesso esperado. Quando fazemos com freqüência a mesma coisa, desenvolvemos artifícios novos e formas que

facilitam nosso trabalho.

Essas antecipações mentais são formas de racionalização do agir, Porém, nem sempre esses processos são muito claramente percebidos, pois na vida cotidiana não paramos para pensar a respeito deles. Vamos "pegando o jeito" e melhorando

nossa habilidade, e só nos preocupamos em mudar quando os processos usados até então começam a se mostrar inadequados.

1. O método na Idade Moderna

Embora o método tenha sido sempre objeto de discussão na filosofia pelos filósofos do século XVII. Até então a filosofia se preocupava com o problema do ser, mas na Idade Moderna se volta para questões do conhecer. Daí surgem os temas privilegiados de epistemologia, ou seja, a discussão a respeito da crítica da ciência e do conhecimento.

Nessa "virada" temática, dá-se também outra inversão: enquanto o filósofo antigo não

questiona a realidade do mundo, Descartes, seguindo rigorosamente o caminho, o método por

ele estabelecido, começa duvidando de tudo, até reconhecer como indubitável o ser do

pensamento. É na descoberta da subjetividade que residem as variações do novo tema. O filósofo

passa a se preocupar com o sujeito cognoscente (o sujeito que conhece) mais do que com o

objeto conhecido (ver a Terceira Parte do Capítulo 10 - Teoria do conhecimento).

É tão importante a questão do método no século XVII que Descartes a coloca como

ponto de partida do seu filosofar. A dúvida metódica é um artifício com que demole todo

o edifício construído e pretende recomeçar tudo de novo. O método adquire um sentido

de invenção e descoberta, e não mais uma possibilidade de demonstração organizada do que

já é sabido.

Outros filósofos, além de Descartes, também se dedicam ao problema do método, tais como Bacon, Locke, Hume, Spinoza.

O método filosófico passa por uma transformação e até hoje não cessa de desencadear as mais diversas polêmicas. O próprio Galileu, também no século XVII,

teoriza sobre o mundo científico, que significou uma verdadeira revolução: é justamente naquele momento que a ciência rompe com a filosofia e sai em busca do seu

próprio caminho.

1. A classificação das ciências

A experimentação e a matematização da física serviram de modelo para se tornando autônomas, o que despertou a necessidade de classificação das ciências. Vários filósofos se propuseram à tarefa, mas o resultado foi uma enorme variação, o que se compreende pelo fato de as ciências estarem em contínua

transformação e se situarem às vezes em limites não muito bem definidos. Embora ajudem a sistematizar e organizar, as classificações são sempre provisórias e insuficientes.

Francis Bacon, no século XVII, classificou as ciências com base (poesia).

No século XIX, tornou-se famosa a classificação de Comte, que ad as mais concretas:

matemática, mecânica, física, química, biologia e sociologia.

Wundt (final do séc. XIX, começo do XX) dividiu as ciências em f

(matemática) e reais (ciências da natureza e ciências do espírito).

De maneira geral, sem preocupações com as divisões clássicas, com a química, biologia, geologia, geografia física etc.) e as ciências humanas (psicologia, sociologia, economia, história, geografia humana, linguística etc.).

4.O método experimental

É difícil a abordagem do tema do método experimental, pois precisamos por questão de generalização ou didática, explicamos as etapas do método científico, mas no processo mesmo de execução temos de reconhecer que nunca ocorre tal como é descrito.

Começamos pelo exemplo do procedimento levado a efeito por Claude Bernard, médico e fisiólogo francês conhecido não só por suas experiências em biologia, mas também pelas reflexões sobre o método experimental.

Claude Bernard percebeu que coelhos trazidos do mercado têm a urina os coelhos têm a urina turva e alcalina, por serem herbívoros, supôs que aqueles coelhos não se alimentavam há muito tempo e se transformaram pela abstinência em

verdadeiros carnívoros, vivendo do seu próprio sangue (hipótese). Fez variar o regime alimentar dos coelhos, dando a alguns alimentação herbívora e a outros, carnívora,

repetiu a experiência com um cavalo (controle experimental). No final, enunciou que "em jejum todos os animais se alimentam de carne" (generalização).

Vamos explicar, agora, cada uma das etapas do método experimental

Observação

A todo momento estamos observando; mas a observação comum é com

observação científica é rigorosa, precisa, metódica e, portanto, orientada para a explicação dos fatos.

Há situações em que apenas nossos sentidos são suficientes para (telescópio, sismógrafo, balança, termômetro) que emprestam maior rigor à observação, como também a

tornam mais objetiva, porque quantificam o que está sendo observado.

É mais rigorosa a indicação da temperatura no termômetro do que a percebida pela nossa pele.

Aqui já temos de considerar a primeira dificuldade. A observação as inúmeras informações caoticamente recebidas e privilegiamos alguns aspectos. Por exemplo, duas pessoas diferentes observando a mesma paisagem selecionam aspectos

diferentes, pois o olhar não é uma câmara fotográfica que tudo

registra, mas há uma intenção que dirige o olhar, o que significa que o olhar tende para

alguma coisa.

Quando se trata do olhar de um cientista, este se acha impregnado ao microscópio, quando muito percebemos cores e formas. Precisamos estar de posse de

uma teoria para "aprender a ver. Em outras palavras, ao fazer a coleta de dados, o cientista seleciona os mais

relevantes para o encaminhamento da solução do problema. O critério para a seleção

dos fatos obviamente já orienta a observação.

Há um vício decorrente da posição "empírica, baseado na crença na parte do sensível, da observação dos fatos. Ora, pelo que consideramos

anteriormente, os fatos não são o dado primeiro. Como dizem os franceses, les faits soni fait (os fatos são feitos), os fatos são o resultado da nossa observação interpretativa.

Além disso, não é sempre que os dados aí estão, bastando que os que a água não subia a mais de 18 braças, ou seja, 10,33 m. Torricelli, chamado para elucidar o problema, explicou-o pela existência da pressão atmosférica. Esse

fato, isto é, a pressão, não "saltava à vista" das pessoas que observavam perplexas o fenômeno. Ele quase teve de "ser inventado" pelo gênio de Torricelli...

Hipótese

Hipótese vem de hypó, "debaixo de", "sob", e thésis, "proposição" é a explicação provisória dos fenômenos observados. É a interpretação antecipada que deverá ser ou não confirmada. Diante da interrogação sugerida pelos fatos,

a hipótese propõe uma solução. Portanto, o papel da hipótese é reorganizar os fatos de acordo com uma ordem e tentar explicá-los provisoriamente.

E qual é a fonte da hipótese? A formulação da hipótese não resulta de uma lógica da invenção. Nesta etapa do

método científico, o cientista pode ser comparado ao artista inspirado

que descobre uma nova forma de expressão. Muitas vezes a descoberta se faz por

insight ("iluminação súbita"), cujo exemplo clássico é o de Arquimedes que,

ao descobrir a lei do empuxo, teria gritado "Eureca" (em grego, "descobri"). Nesse sentido, a hipótese pode ser entendida como um processo

heurístico (de descoberta).

Mas com isso não se deve mistificar a formulação da hipótese abruptamente a intuição

adivinhadora, ela foi precedida e preparada por longa elaboração racional, da qual a descoberta foi apenas o momento culminante.

É o próprio Newton quem diz: "Se minhas pesquisas produziram alguns resultados úteis, eles não são devidos senão ao trabalho, a um pensamento paciente... Eu tinha o objeto de minha pesquisa constantemente diante de mim e esperava que os primeiros clarões começassem a aparecer, lentamente, pouco a pouco, até que eles se transformavam em uma claridade plena e total".

Há vários tipos de raciocínio usados pelo cientista ao formular a indução - na experiência da queda dos corpos, Galileu supõe que de casos diferentes e particulares.

o raciocínio hipotético-dedutivo - quando é formulada uma verifica-se as consequências que são tiradas dela; por exemplo, uma das consequências

da hipótese da teoria da relatividade de Einstein era o desvio da luz por um campo gravitacional; isso pôde ser verificado em 1905, por ocasião de um eclipse.

a analogia - quando são estabelecidas relações de semelhança entre solar.

A hipótese, para ser científica, deve ser passível de verificação
O astrônomo Le Verrier, observando o percurso de Urano, percebeu planeta ainda desconhecido. Com base nas leis de Newton, Le Verrier, - calculou

não só a massa como a distância do suposto planeta, o que permitiu a outro astrônomo,

chamado Galileu, descobrir a existência de Netuno.

No caso da astronomia, basta realizar nova observação orientada por meio de experimentação.

Experimentação

Enquanto a observação é o estudo dos fenômenos tais como se aparecem pelo experimentador. Trata-se de observação provocada para fim de controle da hipótese. Segundo Cuvier, zoólogo do século XIX, enquanto "o observador escuta a natureza, o experimentador a interroga e a força a se desvendar".

Já nos referimos à experimentação feita por Claude Bernard com o objetivo de testar a hipótese da imunização de um animal vacinado com bactérias enfraquecidas de carbúnculo. Separou sessenta ovelhas da seguinte maneira: em dez não aplicou

nenhum tratamento; vacinou 25 inoculando após alguns dias uma cultura contaminada pelo bacilo do carbúnculo; não vacinou as 25 restantes, em que também inoculou

a cultura contaminada. Depois de algum tempo, Pasteur verificou que as 25

ovelhas não vacinadas morreram, as 25 vacinadas sobreviveram e, comparando-as com as dez

que não tinham sido submetidas a tratamento, verificou que aquelas não sofreram alteração de saúde.

A importância da experimentação é que ela proporciona condições para tornar mais lentos os fenômenos muito rápidos (o plano inclinado de Galileu para estudar a queda dos corpos); simplificar os fenômenos (manter constante a

pressão

dos gases para estudar a variação de volume).

Nem sempre a experimentação é simples ou viável. É impossível obter a hipótese.

No entanto, quando a experimentação não confirma a hipótese, o trabalho é valioso, na medida em que unifica e torna inteligível um grande número de dados.

"A.-J. Cuvillier, Pequeno vocabulário da língua filosófica.

Generalização

Aristóteles já dizia que não existe ciência senão do geral. As leis são gerais ou normas.

Se na fase da experimentação analisamos as variações dos fenômenos, vemos sempre que a temperatura de um gás aumentar, mantida a mesma pressão, o seu volume aumentará.

Podemos dizer que foi descoberta a relação constante e necessária entre a temperatura e o volume. A temperatura aumentará, e não poderá deixar de aumentar. Não se trata de uma contingência (algo que pode ou não ocorrer), mas de um determinismo. Segundo Cuvillier, "o determinismo

é um princípio da ciência experimental segundo o qual existem relações necessárias (leis) entre os fenômenos, de tal sorte que todo fenômeno é rigorosamente

condicionado pelos que o precedem ou acompanham".

As leis podem ser de dois tipos: as generalizações empíricas e as deduzidas de princípios gerais.

Generalizações empíricas

As generalizações empíricas (ou leis particulares) são inferidas particulares. Por exemplo, "o calor dilata os corpos", "os mamíferos produzem a sua própria vitamina E", "o fígado tem função glicogênica" ou, ainda, a lei da queda dos corpos, a lei dos gases *etc.*

Mas nem sempre é possível atingir uma regularidade rigorosa. Daí

Leis teóricas

As leis teóricas ou teorias propriamente ditas são eis mais gera perspectiva mais ampla.

A primeira grande teoria de que se tem notícia na moderna ciência é a da gravitação universal de Newton, que engloba as leis planetárias de Kepler e a "lei da queda dos corpos de Galileu. A importância da teoria já se nota nesse exemplo, pois Newton reúne leis referentes a domínios distintos numa só explicação. Daí o caráter coordenador da teoria.

Além disso, a teoria da gravitação universal permite calcular a (de descoberta). Portanto, a teoria não só coordena o saber adquirido, articulando leis isoladas, mas é fecunda, possibilitando novas investigações.

Outro exemplo é o da teoria cinética dos gases: "A finalidade de comportamento dos gases sob várias condições. Antes de a teoria ser formulada, várias generalizações sobre o comportamento dos gases já tinham sido propostas e confirmadas. Viu-se então que essas generalizações poderiam ser logicamente

relacionadas e que as regularidades nelas expressas eram passíveis de explicação, caso se admitisse que um gás é realmente um aglomerado de partículas minúsculas

e colidentes, deslocando-se a altas velocidades em linhas retas. Com base nestes

pressupostos, somados às leis do movimento de Newton, foram deduzidas certas generalizações

conhecidas acerca do comportamento dos gases, incluindo as leis de Boyle e de Charles, que descrevem como os gases reagem a várias temperaturas e pressões. Mas os

cientistas fizeram também diversas deduções sobre algumas propriedades até então insuspeitadas dos gases, como viscosidade, difusão e contigação de calor. Portanto,

como todas as boas teorias, a teoria cinética não só organizou e explicou um certo número de leis conhecidas mas também produziu novas generalizações

testáveis. 2

Consideremos ainda um outro exemplo:

o da teoria da luz. Newton admite a emissão corpuscular da luz, enquanto Fresnel, no

século XIX, desenvolve a teoria ondulatória. Qual teoria é a verdadeira? Com esta pergunta, colocamos mal o problema. A teoria corpuscular explica fenômenos como

a refração

e a reflexão da luz, enquanto a teoria ondulatória explica fenômenos de interferência de ondas.

Outro exemplo: a teoria da relatividade de Einstein teria superado diferentes daqueles utilizados por Newton, como também chega a conclusões diferentes. Isso não significa que a teoria newtoniana tenha se tornado ultrapassada, mas

sim que é preciso reconhecer os limites dela, já que a sua aplicação se acha restrita a determinado setor da realidade. Ou seja, quando se trata do microcosmo (interior

do átomo) ou do macrocosmo (universo), a teoria newtoniana se mostra

insuficiente, havendo necessidade de se recorrer à teoria da relatividade.

2 c, E. Kneeller, A ciência como atividade humana, p. 136.

1. O conceito de modelo

O que observamos no sucessivo alternar de teorias que se completam e desmentem, ou que são ultrapassadas, é que a ciência não é um conhecimento certo,

infalível", nem as teorias são o "reflexo" do real.

Na controvérsia entre os filósofos da ciência, a teoria científica é vista como construção da razão, como hipótese de trabalho, como função pragmática que torna possível a "previsão e a ação, como descrição de relações entre elementos sem referência ao

conteúdo dos fenômenos. Interessa-nos aqui mostrar que a discussão dos fundamentos

da ciência é atual e que esta se faz por meio de um longo processo que não é linear, mas cheio de

contradições.

O conceito de modelo também não é claramente estabelecido. Pode ser uma maquete, um esboço, ou até uma teoria. As vezes faz-se distinção entre modelo

e teoria, mostrando como a teoria pode ter diversos modelos ou pode "modelar-se" de várias maneiras. Assim, tanto podemos considerar o modelo mecânico de Newton,

como o modelo de Plolomeu, o modelo da seleção natural de Darwin ou o modelo atômico.

Um modelo apresentado inicialmente como algo hipotético - o cora
Mas, afinal, o que é modelo? Segundo o professor norte-americano
uma classificação:

"Um modelo representacional é uma representação física tridimens
um modelo de museu do sistema solar, um modelo de engenharia de uma
represa ou de um avião, ou um modelo de bolas coloridas da estrutura de uma
molécula. Uma variante é o modelo análogo, o qual representa
um objeto sem produzir
as suas propriedades, como no caso de um circuito elétrico usado como modelo
de um sistema acústico.

"Um modelo teórico é um conjunto de pressupostos sobre um objeto
São exemplos o modelo de bola de bilhar (partícula esférica) de um gás
(proposto

originalmente pelo físico escocês John James Waterston, um exímio jogador de
bilhar!),

o modelo corpuscular da luz (segundo o qual a luz consiste em partículas em
movimento) e o modelo helicoidal da molécula de DNA de WatsonCrick. Um
modelo teórico

pode expressar-se na forma de equações matemáticas, mas deve ser distinguido
de quaisquer diagramas, desenhos ou construções físicas usadas para ilustrá-lo.
Assim,

o modelo teórico de WatsonCrick é distinto dos modelos representacionais que
os dois cientistas construíram no decurso da realização do primeiro. Um modelo
teórico

atribui ao objeto ou sistema que descreve uma estrutura ou mecanismo interno
que é responsável por certas propriedades desse objeto ou sistema. Por exemplo,
o modelo

corpuscular da luz atribui uma estrutura particulada à luz a fim de explicar propriedades tais como a reflexão e a refração da luz."3

1. As ciências após o século XVII

A descoberta do método científico no século XVII aumentou a confiança nos segredos da natureza.³ A confiança baseia-se na profunda crença na ordem e racionalidade do mundo.

**

3p E Kncfler, A ciência como atividade humana, p. 139.

O método científico se aperfeiçoa, se universaliza e serve de modelo da "filosofia natural". É interessante notar que a ligação inicial entre filosofia e ciência persistiu por muito tempo na nomenclatura dos cientistas. Não raro se encontravam livros com o título "filosofia natural" para se referir à física. Até hoje há reminiscências na classificação das "Faculdades de Filosofia", onde se estuda não só a própria filosofia, mas também matemática, física, química *etc.* Além disso, a graduação do aluno que faz tese de doutoramento em qualquer área é conhecida

como PhD, ou seja, *Philosophiae Doctor*.

Vejamos o desenrolar de algumas das ciências particulares.

A síntese newtoniana

Os resultados obtidos por Galileu na física e na astronomia, bem como os de Newton (1642-1727) a elaboração do primeiro exemplo de teoria científica encontrado na ciência moderna: a teoria da gravitação universal. As leis formuladas anteriormente

referiam-se apenas a aspectos particulares dos fenômenos considerados. O sistema newtoniano cobre a totalidade de um certo setor da realidade e, portanto, realiza

a maior síntese científica sobre a natureza do mundo físico.

Segundo o professor Maurício Rocha e Silva, "em determinado momento de todos os corpos no universo, e o seu gênio foi capaz de deduzir dessa simples possibilidade as leis da gravitação universal, segundo as quais a força de atração é proporcional às massas e inversamente proporcional ao quadrado das distâncias. Com essa formulação básica e os postulados da inércia, pôde derivar um novo sistema

do universo que encerrou, para o mundo científico, a antiga controvérsia de saber se o sistema de Copérnico era

melhor ou mais verdadeiro do que o de Ptolomeu, se Aristóteles tinha mais razão do que Galileu ou se a condenação deste último foi justa ou injusta. As leis do universo

podiam ser deduzidas de um punhado de axiomas ou postulados de maneira análoga à geometria de Euclides ou à estática de Arquimedes".⁴

A química

Vimos no Capítulo 13 (A ciência medieval) que os alquimistas reu a alquimia não se transformou propriamente em ciência. Usava-se uma linguagem obscura, cheia de metáforas e alegorias, compreensível apenas para os "iniciados" e adeptos.

No século xvii, Boyle deu o primeiro exemplo do ideal moderno de XVIII que a química se tomou ciência no sentido moderno da palavra.

Lavoisier, experimentador rigoroso, tomou "emprestada" a metodologia tornando a química uma ciência de medidas precisas. Serviu-se do termômetro e do barômetro, aperfeiçoou vários tipos de balança de precisão, e foi a constância dos

pesos que lhe possibilitou a intuição genial: "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma" (princípio da conservação da massa). Pela análise das

substâncias, descobriu também que era falsa a teoria clássica dos quatro elementos. Com Laplace estudou o calor e inventou o

calorímetro. Deu o golpe de morte na

teoria do flogístico, fluido imaginado pelos químicos para explicar o fenômeno da combustão, revelando de maneira científica e racional as propriedades do oxigênio

nesse processo.

Outros como Dalton, Gay-Lussac e Berzelius completaram o trabalho

A biologia

(gravura)

O recurso ao método experimental e às medidas rigorosas transforma a química numa ciência. Lavoisier, em seu laboratório,

realiza uma experiência sobre respiração.

As ciências biológicas e a medicina desenvolveram-se no século XVIII

orgânica. O primeiro a desenvolver uma hipótese sistemática foi Lamarck, cuja teoria foi superada por Darwin com uma hipótese mais científica, publicada em 1839

na famosa

obra A origem das espécies, na qual considera a variação e a seleção natural os fatores principais na origem de novas espécies. A teoria de Darwin refere-se não

só aos animais, mas também ao homem. Na sua obra seguinte, tenta mostrar que a raça humana descende originalmente de algum ancestral simiesco há muito extinto, provavelmente

antepassado também dos antropóides existentes.

A hipótese darwiniana foi elaborada e melhorada por diversos biólogos repentinos (mutações). As descobertas de De Vries basearam-se nas leis da hereditariedade descobertas anteriormente por Mendel (genética).

Em 1865, num memorável ataque à teoria da geração espontânea, as consequências foram fecundas para

o progresso da medicina, devido à descoberta de que as moléstias são produzidas por germes.

Foi Claude Bernard que, na metade do século XIX, fez da fisiologia

Em resumo, a moderna biologia quis calcar seus princípios e métodos matemática e sobretudo a compreensão do determinismo físico-químico foram importantes para o desenvolvimento das ciências biológicas.

1. M. Rocha e Silva, A evolução do pensamento científico, p. 98.

As ciências humanas

No século XIX o desenvolvimento das ciências da natureza atinge tornassem autônomas, desligadas do pensamento filosófico.

Veremos no Capítulo 16 (As ciências humanas) como a procura do que é

negado o caráter de cientificidade, isto é, não são consideradas ciências (é nisto que consiste o chamado veto positivista); ora porque só são considerados científicos

os métodos calcados nas ciências da natureza (tendência naturalista);

ora porque elas procuram o próprio método, distinto de tudo o que já tinha sido visto até então, tendo em vista a especificidade do seu objeto (tendência humanista).

A primeira ciência humana a se desenvolver foi a economia, que a tinha sido, com a teoria mercantilista, uma simples constatação da existência de certas relações de troca entre indivíduos e países.

No século XVIII, Adam Smith (1723-1790) foi o primeiro a explicar o funcionamento de um sistema econômico em termos matemáticos, embora com muitos conceitos ainda obscuros. Outro teórico da economia foi David Ricardo (1772-1823). Malthus

(1766-1834) introduziu a dinâmica do crescimento da população na análise econômica.

Defendendo a lei de que "a população cresce em progressão geométrica aritmética", Malthus mostrou que o equilíbrio econômico não é atingido facilmente

como queria o otimismo do sistema de mercados, mas exigia restrições violentas da

população, das quais se encarregava a própria natureza humana, por meio de guerras,

pestes. Com Karl Marx (1818-1883) a economia se torna rigorosa pela precisão introduzida em seus conceitos e por considerar a explicação científica do conjunto dos fatos

humanos e não apenas dos fenômenos econômicos.

Outra ciência humana que surgiu no século XIX foi a sociologia. Augusto Comte (1798-1857), que designa, por essa palavra, uma ciência positiva: a

ciência dos fatos sociais, isto é, das instituições, dos costumes, das crenças

coletivas.

Durkheim (1858-1917) quis fazer da sociologia uma disciplina objetiva, colocando como regra fundamental do método sociológico a consideração

dos fatos sociais como coisas. Devido às dificuldades da experimentação,

utiliza-se amplamente do método estatístico. Max Weber (1864-1920), mesmo sem eliminar o estudo das causas e o rigor na coleta dos dados e no tratamento dos fatos,

ênfatisa a necessidade de se usar o método da "compreensão", em oposição ao critério da "explicação", típico das ciências da natureza. Também na sociologia foi importante

a contribuição de Marx, com a análise do modo de produção.

Outras ciências humanas como a etnologia, a geografia, a história ampla no Capítulo 16.

1. A crise da ciência no final do século XIX

Até o século XIX o desenvolvimento da ciência tinha sido tão grande. Filosofias como o positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer traduziam o otimismo generalizado que exaltava a capacidade de transformação humana em direção

a um mundo melhor. A educação, antes baseada exclusivamente na cultura humanística, é reformulada visando a inclusão dos estudos científicos no currículo escolar,

a fim de atender a demanda de técnicos e cientistas decorrente do avanço da tecnologia.

No entanto, ainda no século XIX e no início do século XX, alguma crise da ciência moderna. São elas as geometrias nãoeuclidianas e a física não-newtoniana. Vejamos de que se trata.

As geometrias nãoeuclidianas

Os postulados da geometria plana que conhecemos foram estabelecidos "por um ponto do plano pode-se traçar uma e só uma paralela a uma reta do plano". Ora, em 1826

o matemático russo Lobatchevski construiu um modelo de geometria que partia de outro enunciado segundo o qual "por um ponto do plano pode-se traçar duas paralelas a uma reta do plano". Em 1854, o matemático alemão Riemann usou um

modelo em que "por um ponto do plano não se pode traçar nenhuma paralela a uma reta do plano".

Os novos modelos não anulavam a geometria euclidiana, mas faziam consequência, seria preciso repensar a "verdade" na matemática, que dependia do sistema de axiomas inicialmente colocados e a partir do qual poderiam ser construídas

geometrias igualmente coerentes e rigorosas.

Esses esquemas operacionais diferentes podem se revelar de grande importância euclidiana, mas se traduz muito bem na proposta de Riemann. É fácil imaginar o impacto das novas descobertas para o homem, cujo universo de percepção imediata é

euclidiano...

A física não-newtoniana

Como dissemos, até o século XIX, em pleno cientificismo, o homem adequar-se perfeitamente à realidade percebida pelos sentidos. A física newtoniana era considerada a imagem absolutamente verdadeira do mundo, tendo como pressupostos

o mecanicismo e o determinismo. Se pudéssemos conhecer as posições e os

impulsos das partículas materiais num dado momento, poderíamos, segundo a hipótese de Laplace,

deduzir pelo cálculo toda evolução posterior do mundo.

Na década de 1920, no entanto, descobertas de De Broglie no campo quântica, considerando o elétron um sistema ondulatório, permitiram a Heisenberg

a formulação do princípio da incerteza. Segundo esse princípio, é impossível determinar simultaneamente e com igual precisão a localização e a velocidade de um elétron.

O aparecimento desse "irracionalismo" na ciência foi um duro golpe

1. As novas orientações na
epistemologia contemporânea

Não só esses fatos desencadearam uma crise na ciência. Outros pensadores como Poincaré (1853-1912), Mach (1838-1916).

Poincaré, afirmando que "as teorias não são nem verdadeiras, nem falsas, quer mostrar que a crença na infalibilidade da ciência é uma ilusão.

O que ocorre no início do século é uma necessidade de reavaliação da validade dos modelos científicos.

O Círculo de Viena

Surgido com a intenção de investigar até que ponto as teorias, a filosofia da ciência é formado em 1928 por Carnap, Schlick, Hahn e Neurath, o Círculo de Viena sofreu influência de

Witrgenstein e da lógica matemática de Russell e Whitehead. Esses autores representam

a tendência neopositivista, ou do empirismo lógico.

Nas suas teorias a experiência e a linguagem se completam: a experiência tem sentido enquanto mensurável (tudo o que não é mensurável não tem sentido).

Refletindo a influência positivista, os lógicos do Círculo de Viena estabeleceram o princípio de verificabilidade, identificando o significado e condições empíricas de verdade, excluindo a filosofia do domínio do conhecimento do real.

A reação de Popper

Karl R. Popper (1902) sofreu inicialmente a influência de Carnap, mas não ficou mais preocupado com a explicação e justificação da sua teoria, mas com o levantamento de possíveis teorias que a refutem. Ou seja, o que garante a verdade

do discurso científico é a condição de refutabilidade. Quando a teoria resiste à refutação, ela é corroborada, ou seja, confirmada. Somente a corroboração nos diz

qual de nossas teorias descreve o mundo real. Por isso Popper critica a psicanálise e o marxismo, cujos universos teóricos se restringem às

explicações de seus idealizadores e não dão condições de refutabilidade.

A posição de Kuhn

Thomas Kuhn (1922) se contrapôs à teoria de Popper, negando que a ciência progride pela tradição intelectual representada pelo paradigma, que é a visão de mundo expressa numa teoria. Nas fases chamadas "normais" da ciência, o

paradigma (por exemplo, o newtoniano) serve para auxiliar os cientistas na

resolução dos seus problemas, e o progresso se faz por acumulação de descobertas.

Mas há situações privilegiadas, de crises, quando o paradigma já Copérnico, Newton, Darwin, Einstein e Heisenberg.

Feyerabend: contra o método

Se Popper afirmou que a ciência é racional, na medida em que cria teoria, como paradigma,

deve na maior parte do tempo ser desenvolvida em vez de criticada, outros, como Lakatos e Feyerabend,

tentam harmonizar esses pontos de vista.

Feyerabend (1924) cedo abandonou o

empirismo, classificando-se como anarquista

epistemológico. Critica as posições positivistas ao cons

que as metodologias normativas não são instrumentos de descoberta e

defende o pluralismo metodológico. A famosa afirmação de que "o único princípio que

nao inibe o progresso é: tudo vale" aparece num livro cujo título sugestivo indica sua

posição: Contra o método, Feyerabend quer dizer que não existe norma de pesquisa que não tenha sido violada,

e é mesmo preciso que o cientista faça aquilo que lhe agrada mais. E

que deve tomar persuasiva a teoria por recursos retóricos através da

propaganda, a fim de melhor convencer a comunidade científica.

Ele acha que foi exatamente isto que Galileu fez para convencer atodos acerca da

hipótese do movimento relativo.

Exercícios

1. Qual é a importância do método (filosófico e científico) no s
2. "Na física, com efeito, não se pode deixar à porta do laborat
ou interpretar uma leitura; ao espírito do físico que experimenta, dois aparelhos
estão constantemente presentes: um é o aparelho concreto, em
vidro e metal, por ele manipulado; outro é o aparelho esquemático e abstrato que
a teoria coloca em lugar do aparelho concreto, e sobre o qual o físico raciocina;
essas duas idéias estão indissolivelmente ligadas em sua inteligência; cada uma
necessariamente chama a outra." (Duhem)

A partir da citação, explique por que na ciência não há "fato br

3. O que é uma hipótese científica? Qual é o seu papel? Q
4. Relacione o trabalho do cientista quando cria uma hipó
5. "Os eruditos são eunucos do saber." (Nietzsche) Relaci
6. Quais são as vantagens da experimentação?

1. Qual foi a primeira grande teoria? Quais são as funções da teoria?

8. Comente a afirmação de Nietzsche: "Contra o positivismo

"Há apenas fatos", eu digo: "Ao contrário, fato é o que não há; há apenas
interpretações".

9. Distinga as diversas etapas do método experimental no

não o tenham ingerido (o que contrariava uma idéia comum na época, de que o
açúcar existente nos animais provém

exclusivamente dos alimentos). Claude Bernard supôs

que deveria haver um órgão capaz de armazená-lo sob uma forma particular e
restituí-lo quando necessário (esta hipótese foi sugerida por analogia com o

mundo vegetal:

uma planta transforma a glicose em amido, que é armazenado). Foi dosando a taxa de glicose ao longo de todo o percurso do sangue, partindo do intestino, que Claude

Bernard descobriu o órgão regulador, cuja existência supusera: o fígado. Mas durante a dosagem de açúcar em fígados de animais, certa vez, demorando-se para fazer

a segunda dosagem, verificou maior quantidade de açúcar e concluiu que "o tecido do fígado vai se enriquecendo com açúcar continuamente, durante certo tempo após

a morte". Reiniciou as experiências com fígado lavado e pôde demonstrar que o fígado reserva a glicose sob a forma de glicogénio. (Adaptado de Huisman e Vergez)

10. Leia o texto complementar, de Eopper, e atenda o solicitado:

a Indique no texto a passagem que identifica o conceito p refurabilidade. E explique.

b) Por que não se pôde dizer que a ciência é um conhecime
Texto complementar

(O conhecimento científico)

A ciência não é um sistema de enunciados certos ou bem estabelec
não é conhecimento (episteme):

ela nunca pode pretender haver atingido a verdade, ou mesmo um substituto para ela, tal como a probabilidade.

Entretanto, a ciência tem mais que um simples valor de sobrevivê
biológica. Ela não é

apenas um instrumento útil. Embora não possa atingir a verdade nem a probabilidade, o esforço pelo

conhecimento e a procura da verdade ainda são os motivos mais fortes da descoberta científica.

Não sabemos: podemos apenas conjecturar. E nossas conjecturas são desvendar-descobrir. (...)

Todavia, testes sistemáticos controlam cuidadosa e seriamente essas nossas conjecturas

ou antecipações" maravilhosamente imaginativas e audazes. Uma vez propostas, não sustentamos dogmaticamente nenhuma de nossas "antecipações". Nosso método de pesquisa

não consiste em defendê-las para provar que estávamos certos. Pelo contrário, tentamos contestá-las. Empregando todas as armas de nosso arsenal lógico, matemático

e técnico, tentamos provar que nossas antecipações eram falsas - com o fim de propor, em seu lugar, novas antecipações injustificadas e injustificáveis, novos "preconceitos

precipitados e prematuros", como Bacon pejorativamente as chamou. (...)

Mesmo o teste cuidadoso e sério de nossas idéias pela experiência guia todos os passos. Não topamos com nossas experiências, nem deixamos que elas nos inundem como um rio. Pelo contrário, temos de ser ativos: devemos fazer nossas

experiências. Somos sempre nós que formulamos as questões propostas à natureza; somos nós que repetidas vezes tentamos colocar essas questões para então obter um

nítido sim ou não" (pois a natureza não dá uma resposta, a menos que seja pressionada a fazê-lo). E, finalmente, somos nós também que damos uma resposta; somos nós

próprios que, após severo escrutínio, decidimos sobre a resposta à questão que colocamos à natureza - após tentativas insistentes e sérias de obter dela um inequívoco

"não". (...)

O velho ideal científico da episteme - do conhecimento absolutam
inevitável que todo enunciado científico permaneça provisório para sempre. Ele, com efeito, pode ser corroborado, mas toda corroboração é relativa a outros enunciados

que, novamente, são provisórios.

(Karl R. Popper, A lógica da pesquisa científica, in Marilena Chaui (org.),
Primeira

filosofia,

p. 213-215.)

CAPÍTULO 16

AS CIÊNCIAS HUMANAS

Com Copérnico, o homem deixou de estar no centro do universo. Com Darwin, o homem deixou de ser o

centro do reino animal. Com Marx, o homem deixou de ser o centro da história (que, aliás,

não possui um

centro). Com Freud, o homem deixou de ser o centro de si mesmo.

(Eduardo Prado Coelho)

Esta citação aparece no prefácio de *Estruturalismo*; antologia de Portugal Ed.. p. xxxviii. Refere-se a uma análise feita por Freud e retomada por Foucault e Althusser.

1. Introdução

A partir do século XVII dá-se o desenvolvimento das ciências da o ideal de cientificidade, ou seja, aceitos os princípios da experimentação e da matematização como fundamentais para o método científico, como ficam as aspirações

das ciências humanas de se constituírem como tal?

Ora, quando estudamos Descartes no Capítulo 10 (Teoria do conhecimento) você se lembra bem, para Descartes o homem é constituído por duas substâncias: uma de natureza espiritual, a substância pensante (a *res cogitans*), e outra de natureza

material, a substância extensa (a *res extensa*). Só esta última pode ser objeto das

ciências da natureza, que mecanicamente explicam o funcionamento da "máquina"

do corpo. Mas a substância pensante, lugar da liberdade, só poderia ser objeto da reflexão filosófica.

Vimos também que a corrente empirista, representada por Locke e Descartes, opunha-se ao racionalismo cartesiano, preocupando-se também com os processos mentais e

corporais. Ao especularem a respeito da natureza dos mecanismos e processos fisiológicos que constituem a base de fenômenos como a percepção e a recordação, os empiristas estabelecem os antecedentes das pesquisas que serão feitas

pela medicina do século XIX sobre o fundamento biológico dos fenômenos mentais.

A influência empirista serve de fundamento à tendência naturalis esta se contrapõe a tendência humanista, que, preocupada com a especificidade dos fenômenos humanos, busca um método diferente daqueles usados até então.

Mesmo que as ciências humanas tenham começado a surgir no final à compreensão do comportamento humano.

Além disso, as ciências humanas encontram-se também diante de um de homem, ferido em seu narcisismo. A epígrafe do capítulo refere-se ao tema clássico das "feridas narcísicas" levantado pela primeira vez por Freud e objeto de

reflexão do filósofo francês Michel Foucault. Se lembrarmos que o Iluminismo exalta a razão humana como capaz de entender e dominar a natureza, compreende-se o profundo

mal-estar expresso naquela afirmação inicial.

O que se discute aí não é apenas o método das ciências humanas,

desses problemas, desde o século XVII.

1. Dificuldades metodológicas das ciências humanas

Enquanto todas as outras ciências têm como objeto algo que se conhece. Daí ser possível imaginar as dificuldades da economia, da sociologia, da psicologia, da geografia humana, da história para estudar com objetividade aquilo

que diz respeito ao próprio homem tão diretamente.

Vejamos quais são as dificuldades enfrentadas pelas ciências humanas

A complexidade inerente aos fenômenos humanos, sejam psíquicos, estudar as condições de pressão, volume e temperatura, é possível simplificar o fenômeno

tornando constante um desses fatores. O comportamento humano, entretanto,

resulta de múltiplas influências como hereditariedade, meio, impulsos, desejos, memória, bem como da ação da consciência e da vontade, o que o torna um fenômeno

extremamente complexo. Já pensou o que significa avaliar a decisão de votos dos cidadãos numa eleição presidencial? Ou procurar explicar o fenômeno do linchamento

ou da vaia? Ou examinar as causas que determinam a escolha da profissão?

Outra dificuldade da metodologia das ciências humanas encontra-se e controlar os diversos aspectos que influenciam os atos humanos. Além disso, a natureza artificial

dos experimentos controlados em laboratório podem falsear os resultados. A motivação

dos sujeitos também é variável, e as instruções do experimentador podem ser

interpretadas de maneiras diferentes. Da mesma forma, a repetição do fenômeno

altera

os efeitos, pois nunca uma repetição se fará sem modificações, já que, para o homem, enquanto ser consciente e afetivo, a situação sempre será vivida de maneiras

diferentes.

Certos experimentos oferecem restrições de caráter moral, já que integridade física, psíquica ou moral. Por exemplo: as reações de pânico num grupo de pessoas presas numa sala em chamas ou as relações entre a superpopulação num

condomínio e a variação do índice de violência só podem ser objeto de apreciação eventual, quando ocorrerem acidentes desse tipo. Jamais poderiam ser provocados.

Também é preciso saber o que será observado: se o comportamento introspecção (olhar para dentro), pode ser falseada pelo indivíduo voluntariamente, quando mente, ou involuntariamente, por motivos que precisariam ser detectados.

Por isso, mesmo que a introspecção seja usada, há quem a considere uma abordagem inadequada.

Outra questão refere-se à matematização. Se a passagem da física em quantidades, pode-se concluir que a ciência será tão rigorosa quanto mais for matematizável. Ora, esse ideal é problemático com relação às ciências humanas, cujos

fenômenos são essencialmente qualitativos. Por isso, quando é possível aplicar a matemática, são utilizadas técnicas estatísticas e os resultados são sempre aproximativos

e sujeitos a interpretação.

Resta ainda a dificuldade decorrente da subjetividade. As ciênci

conhecer, na capacidade de lançar hipóteses verificáveis por todos, mediante instrumentos de controle; e na descentração das emoções e da própria

subjetividade do cientista. Mas, se o sujeito que conhece é da mesma natureza do objeto conhecido, parece ser difícil a superação da subjetividade. Imagine como

analisar

o medo, sendo o próprio analista uma pessoa sujeita ao medo; ou interpretar a história, estando situado numa dada perspectiva histórica; ou analisar a família, fazendo

parte de uma; ou ser economista, vivendo num sistema econômico e de um sistema econômico...

Por fim, se a ciência supõe o determinismo - ou seja, o pressuposto de que a natureza é regular, como fica a questão da liberdade humana?

Por haver regularidades na natureza, é possível estabelecer leis e por meio delas prever a incidência de um determinado fenômeno. Mas como isso seria possível, se

admitíssemos a liberdade do homem? E caso ele esteja realmente submetido a determinismos, seria da mesma forma e intensidade que para os seres inertes? (ver Capítulo

30 - A liberdade).

Tais dificuldades foram levantadas não com a intenção de mostrar apenas acentuar as diferenças de natureza e os problemas que têm encontrado até o momento. Veremos que a maneira de enfrentá-los tem determinado o tipo de metodologia

que as caracteriza. Ou seja, o método utilizado depende, de certa forma, dos pressupostos filosóficos que embasam a visão de mundo do cientista.

1. Tendência naturalista:

o positivismo

O positivismo estabeleceu critérios rígidos para a ciência, exig sociologia e, evidentemente, para qualquer outra ciência humana. Comte, representante do positivismo (ver Terceira Parte do Capítulo 10), é considerado o fundador

da sociologia como ciência, definindo-a como "física social". O sociólogo Émile Durkheim partia do pressuposto metodológico de que os fatos sociais deviam ser observados

como coisas.

A preocupação em tornar o sujeito das ciências humanas um objeto fortes a primeira tendência metodológica. Na impossibilidade de abordarmos as diversas ciências humanas, escolhemos a psicologia como exemplo, a fim de melhor compreendermos

as tendências naturalista e humanista.

A psicologia experimental

Comte sempre fez restrições à psicologia pois, segundo suas palavras, "ao mesmo tempo, ator no palco e espectador na sala". Isso significa um veto positivista à psicologia, recusando a introspecção (considerada contemplação ilusória

do espírito por si mesmo), bem como todas as formas que levam em conta a consciência humana como dado relevante a ser examinado pela ciência.

Esse veto pesou sobre a psicologia desde a metade do século XIX,

Ora, o que ocorreu foi que os primeiros psicólogos, seguindo a tendência de abandonar as preocupações de caráter filosófico, como a indagação a respeito da origem, destino ou natureza da alma ou do conhecimento, se voltaram para os aspectos

do comportamento que podiam ser verificados experimentalmente.

A psicologia física na Alemanha

A psicologia como ciência apareceu na Alemanha, no século XIX, r

Os principais representantes dessa tendência são Ernst Heinrich

médicos voltados para o exame de questões relativas à percepção, e que estabeleceram critérios para generalizar e quantificar a relação entre as mudanças do estímulo

e os efeitos sensoriais correspondentes.

Wilhelm Wundt (1852-1920) funda em 1879, em Leipzig, o primeiro

Elementos de psicologia fisiológica desenvolve o conceito de método, no qual a psicologia imita claramente a fisiologia. Por isso Wundt nunca se aventurou a estudar

os processos

mais elevados do pensamento, por considerá-los inacessíveis ao controle experimental. Volta-se para o estudo da percepção sensorial, principalmente a visão, estabelecendo

as relações entre os fenômenos psíquicos e o seu substrato orgânico, sobretudo cerebral.

A escola russa: Pavlov

O médico Ivan Pavlov (1849-1936)

preocupou-se inicialmente com o funcionamento dos fenômenos da digestão e salivação. As experiências com

cães levaram-no à explicação da aprendizagem pelo reflexo

condicionado. Observe o esquema:

(Gravura - explicação no texto))

Segundo o esquema, observamos que os estímulos não-condicionados aprendido.

Ou seja, diante do alimento, salivamos automaticamente; ao ouvir a campainha, o cachorro fica com as orelhas em pé.

Se associamos os dois eventos, isto é, se a apresentação do alimento provocará salivação, sem a presença do alimento. Isso significa que o som, antes um estímulo neutro para a salivação, passa a ser um estímulo eficaz: criou-se um reflexo condicionado, houve aprendizagem.

O estímulo alimento é chamado reforçador positivo, pois é ele que torna a reação mais freqüente, garantindo a manutenção da resposta. Se o reforçador não

é mais apresentado, a tendência é a extinção da resposta, isto é, desfaz-se o reflexo condicionado, e o cão não mais saliva ao som da campainha.

Da mesma forma, é possível usar o reforço negativo. Por exemplo, sobre uma chapa quente, o reflexo simples consiste em saltar seguidamente a fim de evitar o desconforto; se associarmos ao evento o som de uma música, ao retirarmos

a chapa, só o som da música é suficiente para fazê-lo "dançar".

As experiências de Pavlov foram importantes para o desenvolvimento da psicologia comportamentalista norte-americana

Na mesma linha experimental da psicologia alemã, desenvolve-se a Thorndike, Dewey, Catell, Titchener.

Interessa-nos aqui a principal corrente de psicologia, cuja influência ("conduta").

O primeiro representante foi Watson (1878-1938). que aplicou amplamente tornou-se fecunda porque o animal, por ter vida mais curta, permite estudar o mesmo processo em gerações sucessivas. Além disso, é possível lesar

órgãos a fim de conhecer suas funções. É claro que, depois, as conclusões são extrapoladas para a psicologia humana.

Com isso o behaviorismo pretende atingir aquele ideal positivista de tornar ciência, precisaria seguir o exemplo das ciências naturais, tornando-se materialista, mecanicista, determinista e objetiva.

São abandonadas todas as discussões a respeito da consciência, considerada impróprio para uso científico. O próprio Wundt é criticado por ter sucumbido a essas tendências filosóficas. A introspecção é rejeitada, e o único objeto digno de estudo é o comportamento, em toda a sua exterioridade. Os

comportamentalistas costumam se referir à consciência como sendo uma "caixa negra", inacessível ao conhecimento científico.

Segundo o dicionário do professor Piéron, "fora de seu significado que designa o aspecto subjetivo e incomunicável da atividade psíquica, de que não se pode conhecer, fora do indivíduo, senão as manifestações do comportamento"²

O comportamentalismo nega a existência dos instintos, da inteligência e da influência do meio ambiente. Daí a importância da educação infantil, momento em que se desenvolvem os reflexos condicionados.

"Dêem-me doze crianças sadias, de boa constituição, e a liberdade e puder educá-la, convenientemente, poderei transformá-la em qualquer tipo de especialista que eu queira - médico, advogado, artista, grande comerciante, e até mesmo

em mendigo e ladrão -, independente de seus talentos, propensões, tendências, aptidões, vocações e da raça de seus ascendentes."³

Após Watson, o behaviorismo teve novo impulso com Skinner (1904-1990). O condicionamento mais complexo do que o clássico ou pavloviano. Trata-se do condicionamento instrumental (operante ou skinneriano).

Esse tipo de aprendizagem é feito nas famosas "caixas de Skinner". O animal aprende a apertar a alavanca para receber alimento. O apertar a alavanca é a resposta, dada antes do estímulo, que é o alimento. Skinner criou inúmeras variantes

dessas caixas, inclusive aquelas em que o animal age visando evitar uma punição, como, por exemplo, saltar antes de ser acionado o choque elétrico, quando "avisado"

por um sinal luminoso ou um som.

As descobertas de Skinner são amplamente utilizadas nos Estados Unidos. Por exemplo, nas escolas, com a aplicação da instrução programada, pela qual o texto apresentado ao aluno tem uma série de espaços em branco para serem preenchidos em

nível crescente de dificuldade. Partindo do princípio de que o reforço deve ser dado a cada passo do processo e imediatamente após o ato, a cada momento o aluno

pode conferir o erro ou acerto da sua resposta. O processo foi sofisticado na "máquina de ensinar", que tem a pretensão de substituir o professor em várias etapas

da aprendizagem.

As técnicas skinnerianas são usadas na educação familiar, a fim de reeducar a criança bagunceira ou manhosa.

Também aparecem nas empresas, com o intuito de estimular maior produtividade e melhores resultados.

No tratamento psicológico de certos "vícios", surge a reflexologia.

procura fazer com que um alcoólatra tenha horror à bebida. É interessante lembrar o filme Laranja mecânica, onde Stanley Kubrick critica o behaviorismo, ao mostrar

o descondicionamento de um indivíduo violento.

2 Henri Piéron, Dicionário de psicologia, Porto Alegre, Globo, 1975, p. 89.

3 Watson, apud E. Heidbreder, Psicologias do século XX, p. 218.

1. Tendência humanista. A crítica ao positivismo:

a fenomenologia

A fenomenologia é a filosofia e o método que têm como precursor principais linhas dessa nova abordagem do real, abrindo o caminho para filósofos como Heidegger, Jaspers, Sartre, MerleauPonty (ver Quarta Parte do Capítulo 10-Teoria do conhecimento).

O esforço filosófico de Husserl se orienta para a discussão das ciências humanas. Tornava-se urgente repensar os fundamentos e a racionalidade dessas disciplinas e mostrar que tanto a filosofia como as ciências humanas são viáveis. A proposta é o recomeço radical na ordem do saber.

Retomando a clássica questão da relação sujeito-objeto, colocada do sujeito que conhece, e o empirismo privilegia a determinação do objeto conhecido. O resultado dessa dicotomia, em ambos os casos, é a permanência do dualismo

psicofísico, da separação corpo-espírito e homem-mundo.

A fenomenologia propõe a superação da dicotomia, afirmando que tmas toda consciência tende para o mundo. Da mesma forma, não há objeto em si, independente da consciência que o percebe. Portanto, o objeto um fenômeno,

ou seja,

etimologicamente, "algo que aparece" para uma consciência. Segundo Husserl, "a palavra intencionalidade não significa outra coisa senão esta particularidade fundamental

da consciência de ser a consciência de alguma coisa".

Portanto, a primeira oposição que a fenomenologia faz ao positivado bruto, desprovido de significados; o mundo que percebo é um mundo para mim. Daí a importância dada ao sentido, à rede de significações que envolvem os objetos

percebidos: a consciência vive imediatamente como doadora de sentido.

Exemplificando: segundo a terapia reilexológica behaviori por outro comportamento socialmente adequado. Ao contrário, na análise fenomenológica, a manha não é, ela significa, e é pela emoção que a criança se exprime na

totalidade

do seu ser. Ela diz coisas com o choro, e esse choro precisa ser interpretado. Da mesma forma, a resposta que a criança dá a certos estímulos externos supõe

- também que os próprios estímulos nunca são idênticos para todas as pessoas, mas exercem

influência na medida em que são percebidos de maneira singular pela consciência que os atinge.

A relação mecânica E-R, estabelecida pelo comportamentalismo, a faz parte do mundo físico do ser, o símbolo é parte do mundo humano do sentido. Para ampliar as informações sobre a fenomenologia, leia os textos complementares

de

MerleauPonty sobre o corpo e a sexualidade.

A Gestalt e a fenomenologia

A Gestalt (ou psicologia da forma) é um exemplo da aplicação das qualidades da forma. Mas a teoria foi desenvolvida de fato no começo do século XX por Köhler e Koffka, que sofreram influência da fenomenologia e, nesse sentido,

opõem-se às psicologias de tendência positivista.

A psicologia derivada da tendência empirista tentava reduzir a percepção pela criança, por exemplo, seria inicialmente uma grande confusão de sensações, cujos fragmentos se organizariam trabalhosamente pelo processo de associação, pela

qual resultam por fim as percepções e depois as idéias.

Ora, os gestaltistas afirmam que não há excitação sensorial isolada; o que é percebido em suas partes, para depois ser organizado mentalmente, mas se apresenta primeiro na totalidade (na sua forma, na sua configuração), e só depois o indivíduo

atentará para os detalhes.

O conjunto é mais que a soma das partes, e cada elemento depende das notas de que ela se compõe: por isso podemos ouvi-la com todas as notas diferentes quando transposta para outro tom e reconhecê-la assim mesmo. No entanto, se uma

nota é alterada, altera-se o todo. Na transposição para outro tom, a estrutura da melodia permaneceu a mesma, e no último caso houve alteração estrutural.

No dia-a-dia encontramos inúmeros exemplos da tendência à configuração. Vemos formas nas nuvens (rosto, cachorro, dragão...); as constelações representam a cruz, o escorpião; reconhecemos um rosto familiar, mas longe dele muitas

vezes não nos lembramos bem dos detalhes. Já pensaram como é difícil descrever alguém para um retrato falado? Isso porque percebemos o rosto no seu conjunto, e não

nos detalhes.

A tendência que o sujeito tem para organizar aquilo que é percebido aparece na percepção tal como existe em si. O sujeito estrutura organicamente o que está apenas justaposto ou leva à perfeição formas apenas esboçadas.

Tudo o que dissemos para a percepção vale para explicar o comportamento e o meio entram como dois pólos correlativos que constituem o verdadeiro ambiente da ação. Um espaço se estrutura de forma diferente se o percorro como faminto, como fugitivo ou como artista...

Köhler fez diversas experiências com chimpanzés (já nos referimos ao problema) que é resolvido quando o animal consegue arrastar um caixote e nele subir para pegar a fruta, ou quando usa um bambu para derrubá-la. Köhler explica que, para

resolver o problema, o chimpanzé deve perceber como um todo o campo onde se situa, ou seja, ele só tem o insight (intuição, "iluminação súbita") quando estabelece

a relação fruta-caixote ou fruta-bambu. Dá-se então o "fechamento", ou seja, a predominância de uma determinada forma sobre outras.

Nas figuras ambíguas, dependendo da função que damos a uma linha, alteramos a relação figura e fundo. No desenho vemos ora uma taça, ora dois

perfis.

Observe como é impossível não perceber os pontinhos senão a partir dos elementos já aglutinados, ou seja, os pontos formam quatro colunas.

A psicanálise

O termo psicanálise possui três sentidos: é um método interpretativo, seja, um conhecimento que o método produz.

A psicanálise surgiu com Sigmund Freud (1856-1939), médico austríaco da natureza sexual da conduta. Apesar de também ter sofrido influência das idéias positivistas e

Com a descoberta do inconsciente, Sigmund Freud inaugura um novo campo de conhecimento: a psicanálise.

Para os mecanicistas do século XIX, a teoria de Freud é duramente criticada pelas psicologias de linha naturalista, pois não usa a experiência no sentido tradicional do

método científico, além de trabalhar com uma realidade hipotética, considerada inverificável nos moldes tradicionais: o inconsciente.

No entanto, a hipótese do inconsciente tornou-se fecunda, já que per

Para a psicanálise, todos os nossos atos têm uma realidade exterior. De uma metáfora, poderíamos dizer que a vida consciente é apenas a ponta de um iceberg, cuja montanha submersa simboliza o inconsciente.

A energia que preside os atos humanos é de natureza pulsional, e o libido. Mas a sexualidade não deve

ser identificável à genitalidade (ou aos atos que se referem explicitamente à atividade sexual propriamente dita), pois tem significado muito mais amplo, sendo toda

e qualquer forma de gratificação ou busca do prazer. O reservatório das forças pulsionais chamase

id.

No entanto, para viver em comunidade, o homem precisa controlar seus impulsos. Com isso se forma a consciência moral ou superego.

Cabe ao ego maduro estabelecer o equilíbrio entre as forças anta superego, adequando-as ao "princípio da realidade". Quando o conflito é muito grande e o ego não suporta a consciência do desejo, este é rejeitado, o que determina o processo chamado de repressão. No entanto, o que foi reprimido não permanece no inconsciente, pois, sendo energia, precisa ser expandido. Reaparece então sob a forma de sintomas, ou representantes do reprimido, enquanto substituições para a gratificação instintiva não atingida.

Os sintomas devem ser decifrados na sua linguagem simbólica, já desejo inconscientes.

M. MerleauPonty, , Fenomenologia da percepção, p. 457.

Há várias formas para a sondagem do inconsciente, mas, para Freud privilegiado é o fornecido pelos sonhos. Quando nos recordamos do enredo de um sonho, estamos diante do seu conteúdo que às vezes nos parece incoerente e absurdo.

Mas o sonho tem um conteúdo latente, que pode ser descoberto pelo qual o próprio indivíduo, seguindo o fluxo espontâneo das idéias, sai em busca do sentido oculto.

O psicanalista, ao auxiliar alguém na busca do que foi silenciado pelo próprio sujeito. Durante o tratamento ocorre o processo da transferência, quando o paciente dirige ao psicanalista afetos antigos de amor e hostilidade não percebidos como tais, o que permite a vivência de novas experiências, fecundas

para a elucidação do que foi ocultado.

Este rápido esboço foi feito com a intenção de abordar o aspecto enfoque fenomenológico. Embora o próprio Freud não estivesse vinculado a fenomenologia, é possível estabelecer uma aproximação entre esta e a psicanálise. Estamos distantes da técnica comportamentalista, que supõe a observação objetiva e impessoal do comportamento do sujeito, tornado objeto de investigação. A psicanálise, ao contrário, não só restabelece a relação vivencial entre o psicanalista e o paciente, como considera o passado não uma coisa objetiva, mas uma realidade que adquire novas nuances no "novo olhar" do presente sobre o passado.

Segundo MerleauPonty, "o tratamento psicanalítico não cura porque por novas relações de existência. Não se trata de dar à interpretação psicanalítica uma aprovação científica e descobrir um sentido nocional do passado; trata-se de revivê-lo, significando isto ou aquilo, e o doente só o consegue vendo seu passado na perspectiva de sua coexistência com o médico".⁴

1. Quadro comparativo:

Tendência naturalista	<i>Tendência humanista</i>
-- a coisa (<i>realidade objetiva</i>)	uma consciência (doadora)
-- fatos descritos em sua aparência sensorio-motora e espirituais	
/ valorização do vivido, dos conteúdos anímicos	
-- ênfase na natureza orgânica dos fenômenos psíquicos / o homem é um ser-no-mundo	

-- associacionismo / noção de estrutura (percepção do todo)

-- atomismo (sensação, percepção, idéia) / totalidade (não

-- mecanicismo (o comportamento se explica pela relação causa-ef

-- explicação legal (por leis) e quantitativa (matemática

/ compreensão-por tipo qualitativo ou modelos ideais

-- aceitação só do que pode ser verificado experimentalmente

do inconsciente)

-- limitação do método das ciências da natureza / procura

-- técnicas reflexológicas que alteram os sintomas / o "s

Exercícios

1. Faça um esquema sobre as dificuldades metodológicas da

Os textos dos exercícios 2 a 4 são de Comte.

Leia-os e responda às questões.

2. "Não podemos estar à janela e ver-nos passar pela rua-N

a afirmação.

3. "Enfim, no estado positivo, o espírito humano, reconhe

do universo, a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para preocupar-se
unicamente em descobrir, graças ao uso bem combinado do raciocínio e da
observação, suas

leis efetivas, a saber, suas relações invariáveis de sucessão e de similitude."

a) Como se chama a corrente filosófica a que pertence Comte?

b) O que significa estado positivo?

c) O que o autor critica quando diz "renuncia a procurar..

d) O que ele propõe para substituir essa renúncia?

4. "O espírito humano pode observar diretamente todos os
Pois quem faria a observação? (-.. Ainda que cada um tivesse
a ocasião de fazer sobre si tais observações, estas, evidentemente, nunca
poderiam ter grande importância científica. Constitui o melhor
meio de conhecer as paixões
sempre observá-las de fora. Porquanto todo estado de paixão muito
pronunciado, a saber, precisamente aquele que será mais essencial examinar,
necessariamente é
incompatível com o estado de observação."

- a) A que ciência Comte se refere?
- b) Por que não concede a ela o estatuto de ciência?

5. "Do ponto de vista histórico, se retomarmos o quadro d
internacionais da psicologia contemporânea, observaremos que a psicologia
alemã, com Wundt e Fechner, nasceu
do encontro da filosofia com a psicofisiologia; que a psicologia
Galton, resulta essencialmente da convergência do evolucionismo
darwiano com a psicologia diferencial; que a psicologia americana, submetida à
influência do
darwinismo, também é tributária, antes de tudo, do
experimentalismo da psicologia fisiológica de Wundt ; que a psicologia soviética
deriva
diretamente das pesquisas pavlovianas de neurofisiologia
animal. (Châtlet)

Nessas diferentes tendências há algo em comum. Explique o que é e por que a psicologia

nascente

escolheu trilhar esse caminho. (Explique a partir do veto positivista à psicologia.)

6. Leia a citação de Watson, na página 170, e explique o

7. Em que medida a fenomenologia se contrapõe às teorias

As questões 8 a 11 referem-se ao texto complementar I de Skinner

8. Monte um esquema do processo de condicionamento semelh

169, mas usando os termos do exemplo dado no segundo parágrafo do texto complementar (ou seja, a "cura" do bêbado).

9. Com referência ao esquema solicitado na questão anter

10. O próprio Skinner afirma que "ser bêbado" é um sintoma. Como a psicologia de tendência

metodológica humanista criticaria a proposta de tratamento?

11. Da mesma forma que os reflexos são condicionados, é p

MerleauPonty, enquanto representante da corrente fenomenológica, psicofísico da tradição cartesiana. A partir dos textos complementares

II- "O corpo" e III- "A sexualidade", responda às questões 12 e 13.

12. Quais são as afirmações tradicionais a respeito do corpo, consciência e sexualidade?

13. Quais são as críticas de MerleauPonty às concepções r

Textos complementares

1

O âmbito dos reflexos condicionados

O uso dos reflexos condicionados no controle prático do comportamento dá uma boa medida

de seu campo de ação. Os reflexos relativos à economia interna do organismo raramente são de

importância prática para outras pessoas, mas pode haver ocasiões em que estejamos interessados em

fazer alguém ruborizar-se, ou rir, ou chorar, e então recorreremos a estímulos condicionados ou

incondicionados.

(...) Também usamos o processo para dispor o controle do comportamento em ocasiões

futuras.

Na educação patriótica e religiosa, por exemplo, as respostas emocionais a bandeiras, insígnias,

símbolos e rituais estão condicionadas de modo que esses estímulos sejam eficazes em ocasiões

futuras. Uma das "curas" comumente propostas para o fumar ou beber excessivo consiste em adicionar

substâncias que induzam a náuseas, indisposições e outras conseqüências da bebida e do

fumo. Quando mais tarde a bebida e o fumo forem vistos ou provados, respostas semelhantes são eliciadas como resultado do condicionamento. Estas respostas podem

competir com o comportamento de beber e fumar, como que lhes "tirando toda a graça". Um condicionamento desta espécie consiste no tratamento de um sintoma, e não

da causa, mas isto ajuda o paciente a parar de beber ou fumar por outras razões.

Treinar um soldado é em parte condicionar respostas emocionais.

atrocidades, uma reação agressiva semelhante provavelmente ocorrerá quando o inimigo for encontrado. As razões favoráveis são obtidas em geral da mesma maneira.

Respostas a alimentos apetecíveis são facilmente transferidas para outros objetos. Assim como "detestamos" a bebida ou o fumo que nos deixam doentes, também "gostamos"

dos estímulos que acompanham alimentos agradáveis. O vendedor bem-sucedido é aquele que paga bebidas ao seu cliente ou convida-o para jantar. O vendedor não está

apenas interessado nas reações gástricas, mas sim na predisposição favorável do cliente a seu respeito e com relação ao seu produto; esta predisposição, como veremos

mais tarde, também decorre da associação de estímulos. (.4 Nem todos os reforços que estabelecem predisposições desta espécie são gastronômicos. Como os publicitários

bem o sabem, as respostas e as atitudes eliciadas por lindas garotas, bebês e cenas agradáveis podem ser transferidas para marcas, produtos, estampas de produtos,

e assim por diante.

Algumas vezes estamos interessados em induzir a uma resposta emo

- ou que equilibre o seu efeito. O dentista, por exemplo, encontra-se frente a um problema prático que

consiste em ter que recorrer a estímulos dolorosos. Estes estão

ao som do motor, que finalmente eliciam uma

variedade de reações emocionais. Algumas destas classificamos, grosso modo, de ansiedade. Um bonito livro de estampas na sala de espera pode eliciar respostas incompatíveis

com a ansiedade. (...)

Outro problema prático comum é o de eliminar respostas condicionadas. Por exemplo,

poderíamos querer reduzir as reações de medo eliciadas por pessoas, animais, incursões

aéreas, ou combates militares. Seguindo os métodos do experimento com reflexo condicionado, apresentamos um estímulo condicionado e omitimos o estímulo reforçador

responsável pelo seu

efeito. Um passo decisivo no tratamento da gagueira, por exemplo, é a extinção de reações de ansiedade ou embaraço geradas por pessoas irresponsáveis que riram do

gago ou foram impacientes com ele. (...) A terapia consiste apenas no encorajamento da conversação de modo que o estímulo assim automaticamente

gerado possa ocorrer sem ser reforçado.

Se o estímulo condicionado ilicia respostas muito fortes, pode-se

com o cão se der um cãozinho, a semelhança entre o animalzinho e o cão assustador não é tão grande a ponto de eliciar uma resposta de medo condicionada muito forte. Qualquer

resposta pouco intensa que possa

surgir se extingue. Como o cãozinho cresce, assemelhando-se gradativamente ao animal que ocasionou o medo, a extinção vai se processando por etapas. As vezes se

usa uma técnica semelhante na redução de reações emocionais excessivas a bombardeios aéreos, combates, e condições traumáticas semelhantes. A extinção começa com estímulos que eram a princípio apenas um pouco perturbadores - ruídos vagos, sirenas fracas, ou sons distantes de bombas explodindo. Apresentam-se os estímulos visuais em filmes, sem os sons que os acompanham no combate real. A medida que a extinção ocorre, a semelhança com estímulos verdadeiros aumenta. Eventualmente, se o tratamento for bem sucedido, nenhuma ou quase nenhuma resposta será eliciada pelos estímulos reais.

(B. Skinner, Ciência e comportamento humano)

II

O corpo

Estamos habituados, pela tradição cartesiana, a nos desprendermos definindo o corpo como uma soma de partes sem interior e a alma como um ser presente inteiramente em si mesmo sem distância.

Estas definições correlativas estabelecem a clareza em nós e fora de nós: a transparência de um

objeto, transparência de um sujeito que só é o que pensa ser. O objeto

é objeto de um lado a outro e a consciência, consciência de um lado a outro. Há dois sentidos, e somente dois, da

palavra existir: existe-se como coisa ou existe-se como consciência. A experiência do corpo próprio

pelo contrário nos revela um modo de existência ambíguo. Se tento pensá-lo como um feixe de

processos na terceira pessoa - "visão", "motricidade", "sexualidade" - percebo que essas "

funções" não podem estar unidas entre si e ao mundo exterior por relações de causalidade, elas são

todas confusamente retomadas e implicadas num drama único. O corpo não é pois um objeto. Pela

mesma razão a consciência que tenho não é um pensamento, quer dizer que não posso decompô-lo e

recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa. Ele é sempre

outra coisa além do que é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na

natureza no momento mesmo em que se transforma pela cultura, nunca fechado sobre si mesmo, e

nunca ultrapassado. Se se trata do corpo de outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de

conhecer o corpo humano senão vivendo-o, quer dizer retomar por minha conta o drama que o

atravessa e me confundir com ele.

(M. MerleauPonty, Fenomenologia da percepção, p. 208.)

III

A sexualidade

Mesmo com a sexualidade, que entretanto passou por muito tempo p corporal, trata-se, não de um automatismo periférico, mas de uma intencionalidade que segue o

movimento geral da existência. (...)

A sexualidade não é um ciclo autônomo. Ela está ligada interiormente à única estrutura típica, estão numa relação de expressão recíproca. Reencontramo-nos aqui com as aquisições mais duráveis da psicanálise. Quaisquer que pudessem ter

sido as declarações de princípio de Freud, as pesquisas psicanalíticas chegam de fato não a explicar o homem pela infraestrutura sexual, mas a reencontrar na sexualidade

as relações e as atitudes que antigamente passavam por relações e atitudes de consciência; e a significação da psicanálise não se encontra tanto em repetir a psicologia

biológica, mas em descobrir, nas funções que se acreditara como "puramente corporais", um movimento dialético e reintegrar a sexualidade no ser humano. Um discípulo

dissidente de Freud (W. Steckel) mostra, por exemplo, que a frigidez quase nunca está ligada a condições anatômicas ou

fisiológicas) mas que ela traduz, a maior parte das vezes, a recusa ao orgasmo, à condição feminina ou à condição de ser sexuado, e este, por sua vez, a recusa ao parceiro sexual e ao destino que ele representa.

Mesmo em Freud seria errado crermos que a psicanálise excluiu a descrição dos motivos psicológicos que se

opõe ao método fenomenológico: ao contrário, ele contribuiu (sem o saber) para o seu desenvolvimento ao afirmar, segundo palavras de Freud, que todo ato humano "tem

um sentido", e ao procurar, de todos os modos, compreender o acontecimento ao invés de ligá-lo a condições mecânicas. Em Freud mesmo, o sexual não é o genital, a

vida sexual não é um simples efeito dos processos cujo centro são os órgãos genitais, a libido não é um instinto, isto é, uma atividade orientada para fins

determinados,

ela é o poder geral que tem o sujeito psicofísico de aderir a diferentes meios, de fixarse por diferentes experiências, de adquirir estruturas de conduta. Ela é

o que faz com que o homem tenha uma história. Se a história sexual de um homem dá a chave de sua vida, é porque na sexualidade do homem se projeta sua maneira de

ser com relação ao mundo, isto é, com relação ao tempo e aos outros homens. (...) A vida genital está imbricada na vida total do sujeito.

(M. MerleauPonty, Fenomenologia da percepção, p. 168.)

UNIDADE IV

CAPÍTULO 17

INTRODUÇÃO À POLÍTICA

E eu não tenho pátria: tenho mátria.

Eu quero frátia.

(Caetano Veloso)

(Gravura)

São Paulo, 1992: manifestação popular pró-impeachment do presidente Collor, no Vale do Anhangabaú. O movimento pró-impeachment reuniu os mais

diversos segmentos da sociedade civil na luta pela ética na política. As diversas manifestações

populares que lotaram ruas e praças de inúmeras cidades brasileiras

consciência de que a democracia supõe o exercício da cidadania, pela qual os homens

abandonam os maus hábitos da passividade para se tornarem mais participantes e conscientes da "coisa pública".

1. Introdução

Na conversa diária, usamos a palavra política de diversas formas que seja "mais político" na sua maneira de agir, ou nos referimos à "política" da empresa, da escola, da Igreja, enquanto formas de exercício e disputa do poder interno. Podemos falar ainda do caráter político de um livro de literatura, ou da arte em geral.

Mais próximo do sentido de política que nos interessa nesta Unid

de trabalho, lazer, quadrinhos, corpo, amor *etc.* Embora não se confunda com o objeto próprio de cada um desses assuntos, a política permeia todos eles.

Há também o sentido pejorativo da política, dado pelas pessoas d em que predominam os interesses particulares sobre os coletivos.

Mas afinal, de que trata a política?

A política é a arte de governar, de gerir o destino da cidade. E pólis ("cidade", em grego).

Explicar em que consiste a política é outro problema, pois, se a mais diferentes. O mesmo ocorre quando lembramos que o político é aquele que atua na vida pública e investido do poder de imprimir determinado rumo à sociedade.

Múltiplos são os caminhos, se quisermos estabelecer a relação entre Estado e governo *etc.* Por isso é complicado tratar de política "em geral". É preciso delimitar as áreas de discussão e situar as respostas historicamente.

Assim, é possível entender a política como luta pelo poder: conquistar ou refletir sobre as instituições políticas por meio das quais se E também indagar sobre a origem, natureza e significação do poder legitimidade"? É necessário que alguns mandem e outros obedeçam? O que torna viável o poder de um sobre o outro? Qual é o critério de autoridade?

Abordaremos algumas dessas questões nos capítulos seguintes, à medida que os filósofos no correr da história. Sugerimos

consultar também o Capítulo 7 (Do mito à razão), onde nos referimos ao surgimento da noção de cidadão na Grécia Antiga.

1. O poder

Discutir política é referir-se ao poder.

Embora haja inúmeras definições e interpretações a respeito do conceito de poder, sendo a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos desejados sobre indivíduos ou grupos humanos. Portanto, o poder supõe dois

pólos: o de quem exerce

o poder e o daquele sobre o qual o poder é exercido. Portanto, o poder é uma relação, ou um conjunto de relações pelas quais indivíduos ou grupos interferem na atividade

de outros indivíduos ou grupos.

Poder e força

Para que alguém exerça o poder, é preciso que tenha força, entendida imediatamente em força física, coerção, violência. Na verdade, este é apenas um dos tipos de força.

Diz Gérard Lebrun: "Se, numa democracia, um partido tem peso político, é porque tem força para deflagrar uma greve. Assim, força não significa necessariamente a posse de meios violentos de coerção, mas de meios que me

permitam influir no comportamento de outra pessoa. A força não é sempre (ou melhor, é rarissimamente) um revólver apontado para alguém; pode ser o charme de um ser

amado, quando me extorque alguma decisão (uma relação amorosa é, antes

de mais nada, uma relação de forças; (cf. as Ligações perigosas, de

Laclos). Em suma, a força é a canalização da potência, é a sua determinação.

Estado e poder

Entre tantas formas de força e poder, as que nos interessam aqui se configura como a instância por excelência do exercício do poder político.

Na Idade Média certas atribuições podiam ser exercidas pelos nobres em seus respectivos territórios, onde muitas vezes eram mais poderosos do que o próprio rei. Além disso, era difícil, por exemplo, determinar qual a última instância de uma decisão, daí os recursos serem dirigidos sem ordem hierárquica tanto a reis e parlamentos como a papas, concílios ou imperadores.

A partir da Idade Moderna, com a formação das monarquias nacionais sobre seus habitantes é feita a partir da centralização cada vez maior do poder. Apenas o Estado se torna apto para fazer e aplicar as leis, recolher impostos, ter um exército. A monopolização dos serviços essenciais para garantia da ordem interna e externa exige o desenvolvimento do aparato administrativo fundado em uma burocracia controladora.

Por isso, segundo Max Weber, o Estado moderno pode ser reconhecido de serviços públicos e o monopólio legítimo da força.

O poder legítimo

Embora a força física seja uma condição necessária e exclusiva do poder. Em outras palavras, o poder do Estado que apenas se sustenta na força não pode durar. Para tanto, ele precisa ser legítimo, ou seja,

ter o consentimento daqueles que obedecem. (Vimos que o poder é uma relação!)

Ao longo da história humana foram adotados os mais diversos princípios de legitimidade de poder:

nos Estados teocráticos, o poder considerado legítimo vem da vontade ou da força da tradição, quando o poder é transmitido de geração a geração; nos governos aristocráticos apenas os melhores podem ter funções; nos mais ricos, ou os mais fortes, ou os de linhagem nobre, ou, até, a elite do saber;

na democracia, vem do consenso, da vontade do povo.

A discussão a respeito da legitimidade do poder é importante na medida em que apenas ao comando do poder legítimo, segundo o qual a obediência é voluntária, e portanto livre. Caso contrário, surge o direito à resistência, que leva à turbulência

social.

Restaria ainda examinar as condições que permitem estabelecer os princípios da democracia, quando nos referirmos às relações entre o poder e o direito.

G. Lebrun, O que é poder, p. 11-12.

1. Uma reflexão sobre a democracia

A palavra democracia vem do grego demos ("povo") e kratia, de krátos ("governo", "poder", "autoridade"). Os atenienses são o primeiro povo a elaborar teoricamente

o ideal democrático, dando ao cidadão a capacidade de decidir os destinos da pólis (cidade-estado grega). Habitado ao discurso, o povo grego encontra na ágora (praça

pública) o espaço social para o debate e o exercício da persuasão.

Entretanto, o ideal de democracia direta (que não se faz por inteiro em Atenas. Veremos, no Capítulo 19, quantos eram excluídos do direito à cidadania e como poucos detinham efetivamente o poder. Nunca foi possível evitar que, em

nome da democracia, conceito abstrato, valores que na verdade pertencem a apenas uma classe fossem considerados universais.

O ideal democrático reaparece na história, com roupas diferentes. Se, como vimos, a política significa "o que se refere ao poder", o lugar do poder na democracia? Começamos examinando onde a democracia não está.

A personalização do poder

Nos governos não-democráticos, a pessoa investida de poder dele para o faraó do Egito, o César romano, o rei cristão medieval se apropriam do poder identificando-o com o seu próprio corpo. É a pessoa do príncipe que se torna o intermediário

entre os homens e Deus, ou o intérprete humano da Suprema Razão.

Identificado com determinada pessoa ou grupo, o poder personaliza-se pelo consentimento da maioria e depende do prestígio e da força dos que o possuem.

Trata-se da usurpação do poder, que perde o seu lugar público quando é incorporado na figura do príncipe.

Que tipo de unidade decorre desse poder? Como não se funda na existência de uma verdade única que poderão abalá-lo. Busca então a uniformização das crenças, das opiniões,

dos costumes, evitando o pensamento divergente e destruindo a oposição.

O risco do totalitarismo surge quando o poder é incorporado ao p

Claude Lefort diz que o escritor soviético dissidente Soljenitsin costumava se referir a Stálin como sendo o Egocrata, que significa "o poder personalizado" (etimologicamente,

"poder do eu"). O Egocrata é o ser todo-poderoso que apaga a distinção entre a esfera do Estado e a da sociedade civil, e onde o partido, onipresente, se incumb

de difundir a ideologia dominante em todos os setores de atividades, a todos unificando, o que permite a reprodução das relações sociais conforme o modelo geral.

É interessante notar que mesmo nos regimes democráticos às vezes que os façam se manter sempre em evidência, seja por medidas extravagantes que dêem o que falar, seja por abuso do poder, sobrepondo o Executivo aos outros poderes,

seja confundindo as esferas do público e do privado. Daí a necessidade da vigilância das instituições para impedir a degeneração do poder em arbítrio.

A institucionalização do poder

Na Idade Moderna acontece uma profunda mudança na maneira de pen ou seja, o recurso da razão prevalece sobre as explicações religiosas. Essa transformação se verifica nas artes, nas ciências, na política.

A tese de que todo poder emana de Deus, se contrapõe a teoria da homens. A legitimação do poder se encontra no próprio homem que o institui. (Ver as teorias contratualistas, no Capítulo 22.)

Com a influência da nova classe burguesa no panorama político, p político pertencia ao senhor feudal, dono de terras, e era transmitido aos filhos como herança juntamente com seus bens, com as revoluções burguesas as esferas do

público e do privado se dissociam e o poder não é mais herdado, mas conquistado pelo voto.

Isto é possível pela institucionalização do poder, que se dá qua da soberania popular. O poder se torna um poder de direito, e sua legitimidade repousa não no uso da violência, nem no privilégio, mas no mandato popular. Não havendo

privilégios, todos são iguais e têm os mesmos direitos e deveres. O súdito transforma-se em cidadão, já que participa ativamente da comunidade cívica.

O fortalecimento do Estado moderno havia resultado no absolutism procura de formas de limitação do poder soberano. Daí a importância do Parlamento enquanto instância separada do Executivo, uma das grandes conquistas da Revolução

Gloriosa na Inglaterra do século XVII. No século seguinte, Montesquieu desenvolverá a teoria da autonomia dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário),

consciente de que "para que não se possa abusar do poder é preciso que o poder freie o poder".

Sob o impacto do Século das Luzes, expande-se a defesa do consti e pelas leis. Conhecemos bem as Declarações dos direitos do homem e do cidadão em documentos célebres que resultaram da Independência dos Estados Unidos e da Revolução

Francesa.

Não é por acaso que no século XVIII o jurista italiano César Bec dos direitos humanos.

Portanto, o poder torna-se legítimo porque emana do povo e se fa em conformidade com a lei.

Retomando a pergunta "onde é o lugar do poder na democracia?", p

com o qual ninguém pode se identificar e que será exercido transitoriamente por quem for escolhido para tal.

No entanto, como veremos nos capítulos subsequentes, o liberalis prevalecer o elitismo ao privilegiar os segmentos da sociedade que possuem propriedades e excluir do acesso ao poder a grande maioria.

(Gravura)

A República, de Honoré Daunier, 1848. Deunier foi um pintor, gravador e escultor francês que se caracterizou pelo realismo e ironia de seus trabalhos, sendo

conhecidas as caricaturas que fez de políticos do seu tempo. A tela A República foi apresentada no concurso planejado

(e não realizado) pelo governo provisório republicano que desejava celebrar a queda de Louis-Philippe.

O exercício democrático

Segundo Marilena Chaui², as determinações constitutivas do conce

Conflito - se a democracia supõe o pensamento divergente, isto é é inevitável. A palavra conflito sempre teve sentido pejorativo, como algo que devesse ser evitado a qualquer custo. Ao contrário, divergir é

inerente a uma sociedade pluralista. Se os conflitos existem, evitá-los é permitir que persistam, degenerem em mera oposição ou sejam

camuflados. O que a sociedade democrática deve fazer com o conflito é trabalhá-lo, de modo que, a partir da discussão, do confronto, seja encontrada a possibilidade

de superá-lo. É assim que a verdadeira história se faz, nessa aventura em que o homem se lança em busca do possível, a partir dos imprevistos.

- Abertura - significa que na democracia a informação deve circun consumo de informação e cultura, mas significa produção de cultura, que se

enriquece nesse processo.

- Rotatividade - significa tomar o poder na democracia realmente

É permitir que todos os setores da sociedade possam ser legitimamente representados.

Por isso é importante que na sociedade haja mecanismos que permitam os espaços públicos de consumo e produção de cultura. Que o pluralismo dos partidos e sua eficácia independam do poder econômico e que os adversários políticos não sejam considerados "inimigos", mas opositores.

2 Cultura e democracia, p. 156.

A fragilidade da democracia

Se fosse possível preencher os requisitos indispensáveis à constituição das pessoas se define pela amizade, que é a recusa do servir.

No entanto, trata-se de tarefa difícil, devido à incompletude e antecipada do que é considerado certo (por quem?). Ao contrário, a democracia se autoproduz no seu percurso, e a árdua tarefa em que todos se empenham está sujeita

aos riscos de enganos e desvios.

Aceitar a diversidade de opiniões, o desafio do conflito e a grande resistência à homogeneização dos pensamentos e ações.

Por isso, a democracia é frágil e não há como evitar o que faz perigo entre eles surgirão os que combatem a democracia, identificando-a à anarquia ou desejando simplesmente impor seu ponto de vista. O principal risco é a emergência

do totalitarismo, representado por grupos que sucumbem à sedução do absoluto e desejam restabelecer a "ordem" e a hierarquia.

A condição do fortalecimento da democracia encontra-se na política para se tornarem mais participantes e conscientes da coisa pública.

Exercícios

1. Faça o fichamento do capítulo.

2. O conceito pejorativo de política identificado a "política" não separação entre o público e o privado. Explique.

3. "À violência é sempre dado destruir o poder; do contrário, o que jamais poderá florescer da violência é o poder." (Hannah Arendt)

Desta citação conclui-se que o homem violento não tem poder de fato.

4. "A política não é ciência. É ação que se inventa. Os transformamos em Chauri)

Explique esta frase, mostrando de que maneira ela só é verdadeira

5. Analisando as três características da democracia, faça

6. Tendo em vista o texto complementar 1, de Pascal, atente

a) Distinga os conceitos de justiça e de força.

b) Que tipo de força exige o poder democrático? E o poder

c) Explique o sentido da conclusão da frase de Pascal.

7. Leia o texto complementar II. Segundo Hannah Arendt, forças incompatíveis. Explique por que, indicando as diferenças entre elas.

8. Leia o texto complementar III e responda:

a) Originalmente, o que significa despotismo?

b) A partir desse sentido, por que o governo despótico é uma per

c) Nepotismo (de nepote, sobrinho) significa o favorecimento de brasileira!) com o significado de despotismo.

9. Faça uma dissertação com o seguinte tema:

"A política diz respeito a todos ou não?"

Textos complementares

I

298. Justiça, força - É justo que o que é justo seja seguido. E

A justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica
força sem a justiça será

acusada. É preciso, pois, reunir a justiça e a força: e, dessa forma, fazer com que o que é justo seja forte, e o que é forte seja justo.

A justiça é sujeita a disputas: a força é muito reconhecível, e
pode dar a força à justiça, porque a força contradisse a justiça.

dizendo que esta era injusta, e que ela é que era justa; e assim, não podendo fazer com que o que é justo fosse forte, fez-se com que o que é forte fosse justo.

299. (.4 Sem dúvida, a igualdade dos bens é justa mas, não se pode
se podendo fortificar a justiça, justificou-se a força a fim de que o justo e o forte existissem juntos, e que a paz existisse, que é o soberano bem."

300. "Quando o forte armado possui seu bem, aquilo que possui não
risco"*.

- São Lucas II,21.(N. do Ed.).)

(Biaise Pascal, Pensamentos. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, (973, p. 117.)

II

Visto que a autoridade sempre exige obediência, ela é comumente de meios externos de coerção; onde a força é usada, a autoridade em si mesma fracassou. A autoridade, por outro lado, é incompatível com a persuasão, a qual pressupõe

igualdade e opera mediante um processo de argumentação. Onde se utilizam argumentos, a autoridade é colocada em suspenso. Contra a ordem igualitária da persuasão

ergue-se a ordem autoritária, que é sempre hierárquica. Se a autoridade deve ser definida de alguma forma, deve sê-lo, então, tanto em contraposição à coerção pela

força como à persuasão através de argumentos. (...) A autoridade implica uma obediência na qual os homens retêm sua liberdade,...

(Hannah Arendt, Entre o passado e o Futuro. São Paulo, Perspectiva. 1972, p. 129.)

III

O déspota em grego, despotés - é uma figura da sociedade fundamentais: a do senhor e o escravo, a do marido e a mulher, e a do pai e os filhos. O déspota é o senhor absoluto

de suas propriedades móveis e imóveis, das pessoas

que dele dependem para sobreviver (escravos, mulher, filhos, parentes e clientes) e dos animais que emprega para manutenção de suas propriedades. A principal característica

do déspota encontra-se no fato de ser ele o autor único e exclusivo das normas e das regras que definem a vida familiar, isto é, o espaço privado. Seu poder, escreve

Aristóteles, é arbitrário, pois decorre exclusivamente de sua vontade, de seu

prazer e de suas necessidades, Os primeiros reis, lembra Aristóteles, porque eram simples

chefes de clãs e tribos ou de conjuntos de famílias, eram déspotas, assim como são déspotas os governantes bárbaros do Oriente, mas onde houver cidade e política,

onde houver politéia, não pode haver despotéia, não se pode manter o princípio do poder despótico, que pertence ao espaço privado e à vida privada.

(Marilena Chaui, Público, privado. despotismo. in Adauto Novaes (org.)

ética. p. 357.)

CAPITULO 18

A SOCIEDADE TRIBAL

Todos os regimes de opressão JUSTIFICAM-SE pelo aviltamento dos sentiam em relação aos árabes esmagados pela miséria, pois eles eram miseráveis, mais pareciam desprezíveis. de tal forma que não havia jamais lugar para o remorso.

E é verdadeiro que algumas tribos do Sul estariam tão dizimadas pela fome e pelas doenças que não se podia mais sentir diante delas revolta nem esperança, desejando-se

antes a morte desses infelizes reduzidos a uma animalidade tão elementar que até mesmo o instinto maternal tinha sido abolido.

(Simone de Beauvoir)

1. A perspectiva dos "civilizados"

O problema que sempre existiu ao se estudarem os povos tribais encantam e se surpreendem com os estranhos rituais e convicções míticas das tribos, por outro, não relutam em considerá-las inferiores, atrasadas. Toda análise,

inclusive a científica, sempre foi feita a partir das nossas categorias. Dessa forma, costuma-se definir a tribo como sendo a sociedade que

"não tem escrita", "não

tem Estado", "não tem comércio", "não tem história"; para Lévy-Bruhl, filósofo francês estudioso de antropologia, o primitivo teria uma "mentalidade

pré-lógica.*

* Mentalidade pré-lógica: segundo Lévy-Bruhl, o pensamento primitivo não seria baseado nos princípios da lógica

formal, nem estaria submetido à lei da contradição,

pois admite a identidade de seres contrários em virtude de uma "participação". O primitivo imagina que uma coisa pode ser ela e ser outra ao mesmo tempo (por exemplo,

o totem pode ser a tribo), ou que uma coisa pode atuar sobre outra por meio da magia (agindo sobre um boneco, o primitivo visa abater o inimigo). A moderna antropologia

não mais aceita as conclusões de Lévy-Bruhl.

Segundo o etnólogo Pierre Clastres, se explicamos as sociedades ter uma melhor compreensão da sua realidade, o que, em muitos casos, tem justificado a atitude paternalista e missionária de "levar o progresso, a cultura e a verdadeira

fé" ao povo "atrasado". A abordagem mais adequada seria a de considerar esses povos diferentes, e não inferiores.

A tendência de considerar esses grupos como inferiores vem da tr

Quando a Europa iniciou a expansão ultramarina nos séculos XV e de metais preciosos e a busca de novos caminhos para as índias. Daí a denominação índios dada aos nativos americanos, que se supunha pertencerem às terras do Oriente.

Ao encontrarem as terras americanas, os conquistadores, aventure apenas extrair as riquezas aí existentes. Como tivessem um maior poder do ponto de vista tecnológico, dominaram os nativos, muitas vezes com extrema crueldade, e

os submeteram aos interesses econômicos europeus.

Junto com os colonizadores vieram os missionários que cristianizaram abandonaram sua forma de viver, seus valores e até sua religião.

Não foram, porém, vítimas apenas da violência física, da doutrina

da debilitação lenta no trabalho forçado. A dizimação das populações indígenas é comparável a um verdadeiro genocídio: por exemplo, no México central, os 25 milhões

de nativos em 1519 não passavam de um milhão em 1605. 2.

Até hoje persistem no Brasil os problemas resultantes de abusos
in

dígenas ao seu espaço e cultura. Interesses econômicos como abertura de estradas, exploração das matas ou garimpo geralmente têm conseguido se fazer prevalecer.

O mesmo aconteceu no século XIX com a colonização da África, em que resultaram da imposição da cultura européia (língua, religião, costumes) persistem ainda hoje, mesmo depois do processo de descolonização. Por exemplo, na África

do Sul, tristemente famosa pelo rigor do apartheid, a minoria branca mantém a discriminação dos negros, o que tem gerado violentos conflitos.

2 Segundo L. Koshiro e Denise Frayse Pereira. História da América, São Paulo, Atual, 1979, p. 21.

(Gravura)

Família Tupinambá, de Jean de Léry, 1557. No processo de dizimação da população indígena no território brasileiro, os tupinambás foram totalmente extintos.

1. O poder nas sociedades tribais

Costuma-se chamar sociedades tribais aquelas em que a cultura se a todos, e a divisão do trabalho é feita por sexo e idade. Não há classes sociais, e o sentido comunitário é mais forte que a percepção da própria individualidade (ver Capítulo 6 - A consciência mítica).

No relato do sistema de vida desses povos, sempre encontramos re
xamã, o líder espiritual. Que tipo de poder

emana deles? Ora, essas sociedades são homogêneas e indivisíveis, pois o poder
não é separado da sociedade. Nelas não se pode distinguir a esfera política da
esfera

social. Desse modo, o chefe não possui poder algum e não há uns que mandam e
outros que obedecem. As oposições existem apenas com as tribos com as quais
se guerreia.

O chefe assume a vontade que a sociedade tem de aparecer como uma e
autônoma em relação às outras comunidades, e fala em nome dela.

Para tanto, o chefe deve ter qualidades tais como habilidade par
garantir a paz ou promover a guerra. O tempo todo o chefe está preocupado em
ser o porta-voz do desejo da comunidade como um todo, e sua decisão não deve
ser imposta.

Isso não significa que o chefe seja comum, e sim que tem prestígi
os demais.

Diz Pierre Clastres: "Resulta daí que não somente o chefe não fo
o poder) arbitrar quando, por exemplo, apresenta-se o conflito entre dois
indivíduos ou duas famílias. Ele não tentará reger o litígio em nome de uma lei
ausente

da qual ele seria o árbitro, mas tentará apaziguá-lo apelando para o bom senso,
para os bons sentimentos das partes opostas, reportando-se sem cessar à tradição
do

bom convívio legada pelos ancestrais, há muito tempo. Da boca do chefe
escapam não as palavras que sancionariam a relação de mando-obediência, mas
o discurso da

própria sociedade sobre ela mesma, através do qual ela se proclama comunidade

indivisa e desejosa de perseverar neste ser indiviso"³.

Portanto, o chefe deve ser bom orador, a fim de melhor cumprir s
é substituído por outro em tempo de guerra, único momento de exceção em que
é permitido o poder coercitivo.

Retomando o problema colocado no início do capítulo, poderíamos
dessas sociedades, que seriam ainda incompletas, inacabadas; ao se tornarem
adultas, o "progresso" as levaria às divisões e à necessidade de Estado.

Clastres inverte o raciocínio e considera que não se trata de um
elementos da tribo afastam ou matam o chefe cujo desejo de poder se
torna evidente demais: talvez tenhamos falhado em algum momento, quando
sucumbimos ao desejo de
poder e às formas de dominação.

1. P. Clastres, Arqueologia da violência, p. IOS.

Exercícios

1. Qual o efeito da colonização para as sociedades primitivas?
2. O que é ser chefe nas sociedades primitivas?
3. Que virtude Clastres indica como existente entre os pr
4. Releia a epígrafe do capítulo e explique o que Simone
dos oprimidos".
5. Faça uma análise, do ponto de vista dos índios, dos fa
6. A letra da música Sampa, de Caetano Veloso, se refere
a relação entre o "civilizado" e o "primitivo Ao responder, relacione também
com o texto complementar.

"Quando eu te encarei frente a frente e não vi o meu rosto / Cha

mau gosto, mau gosto / É que Narciso acha feio o que não é espelho 1 E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho / Nada do que não era antes quando não somos

mutantes / E foste um difícil começo / Afasto o que não conheço."

7. A partir do texto complementar I, responda:

a) O que é etnocentrismo e etnocídio?

b) Pelo estudo de história, podemos constatar que a colon

8. Leia o texto complementar II e o compare com dados da

Pesquisa

a) Pesquise em arquivos de jornais e revistas as questões

b) Consulte livros que tratem da ideologia dos textos did

os índios.

Textos complementares

1

Diversidade cultural e etnocentrismo

O etnocentrismo denota a maneira pela qual um grupo, iden cultural, constrói uma imagem do universo que favorece

a si mesmo. Compõe-se de uma valorização positiva do próprio grupo, e uma referência aos grupos exteriores marcada pela aplicação de

normas do seu próprio grupo, ignorando, portanto, a possibilidade de o outro ser diferente. Sendo

baseado numa preferência que não encontra uma validade racional, o etnocentrismo é encontrado,

em diferentes graus, em todas as culturas humanas. Mas não é só o fato de preferir a própria cultura

que constitui o que se convencionou chamar de etnocentrismo, e sim o preconceito acrítico em favor

do próprio grupo e uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos demais. O etnocentrismo é

um fenômeno sutil, que se manifesta através de omissões, seleção de acontecimentos importantes,

enunciado de um sistema de valores particular *etc.*

Em sua expansão, a partir do século XV, as sociedades européias se defrontaram com outras

sociedades e perceberam que estas não eram feitas à sua imagem. A reação imediata do Ocidente foi

o etnocentrismo. Em seu avanço, a cultura européia não só é etnocêntrica, como também etnocidária.

O etnocídio é a destruição de modos de vida e de pensamentos diferentes dos

compartilhados por aqueles que conduzem à prática da destruição, que reconhecem a diferença

como um mal que deve ser sanado mediante a transformação do Outro em algo idêntico ao modelo imposto. Resulta

disso, segundo Jaulin, que o conjunto submetido a essa

cultura não é homogêneo, pois provém da extensão de si mesmo e da negação do Outro, O Outro é sempre negado pelas culturas

européias, pois o universo no qual está

integrado passa a depender dessas culturas.

(Norma Telles, A imagem do índio no livro didático: equivocada, enganadora, in Aracy Lopes

da Silva, A questão indígena na sala de aula, São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 75-

76.)

II -

(Preconceito)

Existe um preconceito tenaz (...) e não menos corrente de que o s

América do Sul, por outro lado, dizem "vagabundo como um índio". Então, das duas uma: ou o homem das sociedades primitivas,

americanas e outras, vive em economia de subsistência e passa quase todo o tempo à procura de

alimento, ou não vive em economia de subsistência e pode portanto se proporcionar lazeres prolongados fumando

em sua rede. Isso chocou claramente os primeiros observadores europeus dos índios do Brasil. Grande era a sua reprovação ao constatarem que latagões cheios de saúde

preferiam se empetecar, como mulheres, de pinturas e plumas em vez de regarem com suor as suas áreas cultivadas.

Tratava-se portanto de povos que ignoravam deliberadamente que é preciso ganhar o

ppão com o suor

do próprio rosto. Isso era demais, e não durou muito: rapidamente se puseram os índios para trabalhar,

e eles começaram a morrer. Dois axiomas, com efeito, parecem guiar a marcha da

civilização ocidental, desde a sua aurora: o primeiro estabelece que a

verdadeira sociedade se desenvolve sob a sombra

protetora do Btado; o segundo enuncia um imperativo categórico: é necessário trabalhar.

(Pierre Clastres. A sociedade contra o Estado, p. 135.)

CAPÍTULO 19

O PENSAMENTO POLITICO GREGO

A política normativa

Os males não cessarão para os humanos antes que a raça dos puros e autênticos filósofos chegue ao

poder, ou antes que os chefes das cidades, por uma divina graça, se não ponham a filosofar verdadeiramente.

(Platão)

É preciso que o melhor governo seja aquele que possua uma constituição feliz.

(Aristóteles)

1. Antecedentes

Os tempos homéricos têm como fonte histórica sobretudo as obras Ilíada e Odisséia. Naquele período predomina o sistema gentílico, cuja célula básica é o

gênos, formado por pessoas ligadas entre si por laços religiosos ou de nascimento. Geralmente a origem comum é considerada a partir de um ascendente divino, venerado

em cultos coletivos.

Com a desintegração lenta da ordem gentílica, aumentam as diferenças na riqueza decorrente da propriedade da terra. Em contrapartida, os que perdem seus lotes passam a trabalhar para os ricos, e aos poucos se desenvolve o sistema escravista.

A alteração política decorrente é o aumento do poder da aristocracia é centrada na figura do "guerreiro belo e bom", cuja excelência se acha na coragem e na força. Mas não podemos dizer, ainda, que há ação política propriamente dita, pois resta a crença de que agentes divinos promovem o agir humano.

A passagem do mundo rural e aristocrático da Grécia homérica primeiras aglomerações urbanas no período arcaico é concomitante a mudanças na estrutura social, política e econômica.

A intensificação do sistema escravista acentua a divisão do artesanato e estimula o comércio, a partir da necessidade de dar vazão aos excedentes. Os gregos lançam-se ao mar em busca de terras mais férteis e novos pontos de comércio, fundando colônias na Jônia (atual Turquia) e na Magna Grécia (sul da Itália).

Começa então a surgir a cidadeestado (pólis), que dá início política, típica da Grécia Antiga. A pólis é constituída pela acrópole, parte elevada onde se situa o templo e também de onde se defende a cidade, e pela ágora, praça central onde se estabelecem as trocas comerciais e na qual os cidadãos se reúnem para debater os assuntos da cidade.

Parece que as primeiras póleis teriam surgido na Jônia, e nos sé

moeda, a economia deixa de ser natural, baseada na troca em espécie, e passa a ser monetária, enriquecendo os comerciantes e proprietários de oficinas, os quais,

ainda sem representação política, tendem a aspirar ao poder.

A luta contra a aristocracia exige a institucionalização da lei

Em Atenas, depois de Drácon, o arconte² Sólon, em 594 a.C., promove a assembleia do povo, na qual eram eleitos todos os funcionários do Estado. Mas é no governo de Clístenes, no final do século VI a.C., que o regime ateniense se

democratiza, com a redução do poder da nobreza territorial provocada por uma nova distribuição das

famílias em diversas tribos.

O apogeu da democracia se dá no século V a.C., quando Péricles e

É bem verdade que o historiador Tucídides atribui a ele uma capacidade excepcional

de governo: "Tinha sempre as rédeas na mão: quando a massa queria tomar o freio, sabia como espantá-la e atemorizá-la, e quando se deprimia ou desesperava sabia

dar-lhe alento. Deste modo, Atenas "só de nome era democracia", sob o seu comando; "na realidade, era o domínio de um eminente", a monarquia da superior habilidade

política"⁴.

Sabemos que Atenas possuía cerca de meio milhão de habitantes, das mulheres e as crianças, apenas 10% do corpo social tinha o direito de decidir por todos, e era considerado cidadão.

Atentando para o número de escravos, percebemos que nesse período braço escravo, "libertando" o cidadão livre para as funções teóricas, políticas e

de lazer, consideradas mais nobres.

1 Os assuntos tratados neste capítulo poderão ser complementados com a leitura do Capítulo 7 - Do mito à razão da Primeira Parte do capítulo

10 - Teoria do

conhecimento e Capítulo 12-A ciência grega.

2 Arconte: magistrado da Grécia Antiga com poder de legislar; depois de Sólon, mero executor das leis.

1. Estratego: general superior.

4w. Jaeger, Paideia, p. 431.

5 Paideia: conceito complexo que só de forma inadequada pode ser traduzido como formação da cultura, tradição e

educação gregas. Etimologicamente, origina-se de paidiís, "criança". Daí "pedagogo", literalmente, "o que conduz a criança".

(Gravura)

Maquete da ágora de Atenas tal como deve ter sido no século II a.C. O termo ágora se aplica à "assembléia do povo" e também ao local onde as pessoas se reuniam nas

diversas póleis para as atividades religiosas, políticas, sociais, judiciais, comerciais e onde, em determinadas épocas, também se realizavam as assembléias. Geralmente

era uma praça arborizada e cercada por estátuas de heróis e deuses, com diversos templos, lojas e colunatas (stoa).

1. Os sofistas

Apesar de suas contradições, o ideal democrático devia ser justificado. Os sofistas, no século V a.C., a função de elaborar a teorização que interessava

à nova classe dos comerciantes. E isso acontece no período clássico da história grega.

Como vimos na Primeira Parte do Capítulo 10, a divisão da filosofia estabelece os períodos pré-socrático, socrático (ou clássico) e pós-socrático.

O período clássico acontece nos séculos V e IV a.C. e dele fazem parte Os sofistas são contemporâneos de Sócrates e foram por ele duramente criticados.

Vimos que os primeiros filósofos pré-socráticos preocupam-se sobretudo com o problema da procura da

arché (princípio) de todas as coisas. Entre os primeiros filósofos não há textos referentes à política.

São os sofistas que irão proceder à passagem para a reflexão propriamente antropológica, centrando suas atenções na questão moral e política. Elaboram teoricamente

e legitimam o ideal democrático da nova classe em ascensão, a dos comerciantes enriquecidos.

À virtude (areté) de uma aristocracia guerreira opõe-se a virtude dos cidadãos da polis, devem

ter direito ao exercício do poder. Enquanto na aristocracia predomina a

areté ética, para o cidadão ela é política e mais objetiva que a anterior, pois o critério

do justo e do injusto se acha na lei escrita.

Através da paideia⁵, os gregos elaboram a nova educação capaz de superar os privilégios da antiga educação, para a qual a areté só era acessível aos que pertenciam a uma linhagem de origem divina.

A exigência que os sofistas vêm satisfazer não é apenas de ordem bem prática, voltada para a vida. Segundo Jaeger, historiador da filosofia, exercem por isso uma influência muito forte, vinculando-se à tradição educativa dos poetas

Homero e Hesíodo.

Os sofistas são os mestres da nova aretê política, e o instrumento desse processo será a retórica, ou seja, a arte de bem falar, de utilizar a linguagem em um discurso persuasivo.

É bem verdade que esse movimento não se dirige ao povo em geral, mas a uma elite, àqueles bons oradores que poderiam, nas assembleias públicas, fazer uso da palavra livre e pronunciar discursos convincentes e oportunos. Com o brilhantismo da participação no debate público, deslumbram os jovens do seu tempo. Desenvolvem o espírito crítico e a facilidade de expressão.

Com frequência os sofistas são acusados de superficialidade e lo deva a excessiva atenção dada por alguns deles ao aspecto formal da exposição e defesa das idéias, já que se achavam tão preocupados com a persuasão. Mas também

é preciso lembrar que os sofistas sempre foram mal-interpretados devido às críticas que a eles fizeram Sócrates e Platão.

Só a partir do século XIX a imagem caricatural dos sofistas foi atenuada.

Os mais famosos sofistas foram:
Protágoras, de Abdera (485-411 a.C.);

Górgias, de Leôncio, na Sicília (485-380 a.C.);

Híppias, de Élis, e ainda Trasímaco, Pródico,

Hipódamos e outros.

Tal como ocorreu com os pré-socráticos, dos sofistas só nos restamos, tendenciosas - feitas por filósofos posteriores.

1. O pensamento político de Platão

O pensamento político de Platão (428-347 a.C.) está sobrepoético e com recurso a alegorias, Platão escreve em diálogos, tendo sempre o seu mestre Sócrates como principal interlocutor.

Seu verdadeiro nome era Arístocles, e foi apelidado de Platão por família aristocrática e sempre foi fascinado pela política,

apesar de ter sofrido pesados reveses. Na Sicília, tentou em vão convencer Dionísio, o Velho, a respeito de suas teorias políticas. Inicialmente bem recebido, após

sérias desavenças Platão acabou sendo vendido como escravo e só por sorte foi reconhecido e libertado por um rico armador. Nem por isso desistiu, retornando outras

duas vezes à Sicília, mais cauteloso, porém sem sucesso. A amargura dessas tentativas frustradas transparece nas Leis, sua última obra.

O século V a.C. foi a "época das luzes" da Grécia, mas, a contra Esparta, a condenação e morte de Sócrates,

as convulsões sociais que agitaram a cidade acentuam em Platão o descrédito na democracia. É bem verdade que não se trata apenas disso, pois Platão é de origem aristocrática,

e seu posicionamento teórico de valorização da reflexão filosófica o leva a conceber uma "sofocracia" (etimologicamente, "poder da sabedoria"). Segundo

ele, os homens

comuns são vítimas do conhecimento imperfeito, da "opinião", e portanto devem ser dirigidos por homens que se distinguem pelo saber.

A utopia platônica: A República

No livro VII de A República, Platão ilustra o seu pensamento com uma alegoria que pode dar margem a uma interpretação epistemológica, pela qual se explica a teoria das idéias platônica.

Segundo ela, o filósofo, representado por aquele que se liberta das correntes ao contemplar a verdadeira realidade, passa da opinião à ciência e deve retornar ao meio dos homens para orientá-los.

Deriva daí a segunda interpretação do mito da caverna, que resulta ao sábio ensinar e dirigir. Trata-se da necessidade da ação política, da transformação dos homens e da organização da sociedade, desde que essa ação seja dirigida pelo modelo ideal contemplado.

É nesse sentido que Platão imagina uma cidade utópica, a Callipolis (ou Calípola, ou Calípola). Etimologicamente, utopia significa "em nenhum lugar" (em grego, ou-topos).

Platão imagina uma cidade que não existe, mas que deve ser o modelo da cidade ideal.

Partindo do princípio de que as pessoas são diferentes e por isso, Platão imagina que o Estado, e não

a família, deveria se incumbir da educação das crianças. Para isso, propõe estabelecer-se uma forma de comunismo em que é eliminada a propriedade e a família, a

com o fim de evitar a cobiça e os interesses decorrentes dos laços afetivos, além da

degenerescência das ligações inadequadas.

O Estado orientaria as formas de eugenia para evitar casamentos para a educação coletiva das crianças.

A educação promovida pelo Estado deveria, segundo Platão, ser ig que, por possuírem "alma de bronze", têm a sensibilidade grosseira e por isto devem se dedicar à agricultura, ao artesanato e ao comércio. Estes cuidariam da subsistência da cidade.

Os outros continuariam os estudos por mais dez anos, até o segun constituiriam a guarda do Estado, os soldados que cuidariam da defesa da cidade.

Os mais notáveis, que sobrariam desses cortes, por terem a "alma filosofia, que eleva a alma até o conhecimento mais puro e é a fonte de toda verdade.

Aos cinqüenta anos, aqueles que passassem com sucesso pela série o governo da cidade, o exercício do poder, pois apenas eles teriam a ciência da política. Sua função seria manter a cidade coesa. Por serem os mais sábios, também

seriam os mais justos, uma vez que justo é aquele que conhece a justiça. A justiça constitui a principal virtude, a própria condição das outras virtudes.

Se para Platão a política é "a arte de governar os homens com o ser chefe quem conhece a ciência política. Por isso a democracia é inadequada, pois desconhece que a igualdade deve se dar apenas na repartição dos bens, mas nunca

no igual direito ao poder. Para que o Estado seja bem governado, é preciso que "os filósofos se

tornem reis, ou que os reis se tornem filósofos".

Platão propõe um modelo aristocrático de poder. No entanto, como é confiado aos melhores, ou seja, é uma sofocracia.

O rigor do Estado concebido por Platão ultrapassa de muito a pro supremacia é a obediência à lei, o legislador tem de conseguir

o seu cumprimento pela persuasão em primeiro lugar, aguardando a atuação consentida dos cidadãos livres e racionais. Caso não o consiga, deve usar a força: a prisão,

o exílio ou a morte. Da mesma forma, a censura é justificável quando visa manter a integridade do Estado (ver texto complementar "Os poetas" no Capítulo 7 - Do mito

à razão).

As formas de governo

Com a utopia, Platão critica a política do seu tempo e recusa as timocracia, quando o culto da virtude é substituído pela forma guerreira; ou em oligarquia, quando prevalece o gosto pelas riquezas,

e o censo é a medida de capacidade para

o exercício do poder.

No livro VIII de A República, Platão explica como essas formas d ideais platônicos porque, por definição, o povo é incapaz de possuir a ciência política. Quando o poder pertence ao povo, é fácil prevalecer a demagogia, característica

do político que manipula e engana o povo (etimologicamente, "o que conduz o povo").

Platão critica a noção de igualdade na democracia, pois para ele a verdadeira

igualdade é de ordem geométrica, porque se baseia no valor pessoal que é sempre desigual (já que uns são melhores do que

outros), não considerando todos igualmente cidadãos.

Por fim, a democracia levaria fatalmente

à tirania, a pior forma de governo, exercido pela força por um só homem e sem ter

como objetivo o bem comum. O tirano é a antítese do magistrado-filósofo.

Na conclusão do capítulo retomaremos a avaliação geral do pensamento de Platão.

1. O pensamento político de Aristóteles

Aristóteles (384-322 a.C.). discípulo de Platão, logo se torna conhecido pela ciência abstrata por excelência, Aristóteles, filho de médico, é influenciado pelo estudo da biologia. Daí seu gosto pela observação e classificação, o que o leva a recolher informações sobre 158 constituições existentes.

Aristóteles critica o autoritarismo de Platão, considerando sua teoria política apenas uma parte do corpo social, os mais sábios, o que torna a sociedade muito hierarquizada. Não aceita a

proposta de dissolução da família nem considera que

a justiça, virtude por excelência do cidadão, possa vir separada da amizade.

É o que veremos a seguir.

A cidade feliz

A reflexão aristotélica sobre a política não se separa da ética, a finalidade da ação moral é a felicidade do indivíduo, também a política tem por fim organizar a cidade feliz.

Por isso, diante da noção fria de justiça proposta por Platão, A
embora possa ser traduzida por "amizade", é um conceito mais amplo quando se
refere à cidade. Significa a concordância entre as pessoas que têm idéias
semelhantes

e interesses comuns, donde resulta a camaradagem, o companheirismo. Daí a
importância da educação na formação ética dos indivíduos, preparando-os para a
vida em

comunidade.

A amizade não se separa da justiça. Essas duas virtudes se relacionam
é a associação de homens iguais, a justiça é o que garante o princípio da
igualdade. Justo é o que se

apodera de parte que lhe cabe, é o que distribui o que é devido a cada um.

Mas é preciso lembrar que Aristóteles não se refere à igualdade
a que leva em conta o mérito das pessoas. Isso significa que não se pode dar o
igual para desiguais, já que as pessoas são diferentes.

A justiça está intimamente ligada ao império da lei, pela qual se
Aristóteles o princípio que rege a ação dos cidadãos, é a expressão política da
ordem natural.

Mesmo considerando a importância das leis escritas, Aristóteles
"Com efeito, de nada serve possuir as melhores leis, mesmo que ratificadas por
todo o como de cidadãos, se estes últimos não estiverem submetidos a hábitos e
a

uma educação presentes no espírito da Constituição".

Quem é cidadão?

O fato de se morar na mesma cidade não torna seus habitantes iguais
significa que todo homem livre, nascido na pólis, possa participar da

administração da justiça ou ser membro da assembléia governante. Para Aristóteles, é necessário

ter qualidades que variam conforme as exigências da constituição aceita pela cidade.

De forma geral, Aristóteles concorda que o bom governante deve ter um temperamento comum. Trata-se de virtude difícil, que não se acha disponível a muitos.

Por isso exclui da cidadania a classe dos artesãos, comerciantes e aqueles que não têm tempo de ócio necessário para participar do governo e em segundo lugar porque, reforçando o desprezo que os antigos tinham pelo trabalho manual. Aristóteles pondera

que esse tipo de atividade embrutece a alma e torna o indivíduo incapaz da prática de uma virtude esclarecida.

Vale lembrar ainda a polêmica justificativa de Aristóteles à escravidão dos escravizados, mas o mesmo não acontece com os "bárbaros", nome genérico atribuído aos não-gregos, por serem estes considerados inferiores e, portanto, possuem

uma disposição natural para a escravidão. Por isso seria legítimo o controle que o senhor exerce sobre o escravo, e Aristóteles recomenda apenas que o tratamento

não seja cruel, devendo mesmo ser estabelecidos laços afetivos, como nas famílias antigas

das famílias dos tempos homéricos, quando os escravos pertenciam ao lar. É bem verdade

que no estágio de desenvolvimento urbano do século IV a.C. a escravidão não se restringia apenas às atividades domésticas, mas se estendia ao comércio e à manufatura,

em condições bastante adversas de trabalho.

As formas de governo

Além de descrever as diversas constituições, Aristóteles estabeleceu a classificação clássica. Usa o critério do número, da quantidade, para distinguir a monarquia (

ou governo de um só), a aristocracia (ou governo de um pequeno grupo) e a politéia (ou governo da maioria).

Em seguida, usando o critério axiológico (de valor), Aristóteles classifica as formas boas e más, corrompidas, degeneradas, quando têm como objetivo o interesse particular.

Portanto, a cada uma das três formas boas descritas corresponde uma forma má: a monarquia visa o interesse próprio; a oligarquia prevalece quando vence o interesse dos mais ricos ou nobres; e a democracia quando a maioria pobre governa em detrimento da

minorias ricas.

O quadro a seguir torna mais clara a classificação feita.

Classificação das formas de governo

- critério de número (um, poucos, muitos)

Critério do valor	Boas		Corrompidas
-------------------	------	--	-------------

Um	monarquia	-	tiranía
----	-----------	---	---------

Poucos . aristocracia oligarquia

Muitos politéia - democracia

Embora considere a monarquia, a aristocracia ou a politéia formas boas, Aristóteles deva à constatação feita de que a tensão política sempre deriva da luta entre ricos e pobres; se um regime conseguir conciliar esses antagonismos, torna-se mais propício para assegurar a paz social.

Aqui Aristóteles retoma o critério já usado na ética, o de que a sociedade, descobre na classe média - constituída pelos indivíduos que não são nem muito ricos nem muito pobres - as condições de virtude para criar uma política

estável:

"Onde a classe média é numerosa raramente ocorrem conspirações e revoltas entre os cidadãos".

1. Conclusão: o bom governo

A teoria política grega está voltada para a busca dos parâmetros os maus governos. Se por um lado Platão tentou efetivamente implantar um governo justo na Sicília, por outro esboçou a idealizada Cailipolis como modelo a ser alcançado.

Aristóteles. mesmo recusando a utopia do seu mestre, aspira também a uma cidade justa e feliz.

Isso significa que esses filósofos elaboram uma teoria política de fato , mas é também

de natureza normativa e prescritiva, porque pretende indicar quais são as boas formas de governo.

A ligação entre ética e política é evidente, na medida em que a Veremos como essa tendência persiste na Idade Média, até ser criticada no século XVI, a partir de

Maquiavel.

Outra característica típica das teorias políticas antigas é a co história, segundo a qual os governos se alternam passando de uma forma para outra (de desenvolvimento ou de decadência), representando um curso fatal dos acontecimentos humanos. Assim, por exemplo, quando a monarquia

degenera em tirania,

acontece a reação aristocrática que, decaindo em oligarquia, gera a deniocracia e assim por

diante.

Exercícios

1. Que transformações políticas decorrem do advento da pólis grega?

2. Quanto ao papel representado pelos sofistas, responda:

a) Que mudança de enfoque os sofistas promovem na reflexão filosófica pré-socrática?

b) Qual é a noção de virtude do cidadão para os sofistas? Compare com a dos filósofos homéricos.

c) Qual é o papel político desempenhado pelos sofistas?

3. Leia a citação de Platão que aparece como epígrafe dos fragmentos 2 e 3, relacionando-a com o texto complementar do mesmo autor, fragmentos 2 e 3.

4. Considerando o que foi dito no capítulo e mais as referências a "Péricles e a democracia ateniense" e a Platão, analise as diferentes concepções de poder.

5. "Há na espécie humana indivíduos tão inferiores a outros, que o emprego da força física é o melhor que deles se obtém.

Indivíduos são destinados à escravidão; porque, para eles, nada é mais fácil que obedecer."

(Aristóteles)

A partir dessa citação, explique:

- a) Qual é a concepção de igualdade e justiça para Aristóteles?
- b) Como Aristóteles justifica a escravidão?
- c) Qual é a concepção grega a respeito do trabalho intelectual e
- 1. Relacione ética e política ao explicar o significado da frase de Aristóteles:
"Uma

república só pode ser virtuosa quando os próprios cidadãos que tomam parte no governo são virtuosos".

- 1. Cite e explique quais são as seis formas clássicas de governo segundo Aristóteles.
- 2. O que significa dizer que o pensamento político clássico é normativo?

Textos complementares

1

Péricles: A democracia ateniense

Péricles (495-429 a.C.) faz a oração fúnebre aos guerreiros mortos durante o primeiro ano da

Guerra do Peloponeso, e suas palavras são relatadas pelo historiador Tucídides. Convém ver ficar

a divergência entre este texto e o de Platão.

Péricles, filho de Xantipa, tinha sido escolhido para pronunciar em Atenas e o primeiro em tudo, quer pela palavra quer pela ação... Chegado o momento, aproxima-se do túmulo, colocado alto, a fim de ser ouvido do mais longe possível

pela multidão. (...) "A nossa constituição não inveja as leis dos nossos vizinhos." Ela é antes o protótipo das leis dos outros Estados.

"Não imitamos os outros. Pelo contrário, servimos de modelo a alguns."

Este governo, próprio de Atenas, "recebeu o nome de democracia, porque a sua direção não está na mão de um pequeno grupo, mas sim da maioria". (...)

"Um temor salutar impede-nos de faltar ao cumprimento dos nossos deveres no que toca à pátria.

Respeitamos sempre os magistrados e as leis." Perante elas, todos os atenienses são iguais,

iguais na vida privada, iguais na solução dos diferendos entre particulares,

iguais na obtenção das honras as quais são devidas aos méritos e não à

classe". "Podem-se prestar alguns serviços ao Estado? Ninguém deve ser rejeitado por ser desconhecido

ou pobre... Os mesmos homens dedicam-se aos seus

assuntos particulares" e aos do governo. Os que têm como profissão o trabalho manual não são afastados da política. (...) Isto não representa para eles somente um

direito, mas um dever, visto que todo aquele que se desinteressa do governo da cidade é malvisto. Não existe distinção permanente

entre governantes e governados. Cada um será, por seu turno, governante e governado. Ve-se nesta

alternância, não sem razão, um dos traços fundamentais da democracia.

À igualdade de direito perante a lei (isonomia), corresponde a igualdade do direito à palavra na

assembleia (isegoria). "Todos exprimimos livremente a nossa opinião sobre os assuntos de interesse

público." Não acreditamos que os discursos entrem a ação; o que nos parece prejudicial é não nos

esclarecermos primeiro através do discurso sobre o que é preciso fazer." Esta afirmação é capital. O

orador ateniense confessa a sua crença nas vantagens da deliberação. Na Antiguidade, esta é

necessariamente oral, visto que os meios de escrita são, tecnicamente, muito limitados. Por outro lado,

apresentando a opinião dos atenienses sob uma forma negativa: nós não acreditamos..., Péricles

responde à concepção antagônica dos lacedemônios, para quem o silêncio e a brevidade das

respostas, o "laconismo", são considerados como virtudes individuais e como méritos coletivos.

Inversamente, Atenas, como diz A. Croiset, coloca-se sob "a soberania da palavra eloquente".

(Apud M. Prelot. As doutrinas políticas, v. 1, p. 54.)

II

Platão

Os trechos a seguir se referem a diálogos entre Sócrates e os irmãos de Platão, Glauco e

Adimanto. Foram efetuados cortes, de maneira a transcrever apenas as falas de Sócrates.

Pois bem!, a meu ver, a democracia aparece quando os pobres, tendo conquistado a vitória

sobre os ricos, chacinam uns, banem outros e partilham igualmente, com os que

sobram, o governo e

os cargos públicos e freqüentemente estes cargos são sorteados. (...)

Em primeiro lugar, não é verdade que eles são livres, que a cida franqueza de palavra, havendo nela licença para fazer o que se quer? (...)

Ora, é claro que toda parte onde reina tal licença cada qual org apraz. (...)

Assim é possível que ele (o governo democrático) seja o mais bel vestimenta variegada que oferece toda variedade de cores, este governo, ao oferecer toda variedade

de caracteres, poderá afigurar-se de rematada beleza. E talvez muitas pessoas, semelhantes às crianças e as mulheres que admiram as variegações, decidirão que é

o mais belo. (...)

É como vês, um governo agradável, anárquico e variegado, que con espécie de igualdade tanto ao que é desigual como ao que é igual. (...)

Ora, não será o desejo insaciável deste bem (a liberdade) e a in muda este governo e o compele a recorrer à tirania? (...)

Então, se os que a governam não se mostram totalmente dóceis e n de liberdade, ela os castiga, acusando-os de criminosos e oligarcas. (...)

Ora, vês o resultado de todos esses abusos acumulados? Concedes, alma dos cidadãos de tal modo assustadiça que, à menor aparência de coação, estes se indignam e se

revoltam? E chegam por fim, bem sabes, a não mais se pre fim de não ter absolutamente nenhum senhor. (...)

Pois então! este governo tão belo e tão juvenil é que dá nascime
meu pensar.

(Platão.A República, v. 2. p. 162-172.)

2

Neste trecho, Sócrates se refere a uma fábula, cuja crença inspiraria maior
devotamento à

cidade e aos concidadãos.

Sois todos irmãos na cidade (...) mas o deus que vos formou intr
os mais preciosos. Misturou prata na composição dos auxiliares

(defensores) ferro e bronze na dos lavradores e outros artesãos. Comumente,
gerais filhos semelhantes

a vós mesmos; mas, como sois todos parentes, pode acontecer que, do ouro,
nasça um rebento de prata; da prata, um rebento de ouro e que as mesmas

transmutações

se produzam entre os outros metais. Por isso, antes e acima de tudo, o deus
ordena aos magistrados que vigiem atentamente as crianças, que tomem muito
cuidado com

o metal misturado em suas almas e, caso seus próprios filhos apresentem mistura
de bronze ou de ferro, que sejam inipiedosos com eles e lhes concedam o gênero
de

honor devido à respectiva natureza, relegando-os à classe dos artesãos e dos
lavradores; mas, se destes últimos nasce um rebento cuja alma contenha

ouro ou prata, o deus quer que o honrem, elevando-o à categoria de guardião ou
de auxiliar, porque

um oráculo afirma que a cidade perecerá quando for guardada pelo ferro ou pelo
bronze.

(Platão. A República v. 1, p. 192.)

3

Aqueles que se possuem por meio de compra, que sem discussão não participam em absoluto da arte régia. - E de que maneira poderiam

participar? - E então? E todos os que entre livres se dedicam espontaneamente a atividades servis, como os anteriormente citados, transportando e permutando os produtos

da agricultura e das outras atividades; aqueles que, indo de cidade em cidade, nos mercados, por mar ou por terra, trocando dinheiro por outras coisas OU por dinheiro,

aqueles a quem chamamos de banqueiros, comerciantes, marinheiros e revendedores, poderiam por acaso

reivindicar para si algo da ciência política? (...) Mas nem mesmo

os que vemos dispostos a prestar serviços a todos por salários ou por mercês, nunca os encontraremos partfcipes da

arte de governar... que nome lhes daremos? - Como

agora acabas de dizer: servidores, mas não governadores dos Estados.

(Platão, Político apud R. Mondolfo O pensamento antigo, v. 1, p. 237.)

CAPÍTULO 20

O PENSAMENTO POLÍTICO MEDIEVAL

A vinculação da política à religião

Dois amores construíram duas cidades: o amor de si levado até ao desprezo de si próprio ergueu a cidade celeste; uma rende glória a si, a outra ao Senhor; uma busca uma glória vinda dos homens; para a outra, Deus, testemunha da Consciência, é a maior glória.

(Santo Agostinho)

Para um pensador da Idade Média, o Estado está para a Igreja como a filosofia para a teologia e a natureza para a graça.

(Etienne Gilson)

1. Introdução

A Idade Média abarca um período tão extenso que é difícil caracterizar a queda do Império Romano do Ocidente e a tomada de Constantinopla pelos turcos.

A Alta Idade Média, período que se sucedeu à queda do Império, é caracterizada por diversos reinos bárbaros.

O desejo de unidade de poder, de restauração da antiga unidade política do Estado universal. Desde o final do Império Romano, quando o cristianismo se tornara a religião

oficial (ano 313), estabelece-se a ligação entre Estado e Igreja, pois esta legitima o poder do Estado, atribuindo-lhe uma origem divina.

Após a formação dos reinos bárbaros, essa relação é retomada no Clóvis e Pepino. No ano 800, Carlos Magno restaura de certa forma a unidade do poder secular com a fundação do Império do Ocidente. Ao ser pomposamente sagrado imperador pelo papa Leão III, reforça ainda mais a aliança entre política e religião.

Tempos difíceis se sucederam à desagregação do Sacro Império Romano período de profundo enfraquecimento do Estado, em que os países são recortados pelos territórios possuídos por duques, condes e barões que, com suas milícias e autonomia

na administração da justiça, muitas vezes tinham maior poder que o próprio rei. Fortes mesmo eram as relações de suserania e vassalagem, criando laços que uniam

os senhores entre si em troca de favores e proteção.

Nesse contexto de extrema fragmentação política e descentralização Desde a invasão dos bárbaros, a cultura greco-latina permanecera por muito tempo confinada aos mosteiros, ressurgindo lentamente após o século VIII, no período conhecido

como renascimento carolíngio, ocasião em que

Carlos Magno mandou fundar inúmeras escolas junto às igrejas e mosteiros.

Dessa forma, os intelectuais pertencem às ordens religiosas e, com sendo que esta se encontra sempre subordinada àquela. Se a fé é o conhecimento mais elevado e o critério mais adequado da verdade, a filosofia não é a busca da verdade

- pois esta já foi encontrada mas a ela cabe apenas o trabalho de

demonstração racional dessa verdade.

De início os religiosos têm receios quanto à produção dos gregos o pensamento medieval é fertilizado inicialmente pelo pensamento de Platão (nas obras da patrística, sobretudo de Santo Agostinho) e depois pelo de Aristóteles (no pensamento de Santo Tomás).

1. Estado e Igreja

Ao contrário das concepções da Antiguidade, em que a função do Estado era garantir a ordem pública, porque o homem teria uma natureza sujeita ao pecado e ao descontrole das paixões, o que exige vigilância constante, cabendo ao Estado intimidar os homens para que ajam retamente.

Daí podermos observar a estreita ligação entre política e moral, muitas vezes pelo medo, à obediência aos princípios da moral cristã.

Portanto, na Idade Média configuram-se duas instâncias de poder: mundanas e caracteriza-se pelo exercício da força física. A Igreja é de natureza espiritual, voltada para os interesses da salvação da alma e deve encaminhar o rebanho para a verdadeira religião por meio da força da educação e da persuasão.

A tensão entre os dois poderes assumiu diferentes expressões no tempo. Ainda no final da Antiguidade, próximo à queda do Império Romano, surge o tema das duas cidades, a "cidade de Deus" e a "cidade terrestre", que não devem ser entendidas

simplesmente como referência ao reino de Deus que se sucede à vi

de cada um. Ou seja, todos têm uma dimensão terrena que se refer à moral, às necessidades materiais e que diz respeito a tudo que é perecível e temporal.

Outra dimensão é a celeste, que corresponde à comunidade dos cristãos, inspirada no amor

a Deus e que vive da fé.

Para Santo Agostinho, a relação entre as duas dimensões é de ligação na doutrina chamada agostinismo político, que marca toda a Idade Média e significa o confronto entre o poder do Estado e o da Igreja, considerando a superioridade do poder espiritual sobre o temporal.

1. A luta das duas espadas

A luta das duas espadas foi formulada teoricamente por São Bernardo o espiritual e o temporal. Se cabe aos reis cuidar dos corpos e à Igreja a salvação da alma, esta última tarefa é superior e não se deve poupar aqueles que praticam delitos contra a moral cristã, atribuindo-se o direito de punição aos ofensores. Quando se trata de reis, pode caber até a deposição, o que era possível na medida em que o papa, ao excomungar um rei, desobrigava os fiéis do dever de fidelidade.

Aliás, isso já tinha acontecido um século antes, a propósito da bispos feita pelo

poder laico, uma vez que proliferava a prática de reis distribuírem igrejas conforme suas conveniências. Ao ser enfrentado por Henrique IV, rei da Germânia, o papa

o ameaçou com a excomunhão, obrigando-o a implorar perdão por três dias, humildemente descalço, às portas

do castelo papal de Canossa.

No século XIII, os choques entre Frederico II e o papa I França, e o papa Bonifácio VIII indicam as tentativas dos reis de recusarem a interferência religiosa nos assuntos de política.

No final do século XIV, o Grande Cisma acentua a divergência e a Estado de firmar sua soberania, O teólogo inglês Wyclif defende a idéia da Igreja nacional, traduz a Bíblia para o inglês e recusa a intromissão do papado. Essas divergências culminam no século XVI com a Reforma protestante.

1. A concepção tomista

Santo Tomás de Aquino (1225-1274) foi

o maior representante da escolástica, tendência

da filosofia medieval influenciada por Aristóteles. O pensamento tomista se caracteriza por

ter realizado a grande síntese do aristotelismo

e as verdades teológicas da fé cristã.

No século XIII os tempos já são outros, com o renascimento das c heresias. Também Santo Tomás muda o enfoque dos temas políticos e, sob a influência dos textos de

Aristóteles, preocupa-se com questões tais como a natureza do poder

e das leis e a questão clássica do melhor governo.

Como Aristóteles, Santo Tomas considera que o homem só encontra tirânico pode aliar ordem e justiça na busca do bem comum. O poder político, mesmo

que seja de origem divina, circunscreve-se na ordem das necessidades naturais do homem

enquanto ser social que necessita alcançar seus fins terrenos. Daí que o estudo da política requer o uso da razão natural, não se circunscrevendo apenas ao âmbito da teologia.

No entanto, coerente também com sua visão religiosa do mundo, Sa concurso do poder da Igreja, sem dúvida superior, e que cuidará da dimensão sobrenatural do destino humano. Embora ainda mantendo a hierarquia entre as duas instâncias,

atenua sem dúvida os excessos da doutrina nascida da "luta das duas espadas".

Preocupado com a questão da tirania, considera que a paz social de governo, indica suas preferências pela monarquia, desde que "temperada", em. que o poder é re

partido entre o rei e um grupo de homens especiais escolhidos pela maioria: "primeiro, um chefe único, escolhido por sua virtude, que esteja à frente de todos; em

seguida, abaixo dele, alguns chefes escolhidos por sua virtude; sendo a autoridade de alguns, a deles nem por isso deixa de ser a autoridade de todos, visto que

podem ser escolhidos na totalidade o povo, ou realmente o são".

1. O renascimento urbano

A partir do final do século XI, os servos libertos, inicialmente si relações diferentes daquelas entre senhores e servos. Compram cartas pelas quais tornam livres as cidades e, diferentemente da antiga relação hierárquica, estabelecem

relações entre iguais. Ao ideal do cavaleiro contrapõem o ideal burguês do cidadão honesto e trabalhador.

A consequência de tais transformações é o renascimento comercial da sociedade, expressa na oposição ao poder religioso. As heresias encontram terreno fértil em meio a muitas manifestações anticlericais. A -partir do século XII,

a Igreja reage criando a Inquisição, com tribunais que julgam os "desvios da fé". Recorre-se à delação anônima, ao julgamento sem advogados, à tortura. As penas variam

da prisão perpétua à condenação à morte, geralmente na fogueira.

Os primeiros teóricos dos novos tempos e que podem ser considerados não tenham provocado alterações políticas imediatas, inicia-se uma lenta e profunda transformação.

No caso de Dante e Marsílio, suas idéias são influenciadas pela que até 1250 estiveram sob a tutela dos imperadores alemães. A interferência da Igreja nos negócios políticos e o específico interesse dos Estados Pontifícios nos demais territórios italianos, bem como o desejo dos imperadores alemães de recuperarem o poder sobre a península, criam a luta de facções entre guelfos (partidários do papa) e gibelinos (partidários do imperador). Estes últimos representam,

em última instância, o ideal de secularização do poder em oposição à ação política da Igreja.

Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano, é mais conhecido como do papa, introduzindo teses naturalistas. Segundo ele, Deus, criador da natureza, nos dotou de livre raciocínio e vontade que nos permitem a perfeita condução do

Estado: "A potência intelectual é, em si, o guia e forma de todas as coisas.

Do contrário, o homem não pode alcançar seus fins. Colocando a autoridade

temporal

e política independente da autoridade do papa e da Igreja, Dante considera que o governante deve depender diretamente de Deus, o que de certa forma prenuncia a doutrina do direito divino dos reis e o fortalecimento da monarquia.

Também Marsílio de Pádua (cerca de 1280-1341) se refere à vontade feita. O único meio de regular as relações sociais está na elaboração das leis, instrumento pelo qual se alcança a cidadania.

O que esses pensadores prenunciam são as novas formas de relação entre a burguesia e os reis na formação das monarquias nacionais.

Exercícios

1. Qual é a importância da Igreja na formação da nova ordem?
2. Leia a citação de Etienne Gilson constante da epígrafe.
3. A partir da citação a seguir, explique uma das características da

alguém de cometer o mal? Por isso são eleitos príncipes e reis, para que

"Com o terror livrem seus súditos do mal, "obrigando-os, pelas leis, a viver retamente".

(Isidoro de Sevilha)

4. Leia a citação de Santo Agostinho constante da epígrafe.
5. Seguem alguns itens de um documento atribuído ao papa III.

É-lhe permitido

depor os imperadores. XVIII. A sua sentença não deve ser reformada por ninguém e apenas ele pode reformar as sentenças de todos os

outros. XIX. Não deve ser julgado por ninguém. XXVII. O papa pode dispensar

o cumprimento do juramento de fidelidade feito aos
injustos.

6. Quais são as principais idéias políticas de Santo Tomás
7. Quais são as novidades do pensamento de Dante e Marsfl
8. A seguir, foram transcritas duas estrofes da Divina Co

política do autor. (Para facilitar, informamos que os "dois sois se referem aos
dois poderes, o temporal e o espiritual, que na Roma Antiga estariam separados.)

Bem haja Roma, que ao bom mundo, então, ergueu dois sóis, por revelar a
estrada

ali da terra, e aqui da salvação.

Mas um o outro eclipsou, e uniu-se a espada à pastoral: e, junto

9. Faça uma dissertação sobre o tema: A César o que é de
-

CAPÍTULO 21

A POLÍTICA COMO CATEGORIA AUTÔNOMA

PRIMEIRA PARTE - Maquiavel

E necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder

Como é meu intento escrever coisa útil para os que se interessar
delas se possa imaginar. E muita gente imaginou
repúblicas e principados que nunca se viram nem jamais foram reconhecidos
como verdadeiros.

(Maquiaveli

1. Formação do Estado nacional

Durante a Idade Média, como vimos, o poder do rei era sempre cor
do rei, e portanto com a centralização do poder, fenômeno este que se
desenvolve desde o final do século XIV (Portugal) e durante o século XV
(França, Espanha, Inglaterra).

Dessa forma surge o Estado moderno, que apresenta característica
moeda, ter um exército. A novidade é que tudo isso se torna prerrogativa do
governo central, o único que passa a ter o aparato administrativo para prestação
dos

serviços

públicos bem como o monopólio legítimo da força.

É em função desse contexto que se torna possível compreender o p

1. A Itália dividida

Enquanto as demais nações europeias conseguem a centralização de
internas e a hostilidades entre cidades vizinhas. No caso da Itália, a ausência de

unificação a expõe à ganância de outros países como Espanha e França, que reivindicam

territórios e assolam a península com ocupações intermináveis.

É nessa Itália dividida que vive Nicolau Maquiavel (1469-1527) n
dividida em principados e repúblicas onde cada um possui sua própria milícia,
geralmente formada por mercenários

condottieri 1. Nem mesmo os Estados Pontifícios deixavam de formar os seus
exércitos.

Maquiavel não foi apenas um intelectual que refletiu a respeito
que Florença, tradicionalmente sob a influência da família Medici, encontrava-se
por uma década governada pelo republicano Soderini.

Nessa época Maquiavel ocupa a Segunda Chancelaria do governo, fu
diversos Estados italianos. Tem oportunidade de entrar em contato direto com
reis, papas e nobres, e também com o condottiere César Bórgia, que estava
empenhado

na ampliação dos Estados Pontifícios. Observando a maneira de Bórgia

agir, Maquiavel o considera o modelo de príncipe que a Itália precisava para ser
unificada.

Quando Soderini é deposto e os Medici voltam à cena política, Ma
de teatro (como a famosa Mandrágora), poesia, ensaios diversos, destacam-se O
príncipe e

Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio.

Condottieri (condottiere no singular) são os comandantes que rec

1. Controvérsias sobre O príncipe

Escrito em 1513 e dedicado a Lourenço de Medici, O príncipe tem

da defesa do absolutismo e do mais completo imoralismo: "É necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha ou deixe de valer-se

disso segundo a necessidade".

Essa primeira leitura apressada da obra levou à criação do mito atravessado os séculos. Esse mito não só representa a figura do político maquiavélico mas se estende até à avaliação das atividades corriqueiras de qualquer pessoa.

Na linguagem comum, chamamos pejorativamente de maquiavélica a p da má-fé, sendo capaz de enganar tão sutilmente que pode nos fazer pensar que agimos livremente quando na verdade somos por ela manipulados. Como expressão dessa

amoralidade, costuma-se vulgarmente atribuir a Maquiavel a famosa máxima: "Os fins justificam os meios". Ora, essa interpretação se mostra excessivamente simplista

e deformadora do pensamento maquiaveliano e, para superá-la, é preciso analisar com mais atenção o impacto das

inovações do seu pensamento político.

Fontrapondo-se à análise pejorativa do maquiavelismo, Rousseau, e a intenção verdadeira de Maquiavel seria o desmascaramento das práticas despóticas, ensinando, portanto, o povo a se defender dos tiranos. Tal hipótese se sustentaria

a partir da leitura dos Comentários sobre a primeira década de Tito

Lívio, onde são desenvolvidas as idéias do Maquiavel republicano.

Modernamente, no entanto, rejeita-se a visão romântica de Rousseau diferentes da ação política. Em um primeiro estágio, representado pela ação do

príncipe, o poder deve ser conquistado e mantido, e para tanto justifica-se o poder

absoluto. Posteriormente, alcançada a estabilidade, é possível e desejável a instalação do governo republicano.

Além disso, as idéias democráticas aparecem veladamente também no apoio do povo, sempre melhor do que o apoio dos grandes, que podem ser traiçoeiros. O que está sendo timidamente esboçado é a idéia de consenso, que terá importância

fundamental nos séculos seguintes.

1. O príncipe virtuoso

Para descrever a ação do príncipe, Maquiavel usa as expressões *virtu* e *fortuna*. *Virtu* significa virtude, no sentido grego de força, valor, qualidade

de lutador e guerreiro viril. Homens de *virtu* são homens especiais, capazes de realizar grandes obras e provocar mudanças na história.

Não se trata do príncipe virtuoso no sentido medieval, enquanto perceber o jogo de forças que caracteriza a política para agir com energia a fim de conquistar e manter o poder. O príncipe de

virtu não deve se valer das normas preestabelecidas da moral cristã, pois isso geralmente pode significar a sua

ruína.

Implícita nessa afirmação se acha a noção de *fortuna*, aqui entendida como o acaso. De nada adiantaria um príncipe virtuoso, se não soubesse ser precavido ou ousado, aguardando a ocasião propícia, aproveitando o acaso ou a sorte das circunstâncias,

como observador atento do curso da história. No entanto, a *fortuna* não deve existir sem a

virtu, sob pena de se transformar em mero oportunismo.

1. Ética e política

A novidade do pensamento maquiaveliano, justamente a que causou um lado, Maquiavel apresenta uma moral laica, secular, de base naturalista, diferente da moral cristã; por outro, estabelece a autonomia da política, negando a anterioridade

das questões morais na avaliação da ação política.

Para a moral cristã, predominante na Idade Média, há valores espem supremo da salvação da alma. "A moral cristã se apóia em uma concepção do bem e do mal; do justo e do injusto, que ao mesmo tempo preexiste e transcende a autoridade

do Estado, cuja organização político-jurídica não deve contradizer ou violar as formas éticas fundamentais, implícitas no direito natural. O indivíduo está subordinado

ao Estado, mas a ação deste último se acha limitada pela lei natural ou moral que constitui uma instância superior à qual todo membro da comunidade pode recorrer

sempre que o poder temporal atentar contra seus direitos essenciais inalienáveis."2

A nova ética analisa as ações não mais em função de uma hierarquia de valores dada a priori, mas sim em vista das conseqüências, dos resultados da ação política.

Não se trata de um amoralismo, mas de uma nova moral centrada nos critérios da avaliação do que é útil à comunidade: o critério para definir o que é moral é o bem

da comunidade, e nesse sentido às vezes é legítimo o recurso ao mal (o

emprego da força coercitiva do Estado, a guerra, a prática da espionagem, o emprego da

violência). Estamos diante de uma moral imanente,

mundana, que vive do relacionamento entre os homens. E se há a possibilidade de serem corruptos, constitui dever do príncipe manter-se no poder

Escorei Introdução ao pensamento político de Maquiavel, p. 94.

Maquiavel distingue entre o bom governante, que é forçado pela necessidade a usar da

violência visando o bem coletivo, e o tirano, que age por capricho ou interesse próprio.

O pensamento de Maquiavel nos leva à reflexão sobre a situação dramática e ambivalente do homem de ação: se o indivíduo aplicar de forma inflexível o código moral que

rege sua vida pessoal à vida política, sem dúvida colherá fracassos sucessivos, tornando-se um político incompetente.

Tal afirmação pode levar as pessoas a considerar que Maquiavel estaria defendendo

o político imoral, os corruptos e os tiranos. Não se trata disso. A leitura maquiaveliana

sugere a superação dos escrúpulos imobilistas da moral individual, mas não rejeita a moral

própria da ação política: "Se o indivíduo, na sua existência privada, tem o direito de

sacrificar o seu bem pessoal imediato e até sua própria vida a um valor moral superior, ditado

pela sua consciência, pois em tal hipótese estará empenhando apenas seu destino particular, o mesmo não acontece com o homem de Estado, sobre o qual pesam a

pressão e a

responsabilidade dos interesses coletivos; este, de fato, não terá o direito de tomar uma

decisão que envolva o bem-estar ou a segurança da comunidade, levando em conta tão-somente as exigências da moral privada; casos haverá em que terá o dever de violá-la para

defender as instituições que representa ou garantir a própria sobrevivência da nação".³

Isso significa que a avaliação moral não deve ser feita ante normas gerais e abstratas, mas a partir de uma situação específica que é avaliada em função

do resultado dela, já que toda ação política visa a sobrevivência do grupo e não apenas de

indivíduos isolados.

Por isso Maquiavel não pode ser considerado um cínico apolog que ele enfatiza é que os critérios da ética política precisam ser revistos conforme as circunstâncias e sempre tendo em vista os fins coletivos.

No entanto, é bom lembrar que o pensamento de Maquiavel tem um s a defesa do Estado absoluto e a valorização da política secular, não atrelada à religião. Talvez por isso o extremo politicismo, ou seja, a hipertrofia do valor político, de cujas consequências últimas talvez nem ele próprio pudesse suspeitar.

Embora Maquiavel não tivesse usado o conceito de razão de Estado quando o governante absoluto, em circunstâncias críticas e extremamente graves, a ela recorre permitindo-se violar

normas jurídicas, morais, políticas e econômicas.

Cassirer, filósofo alemão contemporâneo, observa que a experiência não

podem ser comparadas às monarquias absolutas do século XVII nem as nossas ditaduras modernas, o que nos faz ver hoje o maquiavelismo através de uma lente de aumento.

1. Maquiavel republicano

Quando estava no ostracismo político, Maquiavel se ocupa com a redação dos Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio, interrompendo esse trabalho por alguns meses para escrever O príncipe.

À medida que escreve os Comentários, lê trechos nas reuniões reais admitindo que o conflito é inerente à atividade política e que esta se faz a partir da conciliação de interesses divergentes.

Defende a proposta do governo misto:

"Se o príncipe, os aristocratas e o povo governam em conjunto o Estado, podem com facilidade controlar-se mutuamente".

Considera importante que as monarquias ou repúblicas sejam governadas para interesses menores.

1. A autonomia da política

Maquiavel subverte a abordagem tradicional da teoria política fazendo por novos caminhos "ainda não trilhados".

Pode-se dizer que a política de Maquiavel é realista, pois procura

do seu tempo e dos estudos dos antigos, sobretudo da Roma Antiga,

levam-nos à constatação de que os homens sempre agiram pelas vias da corrupção e da violência.

Partindo do pressuposto da natureza humana capaz do mal e do erro, analisa a ação política sem se preocupar em ocultar "o que se faz e não se costuma dizer".

A esse realismo alia-se a tendência utilitarista, pela qual Maquiavel propicia uma teoria voltada para a ação eficaz e imediata. A ciência política só tem sentido se propiciar o

melhor exercício da arte política. Trata-se do começo da ciência política: da teoria e da técnica da política, entendida como

disciplina autônoma.

Maquiavel torna a política autônoma porque a desvincula da ética e da religião, procurando examiná-la na sua especificidade própria.

Em relação ao pensamento medieval, Maquiavel procede à secularização da política, rejeitando o legado ético-cristão. Além da desvinculação, da religião, a ética política se distingue da moral privada, uma vez

que a ação política deve ser julgada a partir das circunstâncias vividas, tendo em vista os resultados alcançados

na busca do bem comum.

Com isso, Maquiavel se distancia da política normativa dos gregos, que devem ser as virtudes do bom governante. Em alguns casos, como o de Platão, a preocupação em definir como deve ser o bom governo leva à construção de utopias, o que mereceu a crítica de Maquiavel.

Talvez alguém inadvertidamente se pergunte se o próprio Maquiavel

o poder. No entanto, há, de fato, diferenças fundamentais

entre o "dever ser" da política clássica e aquele a que se refere Maquiavel. Na nova perspectiva, para fazer política é preciso compreender o sistema

de forças existentes e calcular a alteração do equilíbrio provocada pela interferência

de sua própria ação nesse sistema.

Exercícios

1. Em que sentido o pensamento de Maquiavel deve ser compreendido

2. Explique o trecho a seguir, usando os conceitos de

virtu e fortuna: "Era necessário que Ciro encontrasse os persas descontentes do império dos

medas e os medas muito efeminados e amolecidos por uma longa paz. Teseu não teria podido revelar suas virtudes se não tivesse encontrado os atenienses dispersos.

Tais oportunidades, portanto, tornaram felizes a esses homens; e foram as suas virtudes que lhes deram o conhecimento daquelas oportunidades. Graças a isso, a sua

pátria se honrou e se tornou feliz". (Maquiavel)

3. Qual é a relação moral-política na concepção clássica?

4. Como é analisada a ação política na nova relação moral

5. Como explicar a aparente contradição entre as obras O

6. Em que sentido não se pode dizer que Maquiavel era "ma

inovações do pensamento maquiaveliano.

7. Leia o fragmento 1 de O príncipe e explique a preocupação com a formação do Estado moderno.

8. Relacione os fragmentos 2 e 3, explicando qual é a crítica.
9. Leia os fragmentos 4 a 8 e explique como Maquiavel subverte a teoria política.
10. Ainda no fragmento 8, identifique as características da teoria política de Maquiavel.
11. Leia os fragmentos 9 a 11, extraídos dos Comentários, e explique como Maquiavel subverte a teoria política.

O príncipe, não se trata de uma contradição da teoria política de Maquiavel.

Textos complementares

1

O príncipe

1

Segundo Claude Lefort, como "em definitivo, em nenhum lugar está a exploração dos possíveis, os sinais da criação histórica e assim inscrever sua ação no tempo.

Os príncipes prudentes repeliram sempre tais forças (as mercenárias auxiliares), para valer-se das suas próprias, preferindo antes perder com estas a vencer com auxílio das outras, considerando falsa a vitória conquistada com forças alheias.

(...) Se se considerar o começo da decadência do Império Romano, achar-se-á que foi motivada somente por ter começado a ter a soldo mercenários godos.

2

Um príncipe deve, pois, não deixar nunca de se preocupar com a ação por duas formas: pela ação ou apenas pelo pensamento. Quanto à ação, além de manter os soldados disciplinados e constantemente em exercício, deve estar sempre em

grandes caçadas, onde deverá habituar o corpo aos incômodos naturais da vida em campanha e aprender a natureza dos lugares, saber como surgem os montes, como afundam

os vales, como jazem as planícies, e saber da natureza dos rios e dos pântanos, empregando nesse trabalho os melhores cuidados. (...) Agora, quanto ao exercício

do pensamento, o príncipe deve ler histórias de países e considerar as ações dos grandes homens, observar como se conduziram nas guerras, examinar as razões de suas

vitórias e derrotas, para poder fugir destas e imitar aquelas.

3

Destarte todos os profetas armados venceram e os desarmados frac de uma coisa, mas sendo difícil firmá-los na persuasão. Convém, pois, providenciar para que, quando não acreditarem mais, se possa fazê-los crer à força. Moisés,

Ciro, Teseu e Rômulo não teriam conseguido fazer observar por muito tempo suas constituições se estivessem desarmados.

É o que, nos tempos que correm, aconteceu a frei Girolamo Savonarola, o qual fracassou na sua

tentativa de reforma quando o povo começou a não lhe dar crédito. E ele não tinha meios para manter firmes aqueles

que haviam acreditado, nem para fazer com que os incrédulos acreditassem.

4

cada príncipe deve desejar ser tido como piedoso e não como crue Bórgia era considerado cruel, e, contudo, sua crueldade havia reerguido a Romanha e

conseguido uni-la e conduzi-la à paz e à fé. O que, bem considerado, mostrará

que ele foi

muito mais piedoso do que o povo florentino, o qual, para evitar a pecha de cruel, deixou que Pistóia fosse destruída. Não deve, portanto, importar ao príncipe a

qualificação de cruel para manter os seus súditos unidos e com fé, porque, com raras exceções, é ele mais piedoso do que aqueles que por muita demência deixam acontecer

desordens, das quais podem nascer assassínios ou rapinagem. É que estas consequências prejudicam todo um povo, e as execuções que provêm do príncipe ofendem apenas

um indivíduo. E, entre todos os príncipes, os novos são os que menos podem fugir à fama de cruéis, pois os Estados novos são cheios de

perigos.

5

Nasce daí esta questão debatida: se será melhor ser amado que temido ou viceversa.

Responder-se-á que se desejaria ser uma e outra coisa; mas como é difícil reunir ao mesmo tempo as

qualidades que dão aqueles resultados, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se tenha que

falhar numa das duas.

6

um príncipe prudente não pode nem deve guardar a palavra dada que torne prejudicial e quando as causas que o determinaram cessem de existir.

Se os homens todos fossem bons, este preceito seria mau. Mas, dado que são pérfidos e que não a observariam a teu respeito, também não és obrigado a cumpri-la para

com eles.

7

(...) Quem se toma senhor de uma cidade tradicionalmente livre e não a destrói, será destruído por ela. Tais cidades têm sempre por bandeira, nas rebeliões, a liberdade

e suas antigas leis, que não esquecem nunca, nem com o correr do tempo, nem por influência dos benefícios recebidos. (...) Assim, para conservar uma república conquistada,

o caminho mais seguro é destruí-la ou habitá-la pessoalmente.

8

como e meu intento escrever coisa útil para os que se interessar

delas se possa imaginar. E muita gente imaginou repúblicas e principados que nunca se viram nem jamais foram reconhecidos como verdadeiros. Vai tanta diferença entre

o como se vive e o modo por que se deveria viver, que quem se preocupar com o que se deveria fazer em vez do que se faz aprende antes a ruína própria, do que o modo

de se preservar; e um homem que quiser fazer profissão de bondade é natural que se arruine entre tantos que são maus.

Assim é necessário a um príncipe, para se manter, que aprenda a poder ser mau e que se valha

ou deixe de valer-se disso segundo a necessidade.

(Maquiavel, O príncipe, trad. Livio Xavier, Os pensadores, São Paulo, Abril cultural, 1973

p.62-63, 65-66, 31, 75, 76, 79. 28, 69.)

II

Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio

9

Percebe-se facilmente de onde nasce o amor à liberdade dos povos; a experiência nos mostra

que as cidades crescem em poder e em riqueza enquanto são livres. É maravilhoso, por exemplo,

como cresceu a grandeza de Atenas durante os cem anos que se sucederam à ditadura de Pisistrato.

Contudo, mais admirável ainda é a grandeza alcançada pela república romana depois que foi libertada dos seus reis. Compreende-se a razão disto: não é o interesse

particular que faz a grandeza dos Estados, mas o interesse coletivo. E é evidente que o interesse comum só é respeitado nas repúblicas: tudo o que pode trazer vantagem

geral é nelas conseguido sem obstáculos. Se uma certa medida prejudica um ou outro indivíduo, são tantos os que ela favorece, que se chega sempre a fazê-la prevalecer,

a despeito das resistências, devido ao pequeno número de pessoas prejudicadas.

10

Não observar uma lei é dar mau exemplo, sobretudo quando quem a desrespeita é o seu autor;

é muito perigoso para os governantes repetir a cada dia novas ofensas à ordem pública.

11

se as monarquias têm durado muitos séculos, o mesmo acontece com conceder todos os caprichos é geralmente um insensato; e um povo que pode fazer tudo o que quer comete com frequência erros imprudentes. Se se trata de

um príncipe

e de um povo submetido às leis, o povo demonstrará virtudes superiores às do príncipe. Se, neste paralelo, os considerarmos igualmente livres de qualquer restrição,

ver-se-á que os erros cometidos pelo povo são menos frequentes, menos graves e mais fáceis de corrigir.

(Maquiavel, Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio, 2. ed. rev. Trad. Sérgio Bath,

Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982,p.198. 145. 182.)

SEGUNDA PARTE

HOBBS E O ESTADO ABSOLUTO

Sejam os lobos do lobo do homem.

(Caetano Veloso)

Durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito,

eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra

todos os homens.

(Hobbes)

E os pactos sem a espada não passam de palavras sem força para quando tem vontade de respeitá-las e quando pode fazê-lo com segurança), se não for instituído um poder suficientemente grande para nossa segurança, cada um confiará,

e poderá legitimamente confiar, apenas em sua própria força e capacidade, como proteção contra todos os outros.

(Hobbes)

1. Introdução

Thomas Hobbes (1588-1679), inglês de família pobre, conviveu com o absolutismo, ameaçado pelas novas tendências liberais. Teve contato com Descartes, Francis Bacon e Galileu. Preocupou-se, entre outras coisas, com o problema do conhecimento,

tema básico das reflexões do século XVII, representando a tendência empirista. Também escreveu sobre política: as obras *De cive* e *Leviatã*.

0 que acontece no século XVII, época em que Hobbes viveu?

0 absolutismo, atingindo o apogeu, encontra-se em vias de

Se na primeira fase (Inglaterra de Isabel e França de Luís XIV) o absolutismo favorece a economia mercantilista, pois as indústrias nascentes são protegidas pelo

governo, já na segunda fase o desenvolvimento do capitalismo comercial repudia o intervencionismo estatal, uma vez que a burguesia ascendente agora aspira à economia

livre.

Continua a laicização do pensamento, a partir do sentimento de i política é agitada por movimentos revolucionários: na França, terminada a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), rebenta a Fronda; na Inglaterra, Cromwell, comandando

a Revolução Puritana, destrona e executa o rei Carlos 1(1649).

1. Estado de natureza e contrato

A partir da tendência de secularização do pensamento político, c do Estado sem recorrer à intervenção divina ou a qualquer explicação religiosa. Daí a preocupação com a origem do Estado.

É bom lembrar que não se trata de uma visão histórica, de modo q "começo". O termo deve ser entendido no sentido lógico, e não cronológico, como "princípio" do Estado, ou seja, sua *raison d'être* (razão de ser). O ponto crucial

não é a história, mas a validade da ordem social e política, a base legal do Estado.

Como examinaremos no Capítulo 22 (O que é liberalismo), as teori esperam encontrar na representatividade do poder e no consenso. Essa temática já existe em Hobbes, embora a partir de outros pressupostos e com resultados e

propostas

diferentes daquelas dos liberais.

O que há de comum entre os filósofos contratualistas é que partem da análise do homem em estado de natureza, isto é, antes de qualquer sociabilidade,

quando, por hipótese, desfruta de todas as coisas, realiza os seus desejos e é dono de um poder ilimitado. No estado de natureza, o homem tem direito a tudo: "O

direito de natureza, a que os autores geralmente chamam jus naturale,

é a liberdade que cada homem possui de usar seu próprio poder, da maneira que quiser, para a preservação de sua própria natureza,

ou seja, de sua vida; e, conseqüentemente, de fazer tudo aquilo que seu próprio julgamento e razão lhe indiquem como meios adequados a esse fim".

Ora, enquanto perdurar esse estado de coisas, não haverá segurança, insegurança, angústia e medo. Os interesses egoístas predominam e o homem se torna um lobo para o outro homem (*homo homini lupus*). As disputas geram a guerra de todos

contra todos (*bellum omnium contra omnes*), cuja consequência é o prejuízo para a indústria, a agricultura, a navegação, e para a ciência e o

conforto dos homens.

Na sequência do raciocínio, Hobbes pondera que o homem reconhece aos outros homens, com a mesma liberdade que aos outros homens permite em relação a si mesmo".

A nova ordem é celebrada mediante um contrato, um pacto, pelo que representantes de suas pessoas". O homem, não sendo sociável por natureza, o será por artifício.

É o medo e o desejo de paz que o levam a fundar um estado social e a autoridade política, abdicando dos seus direitos em favor do soberano.

1. O Estado absoluto

Qual é a natureza do poder legítimo resultante do consenso? Que

Para Hobbes, o poder do soberano deve ser absoluto, isto é, ilimitado. Um pouco que seja conservado da liberdade natural do homem, instaura-se de novo a guerra. E se não há limites para a ação do governante, não é sequer possível ao

súdito julgar se o soberano é justo ou injusto, tirano ou não, pois é contraditório dizer que o governante abusa do poder: não há abuso quando o poder é ilimitado!

Vale aqui desfazer o mal-entendido comum pelo qual Hobbes é identificado como defensor do absolutismo real. Na verdade, o Estado pode ser monárquico, quando constituído por apenas um governante, como pode ser formado por alguns ou muitos,

por exemplo, por uma assembleia. O importante é que, uma vez instituído, o Estado não pode ser contestado: é absoluto.

Além disso, Hobbes parte da constatação de que as disputas entre súditos do soberano deve ser indivisível.

Cabe ao soberano julgar sobre o bem e

o mal, sobre o justo e o injusto; ninguém pode discordar, pois tudo o que o soberano faz é resultado do investimento da autoridade consentida pelo súdito.

Hobbes usa a figura bíblica do Leviatã, animal monstruoso e cruel. É essa figura que representa o Estado, um gigante cuja carne é a mesma de todos os que a ele delegaram o cuidado de os defender.

Em resumo, o homem abdica da liberdade dando plenos poderes ao E
o que é meu me pertença exclusivamente, garantindo o sistema da propriedade individual. Aliás, para Hobbes, a propriedade privada não existia no estado de natureza,

onde todos têm direito a tudo e na verdade ninguém tem direito a nada.

O poder do Estado se exerce pela força, pois só a iminência do c
(sword) não são mais que palavras
(words)."

Investido de poder, o soberano não pode ser destituído, punido o
e a paz, recompensar e punir. Hobbes preconiza ainda a censura, já que o soberano é juiz das opiniões e doutrinas contrárias à paz.

E quando, afinal, o próprio Hobbes pergunta se não é muito miser
dissoluta de homens sem senhor ou às misérias que acompanham a guerra civil.
(Gravura)

Frontispício da edição de 1651 de Leviatã. Leviatã é um monstro bíblico
cruel e invencível que simboliza, para Hobbes, o poder do Estado absoluto. No
desenho, seu
corpo é constituído de inúmeras cabeças e ele em punha os símbolos dos dois
poderes, o
cívil e o religioso.

1. Uma interpretação

Embora Hobbes defenda o Estado absoluto, e sob esse aspecto este
reis, é possível descobrir no pensamento hobbesiano alguns elementos que
denotam os interesses burgueses.

Por exemplo, a doutrina do direito natural do homem é uma arma a nobreza. Da mesma forma, a defesa da representatividade baseada no consenso significa a aspiração de que o poder não seja privilégio de classe. Além disso, o Estado

surge de um contrato, o que revela o caráter mercantil, comercial, das relações sociais burguesas. O contrato surge a partir de uma visão individualista do homem,

pois, de acordo com essa concepção, o indivíduo preexiste ao Estado (se não cronológica,

pelo menos logicamente), e o pacto visa garantir os interesses dos indivíduos, sua conservação e sua propriedade. Se no estado de natureza "não há propriedade, nem

domínio, nem distinção entre o meu e o teu", no Estado de soberania perfeita a liberdade dos súditos está naquelas coisas que o soberano permitiu, "como a liberdade

de comprar e vender, ou de outro modo realizar contratos mútuos; de cada um escolher sua residência, sua alimentação, sua profissão, e instruir seus filhos conforme

achar melhor, e coisas semelhantes". Portanto, o Estado se reduz à garantia do conjunto dos interesses particulares.

Nessa linha de raciocínio, o professor Macpherson desenvolveu a ao homem que, por natureza, tem medo da morte, anseia pelo viver confortável e pela segurança e é movido pelo instinto de posse e desejo de acumulação.

Segundo Macpherson, a qualidade possessiva do individualismo do de sua própria pessoa e de suas próprias capacidades, nada devendo à sociedade por elas. (...) A sociedade

torna-se uma porção de indivíduos livres e iguais, relacionados

entre si como proprietários de suas próprias capacidades e do que adquiriram

mediante a prática dessas capacidades. A sociedade consiste de relações de troca entre

proprietários. A sociedade política torna-se um artifício calculado para a proteção dessa propriedade e para a manutenção

de um ordeiro relacionamento de trocas

Como vemos, mesmo que Hobbes defenda o Estado absoluto, já são p
daí em diante: o individualismo, a garantia da propriedade e a preservação da paz e segurança indispensáveis para os negócios.

4C. B. Macpherson, A teoria política do individualismo possessivo, p. 15.

1. Pensamentos divergentes

A noção de Estado moderno começa a se configurar mais claramente
potência plena desde Maquiavel até Hobbes, passando por Jean Bodin (1530-1596) e Hugo Orócio (1583-1645). No entanto, outros autores elaboram um
contradiscurso que

denuncia os perigos do poder absoluto.

No século XVI, na obra A utopia, Thomas More critica de forma me

Na França, nesse mesmo século, Etienne de La Hoétie, em Discurso
governos totalitários. Perplexo, La Hoétie se pergunta pela razão que levaria o
homem à obediência, à "servidão voluntária": "Gostaria apenas que me fizessem
compreender

como é possível que tantos homens, tantas cidades, tantas nações às vezes
suportem tudo de um Tirano só, que tem apenas o poderio que lhe

dão, que não tem o poder de prejudicá-los senão enquanto aceitam suportá-lo, e
que não poderia fazer-lhes mal algum se não preferissem, a contradizê-lo,
suportar

tudo dele".⁵

No século XVII, o holandês Baruch Spinoza desenvolve uma teoria de todo reconhecimento a um governo deve ser provisório e nada justifica que cada um renuncie aos poderes individuais.

Para Spinoza, a sociedade civil que resulta da união de todos de poderão levar à paz baseada na concórdia e não na simples supressão das hostilidades pela intimidação. A noção de súdito passivo, Spinoza opõe a do cidadão com liberdade

para pensar e agir.

5Étienne de La Boétie, Discurso da servidão voluntária, São Paulo. Ed. Brasiliense, 1982, p. 74.

Exercícios

1. a) O que são as teorias contratualistas?
 - b) Qual é a importância que elas assumem na Idade Moderna?
 - c) Em que medida as teorias contratualistas representam o interesse?
2. Que tipo de soberania decorre do contrato hobbesiano?
3. Segundo Macpherson, quais são as características burguesas?
4. Leia o texto complementar seguinte e responda:
 - a) A partir dos fragmentos 1 e 2, o que caracteriza o estado de natureza?
 - b) Identifique no fragmento 3 a passagem em que o poder absoluto é considerado necessário.
 - c) A partir dos fragmentos 4 a 7, identifique o caráter da soberania.

Texto complementar

Leviatã

1

Portanto tudo aquilo que é válido para um tempo de guerra, em qu

os homens vivem sem outra segurança senão a que lhes pode ser oferecida por sua própria força e sua própria intenção. Numa tal situação não há lugar para a indústria,

pois seu fruto é incerto; conseqüentemente não há cultivo da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar; não há construções

confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de grande força; não há conhecimento da face da Terra, nem cômputo do tempo, nem artes,

nem letras; não há sociedade; e o que é pior do que tudo, um constante temor e perigo de morte violenta. E a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida

e curta.

2

Outra consequência da mesma condição é que não há propriedade, nem é capaz de conseguir, e apenas enquanto for capaz de conservá-lo. É pois esta a miserável condição em que o homem realmente se encontra, por obra da simples natureza.

Embora com uma possibilidade de escapar a ela, que em parte reside nas paixões, e em parte em sua razão.

As paixões que fazem os homens tender para a paz são o medo da morte e a necessidade de consegui-las através do trabalho. E a razão sugere adequadas normas de paz, em torno das quais os homens podem chegar a acordo. Essas normas são aquelas a que

por outro lado se chamam leis da natureza (...)

3

O acordo vigente entre essas criaturas (abelhas e formigas) é na

Portanto não é de admirar que seja necessária alguma coisa mais, além de um pacto, para tornar constante e duradouro seu acordo: ou seja,

um poder comum que os

mantenha em respeito, e que dirija suas ações no sentido do benefício comum.

A única maneira de instituir um tal poder comum, capaz de defend
estrangeiros e das injúrias uns dos outros, garantindo-lhes assim

uma segurança suficiente para que, mediante seu próprio labor e graças aos frutos da terra, possam alimentar-se e viver satisfeitos, é conferir toda sua força e

poder a um homem, ou a uma assembléia de homens, que possa reduzir suas diversas vontades, por pluralidade de votos, a uma só vontade. O que equivale a dizer: designar

um homem ou uma assembléia de homens como representante de suas pessoas, considerando-se e reconhecendo-se cada um como autor de todos os atos que aquele que representa

sua pessoa praticar ou levar a praticar, em tudo o que disser respeito à paz e segurança comuns; todos submetendo assim suas vontades à vontade do representante,

e suas decisões à sua decisão. Isto é mais do que consentimento, ou concórdia, é uma verdadeira unidade de todos eles, numa só e mesma pessoa, realizada por um pacto

de cada homem com todos os homens, de um modo que é como se cada homem dissesse a cada homem: Cedo e transfiro meu direito de governar-me a mim mesmo a este homem,

ou a uma assembléia de homens, com a condição de transferires a ele teu direito, autorizando de maneira semelhante todas as suas ações. Feito isto, à multidão assim

unida numa só pessoa se chama Estado, em latim civitas. É a geração daquele grande Leviatã, ou antes (para falar em termos mais reverentes) daquele Deus

Mortal ao

qual devemos, abaixo do Deus Imortal, nossa paz e defesa. Pois graças a esta autoridade que lhe é dada por cada indivíduo no Estado, é-lhe conferido o uso de tamanho

poder e força que o terror assim inspirado o torna capaz de conformar as vontades de todos eles, no sentido da paz em seu próprio país, e da ajuda mútua contra os

inimigos estrangeiros. É nele que consiste a essência do Estado, a qual pode ser assim definida: Uma pessoa de cujos atos uma grande multidão, mediante pactos recíprocos

uns com os outros, foi instituída por cada um como autora, de modo a ela poder usar a força e os recursos de todos, da maneira que considerar conveniente, para assegurar

a paz e a defesa comum.

Aquele que é portador dessa pessoa se chama soberano, e dele se

4

Aqueles que já instituíram um Estado, dado que são obrigados pelo entre si um novo pacto no sentido de obedecer a outrem, seja no que for, sem sua licença.

5

Se aquele que tentar depor seu soberano for morto, ou por ele castigado devido a essa tentativa,

será o autor de seu próprio castigo, dado que por instituição é autor de tudo quanto seu soberano fizer.

6

Dado que todo súdito é por instituição autor de todos os atos e decisões do soberano instituído,

segue-se que nada do que este faça pode ser considerado injúria para com qualquer de seus súditos,

e que nenhum deles pode acusá-lo de injustiça. Pois quem faz alguma coisa em virtude da autoridade

de um outro não pode nunca causar injúria àquele em virtude de cuja autoridade está agindo. Por esta

instituição de um Estado, cada indivíduo é autor de tudo quanto o soberano fizer, por consequência

aquele que se queixar de uma injúria feita por seu soberano estar-se-á queixando daquilo de que ele

próprio é autor, portanto não deve acusar ninguém a não ser a si próprio, e não pode acusar-se a si

próprio de injúria, pois causar injúria a si próprio é impossível. E certo que os detentores do poder

soberano podem cometer iniquidades, mas não podem cometer injustiça nem injúria em sentido

próprio.

7

Mas tal como os homens, tendo em vista conseguir a paz, e através disso sua própria

conservação, criaram um homem artificial, ao qual chamamos Estado, assim também criaram cadeias

artificiais, chamadas leis civis, as quais eles mesmos, mediante pactos mútuos, prenderam numa das pontas à boca daquele homem ou assembléia a quem confiaram o poder soberano, e na outra ponta a

seus próprios ouvidos. Embora esses laços por sua própria natureza sejam fracos, é no entanto possível

mantê-los, devido ao perigo, se não pela dificuldade de rompê-los.

É unicamente em relação a esses laços que vou agora falar da liberdade dos súditos. Dado que

em nenhum Estado do mundo foram estabelecidas regras suficientes para regular todas as ações e

palavras dos homens (o que é uma coisa impossível), segue-se necessariamente que em todas as

espécies de ações não previstas pelas leis os homens têm a liberdade de fazer o que a razão de cada

um sugerir, como o mais favorável a seu interesse. Porque tomando a liberdade em seu sentido

próprio, como liberdade corpórea, isto é, como liberdade das cadeias e prisões, torna-se inteiramente

absurdo que os homens clamem, como o fazem, por uma liberdade de que tão manifestamente

desfrutam. Por outro lado, entendendo a liberdade no sentido de isenção das leis, não é menos absurdo

que os homens exijam, como fazem, aquela liberdade mediante a qual todos os outros homens

podem tornar-se senhores de suas vidas. Apesar do absurdo em que consiste, é isto que eles pedem,

pois ignoram que as leis não têm poder algum para protegê-los, se não houver uma espada nas mãos

de um homem, ou homens, encarregados de pôr as leis em execução. Portanto a liberdade dos

súditos está apenas naquelas coisas que, ao regular suas ações, o soberano permitiu: como a liberdade de

comprar e vender, ou de outro modo realizar contratos mútuos; de cada um escolher sua residência,

sua alimentação, sua profissão, e instruir seus filhos conforme achar melhor, e coisas semelhantes.

Não devemos todavia concluir que com essa liberdade fica abolido ou limitado o poder soberano

de vida e de morte. Porque já foi mostrado que nada que o soberano representante faça a um

súdito pode, sob qualquer pretexto, ser propriamente chamado injustiça ou injúria.

(Hobbes, *Leviatã*, Col. Os pensadores, p. 80, 81, 109, I I l, 1 13 e 134-135.)

CAPÍTULO 22

O PENSAMENTO LIBERAL

PRIMEIRA PARTE - O que é liberalismo

Nós temos por testemunho as seguintes verdades: todos os homens são iguais: foram aquinhoados pelo

seu Criador com certos direitos inalienáveis e entre esses direitos se encontram o da vida, da liberdade e da

busca da felicidade.

Os governos são estabelecidos pelos homens para garantir esses direitos, e seu justo poder emana do

consentimento dos governados.

Todas as vezes que uma forma de governo torna-se destrutiva desses objetivos, o povo tem o direito de

mudá-lo ou de abolir, e estabelecer um novo governo, fundando-o sobre os princípios e sobre a forma que lhe

pareça a mais própria para garantir-lhe a segurança e a felicidade."

(Trecho da Declaração de Independência dos Estados Unidos, de 1776, reflexo na América

dos ideais liberais iniciados pela Revolução Gloriosa em 1688, na Inglaterra)

1. A história

No século XVII, enquanto o absolutismo triunfa na França, a Inglaterra

A primeira foi a Revolução Puritana, em meados do século em questão, culminando com a execução do rei Carlos

I e a ascensão de Cromwell. Mas a liquidação do absolutismo

se dá mesmo com a Revolução Gloriosa, em 1688, quando Guilherme iii é proclamado rei, após ter aceito a Declaração de Direitos que limitava muito sua autoridade

e dava mais poderes ao parlamento. Ficava, portanto, o poder executivo subordinado ao legislativo.

As conquistas burguesas exigem do rei a convocação regular do pa
exército. Institui-se ainda o habeas corpus a fim de evitar as prisões arbitrárias; a partir de então, nenhum cidadão pode ficar preso indefinidamente sem ser acusado

diante dos tribunais, a não ser por meio de denúncia bem-definida.

Tais idéias subvertem as concepções políticas no século XVII e X
Independência dos Estados Unidos (1776), enquanto outros são violentamente reprimidos, como as Conjurações Mineira(1789) e Baiana (1798), ambas no Brasil. Na Europa,

o grande acontecimento é a Revolução Francesa (1789), que, representando a luta contra os privilégios da nobreza e na defesa dos princípios de "igualdade, liberdade

e fraternidade", depõe a dinastia real dos Bourbon.

1. As idéias

Afinal, que idéias novas são essas?

Na linguagem comum costumamos chamar de liberal ao homem generos
também de profissões liberais as atividades de

médicos, dentistas, advogados, quando trabalham por conta própria. Essa expressão deriva da antiga classificação das artes liberais, designando as atividades de

homens livres, distintas dos ofícios manuais próprios de escravos.

No entanto, aqui não nos interessam tais significados da palavra

da burguesia que se opunha à visão de mundo da nobreza feudal.

Já nos referimos a algumas dessas transformações no capítulo anterior, tornando a política

secular, laica, desligada dos interesses da religião. Mas se em um primeiro momento a formação das monarquias nacionais necessitava do Estado forte - o que de certa

forma justificou o absolutismo real - a burguesia reivindicou sua própria autonomia quando se sentiu suficientemente fortalecida.

O pensamento burguês busca a separação entre Estado e sociedade econômica. O que se quer é separar definitivamente o público do privado, reduzindo ao mínimo a intervenção do Estado na vida de cada um. Por outro lado, essa separação

deveria reduzir também a interferência do privado no público, já que o poder procura outra fonte de

legitimidade que não seja a tradição e as linhagens de nobreza.

Podemos nos referir ao liberalismo ético, enquanto garantia dos direitos em um estado de direito em que sejam evitados o arbítrio, as lutas religiosas, as prisões sem culpa formada, a tortura, as penas cruéis.

O liberalismo político constitui-se sobretudo contra o absolutismo, mais fundado no direito divino dos reis nem na tradição e herança, mas no consentimento dos cidadãos. A decorrência dessa forma de pensar é o aperfeiçoamento das

instituições do voto e da representação, a autonomia dos poderes e a

consequente limitação do poder central. Veremos que as formas do liberalismo mudam com o tempo,

começando de maneira muito elitista (restrita aos homens de posse) e

ampliando-se a partir de pressões externas.

O liberalismo económico se opôs inicialmente à intervenção mercantilista tais como a concessão de monopólios e privilégios. Os primeiros a se insurgirem contra o controle da economia foram os fisiocratas, cujo lema era "laissez-faire,

laissez-passer, le monde va de lui-même" ("deixai fazer, deixai passar, que o mundo anda por si mesmo"). Tais idéias são desenvolvidas pelos economistas ingleses

Adam Smith (1723-1790) e David Ricardo (1772-1823). O que se pretendia era a defesa da propriedade privada dos meios de produção e a economia de mercado, baseada

na livre iniciativa e competição. O Estado mínimo, ou seja, o Estado não-intervencionista é considerado possível porque o equilíbrio pode ser alcançado pela lei

da oferta e da procura. Veremos mais adiante, no Capítulo 26 (Liberalismo e socialismo hoje), que nem sempre foi possível manter o Estado afastado do controle da

economia.

Exercícios

1. Faça um levantamento das principais idéias do texto.
2. Em que sentido as revoluções Gloriosa e Francesa podem chamadas de revoluções burguesas?
3. Que mudanças na política e na economia feudais eram necessárias para implantar a nova ordem burguesa?
4. O liberalismo tem como característica a crescente preocupação política e económico.

SEGUNDA PARTE - Locke

Sendo os homens por natureza todos livres, iguais e independente propriedade e submetido ao poder político de outrem sem dar consentimento. A maneira única em virtude da qual uma pessoa qualquer renuncia à liberdade natural e se reveste dos laços da sociedade civil consiste em concordar com outras pessoas em juntar-se e unir-se em comunidade para viverem com segurança, conforto e paz umas com as outras, gozando garantidamente das propriedades que tiverem e desfrutando de maior proteção contra quem quer que não faça parte dela.

(Locke)

1. Introdução

John Locke (1632-1704), filósofo inglês, era médico e descendia família de burgueses comerciantes. Esteve refugiado na Holanda, por ter-se envolvido com pessoas acusadas de conspirar contra o rei Carlos II. Retornou à Inglaterra no mesmo navio em que viajava Guilherme de Orange, símbolo da consolidação da monarquia parlamentar inglesa.

Locke teve papel importante na discussão sobre a teoria do conhecimento. No assunto escreveu Ensaio sobre o entendimento humano, onde defende a teoria empirista. (Ver Terceira Parte do Capítulo 10-Teoria do conhecimento.) Com a obra Dois

tratados sobre o governo civil, tornou-se o teórico da revolução liberal inglesa, cujas idéias iriam fecundar todo o século XVIII, dando fundamento filosófico às revoluções ocorridas na Europa e nas Américas.

1. Estado de natureza e contrato

Assim como Hobbes e posteriormente Rousseau, Locke parte da concepção de natureza se uniram mediante contrato social para constituir a sociedade civil. Portanto, apenas o pacto torna legítimo o poder do Estado.

Mas, diferentemente de Hobbes, não vê no estado de natureza uma situação delegando o poder a outrem. Para Locke, no estado natural cada um é juiz em causa própria; portanto, os riscos das paixões e da parcialidade são muito grandes

e podem desestabilizar as relações entre os homens. Por isso, visando a segurança e a tranquilidade necessárias ao

gozo da propriedade, as pessoas consentem em instituir o corpo político.

O ponto crucial do pensamento de Locke é que os direitos naturais ao poder soberano, justificando, em última instância, o direito à insurreição: o poder é um trust, um depósito confiado aos governantes - trata-se de uma relação de confiança -, e, se estes não visarem o bem público, é permitido aos governados retirá-lo e confiá-lo a outrem.

1. Sociedade civil: a institucionalização do poder

A concepção de sociedade civil - ou sociedade política, pois em pensamento liberal, enquanto destaca a origem democrática, parlamentar do poder político. Ou seja, o poder está fundamentado nas instituições políticas, e não no

arbítrio dos indivíduos.

Por exemplo, na Idade Média transmitia-se por herança tanto a propriedade dos bens como também o poder sobre os homens que viviam nas terras herdadas. Locke estabelece a distinção entre o público e o privado, que devem ser regidos por leis

diferentes. Assim, o poder político não deve, em tese, ser determinado pelas condições de nascimento, bem como o Estado não deve intervir, mas sim garantir e tutelar

o livre exercício da propriedade, da palavra e da iniciativa econômica.

Enquanto Hobbes destacava a soberania do poder executivo, Locke subordinar tanto o executivo quanto o poder legislativo (encarregado das relações exteriores). Note-se que ainda nesse momento não havia sido desenvolvida a teoria

da autonomia dos três poderes, o que ocorrerá apenas com Montesquieu.

1. O conceito de propriedade

Locke usa o conceito de propriedade num sentido muito amplo: "todo homem tem uma propriedade natural sobre sua pessoa. Como já observamos em Hobbes, encontra-se também em Locke uma concepção de liberdade que é ser livre da dependência das vontades alheias, e a liberdade existe como exercício de posse". Assim, a primeira coisa que o homem possui é o seu corpo; todo homem

é proprietário de si mesmo e de suas capacidades. O trabalho do seu corpo é propriamente dele; portanto, o trabalho dá início ao direito de propriedade em sentido

estrito (bens, patrimônio). Isso significa que, na concepção de Locke, todos são proprietários: mesmo quem não possui bens é proprietário de sua vida, de seu corpo,

de seu trabalho.

Entretanto, essa colocação ampla feita por Locke leva a certas consequências na sociedade, criando um estado de classes que Locke dissimula-involuntariamente, é verdade - num discurso que se apresenta com um caráter universal.

Quando se refere a todos os cidadãos, considerando-os igualmente proprietários, o discurso contém uma ambiguidade que não se resolve, pois ora identifica a propriedade

à vida, liberdade e posses, ora a bens e fortuna especificamente. O que se conclui é que, se todos, tendo bens ou não, são considerados membros da sociedade civil,

apenas os que têm fortuna podem ter plena cidadania, por

duas razões: "apenas esses (os de fortuna) têm pleno interesse na preservação da propriedade, e apenas esses são integralmente capazes de vida racional

- aquele compromisso voluntário para com a lei da razão - que é a base necessária para a plena participação na sociedade civil. A classe operária, não tendo fortunas,

está submetida à sociedade civil mas dela não faz parte. (...) A ambiguidade com relação a quem é membro da sociedade civil em virtude do suposto contrato original

permite que Locke considere todos os homens como sendo membros, com a finalidade de serem governados, e apenas os homens de fortuna para a finalidade de governar"¹.

Ressalta-se aí o elitismo que persiste na raiz do liberalismo, já de igualdade real, quando só os proprietários têm plena cidadania.

¹ C. B. Macpherson, A teoria política do individualismo possessivo, p. 260.

EXERCÍCIOS

1. Dê as características da teoria contratualista de Lock
2. Segundo Locke, que tipo de soberania decorre do contrat
3. Qual é o sentido amplo do conceito de propriedade para
4. Por que se pode dizer que o liberalismo de Locke é eli
5. Estabeleça as diferenças e semelhanças entre Hobbes e

Locke no que se refere aos conceitos de estado de natureza, contrato social e soberania.

6. Leia a citação de Locke escolhida como epígrafe da Segunda Pa

7. "Poderão afirmar que, sendo a idolatria um pecado, não pode s
escrupulosamente

evitada, esta inferência é correta; mas não será correta se disserem que é um
pecado e,

portanto, deve ser punida pelo magistrado. Não

cabe nas funções do magistrado punir com leis e reprimir com a espada tudo o
que acredita ser um

pecado contra Deus." Qual é a característica do liberalismo que se encontra nesta
citação de Locke?

1. Leia o texto complementar e responda:

a) Como Locke justifica o abandono do estado de natureza?

b) Quais são os poderes e as limitações do
legislativo?

1. Leia o fragmento 5, de Locke, e relacione com a história do Brasil,
explicando em que

medida os Atos Institucionais do tempo da ditadura militar (década de 60-70)
contrariavam os preceitos

liberais.

Texto complementar

Segundo tratado sobre o governo

1

Se o homem no estado de natureza é tão livre, conforme dissemos, por que abrirá ele mão dessa liberdade, por que abandonará o seu império e sujeitar-se-á ao domínio e controle de qualquer outro poder? Ao que é óbvio responder

que, embora no estado de natureza tenha tal direito, a fruição do mesmo é muito incerta e está constantemente exposta à invasão de terceiros porque, sendo todos reis tanto quanto ele, todo homem igual a ele, na maior parte pouco observadores da equidade e da justiça, a fruição da propriedade que possui neste estado é muito

insegura, muito arriscada. Estas circunstâncias obrigam-no a abandonar uma condição que, embora livre, está cheia de temores e perigos constantes; e não é sem razão

que procura de boa vontade juntar-se em sociedade com outros que estão já unidos, ou pretendem unir-se, para a mútua conservação da vida, da liberdade e dos bens a

que chame de "propriedade".

O objetivo grande e principal, portanto, da união dos homens em c eles sob governo, é a preservação da propriedade. Para este objetivo, muitas condições faltam no

estado de natureza:

Primeiro, falta uma lei estabelecida, firmada, conhecida, recebi resolver quaisquer controvérsias entre os homens; porque, embora a lei da

natureza seja evidente e inteligível para todas as

criaturas racionais, entretanto os homens,

sendo desviados pelo interesse bem como ignorantes dela porque não a estudam, não são capazes de reconhecê-la como lei que os obrigue nos seus casos particulares.

Em segundo lugar, no estado de natureza falta um juiz conhecido porque, sendo cada homem, nesse estado, juiz e executor da lei da natureza, sendo os homens parciais para consigo, a paixão e a vingança podem levá-los a exceder-se

nos casos que os interessam, enquanto a negligência e a indiferença os tornam por demais descuidados nos casos de terceiros.

2

Embora em uma comunidade constituída, erguida sobre a sua própria da comunidade, somente possa existir um poder supremo, que é o legislativo, ao qual tudo mais deve ficar subordinado, contudo, sendo o legislativo somente um poder

fiduciário destinado a entrar em ação para certos fins, cabe ainda ao povo um poder supremo para afastar ou alterar o legislativo quando é levado a verificar que

age contrariamente ao encargo que lhe confiaram. Porque, sendo limitado qualquer poder concedido como encargo para conseguir-se certo objetivo, por esse mesmo objetivo,

sempre que se despreza ou contraria manifestamente esse objetivo, a ele se perde o direito necessariamente, e o poder retoma às mãos dos que o concederam, que poderão

colocá-lo onde o julguem melhor para garantia e segurança próprias.

3

O poder executivo, colocado em qualquer lugar menos em alguém qu
4

Não é necessário, tampouco conveniente, que o poder legislativo
absolutamente necessário que o poder executivo seja permanente,

visto como nem sempre há necessidade de elaborar novas leis, mas sempre
existe a necessidade de executar as que foram feitas. Quando o legislativo
entregou a

execução

das leis que fez a outras mãos, ainda tem o poder de retomá-la, se houver
motivo, e de castigar por qualquer má

administração contra as leis.

5

Neste ponto pode perguntar-se que acontecerá se o poder executiv
reunião e ação do legislativo, conforme o exigirem a constituição original ou as
necessidades do povo? Digo empregar a força sobre o povo sem autoridade, e
contrariamente

ao encargo confiado a

quem assim procede, constitui estado de guerra com o povo, que tem o direito de
restabelecer o poder legislativo no exercício dos seus poderes; porquanto, tendo

instituído um poder legislativo com a intenção de que exercesse o poder de
elaborar leis, ou em certas épocas fixadas ou quando delas houvesse
necessidade, se qualquer

força o impedir de fazer o que é necessário à sociedade, de que depende a
segurança e a

preservação desta, o povo tem o direito de removê-la pela força. Em todos

os estados e condições, o verdadeiro remédio contra a força sem autoridade é opor-lhe a força. O emprego da força sem autoridade coloca sempre quem dela faz uso

num estado de guerra, como agressor, e sujeita-o a ser tratado da mesma forma.

(Locke, Segundo tratado sobre o governo, Col. Os pensadores. p. 88, 99, 100 e 101.)

TERCEIRA PARTE - Montesquieu

A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem.

Para que não se possa abusar do poder é preciso que, pela disposição das coisas, o poder freie o poder.

(Montesquieu)

1. O Iluminismo

O século xviii é marcado pelo conjunto de idéias do movimento Ilustração que se espalha por toda a Europa (ver na Terceira Parte do Capítulo 10). A explosão das "luzes" foi preparado nos séculos anteriores com o racionalismo cartesiano, a revolução científica, o processo de laicização da política e da moral.

Segundo Kant, um dos mais notáveis representantes do Aufklärung alemão, o homem iluminista atingiu a maioridade e, como dono de si mesmo, confia na sua capacidade racional e recusa qualquer autoridade arbitrária. Exalta a ciência e deposita esperança na técnica, instrumento capaz de dominar a natureza. Seu otimismo transparece na convicção de que a razão é fonte de progresso material, intelectual e moral, o que leva à crença e confiança na perfectibilidade do homem. Em síntese, pela universal o homem teria acesso à verdade e à felicidade.

A difusão dessas idéias na França foi facilitada pela ampla produção intelectual dos filósofos conhecidos como enciclopedistas, tais

como Diderot, D'Alembert, Voltaire e outros, embora, politicamente, a França se encontrasse aí rasada com relação aos avanços do liberalismo inglês, justificado teoricamente pela doutrina" de Locke e levado a efeito pela Revolução Gloriosa ainda em fins do século XVII.

O absolutismo da dinastia Bourbon perdura na França até 1789, da a Inglaterra para admirar suas instituições e elogiar a liberdade de consciência reinante.

1. Autonomia dos poderes

Montesquieu (1689-1755) nasceu perto de Bordéus, na França. Filho de família nobre, o seu nome era Charles-Louis de Secondat, barão de la Brède e posteriormente barão de Montesquieu.

Teve formação iluminista com os padres oratorianos, de modo que do clero. Em *Cartas persas*, obra de sua juventude, satirizava o papa e a sociedade francesa do seu tempo.

Sua obra mais importante é *O espírito das leis*, onde discute a política em diferentes épocas e lugares. A pertinência das observações e a preocupação com o método permitem encontrar em seu trabalho elementos que prenunciam uma análise sociológica.

Ao procurar descobrir as relações que as leis têm com a natureza humana, desenvolveu a teoria do governo que alimenta as idéias fecundas do constitucionalismo, pelo qual se

busca distribuir a autoridade por meios legais, * de modo

Tais idéias se encaminham para a melhor definição da separação de poderes, ainda hoje uma das pedras angulares do exercício do poder democrático.

Refletindo sobre o

abuso do poder real, Montesquieu conclui que "só o poder freia o poder". De cada poder - executivo, legislativo e judiciário - manter-se por pessoas diferentes.

É bem verdade que a proposta da divisão dos poderes ainda não foi atribuída a Montesquieu com a força que costumou-se posteriormente atribuir-lhe. Nas passagens de sua obra, Montesquieu não defende uma separação tão rígida, pois o que ele

pretendia de fato era realçar a relação de forças e a necessidade de equilíbrio e harmonia entre

os três poderes.

Embora seu pensamento tenha sido apropriado pelo liberalismo aos interesses de sua classe e portanto o aproximam dos ideais de uma aristocracia liberal. Ou

seja, ele critica toda forma de despotismo, mas prefere a monarquia moderada e não aprecia a idéia de o povo assumir o poder.

Aliás, com exceção de Rousseau - cuja análise faremos a seguir - o liberal do século XVIII permanece censitário e portanto elitista. Mesmo para o ideal republicano de

Kant, "o empregado doméstico, o balconista, o trabalhador, ou mesmo o barbeiro não são membros do Estado, e assim não se

qualificam para ser cidadãos". É preciso esperar o século XIX para ver alterações nessa tendência.

Exercícios

1. Em que sentido a Inglaterra do século XVIII tornou-se
2. Quais são as diferenças e semelhanças entre Locke e Mo
3. "Para que não se possa abusar do poder é preciso que,

freie o poder." Explique o significado dessa citação de Montesquieu. E discuta também a atualidade dessa afirmação.

4. Leia os textos complementares e explique em que consis

Textos complementares

1

O que é a liberdade

E verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade não pode consistir senão em poder fazer o que se deve querer e em não ser constrangido a fazer o que não se deve desejar.

Deve-se ter sempre em mente o que é independência e o que é liberdade. Se cada um fizer tudo o que os outros proibem, não terá mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder.

II

(Os três poderes)

Quando na mesma pessoa ou no mesmo corpo de magistratura o poder legislativo e o executivo se unem, há tirania. Quando o mesmo monarca ou o mesmo senado apenas estabeleçam leis tirânicas para executá-las tiranicamente.

Não haverá também liberdade se o poder de julgar não estiver separado do legislativo e do executivo. Se estiver ligado ao legislativo, a liberdade sobre a vida e a liberdade dos cidadãos seria arbitrário, pois o juiz seria legislador. Se estivesse ligado ao poder executivo, o juiz poderia ter a força de um opressor.

Tudo estaria perdido se o mesmo homem ou o mesmo corpo dos princípios das resoluções públicas e o de julgar os crimes ou as divergências dos indivíduos.

(Montesquieu, Do espírito das leis, Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 155-156 e p. 157.)

QUARTA PARTE - Rousseau e a democracia direta

O homem nasce livre e em toda parte encontra-se a ferros

Toda nossa sabedoria consiste em preconceitos servis; todos os nossos usos são apenas sujeição, coação

e constrangimento. O homem nasce, vive e morre na escravidão: ao nascer cosem-no numa malha; na sua

morte pregam-no num caixão: enquanto tem figura humana é encadeado pelas nossas instituições.

Eu senti antes de pensar.

Observai a natureza e segui o caminho que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças; endurece o

seu temperamento com provas de toda espécie, e ensina-lhes, muito cedo, o que é uma dor e o que é um

prazer.

(Rousseau)

1. Introdução

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), filho de um relojoeiro de poucas posses, nasceu

em Genebra (Suíça) e viveu a partir de 1742 em Paris, onde fervilhavam as idéias liberais

que culminariam na Revolução Francesa (1789).

Desde o primeiro momento em que se faz conhecer à intelectualidade

Rousseau surpreende: ganha o prêmio oferecido pela Academia de Dijon ao discorrer sobre o tema

O restabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?, respondendo pela negativa. Isso significa que não via com otimismo o

desenvolvimento da técnica e do progresso, posição que é no mínimo polêmica, se

lembrarmos que Rousseau vive em pleno Iluminismo e, portanto, entre homens confiantes no poder da razão humana para construir um mundo

melhor (ver Terceira Parte

do Capítulo 10).

Fez amizade com Diderot, filósofo do grupo iluminista do qual participava D'Alembert, D'Holbach, e que se tornavam conhecidos como enciclopedistas por terem elaborado a Enciclopédia ou Dicionário racional das ciências, das artes e dos

ofícios-, que divulgava os novos ideais: tolerância religiosa, confiança

na razão livre, oposição à autoridade excessiva, naturalismo, entusiasmo pelas técnicas e pelo progresso. Rousseau é convidado a escrever os verbetes sobre música

- sua paixão anterior à filosofia mas sempre foi elemento destoante, pois divergia em muitos aspectos do

pensamento iluminista, e teve, inclusive, sérios atritos

com Voltaire.

Precursor do romantismo, Rousseau valoriza demasiadamente o sentimento e expõe suas idéias revela a carga emocional derivada de uma sensibilidade

exacerbada. Os leitores deixam-se contagiar por esse espírito agitado,

- sua paixão anterior à filosofia mas sempre foi elemento destoante, pois divergia em muitos aspectos do pensamento iluminista, e teve, inclusive, sérios atritos

e um de seus admiradores foi Robespierre, representante do setor mais radical e democrático da Revolução Francesa e que, contraditoriamente, instaurou o Terror.

As principais idéias políticas de Rousseau estão nas obras *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* e *Do contrato social*.

Espírito contraditório, elaborou as bases da pedagogia moderna e a teoria da educação (Gravura)

Disputa entre Voltaire e Rousseau. A cena se refere à conhecida animosidade entre os dois. Embora ambos pertençam ao grupo dos enciclopedistas, Rousseau destaca

a importância dos sentimentos, desconfia da ciência e recusa o racionalismo exacerbado dos pensadores da Ilustração. Voltaire não lhe poupa ácidas críticas.

1. O estado de natureza

Assim como seus antecessores Hobbes e Locke, Rousseau procura recriar, num aspecto, inovadora, na medida em que distingue os conceitos de soberano e governo, atribuindo ao povo a soberania inalienável.

No *Discurso sobre a origem da desigualdade* Rousseau cria a hipótese da própria sobrevivência, até o momento em que é criada a propriedade e uns passam a trabalhar para outros, gerando escravidão e miséria.

Rousseau parece demonstrar extrema nostalgia do estado feliz em selvagem, quando é introduzida a desigualdade entre os homens, a diferenciação

entre o rico e o pobre, o poderoso e o fraco, o senhor e o escravo e a predominância

da lei do mais forte. O homem que surge da desigualdade é corrompido pelo poder e esmagado pela violência.

Trata.-se de um falso contrato, esse que coloca os homens sob gr qual o povo esteja reunido sob uma só vontade.

1. O contrato social

O contrato social, para ser legítimo, deve se originar do conser reserva de todos os seus direitos em favor da comunidade. Mas, como todos abdicam igualmente, na verdade cada um nada perde, pois "este ato de associação produz,

em lugar da pessoa particular de cada contratante, um corpo moral e coletivo composto de tantos membros quantos são os votos da assembléia e que, por esse mesmo

ato, ganha sua unidade, seu eu comum, sua vida e sua vontade"2.

Em outras palavras, pelo pacto o homem abdica de sua liberdade, a si mesmo e, portanto, é livre: "A obediência à lei que se estatuiu a si mesma é liberdade". Isso significa que, para Rousseau, o contrato não faz o povo perder a soberania, pois não é criado um Estado separado dele mesmo. Como isto é possível?

Soberano e governo

Mesmo quando cada associado se aliena totalmente em favor da com POVO incorporado, mantém a soberania. Ou seja, soberano é, para Rousseau, o corpo coletivo que expressa, através da lei, a vontade geral. A soberania do povo, manifesta pelo legislativo, é inalienável, ou seja,

não pode ser representada. A democracia rousseauísta considera que toda lei não ratificada pelo povo em pessoa é nula.

Por isso, o ato pelo qual o governo é instituído pelo povo não são senhores do povo, mas seus oficiais, podendo ser eleitos ou destituídos conforme a conveniência. Os magistrados que constituem o governo estão subordinados ao

poder de decisão do soberano e apenas executam as leis, devendo haver inclusive boa rotatividade na ocupação dos cargos.

Rousseau preconiza, portanto, a democracia direta ou participati
Enquanto soberano, o povo é ativo e considerado cidadão. Mas há
faz a lei, é um cidadão e, enquanto a ela obedece e se submete, é um súdito.

Além de inalienável, a soberania é também indivisível, pois não
2J.-J. Rousseau, Do contrato social, Col. Os pensadores, p. 39.

A vontade geral

O soberano, sendo o povo incorporado, dita a vontade geral, cuja
pessoa pública (cidadão ou súdito) e pessoa privada.

A pessoa privada tem uma vontade individual que geralmente visa
benefícios individuais, teremos a vontade de todos.

Mas cada homem particular também pertence a um espaço público, é
o interesse de um coincide com o de outro, pois muitas vezes o que beneficia a
pessoa privada pode ser prejudicial ao coletivo. Por isso, também não se pode
confundir

a vontade de todos com a vontade geral, pois a somatória dos interesses privados
pode ter outra natureza que o interesse comum. Explicando melhor:

de cada um enquanto componentes do corpo

coletivo e exclusivamente nesta qualidade.

Daí o perigo de predominar o interesse da maioria, pois se é sempre possível conseguir-se a concordância dos interesses privados de um grande número, nem por isso assim se estará atendendo ao interesse comum"³.

Encontra-se aí o cerne do pensamento de Rousseau, aquilo que o f
a superação de toda arbitrariedade, pois é a submissão a uma lei que o homem ergue acima de si mesmo. O homem é livre na medida em que dá o livre consentimento à

lei. E consente por considerá-la válida e necessária. "Aquele que recusar obedecer à vontade geral a tanto será constrangido por todo um corpo, o que não significa

senão que o forçarão a ser livre, pois é essa a condição que, entregando cada cidadão à pátria, o garante contra qualquer dependência pessoal."⁴

3 Nota de rodapé de Gomes Machado, in J.-J. Rousseau, Do contrato social, Col. Os pensadores, p. 49. O grifo na

citação é nosso.

4 J.-J. Rousseau, Do contrato social, Col. Os pensadores, p. 42.

1. Rousseau pedagogo

Assim como imagina um homem em estado de natureza - pura hipótese o esboço de uma pedagogia, a figura de Emilio, modelo que o ajuda a procurar aquilo que o homem é antes de ser homem. Tudo se passa nesse romance como se o homem

natural fosse o ideal que se submete à regra da educação.

Para não correr o risco de ser contaminado por preconceitos, Emílio um preceptor à margem do contato pernicioso da sociedade, seguindo a ordem

da própria natureza, não a natureza do selvagem, mas a verdadeira natureza que responde à vocação humana.

A educação começa pelo desenvolvimento das sensações, dos sentimentos e da "razão sensitiva". É preciso não abafar os instintos, os sentidos, as emoções, os

sentimentos que são anteriores ao próprio pensamento elaborado. A espontaneidade é valorizada e não há castigos,

pois a experiência é a melhor conselheira. Por isso Rousseau não dá valor ao conhecimento livresco transmitido, pois quer que a criança aprenda a pensar por si própria.

É assim que imagina Emilio chegando por si só às noções de bem e suficiente da razão é correr o risco de idolatria.

Costuma-se dizer que Rousseau provoca uma "revolução copernicana Copérnico, que ao propor a teoria heliocêntrica inverteu o centro do sistema astronômico, a concepção pedagógica rousseauísta não é magistocêntrica, pois não é o mestre que se encontra no centro do processo educativo; esse lugar é reservado à criança.

Para ele, não se educa a criança nem para Deus, nem para a vida
minhas mãos, ele não será magistrado, soldado ou sacerdote, ele será, antes de
tudo, um homem

1. Rousseau revolucionário?

A concepção política de Rousseau, como todo pensamento liberal, democrática de poder. Sem dúvida, empolgou políticos como Robespierre e até leitores como o jovem Marx.

Os aspectos avançados do pensamento de Rousseau estão no fato de violência daqueles que abusam do poder conferido pela propriedade, bem como por ter desenvolvido uma concepção mais democrática de poder, baseada na soberania popular e no conceito-chave de vontade geral.

Com isso, Rousseau representa já no seu tempo a crítica ao modelo sociais que irão surgir no século XIX.

Mesmo assim, Rousseau ainda é filho do seu tempo porque, ao part burguês; ao denunciar a violência como resultado da natureza humana corrompida, mantém ainda a perspectiva de uma análise moral (e portanto pessoal) de um fenômeno que os teóricos

socialistas a ele posteriores perceberão como resultante dos antagonismos sociais.

1. Conclusão

É bom lembrar que, mesmo para o próprio Rousseau, o projeto da c isso não significa que suas idéias são desprezíveis e utópicas, porque sempre é possível combinar os mecanismos da democracia representativa com alguns recursos

da democracia direta.

A professora Maria Victoria de Mesquita Benevides, ao defender a que "a maior parte das questões envolvidas na polêmica democracia representativa

versus democracia direta é malposta, justamente porque traz implícita a alternativa

radical - ou uma ou outra e não considera a possibilidade do sistema misto".⁵ No sistema misto da democracia semidireta, os mecanismos típicos de democracia direta

atuariam como corretivos das distorções da representação política tradicional. Tais mecanismos são os conselhos populares, assembléias, experiências de autogestão

e, na esfera do legislativo, o plebiscito, o referendo e o projeto de iniciativa popular.

5M. V. de M. Benevides, A cidadania ativa. São Paulo, Ed. Ática, 1991,p,44.

Exercícios

1. Rousseau se refere a estado de natureza e pacto social. Isso
 - a) Como é para cada um o estado de natureza? Confira também o fr
 - b) De que pacto se trata?
 - c) Qual é o objetivo e o que visa garantir?
 - d) Quais são as decorrências de cada um deles quanto à noção de
2. O que significa, para Rousseau, dizer que a soberania
3. Que distinção Rousseau estabelece entre governo e soberano?
4. Qual é a diferença entre vontade geral e vontade de to
5. Rousseau e um dos precursores da pedagogia moderna. Que inova
6. Que características do pensamento de Rousseau o aproximam dos
7. "A política foi, inicialmente, a arte de impedir as pe

as pessoas a decidirem sobre aquilo de que nada entendem." (Paul Valéry).

A partir da citação de Valéry, responda às questões a Seguir:

- a) Referindo-se à história da política, explique quais sã
- b) Essa desencantada observação pode ser relacionada com

tanto os conceitos aprendidos com Rousseau.

As questões de 8 a 10 se referem aos textos complementares.

8. Indique e analise as passagens que caracterizam o contratuali

9. Identifique o trecho que se refere ao ideal da democracia

10. Leia o fragmento 8 e responda:

a) Sobre os conceitos "força" e "vontade": qual deles é atribuído

b) Se o governo não é o soberano, quem o é?

Textos complementares

1

Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens

1

Enquanto os homens se contentaram com suas cabanas rústicas, enquanto costuravam com espinhos ou com cerdas suas roupas de peles, enquanto se

com plumas e conchas, enquanto pintavam o corpo com várias cores, enquanto aperfeiçoavam ou embelezavam seus arcos e flechas, enquanto cortavam com pedras agudas algumas canoas de pescador ou

alguns instrumentos grosseiros de música - em uma palavra: enquanto só se dedicavam a obras que um único homem podia criar e a artes que não solicitavam o concurso

de várias mãos, viveram tão livres, sadios, bons e felizes quanto o poderiam ser por sua natureza, e continuaram a gozar entre si das doçuras de um comércio independente;

mas, desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro de outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu

a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impõem regar com o suor

dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e

crescerem com as colheitas.

2

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo lembrou-se de dizer isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos

crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o

fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: "Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence

a ninguém!"

3

Tal foi ou deveu ser a origem da sociedade e das leis, que deram forças ao rico, destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da

propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, daí

por diante sujeitaram todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria.

(Rousseau, Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens,

Col. Os pensadores, p. 265, 270 e 275.)

Do contrato social

4

O homem nasce livre, e por toda a parte encontra-se a ferros. O

mudança?

Ignoro-o. Que poderá legitimá-la? Creio poder resolver esta questão. (...) A ordem social é um direito sagrado que serve de base a todos OS OUTROS. Tal direito,

no entanto, não se origina da natureza: funda-se, portanto, em convenções.

5

Em geral, são necessárias as seguintes condições para autorizar esteja ainda habitado por ninguém; segundo, que dele só se ocupe a porção de que se tem necessidade para subsistir; terceiro, que dele se

tome posse não por uma cerimônia vã, mas pelo trabalho e pela cultura, únicos sinais

de propriedade que devem ser respeitados pelos outros, na ausência de títulos jurídicos.

6

uma observação que deverá servir de base a todo o sistema social por uma igualdade moral e legítima aquilo que a natureza poderia trazer de desigualdade física entre os homens, que, podendo ser desiguais na força ou no gênio,

todos se tornam iguais por convenção e direito.

7

Afirmo, pois, que a soberania, não sendo senão o exercício da vontade de alienar-se, e que o soberano, que nada é senão um ser coletivo, só pode ser representado por si

mesmo. O poder pode transmitir-se; não, porém, a vontade.

8

Quando me dirijo a um objeto, é preciso, primeiro, que eu queira e não o queira um homem ágil, ambos ficarão no mesmo lugar. O corpo político tem os mesmos móveis. Distinguem-se nele a força e a vontade, esta sob o nome de poder

legislativo e aquela, de poder executivo. Nada nele se faz, nem se deve fazer, sem o seu concurso. (...) Necessita, pois, a força pública de um agente próprio que

a reúna e ponha em ação segundo as diretrizes da vontade geral, que sirva à comunicação entre o Estado e o soberano, que de qualquer modo determine na pessoa pública

o que no homem faz a união entre a alma e o corpo. Eis qual é, no Estado, a razão do governo, confundido erroneamente com o soberano, do qual não é senão o ministro.

(Rousscau, Do contrato social, Col. Os pensadores, p. 28, 44,45, 49 e 79.)

QUINTA PARTE - O liberalismo do século XIX

Cada um é o único guardião autêntico da própria saúde, tanto física, quanto mental e

espiritual.

(Stuart Mill)

1. Introdução

No século XIX, as exigências democráticas não eram apenas da nova geração, já que a Revolução Industrial (século XVIII) aumentara a concentração urbana, Os operários, organizados em sindicatos e influenciados por idéias socialistas, exigem

melhores condições de trabalho.

As novas formas de organização de massa dão a tônica do pensamento da liberdade baseada na propriedade - característica do liberalismo elitista dos séculos anteriores - é desviado para a exigência de igualdade, procurando estender a liberdade a um número cada vez maior de pessoas por meio da legislação e de garantias jurídicas.

As reivindicações de igualdade se manifestam das mais variadas formas:

- na defesa do sufrágio universal, ampliação das formas de participação política;
- na exigência de liberdade de imprensa;
- na implantação da escola elementar universal, leiga, gratuita.

Este movimento teve uma bem-sucedida na Europa e nos EUA.

No entanto, não há como negar que o liberalismo nasceu não-democrático.

pelo qual excluía do poder os não-proprietários.

No século XIX podemos notar claramente os dois sentidos do movimento que defende a liberdade, mas não a democracia (ou seja, não é um liberalismo com aspirações igualitárias); e o liberalismo radical que, além da liberdade, defende

a igualdade. É este último liberalismo

que, nas formas mais extremas, se aproxima, no século XX, das concepções do Estado de bem-estar social e do socialismo liberal.

Os principais teóricos do liberalismo no século XIX foram:

- nos Estados Unidos - Thomas Jefferson e Thomas Paine;
- na França - Tocqueville;
- na Inglaterra - Jeremy Bentham, James Mill e seu filho John St

Mill.

1. O liberalismo francês

Enquanto na Inglaterra e nos Estados Unidos as instituições políticas por experiências difíceis e contraditórias, após a esperança de "liberdade, igualdade e fraternidade" representada pela Revolução Francesa. Afinal, o jacobinismo

de Robespierre declaradamente ultrademocrático havia descambado no Terror; depois disso houve a ascensão e queda de Napoleão Bonaparte, coroado imperador. Mais tarde,

com Napoleão III, a França entra no Segundo Império, distanciando-se cada vez mais dos ideais democráticos. Era natural que surgissem liberais conservadores, temerosos

da tênue separação existente entre democracia e tirania.

Alexis de Tocqueville (1805-1859), aristocrata de nascimento e c

do seu tempo. Visitou por um ano os Estados Unidos, onde recolheu informações para sua obra mais famosa, Democracia na América.

Tocqueville tinha plena consciência de que a implantação da democracia "tirania da maioria", a um nivelamento cuja consequência seria o despotismo e ao conformismo da opinião. A democracia faria prevalecer a força do número sobre a individualidade.

Tocqueville admitia claramente o desprezo pelas classes médias, Em uma anotação pessoal exprimia: "Tenho pelas instituições democráticas uma preferência cerebral, mas sou aristocrata por instinto, e isto significa que desprezo

e temo a multidão.

Amo apaixonadamente a liberdade, a legalidade, o respeito pelos direitos, mas não a democracia"⁶.

**

6 Apud J. Touchard, História das idéias políticas, v. 5, p. 100.

O intelectual brasileiro José Guilherme Merchior diz o que signi político normal, de um sistema representativo fundado num amplo sufrágio. Mas, com mais freqüência, o empregou como um sinônimo para sociedade igualitária, coisa

com que ele não designava uma sociedade de iguais, mas uma sociedade em que a hierarquia já não era a regra do princípio aceito de estrutura social".

1. O liberalismo inglês

Jeremy Bentham (1748-1832) é o fundador de uma escola chamada utilitarismo, de renovação social, a partir de um método rigorosamente científico.

Bentham substitui a teoria do direito natural, típica dos filósofos

ao Estado quando a obediência contribui para a felicidade geral.

Critica as formas liberais que levam ao egoísmo. Aliás, para ele o controle do egoísmo, e a virtude é o que amplia os prazeres e as ações para saber qual delas reúne maior número de prazeres e menor quantidade de dores. Da mesma forma, o

governo deve concordar com o princípio de utilidade, e sua finalidade é alcançar a felicidade para um número maior de pessoas.

Por isso os objetivos do governo são:

prover a subsistência, produzir a abundância, favorecer a igualdade e manter a segurança. Para tanto é necessário que haja eleições periódicas, sufrágio livre e universal, liberdade de contrato.

Bentham também se tornou conhecido por ter imaginado o Panoptico, construção com uma torre de controle central e um prédio cheio de janelas onde seriam confinadas pessoas que precisariam ser vigiadas constantemente, tais como loucos, doentes, condenados, operários ou estudantes. Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo, em sua obra *Microfísica do poder* identifica o

projeto de Bentham ao processo iniciado na Idade Moderna pelo qual é constituída a "sociedade disciplinar", baseada no controle e vigilância na fábrica, na escola,

na prisão, no hospício, no exército, e que tão bem irá caracterizar a forma de poder pela qual a burguesia exerce sua hegemonia.

John Stuart Mill (1806-1873) segue inicialmente a corrente utilitarista de Mill, mas a modifica profundamente, já que sofreu outras influências, desde o positivismo de Comte ao socialismo de Saint-Simon.

Embora amigo e admirador de Tocqueville, Stuart Mill desenvolve e defende a co-participação na indústria bem como a representação proporcional na política a fim de permitir a expressão das opiniões

minotárias. . Foi acirrado defensor da absoluta liberdade de expressão, do pluralismo e da diversidade, e considerava importante o debate das teorias conflitantes.

Com a influência de sua mulher, Harriet Taylor, feminista e sociólogas mulheres.

(Gravura)

Stuart Mill participou da fundação de uma sociedade defensora do direito devoto para as mulheres. Tal preocupação,

entre outras, decorria do caráter reformista do liberalismo democrático

do século XIX, que procurava incorporar muitas das idéias levantadas pelo movimento socialista. (Caricatura publicada na revista "Punch" em 1867. na Inglaterra.)

**

1. M. Foucault, Microfísica do poder, Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 209 e 227.

2. As contradições do século XIX

Embora as teorias liberais do século XIX, em comparação com as do século XVIII, tenham sido mais flexíveis, elas não conseguiram conciliar os interesses econômicos aos aspectos éticos e intelectuais que essas mesmas teorias defendem.

Nos grandes centros da Europa, apesar da difusão das idéias democráticas, persistia a situação de miséria e exploração dos operários: pobreza, jornada de trabalho de quatorze a dezesseis horas, mão-de-obra mal paga de mulheres e crianças.

Da mesma forma, a expansão do capitalismo estimula as idéias imp
"democráticos" não querem abrir mão do controle econômico e político sobre
suas colônias. O próprio Stuart

Mill argumentava que a idéia de governo democrático se

ajustava apenas aos hábitos dos povos avançados, sobretudo os brancos.

No Brasil, os movimentos liberais naquele período se restringem
ainda a sociedade escravista, a tradição das elites e o analfabetismo, inclusive
como condição

para a manutenção do tipo de economia agrária.

A contrapartida do discurso liberal será encontrada nas teorias
socialismo científico de Marx e Engels, que, em 1848, publicaram o Manifesto
comunista. Do mesmo modo, as Internacionais Operárias (a primeira é de 1864)
e a Comuna

de Paris (1871) são reflexo da busca de uma nova ordem, distinta da ordem
estabelecida, e de um discurso que contenha a crítica ao Estado burguês.

Exercícios

1. Qual a diferença entre o panorama histórico que marca o pensa
 2. Como as diferenças históricas referidas na primeira qu
 3. Compare Stuart Mill e Tocqueville, considerando a distinção e
 4. As duas frases a seguir são de Stuart Mill. Analise o
"Cada um é o único guardião autêntico da própria saúde, tanto fí
"O despotismo é uma forma legítima de governo quando se está na
sua efetiva obtenção."
-

CAPÍTULO 23

HEGEL: A TEORIA DO ESTADO

O pensamento, o conceito de direito fez-se de repente valer e o iniquidade não lhe pode resistir (...). Desde que o sol está no firmamento (...) não se tinha visto o homem (...) basear-se numa idéia e construir segundo ela a realidade (...). Trata-se portanto de um soberbo nascer do sol. Todos os seres pensantes celebraram essa época. Reinou nesse tempo uma emoção sublime, o entusiasmo do espírito fez estremecer o mundo, como se só nesse momento se tivesse chegado à verdadeira reconciliação do divino com o mundo.

(Hegel)

1. Introdução

De que fala Friedrich Hegel (1770-1831) no texto em epígrafe? Reanos. Na Alemanha, acompanhou apaixonadamente os acontecimentos que marcaram um ponto de ruptura da história: a derrocada do mundo feudal e o fortalecimento da ordem burguesa. É esta a contradição dialética cuja resolução Hegel aponta como sendo a tarefa da Razão.

Sendo alemão, Hegel continuará vivendo essa contradição, na medida dividida em diversos Estados não unificados.

Diz Roger Garaudy, marxista francês:

"O método que elaborou para tentar vencer as dilacerações e as contradições do seu tempo - a dialética idealista - só pode ser compreendido a partir da experiência

viva e do drama vivido que suscitaram nele a exigência filosófica".

R. Garaudy, O pensamento de Hegel, p. 8.

1. A dialética idealista

Como vimos na Terceira Parte do Capítulo 10 (Teoria do conhecimento e movimento, do vir-a-ser). Para compreender a realidade em constante

processo, Hegel abandona a lógica tradicional, aristotélica, que considera inadequada para a explicação

do movimento. Estabelece os princípios de uma nova lógica: a dialética (se necessário, ver a Segunda Parte do Capítulo 9 - Instrumentos do conhecimento). Segundo

a dialética, todas as coisas e idéias morrem. Como diz Goethe:

"Tudo o que existe merece desaparecer". Mas essa força destruidora é também a força motriz do processo histórico.

O movimento da dialética se faz em três etapas: tese, antítese e síntese.

Da abordagem dialética resulta um novo conceito de história. O processo é a acumulação e justaposição de fatos acontecidos no tempo, mas é resultado de verdadeiro engendramento, de um processo cujo motor interno é a contradição dialética.

Ao explicar o movimento gerador da realidade, Hegel desenvolve a idéia de que "mas é o próprio tecido do real e do pensamento". O mundo é a manifestação da Idéia, "o real é racional

e o racional é real". "A história universal nada mais é do que a manifestação da Razão.

No movimento dialético, a Razão passa por diversos graus, desde a Razão subjetiva ao Espírito objetivo, ou seja, o espírito exterior do homem enquanto expressão

da vontade coletiva por meio da moral, do direito, da política: o Espírito objetivo se realiza naquilo que se chama mundo da cultura.

Para Hegel, o Estado é uma das mais altas sínteses do Espírito o

1. A concepção de Estado

As teorias sobre o Estado foram desenvolvidas por Hegel na obra Estes, ao elaborarem a hipótese do homem em estado de natureza, desenvolveram a concepção de que a sociedade é composta por indivíduos isolados que se reúnem, motivados

por um pacto, a fim de formar artificialmente o Estado e garantir a liberdade individual e a propriedade privada.

Ao contrário das teorias contratualistas, a concepção hegeliana fundamenta a sociedade. Não é o indivíduo

que escolhe o Estado, mas sim é por ele constituído. Ou seja, não existe o homem em estado de natureza, pois o homem é sempre um indivíduo social.

O Estado sintetiza, numa realidade coletiva, a totalidade interesses contraditórios entre seus membros, e a sociedade civil a síntese que supera as divergências entre as diversas famílias, o Estado representa a unidade final, a síntese mais perfeita que supera a contradição existente entre o privado e o público. No movimento dialético as esferas da família e da sociedade civil não devem ser entendidas como formas anteriores ou exteriores ao Estado, pois na verdade só existem e se desenvolvem no Estado.

Quando Hegel usa a expressão sociedade civil, lhe dá um sentido o Estado. A sociedade civil é o lugar das atividades econômicas, e portanto, onde prevalecem os interesses privados, sempre antagônicos entre si. Por isso mesmo

é o lugar das diferenças sociais e conflituosas entre ricos e pobres e da rivalidade dos profissionais entre si. Para superar as contradições que põem em perigo

a coletividade, é preciso reconhecer a soberania do Estado. Nele, cada um tem a clara consciência de agir em busca do bem coletivo, sendo, assim, por excelência,

a esfera dos interesses públicos e universais.

A importância do Estado na filosofia política de Hegel levou a i o que, em última análise, justificaria o Estado totalitário do século XX. Vários filósofos se insurgiram

contra essa simplificação deformadora do seu pensamento,

desde o próprio Marx até o contemporâneo Eric Weil.

Pelo menos até o momento histórico vivido por Hegel, a monarquia "espírito do tempo". Com ela não se corre o risco de pôr o indivíduo em primeiro plano, já que o domínio do monarca não é autônomo e independente, mas regido pelas

leis e pelo bem do Estado. Isso seria possível pelo fato de a monarquia constitucional opor-se ao despotismo, não sendo, portanto, o governo de um só e os poderes

do Estado se encontrarem divididos e exercidos por diversos órgãos.

1. A influência da filosofia hegeliana

Hegel exerceu grande influência no desenvolvimento do pensamento posterior, e seus seguidores dividiram-se em dois grupos opostos, denominados esquerda

e direita hegeliana. Essa cisão foi provocada por uma querela de origem religiosa incitada por David F. Strauss, teólogo e autor de Vida de

Jesus, na interpretação

do pensamento de Hegel.

Os da direita são os discípulos conservadores e mantêm a filosofia do mestre; na política, defendem o estado prussiano e, na religião, seguem o luteranismo.

Os da esquerda transformam a filosofia idealista em materialista defendem a anarquia ou um regime socialista e, na religião, são ateus ou anticristãos. Entre

estes estão Feuerbach e, posteriormente, Marx e Engels, os quais, ao realizarem a inversão do idealismo hegeliano, assentam as bases do materialismo dialético: "A dialética de Hegel foi colocada com a cabeça para cima ou, dizendo melhor, ela

que se tinha apoiado exclusivamente sobre sua cabeça, foi de novo reposta sobre seus pés"².

Outra divergência se encontra na concepção de Marx, para quem o Estado não estaria a serviço da classe dominante.

2 F. Engels, Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã, in Marx-Engels, Antologia filosófica, Lisboa,

Editorial Estampa, 1971, p. 136.

Exercícios

1. Que novo conceito de história deriva das idéias de Hegel?

2. Em que a concepção de Estado hegeliana difere das teorias modernas?

1. Qual é a importância do Estado para Hegel?

4. Que caminhos surgem a partir de Hegel?

CAPÍTULO 24

A CRÍTICA AO ESTADO BURGUEÊS: AS TEORIAS SOCIALISTAS

PRIMEIRA PARTE - As idéias socialistas

Todos os homens têm igual direito à satisfação das suas necessidades e ao usufruto de todos os bens da natureza, e a sociedade deve consolidar esta igualdade.

(babeu)

1. Introdução

No século XVI, autores como Thomas More (Utopia) e Campanella (Cidade do Sol), no século XVII, na Inglaterra, o movimento dos niveladores (levellers) -representado por artífices e pequenos proprietários pertencentes sobretudo ao exército de Cromwell - reivindicaram não propriamente a igualdade econômica, mas o direito a qualquer cidadão de participar da lei por intermédio de seus representantes.

Na França do século XVIII, a grande massa do povo que assegurou sozinho o poder. Surge então a primeira expressão francesa de uma ideologia comunista, a de Gracchus Babeuf, revolucionário que pretendia derrubar o governo do Diretório e por isso foi executado.

A igualdade é o princípio fundamental do babovismo, e o Manifesto de ordem da Revolução: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" - e a inexistente igualdade real. Levando às últimas consequências a reivindicação de igualdade, o babovismo

coloca a questão, pela primeira vez, no terreno social.

A crítica à desigualdade continuará mobilizando teóricos e ativistas até então, decorrente da expansão da economia, da passagem à grande indústria e ao capitalismo de monopólio e do nascimento das organizações do proletariado.

As alterações vinham ocorrendo desde o século anterior, quando a produção, o confinamento do operário nas fábricas e seu consequente assalariamento. Configurase então, em todos seus contornos, a nova classe do proletariado, submetida ao sistema hierárquico fabril e ao trabalho manual separado do trabalho intelectual.

As cidades incham com a massa de trabalhadores mal acomodados em insalubres. A miséria, ajornada de trabalho excessiva e a exploração da mão-de-obra infantil configuram um estado de injustiça social gerador de protestos e anseios de mudança.

Já vimos que mesmo a teoria liberal precisou mudar, adaptando sua doutrina. Mas as convicções burguesas são postas a prova pelas teorias socialistas e comunistas matizadas nas mais diversas interpretações da situação vivida naquele momento e com diferentes

propostas de mudança, desde as reformistas até as revolucionárias.

As críticas ao liberalismo resultam da constatação de que a liberdade é imoral. Além disso, se o liberalismo clássico enfatizara a liberdade individual, as novas teorias exigem a igualdade, não apenas formal, mas real, e contrapõem

ao individualismo o socialismo, palavra que deve ter sido inventada na década de 30 do século XIX.

À hierarquia das fábricas os operários contrapõem as organizações e emancipação do proletariado. Sindicatos, conselhos operários, comissões de fábrica, comitês de greve, jornais operários agitam o ambiente social e político e desencadeiam movimentos de reivindicação.

Em 1864 é fundada em Londres a Associação Internacional dos Trabalhadores pelos interesses da classe operária. De formação pluralista, a Primeira Internacional teve a atuação de gente como Marx, Bakunin, Proudhon, Blanqui (os partidários deste último instauraram a Comuna de Paris em 1871).

(Gravura)

Segundo Saint-Simon, um dos socialistas utópicos, a nova sociedade industrial justa deveria ser dirigida em conjunto pelos operários, intelectuais e donos do capital.

(Litografia de Moynet.)

1. O socialismo utópico

As teorias que aparecem no século XIX são classificadas por Marx e Engels em socialismo utópico e socialismo científico. Marx e Engels negam a importância precursora daqueles movimentos.

Na França destacam-se Saint-Simon (1760-1825), Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858), cujas obras são as mais originais. Sem desprezarmos a importância de Louis Blanc (1811-1882) e Auguste Blanqui (1805-1881). Na

Grã-Bretanha é representativo o trabalho de Owen (1771-1858).

Na época em que os socialistas franceses escrevem, a França ainda é Império, na segunda metade do século XIX.

O socialismo britânico, porém, já testemunhava o terrível espetáculo de lá que Marx viveu muitos anos de exílio, quando pôde constatar a rude condição de vida dos trabalhadores.

Os diversos teóricos do socialismo têm idéias diferentes e propõem nem sempre reconhecem o antagonismo entre burguesia e proletariado, admitindo ser possível reformar a sociedade mediante a boa vontade e participação de todos.

É assim que Saint-Simon estabelece o plano de uma sociedade induzindo todos os que criam, sejam banqueiros, empresários, sábios ou artistas. Seu objetivo é melhorar a sorte da classe mais numerosa e mais pobre.

Também Fourier não destaca o antagonismo entre as classes. Faz um plano de associação voluntária, o falanstério pequena unidade social abrangendo de 1.200 a 5.000 pessoas vivendo em comunidade -, não pode ser confundido com uma

proposta comunista. Fourier respeita a herança, considera natural haver pobres e ricos e tenta atrair os capitalistas mostrando-lhes possibilidade de lucros fabulosos

caso investissem nos falanstérios. Ingenuamente aguardava, todos os dias à mesma hora, a vinda do mecenas que financiaria seu projeto de reforma social.

Outros caminhos são percorridos por Proudhon. Ele foi deputado a nível pública e participou ativamente da Primeira Internacional. Tendo nascido de família pobre, sempre desejou permanecer próximo às suas origens. Preconizava a autonomia

da classe operária na organização de sua luta contra a exploração capitalista.

Aliás, Proudhon teve plena consciência do antagonismo entre capi

Enquanto as doutrinas de Saint-Simon e Fourier não são propriamente igualitárias, a de Proudhon preconiza a igualdade e a liberdade. "A igualdade das condições,

eis o princípio das sociedades; a solidariedade universal, eis a sanção dessa lei." Do ponto de vista social, liberdade e solidariedade são

termos idênticos: a

liberdade de cada um encontrar, na liberdade alheia, não um limite, mas sim um auxiliar: o homem mais livre é aquele que tem mais relação com seus semelhantes."

Isso já significa uma crítica ao individualismo da concepção burguesa de liberdade.

Proudhon é veemente nas colocações extremamente polêmicas e muito escândalo. São famosas as afirmações: "A propriedade é um roubo" e

"Deus é o mal". Ao criticar a propriedade privada, Proudhon recusa qualquer caminho que porventura favoreça o poder do Estado (tal como propunham Louis Blanc e Auguste

Blanqui, na linha do jacobinismo de Robespierre). E por esse mesmo motivo se indispôs com os marxistas, por ele considerados excessivamente autoritários.

A desconfiança em relação ao Estado (e a qualquer outra autoridade) torna Proudhon um crítico da centralização do poder e da burocracia, sonhando com a sociedade anárquica em que o poder político seria substituído por livres combinações entre os trabalhadores. Por isso tudo, Bakunin, o fundador do anarquismo,

o considera "o mestre de todos nós".

Com o britânico Owen aparece a idéia de que o trabalho é criador

as concepções socialistas organizando colônias cooperativas onde a propriedade privada seria totalmente excluída. Apesar da grande repercussão de suas idéias, as

tentativas de concretizá-las falham completamente. Antes admirado e festejado até por governantes e príncipes, ao formular suas teorias comunistas passa a ser atacado

e execrado.

De qualquer forma, as soluções que preconiza não vão além de uma de escolas, aumento de salários, redução das horas de trabalho.

Crítica ao socialismo utópico

Embora reconheçam a importância das primeiras teorias socialistas que os antecedem de utópicos. A palavra utopia, como já vimos, significa "em nenhum lugar" (u-topos) e embora possa ter uma conotação positiva, de algo que "ainda

não é", mas "poderá vir a ser", a denominação dada por Marx é pejorativa, pois não vê em tais teorias nenhuma condição de reverter o quadro de injustiça e exploração

vigentes.

Segundo Marx e Engels, as teorias do socialismo utópico são inócuas, "organização da sociedade pré-fabricada por eles", "não percebendo no proletariado nenhuma iniciativa histórica, nenhum movimento político que lhe seja próprio".

Idealistas, não reconhecem quais seriam as condições materiais de emancipação, ocupando-se com "leis sociais que

permitam criar essas condições". Substituem a atividade social "pela sua própria imaginação pessoal". Moralistas, pretendem reformar a sociedade pela força do exemplo.

Ingênuos. pensam que experiências em pequenas escalas poderão frutificar e se expandir, alcançando seus fins por meios pacíficos e não revolucionários".

Há Verdades nessas críticas, mas é preciso reconhecer também que cientificista cara ao século XIX", segundo a qual só "o método marxista, o materialismo dialético e histórico poderia pretender ser verdadeiramente científico"

e qualquer outro método seria utópico, "ou seja: ingênuo, pueril, irrealista, moralista, metafísico, até mesmo "religioso". Em outras palavras, tal posicionamento,

ao reafirmar a idéia "de uma continuidade histórica entre um socialismo utópico precursor ultrapassado e um marxismo científico que revela ao movimento operário

sua plena maturidade é reveladora dessa filosofia da história própria a todos os determinismos positivistas"2.

1. Feuerbach

Feuerbach (1804-1872) pertence à ala dos jovens hegelianos de esquerda. Ele utiliza o conceito de alienação para aplicá-lo na defesa da tese do ateísmo. Segundo Feuerbach, a "alienação religiosa" consiste no processo antropomórfico segundo

o qual o homem projeta no céu a sua própria imagem idealizada: não foi Deus que criou o homem; ao contrário, foi o homem que criou Deus. Mas, ao adorar esse Deus

forjado por ele mesmo, o homem religioso se despersonaliza, não mais se pertence, se aliena.

Contrapondo-se ao idealismo de Hegel, Feuerbach contesta que a crença em Deus, que o verdadeiro conhecimento não é possível senão como conhecimento das coisas materiais, sensíveis. E todo conhecimento superior não é mais que um epifenômeno

da matéria, ou seja, um simples reflexo dela.

Marx e Engels aproveitam as análises de Feuerbach, mas vão além, certa forma o materialismo mecanicista do século XVIII. Ao compreender o homem como máquina, Feuerbach torna-se incapaz de perceber o mundo como processo, como matéria em via de desenvolvimento histórico.

Segundo Marx, nas Teses sobre Feuerbach, o erro deste está em an relações sociais.

1 Baseado em: K. Marx e F. Engels, Manifesto do Partido Comunista, 5. ed., Rio de Janeiro, Vitória, 1963, p. 58-59.

2 Trechos entre aspas extraídos de F. Châtelet (org.), História das idéias políticas, p. 140-141.)

Exercícios

1. Que movimentos precursores do socialismo apareceram an
2. O que há de comum entre os socialistas utópicos?
3. Por que Bakunin chama Proudhon de "o mestre de todos n
4. Que críticas Engels e Marx fazem ao socialismo utópico
5. Em que medida Feuerbach antecipa Marx?
6. Em que sentido Marx e Engels consideram o pensamento d

SEGUNDA PARTE - O marxismo

No princípio era o Verbo... É o pensamento que tudo cria e produz? Seria preciso

pôr: no princípio era a

Força... O espírito vem em meu auxílio! Vejo de súbito a solução e escrevo

com segurança: No princípio era a Ação.

(Goethe)

Os filósofos não têm feito senão interpretar o mundo de diferentes maneiras: o que importa é

transformá-lo.

(Marx)

1. Introdução

As revoluções burguesas do século XVIII se encontravam, no início, pela nobreza e pelo clero, ansiosas para restaurar o absolutismo e excluir a burguesia do poder político. As forças revolucionárias eram representadas pela burguesia

e pelo crescente proletariado, ambos descontentes com a situação sócio-econômica. O embate dessas forças se fez sentir em 1830 e 1848, nos grandes movimentos liberais

e nacionais que, iniciados na França, se estenderam pela Bélgica, Polônia, Alemanha, Itália, Portugal e Espanha.

A partir de 1848, o proletariado procura a expressão de sua própria. Começa a ficar mais clara a cisão entre as duas classes, cuja contradição será explicitada pelas teorias que criticam o liberalismo.

A Alemanha ainda se encontra dividida em diversos Estados, e a u
1871, sob o comando de Bismarck, primeiro-ministro da Prússia.

Para tanto foram necessárias três guerras e muitas táticas de unificação econômica.

Foi, portanto, numa Alemanha agitada e cheia de problemas que su
de seu amigo Friedrich Engels (1820-1895), que, além da colaboração ideológica, era industrial e pôde, por diversas vezes, ajudar Marx financeiramente nos momentos mais críticos.

Escreveram juntos Manifesto comunista (1848) e A ideologia alemã. Entre outras

obras, Marx escreveu: O 18 Brumário de Luís Bonaparte, Contribuição à crítica da economia política, O capital.

Engels escreveu: Anti-Dühring, A dialética da natureza, A origem família, da propriedade privada e do Estado, entre outras.

Marx e Engels formularam suas idéias a partir da realidade socia
de um lado, o avanço técnico, o aumento do poder do homem sobre a natureza, o enriquecimento e o progresso; de outro, e contraditoriamente, a
escravização crescente

da classe operária, cada vez mais empobrecida. Para a elaboração da doutrina, partem da leitura dos economistas ingleses (Adam Smith e David Ricardo), da filosofia

de Hegel (o conceito de dialética e uma nova concepção de história) e dos filósofos do socialismo utópico.

1. Materialismo dialético

A teoria marxista compõe-se de uma teoria científica, o materialismo dialético.

Para os materialistas, a história da filosofia tem longa tradição, culminando com o pensamento de Hegel, no século XIX. Para esse filósofo, é a própria razão que faz o tecido do real, e a idéia

não é uma criação subjetiva do sujeito, mas a própria realidade objetiva, donde tudo procede.

Para o materialismo, a matéria é o dado primário, a fonte da con

No entanto, é preciso distinguir o materialismo marxista, que é materialismo anterior a ele, conhecido como materialismo mecanicista ou

"vulgar". Enquanto o materialismo mecanicista parte da constatação de um mundo composto de coisas e, em última análise, de partículas materiais que

se combinam de forma inerte, o materialismo dialético considera que os fenômenos materiais são processos. Além disso, segundo o materialismo dialético, o espírito

não é consequência passiva da ação da matéria, podendo reagir sobre aquilo que o determina. Ou seja, o conhecimento do determinismo liberta o homem por meio da ação

deste sobre o mundo, possibilitando inclusive a ação revolucionária.

1. Materialismo histórico

O materialismo histórico não é mais do que a aplicação de E, como o próprio nome indica, é a explicação da história por fatores materiais, ou seja, econômicos e técnicos.

Marx inverte o processo do senso comum que pretende explicar a história pelo marxismo, no lugar das idéias, estão os fatos materiais; no lugar dos heróis, a luta de classes.

Em outras palavras, o que Marx explicitou foi que, embora possam compreender e definir o homem pela consciência, pela linguagem, pela religião, o que fundamentalmente o caracteriza é a forma pela qual reproduz suas condições de existência.

Portanto, para Marx, a sociedade se estrutura em níveis.

O primeiro nível, chamado de infraestrutura, constitui a materialista). Engloba as relações

do homem com a natureza, no esforço de produzir a própria existência, e as relações dos homens entre si. Ou seja, as relações entre os proprietários e não-proprietários,

e entre os não-proprietários e os meios e objetos do trabalho.

O segundo nível, político-ideológico, é chamado de superestrutura. É constituído:

a) pela estrutura jurídico-política representada pelo Estado e pela relação de dominação política, estando o Estado a serviço da classe dominante.

b) pela estrutura ideológica referente às formas da consciência a arte *etc.* Também nesse caso ocorre a sujeição ideológica da classe dominada, cuja cultura e modo de vida reflete as idéias e os valores da classe dominante.

Vamos exemplificar como a infraestrutura determina a superestrutura

A moral medieval valoriza a coragem e a ociosidade da nobreza. Do ponto de vista do direito, num mundo cuja riqueza é a posse de terras, considera-se ilegal (e imoral) o empréstimo a juros. Já na Idade Moderna, com o advento

da burguesia, o trabalho é valorizado e, conseqüentemente, critica-se a ociosidade; também ocorre a legalização do sistema bancário, o que exige a revisão das restrições

morais aos empréstimos. A religião protestante confirma os novos valores por meio da doutrina da predestinação, considerando o enriquecimento um sinal da

divina.

Conforme os exemplos, as manifestações da superestrutura (no caso econômica do sistema feudal para o capitalista.

Portanto, para estudar a sociedade não se deve, segundo Marx, pa-
necessários à sua vida. Analisando o contrato que os homens estabelecem com a natureza para transformá-la por

meio do trabalho e as relações entre si é que se descobre
como eles produzem sua vida e suas idéias.

No entanto, essas determinações não podem nos fazer esquecer do
agir ativamente sobre aquilo que o determina.

A práxis

Ao analisar o ser social do homem, Marx desenvolve uma nova antr-
Para ele, o existir humano decorre do agir, pois o homem se autoproduz à
medida que transforma a natureza pelo trabalho. Sendo o trabalho uma ação
coletiva, a condição

humana depende da sua existência social. Por outro lado, o trabalho é um projeto
humano e como tal depende da consciência que antecipa a ação pelo

pensamento. Com isto se estabelece a dialética homem-natureza e pensar-agir.

Marx chama de práxis à ação humana de transformar a realidade. N

a união dialética da teoria e da prática. Isto é, ao mesmo tempo que a consciência é determinada pelo modo como os homens produzem a sua

existência, também a ação

humana é projetada, refletida, consciente.

Por isso a filosofia marxista é também conhecida como filosofia

A luta de classes

As relações fundamentais de toda sociedade humana são as relações de produção, que revelam a maneira pela qual os homens, a partir das condições naturais,

usam as técnicas e se organizam por meio da divisão do trabalho social. As relações de produção correspondem a um certo

nível das forças produtivas, que consistem

no conjunto formado pelo clima, água, solo, matérias-primas, máquinas, mão-de-obra e instrumentos de trabalho.

Por exemplo, quando os instrumentos de pedra são substituídos por técnicas de irrigação, de adubagem do solo ou pelo uso do arado e de veículos de roda, estamos diante de alterações das forças produtivas que por sua vez provocam

mudanças nas formas pelas quais os homens se relacionam.

Chamamos modo de produção a maneira pela qual as forças produtivas evoluem historicamente. Por exemplo,

no modo de produção capitalista, as forças produtivas, representadas sobretudo pelas máquinas do sistema fabril, determinam as relações de produção caracterizadas

pelo dono do capital e pelo operário assalariado.

No entanto, as forças produtivas só podem se desenvolver até certas antigas relações de produção, que se tornam inadequadas. Surgem então as divergências e a necessidade de uma nova divisão de trabalho. A contradição aparece como

luta de classes. Vejamos como isso ocorre na história da humanidade.

Nas sociedades primitivas, os homens se unem para enfrentar os desafios da natureza hostil e dos animais ferozes. Os meios de produção, as áreas de caça, assim como

os produtos, são propriedades comuns,

isto é, pertencem a toda a sociedade (comuna primitiva). A base econômica determina certa

maneira de pensar peculiar, em que não há sentimento de posse, uma vez

que não existe propriedade privada.

O modo de produção patriarcal surge quando o homem inicia e fabrica vasilhas de barro, o que possibilita fazer reservas. Quais as consequências das modificações das forças produtivas"? Alteram-se as relações de produção

e o modo de produção: aparece uma forma específica de propriedade (propriedade da família, num sentido muito amplo); diferenciam-se funções de classe (autoridade

do patriarca, do pai de família): há alteração do direito hereditário, estabelecendo-se a filiação paterna (e não mais materna).

O modo de produção escravista é decorrência do aumento da produção geralmente entre prisioneiros de guerra, transformados em escravos. Com isso surge propriamente a propriedade privada dos meios de produção, e a primeira forma de

exploração do homem pelo homem com a consequente contradição entre

senhores e escravos. Dá-se então a separação entre trabalho intelectual e trabalho manual. A ociosidade

passa a ser considerada a perfeição do homem livre, enquanto o trabalho manual, considerado servil, é desprezado.

O modo de produção escravista é típico da Antiguidade grega e romana. Na Antiguidade, não é senão a luta contra a escravidão a eles imposta pelos romanos. A contradição do regime escravista leva-o a ruína e, para restaurar a economia, são necessárias novas relações de produção.

No modo de produção feudal, a base econômica é a propriedade dos meios de produção, o qual, além de se apropriar de uma parte da produção daquele, ainda lhe cobra impostos pelo uso comum do moinho, do lagar *etc.* A contradição dos interesses das

duas classes leva a conflitos que farão aparecer, paulatinamente, uma nova figura: o burguês. Surgida dentre os servos que se dedicam ao artesanato e ao comércio,

a nova figura social

forma os burgos e consegue aos poucos a liberdade pessoal e das cidades. A jovem burguesia está destinada a desenvolver as formas produtivas que em determinado momento

exigirão novas relações de produção.

O modo de produção capitalista é a nova síntese que surge das ruínas do sistema feudal, ou seja, da contradição entre a tese (senhor feudal) e a antítese

(servo). O que vimos até agora é que o movimento

dialético pelo qual a história se faz tem um motor: a luta de classes. Chamase luta de classes ao confronto entre duas classes antagônicas quando lutam por seus

interesses de classe. No modo de produção capitalista, a relação antitética se faz entre o burguês, que é o detentor do capital, e

o proletário, que nada possui e só vive porque vende sua força de trabalho.

Veremos agora, com mais atenção, como se processa a relação antitética

1. A mais-valia

O sistema capitalista consiste na produção de mercadorias. Mercadorias (que fazemos para nosso próprio uso), mas tem por objetivo o valor de troca, isto é, a venda do produto. Sendo a mercadoria um produto do trabalho, o seu valor é determinado pelo total de trabalho socialmente necessário para produzi-la.

Como a mercadoria é produzida?

Para sobreviver, o trabalhador vende ao capitalista a única mercadoria que possui: sua força de trabalho. Sendo um ser vivo, o trabalhador precisa receber o necessário para a subsistência e reprodução de sua capacidade de trabalho, ou seja, alimento, roupa, moradia, possibilidade de criar os filhos *etc.* O salário deve portanto corresponder ao custo de sua manutenção e de sua família.

O operário se distingue dos escravos e dos servos por receber um contrato livremente aceito entre as partes. No entanto, na obra *O capital*, Marx explica que a relação de contrato é livre só na aparência e que, na verdade, o desenvolvimento

do capitalismo supõe a exploração do trabalho do operário. Isso porque o capitalista contrata o operário para trabalhar durante um certo período de horas a fim

de alcançar determinada produção. Mas o trabalhador, estando disponível todo o tempo, na verdade produz mais do que foi calculado, ou seja, a força de trabalho pode

criar um valor superior ao estipulado inicialmente. No entanto, a parte do trabalho excedente não é paga ao operário, e serve para aumentar cada vez mais

o capital.

Marx diz que, ao comprar a força de trabalho, o capitalista "adquire" a força de trabalho. (...) Como vendeu sua força de trabalho ao capitalista, todo o valor, ou todo o produto por ele

(pelo operário) criado pertence ao capitalista, que é dono de sua força de trabalho, pro tempore. Por conseguinte, desembolsando 3 xelins, o capitalista realizará

o valor de 6, pois com o desembolso de um valor no qual se cristalizam

seis horas de trabalho receberá em troca um valor no qual estão cristalizadas doze horas. Se repete, diariamente, essa operação, o capitalista desembolsará 3 xelins

por dia e desembolsará 6, cuja metade tornará a inverter no pagamento de novos salários, enquanto a outra metade formará a mais-valia, pela qual o capitalista não paga

equivalente algum. Esse tipo de intercâmbio entre o capital e o trabalho é o que serve de base à produção capitalista, ou ao sistema do salariado, e tem de conduzir,

sem cessar, à constante reprodução do operário como operário e do capitalista como capitalista"3.

Chamase mais-valia, portanto, ao valor que o operário cria além

1. Alienação e ideologia

Com a descrição da mais-valia, Marx configura o caráter de exploração que se encontra alienado.

Ao desenvolver o conceito de alienação, Marx rejeita as explicações metafísicas ou morais. A elas opõe a análise das condições reais do trabalho humano e descobre que a alienação tem origem na vida econômica:

quando o operário vende no mercado a força de trabalho, o produto que resulta

do seu esforço não mais lhe pertence e adquire existência independente dele.

Como vimos no Capítulo 2 (Trabalho e alienação), a perda do produto executar (dá-se a dicotomia concepção-execução do trabalho, a separação entre o pensar e o agir); com o aceleração da produção, provocado pela crescente mecanização

do trabalho (linha de montagem), o operário executa cada vez mais apenas uma parte do produto (trabalho parcelado ou trabalho "em migalhas"); o ritmo do trabalho

é dado exteriormente e não obedece ao próprio ritmo natural do seu corpo.

O produto do trabalho do operário subtrai-se portanto à sua vontade. O produto surge como um poder separado do produtor, como realidade soberana e tirânica que o domina e ameaça. A esse processo Marx chama fetichismo da mercadoria.

Da mesma forma, a mercadoria não é apenas o resultado da relação de produção, mas vale por si mesma, como realidade autônoma e, mais ainda, como determinante da

vida dos homens.

Produz-se então a grande inversão em que a reificação do homem (que se "humaniza", obriga o homem a sucumbir às forças das leis do mercado que o arrastam ao enfrentamento de crises, guerras e desemprego. A consequência é a desumanização

do homem, sua reificação.

O que faz com que os homens não percebam a reificação e não reajam. De produção vai sendo superado, a classe dominante procura retardar a transformação mantendo o modo de produção caduco com suas superestruturas, disfarçando as contradições,

dissimulando as aparências e apresentando soluções

reformistas, impedindo, assim, que as classes oprimidas formem a sua própria consciência de classe.

Em outras palavras, as idéias, condutas e valores que permeiam a dominante, ao serem generalizadas às classes dominadas ajudam a manter a dominação.

A ideologia impede que o proletário tenha consciência da própria quando faz a representação ilusória da sociedade mostrando-a como uma e harmônica. Mais ainda, a ideologia esconde que o Estado, longe de representar o bem comum,

é expressão dos interesses da classe dominante.

É o que veremos a seguir.

3K. N4arx, Salário, preço e lucro. Col. Os pensadores p 89

1. Estado e sociedade

Marx não dedicou um trabalho específico sobre a análise do Estado, fato de ele ter uma concepção negativa do Estado, diferentemente de Hegel, para quem o Estado era considerado o "deus terreno", o momento final do Espírito objetivo

quando são superadas as contradições da sociedade civil.

Para Marx, o Estado não supera as contradições da sociedade civil bem comum, estando de fato a serviço da classe dominante. Portanto, o Estado é um mal que deve ser extirpado.

Ao lutar contra o poder da burguesia, o proletariado deve destruir pacíficos, mas pela revolução. No entanto,

diferentemente dos anarquistas, Marx não considera viável a passagem brusca da sociedade dominada pelo Estado burguês para a sociedade sem Estado, havendo

a necessidade

de um período de transição.

A classe operária, organizando-se num partido revolucionário, de
dos meios de produção. A esse novo Estado dá-se o nome de ditadura do
proletariado, uma vez que, segundo Marx, o fortalecimento contínuo da classe
operária é indispensável

enquanto a burguesia não tiver sido liquidada como classe no mundo inteiro.

1. A utopia comunista

A primeira fase, de vigência da ditadura do proletariado, corres
repressivo e do aparelho jurídico. Nessa fase persiste a luta contra a antiga classe
dominante, a fim de evitar a contra-revolução. O princípio do socialismo é:

"De cada um, segundo sua capacidade, a cada um, segundo seu trabalho".

A segunda fase, chamada comunismo, tem como princípio: "De cada
pela supressão da luta de classes e, conseqüentemente, pelo desaparecimento do
Estado. Na "anarquia feliz" o desenvolvimento prodigioso das forças produtivas
levaria

à "era da abundância", à supressão da divisão do trabalho em

tarefas subordinadas (materiais) e tarefas superiores (intelectuais), à ausência de
contraste entre cidade e campo e entre indústria e agricultura.

Se a passagem para o comunismo significa o desaparecimento das c
Marx, a luta de classes

é o motor da história?

O movimento da história continuaria, pois ela é um processo; só
os elementos que impedem as mudanças por comodismo ou incompreensão. A
luta seria entre o progresso e as forças conservadoras, entre o novo e o velho.

Veremos no Capítulo 26 (Liberalismo e socialismo hoje) a difusão

Exercícios

1. Quais são as três fontes do pensamento marxista?
2. Em que consiste o materialismo histórico? Qual é sua c
3. Quais são os modos de produção indicados no texto? Faç
4. Leia a citação de Goethe constante da epígrafe e a int
5. Leia a citação de Marx na epígrafe e explique qual é o
6. "A história se faz a partir da ação dos heróis e dos s
8. Explique: fetichismo e reificação são os dois lados da
9. Em que medida a ideologia é um instrumento de dominaçã
10. "O Estado é uma instituição que representa o interess
11. O que significa a ditadura do proletariado e por que
12. Leia o texto complementar de Marx e, ao responder às
- a) Não é a consciência dos homens que determina o seu ser

é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência. Explique em que sentido

essa frase é indicativa do materialismo marxista.

- b) Indique no texto o que Marx designa por infraestrutura
- c) O que determina a transformação de uma organização social?
- d) O que Marx quer dizer quando afirma que os modos de pr
- e) Compare a posição de Marx com a dos filósofos anterior

"contradição que nasce das condições de existência social dos indivíduos".

- f) Explique em que sentido o determinismo a que Marx se r

a um materialismo mecanicista.

Texto complementar

Prefácio à Contribuição à crítica da economia política

Nas minhas pesquisas cheguei à conclusão de que as relações jurídicas evoluem com a evolução geral do espírito humano, inserindo-se pelo contrário nas condições materiais de existência de que Hegel, à semelhança dos ingleses e franceses do

século XVIII, compreende o conjunto pela designação de "sociedade civil"; por seu lado, a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política. (.)

A conclusão geral a que cheguei e que, uma vez adquirida, serviu de fio condutor dos meus estudos, pode formular-se resumidamente assim: na produção social da sua

existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de

desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual

se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o

desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina

a sua consciência. Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes

ou, o que é a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham movido até então. De formas de desenvolvimento das forças produtivas,

estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. A transformação da base econômica altera, mais ou menos rapidamente, toda

a imensa superestrutura. Ao considerar tais alterações é necessário sempre distinguir entre a alteração material - que se pode comprovar de maneira cientificamente

rigorosa-das condições econômicas de produção, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas ou filosóficas, em resumo, as formas ideológicas pelas quais

os homens tomam consciência deste conflito, levando-o às suas últimas consequências. Assim como não se julga um indivíduo pela idéia que ele faz de si próprio, não

se poderá julgar uma tal época de transformação pela mesma consciência de si; é preciso, pelo contrário, explicar esta consciência pelas contradições da vida material,

pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção. Uma organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as

forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhe substituem antes que as condições materiais de existência destas

relações de produção no próprio seio da velha sociedade. É por isso que a humanidade só levanta os problemas que é capaz de resolver e assim, numa observação atenta,

descobrir-se-á que o próprio problema só surgiu quando as condições materiais para o resolver já existiam ou estavam, pelo menos, em vias de aparecer. Em um caráter

amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal e burguês moderno podem

ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade.
As relações

de produção burguesas são a última forma contraditória do processo de produção social, contraditória não no sentido de uma contradição individual, mas de uma contradição

que nasce das condições de existência social dos indivíduos. No entanto, as forças produtivas que se desenvolvem no seio da sociedade burguesa criam ao mesmo tempo

as condições materiais para resolver esta contradição. Com esta organização social termina, assim, a Pré-História da sociedade humana.

(Karl Marx, Contribuição à crítica da economia política. São Paulo, Martins Fontes, 1977, p. 23.)

TERCEIRA PARTE - O anarquismo

Qualquer pessoa que tenha lido a história da humanidade aprendeu que a desobediência é a virtude

original do homem.

(Oscar Wilde)

Eu aceito com entusiasmo o lema que afirma "O melhor governo é aquele que menos governa"; e gostaria de vê-lo posto em prática de forma sistemática. Uma vez posto

em prática, ele acabaria resultando em algo que também acredito: "O melhor governo é

aquele que não governa "; e quando os homens estiverem preparados, será exatamente este o tipo de

governo que irão ter.

(Henry Thoreau)

1. Introdução

Proudhon (1809-1865) e Bakunin (1814-1876), contemporâneos de Marx, criticaram a exploração da classe proletária pela burguesia. Concordam também que as revoluções Francesa e Americana foram mais políticas que sociais, pois elas

teriam renovado os padrões de autoridade, dando poder às novas classes, mas não modificaram basicamente a estrutura social e econômica da França e dos Estados Unidos.

A relação de amizade e admiração de Proudhon e Bakunin com Marx e o seu desentendimento encontra-se na teoria marxista da ditadura do proletariado. Como vimos, Marx preconizava um grau necessário antes do advento do

comunismo, quando

a força do proletariado, exercida através do partido, evitaria a contra-revolução da classe deposta. Só depois o poder se dissolveria rumo à sociedade sem Estado.

Bakunin acusa Marx de otimista, não considerando ser possível ev no poder.

1. Principais idéias do anarquismo

É comum as pessoas identificarem anarquismo com caos", "bagunça" que em grego significa "governante", e em, "sem", ou seja, "sem governante". O princípio que rege o anarquismo está na declaração de que o Estado é nocivo e desnecessário,

pois há formas alternativas de organização voluntária.

Se a religião, o Estado e a propriedade contribuíram em determin

No entanto, a tese anarquista da negação do Estado não deve leva coercitiva se funda na cooperação e na aceitação da comunidade. O homem é um ser naturalmente capaz de viver em paz com seus semelhantes, mas as instituições autoritárias

deformam e atrofiam suas tendências cooperativas. Surge, então, um aparente paradoxo, ou seja, a realização da ordem na anarquia; essa ordem na anarquia é uma ordem

natural.

A sociedade estatal possui uma estrutura cuja construção é artif seria não uma estrutura, mas um organismo que cresce de acordo com as leis da natureza, e a ordem natural se expressa pela autodisciplina e cooperação voluntária

e não pela decisão hierárquica.

Por isso, os anarquistas repudiam até a formação de partidos, já de poder. Também temem as estruturas teóricas, porque podem tornar-se um corpo dogmático.

Daí o anarquismo ser mais conhecido como movimento vivo e não tanto como doutrina. A ausência de controle e de poder torna o movimento anarquista oscilante, sempre frágil e flexível, podendo ficar inativo por muito tempo para surgir espontaneamente quando necessário.

A crítica à existência do Estado leva à tentativa de inversão da rege-se pelo princípio da descentralização, procurando estabelecer a forma mais direta de relação, ou seja, a do contato "cara a cara". A responsabilidade começa a partir dos núcleos vitais da vida social, onde também são tomadas as decisões: o local de trabalho, os bairros. Quando isso não é possível por envolver outros segmentos, formam-se federações. O importante, porém, é manter a participação, a colaboração, a consulta direta entre as pessoas envolvidas.

Os anarquistas criticam a forma tradicional de democracia parlamentar. A representação contém o risco de alçar ao poder um demagogo. Quando a decisão envolve áreas mais amplas, havendo necessidade de convocação de assembléia, a proposta é de escolha de delegados por tempo limitado e sujeitos à revogação do seu mandato.

Além da crítica feita ao Estado, os anarquistas prevêm que a sociedade que estimulem as ações dos indivíduos livres no corpo coletivo, o que poderia se tornar possível na comuna livre e em empresas dirigidas coletivamente.

Da mesma forma repudiam a estrutura hierárquica da Igreja e defe

de pecado: "Para afirmar o homem, é preciso negar Deus".

1. Representantes e movimentos

O mais brilhante anarquista foi Bakunin, filho de ricos aristocratas revolucionário graças à influência de Proudhon. Participou das rebeliões

que ocorreram em Paris, Praga e Dresden em 1848-1849, tendo sido preso por vários anos e depois exilado na Sibéria. De volta à agitação, em 1870 tomou parte nas

revoltas

de Lyon e

Bolonha. Fez cerradas críticas a Marx, tendo sido expulso da Primeira Internacional em 1872. Com outros companheiros fundou a Internacional Saint-Imier apaixonada, mas mal-organizada, pois dificilmente Bakunin terminava. Era sobretudo um ativista.

Kropótkin (1842-1912), ao contrário de Bakunin, defende a ação pelo respeito à vida humana, condenando a pena de morte, castigo imposta ao homem pelo homem.

O romancista Leon Toistól (1828-1910), embora se intitulasse "pacifista cristão", tinha opiniões sobre o governo e a autoridade que o aproximam dos ideais anarquistas. A pregação da resistência não-violenta influenciou

Gandhi na estratégia da desobediência civil durante a luta pela independência da Índia.

Entre defensores e simpatizantes, o anarquismo conta com artistas Alex Comfort, Herbert Read, Emma Goldman, Malatesta e George Woodcock.

No final do século XIX, o movimento sindical deu ampla força ao deveriam se preocupar apenas em conseguir melhores salários, mas em se tornar agentes de transformação da sociedade. Segundo o espírito anarquista, os sindicatos

não têm poder centralizado, mas se organizam em pequenos grupos de fábrica, e a ampliação dos contatos em nível estadual e nacional deve sempre preservar a participação

direta do trabalhador.

Foi na Espanha que o movimento atingiu maior expressividade, até pôde mais resistir à ação dos exércitos do ditador Franco. Do mesmo modo, o advento do fascismo na Itália e do nazismo na Alemanha significou o enfraquecimento do

movimento naqueles países.

O anarquismo ressurgiu timidamente depois da Segunda Guerra e da América, culminando com o movimento estudantil de 1968 em Paris.

(Gravura)

Frontispício da partitura musical de A Internacional, hino oficial do movimento operário. As

internacionais representaram o esforço de organização do operariado em todo o mundo.

O anarquismo no Brasil

Com a abolição da escravatura no final do século XIX, a necessidade inicialmente para as fazendas de café. Data do início da República Velha a vinda de um grupo de italianos que, autorizados pelo então imperador Pedro II, instalou-se

no interior do Paraná fundando a Colônia Cecilia nos moldes de uma comunidade anarquista. Experiência

efêmera e cheia de dificuldades, não conseguiu florescer.

No começo do século XX, com a urbanização decorrente da indústria organizou-se o anarco-sindicalismo, visando a atuação mais eficaz na luta contra a opressão patronal. Era um movimento atuante

não só na preparação das greves, mas na difusão do ideal anarquista por meio de escolas e jornais.

Merece destaque a atuação de José Oiticica (1882-1957), que, além universitário e também do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, tentava aplicar em aula os princípios anarquistas. Homem erudito, foi autor de obra variadíssima;

além dos textos políticos, escreveu poesias, contos, teatro e desenvolveu trabalhos

linguístico-filológicos de primeira linha.

Exercícios

1. Em que Marx e Bakunin concordam e em que discordam?
2. Por que o anarquismo não deve ser confundido com uma p
3. Segundo os anarquistas, como deve ser processada a des
4. Explique o significado anarquista da citação de Oscar
5. Leia a segunda epígrafe (Thoreau) e explique como ela

que os anarquistas fizeram ao conceito marxista de ditadura do proletariado.

6. Leia o texto complementar e responda às questões a seg
- a) Segundo Woodcock, em que sentido o relógio transformou
- b) Antes dos relógios de precisão, como era o tempo do tr

c) Em que sentido não é possível pensar no desenvolvimento do ca

d) Faça uma redação referindo-se ao seu cotidiano, marcad

Texto complementar

A ditadura do relógio

Não há nada que diferencie tanto a sociedade ocidental de nossos para os antigos gregos e chineses quanto para os nômades árabes ou para o peão mexicano de hoje, o tempo é representado pelos processos cíclicos da natureza, pela

sucessão dos dias e das noites, pela passagem das estações. Os nômades e os fazendeiros costumavam medir-e ainda hoje o fazem - seu dia do amanhecer até o crepúsculo

e os anos em termos de tempo de plantar e de colher, das folhas que caem e do gelo derretendo nos lagos e rios. O homem do campo trabalhava em harmonia com os elementos,

como um artesão, durante tanto tempo quanto julgasse necessario. O tempo era visto como um processo natural de mudança e os homens não se preocupavam em medi-lo

com exatidão. Por essa razão, civilizações que eram altamente desenvolvidas sob outros aspectos dispunham de meios bastante primitivos para medir o tempo: a ampulheta

cheia que escorria, o relógio de sol inútil num dia sombrio, a vela ou lâmpada onde o resto de óleo ou cera que permanecia sem queimar indicava as horas. (...)

O homem ocidental civilizado, entretanto, vive num mundo que gir

É ele que vai determinar seus movimentos e dificultar suas ações. O relógio transformou o tempo, transformando-o de um processo natural em uma mercadoria que pode

ser

comprada, vendida e medida como um sabonete ou um punhado de passas, de uvas.

É, pelo simples fato de que, se não houvesse um meio para marcar as horas com exatidão,

o capitalismo industrial nunca poderia ter se desenvolvido, nem teria continuado a explorar os trabalhadores, o relógio representa um elemento de ditadura mecânica

na vida do homem moderno, mais poderoso do que qualquer outro explorador isolado ou do que qualquer outra máquina.

(...) A princípio, esta nova atitude em relação ao tempo, este n recebiam a contragosto.

E o escravo da fábrica reagia, nas horas de folga, vivendo na ca no início da era industrial do século XIX.

Os homens se refugiavam no mundo sem hora marcada da bebida ou d

A religião e a moral do século XIX desempenharam seu papel, ajudando a proclamar que "perder tempo" era um pecado. A introdução dos relógios, fabricados em massa

a partir de 1850, difundiu a preocupação com o tempo entre aqueles que antes se haviam limitado a reagir ao estímulo do despertador ou à sirene da fábrica. Na igreja

e na escola, nos escritórios e nas fábricas, a pontualidade passou a ser considerada como a maior das virtudes.

E desta dependência servil ao tempo marcado nos relógios, que se desmoralizante que ainda hoje caracteriza a rotina das fábricas.

O homem que não conseguir ajustar-se deve enfrentar a desaprovaç ruína econômica - a menos que abandone tudo, passando a ser um dissidente

para o qual o tempo deixa de ser importante. Refeições feitas às pressas, a disputa de todas as manhãs e de todas as tardes por um lugar nos trens e nos ônibus,

a tensão de trabalhar obedecendo horários, tudo isso contribui, pelos distúrbios digestivos e nervosos que provoca, para arruinar a saúde e encurtar a vida dos homens.

(...) O operário transforma-se, por sua vez, num especialista em e monótonas formas de lazer

que a sociedade industrial lhe proporciona; onde ele, para "matar" o tempo, ouvir rádio e ler jornais, quanto permitir o seu salário e o seu cansaço. Só quando se dispõe a viverem harmonia com sua fé ou com sua inteligência é que o homem

sem dinheiro consegue deixar de ser um escravo do relógio.

(G. Woodcock, A rejeição da política. in Os grandes escritos anarquistas. p. 120 e segs.)

CAPÍTULO 25

O TOTALITARISMO:

FASCISMO, NAZISMO E STALINISMO

Enquanto os homens exercem seus podres poderes

Morrer e matar de fome, de raiva e de sede

São tantas vezes gestos naturais.

(Caetano Veloso)

1. Fascismo e nazismo: totalitarismo de direita

O fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha são movimentos surgidos a partir da manifestação do ideal totalitário. Vamos descrevê-los ao mesmo tempo, a partir de suas semelhanças, indicando as diferenças quando existirem.

Situação histórica

Do ponto de vista econômico e moral, o saldo da Primeira Guerra (1914-1918) foi desastroso para a Alemanha. O otimismo do período pré-guerra é substituído

pelo pessimismo decorrente da crise econômica, do desemprego, da proletarianização da classe média, tudo isso aliado à humilhação sofrida com a derrota e a assinatura

de um aviltante tratado de paz. O orgulho alemão reerudesce em manifestações de francofobia" e de exacerbação do nacionalismo. A Itália, por sua vez, mesmo alinhada

com as potências vencedoras, não está satisfeita com as vantagens prometidas e não concretizadas; a inflação e o desemprego geram um clima de agitação social.

A inflação e a alta do custo de vida são reflexos da crise econô

torna mais aguda quando, em 1929, ocorre a "quebra" da

Bolsa de Nova York, com repercussões mundiais. A Grande Depressão ocasiona desemprego

em massa e falências, o que recrudesce os antagonismos e, conseqüentemente, as críticas ao modelo econômico do

liberalismo, incapaz de evitar crises como essas.

Como veremos no próximo capítulo, os Estados Unidos que caracterizam o Estado de bem-estar social. Mas na Itália e Alemanha a crise favorece atuação de partidos extremistas que

promovem a ascensão do fascismo e do nazismo.

O posicionamento desses partidos contra o liberalismo liberdade estimulada pelo individualismo, que gera conflitos enfraquecedores do Estado.

. Diante da inoperância da democracia liberal para resolver visam sobretudo o fortalecimento do Estado.

As primeiras adesões ao nazismo e ao fascismo sugere revolucionário, logo desmentido. Na verdade, esses movimentos são formas de reação, são forças conservadoras que se manifestam na

aliança com grupos cujos privilégios são mantidos por meio de tarifas protecionistas. Em troca, o Estado obtém o financiamento que possibilita a "manutenção da ordem

pública", incluindo a ação anticomunista destinada a extirpar o "perigo vermelho", foco de agitação sindical.

A aliança com setores mais conservadores, ligados à grande indústria partidos terem chegado ao poder por via legal. É interessante notar que, apesar de o verdadeiro poder vir da oligarquia e de nesses movimentos se encontrarem

adeptos

de todas as camadas sociais, inclusive proletários, é da classe média que saem os elementos que formarão os principais quadros. A fúria da adesão pequeno-burguesa

talvez se explique pela constante ameaça de proletarização em momento de crise.

O fascismo predominou na Itália com Mussolini, desde 1922 foi morto e Hitler suicidou-se.

1 Francofobia: hostilidade à França e aos franceses.

Características principais

Origem da nomenclatura

O termo fascismo, lançado por Mussolini, vem do italiano os littori, que empunhavam machados cujos cabos compridos eram reforçados por muitas varas fortemente atadas em torno da haste central. Os machados simbolizam o

poder do Estado de decapitar os inimigos da ordem pública e as varas amarradas representam a unidade do povo em torno de sua liderança. Fascio são também organizações

populares que surgem na Itália, desde o século XIX, formadas na luta em defesa dos interesses de determinadas comunidades. Em 1919, Mussolini funda os fasci di combattimento,

que em seguida proliferam por toda a Itália.

É interessante lembrar que antes de se tornar líder da direita f cuja atividade política tinha tendências socialistas.

Defendendo posições de esquerda, foi preso sob acusação de incitamento à

greve.

O termo nazismo surge quando Hitler entra para o Partido (Deutsche Arbeiterpartei), cuja abreviação passa a ser Nazi. Hitler também cria o estandarte da cruz gamada (suástica), símbolo do movimento.

Doutrina

O nazismo e o fascismo se desenvolvem sob o primado da ação, afirma Mussolini em 1919, acrescentando que o fascismo não precisa da palavra, mas da disciplina. Só em 1929-1930 é que Mussolini achará necessidade de uma doutrina, mesmo assim muito imprecisa, sem preocupação com a coerência e a exposição racional.

Também para Hitler, na famosa obra *Mein Kampf* (Minha luta), impor de princípios. Ambos querem despertar convicções, não debater idéias. Os princípios não são tão importantes quanto o envolvimento no sistema e a adesão a ele. A

preponderância do anti-intelectualismo faz descambar a ação para o fanatismo e a violência, de onde deriva uma visão irracionalista do mundo, calcada na promessa

de "doação" de uma sociedade melhor.

Nacionalismo

Ambos os movimentos se acham orientados pelo nacionalismo exacerbado. Segundo Mussolini, a nação "é um organismo dotado de existência, agrupados que a compõem... Unidade ética, política e econômica, realiza-se integralmente no Estado fascista".

O nacionalismo fascista é conservador e agressivo, justifi-

conquista da Etiópia (1935-1936).

Essa concepção nacionalista tem um caráter idealista e critica a pela solidariedade nacional: só a nação unida será forte o suficiente para subsistir ao caos.

Mussolini, na obra *Opera omnia*, não oculta estar se valendo do m "Criamos o nosso mito. O mito é uma fé, é uma paixão. Não é preciso que seja uma realidade. (...) O nosso mito é a nação, o nosso mito é a grandeza da nação!"

O nacionalismo alemão adquire nuances diferentes, como o pangerm Alemanha regiões como a Austria, Dantzig, Polônia e Ucrânia, na tentativa de formar a Grande Alemanha.

Além disso, o nacionalismo alemão possui conotação fortemente ra mas uma nação concebida como realidade orgânica, como comunidade de seres da mesma raça (mesmo solo, mesmo sangue). "Tu não és nada, o teu Povo é tudo", afirmava

Hitler.

Auxiliado por teorias pseudocientíficas, Hitler estabelece crité de "menor valor", propondo inclusive a eliminação da raça judaica, "antítese da raça ariana". Todos sabemos a conseqUência dessa ideologia: a perseguição aos judeus,

culminando com os campos de concentração e o genocídio. Ainda na perspectiva racista, o nazismo difunde técnicas de eugenia para o "aprimoramento da raça superior",

proíbe a mestiçagem e propõe esterilizações orientadas pelo princípio de que só os indivíduos são devem procriar.

Totalitarismo

A crítica ao liberalismo e à concepção individualista de homem,

levam à exaltação do Estado. "Tudo no Estado, nada fora do Estado, nada contra o Estado", diz Mussolini. É a idéia hegeliana de Estado como suprema e mais perfeita

realidade, a própria encarnação do Espírito objetivo, representativa da totalidade dos interesses dos indivíduos.

É bem verdade que esse estatismo é mais violento

em Mussolini, que considera o Estado um fim em si. Para Hitler é apenas um instrumento, pois todo prestígio deve ser reservado ao Volk, conforme vimos.

Não se trata de simples autoritarismo, pois o totalitarismo o ul coincide com a totalidade da atividade humana, ou seja, com a vida familiar, econômica, intelectual, religiosa, de lazer, nada restando de propriamente privado e autônomo.

Em todos os setores, cuida-se de difundir a ideologia oficial.

Não há mais pluralismo partidário, instituição básica da democracia primeira das molas que instauram o poder é o partido, que deve ser único, rigidamente organizado e burocratizado. É o partido que promove a identificação entre o poder e o povo, processando a homogeneização do campo social. Na Itália,

isso ocorre com o desenvolvimento de um sistema corporativo presidido pelo próprio Mussolini, o Duce ("aquele que conduz"), o que garantia a centralização administrativa

e a realização da unanimidade no Estado.

O partido forma organismos de massa:

sindicatos de todos os tipos, agrupamentos de auxílio mútuo, associações culturais de trabalhadores de diversas categorias, organizações de jovens, crianças e mulheres,

círculos de escritores, artistas e cientistas. Em cada organismo o partido refaz a imagem da identidade social comum e elimina as possibilidades de divergências e oposição, estimula a arregimentação dos indivíduos para o partido, exalta a disciplina e mistifica a figura do chefe. Aliás o lema fascista é "Crer, obedecer, combater".

A valorização da hierarquia, impedindo que esses organismos expr centralização administrativa, fortalecedora do Estado e do poder do líder.

Paralelamente, dá-se a concentração de todos os meios militares formação da polícia política (como a Gestapo, na Alemanha), instituindo enorme aparelho

repressivo diretamente controlado pelo ditador. Não há independência dos poderes legislativo e judiciário, subordinados ao executivo, e a direção de toda a economia se encontra também centralizada.

Outra característica importante do totalitarismo é a concentraçã forjando convicções inabaláveis, o que garante forte base de apoio popular. Geralmente é usado o apelo aos sentimentos, à imaginação, e não ao intelecto. Inúmeros

recursos materiais e técnicos empregados na manipulação da opinião pública louvam as criações dos líderes e tecem deles um perfil psicológico característico da genialidade.

Fotografias ampliadas e falas exaltadas completam o culto à personalidade. São feitos desfiles espetaculares, as pessoas cantam músicas especialmente produzidas

e recitam slogans. Na verdade, tudo muito próximo a uma mitologia...

Ao lado dessa exaltação, há o controle das informações pela cens

A educação é orientada no sentido da valorização das disciplinas

amor à pátria, importantes para o cidadão. Dedicar-se especial atenção à educação física, tendo em vista o ideal de corpos perfeitamente sadios, e há maldisfarçado desprezo pelas atividades intelectuais.

Procurase enquadrar a juventude na ideologia do regime, estimular (nas milícias jovens), a fim de forjar os gostos e os ideais do futuro cidadão.

A política de natalidade premia os casais de muitos filhos e estimula o retorno da mulher ao lar, exaltando a função de mãe e mantenedora da harmonia familiar.

Costuma-se dizer que o nazismo reduziu a atividade da mulher a três K - Kirche (Igreja), Kuche (cozinha) e Kinder (criança).

Embora com algumas diferenças, as doutrinas totalitárias influenciam a cultura Brasileira, fundada por Plínio Salgado.

Iquino, Gente, 2. ed., Lisboa, Pubi D. Quixote, 1982.)

(Gravura)

- A formação da Jungvo/k (Juventude Alemã) fazia parte do processo de enquadramento dos jovens na ideologia nazista.
- Stalinismo: totalitarismo de esquerda

O termo totalitarismo se aplica inicialmente aos chamados regimes totalitários. A partir de 1929, o semanário Time passa a usar o termo para se referir também ao regime soviético, caracterizado pelo Estado unitário, de partido único.

Veremos no Capítulo 26 (Liberalismo e socialismo hoje) que a Revolução Segundo Marx, como vimos, na fase transitória entre o capitalismo e a nova ordem deve se instalar a ditadura do proletariado, na qual o Estado,

embora concebido essencialmente como domínio e coerção, deve desaparecer com o tempo.

Apesar da coerção do Estado, a ditadura do proletariado é considerada uma democracia pelos marxistas, pois todos teriam acesso ao poder, já que os soviets são compostos por deputados escolhidos entre os diversos segmentos sociais, como operários, soldados e camponeses. Além disso, a propriedade coletiva dos meios de produção reverteria, para todos, os benefícios da produção, antes usufruídos por alguns poucos privilegiados.

No entanto, a idéia do gradual desaparecimento do Estado não serviu para evitar a contra-revolução. Tal situação já se verifica durante o governo de Lênin, e recrudesce após sua morte, quando Stálin sobe ao poder em 1924. O partido

único torna-se onipotente, sendo proibidas as oposições em seu interior. A liberdade de imprensa e de expressão é reduzida, e os

políticos dissidentes são perseguidos e dizimados. A Tcheka, polícia política, cuida de reprimir os heterodoxos. Proliferam os campos de concentração de trabalhos

forçados e os hospitais psiquiátricos,

onde são internados os dissidentes, após intensas e brutais campanhas de expurgo.

Instaura-se o terror, justificado pela necessidade de fortalecer o poder centralizado e cresce o culto à personalidade de Stálin.

Com Stálin a teoria degenera em dogmatismo e se impõe independentemente da doutrina acrescenta-se a formulação de máximas de ação. Tudo isso está longe da concepção

marxista baseada na dialética teoria e prática.

A ação totalitária ainda é possível porque a administração do te
tecno-burocracia. Essa organização, importada do capitalismo

ocidental, baseia-se no regime de divisão racional do trabalho e se estrutura em
uma rede de microorganizações, o que permite o controle da máquina do Estado.

Para melhor exercer o poder, Stálin interfere em todos os domíni
Jdanov, membro do partido, dá os cânones da produção artística e critica os
"desvios burgueses

" das letras e das artes; o biólogo Lysenko rejeita a genética mendeliana,
acusando-a de burguesa e conservadora (!) porque, para Mendel, os caracteres
veiculados

conservam-se de geração em geração; Lysenko retoma as ultrapassadas teorias
lamarckianas, segundo as quais os caracteres adquiridos poderiam se
tornar hereditários.

Após a morte de Stálin e a ascensão de Kruchev (1956) inicia-se
à personalidade e a crítica ao dogmatismo.

1. O autoritarismo

Os países latino-americanos têm longa tradição de governos ditat
os sucessivos golpes de Estado que colocaram esses países à mercê dos
caudilhos.

Os regimes chamados autoritários não devem ser confundidos com o
Ambos cerceiam as liberdades individuais em nome da segurança na
formas de propaganda política, exercem a censura e têm um aparel
Nos regimes autoritários, contudo, não há uma ideologia de base

dê suporte. Ao contrário, em vez da doutrinação política e do incentivo ao engajamento ativista (ainda que dirigido), há a despolitização que leva à apatia política.

O clima de repressão violenta gera o medo, que desestimula a ação política atuante. Permanece, sempre que possível, a aparência de democracia: pode haver vários

partidos, e mesmo que a oposição efetiva desapareça, ela existe como oposição formal. O

partido do governo é um mero apêndice do poder executivo.

O governo autoritário pode também utilizar os militares na burocracia estatal, e a elite econômica tem, nos postos-chaves, oficiais

das forças armadas. Os militares saem da caserna para se tornarem a instituição política mais importante da nação. Foi o que aconteceu por ocasião do

golpe militar de 1964 que impôs durante duas décadas o regime autoritário no Brasil.

Exercícios

1. Estabeleça a relação entre a crise do liberalismo e a ascensão
2. Faça um quadro comparativo entre nazismo e fascismo, indicando
3. Comente a frase de Rouanet: "O fascismo se implantou através

vitais sobre a razão, e com isso inutilizou a razão, o único instrumento que permitiria desmascará-lo como a negação absoluta da vida".

4. Partido, educação e propaganda: como agem para implantar
5. Compare os regimes autoritários com os totalitários. I
6. Durante a ditadura brasileira, instaurada pelo golpe m

diminuiu a carga horária de história e geografia e introduziu Educação Moral e Cívica, Organização Social e Política do Brasil no

1º e no 2º grau. Explique o significado dessas alterações.

7. Leia os versos de Trilussa (texto complementar 1) e indique:

a) os que ridicularizam Mussolini;

b) os que denunciam o poder arbitrário;

c) o que exprime a resistência humana ao poder arbitrário

As questões 8 e 9 se referem ao texto complementar II, "Dois Min

8. Explique por que, no romance de Orwell, Goldstein pode de recurso comum utilizado pelos governos totalitários.

9. Quais são as características descritas nesse trecho e pelos Estados totalitários?

Textos complementares

Versos de Trilussa

Trilussa, poeta italiano cujo verdadeiro nome era Carlo Alberto Mussolini e ousou escrever fábulas criticando ferinamente o regime

fascista. Segundo Paulo Duarte, tradutor de sua obra, Trilussa reuniu cinquenta poemas em Libro muto (Livro mudo), cuja edição logo se esgotou: "O fascismo, como

sempre acontece em momentos tais, só descobriu que o Livro mudo era um protesto violento, escarnecedor e mordente

quando "o livro" já estava na rua. Mas também explica

que Mussolini, no seu tempo de socialismo e boémia, foi amigo de Trilussa, o que talvez justifique sua complacência com o poeta. Se bem que não se pode

negar um certo oportunismo perante tão ilustre personalidade, famosa no mundo

inteiro. Quando um escritor perguntou a Mussolini a respeito da censura rigorosa que

fazia calar

toda crítica, ele teria retrucado: "Abolição da liberdade? E Trilussa?...

Números

Eu valho muito pouco, sou sincero, dizia o Um ao Zero, no entanto, quanto vales tu? Na prática és tão vazio e inconcludente quanto na matemática. Ao passo que eu,

se me coloco à frente de cinco zeros bem iguais a ti, sabes acaso quanto fico? Cem mil, meu caro, nem um tico a menos nem um Oco a mais. Questão de números. Aliás

é aquilo que sucede com todo ditador que cresce em importância e em valor quanto mais são os zeros a segui-lo.

O Homem e o Lobo

Um Homem disse a um Lobo: - Se tu não fosses tão arrogante e prepotente, ganharias a vida honestamente

e terias a minha proteção.

- Prefiro a liberdade a ter patrão,

o Lobo retrucou, de resto

se eu fosse bom e me tornasse honesto

me tratarias como a um cão.

A focinheira

Sabe que sou fiel e afeiçoado, dizia o Cão ao Homem, e disposto com franqueza:

a focinheira põe-me deprimido; por que não dá-la ao Gato, que é fingido, apático e traidor por natureza?

O Homem responde: - Mas a focinheira
lembra sempre a existência de um patrão
que te protege e, de qualquer maneira,
é quem te ampara e te garante o pão.

- Já que assim é, o dito por não dito! corrige o Cão, desculpe-me a besteira. E, desde aí, com ar convicto, passou a falar bem da focinheira...

A justiça ajustada

Júpiter disse à Ovelha - São injustos e odiosos, além disso, contra a lei, os sucessivos sustos

com que os lobos te afligem, eu bem sei!... É melhor, entretanto, que suportes com paciência os agravos: a questão é que os lobos são fortes demais, para não ter razão...

A Lesma

Exausta, a pobre Lesma da vanglória,
ao atingir o cume do obelisco,

disse, olhando da própria baba o risco:

Meu rastro ficará também na História!

(Versos de Trilussa, trad. Paulo Duarte, São Paulo, Marcus

Pereira Publicidade, 1973, p. 349. 283, 293. 271 e 323.)

II

Dois Minutos de Ódio

Goldsteín era o renegado e traidor que um dia, muitos anos atrás no mesmo plano que o próprio Grande Irmão, tendo depois se dedicado a atividades contra-revolucionárias, sendo por isso condenado à morte, da qual escapara, desaparecendo

misteriosamente. O programa dos Dois Minutos de Ódio variava de dia a dia, sem que porém Goldstein deixasse de ser o personagem central cotidiano. Era o traidor

original, o primeiro a conspurcar a pureza do Partido. Todos os subsequentes crimes contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias, desvios, provinham

diretamente dos seus ensinamentos. Nalguma parte do mundo ele continuava vivo e tramando suas conspirações: talvez no além-mar, sob a proteção dos seus patrões estrangeiros;

talvez até mesmo - de vez em quando corria o boato - nalgum esconderijo na própria Oceania.

Winston sentiu contrair-se o diafragma. Nunca podia ver a face d halo de cabelo branco esgrouviado e um pequeno cavanhaque - um rosto arguto e no entanto, de certo modo, intrinsecamente desprezível, com um ar de tolice senil no

nariz comprido e fino no qual se equilibravam os óculos. Parecia a cara duma ovelha, e a voz também recordava um balido. Goldstein lançava o costumeiro ataque peçonhento

às doutrinas do Partido - um ataque tão exagerado e perverso que uma criança poderia refutá-lo, e no entanto suficientemente plausível para encher o cidadão de alarme,

de receio que outras pessoas menos equilibradas o pudessem aceitar. Insultava o Grande Irmão, denunciava a ditadura do Partido, exigia a imediata conclusão da paz

com a Eurásia, advogava a liberdade de palavra, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, gritava histericamente que a

revolução

fora traída - e tudo numa linguagem rápida, polissilábica, que era uma espécie de paródia do estilo habitual dos oradores do Partido

(...)

Antes do Ódio se haver desenrolado por trinta segundos, metade dos presentes soltava

incontroláveis exclamações de fúria. Era demais, suportar a vista daquela cara de ovelha satisfeita e

do poderio terrífico do exército eurasiiano, mostrado na tela: além disso, ver ou mesmo pensar em

Goldstein produzia automaticamente medo e raiva, (...)

No segundo minuto o Ódio chegou ao frenesi. Os presentes pulavam saía da tela. A mulherzinha do cabelo de areia ficara toda rosa, e abria e fechava a boca como um peixe jogado à terra. Até o rosto másculo de

O'Brien estava corado.

Estava sentado muito teso na sua cadeira, o peito largo se alteando e agitando como se resistisse ao embate duma vaga. A morena atrás de Winston pusera-se a berrar

"Porco! Porco! Porco!" De repente, apanhou um pesado dicionário de Novilíngua e atirou-o

à tela. O livro atingiu o nariz de Goldstein e ricocheteou; a voz continuou,

inexorável. Num momento de lucidez, Winston percebeu que ele também estava gritando com os outros e batendo os calcanhares violentamente contra a travessa da cadeira,

O horrível dos Dois Minutos de Ódio era que, embora ninguém fosse obrigado a participar, era impossível deixar de se reunir aos outros. Em trinta segundos

deixava

de ser preciso fingir. Parecia percorrer todo o grupo, como uma corrente elétrica, um horrível êxtase de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de amassar

rostos com um malho, transformando o indivíduo, contra a sua vontade, num lunático a uivar e fazer caretas.

CAPÍTULO 26

LIBERALISMO E SOCIALISMO HOJE

PRIMEIRA PARTE - O liberalismo no século XX

...retornou à ordem do dia o tema de um novo "contrato social", do Estado capitalista ou Estado de injustiça quanto do Estado socialista ou Estado de não-liberdade.

(Bobbio)

1. Introdução

São complexos os caminhos da política contemporânea. No rápido e do tempo, bem como as críticas a ele feitas pelas teorias de inspiração socialista.

Vimos também o socialismo surgir como doutrina, e mais adiante a como "crise do socialismo real".

A presente análise tem por fim recusar as explicações simplistas vividas no nosso tempo exigem soluções novas e criativas que sejam capazes de oferecer melhores condições de vida a um número cada vez maior de pessoas.

Para compreendermos os dados da situação, vamos retomar a história

Os primeiros teóricos liberais opunham-se ao absolutismo real e a do Estado na economia. Embora tenha fortalecido as insti

tuições que favoreciam o exercício da cidadania, o liberalismo clássico permaneceu elitista, na medida em que o voto censitário permitia a participação política

apenas aos homens de posse.

No século XVIII, na trilha aberta pela concepção democrática de que transformarão o súdito em cidadão. As lutas contra a censura, a tortura, o arbítrio e os privilégios apontam para uma nova concepção de respeito à individualidade.

A Independência dos Estados Unidos (1776) e a Revolução Francesa livre dos impedimentos da concepção aristocrática.

No século XIX, sob o impacto do crescimento e organização das nações, o liberalismo foi obrigado a mudar. Stuart Mill, defensor da liberdade de expressão e do direito de voto também para as mulheres, é representante da teoria do liberalismo que se orienta

em direção à exigência de maior igualdade e democracia.

1. liberalismo social

Uma das conquistas do liberalismo clássico foi o ideal do Estado mínimo e a auto-regulação. Tratava-se do

Estado minimalista, de baixa intervenção, e do liberalismo, ou seja, do prevalecimento do livre mercado.

As extremas desigualdades sociais levam alguns a pensar que a ênfase deve ser dada em ajudar o crescimento da individualidade. Tais são as convicções de pensadores como Thomas Green (1836-1882) e mais tarde Leonard Hobhouse (1864-1929) e John Hobson (1858-1940).

Acontecimentos históricos apressam a reformulação dos princípios. No Reino Unido, em 1929, a década de 30 foi marcada pela depressão econômica: falências, desemprego, inflação, geradores de graves tensões sociais.

A crise do modelo capitalista desencadeia a experiência totalitária.

diferentes que pudessem evitar tanto o perigo do nazismo como a tentação do comunismo. As novas medidas tomadas encaminham o liberalismo para a tendência que podemos

chamar de liberalismo social, em que é revisto o papel do Estado na economia.

Desde o início do século, a Inglaterra já vinha implantando medidas de 20 e 30 que o Estado começa a intervir de forma marcante na produção e distribuição de bens, o que indica uma forte tendência em direção ao Welfare State, ou

seja, ao Estado de bem-estar social. Tanto é assim que, nos anos 40, considerava-se que qualquer cidadão teria

direito a emprego, controle de salário, seguro contra invalidez, doença, proteção na velhice, licença

maternidade, aposentadoria. o que aumentou significativamente a rede de serviços sociais garantidos

pelo Estado.

É nessa direção que se desenvolve o pensamento do inglês John Maynard Keynes (1883-1946), que além de economista era

também filósofo e jurista. Seguindo a tendência democrática de Stuart

Mill, Keynes considera necessário aliar a eficiência ea liberdade individual, com devida justiça social. Mas isso provoca o

revisionismo econômico, já que exige do Estado maior intervenção nos negócios as forças econômicas e regular as distorções, o que significa uma crítica ao laissez faire da

economia clássica.

Nos Estados Unidos, idéias semelhantes orientam o presid

as forças econômicas e regular as distorções, o que significa uma crítica ao *laissez faire* da

economia clássica.

Nos Estados Unidos, idéias semelhantes orientam o *presid Deal*, que introduziu o dirigismo estatal durante a depressão da década de 30.

O governo concede crédito para as empresas, intervém na inúmeros procedimentos assistenciais de atendimento aos trabalhadores bem como a construção

de grandes obras públicas para amenizar a alta taxa de desemprego.

Embora essas medidas sofressem acusação de serem semelha socialistas, visavam de fato ao fortalecimento do capitalismo e pretendiam também evitar o

comunista.

As teorias keynesianas foram intluentes desde a década d ser severamente criticadas pelo neoliberalismo.

1. Liberalismo de esquerda

Na Itália fascista - e contra ela - floresceram teorias do liber liberalismo de esquerda, ou seja, visavam desencadear movimentos de cunho popular (e não burguês) e

resgatavam os ideais socialistas, embora os adaptando ao liberalismo. Em vez de se oporem simplesmente ao marxismo, buscavam

extrair dele os elementos positivos, repudiando sobretudo a concepção revolucionária de

Marx: uma espécie de "terceiro caminho", superando a tese de que liberalismo e socialismo seriam inconciliáveis.

Carlo Rosselli (1899-1937) escreve: "É possível pensar que a pas-
outra sociedade aconteça mediante um processo gradual e pacífico: mediante
uma passagem que, salvando as vantagens já
garantidas de uma, as reforce progressivamente através das vantagens da outra".

Tais teorias alimentaram a fundação do efêmero Partido dell'"Azio
reflexão política. Torna-se
reflexão política. Torna-se
professor de filosofia do direito, e cada vez mais a análise da estrutura jurídica
o leva a discutir política, passando do estudo da legalidade para aquele da
legitimidade,
exigência de uma reflexão sobre a teoria do Estado.

Político ativo, Bobbio estabeleceu polêmicas em jornais e revistas
com marxistas dogmáticos. Critica a injustiça que permanece no mundo
capitalista e o estado de não-liberdade dos países em que foi implantado o
socialismo real.

Ciente das implicações tecno-burocráticas das modernas sociedades
Por exemplo: a necessidade crescente de os governos recorrerem a especialistas
(tecnocracia); a ampliação e complexificação da máquina estatal
(burocracia); a existência
de grandes organizações (sejam empresariais ou estatais) que impedem as
condições objetivas de exercício democrático; a predominância da sociedade de
massa que torna
o homem apático, muito distante do caráter ativo exigido pela verdadeira
cidadania. Bobbio chama a esses aspectos de paradoxos da democracia moderna.
Evidentemente,

não para concluir que a democracia é impossível, mas que se trata de tarefa difícil.

Hobbio se ocupa com a análise dos limites e obrigações do Estado

Vimos que nas teorias contratualistas do liberalismo clássico o contrato social constitui o Estado, cuja legitimidade repousa portanto no consentimento dos cidadãos.

Bobbio, ao lado de outros teóricos (como Rawls), desenvolve o neocontratualismo, em que, diferentemente das antigas teorias, o pacto não se apresenta limitado apenas

à explicação da origem do Estado, mas, segundo ele, as forças sociais devem continuar agindo sem cessar, num processo renovado e constante.

O governo democrático é portanto uma policracia, isto é, o poder conjunto das organizações não-estatais na esfera das relações entre indivíduos e grupos e que, nesse sentido, representam interesses pluralistas, sendo o Estado o ponto de encontro da diversidade e do embate das forças mediante as quais se dará o pacto social. Além disso, Bobbio defende a democratização da vida social como

um todo, estendendo os mecanismos de discussão e livre decisão para organismos como trabalho, educação, lazer, vida doméstica.

O termo liberalismo refere-se ao liberalismo econômico, enquanto tem por meta a restauração do livre-cambismo.

1. Neoliberalismo

As teorias de intervenção estatal começam a dar sinais de desgastes assumidas. Aumento do déficit público, crise fiscal, inflação e instabilidade social são consideradas justificativas suficientes para a limitação da ação assistencial do Estado.

Desde a década de 40 alguns teóricos, como o austríaco Friedrich von Hayek, Hayek acusa o Estado providenciário de paternalista e se refere a "miragem da justiça social". Critica a tentativa de planificação central como uma impossibilidade, já que, na sua concepção evolucionista, a complexidade e mutabilidade dos fenômenos humanos escapam às tentativas construtivistas de controle.

Os neoliberais retomam o ideal de Estado minimalista, cuja ação restringe ao policiamento, justiça e defesa nacional. O que, segundo eles, não implica em enfraquecimento do Estado, mas, ao contrário, no seu fortalecimento, já que se pretende reduzir os seus encargos.

A partir da década de 80, os governos de Reagan e depois Bush, neoliberais. No Brasil a tendência se confirma nos processos de privatização de organismos estatais e abolição da reserva de mercado. Mas contraditoriamente esbarra em outras medidas de nítida intervenção estatal (muitas vezes exacerbadas) como a dos sucessivos planos heterodoxos de controle na economia para conter a inflação.

No final da Segunda Parte deste capítulo, retomaremos o assunto

Exercícios

1. Explique em que sentido a teoria do Estado minimalista e o liberalismo são coerentes com a concepção econômica do liberalismo.
2. Leia a citação de Bobbio transcrita a seguir e explique por que ela pode ser criticada a partir da concepção clássica de liberalismo:

"Os anos 20 e 30 assinalam um grande passo para a constituição d
Welfare State. A Primeira Guerra Mundial, como mais tarde a Segunda, permite
experimental

a maciça intervenção do Estado, tanto na produção (indústria bélica) como na
distribuição (gêneros alimentícios e sanitários). A grande crise de 29, com as
tensões

sociais criadas pela inflação e pelo desemprego, provoca em todo o mundo
ocidental um forte aumento das despesas públicas para a

sustentação do emprego e das condições

de vida dos trabalhadores."

3. Leia a citação de Bobbio constante da epígrafe do capí
4. Explique em que sentido o neoliberalismo é antikeynesi
5. O trecho a seguir critica a ambiguidade do liberalismo

Explique:

"O liberal é (...) um homem de quem (se deve) ter pena, porque
qual

está sentado sem correr o risco de quebrá-lo. E também, por princípio, um
cidadão insatisfeito. Que escureça o horizonte social, que cresça o espectro do
"socialismo"

- e ele se torna partidário de um "regime forte". Que este se instale, suprima
as liberdades civis e se interesse de muito perto pelo funcionamento da
economia -

o liberal espuma de indignação e volta a ser homem de esquerda. Ou de centro-
esquerda." (Gérard Lebrun)

SEGUNDA PARTE - O socialismo no século XX

Na noção de crise "estão embutidas as idéias de transformação e uma crise pode ser também um momento de renascimento e é sempre, de maneira forte, um momento de confusão, no qual se entrecruzam passado e presente e se prepara

o futuro. Embora o marxismo não esteja morto, há algo morto no marxismo

(Marco Aurélio Nogueira)

1. Introdução

Vimos, no Capítulo 24, como as idéias

socialistas se desenvolveram a partir dos chamados socialistas utópicos até a formulação do socialismo científico de Marx e

Engels.

Esta doutrina servirá de base para as discussões posteriores a respeito da implantação da nova ordem, oposta à ordem burguesa.

O marxismo preconiza a organização da sociedade pós-mercado e o mercado e suprime a propriedade privada dos meios de produção. Na fase transitória de superação do capitalismo, o socialismo deveria passar pela ditadura do

proletariado, ocasião em que o Estado exerce uma força centralizadora que diminuiria com o tempo, até sua total extinção.

Marx supunha que o processo revolucionário seria desencadeado no conflito antagônicas (capitalistas e proletários) chegaria a um ponto insuportável. No

entanto, a revolução socialista ocorreu em 1917 na Rússia, país de

monarquia absoluta (czarismo) e de economia semifeudal, cuja industrialização começara apenas no final do século XIX.

Após a Segunda Guerra Mundial, a expansão socialista determinou Hungria, Polônia, Romênia, Iugoslávia e Alemanha Oriental).

Na Ásia, aderiram o Vietnã do Norte, a Coreia do Norte, a China, Na América, em 1959, Fidel Castro derrubou o governo de Fulgência de 70, quando os sandinistas expulsaram Somoza.

Na África, com o processo de descolonização, os movimentos de libertação. Foi o caso da Argélia, Guiné Bissau, Moçambique, Angola e outras.

Retomaremos mais adiante esse assunto, para nos referirmos ao primeiro ponto: 1. Que fazer?

Os teóricos que irão repensar Marx e Engels no início do século XX, a revolução revolucionária que importa discutir.

Lenin (1870-1924), cujo verdadeiro nome era Vladimir Ilitch Uliámov, entre outras obras, *Que Fazer?* e *O Estado e a revolução*.

Quando os socialistas revolucionários derrubam o czarismo em fevereiro de 1917, Lenin se encontrava exilado na Suíça. Retornando à Rússia, lidera a facção dos bolcheviques, que toma o poder em outubro do mesmo ano.

Com isso, já podemos observar que o trabalho teórico desenvolvido não se separa do ativista e revolucionário que foi. Todos os

seus escritos têm uma finalidade prática, política.

Seu propósito é restabelecer a verdadeira concepção do marxismo teria sido deformada pela Segunda Internacional (1889-1914), ocasião em que alemães e franceses apoiaram a guerra imperialista de 1914. Lênin também rompe com o

teórico alemão Kautsky e critica o revisionismo de outro marxista alemão,

Bernstein, para quem o processo que leva ao socialismo não passaria necessariamente pela

revolução, mas poderia ser o resultado de vitórias eleitorais. Ao

contrário, Lênin propõe a "quebra" do Estado burguês pela violência, a fim de estabelecer as funções

dos soviets e instaurar a ditadura do proletariado. Nesse aspecto critica os anarquistas, que achavam necessário abolir o Estado imediatamente, sem passar pelo

período de transição.

Sob o comando de Lênin, em 1922 a

Rússia torna-se a União Soviética, com a supressão da propriedade privada dos meios de produção, planificação econômica, reformas agrárias, nacionalização

dos bancos e fábricas *etc.* A doutrina oficial é o marxismo-leninismo, confirmada pela Terceira Internacional.

Foram inúmeras as dificuldades enfrentadas, considerando-se os e capitalistas, bem como os movimentos internos de contra-revolução.

Lênin morreu cedo, em 1924, e seu sucessor foi Joseph Stálin (18

Nesse período o Estado é de tal modo fortalecido que se transfor

Stálin imprime ao socialismo um caráter predominantemente nacionalista, fortalece a polícia política, a

Tcheka, o exército e o partido único e desenvolve o "culto á personalidade".
Menos

preocupado com a teoria e mais com a formulação de máximas de ação, com ele o marxismo torna-se dogmático, sem tolerância com nenhuma forma de crítica, o que provoca

inúmeros expurgos e perseguições, além de gerar um regime de terror.

A URSS transforma-se nos anos 40 em grande potência mundial, des à indústria pesada, ainda que nos setores de agricultura e produção de bens de consumo tenham sido enfrentadas dificuldades maiores.

Após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento do poder soviético representado pela "guerra fria".

O isolamento dos países do Leste europeu pela "Cortina de Ferro" e o antagonismo e rivalidade entre os dois blocos geram profundo maniqueísmo: a Leste caçam-se os

dissidentes contra-revolucionários "imperialistas" e no Ocidente o anticomunismo faz escola, perseguindo os defensores das "ideologias alienígenas". Exemplo disso

foi o macarthismo, movimento desencadeado nos Estados Unidos, nos anos 50, pelo senador McCarthy.

Na década de 60, período em que os diversos países da América do as perseguições geralmente terminavam com a morte dos acusados. Um indicativo da tensão existente foi a formação da guerrilha urbana pelos grupos revolucionários.

(Gravura)

Lênin, teórico do marxismo, foi também um revolucionário, líder dos bolcheviques. Tomou o poderem outubro de

1917 na Rússia e a transformou na União Soviética.

1. As diversas faces do marxismo

Lênin e depois Stálin elaboraram o marxismo-leninismo, que se tornou a doutrina oficial da União Soviética. No entanto, a situação histórica dos diversos países exigia dos intelectuais um esforço de adaptação e coacção da teoria marxista, de modo que nunca

foi tranquilamente aceita a chamada "ideologia oficial".

Com o fechamento do regime na era stalinista, a perseguição aos dissidentes tornou-se uma realidade. Como ocorreu com Bukhárin e Trótski.

Leon Trótski (1879-1940) foi companheiro de Lênin nas lutas de oprimidos de classes em escala nacional e internacional, o que deveria gerar inevitavelmente a guerra civil interna e a guerra revolucionária externa. Partindo do princípio

de que o mundo capitalista exerce influência perniciosa sobre os países que pretendem implantar o socialismo, Trótski pregava a necessidade da expansão da revolução

mundial. Essa posição foi combatida por Stálin, seu mais ferrenho inimigo, que defendia a tese do "socialismo num só país". Trótski, perseguido, refugiou-se no México,

onde foi assassinado por um stalinista em 1940.

A social-democracia

O enfrentamento das dificuldades decorrentes da depressão económica que atingia

toda a Europa, no final do século XIX, fez com que a Segunda Internacional, iniciada em

1889, tivesse características diferentes da anterior. Menos "internacional", favoreceu a organização relativamente autónoma dos grupos socialistas dos

diversos

países, atendendo às peculiaridades nacionais.

Dessa forma, na Alemanha predominou a ideologia do Partido Socialista Eduard Bernstein (1850-1932) e Karl Kautsky (1854-1938).

Apesar de divergirem em vários pontos, os social-democratas conciliam leis democrático-parlamentares que levem, numa lenta evolução orgânica, à superação do capitalismo. Recusam portanto a violência e não querem separar socialismo

e democracia.

Várias medidas são tomadas para a conquista de direitos sociais, criação de inúmeras cooperativas

de consumo e ampla divulgação das idéias socialistas por jornais, revistas, teatro *etc.* O resultado desses esforços significou conquistas reais para os operários.

Até 1914, o fortalecimento do movimento sindical na Alemanha tornou possível a colaboração permanente entre Estado, empresas e classe trabalhadora.

A social-democracia não se confunde com o liberalismo social (já Primeira Parte deste capítulo), pois o Estado de bem-estar social é anti-socialista e

pretende manter o capitalismo, ao passo que a social-democracia visa em última instância

a superação do capitalismo e a implantação do socialismo.

A social-democracia sofreu inúmeras críticas. Do ponto de vista econômico, há impasses. Do ponto de vista social, há a alegação de que o Estado nem sempre consegue atender aos inúmeros encargos assumidos nem conter o aumento pernicioso do

aparelho burocrático. Do ponto de vista ideológico, a social-democracia sofre acusações dos liberais, já que estes criticam o socialismo, e dos próprios socialistas,

que a acusam de viver bem demais com o capitalismo, sem conseguir superá-lo.

A esquerda da social-democracia

Rosa Luxemburgo (1870-1919) e Karl Liebknecht (1871-1919) repres
à participação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial e criticam os
revisionistas como Bernstein, retomando a perspectiva revolucionária como
forma de destruição

do capitalismo. Rosa Luxemburgo defendia a tese da espontaneidade das massas
e criticava o partido único, cuja conseqUência é o governo ditatorial de uma
minoria.

Alertou severamente sobre os perigos da burocracia, que poderia levar à
supressão da democracia.

Ajudou na formação da Liga Espartaquista (o nome Espártaco lembr
Comunista Alemão.

Em 1919, Rosa e Liebknecht são fuzilados. Na década de 30, a cis
de Hitler ao poder.

Gramsci

Antonio Gramsci (1891-1937) foi um dos mais importantes teóricos
até a morte, escreveu muito, enfatizando a crítica ao dogmatismo do marxismo
oficial, que, ao petrificar a teoria, impedia a prática revolucionária. Suas
principais obras são Concepção dialética da história, Os intelectuais e a
organização da cultura, Literatura e vida nacional, Cadernos do cárcere.

Gramsci preocupa-se com o economicismo do marxismo tradicional e
o materialismo histórico dialético, torna mais flexível a relação entre o

econômico e o ideológico-político quando analisa o papel dos intelectuais.

Sua contribuição teórica está sobretudo em ter compreendido que consenso, por persuasão. Ou seja, por meio das instituições da sociedade civil, como Igreja, escola, partidos políticos, imprensa, a ideologia da classe dominante

é difundida e preservada.

Gramsci usa o conceito de hegemonia para explicar o processo. Et quando é capaz de elaborar sua própria visão de mundo, ou seja, um sistema convincente de idéias pelas quais conquista a adesão até da classe dominada. A tarefa

de elaboração cabe aos chamados intelectuais orgânicos.

É dessa forma que também se impede a tomada de consciência da classe dominada. Não tendo sua própria consciência de classe, permanece desorganizada e passiva,

e as eventuais rebeliões não modificam a situação de dependência. Por isso Gramsci considera a necessidade de os elementos das classes populares continuarem organicamente

ligados à sua classe de forma a elaborarem, coerente e criticamente, a experiência proletária por meio dos seus próprios intelectuais orgânicos. Só assim será possível

a unificação da teoria com a prática, ou seja, da ação revolucionária com a transformação intelectual.

Gramsci abriu caminho para posteriores reflexões de Nicos Poulantzas sobre o Estado.

A teoria crítica da sociedade

A Escola de Frankfurt surgiu na Alemanha em 1925, representada p

Jurgen Habermas². Foi responsável pela formulação da chamada teoria crítica da sociedade. Os principais temas dessa reflexão de natureza sociológico-filosófica são:

a autoridade, o autoritarismo, o totalitarismo, a família, a cultura de massa, o papel da ciência e da técnica, a liberdade. Embora o ponto de partida seja marxista,

os diversos autores repensam esses temas de formas diferentes, muitas vezes se afastando da ortodoxia marxista.

Os frankfurtianos elaboram a teoria crítica da sociedade em oposição bem como as diversas interpretações desse pensamento.

Uma das críticas feitas se refere ao dogmatismo dos leninistas e uma concepção naturalista da história, segundo a qual a

evolução dos fatos históricos marcha inexoravelmente em direção à sociedade sem classes. Trata-se de uma concepção determinista e evolucionista típica do positivismo

predominante no final do século XIX.

Segundo a concepção naturalista, o desenvolvimento capitalista por meio da agudização da crise resultaria na revolução e na vitória inevitável do socialismo. Resulta daí a noção de progresso e da inevitabilidade da violência. Reconhece-se

na evolução progressiva a passagem de um estágio "inferior" para outro necessariamente "melhor" do que o anterior. E a violência é considerada elemento necessário

e constitutivo do progresso: a revolução é a "locomotiva da história", fator de evolução.

Os frankfurtianos recusam a noção de progresso e condenam a viol

construída desde a Idade Moderna por Descartes. A exaltação da razão que culmina no positivismo oculta o lado escuro da razão responsável pela opressão e desumanização.

Analizando as sociedades tecnocráticas, altamente tecnicizadas e "racionalizadas", a Escola de

Frankfurt denuncia a perda da autonomia do sujeito, docilizado tanto pela sociedade

industrial totalmente administrada como pelas extremas regressões à barbárie representada pelos Estados totalitários.

No processo de recuperação da razão, os frankfurtianos reformula à felicidade. Nesse sentido dizem "não" ao sacrifício individual das gerações presentes

as gerações futuras e criticam o revolucionário "tagarela" que exalta o sofrimento do povo ao mesmo tempo

que o submete à mais cruel opressão, como é o caso de Robespierre e de todos os revolucionários contraditoriamente "democráticos".

2Habermas deve à Escola de Frankfurt a primeira orientação de seu pensamento, desenvolvendo a seguir um caminho

próprio. (Ver Quadro Cronológico.)

O eurocomunismo

De maneira geral, o marxismo, enquanto teoria e prática revolucionária, é uma das tradições históricas do nosso tempo.

A experiência soviética do totalitarismo stalinista obrigou os europeus a reavaliarem vários aspectos importantes, desde a crítica desencadeada pelo processo de

desestalinização levada a efeito por Kruchev,

Na década de 70 surge o eurocomunismo, pelo qual os partidos com soviética. A semelhança da social-democracia alemã, recusam a rigidez da teoria leninista da

ditadura do proletariado e buscam formas pacíficas e democráticas de transformação da sociedade.

Na Itália, por exemplo, o Partido Comunista Italiano, liderado por Enrico Berlinguer, defende o pluralismo partidário e preconiza as alianças que o proletariado deve fazer com outros grupos que compõem as classes populares, como camponeses, intelectuais e camadas médias.

O Partido Comunista Francês orienta-se na mesma direção, e se em 1976, após a atuação de Georges Marchais no XXII Congresso da PCF. Entre outras mudanças,

é substituído o conceito de ditadura do proletariado pelo de "desafio democrático", segundo o qual

seria possível promover a transição pacífica e progressiva por meio do sistema representativo.

Na Espanha, após a queda do ditador Franco, a atuação de Felipe González promove a luta pela democratização social. Para tanto são valorizados os pactos entre empresariado e trabalhadores.

Outras tendências

Têm sido inúmeras as tentativas de adaptar o materialismo histórico à realidade da maioria delas.

A título de exemplo, destacamos as aproximações feitas por Merleau-Ponty

político marxista e depois maoísta.

Wilhelm Reich, Marcuse e Erich Fromm aproximaram Marx e a psicanálise.

As idéias marxistas, expurgadas de seu ateísmo, têm servido de base para a utilização da ideologia marxista para auxiliá-las na ação evangélica centrada na opção pelos pobres dos países subdesenvolvidos.

1. A crise do "socialismo real"

O desenvolvimento da economia militar e espacial, ao sugar enormemente os recursos, levou a um período de estagnação, não sendo mais possível evitar a queda da qualidade de vida.

Na gestão de Brejnev (de 1964 a 1982), o gigante soviético começou a mostrar sinais de estagnação.

Quando Gorbatchev sobe ao poder em 1985, inicia uma série de mudanças no planejamento estatal com a introdução de elementos de regulação de mercado. A glasnost, ou "abertura", "transparência", refere-se às reformas nas instituições

políticas, visando a renovação dos quadros da velha e autoritária elite burocrática dirigente; suas consequências foram a libertação dos presos políticos, a garantia da imprensa livre e da liberdade individual.

A glasnost, por ter sido desencadeada ao mesmo tempo que a perestroika, gerou expectativas de mudanças rápidas, mas a impaciência de aguardar as reformas mais lentas da economia.

Em novembro de 1989, a queda do muro de Berlim, símbolo da separação entre o Ocidente e o Leste, marcou o fim do socialismo real. Já tivemos ocasião de dizer que a implantação do chamado "socialismo real" encontrou dificuldades inúmeras e desembocou em becos sem saída.

Se de início a União Soviética conseguira se transformar em uma sociedade mais justa, com melhorias na educação, na saúde e em outros aspectos sociais como moradia e saúde - o que significa uma forma de democracia substancial, já que os bens produzidos são distribuídos -, por outro lado sempre

foi cerceada

a liberdade individual, no que se refere ao direito de circulação, expressão e difusão da informação.

Quanto à política, muito cedo a promessa de que o poder deveria

Unico, que sufocou o pluralismo e a possibilidade de contestação do sistema. A centralização do poder criou a camada dirigente dos burocratas que mantinham privilégios

e não conseguiam evitar a corrupção.

Mantida pela força, a antiga "ordem" se desintegra e os países-s

Oriental proclamam um a um a sua independência. Com exceção da Romênia, onde houve violência na deposição do ditador, nos outros países as revoluções eram chamadas

"de

veludo", tal a "maciez" das transformações efetuadas, resultantes dos movimentos civis que reuniam pessoas de diversas tendências políticas.

Em pouco tempo a própria URSS se desintegra, incapaz de manter u

É introduzido o pluralismo partidário, a imprensa livre e a economia de mercado. Gorbachev não realiza

a transição gradual que tinha em mente. Quando passa o poder para Ieltsin,

encerra-se o capítulo da implantação do "socialismo real" no Leste Europeu.

(Gravura)

O "muro da vergonha", dividindo Berlim ao meio, era o símbolo da separação de dois mundos. Sua queda, em novembro de 1989, acelerou o processo de desagregação

dos Estados socialistas.

Exercícios

1. O que representou a formulação do marxismo-leninismo no dogmatismo?

2. Quais são as principais críticas que a social-democracia

3. Explique o sentido crítico da seguinte frase de Gramsci

"Se a filosofia da práxis afirma teoricamente que toda "verdade"

tida como eterna e absoluta teve origens práticas e representou um valor "provisório" (historicidade

de toda concepção do mundo e da vida), é muito difícil fazer compreender "praticamente que

uma tal interpretação seja válida também para a própria filosofia da práxis, sem com isso abalar as convicções que são necessárias para

a ação. (...) Por isso, ocorre também que a própria filosofia da práxis tenda a se

tornar uma ideologia no sentido pejorativo, isto é, um sistema dogmático de verdades

absolutas e eternas."

4. Quais são as principais críticas feitas pelos frankfurtianos

5. Leia a epígrafe da Segunda Parte deste capítulo e explique

6. Leia o texto complementar, de Paul Singer, e responda:

a) Quais são os motivos do fracasso da economia de planejamento

b) Como a nova proposta de economia socialista conciliaria o público

c) Por que essa proposta não pode ser confundida com os projetos

Texto complementar

(A economia socialista)

Na realidade, a experiência do "socialismo real" no mundo inteiro das forças produtivas nem à elevação da qualidade de vida. A monopolização global da produção permite aos responsáveis pela mesma menosprezar as necessidades e preferências

dos consumidores. Ao mesmo tempo, o planejamento minucioso de centenas de milhares de atividades, em dado patamar tecnológico, dificulta ao extremo a adoção de novos

processos produtivos e a introdução de novos produtos, porque tais mudanças alterariam aquele planejamento. Mesmo se o planejamento centralizado fosse compatibilizado

com a democracia (...) haveria fortes razões econômicas para não adotá-lo. (...)

É claro que uma economia socialista de mercado não pode deixar de ser suficientemente grande para possibilitar ao governo central um adequado controle da conjuntura. O setor público seria composto basicamente pelas atividades que

constituem monopólios "naturais": produção e distribuição de energia elétrica, telecomunicações, transporte público *etc.* Sendo monopólios, a necessidade de proteger

os consumidores impõe sua estatização. Como essas atividades exigem boa parcela do investimento global, sua administração centralizada permitiria ao governo estimular

ou desestimular a expansão das empresas privadas. Desse modo evitar-se-iam os altos e baixos da

economia como um todo e realizar-se-ia "a busca do pleno emprego" (princípio VIII do art. 170 da Constituição).

A economia socialista seria multiforme, com atividades privadas do fato de que trabalhador algum seria um "puro" assalariado, sujeito a realizar tarefas cujo sentido e finalidade não lhe concernem, apenas em troca de um pagamento.

Em todo tipo de empresa, o trabalhador compartilharia da responsabilidade pelo resultado global e teria certos direitos de interferir em sua gestão. Logo, também ninguém seria "patrão", ou seja, ninguém teria poder exclusivo de mando sobre alguma empresa. (...)

Convém notar que a concepção de uma economia socialista em que h
princípios do liberalismo. Dessa concepção não decorre que a empresa privada é sempre superior à pública, que o funcionamento dos mercados não deva ser regulado

por dispositivos legais, nem que a repartição da renda determinada pela competição mercantil não deva ser corrigida por impostos e transferências.

(Paul Singer. O PT e a economia de mercado. in Folha de S. Paulo. 23.11 1980, p.

C-2.)

TERCEIRA PARTE - Reflexões finais

Quando secam os oásis utópicos estende-se um deserto de banalidade e perplexidade.

(Habermas)

1. Fim da utopia?

O rápido desencadeamento dos fatos históricos que têm marcado o que diziam prever o fracasso do socialismo assustam-se com a rapidez dos acontecimentos.

Para os socialistas que recusam aceitar que o sonho da sociedade igualitária acabou, há o consolo de reconhecer que o chamado "socialismo real" nunca foi

de fato o socialismo sonhado, e alguns o acusam de desvio da proposta inicial.

Em outro nível de discussão, há os que preferem não se referir a entendida como um processo dinâmico em que as interpretações teóricas precisam constantemente ser ajustadas às alterações das circunstâncias. Toda teoria é uma

construção histórica, não é a verdade absoluta, e para que não envelheça, para ser mantida viva, é preciso transformá-la quando preciso. Uma das causas do descrédito

do "socialismo real" resultou justamente da incapacidade do dogmático marxismo-leninismo em ajustar-se aos novos tempos.

Marx escreveu no século XIX, e não existe mais o capitalismo que Depois dele houve o fortalecimento das organizações representativas do operariado, e, com os frutos da intervenção do Estado assistencialista (

Welfare State), os trabalhadores conseguiram inegáveis vantagens que amenizaram o caráter extremamente cruel das relações de produção do século XIX.

Além disso, hoje há o prevalecimento do setor terciário (serviços) e os seus profissionais médios atingem níveis de especialização com boa remuneração e melhores condições de trabalho.

Isso não significa o fim da exploração do trabalho, mas essas mudanças têm diluído, de certa forma, a evidência da miséria contemplada por Marx. Apesar disso,

o capitalismo não consegue esconder suas próprias contradições.

1. Neoliberalismo: solução ou problema?

Os liberais se regozijam com a derrocada do Leste Europeu, com a vitória do livre mercado.

Bem-vindos ao progresso, à eficácia, à produtividade?

O que é, afinal, o capitalismo real? Ele não consiste apenas nas aparências, mas também em ofuscar contradições intransponíveis. O lado sombrio parece fazer parte integrante da condição de desenvolvimento do capitalismo.

A expansão do capitalismo sempre foi feita a partir da criação de novas áreas de exploração: América e África no século XIX; no século XX, a implantação das multinacionais nos países não-desenvolvidos. Mais recentemente, os acordos do FMI

(Fundo Monetário Internacional)

têm feito com que a ajuda dos países mais ricos aos mais pobres os transforme de fato em eternos credores, descapitalizados para o pagamento dos juros da dívida.

Tais laços de dependência econômica resultam evidentemente em dependência

política.

Quando nos referimos aos países mais ricos do mundo, não encontramos dezena entre as 170 nações existentes. E, se a distribuição de renda é assim irregular entre os países, ela também se aprofunda nos países subdesenvolvidos, como o Brasil, onde a concentração de renda atinge níveis alarmantes.

Um dos lados sombrios do capitalismo está portanto na má distribuição dos grupos de privilegiados. Em decorrência, não há como evitar os focos de pobreza e miséria, e ainda desemprego, migrações, marginalização de jovens e velhos, surtos inflacionários reprimidos por recessão longa e dolorosa.

Além disso, como contraponto da evolução tecnológica, ocorre a dialética da lógica do interesse privado, que geralmente não coincide com o bem coletivo.

Se ao criticar o "socialismo real" as nações capitalistas contra a ideia de uma liberdade formal, disponível só para os beneficiados do sistema. Ou seja, numa sociedade em que há injusta repartição de bens, os contratos de trabalho não são tão livres quanto se supõe. Nem é livre a "opção do trabalhador pelo desemprego, analfabetismo ou baixos salários.

Com isso queremos dizer que a crítica feita pelos socialistas ao capitalismo é válida. Ainda mais no momento presente, em que o neoliberalismo tende a rejeitar o Estado assistencialista - que teoricamente significa a contradição com o livre

mercado -, mas que bem ou mal tem ajudado a minorar as dificuldades dos trabalhadores. Daqui para frente, na selva do "salve-se quem puder", onde já sabemos de antemão

que as chances no ponto de partida não são iguais, a tendência é o recrudescimento dos problemas sociais.

1. Onde está a saída?

O problema é que a saída deve ser construída. Ela não existe no momento, a não serem esboços de teorias ainda incipientes e nas soluções que frequentemente têm levado os países socialistas ao agravamento da crise e a retrocessos.

Se são verdadeiras as críticas feitas ao socialismo reinventar a política. Se, como disse Bobbio, o capitalismo, o da não-liberdade, é preciso agora descobrir a maneira de conciliar a igualdade de oportunidades com a liberdade, ou seja, unir socialismo e democracia.

Há quem considere tratar-se de empresa impossível, argumentando a implantação do socialismo exige a estatização, o centralismo da economia planejada, donde decorre a burocracia e consequentemente a hierarquia e a perda de procedimentos democráticos. Quanto mais existe planejamento central, mais próximo fica o autoritarismo e /ou o totalitarismo. Portanto, o stalinismo não teria sido apenas "desvio" de rota, mas o caminho inevitável do socialismo.

Para outros, no entanto, o que existe é apenas a constatação de experiência ajudasse a experimentar novos caminhos.

A saída estaria na economia mista, reunindo empresas estatais e entre os extremos do laissez-aire e do estatismo, devem existir fórmulas as mais variadas e inteligentes de controle da economia.

Para o funcionamento adequado desta, seriam necessários mecanismos de controle dos abusos, tanto do Estado como dos grupos privados, seriam controlados pelo estado de direito e por organizações da sociedade civil que pudessem garantir a co-participação

na formação das vontades e decisões.

Nesse sentido, o reconhecimento do fracasso da economia de planos pode significar não o retorno puro e simples à economia de mercado, mas a exigência de

novas estruturas políticas, sociais e econômicas que permitam a gestão do patrimônio público e privado de

maneira a impedir privilégios ou exploração e garantir iguais oportunidades de trabalho e de acesso aos bens produzidos pela sociedade.

Exercícios

1. Pesquise a etimologia da palavra utopia. Explique como esse conceito é necessário para o ser humano.

2. Tendo em vista o que foi discutido neste capítulo (e na aula anterior), escreva uma dissertação fundamentando com argumentos seu ponto de vista a respeito de um dos seguintes assuntos:

- a) Entre o liberalismo e o socialismo, defendo...
- b) Entre o liberalismo e o socialismo não defendo nenhum

UNIDADE V - A MORAL

(Gravura)

Cada pessoa responde sozinha pelo que faz, diante de sua própria consciência moral. Contudo o ato moral nunca é solitário e sim solidário, porque traz a exigência

do respeito e do compromisso com os outros. Daí a imoralidade de todo preconceito, denunciada no cartaz: "Racismo - Perigo - Vivamos

juntos com nossas diferenças".

CAPÍTULO 27

INTRODUÇÃO À MORAL

A verdadeira moral zomba da moral.

(Pascal)

1. Os valores

Diante de pessoas e coisas, estamos constantemente fazendo juízo de valor. É bonito, mas foi presente de alguém que estimo bastante, por isso, cuidado para não quebrá-lo! Gosto tanto de dia chuvoso, quando não preciso sair de casa! Acho que

João agiu mal não ajudando você.

Isso significa que fazemos juízos de realidade, dizendo que esta caneta, esta moça, este passo existem, mas também emitimos juízos de valor quando o mesmo conteúdo

mobiliza nossa atração ou repulsa. Nos exemplos, oferecimo-nos, entre outros, a valores que encarnam a utilidade, a beleza, a bondade.

Mas o que são valores? Embora a preocupação com os valores seja antiga, a doutrina dos valores ou axiologia (do grego axios, "valor"). A axiologia não se ocupa dos seres, mas das relações que se

estabelecem entre os seres e o sujeito que os aprecia.

Diante dos seres (sejam eles coisas inertes, ou seres vivos, ou seres mortos), há sempre alguma forma por eles,

porque nos atraem ou provocam nossa repulsa. Portanto, algo possui valor quando não permite que permaneçamos indiferentes.

É nesse sentido que Garcia Morente diz:

"Os valores não são, mas valem.

Uma coisa é valor e outra coisa é ser. Quando dizemos de algo que vale, não dizemos nada do seu ser, mas dizemos que não é indiferente. A não-indiferença constitui

esta variedade ontológica que contrapõe o valor ao ser. A não-indiferença é a essência do valer".

Os valores são, num primeiro momento, herdados por nós.

O mundo cultural é um sistema de significados já estabelecidos por estranhos, como, quando e quanto falar em determinadas circunstâncias: como andar, correr, brincar; como cobrir o corpo e quando

desnudá-lo; qual o padrão de beleza;

que direitos e deveres temos. Conforme atendemos ou transgredimos os padrões, os comportamentos são avaliados como bons ou maus.

A partir da valoração, as pessoas nos recriminam por não termos por sabermos escolher as cores mais bonitas para a decoração de um

ambiente; ou nos admoestam por termos faltado com a verdade. Nós próprios nos alegramos ou nos

arrependemos ou até sentimos remorsos dependendo da ação praticada. Isso quer dizer que o resultado de nossos atos está sujeito à sanção, ou seja, ao elogio ou à

reprimenda, à recompensa ou à punição, nas mais diversas intensidades, desde "aquele" olhar da mãe,

a crítica de um amigo, a indignação ou até a coerção física (isto é, a repressão pelo uso da força).

Embora haja diversos tipos de valores (econômicos, vitais, lógicos ou morais.

1. A moral

Os conceitos de moral e ética, embora sejam diferentes, são comuns do latim *mos, moris*, que significa "maneira de se comportar regulada pelo uso", daí "costume", e de

moralis, morale, adjetivo referente ao que é "relativo aos costumes".

Ética vem do grego *ethos*, que tem o mesmo significado de "costume".

Em sentido bem amplo, a moral é o conjunto das regras de conduta daquele que age bem ou mal na medida em que acata ou transgredir as regras do grupo.

A ética ou filosofia moral é a parte da filosofia que se ocupa com o que pode seguir as mais diversas direções, dependendo da concepção de homem que se toma como ponto de partida.

Então, à pergunta "O que é o bem e o mal?", respondemos diferentes ordens exterior à própria consciência humana. Podemos perguntar ainda: Há uma hierarquia de valores?

Se houver, o bem supremo é a felicidade? É o prazer? É a utilidade?

Por outro lado, é possível questionar: Os valores são essências? São relativos: "verdade aquém, erro além dos Pireneus", como dizia Pascal? Ou, ainda, haveria possibilidade de superação das duas posições

contraditórias do universalismo

e do relativismo?

As respostas a essas e outras questões nos darão as diversas concepções

1. Caráter histórico e social da moral

A fim de garantir a sobrevivência, o homem submete a natureza para poder organizar as relações entre os indivíduos.

Inicialmente, consideremos a moral como o conjunto de regras que
É de tal importância a existência do mundo moral que se torna im
do homem é ser capaz de produzir interdições (proibições). Segundo o
antropólogo francês

Lévi-Strauss, a passagem do reino animal ao reino humano, ou seja, a passagem
da natureza à cultura, é produzida pela instauração da lei, por meio da proibição
do incesto.

É assim que se estabelecem as relações de parentesco e de aliança sobre
as quais é construído o mundo humano, que é simbólico.

Exterior e anterior ao indivíduo, há portanto a moral constituíd
estabelecida, o ato será considerado moral ou imoral.

O comportamento moral varia de acordo com o tempo e o lugar, con
efetivas e práticas de trabalho. Cada vez que as relações de produção são
alteradas, sobrevêm modificações nas exigências das normas de comportamento
coletivo.

Por exemplo, a Idade Média se caracteriza pelo regime feudal, ba
servos, possibilitando aos nobres uma vida de ócio e de guerra. A moral
cavaleiresca que daí deriva reside no pressuposto da superioridade da classe
dos nobres,

exaltando a virtude da lealdade e da fidelidade - suporte do sistema de suserania-
bem como a coragem do guerreiro. Em contraposição, o trabalho é desvalorizado
e restrito aos servos. Essa situação se altera com o aparecimento da burguesia, a
qual, formada pela classe de trabalhadores oriunda da liberação dos servos,
estabelece

novas relações de trabalho e faz surgir novos valores, como a valorização do
trabalho e a crítica à ociosidade.

(Quino, Toda Mafalda, São Paulo, Martins Fontes, 1991.)

1. Caráter pessoal da moral

No entanto, a moral não se reduz à herança dos valores recebidos abstrato e a reflexão crítica, ela tende a colocar em questão os valores herdados. Algo semelhante acontece nas sociedades primitivas, quando os grupos tribais abandonam

a abrangência da consciência mítica e desenvolvem o questionamento racional.

A ampliação do grau de consciência e de liberdade, e portanto de que

irá, o tempo todo, angustiar o homem: a moral, ao mesmo tempo que é o

conjunto de regras que determina como deve ser o comportamento dos indivíduos do grupo, é também

a livre e consciente aceitação das normas.

Isso significa que o ato só é propriamente moral se passar pelo pessoal da norma. À exterioridade da moral contrapõe-se à necessidade da interioridade, da adesão mais íntima.

Portanto, o homem, ao mesmo tempo que é herdeiro

Portanto, o homem, ao mesmo tempo que é herdeiro, é criador de cultura, e só terá

vida autenticamente moral se, diante da moral constituída, for capaz de propor a moral

constituente, aquela que é feita dolorosamente por meio das experiências vividas.

Nessa perspectiva, a vida moral se funda numa ambigüidade fundam e reflete o mundo em que a nossa liberdade se acha situada. Diante do passado que condiciona nossos atos, podemos nos colocar à distância para reassumilo ou

recusá-lo.

A historicidade do homem não reside na mera continuidade no tempo, mas constitui a consciência ativa do futuro, que torna possível a criação original por meio de

um projeto de ação que tudo muda.

Cada um sabe, por experiência pessoal, como isso é penoso, pois obsoletas em outro e devem ser mudadas. As contradições entre o velho e o novo são vividas quando as relações estabelecidas entre os homens, aQ produzirem sua existência

por meio do trabalho, exigem um novo código de conduta.

Mesmo quando queremos manter as antigas normas, há situações crí pode ocorrer a partir do enredo de cada drama pessoal: a singularidade do ato moral nos coloca em situações originais em que só o indivíduo livre e responsável é

capaz de decidir. Há certas "situações-limite", tão destacadas pelo existencialismo, em que regra alguma é capaz de orientar a ação. Por isso é difícil, para as

pessoas que estão "do lado de fora", fazer a avaliação do que deveria ou não ser feito.

1. Caráter social e pessoal da moral

Como vimos, a análise dos fatos morais nos coloca diante de dois pólos contraditórios:

de um lado, o caráter social da moral, de outro, a intimidade do sujeito.

Se aceitarmos unicamente o caráter social da moral, sucumbimos a à norma estabelecida, privilegiamos os regulamentos, os valores dados e não

discutidos. Nessa perspectiva, a educação moral visa apenas inculcar nas pessoas o medo

às consequências da não-observância da lei.

Trata-se, no entanto, de vivência moral empobrecida, conhecida como farisaísmo:

numa passagem bíblica, um fariseu (membro de uma seita religiosa) louva o seu próprio comportamento, agradecendo a Deus por não ser "como os outros" que transgridem

as normas. Tal formalismo muitas vezes está ligado a pretensão e à hipocrisia.

Por outro lado, se aceitarmos como predominante a interrogação de onde ela depende exclusivamente da sanção pessoal, recai no individualismo, na "tirania da intimidade" e,

consequentemente, no amoralismo, na ausência de princípios.

Ora, o homem não é um ser solitário, um Robinson Crusoe na ilha deserta, mas "convive" com pessoas, e qualquer ato seu compromete os que o cercam.

Portanto, é preciso considerar os dois pólos contraditórios do problema: a implicação recíproca entre determinismo e liberdade, entre adaptação e desadaptação à norma, aceitação e recusa da interdição.

Para tanto, o aspecto social é considerado sob dois pontos de vista: pelo crivo da dimensão pessoal, o social readquire a perspectiva humana e madura que destaca a ênfase na intersubjetividade essencial da moral. Isto é, quando criamos

valores, não o fazemos para nós mesmos, mas enquanto seres sociais que se relacionam com os outros.

Essa questão é importante sobretudo nos tempos atuais, quando não há a homogeneidade de pensamento e valores. Hoje, nas cidades cosmopolitas, há

múltiplas expressões de

moralidade, e a sabedoria consiste na aceitação tolerante dos valores diferentes, evitando o moralismo, que consiste na tentativa de impor nosso ponto de vista aos outros.

Isso não deve ser interpretado como defesa do extremo relativismo expressa: "Os direitos do homem, tais como em geral têm sido enunciados no século XVIII, estipulam condições mínimas do exercício da moralidade. Por certo, cada um

não deixará de aferrar-se à sua moral; deve, entretanto, aprender a conviver com outras,

reconhecer a unilateralidade de seu ponto de vista. E com isto está obedecendo à sua

própria moral de uma maneira especialíssima, tornando os imperativos categóricos dela como

um momento particular do exercício humano de julgar moralmente. O do bandido e o do ladrão tornam-se repreensíveis do ponto de vista pois violam o princípio da tolerância e atingem direitos humanos fundamentais"².

² José Arthur Gianotti, Moralidade pública e moralidade privada, in Adauto Novaes (org.), Ética, p. 245.

1. O ato moral

Estrutura do ato moral

A instauração do mundo moral exige do homem a consciência crítica que reconhecemos como válidas para orientar a nossa escolha: é a consciência que discerne o valor moral dos nossos atos.

O ato moral é portanto constituído de dois aspectos: o normativo

O normativo são as normas ou regras de ação e os imperati

O normativo são as normas ou regras de ação e os imperati

O fatual são os atos humanos enquanto se realizam efetivamente.

Pertencem ao âmbito do normativo regras como: "Cumpra a sua obrigação na experiência vivida. Os dois pólos são distintos, mas inseparáveis. A norma só tem sentido se

orientada para a prática, e o fatual só adquire contorno moral quando se refere à norma.

O ato efetivo será moral ou imoral, conforme esteja de acordo ou não com a norma estabelecida. Por exemplo, diante da norma "Não minta", o ato de mentir será

considerado imoral. Convém lembrar aqui a discussão estabelecida anteriormente a respeito do social e do pessoal na moral. Nesse caso estamos considerando que o

ato só pode ser moral ou imoral se o indivíduo introjetou a norma e a tornou sua, livre e conscientemente.

Considera-se amoral o ato realizado à margem de qualquer consideração "sem princípios" quer pautar sua conduta a partir de situações do presente e ao sabor das decisões momentâneas, sem nenhuma referência a valores.

É a negação da moral.

Convém distinguir a postura amoral da não-moral, quando usamos o exemplo, quando é feita a avaliação

estética de um livro, a postura do crítico é não-moral; isso não significa que ele próprio não tenha

princípios morais nem que a própria obra não possa ser imoral, mas o que está sendo observado é

o valor da obra como arte. As discussões a respeito do que é ou não é uma obra pornográfica se encontram muitas vezes

prejudicadas devido à intromissão da moral em campos onde não foi chamada, o que muitas vezes tem

justificado indevidamente a ação da censura.

O ato voluntário

Se o que caracteriza fundamentalmente o agir humano é a capacidade moral propriamente voluntário, ou seja, um ato de vontade que decide pela busca do fim proposto.

Nesse sentido, é importante não confundir desejo e vontade. O desejo não resulta de escolha. Já a vontade consiste no poder de parada que exercemos diante do desejo.

Seguir o impulso do desejo sempre que ele se manifesta é a negação da moral e da

possibilidade de qualquer vida em sociedade.

Aliás, não é essa a aprendizagem da criança,

que, a partir da tirania do desejo, deve chegar

ao controle do desejo? Observe que não estamos dizendo repressão do desejo, pois a repressão é uma força externa que coage, enquanto

o controle supõe a autonomia

do sujeito que escolhe entre os seus desejos, os prioriza e diz: "Este fica para depois"; "Aquele não devo realizar nunca"; "Este realizo agora com muito gosto"...

O ato responsável

A complexidade do ato moral está no fato de que ele provoca efeitos na própria sociedade como um todo.

Portanto, para que um ato seja considerado moral, ele deve ser 1 um ato solitário e sim solidário. O ato moral supõe a solidariedade, a reciprocidade com aqueles com os quais nos comprometemos. E o compromisso não deve ser entendido

como algo superficial e exterior, mas como o ato que deriva do ser total do homem, como uma

"promessa" pela qual ele se encontra vinculado à comunidade.

O comportamento moral é consciente, livre e responsável. É também obrigatório, cria um dever. Mas a natureza da obrigatoriedade moral não reside na exterioridade:

é moral justamente porque deriva do próprio sujeito que se impõe a necessidade do cumprimento da norma. Pode parecer paradoxal, mas a obediência à lei livremente

escolhida não é prisão; ao contrário, é liberdade.

A consciência moral, como juiz interno, avalia a situação, consue os próprios atos. O compromisso humano que daí deriva é a obediência à decisão.

No entanto, o compromisso não exclui a não-obediência, o que det Gabriel Marcel diz: "O homem livre é o homem que pode prometer e pode trair", Isso significa que, para sermos realmente livres, devemos ter a possibilidade sempre aberta

da transgressão da norma, mesmo daquela que nós mesmos escolhemos.

Para entendermos melhor, consideremos as noções de heteronomia e

A palavra heteronomia (hetero. "diferente", e nomos, "lei") sign
da tradição e obedecemos passivamente aos costumes por conformismo ou por
temor à reprovação da sociedade ou dos deuses.

É característica do mundo infantil viver na heteronomia. A autonomia (auto,
"próprio") não nega

a influência externa e os determinismos, mas recoloca no homem a capacidade
de refletir sobre as limitações que lhe

são impostas, a partir das quais orienta a sua ação para superar os
condicionamentos. Portanto, quando decide pelo dever de cumprir uma norma, o
centro da decisão

é ele mesmo, a sua própria consciência moral. Autonomia é autodeterminação.

A virtude

Etimologicamente, virtude vem da palavra latina vir, que designa
está ligada à idéia de força, de poder. Virtuoso é aquele capaz de exercer uma
atividade em nível de

excelência, como, por exemplo, um virtuoso do violino.

Em todos esses sentidos persiste a idéia de força, de capacidade
moral, a virtude do homem é a força com a qual ele se aplica ao dever e o
realiza. A

virtude é a permanente disposição para querer o bem, o que supõe a coragem de
assumir os valores escolhidos e enfrentar os obstáculos que dificultam a ação.

Uma vida autenticamente moral não se resume a um ato moral, mas
"uma andorinha, só,

não faz verão" para dizer que o agir virtuoso não é ocasional e fortuito, mas deve
se tornar um hábito, fundado

no desejo de continuidade e na capacidade de perseverar

no bem. Ou seja, a verdadeira vida moral se condensa na vida virtuosa.

1. Conclusão

O delicado tecido da moral diz respeito ao indivíduo no mais fundo. Embora a ética não se confunda com a política, cada uma tendo seu papel na justiça social a todos, permite a melhor formação moral dos indivíduos. Por outro lado, as

exigências éticas não se separam da ação dos governantes, que não devem interpor seus interesses pessoais aos coletivos.

Estabelecer a dialética entre o privado e o público é tarefa de aprendizagem e têmpera. É assim que se forja o caráter das pessoas.

Exercícios

1. O que significa dizer que a não-indiferença é a essência do "valor"?

2. Explique esta afirmação: O homem, diferentemente do animal,

3. Em que consiste o caráter histórico-social da moral? E

4. Ao explicar a superação dos dois pólos contraditórios (individual e pessoal), analise a citação de Pascal que consta da epigrafe do capítulo:

"A Verdadeira moral zomba da moral".

5. Por que, mesmo considerando a tolerância um valor máximo da moral de grupos como a Mafia, a Klu-Klux-Klan ou grupos neonazistas?

6. O que determina que um ato seja considerado moral ou imoral?

1. O que é um ato amoral? E o não-moral?

8. Todo ato moral deve ser julgado em função dos motivos, fins,

9. Explique: "Mão há moral do desejo; só é moral o ato voluntário".

1. O que é heteronomia? E autonomia?

11. O que significa progresso moral? Por que não pode ser

2. Explique: No mundo contemporâneo, muitas pessoas não têm condição de vida

autenticamente moral.

13. Leia o texto complementar I, "O crime Elegante", e re

a) Quais são os tipos de violência analisados no texto?

b) Explique como numa sociedade dividida em classes há, ao lado da violência física aparente, um

outro tipo de violência que é velada (que não se revela à primeira vista).

c) Explique como a ênfase dada à violência física de rua denota uma postura individualista.

d) Indique outros tipos de distorção semelhantes na avaliação dos atos de violência.

e). Interprete o texto usando os conceitos aprendidos no Capítulo 5 - Ideologia.

14. Leia o texto complementar II, "Interdição e

a) O que significa "um tipo de transgressão que não suprima as i

b) Qual é a diferença entre a transgressão autêntica e a

15. Leia o texto III, "Diante da Lei", e interprete-o usa

a) O camponês "esquece-se dos outros". "retorna á infância

se considerarmos o comportamento moral do camponês? O que significa "morrer" nesse contexto?

b) Explique o significado do guarda na porta da Lei, recondição heteronomia e autonomia.

c) Interprete a última frase do texto a partir do aspecto

d) Relacione o texto de Kafka com o anterior, "Interdição
Textos complementares

1

O crime "elegante"

Os temas da violência urbana são importantes, mas estão permitindo a violência cujas consequências são muito mais sérias para a sociedade como um todo: a dos criminosos de paletó e gravata.

Essa desfocagem é gravíssima. O grupo social está consciente da pena de morte para assassinos e estupradores. Todavia, encara com indiferença e até com desalentada passividade que o grande golpista dos dólares, o despudorado

ladroão de ações, o cínico criminoso das empresas públicas, o impiedoso manipulador do mercado imobiliário fiquem impunes.

Essa é uma atitude irracional e primária. Entretanto, aparentemente colunável que se sustenta em sucessivos golpes, ao preço da infelicidade e do patrimônio alheio, muitas vezes levando famílias inteiras à ruína, é encarado como aventureiro ousado e, às vezes, até mesmo como provido de um certo charme.

O "trombadinha", ainda que menor de idade, ao tirar uma carteira e sair em disparada, sempre encontra quem o queira linchar. Sobre ele se abate, com facilidade,

a baba do ódio que está alojada nos sentimentos do povo.

A causa aparente do absurdo está na indiferença ante o grande da
é evidente que sob o impacto de cobertura maciça da imprensa escrita e da
televisão-se sensibilizou até as lágrimas com o caso dos reféns americanos.
Todavia, são

muito poucos os que se afligem com as dezenas de crianças que diariamente
morrem de inanição neste nosso Brasil. Do ponto de vista do direito essa atitude
repercute

em leis que tendem a ser cada vez mais rigorosas com o pequeno criminoso
individual, ainda

que brutal e impiedoso, e cada vez mais generosas com os "assaltantes" que
ouvem

Bach, que distinguem Picasso de Miró, a um primeiro olhar, ou que,
simplesmente,

tendo amealhado fortuna, sentem-se desobrigados de qualquer gesto de respeito
pelo patrimônio alheio ou pela dignidade.

A lei, pelo tratamento benévolo que dá a esses delitos, incentiv
o grupo social não consegue sensibilizar-se para a imensa fonte de danos que tais
delitos provocam. Diversamente portanto do que acontece com os crimes
individuais

geralmente praticados pelo maloqueiro e pelo favelado, e, por isso,
juridicamente

"pequenos".

Alguns exemplos ilustram o que quero dizer. O cidadão que, por c
a dois anos, embora ponha em risco a vida e a saúde de muita gente, como se
tem visto em casos repetidos. Aquele que corrompa, adultere ou falsifique
substância

alimentícia destinada ao consumo público sujeita-se a uma pena máxima de seis

anos. Ou seja, dois anos mais que a do autor de apropriação indébita de uma caneta-tinteiro.

Todavia, dois anos menos que o criminoso do furto qualificado, ainda que o produto seja de umas poucas centenas de cruzeiros.

O funcionário público, prevaricador - tanto o pequeno quanto o g
de ofício, para satisfazer interesse ou sentimento pessoal, corre o risco máximo -
rarissimamente aplicado - de um ano de detenção, seja qual for a relevância
social

do ato praticado.

A formulação da lei tem um defeito de origem, como se demonstrar
exemplos, se fossem necessários. Os que aí ficaram são, porém, suficientes

para evidenciar outro aspecto relevante: é a elite que faz a lei. Escreve-a a seu
gosto, voltada para seus principais interesses. Os únicos, aliás, de que tem
compreensão

adequada. Só assim é possível entender que a fraude no comércio, consistente
em enganar intencionalmente o adquirente ou o consumidor, vendendo
mercadoria falsificada

ou deteriorada como se fosse verdadeira, merece apenas detenção de seis meses
a dois anos, pouco importando qual o prejuízo causado ou quais sejam os
enganados.

Porém, para o rufião, que explora uma prostituta, a pena é de reclusão de uma
quatro anos. O pequeno

comerciante, porém. pode até ser levado a ajoelhar-se diante

do juiz, como aconteceu há pouco³. É a punição que recebe por ser pequeno...

A óptica social está errada. A atitude da sociedade é burra, qua
criminoso de punhos de seda, cuja conduta tem um terrível subproduto

ainda insuficientemente avaliado. Subproduto consistente na contribuição para o agravamento das condições sócio-econômicas da maioria do povo, geradores principais

das agressões urbanas. E, paradoxo dos paradoxos: algumas das vozes mais calorosas do combate à violência assustadora mas nascida no submundo da metrópole certamente

seriam caladas se fosse possível punir a grande e desumana violência dos criminosos

de paletó e gravata. Isso porque algumas dessas vozes pertencem a eles. Essa é uma realidade que ainda não atingiu a consciência do povo.

(Walter Ceneviva. in Folha de S. Paulo, 6.2.1981)

1. O autor se refere a um caso noticiado nos jornais: por questões pessoais, o juiz de direito de uma cidade do interior do

Estado de São Paulo humilhou um padeiro, obrigando-o a ajoelhar-se e pedir perdão.

II

Interdição e transgressão

O homem é o ser que produz interdições. (,.) A vida social, com simbólicos,

exige necessariamente uma rede de interdições que assinalam os lugares de ruptura entre o homem e o animal.

Mas o que define o homem é a transgressão. Não quer isto dizer q interdições, mas as mantenha transgredidas. Existe, assim, "uma cumplicidade profunda da lei e de sua

violação".* (á A transgressão é o rasgar das normas, é a subversão

de uma ordem. Existem inúmeras formas de existência inautêntica, que são aquelas que nos indicam as diversas figuras da alienação. A existência autêntica é a que se lança na exploração do possível rumo ao impossível que lhe acena e a obceca, lugar absoluto da ação, limiar da loucura.

A existência inautêntica pode subordinar-se à Lei, reificá-la na teremos o universo modelar do catecismo e da "moralina", das boas ações e dos bons sentimentos, dos discursos de inauguração e dos artigos de fundo, do adocicado

e viscoso da palavra virtuosa, da mediocridade resignada e quase feliz no seu destino dócil, dos mitos da autoridade e da identidade, do comportamento íntegro que

não oferece dúvidas.

(...) Devemos distinguir entre a transgressão autêntica e a pseudotal libertação é apenas a máscara de uma repressão redobrada". As pseudotransgressões são brechas abertas na muralha da moral que apenas servem para consolidar a

resistência dessa muralha. É por isso que certas atitudes "escandalosas" são toleradas, e até mesmo cultivadas, porque elas constituem a face demoníaca que estabelece,

numa sutil contabilidade, o equilíbrio da repressão social. Determinados meios, determinadas camadas (ajuventude como momento de purificação que antecede a austeridade

de uma vida), determinadas ruas, determinadas formas de clandestinidade, são apenas álibis por meio dos quais a sociedade obtém a dosagem exata da sua moral.

*"Georges Bataille.

"Ce qui vient au monde pour ne rien troubler ne mérite ni égards ni patience."4
(René Char)

"Aquele que vem ao mundo para nada alterar não merece nem consideração nem paciência.

(Eduardo Prado Coelho, Introdução à obra Estruturalismo; antologia de textos teóricos. Lisboa, Martins Fontes, Portugália Ed., p. LXVIII.)

III

Diante da Lei

Diante da Lei há um guarda. Um camponês apresenta-se diante desta porta para que permita entrar na Lei. Mas o guarda responde que por enquanto não pode deixá-lo entrar. O homem

reflete, e pergunta se mais tarde o deixarão entrar.

- É possível - disse o porteiro - " mas não agora.

A porta que dá para a Lei está aberta, como de costume; quando o homem inclina-se para espiar. O guarda vê isso, ri-se e lhe diz:

- Se tão grande é o teu desejo, experimenta entrar apesar de mim. No salão e salão também existem guardas, cada qual mais poderoso do que o outro. Já o terceiro guarda é tão terrível que não posso suportar seu aspecto.

O camponês não havia previsto estas dificuldades; a Lei deveria ter-lhe dito seu nariz grande e como de águia, sua barba longa de tártaro, rala e negra, resolve que mais lhe convém esperar. O guarda dá-lhe um banquinho, e permite-lhe sentar-se

a um lado da porta. Ali espera dias e anos. Tenta infinitas vezes entrar, e cansa ao guarda com suas súplicas. Com frequência o guarda mantém com ele breves palestras,

faz-lhe perguntas sobre seu país, e sobre muitas outras coisas; mas são perguntas indiferentes, como as dos grandes senhores, e para terminar, sempre lhe repete

que ainda não pode deixá-lo entrar. O homem, que se abasteceu de muitas coisas

para a viagem, sacrifica tudo, por mais valioso que seja, para subornar ao guarda.

Este aceita tudo, com efeito, mas lhe diz:

- Aceito-o para que não julgues que tenhas omitido algum esforço

Durante esses longos anos, o homem observa quase continuamente o outros, e parece-lhe que este é o único obstáculo que o separa da Lei. Maldiz sua má sorte, durante os

primeiros anos temerariamente e em voz alta; mais tarde, à medida que envelhece, apenas

para si. Retorna à infância, e, como em sua longa conten-
conhecer até as pulgas de seu abrigo de pele, também suplica às pulgas que o ajudem e convençam ao

guarda.

Finalmente, sua vista enfraquece-se, e já não sabe se realmente há menos luz, ou se apenas o

enganam seus olhos. Mas em meio da obscuridade distingue um resplendor, que surge

inextinguível da Lei. Já lhe resta pouco tempo de vida. Antes de morrer, todas

as experiências desses longos anos se confundem em sua mente em uma só pergunta, que até agora não formou. Faz sinais

ao guarda para que se aproxime, já que o rigor da morte endurece seu corpo. O guarda vê-se obrigado

a baixar-se muito para falar com ele, porque a disparidade de estaturas

entre ambos aumentou bastante com o tempo, para detrimento do camponês.

- Que queres saber agora"? pergunta o guarda. - És insaciável.

- Todos se esforçam por chegar à Lei - diz o homem -; como é possível então que durante

tantos anos ninguém mais do que eu pretendesse entrar?

O guarda compreende que o homem já está para morrer, e, para que seus desfalecentes sentidos

percebam suas palavras, diz-lhe junto ao ouvido com voz atroadora:

- Ninguém podia pretender isso, porque esta entrada era somente para ti. Agora vou fechá-la.

(F. Katka, Diante da Lei, in A colônia penal, São Paulo, Livr. Exposição do Livro, 1965, p. 71.)

CAPITULO 28

CONCEPÇÕES ÉTICAS

A civilização científico-técnica confrontou todos os povos, nação suas tradições morais, culturais e grupais com suas respectivas especificidades.

Pela primeira vez na história da humanidade, os homens estão diante da tarefa prática de

assumir a responsabilidade solidária pelas consequências de suas ações, seguindo parâmetros de dimensões planetárias.

(K.-O. Apel)

1. Mito, tragédia e filosofia

Uma das características da consciência mítica é a aceitação do c pelos deuses; em conseqUência, não se pode falar propnamente em comportamento ético, uma vez que falta a dimensão de subjetividade que caracteriza o ato livre e autônomo.

Ao analisarmos a passagem do mito à razão no Capítulo 7 vimos co pela consciência trágica que representa o momento em que o mito não foi totalmente superado e ainda não se firmou a consciência filosófica.

A tragédia grega floresceu por curto período, e os autores mais Ésquilo (525-456a.C.), Sófocles (496-c.406a.C.) e Eurípedes (c.480-406a.C.).

O conteúdo das peças é retirado dos mitos, mas há algo de novo no tratamento que os autores - sobretudo Sófocles - dão ao relato das façanhas dos heróis.

Tomemos por exemplo a tragédia Édipo-Rei de Sófocles. Nela conta

dia de assassiná-lo, casando-se em seguida com a própria mãe. Por isso, Laio antecipa-se ao destino e manda matá-lo, mas suas ordens não são cumpridas, e a criança

cresce em Lugar distante. Quando adulto, Édipo consulta o oráculo e ao tomar conhecimento do destino que lhe fora reservado, foge da casa dos supostos pais

a fim de evitar o cumprimento daquela sina. No caminho desentende-se com um desconhecido - e o mata. Esse desconhecido era, sem que Édipo sonhesse, seu verdadeiro

pai. Entrando em Tebas, casa com Jocasta, viúva de Laio, ignorando ser ela sua mãe. E assim se cumpre o destino.

Mesmo que Sófocles tenha tomado do mito o enredo da história, as figuras lendárias apresentam-se com

a face humanizada, agitam-se e questionam o destino. A todo momento emerge a força nova da vontade

que se recusa a sucumbir aos desígnios divinos e tenta transcender o que lhe é dado com um ato de liberdade. E, mesmo quando a intuição de Édipo lhe indica ser ele

próprio o assassino procurado em Tebas, leva o inquérito até o fim, como se estivesse em busca da própria identidade ("O dia de hoje te fará nascer e te matará").

Mas, se no final vence o irracional, Édipo não foi um ser passivo contra o destino levada a cabo pelo homem que surge como um ser de vontade. Quando no final Édipo se cega, diz:

"Apolo me culminou com os mais horrorosos sofrimentos.

Mas estes olhos vazios não são obra dele, mas obra minha".

A tentativa de reflexão retrata o logos nascente. Daí em diante

1. A concepção grega de moral

No período clássico da filosofia grega, os sofistas rejeitam a t na mesma linha de oposição aos fundamentos religiosos, Sócrates se contrapõe aos sofistas ao buscar aqueles princípios não nas convenções, mas na natureza humana.

Inúmeros são os diálogos de Platão em que são descritas as discu que a virtude se identifica com a sabedoria e o vício com a ignorância: portanto, a virtude pode ser aprendida.

Na célebre passagem de A República em que Platão descreve o mito 10) reaparece essa idéia: o sábio é o único capaz de se soltar das amarras que o obrigam a ver apenas sombras e, dirigindo-se para fora, contempla o sol, que representa a idéia do Bem.

Portanto, "alcançar o bem" se relaciona com a capacidade de "com só a ele cabe a virtude

maior da justiça e portanto lhe é reservada a função de governar. Outras virtudes menores, mas também importantes para a cidade, caberão aos soldados defensores

da pólis e aos trabalhadores comuns, artesãos e comerciantes.

Herdeiro do pensamento de Platão, Aristóteles aprofunda a discus não nos prazeres nem na riqueza, mas na vida teórica e contemplativa cuja plena realização coincide com o desenvolvimento da racionalidade.

O que há de comum no pensamento dos filósofos gregos é a concepç sabedoria, do controle racional dos desejos e paixões.

Além disso, o sujeito moral não pode ser compreendido ainda, com atuais, na sua completa individualidade. Os homens gregos são antes de tudo

cidadãos, membros integrantes de uma comunidade, de modo que a ética se acha intrinsecamente ligada à política.

No período helenista, os filósofos se ocupam predominantemente c

Para os hedonistas (do grego hedoné, "prazer"), o bem se encontra ao contrário do que se poderia supor, o principal representante do hedonismo grego, Epicuro (341-270 a.C.), considera que os prazeres do corpo são causas de ansiedade

e sofrimento. Para permanecer imperturbável, a alma precisa desprezar os prazeres materiais, o que leva Epicuro a privilegiar os prazeres espirituais, dentre os

quais aqueles referentes à amizade.

Na mesma época, o estóico Zeno de Cítio (336-264 a.C.) despreza porque só produzem sofrimento e por isso a vida virtuosa do homem sábio, que vive de acordo com a natureza e a razão, consiste em aceitar com impassibilidade o destino

e o sofrimento.

As teorias estóicas foram bem aceitas pelo cristianismo ainda na Romano, tendo também fecundado as idéias ascéticas do período medieval.

1. A moral iluminista

Durante a Idade Média, a visão teocêntrica do mundo fez com que e do mal se achavam vinculados à fé e dependiam da esperança de vida após a morte.

Na perspectiva religiosa os valores são considerados transcendent moral com o homem temente a Deus.

No entanto, a partir da Idade Moderna, culminando no movimento d

XVIII, a moral se torna laica, secularizada. Ou seja, ser moral e Ser religioso não são pólos inseparáveis, sendo perfeitamente possível que um homem ateu seja

moral, e mais ainda, que o fundamento dos valores não se encontre em Deus, mas no próprio homem.

O movimento intelectual do século XVIII conhecido como Iluminismo
Século das Luzes exalta a capacidade

humana de conhecer e agir pela "luz da razão". Critica a religião que submete o homem à heteronomia, que o subjuga a preconceitos e o conduz ao fanatismo. Rejeita

toda tutela que resulta do princípio de autoridade. Em contraposição, defende o ideal de tolerância e autonomia.

No lugar das explicações religiosas, a Ilustração fornece três tipos de lei natural (teses jusnaturalistas), no interesse (teses empiristas, que explicam a ação humana como busca do prazer e evitação da dor) e na própria razão (tese kantiana).

Kant

A máxima expressão do pensamento iluminista se encontra em Kant além da Crítica da razão pura (ver Terceira Parte do Capítulo 10), escreveu a Crítica da razão prática e Fundamentação da metafísica dos costumes, nas quais desenvolve a sua teoria moral.

A razão prática diz respeito ao instrumento para compreender o mundo e orientar o homem na sua ação. Analisando os princípios da consciência moral, Kant conclui que a vontade humana é verdadeiramente moral quando regida por imperativos

categoricos. O imperativo categórico é assim chamado por ser incondicionado, absoluto, voltado para a realização da ação tendo em vista o dever.

Nesse sentido, Kant rejeita as concepções morais que predominam na filosofia grega, quer seja da cristã, e que norteiam a ação moral

a partir de condicionantes como a felicidade ou o interesse. Por exemplo, não faz sentido agir bem com o objetivo de ser feliz ou

evitar a dor, ou ainda para alcançar

o céu ou não merecer a punição divina.

O agir moralmente se funda exclusivamente na razão. A lei (para o homem enquanto ser racional), e é necessária, pois é ela que preserva a dignidade dos homens. Isso pode ser sintetizado nas seguintes afirmações do próprio Kant:

"Age de tal modo que a máxima de tua ação possa sempre valer como princípio universal de conduta"; "Age sempre de tal modo que trates a Humanidade, tanto na tua

pessoa como na do outro, como fim e não apenas como meio".

A autonomia da razão para legislar supõe a liberdade e o dever. e sim livremente assumida pelo sujeito que se autodetermina.

Vamos exemplificar. Suponhamos a norma moral "não roubar":

- para a concepção cristã o fundamento da norma se encontra
- para os teóricos jusnaturalistas (como Rousseau) ela se funda
- para os empiristas (como Locke, Condillac) a norma deriva do interesse público ou à prisão;
- para Kant, a norma se enraíza na própria natureza da razão; ao

(pessoal) ao nível universal, haverá uma contradição: se todos podem roubar, não há como manter a posse do que foi furtado.

O pensamento de Kant foi importante para fornecer as bases a partir do final do século XIX e ao longo do século XX, os filósofos começam a se posicionar contra a moral formalista kantiana fundada na razão universal, abstrata,

e tentam encontrar o homem concreto da ação moral.

É nesse sentido que podemos compreender o esforço de pensadores

1. Marx: a moral como superestrutura

No século XIX as relações entre capitalistas e proletariado atiraram a teorização desses fenômenos, particularmente por duas ciências nascentes, a economia e a sociologia.

Deriva daí a preocupação empírica em examinar a situação concreta (ver Segunda Parte do Capítulo 24) que, ao desenvolver a teoria do materialismo dialético, considera que "o ser social determina a consciência", ou seja, "o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral". Isso significa que as expressões da consciência humana

- inclusive a moral - são o reflexo das relações que os homens estabelecem na sociedade para produzirem sua existência, e portanto mudam conforme se alteram os modos

de produção.

Nesse sentido, Marx desenvolve outra linha de pensamento, difere-se ao orientar-se em direção aos valores universais aceitos em todas as épocas. Ao contrário, Marx busca recuperar o homem concreto na atividade produtiva que determina relações de produção muito específicas conforme o

tempo e o lugar. Esse tipo de análise lhe permite observar que, onde existe sociedade dividida

em classes, com interesses antagônicos, a moral da classe dominante predomina, impõe-se sobre a classe dominada e torna-se instrumento ideológico para manter a dominação.

Por isso, só na sociedade mais fraterna, sem a exploração de uma com sua concepção comunista, Marx preconiza que as condições da moral verdadeira só existiriam na sociedade sem Estado e sem propriedade privada. Para ele, mesmo

que a moral diga respeito à esfera pessoal, não há como viver moralmente em um mundo que ainda não tenha instaurado a ordem da justiça social.

1. Nietzsche: a transvaloração dos valores

O pensamento de Nietzsche (1844-1900) se orienta no sentido de r Para tanto, critica Sócrates por ter encaminhado pela primeira vez a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Segundo Nietzsche, nasce aí o homem

desconfiado de seus instintos, tendo essa tendência culminado com o cristianismo, que acelerou a "domesticação" do homem.

Em diversas obras, como Sobre a genealogia da moral, Para além d Crepúsculo dos ídolos, em estilo apaixonado e mordaz, Nietzsche faz a análise histórica da moral e denuncia a incompatibilidade entre esta e a vida. Em outras palavras, o homem, sob o domínio da moral, se enfraquece, tornando-se doentio e culpado.

Nietzsche relembra a Grécia homérica, do tempo das epopéias e da quando a virtude reside na força e na potência, sendo atributo do guerreiro belo e bom, amado dos deuses.

Nessa perspectiva, o inimigo não é mau:

"Em Homero, tanto o grego quanto o troiano são bons. Não passa por mau aquele que nos inflige algum dano, mas aquele que é desprezível".

Ao fazer a crítica da moral tradicional, Nietzsche preconiza a "escravos", cujos valores seriam a bondade, a humildade, a piedade e o amor ao próximo. Contrapõe a ela a moral "de senhores", uma moral positiva que visa à conservação da vida e dos seus instintos fundamentais.

A moral de senhores é positiva, porque baseada no sim à vida, e plenitude, do acréscimo. Por isso se funda na capacidade de criação, de invenção, cujo resultado é a alegria, consequência da afirmação da potência. O homem que consegue superar-se é o Super-homem (Übermensch, expressão

alemã que significa "além-do-homem", "sobre-humano", "que transpõe os limites do humano").

À moral aristocrática, moral de senhores, que é sadia e voltada a ruptura entre o trágico e o racional) e a tradição da religião judaico-cristã. A moral que deriva daí é a moral de escravos, moral decadente porque baseada na tentativa de subjugação dos instintos pela razão, O homem-fera, animal de rapina, é transformado em animal doméstico ou cordeiro. A moral plebéia estabelece um sistema

de juízos que considera o bem e o mal valores metafísicos transcendentais, isto é, independentes da situação concreta

vivida pelo homem.

A moral de escravos nega os valores vitais e resulta na passividade. A alegria é transformada em ódio à vida, o ódio dos impotentes. A conduta humana, orientada pelo ideal ascético,

torna-se marcada pelo ressentimento e pela má consciência.

O ressentimento nasce da fraqueza e é nocivo ao fraco. O homem r impotência de vingança. Ao contrário, o homem nobre sabe "digerir" suas experiências, e esquecer é uma das condições de manter-se saudável. A má consciência ou sentimento

de culpa é o ressentimento voltado contra si mesmo, daí fazendo nascer a noção de pecado, que inibe a ação.

O ideal ascético nega a alegria da vida e coloca a mortificação alcançar a outra vida num mundo superior, do além.

Assim, as práticas de altruísmo destroem o amor de si, domesticando os instintos e produzindo gerações de fracos.

"É por isso que contra o enfraquecimento do homem, contra a tran uma perspectiva além de bem e mal, isto é, "além da moral". Mas, por outro lado, para além de bem e mal não significa para além de bom e mau. A dimensão das forças,

dos instintos, da vontade de potência, permanece fundamental. "O que é bom? Tudo que intensifica no homem o sentimento de potência, a vontade de potência, a própria

potência. O que é mau? Tudo que provém da fraqueza."

R. Machado, Nietzsche e a verdade, p. 77.

1. Freud: as ilusões da consciência

As crenças racionalistas do poder que o homem teria de controlar tornar-se o centro de suas próprias decisões foram seriamente abaladas pela teoria psicanalítica desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939). Já vimos um pouco de seu pensamento no Capítulo 16 (As ciências humanas) e examinaremos outros aspectos

no Capítulo 34 (O erotismo).

Ao levantar a hipótese do inconsciente, Freud descobre o mundo o que se encontram na raiz de todos os comportamentos humanos, mesmo daqueles que à primeira vista não aparecem como sendo de natureza sexual.

Para Freud, o ego, enquanto instância consciente da personalidade, está sujeito às regras sociais (introjetadas pelo superego), que nem sempre pode agir equilibradamente. Ao explicar os mecanismos da repressão, Freud revela que o neurótico não

age plenamente consciente dos determinantes da sua ação. Ora, se a moral supõe a autonomia, nada mais distante disso do que o comportamento resultante da repressão

dos impulsos.

Não resta dúvida de que o amplo desenvolvimento da psicanálise com ênfase nos valores da vida e da espontaneidade, o que certamente ajudou na superação de preconcei

tos e comportamentos hipócritas, bem como na valorização do corpo e das paixões.

Se por um lado isso foi saudável, pois a repressão sempre desencorajou (para Freud e para os psicanalistas) a compreensão clara de que o reconhecimento e o controle dos desejos (e não a repressão deles) é indispensável para o adentramento

no mundo adulto e a realização da vida moral.

E nesse sentido que o próprio Freud termina a quarta lição do seu livro: "o tratamento psicanalítico como simples aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis".

Essa educação consiste na aceitação do desejo, na sua recusa con

1. A filosofia da existência

No século XIX, o filósofo dinamarquês Kierkegaard foi o primeiro de escolha. Mais tarde, no século seguinte, os existencialistas continuaram o caminho por ele aberto, tentando compreender a singularidade da escolha livre.

Quando analisamos o pensamento de Sartre (ver Capítulo 31 - O exatidão da passagem:

"O conteúdo (da moral) é sempre concreto e por conseguinte imprevisível; há sempre invenção. A única coisa que conta é saber se a invenção que se faz, se faz em

nome da liberdade".

A decorrência desse pensamento é a dificuldade em estabelecer os princípios de uma ética que não sucumbisse ao individualismo e relativismo, já que, segundo o próprio Sartre, "cada homem é responsável por toda a Humanidade".

1. A questão moral contemporânea

Retomemos o caminho percorrido até aqui. Vimos que, a partir da Renascença, culminando na Ilustração, a moral se seculariza, permitindo a construção de um projeto moral desligado da religião e cujo fundamento se encontra na razão autônoma.

Contudo, nos séculos seguintes, várias críticas foram feitas à razão, ora por se tornar instrumento de opressão política, mascarando a ideologia. Poderíamos acrescentar muitas outras queixas dirigidas à razão enquanto instrumento capaz

de desenvolver a ciência e a tecnologia, mas impotente para resolver os problemas por elas desencadeados.

Ainda mais, vimos que o Iluminismo valoriza a autonomia do sujeito à inversão da hierarquia tradicional razão-paixão, ao individualismo exacerbado,

à anarquia dos valores, o que culmina com a impossibilidade do equacionamento dos

critérios da vida moral.

Outra característica da vida moral contemporânea é a existência particularismos contrapostos ao antigo ideal de universalidade da moral. Mais do que nunca predomina a atomização em diversas morais: dos

jovens, das seitas religiosas, dos movimentos ecológicos e pacifistas, dos homossexuais, das feministas e assim por diante.

Com tal observação, não negamos a importância dessas morais, já em busca do reconhecimento e aceitação por parte dos que os discriminam e excluem. O que realçamos com a referida atomização é que muitas vezes ocorre a perda do

sentido de totalidade da ação humana.

Só para dar um exemplo: é importante o esforço dos movimentos feministas, das questões políticas, pode levar - como muitas vezes levou - a certos descaminhos. Afinal, a emancipação feminina não pode ser compreendida apenas apartir da oposição

homem-mulher, mas como um dos elos do sistema de poder mais amplo em uma sociedade dividida, onde persistem formas de exploração de trabalho humano.

Além disso, da atomização resulta a percepção de que a ação moral não tem fundamentos, o que nos condena ao relativismo das decisões imediatistas e aos casuísmos.

Tal situação oferece alguns sérios riscos de regressão para soluções. Sérgio Paulo Rouanet: "A tentação mais óbvia é recolocar a moral sobre fundamentos religiosos. O cristianismo tradicional está sempre disponível, mas não faltam

alternativas pós-modernas, que vão desde os fundamentalismos, evangélicos ou carismáticos, até o esoterismo. Quando a tradição religiosa não basta, há receitas ecléticas,

um pouco de Jung, algum Herman Hesse, Reich em pequenas doses, e muita meditação no interior de pirâmides de cristal, entre um baralho de

tarô e um livro de Paulo Coelho.

2 Sérgio Paulo Rouanet, Dilemas da moral iluminista, in Adauto Novaes (org.), Ética, p. 157.

O novo Iluminismo

Em síntese, a situação da moral no mundo contemporâneo nos lança

- de um lado, o prevalecimento da ordem subjetiva das vivências

- de outro lado, a razão dominadora, instrumento de repressão, c

Nietzsche, Freud e muitos outros.

Filósofos tais como os representantes da Escola de Frankfurt (Horkheimer e Adorno), e, visando evitar os irracionalismos, desenvolvem o trabalho de recuperação da razão não repressora, capaz de autocrítica e que esteja a serviço da emancipação

humana.

Esses filósofos utilizam o conceito de Iluminismo em um sentido

Assim, um pensador iluminista é aquele existente em qualquer tempo e cujas idéias fazem uso das luzes da razão para combater as superstições, o arbítrio do poder

e para defender o pluralismo e a tolerância.

Em que a tendência iluminista poderia nos ajudar no impasse da burocracia, Jürgen Habermas.

Habermas e a ética discursiva

Jürgen Habermas (1929) inicialmente sofreu influência da Escola de Frankfurt, mas

dela se desligou para percorrer itinerário próprio. Desenvolveu então a teoria da ação

comunicativa, que fornece os elementos para a compreensão da ética discursiva (ver Quarta

Parte do Capítulo 10).

A ética discursiva é uma teoria da moral que recorre à razão para sua fundamentação. Embora sofra

a influência de Kant, não se fundamenta no conceito de razão reflexiva, mas de razão comunicativa. Ou

seja, enquanto na razão kantiana o juízo categórico está fundado no sujeito e supõe a razão monológica (do monólogo),

o sujeito em Habermas é descentrado, porque a razão comunicativa supõe o diálogo, a interação entre os indivíduos do grupo, mediada pela linguagem, pelo discurso.

A razão comunicativa é mais rica por ser processual, construída posicionarem criticamente diante das normas. Nesse caso, a validade das normas não deriva de uma razão abstrata e universal, nem depende da subjetividade narcísica

de cada um, mas do consenso encontrado a partir do grupo, do conjunto dos indivíduos.

Portanto, a subjetividade se transforma em intersubjetividade. Se "roube" deveria estar fundada na razão comunicativa e resultaria do discurso interpessoal.

Evidentemente, a interação entre os sujeitos precisa se fazer se

baseia na força do dinheiro),

ou do sistema político (que se funda no exercício do poder). A ação comunicativa supõe o entendimento entre os indivíduos que procuram, pelo uso de

argumentos racionais, convencer o outro (ou se deixar convencer) a respeito da validade da

norma: instaura-se aí o mundo da sociabilidade, da espontaneidade, da solidariedade, da cooperação.

Exercícios

1. Quais são os elementos em comum entre o herói trágico
2. Quais são os elementos indicativos do início da reflexão
3. Identifique o fundamento dos comportamentos ou normas
- a) "Não sou eu o culpado, mas Zeus e o Destino e a Erínia

(Observação: Erínias são deusas da vingança.)

- b) Para Aristóteles a essência do bem é a felicidade.
- c) "Chamamos ao prazer princípio e fim da vida feliz." <E
- d) "Existe, pois, no fundo das almas, um princípio inato

qual, apesar de nossas próprias máximas, julgamos nossas ações e as alheias como boas ou más, e é a esse princípio que dou o nome de consciência."

(Rousseau)

e) "Age sempre de tal modo que a máxima de tua ação possa sempre princípio universal de conduta." (Kant)

4. Qual foi a contribuição de Marx e Freud - cada um no seu campo de reflexão - para a crítica de uma concepção abstrata de valor moral?

1. Qual é a crítica feita por Nietzsche à moral cristã?

6. Por que para os filósofos da Escola de Frankfurt a desrazão não nos devem levar às formas de irracionalismo?

7. Qual é a influência de Kant na ética de Habermas? Em q

8. Interprete a epígrafe do capítulo, do filósofo Apel (t

CAPÍTULO 29

A ADOLESCÊNCIA

A liberdade adolescente é uma adolescência da liberdade, uma lib

Por que um capítulo sobre a adolescência na Unidade de filosofia moral? Certamente porque se trata do momento privilegiado da passagem do mundo infantil

ao universo adulto, em que o suposto amadurecimento da razão daria os instrumentos para ser assumida a autonomia

moral.

Além disso, essa reflexão vale enquanto alerta diante da constatação de fato alcançadas.

1. A crise da adolescência

A adolescência não é um fenômeno universal, Os antropólogos cons-
adulto se encontra nitidamente marcado pelos "ritos de (Georges Oüsdorf)
passagem" (ver Capítulo 6). Os rituais introduzem a criança no sistema de
valores bem definidos do mundo adulto, não havendo ambigüidades a respeito
dos direitos

e deveres que o novo estado lhe acarreta.

Em nossa cultura, não só há o período de adolescência, como a te-
no mercado de trabalho. Torna-se cheio de contradições o espaço de tempo em
que a pessoa, abandonando as características infantis, ainda não assumiu as
obrigações

e responsabilidades da vida adulta.

De início, o adolescente precisa elaborar algumas perdas, como, Não se reconhece mais no seu corpo, questiona-se a respeito da própria identidade.

Além disso, vive uma situação de ambigüidade: ao mesmo tempo que deseja sua atenção; tanto deseja viver o novo tanto quanto sente perder a familiaridade antiga, que lhe dava mais segurança; depende dos pais, de quem recebe casa, comida e afeto, mas diverge deles quanto aos objetivos de sua conduta; rejeita as interferências nas suas decisões, mas exige o apoio para sua subsistência.

Por outro lado, também a atitude dos pais é ambígua, pois em certos momentos exigem dos filhos o comportamento adulto (por exemplo, nas responsabilidades de estudo) e, em outros momentos, tratam-nos como crianças (por exemplo, em relação à vida sexual).

Caracteriza-se, assim, a situação de crise. Esta palavra significa "ruptura", e é preciso retomá-la evitando o sentido pejorativo que normalmente lhe é

atribuída. Crise pode significar o momento criativo em que o antigo equilíbrio desaparece para dar lugar ao novo. Crise pode ser condição de crescimento.

De fato, há várias alterações no desenvolvimento infantil, mas não se trata de um "salto qualitativo" que traz certa perplexidade ao adolescente.

1. A teoria de Piaget

Para compreendermos o que ocorre na adolescência, vamos utilizar

uma teoria conhecida como psicologia genética, base para o desenvolvimento de fecundas práticas pedagógicas.

Segundo essa teoria, não há inteligência inata, mas a gênese da criança organiza o pensamento e o julgamento. Por isso sua teoria e as que dela derivam são chamadas construtivistas, já que o saber é construído pela criança, e não imposto de fora.

Embora por questões didáticas tratemos separadamente a inteligência a força que impulsiona a ação (tendências, desejos, amor, entusiasmo etc.), a inteligência fornece os meios, esclarece os fins, disciplina a ação.

A fim de compreender a psicogênese em linhas gerais, na evolução resumiremos o desenvolvimento mental da criança desde o nascimento até a adolescência.

Vale lembrar, no entanto, que as referências às idades se refere do grupo social a que pertença a criança, haverá variação nas faixas etárias, e pode ser, como já dissemos, que as últimas etapas nem sejam atingidas.

Os quatro estágios

1º estágio: sensório-motor

A maneira pela qual o bebê (de zero a dois anos) conhece o mundo sensório-motor, ou seja, predomina o desenvolvimento das percepções sensoriais

e dos movimentos, não se podendo ainda dizer que a criança pensa. Nesse estágio, a inteligência do bebê evolui à medida que ele aprende a coordenar as sensações

e os movimentos.

Daí a preocupação em estimular os sentidos com chocalhos, móbile

em engatinhar, subir nos móveis, andar e levar tudo à boca. Pode-se até dizer que o bebê conhece o mundo levando coisas à

boca, de tal forma que não há exagero em

afirmar que, para ele, "o mundo é uma realidade a sugar". Também Freud se refere a esse período como constituindo a

"fase oral", quando a zona erógena (geradora

de prazer) se localiza na boca.

Na relação do bebê com as pessoas, há uma indiferenciação, ou se
É como se ele fizesse

parte de uma totalidade da qual não consegue distinguir-se como sujeito individual. Podemos ver a descoberta gradativa que faz do seu corpo quando, por volta dos

três meses, o encontramos, fascinado, olhando a própria mão. O psicanalista Lacan se refere à

"experiência do espelho", pela qual, por volta dos dezoito meses, a

criança reconhece a dualidade, descobrindo-se separada da mãe e de todo o resto.

2º estágio: intuitivo ou simbólico

O segundo momento (dos dois aos sete anos) começa quando a lógica
representada,

no sentido de que a palavra torna presente o que está ausente.

Nesse período a inteligência é intuitiva porque não se encontra
pela percepção.

Por exemplo: mesmo sabendo ir até a casa da avó, a criança é ainda
(representando casas, ruas, igrejas etc.). Isso acontece porque suas lembranças

são motoras, e a representação implica uma descentralização da experiência que se

acha centrada no próprio corpo da criança quando ela vai de fato à casa da avó.

Outra evidência da incapacidade de abstração e descentralização nosso gesto, estando defronte a ela: se levantamos a mão direita, ela levanta a esquerda. repetindo a ação como um espelho.

Trata-se de uma forma de inteligência egocêntrica, que persiste pode ser sumariamente confundido

com egoísmo:

não é um defeito da criança, mas constitui a própria condição humana nesse estágio. Egocentrismo significa estar centrado em si mesmo, tanto no aspecto da afetividade

como no do conhecimento. Em outras palavras, a criança é o ponto de referência, pensa a partir de si.

Afetivamente acha que o mundo gira em torno dela, quer todas as a conversa não é propriamente uma interação, pois é incapaz de discutir e de ouvir o outro: o que há são verdadeiros

"monólogos coletivos". Frequentemente, aos três

ou quatro anos, é vista falando sozinha, com seus brinquedos "animados".

Do ponto de vista moral, de início não se pode dizer que exista a anomia (ausência de leis). Além dos exemplos da sua relutância em aceitar as regras do convívio social, é interessante lembrar que ainda não

está pronta para os

jogos com regras. Após os três ou quatro anos, começa a tornar-se capaz de heteronotnia, ou seja, de aceitar a norma exterior, tornando-se mais sociável,

3º estágio: operações concretas

No terceiro estágio (de sete a doze anos), a lógica deixa de ser interiorizar

a ação (processo que não ocorria no exemplo da visita 'a casa da avó').

Passar da intuição para a operação significa tornar-se capaz de
É o processo que

permite realizar as operações matemáticas, perceber a relação lógica do sistema de parentesco, classificar, tornar as intuições moveis e reversíveis. Ora, as percepções

intuitivas da primeira infância eram irreversíveis (lembrar o exemplo da mão levantada); tornar essa percepção reversível é ser capaz de operacionalizá-la, por exemplo,

inverter mentalmente a sua própria posição, colocando-se no lugar do outro.

A operacionalização no terceiro estágio ainda é concreta, pois é vivida. Mesmo assim, como vimos, o pensamento já se torna mais coerente e permite construções lógicas mais aprimoradas.

A força do egocentrismo diminui, pois o discurso lógico tende a alicerçar-se em provas que ultrapassem o nível das explicações mitológicas da fase anterior, O relato das histórias deixa de ser fragmentado e passa a apresentar organização mais estruturada, com começo, meio e fim, já sendo possível um início de discussão.

Do ponto de vista afetivo, os progressos na sociabilidade são pela contiguidade. e agora são coesos

e expressam formas claras de companheirismo. Essa nova organização se dá sob a ação da liderança e confronto de grupos antagônicos. Ilustram bem esse estágio

o livro

Os meninos da rua Paulo (Ferenc Molnár) e o filme A guerra dos botões.

Do ponto de vista moral afirma-se a heteronomia, com a introjeção clara na preferência por aqueles de regras rígidas, como os de botão e bola de gude, cujas normas são seguidas rigorosamente.

4º estágio: operações formais

Finalmente, o último estágio é o da adolescência. quando aparece o pensamento lógico atinge o nível das operações formais ou abstrato. O adolescente é capaz de distanciar-se da experiência, de tal forma que pode pensar por hipótese. E o amadurecimento do pensamento formal ou hipotético-dedutivo.

O desenvolvimento da reflexão atinge tal estágio que torna possível o pensamento científico, matemático e filosófico.

Exemplificando: as discussões entabuladas pelos jovens a respeito da abordagem do tema geral e abstrato da família como instituição. A teorização leva à crítica da própria vivência e à elaboração de um projeto de mudança. Os debates

se desenvolvem no nível do discurso, da argumentação apoiada em conceitos.

O processo de desprendimento da própria subjetividade é sinal de maturidade. Afetivamente, a superação se realiza pela cooperação e pela reciprocidade. Outros baseados na discussão e no consenso.

A capacidade de reflexão dá condições para o amadurecimento moral. Reflexão, discussão, reciprocidade, autonomia são termos que aqui

É como se trouxéssemos o outro para dentro de nós: refletir é discutir internamente. Ora, isto é possível porque de fato descobrimos o outro como um

alter ego,

um outro sujeito, exterior a nós, capaz de uma argumentação que respeitamos.

Da mesma forma, a discussão é a exteriorização da reflexão. Se não há discussão, mas "diálogo de surdos". Portanto, a discussão supõe reciprocidade: disponibilidade para ouvir o outro, mas também preservação de nossa individualidade

e autonomia.

A construção da consciência moral

Tanto a afetividade como a inteligência resultam da conversão do

- a lógica evolui das formas intuitivas ao pensamento abstrato;
- a afetividade, do egocentrismo à reciprocidade e cooperação;
- da relação entre as duas, a consciência moral evolui da anomia

até a construção da vontade, suporte da vida livre e moral.

Por isso, só na adolescência surge a possibilidade de um plano de desenvolvimento que encontra aparelhado intelectual e afetivamente para iniciar essa caminhada verdadeiramente humana.

Dizemos iniciar, pois o desenvolvimento mental é um processo dinâmico de plenitude e tende à evolução regressiva que conduz à velhice. Os esportistas sabem como é curta sua carreira e procuram

"pendurar as chuteiras" antes que os sinais

da decadência apareçam muito fortemente.

Não é o que acontece com o desenvolvimento mental, que amadurece e estabelece um "equilíbrio

móvel", pois a tendência é ampliar cada vez mais a experiência, e esta por sua vez se enriquece, aperfeiçoa a reflexão e a capacidade de se relacionar. A sabedoria

do homem maduro está nesse exercício inesgotável, e por isso ele não cessa nunca de aprender: aprender a conhecer o mundo, aprender a liberdade, aprender o encontro

com o outro, aprender a democracia.

Tudo isso não se faz automaticamente, pois é necessário aprender se encontra submetido à educação dogmática (ou a nenhuma educação, como é o caso dos excluídos da escola), é provável que muito dificilmente atina os níveis desejáveis

do pensamento formal. Do mesmo modo, as pessoas devem ser educadas para a cooperação, sob pena de permanecer infantilmente egocêntricas, o que não é nada raro na

sociedade individualista...

Assim, na fase de transição, em que se acomoda a uma situação com superação dele:

vivendo a idade meta-física por excelência, o egocentrismo intelectual reside justamente na crença da onipotência da reflexão, como se não coubesse a ela explicar

a realidade, mas esta, sim, devesse se adaptar à razão.

Do ponto de vista afetivo também há contradição, resultante da m

1. A teoria de Kohlberg

Lawrence Kohlberg (1927-1987) foi um americano que se dedicou a

Expandiu as experiências aplicando rico material em grupos de co

exemplo, em Chicago acompanhou um grupo de 75 meninos e rapazes que inicialmente tinham de dez a dezesseis anos, por quinze anos, com entrevistas a

cada três anos.

Uma das diferenças do trabalho de Kohlberg em relação ao seu mes e a psicogênese da moralidade. Se o desenvolvimento do pensamento lógico formal é condição necessária para a vida moral plena, não é, entretanto, condição suficiente.

E suas observações comprovam que a maturidade moral geralmente só é atingida (quando é...)

apenas pelo adulto, uns dez anos depois da adolescência. E que o nível mais alto de moralidade exige estruturas lógicas novas e mais complexas do que aquelas do

pensamento formal.

Kohlberg reformula então a teoria dos estágios morais, distinguindo três grandes níveis de moralidade: o pré-convencional, o convencional e o pós-convencional.

No nível pré-convencional as regras morais derivam daqueles que as formulam, e sua aceitação se baseia no reconhecimento da autoridade, orientando-se o comportamento a partir dos critérios de obediência e de punição e recompensa.

No nível convencional é superada a fase anterior, valorizando-se o reconhecimento do outro (grupo, família, nação): predominam as expectativas interpessoais e a identificação com as pessoas do grupo a que pertence.

No nível pós-convencional os comportamentos são regulados por princípios. Os valores independem dos grupos ou das pessoas que os sustentam, porque são princípios universais de juízo humanos como pessoas individuais, reconhecimento de que as pessoas são fins em si e precisam ser tratadas como tal.

O resultado das pesquisas empíricas de Kohlberg levou a constatação de que um percentual baixíssimo de cidadãos atingem tal nível de moralidade pós-convencional.

Isso nos faz refletir a respeito das condições sócio-população tão grande das escolas, bem como nos leva a considerar que na sociedade competitiva e individualista aspirar por valores como a justiça, baseados na reciprocidade e no compromisso pessoal.

Exercícios

1. Por que o egocentrismo infantil não é propriamente um defeito?
2. Explique o que é anomia, heteronomia e autonomia.
3. Estabeleça a relação entre reflexão e discussão.
4. Justifique por que relacionamos a adolescência com o m filosofar.
5. Explique a afirmação de Bornheim, aplicando-a à vivência do a

"" paradoxo da situação humana reside no fato de que o homem, para poder entrar

realmente no mundo, precisa primeiro sair dele".

6. Leia a citação de Bárbara Freitag e responda às questões

"Os gregos diferenciavam, como sabemos, entre dois conceitos de tempo: o cronos e o cairós. O primeiro conceito refere-se à passagem contínua do tempo (donde, cronologia) e o segundo conceito refere-se ao momento certo, maduro, para certos eventos.

Há, também, no caso da psicogênese infantil, momentos certos

(cairós) para promover o pensamento lógico, a moralidade autônoma e a competência

linguística. Sociedades que se omitem e não fornecem as condições materiais e sociais

adequadas para as novas gerações nos momentos certos, perdem a oportunidade de criar cidadãos maduros, capazes de assumir com responsabilidade e autonomia suas

funções na sociedade."

a) Em que sentido podemos dizer que no estudo da psicogênese da razão Piaget privilegia o conceito de cairós?

b) Por que o desenvolvimento do pensamento lógico e da moralidade são palavras-chave? Como podemos relacionar desenvolvimento psicológico e político?

1. Interprete a citação de Gusdorf transcrita na epígrafe deste capítulo.

8. Leia o texto complementar "Para Maria da Graça" e atente-se para as seguintes questões:

a) Explique as frases seguintes usando os conceitos de Piaget:

- " Não te espantes quando o mundo amanhecer

irreconhecível."

, " Quem sou eu no mundo?"

- "Se gostas de gato, experimenta o ponto de vista do rato."

- . b) Que critica podemos fazer aos que 'vivem apostando corrida'?

e) Que elementos reveladores de autonomia e liberdade se encontram nos "conselhos" dados a Maria da Graça?

9. Leia o texto complementar do Capítulo 31. "Moral da ambigüidade", e responda às questões:

- a) Qual é a principal diferença entre o mundo infantil e
- b) Após a crise da adolescência, quais os dois caminhos r
- c) Que semelhança a autora descobre entre a criança, as m

Texto complementar

Para Maria da Graça

Agora, que chegaste à idade avançada de quinze anos, Maria da Gr
dou este livro: Alice no

País das Maravilhas.

Este livro é doido, Maria. Isto é: o sentido dele está em ti.

Escuta: se não descobrires um sentido na loucura acabarás
manual do sentido evidente de todas as coisas, inclusive as loucas. Aprende isso
a teu modo, pois te dou apenas umas poucas chaves

entre milhares que abrem as portas

da realidade.

A realidade, Maria, é louca.

Nem o Papa, ninguém no mundo, pode responder sem pestanejar à pergunta que Alice faz à gatinha: "Fala a verdade, Dinah , já comeste um morcego?"

Não te espantes quando o mundo amanhecer irreconhecível. Para me muitas vezes por ano. "Quem sou eu no mundo?" Essa indagação perplexa é o lugar-comum de cada

história de gente. Quantas vezes mais decifrares essa charada, tão entranhada em ti-, como teus ossos,

mais forte ficarás. Não importa qual seja a resposta; o importante é dar ou inventar uma

ainda que seja mentira.

A sozinhez (esquece" essa palavra que inventei agora sem querer) do fundo do poço: "Estou tão cansada de estar aqui sozinha!"

O importante é que ela conseguiu sair de lá, abrindo a porta. A porta do poço! Só as criaturas humanas (nem mesmo os grandes macacos e os cães amestrados) conseguem

abrir uma porta bem fechada, e viceversa, isto é, fechar uma porta bem aberta.

Somos todos tão bobos, Maria. Praticamos uma ação trivial e temo e não cresceu de tamanho, ficou no maior dos espantos. Apesar de ser isso o que acontece, geralmente, às pessoas que comem bolo.

Maria, há uma sabedoria social ou de bolso; nem toda sabedoria t

A gente vive errando em relação ao próximo e o jeito é pedir des
"Oh, I beg your pardon!" Pois viver é falar de corda em casa de
enforcado. Por isso te digo, para a tua sabedoria de bolso: se gostas de gato,
experimenta o ponto de vista do rato. Foi o que o rato perguntou à Alice:
"Gostarias de gatos se fosses eu?"

Os homens vivem apostando corrida, Maria. Nos escritórios, nos n
até amigos, até irmãos, até marido e mulher, até namorados, todos vivem
apostando corrida. São competições tão confusas, tão cheias de
truques, tão desnecessárias,
tão fingindo que não é. tão ridículas muitas vezes, por caminhos tão escondidos,
que, quando os
"atletas chegam exaustos a um ponto, costumam perguntar: "A corrida
terminou! mas quem ganhou?" É bobice. Maria da Graça, disputar uma corrida
se a gente não irá saber quem
venceu. Se tiveres de ir a algum lugar, não te preocupe
a vaidade fatigante de ser a primeira a chegar. Se chegares sempre aonde
quiseres, ganhaste.

Disse o ratinho: "Minha história é longa e triste!" Ouvirás isso
"Minha vida daria um romance". Ora,
como todas as vidas vividas até o fim são longas e tristes, e como todas as vidas
dariam romances, pois o romance é só o jeito de contar uma vida, fuge, polida
mas
energicamente, dos homens e das mulheres que suspiram e dizem: "Minha vida
daria
um romance!" Sobretudo dos homens. Uns chatos irremediáveis, Maria.

Os milagres sempre acontecem na vida de cada um e na vida de todos
repente, mas devagar, muito devagar. Quero dizer o seguinte: a palavra
depressão cairá de moda mais cedo ou mais tarde. Como talvez seja mais tarde,
prepara-te para

a visita do monstro, e não te desespere ao triste pensamento de Alice.:

"Devo estar diminuindo de novo". Em algum lugar há cogumelos que nos fazem
crescer novamente.

E escuta esta parábola perfeita: Alice tinha diminuído tanto de
sejamos ingênuos. pois o contrário também acontece. E é um outro escritor
inglês que nos fala mais ou menos assim: o camundongo que expulsamos ontem
passou a ser

hoje um terrível rinoceronte. É isso mesmo. A alma da gente é uma máquina
complicada que produz durante a vida uma quantidade imensa de

camundongos que parecem

hipopótamos e de rinocerontes que parecem camundongos. O jeito é rir no caso
da primeira confusão e ficar bem disposto para enfrentar o rinoceronte que
entrou em

nossos domínios disfarçado de camundongo. E como tomar o pequeno por
grande e o grande por pequeno é sempre meio cômico, nunca devemos perder o
bom humor.

Toda pessoa deve ter três caixas para guardar humor: uma caixa g
média para o humor que a gente precisa ter quando está sozinho, para perdoares
a ti mesma, para rires de ti mesma; por fim, uma caixinha preciosa, muito
escondida,

para as grandes ocasiões. Chamo de grandes ocasiões os momentos perigosos em
que estamos cheios de dor ou de vaidade. em que sofremos a tentação de achar
que fracassamos

ou triunfamos, em que nos sentimos umas drogas ou muito bacanas. Cuidado,

Maria, com as grandes ocasiões.

Por fim, mais uma palavra de bolso: às vezes uma pessoa se abandona de lá. A dor também tem o seu feitiço, e este se vira contra o enfeitado. Por isso Alice, depois de ter chorado um lago, pensava:

"Agora serei castigada. afogando-me
em minhas próprias lágrimas".

Conclusão: a própria dor deve ter a sua medida: é feio, é imoderada. Maria da Graça.

(Paulo Mendes Campos, Para Maria da Graça, in Para gostar de ler; crônicas. São Paulo,

* * *

Ática, 1979, v. 4, p. 73-76.)

CAPÍTULO 30 - A LIBERDADE

Não há determinismo ou escolha absoluta: jamais sou coisa, jamais sou consciência nua.

(MerleauPonty)

1. Introdução

2. Gravura:

As parcas fiando o destino de Maria de Medici, de Rubens, 1622-25. Nos relatos míticos pregos, as Moiras (Famas para os romanos) tocam o cortam o fio do destino

humano.

As Moiras, divindades da mitologia grega, são três irmãs que dirigem as esferas celestes, a harmonia do mundo e a

"sorte dos mortais. Elas presidem o destino (moira, em grego) e dividem entre si as

diversas—

funções: Cloto, que significa "fiar", tece os fios dos destinos humanos;

Láquesis, que

significa "sorte", põe o fio no fuso; Átropos, ou seja, "inflexível", corta impiedosamente o fio que mede a vida de cada mortal.

Está implícita nesse mito a idéia de que a ação humana se acha l

Homero e Hesíodo revelam como os heróis até se

orgulham de ser escolhidos por certos deuses, que os fazem seus protegidos, defendendo-os da ação

malévola de outros deuses.

Vamos reler agora a citação do psicólogo americano Watson feita "Dêem-me doze crianças sadias, de boa constituição, e a liberdade de poder criá-las à minha maneira. Tenho a certeza de que, se escolher

uma delas ao acaso, e puder

educá-la, convenientemente, poderei transformá-la em qualquer tipo de especialista que eu queira

- médico, advogado, artista, grande comerciante, e até mesmo em mendigo e ladrão -, Independente de seus talentos, propensões, tendências, aptidões, vocações e da raça de seus ascendentes".

Prosseguindo nesse ideal de controle do comportamento, Skinner, Walden II, onde todos os atos humanos seriam

cientificamente planejados e controlados. Aí as pessoas são felizes, pois os técnicos e cientistas cuidam para que elas queiram fazer precisamente as coisas que

são melhores para elas e para a comunidade. Nesse mundo, as questões sobre determinismo e liberdade são reduzidas a pseudoquestões de origem lingüística...

O mito relatado no primeiro parágrafo perde-se no tempo da história recolheu as histórias transmitidas desde longo tempo pela tradição oral.

Já os americanos Watson e Skinner, psicólogos da corrente compor

O que distingue essas duas posições tão distantes no tempo é que inexistia a liberdade humana, porque no mito o homem se acha submetido ao destino inexorável, e no discurso científico daqueles psicólogos o homem está sujeito ao

determinismo.

Tentaremos colocar a questão da liberdade sob um ponto de vista

- o determinismo e a liberdade

incondicional -, para em seguida apresentar a superação dessa dicotomia.

humano.

**

Watson. apud E. Heidhreder, *Psicologias do século XX*. p. 218.

1. O que é determinismo

Segundo o determinismo científico, tudo que existe tem uma causa

Necessário significa tudo aquilo que tem de ser e não pode deixar de ser. Nesse sentido, a necessidade é o oposto de contingência, que significa "o que pode ser de um jeito ou de outro.

Exemplificando: se aqueço uma barra de ferro, ela se dilata; a d

No entanto, é contingente que neste momento eu esteja usando roupa vermelha ou amarela.

Ora, se a ciência não partisse do pressuposto do determinismo, s

biologia se constituíram em ciências ao longo dos três últimos séculos procurando descobrir as relações constantes e necessárias entre os fenômenos. Não haveria

conhecimento científico se tudo fosse contingente, isto é, pudesse acontecer ora de uma forma, ora de outra.

Já no século XVIII, os materialistas franceses D'Holbach e La Me

Laplace resumiu assim esse determinismo: "Um calculador divino, que conhecesse a velocidade e aposição de cada partícula do universo num dado momento, poderia prever

todo o curso futuro dos acontecimentos na infinidade do tempo".

No século XIX, o positivismo, na ânsia de aplicar o mesmo método a escolha livre unia mera ilusão. A psicologia de Watson e Skinner reflete, no século XX, a influência da visão positivista nas ciências humanas.

Um dos discípulos de Comte, Taine (1828-1893), tornou-se conhecido por três fatores:

- a raça, que é a grande força biológica dos caracteres hereditários
- o meio, pelo qual o indivíduo se acha submetido aos fatores geográficos (como o clima, por exemplo), bem como ao ambiente sócio-cultural e às ocupações

cotidianas da vida;

- o momento, pelo qual o indivíduo é fruto da época em que vive,

O pressuposto do pensamento de Taine é o determinismo, pois o ato
Vamos encontrar o reflexo dessa visão determinista na clássica tentativa de identificar o criminoso "nato".

Também a literatura foi influenciada pelo determinismo positivista: a estética naturalista² oferece inúmeros exemplos da

tentativa

de explicar o comportamento humano como decorrente de fatores determinantes, sem nenhuma possibilidade de transcendência. Émile Zola, romancista francês, afirmou:

"O romance experimental é uma consequência da evolução científica do século; cabe-lhe continuar e completar a fisiologia...; ele substitui o estudo do homem abstrato,

do homem metafísico, pelo estudo do homem natural, submetido às leis físico-

químicas e determinado pelas influências do meio".

**

No Brasil, enquadram-se nessa linha os romances de Aluisio Azevedo: O mulato, O cortiço e

Casa de pensão.

1. A teoria da liberdade incondicional

Contrapondo-se ao determinismo, há teorias que enfatizam a possibilidade de escolher um ato ou não, independentemente das forças que o constroem.

Segundo essa perspectiva, ser livre é decidir e agir como se que interior (desejos, caráter). Mesmo admitindo que tais forças existam, o ato livre pertence a uma esfera independente em que se perfaz a liberdade humana. Ser livre

é, portanto, ser incoercido.

Bossuet (séc. XVII). no Tratado sobre o livre-arbítrio, diz o seguinte: "Por mais que eu procure em mim a razão que me determina, mais sinto que eu não tenho

nenhuma outra senão apenas a minha vontade: sinto aí claramente minha liberdade, que consiste unicamente em tal escolha. E isto que me faz compreender que sou feito

à imagem de Deus".

1. Superação da dicotomia Determinismo ou liberdade?

Afinal. "o homem é livre ou é determinado?" A questão assim colocada. Na verdade, o homem é determinado e é livre. É preciso considerar os pólos contraditórios, superando o materialismo mecanicista, segundo o qual o

homem

é determinado bem como a tese da liberdade incondicional. Segundo a concepção dialética, embora

os pólos determinismo-liberdade se oponham, na verdade estão ligados:

" o homem é realmente determinado, pois se encontra situado em u

" mas o homem é também um ser consciente, capaz de conhecer esse
das causas (e não à revelia delas), pode construir um projeto de ação.

Portanto, só a consciência do determinismo não é suficiente, poi
e sobre a sua própria natureza.

A consciência que o homem tem das causas se transforma, por sua
mas introduz-se uma outra causa - a consciência do determinismo - que
transforma o homem em ser atuante, e não simples efeito passivo das causas que
agem sobre ele.

Vejamos o exemplo da ação do vírus da tuberculose no corpo human
passado, e a despeito da aura romântica que envolvia os jovens poetas
tuberculosos, a doença era implacável. Quando IKoch descobre o nexos causal da
doença, pela

ação do bacilo, o conhecimento das causas possibilita a ação efetiva:

remédios, alimentação, clima, repouso etc., e eis o fantasma da doença letal
deixando de assombrar as pessoas.

O filósofo personalista Mounier diz:

"Enquanto se desconheciam as leis da aerodinâmica, os homens sonhavam
voar; quando o seu sonho se inseriu num feixe de

necessidades,

voaram". Lembremos aqui o significado

do conceito de necessidade. Descobrir o feixe de necessidades é conhecer as leis da aerodinâmica, ou seja, saber o que faz voar um corpo mais pesado do que o ar.

Não há mágica: há conhecimento dos determinismos. O sonho se concretiza no trabalho do homem como ser consciente e prático.

Do ponto de vista psicológico, ocorre o mesmo processo. Suponham ser levado pelo impulso, para saber usar a agressividade conforme a ocasião e conveniência. Aliás.

.5

uma das grandes contribuições de Freud é ter mostrado que o neurótico não é livre, pois se acha dominado por forças inconscientes que mascaram suas ações.

A atitude obsessivo-compulsiva, como a de lavar as mãos seguidamente alguém preocupado com a higiene. Trata-se de um sintoma e portanto tem um significado latente, oculto, que pode ser investigado. A interpretação é sempre relativa

a cada caso concreto, mas, para fins de exemplificação, vamos supor que o significado fosse a culpa resultante de desejos sexuais reprimidos e considerados "sujos"

pelo paciente. A cura da neurose estaria em trazer à consciência a causa escondida, ajudando o paciente a lidar com o seu próprio desejo.

A liberdade situada

O que observamos na posição que pretende superar a antinomia do conceito da liberdade abstrata. Ao contrário, trata-se da liberdade do homem situado, do homem enquanto ser de relação.

Na linguagem da fenomenologia, traduzimos esses dois pólos como facticidade (ou imanência) e a transcendência humanas. Pólos antitéticos (ou

seja,

contraditórios, relativos à tese e a antítese), mas indissoluvelmente ligados.

A facticidade é a dimensão de "coisa" que todo homem tem, é o co
"fatos" (donde facticidade) que estão aí, tais como

são e sem possibilidade de ser de outra forma. O fenomenólogo Luitpold diz:
"Refletindo sobre sua existência, o homem se encontra, com efeito, como 'já'
imerso em

determinado corpo e 'já' envolvido em determinado mundo. Acha-se como
holandês, judeu, inteligente, aleijado, operário, emocional, doente, rico, gordo, ou
outra coisa

qualquer. Tudo isto constitui o que ele já é. a saber, seu passado. Esse

'já' é também chamado a 'determinação' do homem".³

A transcendência é a ação pela qual o homem executa o movimento

A liberdade não é uma dádiva, algo que é dado, nem é um ponto de

A liberdade não é a ausência de obstáculos, mas o desenvolviment

pintor, tendo feito em algumas sessões o retrato de um freguês, teve que ouvir
deste a objeção que o preço exigido era muito alto por algumas horas de
trabalho.

"Algumas horas", respondeu o artista. "mas toda a minha vida"⁴. Isso significa
que a aparente simplicidade do trabalho executado naquele curto espaço de
tempo na

verdade era o resultado de muita disciplina e domínio das dificuldades
enfrentados durante longo período de aprendizado.

A juventude é a fase em que se torna mais forte a reivindicação

ainda segundo Gusdorf, "a liberdade adolescente é uma adolescência da
liberdade, uma liberdade de aspiração (...) A juventude é o tempo de aprendizado
da

liberdade"⁵.

É importante rever o Capítulo 2 que trata do trabalho como forma é desumanizadora, por retirar do homem aquilo que o caracteriza fundamentalmente, ou seja, a capacidade de transcendência.

1. A estrutura do homem

Tentaremos explicitar mais detalhadamente as conclusões a que chegou. É preciso examinar a estrutura do homem, e para tal usaremos o esquema utilizado pelo filósofo Van Riet⁶ como ponto de partida para sua teoria do conhecimento. Embora

originalmente o ponto

de referência para o filósofo tenha sido o homem enquanto sujeito que conhece, vamos fazer a adaptação à questão da liberdade, isto é, o homem enquanto ser livre.

Segundo Van Riet, o homem possui uma estrutura formada por aspectos pessoal (ou voluntário) e aperceptivo (ou intelectual).

Aspecto empírico

Chamase empírico o aspecto da estrutura humana referente aos fenômenos físicos e biológicos.

- O homem é um corpo e, como tal, está sujeito às leis da física
- O homem é um corpo biológico, um organismo vivo, e recebe e transmite caracteres segundo leis conhecidas pela genética.
- O homem é um ser psicológico e, como tal, percebe o mundo, recebe e transmite conhecimentos através da aprendizagem

se faz a partir de funções específicas que se desenvolvem gradativamente: não adianta querer ensinar álgebra a uma criança que ainda não aprendeu aritmética elementar.

Isso sem falar na existência de caracteres patológicos que podem influenciar o comportamento das pessoas.

- O homem é um ser cultural, vive no meio humanizado, transforma a natureza econômica e política, uma história, enfim. E a isso que chamamos historicidade, ou seja, o homem se encontra sempre situado em determinada época, numa certa cultura.

O aspecto empírico refere-se à facticidade humana. Se considerás

Aspecto pessoal

O aspecto empírico não é, entretanto, determinante de forma abso

O aspecto pessoal é também chamado voluntário, pois não se explica, não se decide, não se escolhe, e, conseqüentemente, de ser responsável por seus atos, comprometido neles, engajado numa ação.

Exemplo interessante é o da linguagem, que faz parte do aspecto pessoal. As palavras por todos podem ser organizadas de modo original, de tal forma que é possível reconhecer o estilo inconfundível de cada um. Isso decorre da originalidade e criatividade humanas.

Nossa própria experiência pode ser retomada em vários sentidos d nos contextos vividos; descobrimos coisas novas a cada vez que ouvimos a mesma música.

Mas aí surge um problema: se o aspecto pessoal justifica a liberdade de cada um, o que é melhor para si; querer determinar o que é melhor para todos seria violar a liberdade de cada um.

Entretanto, o resultado de tal postura sem dúvida individualista é o relativismo moral e o solipsismo (o homem voltado para si mesmo e incapaz de comunicar-se com o outro).

Tal posição é muito comum hoje em dia. principalmente quando as "justificam o individualismo dos seus atos: "Estou na minha"... Permanecer nesse

estágio pessoal resulta em empobrecimento da moral, pois o indivíduo não é capaz de descentrar-se de si próprio.

Aspecto aperceptivo

O terceiro aspecto da estrutura do homem chamase aperceptivo, po intelectual.

Nesse aspecto as afirmações subjetivas aspiram à objetividade, p do ponto de vista dos outros. A descentralização do sujeito em busca da relação intersubjetiva (isto é, entre os sujeitos) possibilita a comunicação e retira o indivíduo

do seu universo fechado.

Retomemos o exemplo da linguagem:

pelo aspecto empírico, ela é um determinismo, pois a recebemos como herança cultural; pelo aspecto pessoal, transcendemos o determinismo pela elaboração original

de um discurso criador e pessoal; pelo aspecto aperceptivo, por mais original que seja nosso discurso, nós nos fazemos entender, pois existe na linguagem o sentido

intersubjetivo que supera o pessoal.

Conclusão

Fizemos a exposição dos três aspectos da estrutura do homem em d
nessa ordem de experiência. A moral é tecida na trama dos três aspectos que,
embora
contraditórios, se acham indissoluvelmente ligados.

Prender-se ao aspecto empírico é mergulhar na heteronomia, é reg
a dimensão intersubjetiva da moral. Ater-se exclusivamente ao aspecto
aperceptivo é
tornar a moral e a liberdade conceitos abstratos e descarnados.

A relação que se estabelece entre os três aspectos é dialética,
"negando"
o outro, de certa forma o "conserva".

Só assim será possível superar a heteronomia, indo em direção à

1. A dimensão social da liberdade

Quando, no Capítulo 27, tratamos do caráter social da moral, nos
primeiro momento, o social

é resultado da herança cultural e, como tal, condição da imanência ou facticidade
(aspecto empírico). Posteriormente, ao considerarmos o aspecto aperceptivo, o
social

que aí encontramos é justamente condição de transcendência e expressão da
nossa liberdade.

Isso significa que é impossível a liberdade fora da comunidade d
de engendramento, isto é, os homens não estão simplesmente uns
ao lado dos outros, mas são feitos uns pelos 1 outros: o homem se humaniza pelo

trabalho, cuja ação é social. Daí não podermos falar propriamente do homem como uma

"ilha".

Ao nos referirmos ao caráter social da liberdade, nos contrapomos a liberdade burguesa. Para explicar melhor, vamos examinar o conceito liberal de liberdade, tal como foi

teorizado a partir dos séculos XVII e XVIII.

Como vimos no Capítulo 22, o pensamento

liberal é essencialmente individualista. Parte do pressuposto de que os indivíduos vivem inicialmente em estado de natureza e se reúnem para estabelecer o

contrato social pelo qual o poder se torna legítimo. O Estado que resulta do consenso dos cidadãos não deve ser intervencionista (o liberalismo defende o

laissez-faire, opondo-se ao mercantilismo), servindo, em última análise, para garantir a liberdade individual, a segurança dos cidadãos

e a propriedade.

Portanto, a liberdade individual surge

como ponto de partida e ponto de chegada, onde se alicerçam as relações possíveis entre as pessoas. A expressão clássica dessa concepção é:

"A liberdade de cada um é limitada

unicamente pela liberdade dos demais".

A escravidão é condenada e o contrato de trabalho se apresenta como uma

forma legal de acordo livre entre iguais: o dono do capital paga o

salário ao operário; este, por sua vez, vende sua força de trabalho. Mas também

já vimos que a democracia liberal é uma democracia de direito e substancial, pois permite a elitização do poder: apenas as pessoas que têm propriedade têm poder político. A decorrência é que os homens não são tão iguais assim e, portanto, a liberdade de escolha" não é tão "livre" quanto se poderia imaginar. Na verdade as condições de escolha já estão predeterminadas e reduzidas para aqueles que não são proprietários, O princípio do liberalismo é: "A raposa livre no galinheiro livre".

Ou seja, ao tentar exercer sua liberdade, o proletário verifica o seu próprio espaço de ação. Na selva do salve-se-quem-mesmo e não deve obrigações a ninguém, a liberdade é uma pobres querem expressar seus desejos, isso assume imedia

Segundo a posição crítica do pensamento liberal burguês, a conce coletivo, porque é a partir dele que o comportamento individual se regula. Vimos que a vida moral só é possível enquanto ação baseada na cooperação, na reciprocidade

e no desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso. Só assim torna-se viável a efetiva liberdade de cada um. Nesse sentido, o outro não é o limite da nossa

liberdade, mas a condição para atingi-la.

MerleauPonty dá o exemplo da tortura

infligida a um homem para obrigá-lo a falar:

"Se ele recusa a dar os nomes e os endereços que se quer arrancar dele, não é por uma decisão solitária e sem apoio; ele ainda se sentia com seus camaradas e, ainda

engajado na luta comum, ele estava como que incapaz de falar (...) Não é finalmente uma consciência nua que resiste à dor, mas o prisioneiro com seus

camaradas ou

com o que amam

e sob o olhar de quem vive. (..) Estamos misturados no mundo e aos outros numa confusão

inextrincável"7.

Exercícios

1. Que relação estabelecemos entre o exemplo do mito grego de Watson?

2. Qual é a importância dos determinismos para a ciência?

3. Como relacionar reciprocamente determinismo e liberdade

4. Explique a frase de Gusdorf: "A liberdade adolescente liberdade".

5. Faça um esquema da estrutura do homem, identificando c

a) Qual o relativo? Qual o absoluto?

b) Qual o subjetivo? Qual o objetivo?

c) Qual representa a facticidade? E a transcendência?

6. O movimento de maio de 1968, deflagrado nas universidades, grafiti como este: "É proibido proibir".

Quais são os possíveis significados dessa frase?

7. Comente a afirmação de MerleauPonty:

"Não há determinismo ou escolha absoluta: jamais sou coisa, jamais sou consciência

nua".

8. Simone de Beauvoir critica o patriarcado neste trecho

obra que significou um marco na luta pela humanização da mulher. Leia-o e atenda ao solicitado a seguir:

"O paternalismo, que reclama a mulher no lar, define-a como sent imanência; na realidade, todo existente é, ao mesmo tempo, imanência

e transcendência; quando não lhe propõem um objetivo, quando o impedem de atingir algum, quando o frustram em sua vitória, sua transcendência cai inutilmente no

passado, isto é, recai na imanência; é o destino da mulher no patriarcado. (...) Para grande número de mulheres os caminhos da transcendência estão barrados: como

não fazem nada, não se podem fazer ser; perguntam-se indefinidamente o que poderiam vir a ser, o que as leva a indagar o que são: é uma interrogação vã; se o homem

malogra em descobrir essa essência secreta é muito simplesmente porque ela não existe. Mantida à margem do mundo, a mulher não pode definir-se objetivamente através

desse mundo e seu mistério cobre apenas um vazio." (Simone de Beauvoir)

a) Justifique a afirmação de que a mulher em certas circunstâncias não atinge a transcendência.

b) O que é preciso para que ela saia da imanência?

c) Em que medida permanecer na imanência significa não te

e) Em que proporção essa descrição ainda é válida para a

Capítulo 31.

O EXISTENCIALISMO

Ser livre não é ter o poder de fazer não importa o quê. é poder ultrapassar o dado para um futuro

.aberto

(Simone de Beauvoir)

O importante não é o que fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele.

(Sartre)

1. A Fenomenologia

A fenomenologia é o método e a filosofia que fornecem os conceitos da reflexão existencialista. Já vimos alguma coisa a respeito nos Capítulos 10 e 16.

O postulado básico da fenomenologia é a noção de intencionalidade que, toda consciência é intencional, tende para algo fora de si.

Isso significa que, contrariamente ao que afirmavam os racionalistas do século XVII (como Descartes), não há pura consciência, separada do mundo, mas toda consciência

tende para o mundo, toda consciência é consciência de alguma coisa. Mas, também, contrariamente aos empiristas (como Locke), os fenomenólogos afirmam que não há

objeto em si, já que o objeto é sempre para um sujeito que lhe dá significado.

Por meio do conceito de intencionalidade a fenomenologia se cont

à filosofia positivista do século XIX. presa demais à visão objetiva do mundo. A crença

na possibilidade de um conhecimento científico cada vez mais neutro, mais despojado de subjetividade, mais distante do homem, a fenomenologia

contrapõe a retomada

da "humanização" da ciência, estabelecendo uma nova relação entre sujeito e objeto, homem e mundo, considerados

pólos inseparáveis.

É bom lembrar que a consciência que o homem tem do mundo é mais consciência é fonte de intencionalidades não só cognitivas mas afetivas e práticas. O olhar do homem sobre o mundo é o ato pelo qual o homem experiencia o mundo,

percebendo,

imaginando, julgando, amando, temendo *etc.*

A fenomenologia critica a filosofia tradicional por desenvolver a fenomenologia tem como preocupação central a descrição da realidade, colocando como ponto de

partida de reflexão o próprio homem, no esforço de encontrar o que

realmente é dado na experiência, e descrevendo "o que se passa" efetivamente do ponto de vista daquele que vive determinada situação concreta. Nesse sentido, a fenomenologia

é uma filosofia da vivência.

1. Heidegger

Martin Heidegger (1889-1976), discípulo de Husserl, na obra *Sein und Zeit* Heidegger parte da análise do ser do homem, que ele denomina Dasein. Esta expressão alemã significa justamente o

"ser-aí", ou seja, o homem é um ser no-mundo. Retomando

a noção de intencionalidade, o ser humano não é uma consciência

separada do mundo: ser é "estourar", "ecloir" no mundo, O "ser-aí" não é a consciência separada do mundo, mas está numa situação dada, toma conhecimento do mundo

que ele próprio não criou e ao qual se acha submetido num primeiro instante. A isso chamamos facticidade (ver Capítulos 27 e 30). Assim, além da herança biológica,

o homem recebe a herança cultural que depende do tempo e do lugar em que nasceu.

A partir do "ser-aí", Heidegger demonstra a especificidade do ser humano. O homem é lançado no mundo de maneira passiva, pode

tomar a iniciativa de descobrir o sentido da existência e orientar suas ações em direções as mais diversas. A isso se chama transcendência. No processo, o homem

descobre a temporalidade, pois, ao tentar compreender o seu ser, dá sentido ao passado e projeta o futuro. Ao superar a facticidade, atinge um estágio superior, que é a Existenz, a pura existência do Dasein.

Tal passagem, porém, não é feita sem dificuldade, pois o homem, ainda se acha oculto. A angústia retira o homem do cotidiano e o reconduz ao encontro de si mesmo. A angústia surge da tensão entre o que o homem é e aquilo que

virá a ser, como dono do seu próprio destino.

Do sentido que o homem imprime à sua ação, decorre a autenticidade com verdades e normas dadas; a despersonalização o faz mergulhar no anonimato, que anula qualquer originalidade. É o que Heidegger chama "mundo do

man" (em alemão,

man significa "se") e que designa a impessoalidade: come-se, bebe-se, vive-se, como todos comem, bebem, vivem. Ao contrário, o homem autêntico é aquele que se projeta

no tempo, sempre em direção ao futuro. A existência é o lançar-se contínuo às possibilidades sempre renovadas.

Entre as possibilidades, o homem vislumbra uma, privilegiada e i

"ser-aí" é um "ser-para-a-morte". A máxima "situação-limite", que é

a morte, ao aparecer no cotidiano possibilita ao homem o olhar crítico sobre sua existência.

É característica de inautenticidade abordar a morte enquanto

"morte na terceira pessoa", ou seja, a morte dos outros, evitando tematizar a própria

finitude e, portanto, nunca questionando a própria existência.

Embora tenha se preocupado com a questão da existência, Heidegger
acerca da existência são, na sua filosofia, apenas introdução à análise do
problema do Ser, e não propriamente da existência pessoal. Mas não resta dúvida
de que

inspirou o pensamento dos existencialistas.

1. Sartre e o existencialismo

O existencialismo sartriano sofre influências de Husserl, Heidegger
que se lançou contra a filosofia especulativa, opondo-lhe a filosofia existencial.
Na nova atitude, o filósofo de

"carne e osso" se inclui a si mesmo no pensar,

que até então se propunha objetivo e distanciado do vivido.

Jean-Paul Sartre (1905-1980) escreveu *O ser e o nada*, sua principal obra, que é muito conhecida e gerou, inclusive, uma "moda existencialista", também pelo fato de ele ter se tornado famoso romancista e teatrólogo.

Sua produção intelectual foi fortemente marcada pela Segunda Guerra Mundial. Um Sartre de antes da guerra e outro do pós-guerra, tal o impacto da Resistência Francesa sobre sua concepção política de engajamento. Engajamento significa a necessidade de o pensador

estar voltado para a análise da situação concreta em que vive, tornando-se solidário nos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade

deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Assim, ao escrever a peça de teatro *As*

Moscas, que versa sobre o mito grego de Orestes

e *Electra*, Sartre na verdade faz uma alegoria da ocupação alemã em Paris. Com essa obra, inaugura o chamado

"teatro de situação".

Ao lado de Simone de Beauvoir, também filósofa existencialista e escritora, Sartre participou da vida

política não só da França, mas mundial. Apesar de marxista, nunca deixou de criticar o autoritarismo, sobretudo quando as forças soviéticas invadiram a Tchecoslováquia.

Saía à rua em protestos e, com a imunidade que lhe conferia a sua figura de cidadão do mundo, vendia nas esquinas *La Cause du Peuple* (A Causa do Povo) jornal maoísta,

sem que ninguém ousasse prendê-lo.

Sartre pertence à ala dos filósofos existencialistas ateus, entre os quais se destaca Jean-Paul Sartre e Albert Camus.

Gravura:

Sartre participando de uma manifestação pró-Argélia.

Sartre não dissociava a reflexão filosófica nem a produção literária do seu envolvimento na política

do seu tempo.

Essência e existência

"A existência precede a essência" Eis a frase fundamental do existencialismo. A essência é o que faz com que uma coisa seja o que é, e não outra coisa. Por exemplo, a essência de uma mesa é o ser mesmo da mesa, aquilo que faz com

que ela seja mesa e não cadeira. Não importa que a mesa seja de madeira, de formica ou vidro, que seja grande ou pequena: importa que tenha as características que

nos permitam usá-la como mesa.

No famoso texto O existencialismo é um humanismo, Sartre usa a analogia da espátula de cortar papel. Quando um fabricante faz alguma coisa, tem antes em mente o ser do objeto que será fabricado. Da mesma forma, uma pessoa que crê em

Deus, supõe que ele seja o artífice superior que criou o homem segundo um modelo, tal qual o artesão faz qualquer objeto. Daí deriva a noção de que o homem teria

uma natureza humana, encontrada igualmente em todos os homens. Portanto, segundo essa concepção, a essência do homem precede a existência.

Não é essa, no entanto, a posição de Sartre, que não identifica divina a partir de um modelo. Por isso especifica que, ao contrário das coisas e animais, no homem a existência precede a essência, e isso

"significa que o homem

primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se

define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é

definirel, é porque primeiramente

não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber. O homem é, não apenas

como ele se concebe, mas como ele quer que seja, como ele se concebe depois da existência, como ele se deseja após este impulso para a existência; o homem não é

mais que o que ele faz. Tal é o primeiro princípio do existencialismo "

1

1.' J. P. . Satre, O existencialismo é um humanismo. p. 216.

A liberdade e a angústia

Qual é a diferença entre o homem e as coisas? É que só o homem é "ser lançado adiante", assim como o sufixo ex da palavra existir significa

"fora". Ora, só o homem existe (ex-siste) porque o existir do homem é um

"para-si", ou

seja, sendo consciente, o homem é um "ser-para-si" pois a consciência é auto-reflexiva, pensa sobre si mesma, é capaz de pôr-se

"fora" de si. Portanto, a consciência

do homem o distingue das coisas e dos animais, que são "em-si", ou seja, como não são conscientes de si, também não são capazes de se colocar

"do lado de fora" para

se auto-examinarem.

O que acontece ao homem quando se percebe "para-si", aberto à possibilidade ou modelo para lhe orientar o caminho, seu futuro se encontra disponível e aberto, estando portanto irremediavelmente

"condenado a ser livre". É o próprio Sartre

que cita a frase de Dostoiévski em Os irmãos Karamazov: "Se Deus não existe, então tudo é

permitido", para lembrar que os valores não são dados nem por Deus nem pela tradição: só ao próprio homem cabe inventá-los.

Se o homem é livre, é conseqüentemente responsável por tudo aqui operar modificações no real.

A má fé

O homem não é "em-si", ele é "para-si", que a rigor não é nada, pela liberdade fundamental do "para-si", que, movendo-se através das possibilidades, poderá criar-lhe um conteúdo.

Eis que o homem, ao experimentar a liberdade, e ao sentir-se com ela, aninhando-se na má fé. A má fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. Imagina que seu destino está traçado, que os

valores são dados; aceitando as verdades exteriores, "mente" para si mesmo,

simulando ser ele próprio o autor dos seus próprios atos já que aceitou sem críticas os

valores dados. Não se trata propriamente de uma mentira, pois esta supõe os outros para quem mentimos, enquanto a má fé se caracteriza pelo fato de o indivíduo dissimular

para si mesmo com o objetivo de evitar fazer uma escolha da qual possa se responsabilizar.

O homem que recusa a si mesmo aquilo que fundamentalmente o caracteriza, o homem, ou seja, a liberdade, torna-se "safado", sujo" (salaud), pois nesse processo recusa a dimensão do

"para-si" e torna-se "em-si", semelhante às coisas. Perde a transcendência e reduz-se à facticidade.

Sartre chama tal comportamento de espírito de seriedade. O homem recusa a "respeitabilidade" da ordem estabelecida e da tradição. Esse processo é exemplificado no conto A Infância de um chefe.

A fim de ilustrar o comportamento de má fé, Sartre descreve o garçom que ele aja não como um "ser-para-si", mas como um "ser-para-outro"; comporta-se como deve se comportar um garçom, desempenhando o papel de garçom, de tal forma

que ele se vê com os olhos dos outros. E assim que Sartre o descreve em O ser e o nada:

"Consideremos esse garçom de café. Tem um gesto vivo e apurado, preciso e rápido; dirige-se aos consumidores num passo demasiado vivo, inclina-se com demasiado zelo, sua voz e seus olhos experimentam um interesse demasiado cheio de solicitude para o pedido do freguês (...) Ele representa, brinca. Mas representa

o quê? Não é preciso observá-lo muito tempo para perceber:
ele representa ser garçom de café".

Outro tipo de má fé é o da mulher que, estando com um homem, dei
seduzir" por ele, dissimulando para si mesma, desde o início, o caráter sexual do
encontro.

A responsabilidade

Tais colocações a respeito do existencialismo poderiam fazer sup
com a própria liberdade e ação.

Contra esse mal-entendido, Sartre adverte: "Mas se verdadeiramen
esforço do existencialismo

é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total
responsabilidade da sua existência. E. quando dizemos que o homem é

responsável por si próprio, não queremos dizer que o homem é responsável pela
sua restrita individualidade, mas que é responsável por todos os homens. (...)
Com

efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos
ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve
ser. Escolher

ser isto ou aquilo é afirmar ao mesmo tempo o valor do que escolhemos, porque
nunca podemos escolher o mal, o que escolhemos é sempre o bem, e nada pode
ser bom

para nós sem que o seja para todos. Se a existência, por outro lado, precede a
essência e se quisermos existir, ao mesmo tempo que construímos a nossa
imagem, esta

imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, a nossa
responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve

toda a

humanidade"2.

O absurdo

Sartre também discute a questão da morte. Diferentemente de Heidegger, que concebe a morte como aquilo que confere significado à vida, Sartre acha que ela

lhe retira qualquer sentido. A morte é a "nadaificação" dos nossos projetos, ou seja, a certeza de que um nada total nos espera. Por isso. Sartre conclui pelo absurdo

da morte e, simultaneamente. da vida, que é uma "paixão inútil": "Se nós temos de morrer, a nossa vida não tem sentido. porque os seus problemas não recebem

qualquer solução e porque até a significação dos problemas permanece

indeterminada".

O conceito de náusea, usado no romance de mesmo nome, refere-se ele é desprovido de razão de ser, absurdo. Roquentin, a personagem principal do romance, numa célebre passagem, ao olhar as raízes de um castanheiro, tem a impressão

de existir à maneira de uma coisa, de um objeto, de estar-aí, como as coisas são. Tudo lhe surge como pura contingência, gratuitamente, sem sentido.

1. Conclusão

O existencialismo é uma moral da ação, porque considera que a úr esteja situado em determinado tempo ou lugar. Não importa o que as circunstâncias fazem do homem,

"mas o que ele faz do que fizeram dele".

Vários problemas surgem no pensamento sartriano, desencadeados p

e, ao mesmo tempo, se responsabilizar por toda a humanidade,
o que parece gerar uma contradição indissolúvel.

Sartre se coloca nos limites da ambigüidade. pois. se a moral é da sua liberdade, exige o comportamento moral. Sartre sempre prometeu escrever um livro sobre moral, mas não realizou seu projeto. Uma tentativa nesse sentido foi

levada a efeito por Simone de Beauvoir no livro Moral da ambigüidade.

1. J. P. Sartre, O existencialismo é um humanismo, p. 219.

Exercícios

1. O que é para Heidegger a vida autêntica e a inautêntica?
2. Compare o significado da morte para Heidegger e para
3. O que significa para Sartre "a existência precede a essência"?
4. Explique o significado do que Sartre diz em As palavras, livro infância:

"Eu não podia admitir que a gente recebesse o ser de fora, que ele se conservasse por inércia, nem que os movimentos da alma fossem os efeitos de movimentos anteriores

(...) Diziam-me amiúde: o passado nos impele; mas eu estava convencido de que o futuro me puxava -
5. Explique as afirmações: "Só os atos decidem do que se quis" e "Ninguém é mais que sua vida".
6. O texto a seguir foi retirado do livro de Salinger O apanhado os conceitos sartrianos, inclusive o de má fé: "O caso é o seguinte: na maioria das vezes que a gente está quase fazendo o negócio com uma

garota-uma garota que

não seja uma prostituta nem nada, evidentemente - ela fica dizendo para a gente parar. Meu

problema é que eu paro. A maioria dos sujeitos não pára, mas eu não consigo

ser assim. A gente nunca sabe se elas realmente querem que a gente pare. ou se estão apenas com um medo danado, ou se estão pedindo que a gente pare so para que,

Se a gente continuar mesmo, a culpa seja só nossa, e não delas".

7. Leia o texto complementar de Simone de Beauvoir e resp

a) O que significa dizer que a criança não é propriamente um ser

b) Em que sentido a adolescência é o momento privilegiado

consciência moral ?

c) O que você entendeu pela frase: "Existir é fazer-se ca
ser"?

d) O que são "atitudes inautênticas"?

e) Que comparação é feita entre as crianças, as mulheres

Quando a autora diz "não é mais um homem, mas um pai, um chefe", em que medida se refere ao conceito de

"homem sério"?

Texto complementar

Moral da ambigüidade

A infelicidade do homem, disse Descartes, deriva de que ele foi
homens só se podem explicar porque se operaram a partir da infância. O que caracteriza a situação da criança é que ela se encontra jogada num universo que não contribuiu

para constituir, que foi moldado sem ela e que lhe aparece como um absoluto ao qual não pode senão submeter-se. Aos seus olhos, as invenções humanas

- as palavras,

os costumes, os valores - são fatos consumados inelutáveis como o céu e as árvores, ou seja, o mundo em que vive é o mundo do sério, já que o específico do espírito

de seriedade é considerar os valores como coisas estabelecidas. (...) O mundo verdadeiro é o dos adultos, onde não lhe é permitido senão respeitar e obedecer. Ingenuamente

vítima da miragem do para-outro, crê no ser dos seus pais, dos seus professores. considera-os como as divindades que estes procuram vilmente ser e cuja aparência

se comprazem em imitar diante de olhos ingênuos. As recompensas, as punições, os prêmios, as palavras de elogio ou de censura insuflam na criança a convicção de

que existe um bem, um mal, fins em si, como existe um sol e uma lua. (...) E é nisto que a condição da criança (ainda que possa ser, em outros aspectos, infeliz)

é metafisicamente privilegiada: a criança escapa normalmente à angústia da liberdade; pode ser, a depender de sua vontade, indócil, preguiçosa; seus caprichos e

suas faltas dizem respeito somente a ela, não pesam sobre a terra, não poderiam perturbar a ordem serena de um mundo que existia antes dela, sem ela, no qual está

em segurança por sua própria insignificância; pode fazer impunemente tudo o que lhe agrada, sabe que nada acontecerá por causa disso, tudo já está dado; seus atos

não comprometem nada, nem mesmo a si própria.

(...) É muito raro que o mundo infantil se mantenha além da adol

a criança pouco a pouco se interroga:

por que é preciso agir assim? A quem isto é útil? E, se eu agisse de outra forma, que aconteceria? (...) E quando chega a idade da adolescência, todo seu universo

se põe a vacilar, porque percebe as contradições que os adultos opõem uns aos outros, bem como suas hesitações, suas fraquezas. Os homens cessam de lhe aparecer

como deuses, e, ao mesmo tempo, o adolescente descobre o caráter humano das realidades que o cercam: a linguagem, os costumes, a moral, os valores, têm sua fonte

nessas criaturas incertas; chegou o momento em que será chamado a participar também dessa operação; seus atos pesam sobre a terra tanto quanto os dos outros homens,

ser-lhe-á preciso escolher decidir. Compreende-se que tenha dificuldade em viver esse

momento de sua história e reside nisso. sem dúvida, a causa mais profunda da

crise da adolescência: é que o indivíduo deve, enfim, assumir a sua subjetividade. De certa forma, o desabamento do mundo sério é uma libertação.

Irresponsável, a criança se sentia também sem defesa em face das potências obscuras que dirigiam o curso das coisas. Mas, qualquer que seja a alegria dessa libertação,

não é sem

uma grande confusão que o

adolescente encontra-se jogado num mundo que não é mais completamente feito, mas a fazer, dono de uma liberdade que nada mais prende, abandonado, injustificado.

Em face dessa situação nova, que pode ele fazer? É nesse momento que se decide; se a história, que se pode chamar natural, de um indivíduo

- sensualidade, seus complexos

afetivos *etc.* - depende sobretudo de sua infância, é a adolescência que surge como o momento da escolha moral: então, a liberdade se revela e é preciso decidir que

atitude tomar diante dela. (...) A infelicidade que vem ao homem do fato de ele ter sido uma criança consiste, pois, em que sua liberdade lhe foi inicialmente ocultada

e em que ele guardará toda sua vida a nostalgia do tempo em que ignorava as exigências dela.

(...) Existir é fazer-se carência de ser, é lançar-se no mundo:

sub-homens os que se ocupam em paralisar esse movimento original;

eles têm olhos e ouvidos, mas fazem-se desde a infância cegos e surdos, sem amor, sem desejo. Essa apatia demonstra um medo fundamental diante da existência, diante

dos riscos e da tensão que ela implica; o sub-homem recusa essa paixão que é a sua condição de homem, o dilaceramento e o fracasso deste impulso e a direção do

ser

que nunca alcança seu fim; mas com isso, é a existência mesma que ele recusa.

(...) Compreende-se facilmente porque, de todas as atitudes inau

de ter vivido sob o olhar dos deuses, tendo prometido a si mesmo a divindade, não aceita de bom grado voltar a ser, na inquietude e na dúvida, simplesmente um homem.

Que fazer? Em que acreditar? Frequentemente, o jovem que, como o sub-homem, não recusou logo a existência de maneira a que essas questões não se colocassem, assusta-se,

entretanto, por ter de respondê-las; após uma crise mais ou menos longa, volta-se para o mundo de seus pais e de seus senhores ou então adere a valores novos,

mas

que parecem também seguros. Em lugar de assumir uma afetividade que o lançaria perigosamente adiante de si mesmo, ele a repele.

(...) A má fé do homem sério provém de que ele é obrigado, sem cessar, a renovar a renegação dessa liberdade. Ele escolhe viver num mundo infantil; mas à criança,

os valores são realmente dados. O homem sério deve mascarar esse

movimento através do qual se dá os valores, tal como a mitômana, que lendo uma carta de amor, finge esquecer que

essa lhe foi enviada por si mesma. Já indicamos que, no universo do sério, certos adultos podem viver com boa fé: aqueles a quem é

recusado qualquer instrumento de evasão, aqueles de quem outros a um indivíduo agir sobre o mundo,

mais esse mundo lhe aparece como dado. E o caso das mulheres que herdaram uma longa tradição de submissão e daqueles a quem se chama de humildes; há, freqüentemente,

preguiça e timidez na sua resignação, sua boa fé não é integral; mas na medida em que existe, sua liberdade permanece disponível, não se renega: eles podem, na sua

situação de indivíduos ignorantes, impotentes, conhecer a verdadeira existência e elevar-se a uma vida propriamente moral.

(...) Ao contrário, o homem que tem os instrumentos necessários faz de si mesmo sério, dissimula sua subjetividade sob a armadura de direitos que emanam do universo ético reconhecido por ele; não é mais um homem, mas um pai,

um chefe, um membro da Igreja Cristã ou do Partido Comunista.

(...) É no medo que o homem sério experimenta essa dependência e à angústia da liberdade senão para cair na preocupação, no cuidado; tudo para ele é ameaça. (...) E dado que não será jamais senhor desse mundo exterior ao qual

consentiu em submeter-se, a despeito de todas as suas precauções, será sem cessar contrariado pelo curso incontrolável dos acontecimentos. Sem cessar, declarar-se-á

decepcionado, porque sua vontade de congelar o mundo em coisa é desmentida pelo próprio movimento da vida. O futuro contestará seus sucessos presentes; seus filhos

lhe desobedecerão, vontades estranhas opor-se-ão a sua, será presa do mau humor e da acidez. (...) Quer libertar-se de sua subjetividade, mas sem cessar ela ameaça

se desmascarar, ela se desmascara. Então, explode o absurdo de uma vida que procurou fora de si as justificações que só ela se podia dar. Desligados da liberdade

que os teria fundamentado autenticamente, todos os fins perseguidos aparecem como arbitrários, inúteis.

(Simone de Beauvoir, Moral da ambigüidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970, p. 29 e segs.)

* * *

Captulo 32

O CORPO

Sem o corpo a alma não goza.

(Adélia Prado)

1. A posição idealista

O homem sempre teve dificuldade em ver claramente e sem preconceitos o homem não como unidade integral, mas como composto de duas partes diferentes e separadas: o corpo (material) e a alma (espiritual e consciente). Chamamos

a isso dualismo psicofísico, ou seja, a dupla realidade da consciência separada do corpo.

A dicotomia corpo-consciência já aparece no pensamento grego no século VI a.C. Platão. Esse filósofo parte do pressuposto de que a alma, antes de se encarnar, teria vivido a contemplação do mundo das idéias (ver Capítulo

IO - Teoria do conhecimento),

onde tudo conheceu por simples intuição, ou seja, por conhecimento intelectual direto e imediato, sem precisar usar os sentidos. Quando

- por necessidade natural ou

expição de culpa - a alma se une ao corpo, ela se degrada, pois se

torna prisioneira dele. A alma humana passa então a se compor de duas partes, uma superior (a

alma intelectual) e outra inferior (a alma do corpo). Esta última é irracional e se acha dividida em duas partes: a

irascível, impulsiva, localizada no peito; e

a concupiscível, localizada no ventre e voltada para os desejos de bens materiais e apetite sexual.

Todo drama humano consiste, para Platão, na tentativa de domínio pelo sensível, leva à opinião e, conseqüentemente, ao erro. O corpo é também ocasião de

corrupção

e decadência moral, e se a alma superior não

souber controlar as paixões e os desejos, o homem será incapaz de comportamento moral adequado.

Da mesma forma, o amor sensível deve estar subordinado ao amor intelectual pela beleza física; mas o verdadeiro discípulo de Eros amadurece com o tempo ao descobrir que a beleza da alma é mais preciosa que a do corpo.

No entanto, pode parecer contraditória a constatação de que os gregos valorizam os esportes. Não é à toa que a Grécia aparece como o berço das Olimpíadas.

Ora, Platão também valoriza a ginástica, e isso apenas confirma a educação física rigorosa põe o corpo na posse de saúde perfeita, permitindo que a alma se desprenda do mundo do como e dos sentidos para melhor se concentrar na

contemplação das idéias. Caso contrário, a fraqueza física torna-se empecilho maior à vida superior do espírito.

O ascetismo medieval

O período final da Antiguidade é marcado pelas migrações bárbaras de transição para o feudalismo medieval é lento e confuso. A partir do século IV, devido às invasões germânicas, a insegurança nas cidades provoca o declínio das

atividades mercantis e

o retorno ao campo, onde começa a se desenvolver outro tipo de relação de produção.

Tais mudanças, que marcam um período de crise, fazem surgir inte monges que buscam refúgio na fé. Abandonam o convívio das pessoas, procurando as cavernas e o deserto para a purificação do espírito. Aliás, a palavra monge vem

do latim monachós, formada pelo radical grego monos, que significa "só", "solitário". Portanto, inicialmente, monge é aquele que busca a perfeição por meio do afastamento

da vida mundana. Passado o período das manifestações individuais de recusa do mundo dos pecados, os monges se reúnem em mostérios, conventos onde cada monge ocupa

cela separada, mas também desenvolvem trabalhos comuns. Foi importante, por exemplo, o Mosteiro de Monte Cassino, fundado por São Bento no século VI.

Partindo do princípio de que o corpo é sinal de pecado e degrada práticas

de purificação que estimulam o ascetismo. A palavra ascese em grego significa "exercício", enquanto atividade espiritual que visa ao controle dos desejos

por meio da mortificação da carne. Isso é feito com práticas de jejum, abstinência e flagelações (por exemplo. chicoteando o próprio corpo), caminho considerado

necessário para atingir a efetiva realização da virtude e da plenitude da vida moral.

As interpretações religiosas medievais buscam os fundamentos rac Plarão, adaptando-o à luz da revelação cristã. O neoplatonismo preponderante na Alta Idade Média inspira-se sobretudo na grande síntese teológica feita por

Santo Agostinho.

1. A posição materialista. A dessacralização do corpo

No Renascimento e idade Moderna começam a ocorrer transformações nem por isso deixava de ser criação divina, o que o envolvia num véu de sacralidade. Durante o período medieval havia proibições expressas da

Igreja quanto à dissecação de cadáveres. "Abrir o corpo de um morto somente porque jamais

se sabe se um morto está verdadeiramente morto, mas sobretudo porque tal empreitada tem um caráter sacrílego. O olhar humano não deve se fixar em regiões que Deus

nos ocultou e não deve violar uma realidade sobrenatural, um dos aspectos do destino eterno do homem."1

(Gosdorf. A origem de nossa civilização. p. 25).

Dai o impacto das experiências de Vesúlio (1514-1564), médico belga. Esse procedimento revolucionário alterou várias concepções inadequadas da anatomia tradicional baseada na obra de Galeno (séc,

II). Sabemos também que Leonardo da

Vinci conseguia às escondidas cadáveres para os estudos de anatomia e que serviam de base às suas pinturas.

Por outro lado, a "profanação" pelo olhar levada a efeito por Vesúlio, ao ser inserida na perspectiva da revolução científica promovida por Bacon. Descartes,

Galileu.

O novo olhar do homem sobre o mundo é o olhar da consciência secularizada, sem componente religioso para só considerar a natureza física e biológica. O corpo

passa a ser objeto da ciência.

Gravura:

A lição de anatomia, de Rembrandt. Na Idade Moderna, o corpo torna-se objeto de ciência. No quadro, Rembrandt representa a "profanação" pelo olhar iniciada pelos

anatomistas que desafiaram a proibição da Igreja de dissecar cadáveres.

A filosofia cartesiana contribui para a nova abordagem a respeito começa duvidando da realidade do mundo e do próprio corpo, até chegar à primeira verdade indubitável: o cogito, o pensamento. Ao recuperar a realidade do mundo e

do corpo, encontra um corpo que é pura exterioridade, uma substância extensa, material. Considera então que o homem é constituído por duas substâncias distintas:

a substância pensante, de natureza espiritual - o pensamento; e a substância extensa, de natureza material - o corpo. Eis

aí o dualismo psicofísico.

Tal posicionamento determina a nova visão do corpo, diferente da E Descartes que afirma: "Deus fabricou nosso corpo como máquina e quis que ele funcionasse como instrumento universal, operando sempre da mesma maneira, segundo

suas próprias leis". Com isso Descartes torna o corpo autônomo, alheio ao homem.

Embora o próprio Descartes privilegiasse a substância pensante, demora a gerar a corrente empirista, que tem como principal representante o inglês Locke (séc. XVII). Este não pode ser considerado propriamente materialista, mas

será nesse sentido que se desenvolverão posteriormente os efeitos do seu

pensamento.

O materialismo natural viza o corpo e suas funções, o que significa "cadáver", como em A lição de anatomia... Aliás, a palavra corpo, do latim corpus, significa "cadáver"

Com o desenvolvimento das ciências, o modelo mecânico é substituído às leis da natureza. O próprio homem, reduzido à dimensão corpórea e sujeito às forças deterministas da natureza, torna-se incapaz e irresponsável pelo próprio destino.

A literatura naturalista do século XIX exemplifica bem essa tendência, mostrando o homem como simples joguete do meio, da raça, do momento.

Os pressupostos materialistas da concepção de corpo representam, inicialmente, empecilhos para o desenvolvimento das ciências humanas no século XIX, devido

ao problema em

restabelecer as ligações entre as duas realidades constitutivas do homem dividido em partes que não se comunicam. Se isso significou para Comte a impossibilidade

da psicologia como ciência, a psicologia experimental nascente privilegiará no homem apenas a exterioridade do comportamento, tal como acontece, por exemplo, nas

psicologias de tendência naturalista (como o behaviorismo), nas quais a consciência é colocada "entre parênteses".

1. A relação corpo-espírito para Spinoza

Embora só no século XX tenham surgido correntes filosóficas que no século XVI, representada por Spinoza.

Baruch Spinoza (1632-1677) era judeu holandês e sofreu, inúmeros

ocupouse como polidor de lentes, a fim de garantir a sobrevivência e dedicar-se à reflexão. Escreveu Trotado teológico-político e Ética, entre várias obras malcompreendidas

e quase nunca lidas, tanto no seu século como nos subseqüentes. Sempre sofreu acusações, ora de ateísmo, ora de panteísmo.

Considerado por muitos um filósofo determinista, no sentido de q
de poder, quer político, quer religioso, na tentativa de elucidar os obstáculos à vida, ao pensamento e à política livres. Ele quer descobrir o que leva o homem à servidão e à obediência. Sua análise teórica a respeito da superstição tem características que a aproximam do conceito marxista de ideologia, elaborado dois séculos

depois. Por isso, ao analisar o comportamento moral, Spinoza procura o que possibilita e o que impede o exercício da liberdade.

Ao mostrar as possibilidades de expressão da liberdade, Spinoza gregos. Vimos que Platão dicotomiza corpoconsciência,

dando ao espírito a superioridade e o poder de dominar as paixões, como condição da própria humanização. Também em Descartes persiste o dualismo psicofísico, a hierarquização

e o princípio de causalidade. E, como vimos, essa posição, levada às últimas conseqüências, abre caminho para a concepção materialista do corpo.

A novidade de Spinoza é a teoria do paralelismo, segundo a qual o espírito é superior ao corpo, como queriam os idealistas, nem o corpo determina a consciência, como dizem os materialistas. A relação entre um e outro não é de

causalidade, mas de expressão e simples correspondência. O que se passa em um deles se exprime no outro: a alma e o corpo exprimem, no seu modo próprio, o mesmo

evento.

Nesse sentido, também não convém dizer que o corpo é passivo enquanto os sentidos são ativos ou passivos. Quando passivos, o somos de corpo e alma. Quando ativos, o somos de corpo e alma. Somos ativos quando autônomos, senhores de nossa ação, e passivos

quando o que ocorre em nosso corpo ou alma tem uma causa externa mais poderosa que nossa força interna, daí decorrendo a heteronomia.

Ora, a virtude da alma, no sentido primitivo de força, poder, com a alma se volta para si mesma e se reconhece capaz de produzir idéias, passa a uma perfeição maior e é, portanto, afetada pela alegria. Mas, se em dada situação,

a alma não consegue entender, a descoberta de sua impotência causa sentimento de diminuição do ser e, portanto, provoca tristeza. Nesse caso, a alma está passiva.

Já nas relações entre os corpos, resultam afecções, na medida em que um corpo afeta outro determina duas situações diferentes. Se o corpo que nos afeta se "compõe" com o nosso, a sua potência (ou capacidade de agir) se adiciona à

nossa, o que provoca aumento da nossa potência; passando a uma perfeição maior, o resultado é a alegria. Ao contrário, se há um "mau encontro", quando o outro corpo não se compõe com o nosso (por exemplo, no caso da tirania), há uma subtração

da nossa potência, que, diminuída, gera tristeza.

Spinoza chama de paixões a tristeza e a alegria, que, no sentido estrito, são passivas, mas a ação tem uma causa exterior, e nós permanecemos passivos.

A diferença entre paixão triste e paixão alegre é que esta, ao a tornarmos

senhores dela e, portanto, dignos de ação. A paixão triste nos afasta cada vez

mais da nossa potência de agir, sendo geradora de ódio, aversão, temor, desespero,

indignação, inveja, crueldade, ressentimento.

Como fazer para evitar a paixão triste e propiciar a paixão aleg

Aí reside a originalidade de Spinoza: "Nem o corpo pode determinar a alma a pensar, nem

a alma determinar o corpo ao movimento ou ao repouso ou a qualquer outra coisa (se acaso existe outra coisa)"².

2 Spinoza, *Ética*, Col. Os pensadores, São Paulo, Abril Cultural. 1973, p.

155.

Gravura:

O trovador, de Giorgio de Chirico.

Toda repressão nega a autonomia, capacidade fundamental do homem como ser moral. Uma das conseqüências é a perda do próprio corpo,

tornado coisa assexuada e des vitalizada.

Não cabe ao espírito combater as paixões tristes, mas o que as d
passar a ser senhores deles.

Portanto, diferentemente de outros filósofos que estabelecem hie
aspectos da liberdade não está em nos livrarmos das paixões, mas em sermos capazes de perceber que

somos causas das paixões: liberdade é autodeterminação, é autonomia. Conseguimos isso sobrepondo, às paixões nascidas da tristeza, as paixões alegres. Portanto,

um afeto jamais é vencido por uma idéia, mas um afeto forte é capaz de destruir um afeto fraco. Somos autônomos quando o que acontece em nós é explicado

pela nossa

própria natureza, e não por causas externas.

Por isso, Spinoza é um filósofo da vida e considera prejudicial

1. A posição da fenomenologia

Já vimos nos Capítulos 10 e 16 que a corrente da fenomenologia p
visão platônico-cristã,

Pela noção de intencionalidade, a fenomenologia tenta superar nã
nesses pólos relações de reciprocidade. Afinal, o que é o corpo nessa
perspectiva? Ele não se identifica às

"coisas", mas é enriquecido pela noção de que o homem

é um ser-no-mundo. Revendo as noções de facticidade e transcendência
desenvolvidas no Capítulo 30, o corpo é facticidade no sentido de "estar lá com
as coisas".

Mas nunca é facticidade pura, pois é também "acesso às coisas e a ele mesmo";
portanto, a dimensão de facticidade do corpo não se desliga da possibilidade de
transcendência.

E isso que veremos por meio de exemplos.

Se o corpo não é coisa, nem obstáculo,

mas é parte integrante da totalidade do ser humano,

(. A. M. Luijpen, *Introdução à fenomenologia*, p. 275.)

meu corpo não é alguma coisa que eu tenho; eu sou meu corpo. Ao estabelecer o
contato com outra pessoa, eu me revelo pelos gestos, atitudes, mímica, olhar;

enfim, pelas manifestações corporais. Ao observar o movimento de alguém, não
o vejo enquanto simples movimento mecânico, como se o outro fosse máquina,
mas como

sujeito cujo movimento representa um gesto expressivo. Portanto, o gesto nunca é apenas corporal: ele é significativo e nos remete imediatamente à interioridade do sujeito.

De fato, o corpo do outro que percebemos não é um corpo qualquer que ouço a suspirar de cuidados. Sinto sua cordialidade no aperto de mãos, na meiguice de sua voz, na benevolência de seu olhar. Da mesma forma, quem me odeia, quem

é indiferente a meu respeito, quem se aborrece comigo, quem tem medo de mim, quem me despreza ou desconfia de mim, quem me quer consolar, seduzir ou censurar, convencer-me

ou divertir-me - está presente em pessoa a mim. Seu olhar, seu gesto, sua palavra, sua atitude *etc.* são sempre seu olhar, gesto, palavra e atitude:

ele, em pessoa, está imediatamente e diretamente presente a mim".

Então, o corpo é o primeiro momento da experiência humana. E antes de participar, com o corpo, do conjunto da realidade.

1. Exemplos de integração corpoconsciência

Com o corpo nos engajamos diante do real de inúmeras maneiras por meio do corpo. O trabalho humano

O trabalho humano é o processo pelo qual o homem submete a natureza à força do corpo humano, que opera na natureza. As próprias ferramentas e máquinas em geral nada mais são que ampliações do poder do corpo.

Por exemplo, o martelo é a ampliação do poder do punho fechado; o corpo não é um instrumento como o são

o martelo e o computador, pois o movimento do corpo está entrelaçado no projeto do trabalho, referência constante do seu agir sobre o mundo. Mesmo

porque o instrumento

usado supõe o sentido que o homem lhe confere: uma arma tem para o caçador um significado bem diferente do que lhe dá o revolucionário.

A educação física

Outro exemplo de integração corpoconsciência é o da educação física. Num período ele se sente estranho ao próprio corpo. Fica desajeitado, incomodado com os próprios braços, dando encontros com objetos em seu caminho e precisa aprender

uma nova dinâmica corporal caracterizada por gestos, atitudes e reflexos diferentes.

Nesse momento crucial a educação física se torna elemento importante como simples treinamento muscular, nem como momento de descontração ou simples garantia de higiene e condição de equilíbrio fisiológico. Para o educador suíço Pierre

Furter, cabe à educação física o delicado esforço pelo qual os adolescentes reconhecem seu corpo, respeitando seus limites. A educação física, assim compreendida

provoca o equilíbrio interior da personalidade.

Também o treinamento esportivo, enquanto atividade humana significativa para os esportistas. A descoberta de si próprio e do outro supõe o desenvolvimento das próprias habilidades, o assumir as regras coletivas, o agir individual como momento

não desligado da ação comum.

Portanto, o jogo não é apenas uma atividade que diz respeito à vitória, mas é a expressão mesma da alegria, do desafio e do compromisso com o outro.

É o ser pleno (e não só o corpo) que nos envolve na luta e que se realiza na

ação.

A sexualidade

Também a sexualidade não deve ser vista como atividade puramente separada do homem integral.

Na verdade, sempre houve tendência em considerar o sexo separado do homem integral. O puritanismo esforça-se por criar a imagem do ser que nega a realidade dos próprios impulsos eróticos porque os considera

aviltantes, e o libertinismo não só aceita esses impulsos como os toma a única mola de suas ações. Em ambos os casos - um porque pretende anular o sexo, outro porque

o separa da totalidade da experiência humana mais global - estamos diante de deformações da sexualidade.

Na verdade, a sexualidade é parte integrante do ser total e não se separa dele. Ela é a expressão do ser que deseja, que escolhe, que ama, que se comunica com o mundo e com o outro. É uma "linguagem" que será tanto mais humana quanto mais pessoal

for.

A dor e a doença

Poderíamos argumentar que, ao contrário dos exemplos anteriores, na cadeira onde demos uma "canelada", e todo órgão afetado por alguma doença "padece" a ação de vírus ou bactérias. Há doenças hereditárias, defeitos congênitos.

Tudo isso parece muito distante da ação da consciência.

No entanto, como dissemos, a facticidade nunca vem separada da transcendência que reside no sentido que o homem dá à sua doença ou no uso que faz dela.

A doença pode ser ocasião de despertar a atenção do outro, a sua complacência, o abrandamento da sua severidade. Também às vezes representa a forma sádica pela qual

sacrificamos o companheiro. Ou ainda, a condição de nos furtarmos a certas obrigações. Por outro lado, as restrições do

corpo, mesmo que sejam fonte de dependência

podem tornar-se condição de domínio de si: a gagueira de Demóstenes o incita a ser um grande orador.

Em *A doença como metáfora*, a filósofa americana Susan Sontag analisa a clássica do século passado, a tuberculose, e a do nosso século, o câncer. Ela aborda não a doença em si, mas a doença como metáfora:

"Qualquer doença encarada como um mistério e temida de modo muito agudo será tida como moralmente, se não literalmente, contagiosa. Assim, pessoas acometidas de

câncer, em número surpreendentemente elevado, vêm-se afastadas por parentes e amigos e são objetos de procedimentos de descontaminação por parte das pessoas da

casa, como se o câncer, a exemplo da tuberculose, fosse uma doença transmissível. O contato com uma pessoa acometida por doença tida como misteriosa

malignidade

afigura-se inevitavelmente como uma transgressão ou, pior, como a violação de um tabu. Os próprios nomes dessas doenças são tidos como possuidores de um poder mágico.

Em *Armance* (1827), de Stendhal, a mãe do herói se recusa a dizer

"tuberculose", pelo medo de que pronunciar a palavra acarrete o agravamento da doença do filho.

Para constatar a discriminação dessas doenças, basta observar qu

No entanto, mente-se aos pacientes cancerosos não só porque a doença é (ou é tida como) uma sentença de morte, mas porque é considerada obscena, no sentido original

da palavra: de mau pressagio, abominável, repugnante aos sentidos"4.

Poderíamos acrescentar a esses comentários as considerações a respeito do livro,

Aids e suas metáforas, onde analisa a tendência de estigmatizar as vítimas dessa doença, também anunciada como uma "praga". Por estar inicialmente relacionada com

os "grupos de risco", sejam drogados ou homossexuais, e portanto a uma forma de vida e de sexualidade desviantes, foram criadas metáforas da Aids que a associam

à culpabilidade e à condenação daquilo que é considerado excessivo e reprovável.

Assim como houve um processo de saudável desdramatização de doença hanseníase, Susan Sontag espera que o mesmo aconteça com a Aids: "O antiquíssimo projeto, aparentemente inexorável, por meio

do qual as doenças adquirem significados (uma vez que passam a ter significados mais profundos) e estigmatizam suas vítimas é sempre algo que vale a pena contestar. (...) No caso desta doença, que produz tantos sentimentos de culpa e vergonha, a tentativa de dissociá-la desses significados, dessas metáforas, é particularmente liberadora, até mesmo consoladora. Mas para afastar as metáforas,

não basta abster-se delas. É necessário desmascará-las, criticá-las, atacá-las, desgastá-las".5

Integração das atividades gerais

Outro exemplo de integração é o das atividades gerais do conhecimento: a razão funciona quando se estuda; a emoção, quando se visita uma pessoa amada; a força de vontade, quando se prepara para um exame. A compartimentalização

de valores e metas conduz rapidamente à desintegração da personalidade. Na verdade, embora possamos didaticamente distinguir as diversas atividades, o homem é uma

unidade que pensa-sente-quer-age. Você já reparou na ansiedade que sentimos ao tentar resolver um problema de caráter aparentemente apenas intelectual? E na satisfação

que temos ao resolvê-lo? Ou na frustração, quando a dificuldade nos desafia? Por outro lado, você notou que o amor, o ódio, a afeição que temos pelas pessoas se

fortalecem ou se justificam pelo conhecimento que temos delas?

1. Conclusões

Com esses exemplos quisemos dizer que o corpo não é um instrumento. O corpo humano jamais poderá ser uma coisa entre as coisas e, nem objetiva, mas carregada de valores. O corpo nunca é dado ao homem como mera anatomia:

o corpo é a expressão dos valores sexuais, amorosos, estéticos, éticos, ligados bem de perto às características da civilização a que pertencemos.

No entanto, estamos nos referindo às concepções teóricas que, mesmo suscitadas pelas condições reais vividas pelos homens do nosso tempo, nem sempre correspondem à maneira pela qual as pessoas estão de fato compreendendo essa realidade.

Ou seja, se os filósofos fazem juízos de valor a respeito de como entendem a relação corpo-consciência, nem por isso deixam de continuar existindo tendências idealistas

e materialistas daqueles que ora vêem o corpo como estorvo, ora como determinante das ações humanas.

Mais ainda, após as mudanças ocorridas na Idade Moderna e que culminaram com a implantação do capitalismo e do sistema fabril, o corpo precisou ser cada vez mais transformado em coisa, a fim de se tornar suportável a exploração do trabalho mecânico e repetitivo.

No século XX, com os movimentos de emancipação da mulher e a revolução sexual, nem sempre tem sido possível encarar o corpo de forma mais serena, tornando-se ele a arena de sentimentos ambíguos, enquanto objeto de amor-ódio: repellido como algo inferior e escravizado, mas desejado e exaltado.

Se analisarmos os fenômenos de corpolatria, veremos que o endeusamento do corpo é um fenômeno que não descarta a possibilidade da "morte do corpo" para o espírito, recolocando a velha dicotomia,

4 Esta citação e a anterior são de Susan Sontag. A doença como metáfora, Rio de Janeiro. Graal. 1984, p. 10 e 3. Gol. Tendências.

5, Sontag. Aids e suas metamorfoses, São Paulo. Companhia das Letras. 1989, p. 10.

Exercícios

1. Qual é a posição platônica com relação ao corpo?
2. Como o corpo é compreendido na Idade Média?
3. Em que medida a dessacralização do corpo não significo
4. Leia a citação de Spinoza e explique o significado del os homens por sua própria culpa. Por isso costumam ridicularizá- (quanto querem parecer mais santos) detestá-los. (...) Tive todo compreendê-las".
5. O que significa dizer que o homem é uma unidade que pe
6. Faça um levantamento de propagandas que acentuam o ser
7. Em que sentido um concurso de beleza (feminino ou masc corpo-conscencia?
8. Faça uma comparação entre Spinoza e Nietzsche (ver Cap
9. Leia o texto complementar "O corpo", de MerleauPonty, prevalecer o dualismo psicofísico.
10. Leia com atenção as citações a seguir, referentes à r identifique e justifique a que corrente elas pertencem: idealismo, materialismo ou fenomenologia.
 - a) A sexualidade humana é essencialmente a expressão do

corpo biológico, é o resultado do funcionamento glandular.

b) O corpo não é coisa, nem obstáculo, mas é parte integrante do corpo. O corpo não é alguma coisa que eu tenho; eu sou meu corpo.

c) Os negros têm um temperamento alegre e extrovertido, por isso são mais felizes do que os brancos.

d) As paixões perturbam a mente, daí a necessidade de ascetismo.

e) Em uma sociedade civilizada e sem preconceitos, será possível a liberdade sexual sem nenhum pudor.

f) O gesto nunca é apenas corporal: ele é significativo e expressivo.

g) A consciência pensa perfeitamente quando nenhuma destas paixões a perturba.

* * *

CAPÍTULO 33

O AMOR

Para amar é preciso ser, mas para ser é preciso, anteç de tudo, é fantasma.

1. O mito de Eros

As lendas gregas foram transmitidas oralmente. e por isso sofrer As vezes, uma figura mítica aparece em várias versões, sempre ricas de significados.

Na Teogonia de Hesíodo, as entidades que saem do seio de Caos - o Amor, força de natureza espiritual que preside a partir daí a coesão, a ordem do universo nascente.

No ciclo dos mitos olímpianos, Eros (Cupido. para os romanos), f para torná-los apaixonados. Mas ele próprio se apaixona por Psique (Alma). Afrodite, invejosa da beleza de Psique, afasta-a do filho e a submete às mais difíceis

provas e sofrimentos, dandolhe como companheiras a Inquietude e a Tristeza; até que Zeus, atendendo aos apelos de Eros, liberta-a para que o casal se una novamente.

Também entre os filósofos gregos persiste essa imagem mítica. Os à combinação dos elementos entre si para formarem os diversos corpos físicos.

No diálogo de Platão O banquete, diversos oradores discursam sob segundo o qual, no início, os seres eram duplos e esféricos, e os sexos eram três: um constituído por duas metades masculinas; outro por duas metades femininas; e o terceiro, andrógino, metade masculino, metade feminino. Como

ousassem desafiar os deuses, Zeus cortou-e para enfraquecê-los. Cada ser

Cada ser tornou-se então um ser fendido, e o amor recíproco se origina da tentativa de restauração

da unidade primitiva. Como os seres iniciais não-eram apenas bissexuais, é valorizada a amizade entre seres do mesmo sexo, sobretudo o masculino, como forma possível

desse encontro. O mito significa também o anseio do homem por uma totalidade do ser, representando o processo de aperfeiçoamento do próprio eu.

Sócrates, o último dos oradores do referido diálogo, começa dizer usa um mito para ilustrar sua afirmação: Eros é descendente de Poros (Riqueza) e de Penia (Pobreza). Seu significado reside na ânsia de sair da situação de penúria

para a de riqueza; é a oscilação entre o possuir e o não-possuir. "É capaz de desabrochar e de viver, morrer e ressuscitar no mesmo dia. Come e bebe, dá e se derrama,

sem nunca estar rico ou pobre."

A partir dessa discussão, Platão, pela boca de Sócrates, estabelece já possuírem a sabedoria, os tolos e os ignorantes não aspiram adquirir conhecimento, pois, embora nada saibam, julgam saber. Só o filósofo deseja conhecer, pois

sabe que não sabe e sente necessidade

de conhecer. O filósofo ocupa o lugar intermediário entre a sabe

Portanto, Platão não reduz a busca apenas à procura da outra metade que nos completa; Eros é ânsia de ajudar o eu próprio autêntico a realizar-se. E a realização se faz enquanto a vontade humana tende para

o Bem e para o Belo: subordina a beleza física

à beleza espiritual e desliga-se da paixão por

determinado indivíduo ou atividade, ocupando-se com a pura contemplação da beleza.

É importante observar que a posição platônica deve ser compreendida visao esboçada no Capítulo 32, segundo a qual Platão subordina Eros a Logos, ou seja, subjuga as paixões à razão.

1. O encontro: a intersubjetividade

O que os mitos nos revelam como verdade fundamental é que Eros é Eros leva o homem a sair de si para que, na intersubjetividade, ou seja, na relação com os outros, realize o encontro.

Assim, poderíamos caracterizar o homem como sendo fundamentalmente a alegria que representa alcançar o objeto de seus desejos.

Talvez isso nos fizesse questionar o princípio cartesiano de que "sente", mas na verdade não queremos inverter o tema clássico da superioridade

da razão sobre a paixão. A paixão não é superior à razão, pois os dois princípios estão indissolivelmente ligados e ambos são importantes para a realização humana:

enquanto o desejo mobiliza o homem, a razão é o princípio organizador que distingue os desejos e busca os meios para sua realização.

Na relação intersubjetiva, o desejo não nos impulsiona apenas para sobretudo o reconhecimento do outro. O amante não deseja se apropriar de uma coisa: deseja capturar a consciência do outro, A relação amorosa se funda na reciprocidade,

ou seja, desejamos o outro enquanto ser consciente e também desejante.

Em sentido muito amplo, Hegel compreende a consciência de si com a outro corpo, exige que esse corpo, que ele deseja, também se estenda porque

amar é desejar o desejo do outro.

Além disso, o amor é o convite para sair de si mesmo. Se a pessoa centrada nela mesma, não será capaz de ouvir o apelo do outro.

É isso que acontece com a

criança, que procura com naturalidade quem melhor preencha suas necessidades, Mas quando esse procedimento continua na vida

adulta,

torna-se impedimento do encontro verdadeiro. Basta lembrar a lenda de Narciso, que, ao contemplar seu rosto refletido na água,

apaixona-se por si próprio, o que causa

sua morte, pois esquece de se alimentar, tão envolvido se acha com a própria imagem inatingível. O narcisista morre" na medida em que

torna impossível a ligação fecunda

com o outro.

O egocentrismo persiste na adolescência, enquanto momento de passagem o outro, ser de carne e osso, mas ama o amor. Trata-se do amor idealizado, romântico, em parte fruto do medo de lançar-se nas contradições do exercício efetivo do

amor.

O exercício do amor é conquista da maturidade.

Os paradoxos do amor

Quando dizemos que os amantes buscam o encontro, isso não significa aí o caminho

que será o tempo todo objeto de construção e reconstrução.

Isso porque, se as pessoas são adultas e supostamente maduras, têm personalidade, que se caracteriza pela autonomia e individualidade. Ora, o encontro supõe o estabelecimento de vínculos, o que pode parecer paradoxal: como é possível um vínculo em que as pessoas não sejam aprisionadas e não se dissolvam na união?

Vínculo e liberdade

O amor, sendo o desejo de união com o outro, estabelece um tipo ser amado livremente. O fascínio é gerador

de poder: o poder de atração de um sobre o outro. No entanto, tal "cativeiro" não pode ser entendido como ausência de liberdade, pois a união é condição de expressão

cada vez mais enriquecida da nossa sensibilidade e personalidade. É fácil observar isso na relação entre duas pessoas apaixonadas: a presença do

outro é solicitada na sua espontaneidade, pois são os dois que escolhem livremente estar juntos. O amor imaturo, ao contrário, é exclusivista, possessivo, egoísta,

dominador.

Não é fácil, porém, determinar quando o poder exercido pelo amor Em que momento isso se transforma em desejo de controlar, de manipular?

O ciúme exacerbado é o desejo de domínio integral do outro. Marc até dos pensamentos de sua amada Albertine. Só descansa quando a contempla adormecida...

Não queremos dizer que o ciúme não existe também nas relações com o amado. Portanto, se não desejamos o rompimento da trama tecida na relação recíproca e se o outro dá densidade à nossa emoção e nos enriquece a existência,

sofremos

até mesmo com a idéia da perda. Mas isso não justifica que o "zelo" obstrua a liberdade do outro.

Vínculo e alteridade

Há outro paradoxo no amor: ele deve ser uma união, com a condição de que ambos permaneçam separados. Alter em latim significa "outro". Manter a alteridade é permanecer outro, é evitar a fusão.

A manutenção da alteridade traz a exigência do respeito, não no sentido de autoridade imposta. Respicere, em latim, significa "olhar para", ou seja, o respeito é a capacidade de ver a pessoa como tal, reconhecendo sua individualidade singular.

Isso supõe a preocupação com o crescimento da pessoa como ela é, e não como queremos que ela seja. O amor maduro é livre e generoso, fundando-se na reciprocidade,

não na exploração: o outro não é alguém de quem nos servimos.

Na mitologia grega consta que um assaltante chamado Procusto aprisionava os viajantes. Se eram pequenos, os alongava; se eram grandes, os mutilava terrivelmente para que todos

fossem de tamanho. Quantos tiranos Procustos encontramos nos mais "ternos" namorados, ansiosos por adaptar o parceiro à sua própria medida!

O paradoxo da relação amorosa, colocada ao mesmo tempo como desejo e medo. Os sentimentos gerados também são ambíguos: são sentimentos de amor e ódio para com aquele que escolhemos conscientemente, mas de cuja escolha resultou o abandono

da realização de outras possibilidades...

O não saber viver a ambigüidade dessa experiência leva certas pe

o envolvimento por temer essa perda de si mesmo.

1. Amor e perda

O risco do amor é a separação. Mergulhar na relação amorosa supõe vivência da morte numa situação vital: é a vivência da morte do outro em minha consciência e a vivência de minha morte na consciência do outro. E, quando falamos

em morte, nos referimos não só ao sentido literal da palavra mas às diversas "mortes" ou perdas que permeiam nossas vidas. Por exemplo, podemos deixar de amar o

outro ou não mais ser amado por ele; ou, ainda, mesmo mantendo o amor recíproco, há o caso de sermos obrigados à separação; também nas relações duradouras, as pessoas

mudam, e a modificação do tipo de relação significa conseqüentemente a perda da forma antiga de expressão do amor.

Quando a perda é grave, a pessoa precisa de um tempo para se reequilibrar pelo ser do outro. Há um período de "luto" a ser superado após a separação, quando, então, é buscado novo equilíbrio. Uma característica dos indivíduos maduros é

saber integrar a possibilidade da morte no cotidiano da sua vida.

No entanto, nas sociedades massificadas, onde o eu não é suficiente, as pessoas preferem não viver a experiência amorosa para não ter de viver com a morte. Talvez por isso as relações tendam a se tornar superficiais, e é nesse sentido que o pensador francês Edgar Morin afirma: "Nas sociedades burocratizadas e aburguesadas, é adulto quem se conforma em viver menos para não ter

que morrer tanto. Porém, o segredo da juventude é este: vida quer dizer arriscar-se à morte; e fúria de viver quer dizer viver a dificuldade".

1. O amor no mundo

contemporâneo

Na sociedade contemporânea, fala-se e escreve-se muito sobre sex

Talvez seja pelo fato de que o amor, sendo um enigma, não se dei
campo mítico por excelência, encontra na metáfora a compreensão melhor do
amor. Efetivamente, a literatura nunca deixou de falar do amor.

Talvez o vazio conceitual se deva à dificuldade de expressão do
solitária": as pessoas estão lado a lado, mas suas relações são de contigUidade,
seus contatos dificilmente se aprofundam, sendo raro o encontro verdadeiro.

Talvez o falar muito sobre sexo seja uma tentativa de camuflar a

No entanto, não só as relações entre duas pessoas (na clássica r
aqui analisar as causas nem procurar a validade da situação - lançou as pessoas
num mundo onde elas

contam apenas consigo mesmas. Ainda que seja válidas as críticas ao
autoritarismo da família esta ainda é o lugar da possibilidade do afeto Ou, pelo
menos, o sair

dela

não é garantia de ter o vazio de amor preenchido.

Além disso, o trabalho na sociedade capitalista, estimulado pela
chances, e' mergulha a maior parte das pessoas no trabalho alienado, rotineiro,
repetitivo. de onde é impossível extrair algum prazer ou estabelecer vínculos.

Do ponto de vista da política, a situação' também não é das mais
e da opressão, o ambiente que daí decorre é de medo e ódio. Mas Eros pertence à
democracia, que se baseia no pressuposto da igualdade e da negação da
exploração.

Tanatos (morte) é o domínio do autoritarismo.

Gravura:

Os amantes, de René Magritte. As ligações entre as pessoas se tornam empobrecidas quando as convenções e a superficialidade dos contatos estabelecem relações impessoais

e impedem o autêntico encontro amoroso.

Exercícios

1. Qual é o significado de Eros para Hesíodo, para os pré-socráticos?
2. O que significa dizer que o vínculo amoroso é paradoxal?
3. Em que sentido tornar duradoura a relação amorosa é um exercício?
4. Por que os comportamentos narcisistas são antiamorosos?
5. Analise a citação de Edgar Morin, transcrita no item 3 deste capítulo.
6. Utilize o mito de Procusto para explicar um dos aspectos do amor.
7. Comente: "O amor imaturo diz: amo-te

porque necessito de ti; o amor maduro diz: necessito de ti porque te amo". (Erich Fromm)

8. Faça uma dissertação sobre a solidão nos aglomerados urbanos.
9. Faça um levantamento dos mais diversos

tipos possíveis de amor.

10. Relacione amor e poder, analisando os chamados "crime

As questões 11 e 12 se referem ao texto complementar.

11. Quais as dificuldades de pensar o que é o amor?

12. Por que a linguagem amorosa é tautológica? O que o autor
por sujeito e predicado um mesmo conceito, expresso ou não pelo mesmo termo"
- Aurélio

Buarque de Holanda).

Texto complementar

Fragmentos de um discurso amoroso

1

Que é que eu penso do amor? - Em suma, não penso nada. Bem que eu
em essência. O que quero conhecer (o amor) é exatamente a matéria que uso
para falar (o discurso amoroso). A reflexão me é certamente permitida, mas
como essa reflexão

é logo incluída na sucessão das imagens, ela não se torna nunca reflexividade:

excluído da lógica (que supõe linguagens exteriores umas às outras), não posso
pretender pensar bem. Do mesmo modo, mesmo que eu discorresse sobre o amor
durante

um ano, só poderia esperar pegar o conceito "pelo rabo": por flashes, fórmulas,
surpresas de expressão, dispersos pelo grande escoamento do

Imaginário; estou no

mau lugar do amor, que é seu lugar iluminado: "O lugar mais sombrio, diz um

provérbio chinês, é sempre embaixo da lâmpada".

2

Adorável é o vestígio fútil de um cansaço, que é o cansaço da li

Me esforço para dizer de outro modo o mesmo da minha

Imagem, impropriamente o próprio de meu desejo:

viagem ao término da qual minha última filosofia só pode ser reconhecer - e praticar - a tautologia. É adorável o que é adorável. Ou ainda: adoro você porque você

é adorável, te amo porque te amo. Assim, o que fecha a linguagem amorosa é aquilo mesmo que a instituiu: a fascinação. Pois descrever a fascinação não pode nunca,

no fim das contas, ultrapassar este enunciado: "estou fascinado". Ao atingir a extremidade da linguagem, lá onde ela não pode senão repetir sua última palavra, como

um disco arranhado, me embriago de sua afirmação; a tautologia não é esse estado inusitado, onde se acham misturados todos os valores, o fim glorioso da operação

lógica, o obscuro da tolice e a explosão do sim nietzschiano?

3

"Estou apaixonado? - Sim, pois espero." O outro não espera nunca

atrasado; mas nesse jogo perco sempre: o que quer que eu faça, acabo sempre sem ter o que fazer, pontual, até mesmo adiantado. A identidade fatal do enamorado não

é outra senão: sou aquele que espera.

4

1

Dizem-me: esse gênero de amor não é viável. Mas como aval

5

Como ciumento sofro quatro vezes: porque sou ciumento, porque me reprovo de
sê-lo, porque temo

que meu ciúme machuque o outro, porque me deixo dominar por uma
banalidade: sofro por ser excluído,

por ser agressivo, por ser louco e por ser comum.

(R. Barthes, Fragmentos de um discurso amoroso, p. 50, 15, 96, 17 e 47.)

* * * *

CAPÍTULO 34

O EROTISMO

"Viajo no teu corpo

Viajo no teu corpo. Só teu corpo?

Mas quão breve seria essa viagem

Se no limite dela a alma nua

Se no limite dela a alma nua

Não me desse do corpo a certa imagem.

(José Saramago)

Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas;
mas dessas centenas, amo

apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do
meu desejo.

(Rolattd Banhes)

1. A cultura e a lei

A distinção entre o homem e o animal se dá pelo trabalho e pela
cultural, superando o mundo da pura

natureza. Para que a civilização pudesse existir, foi necessário o controle da
instintividade humana, e a passagem para o mundo humano se deu com a
instauração da

lei e, conseqüentemente, com o advento da interdição.

As proibições estabelecem regras que controlam o sexo e a agress

se repete na lenta adequação de cada criança às normas sociais, o que faz com que o homem sonhe nostalgicamente com o "paraíso perdido", onde tudo seria permitido.

Que forças são essas que o homem precisa controlar, desviar, canalizar?
Freud chama de libido a força primária,

a energia de natureza sexual orientada pelo

princípio do prazer, que se encontra na instância da personalidade chamada id.
Através

desse princípio o curso dos processos mentais

é regulado para buscar o prazer e evitar a dor.

O contato com as normas sociais determina,

no entanto, a formação do superego, que

interioriza as forças inibidoras do mundo exterior. O conflito entre as duas forças antagônicas - a busca do prazer e a exigência dos deveres - é resolvido pelo

ego

que, a partir do princípio de realidade, levando em conta as condições impostas pelo mundo exterior, saberia lidar com o desejo, decidindo da conveniência de

de proibir sua satisfação ou apenas adiá-la (ver o item sobre psicanálise no Capítulo 16).

A cultura se torna possível, portanto, pelo controle do desejo, através de um alvo não-sexual caracterizado por atividades valorizadas socialmente. Assim, Freud considera como formas sublimadas da utilização da libido as diversas atividades

como o trabalho, o jogo, a investigação intelectual, a produção artística, entre outras.

Para a teoria freudiana, de uma forma ou de outra, há libido inv

que não são primariamente de natureza sexual. A energia sexual está difusa nos diversos atos que realizamos com prazer, mesmo quando não se manifesta como tal, como

pura sexualidade.

Portanto, a civilização só se tornou possível pelo controle dos primários. Mas nem sempre o controle da sexualidade é saudável e consciente. Muitas

vezes ele se faz pela repressão, e nesse caso as normas introjetadas no inconsciente impedem a decisão autônoma das pessoas.

O processo de repressão acontece quando o ego, sob o comando do id, por serem demasiadamente

conflitivas e inconciliáveis com a moral, e por isso essas exigências são

rejeitadas, permanecendo no inconsciente. Entretanto, a energia não-canalizada não permanece

contida, reaparecendo sob a forma de sintomas, muitas vezes neuróticos.

É assim que Eros se torna doente, e a ele se sobrepõe Tanatos (morte). O sexo passa a ser

visto na relação ambígua de atração e repulsa, desejo e culpa.

Por tudo isso, a sexualidade humana não pode ser considerada com apenas estes a transformam em atividade erótica. Só no homem ela é busca psicológica, independente do fim natural dado pela reprodução, e se traduz em infinita riqueza

de formas que o espírito empresta à sexualidade. A ação erótica é ocasião da expressão da alegria e da invenção.

Mesmo quando busca seus fins primários, a sexualidade é uma força

todo o resto, procura substituir o isolamento pelo sentimento de continuidade profunda. A sexualidade surge como uma linguagem possível, por meio da qual nos comunicamos

com o outro, rompendo a descontinuidade dos corpos: a carícia é a "palavra" do corpo.

Por isso a sexualidade é também a expressão máxima da intimidade no desejo que triunfa da proibição. O comportamento erótico se opõe ao comportamento habitual. Tudo o que é construído para o estabelecimento das relações formais

começa a se dissolver na excitação sexual: "a nudez destrói a boa figura que as nossas roupas emprestam"; as palavras obscenas, a imaginação exacerbada, as transgressões

das proibições, a violação do

corpo, o excesso desmedido, tudo leva a uma "perda" constante de si mesmo que culmina no orgasmo (que pode ser comparado a uma "pequena morte"). O êxtase e a vertigem

são, de certa forma, um "sair de si".

Então, por um lado o erotismo percorre o caminho inverso do nasc ou seja, comprazendo-se da violação das proibições sob as quais repousa a civilização. Por outro lado, e paradoxalmente, o erotismo é o lugar da máxima manifestação

da individualidade, lugar por excelência da invenção.

O impacto gerado pelo erotismo leva as pessoas a temerem paixão, apesar da promessa de felicidade que a acompanha, introduz a perturbação

e a desordem. Talvez esteja aí a necessidade que os poderosos sentem de controlar a sexualidade pela repressão.

Gravura:

A dança, de Jean-Baptiste Carpeaux, 1869. Essa escultura do renomado artista francês havia sido encomendada para ornamentar a Ópera de Paris, mas provocou escândalo e foi recusada por "insultar a moral pública

Mas, como já dissemos, a repressão da sexualidade produz o senti

Tal ambigüidade gera também tendências opostas de comportamento

críticas: o puritanismo e a permissividade, resultantes da oscilação entre proibir e tudo permitir. É o que veremos a seguir.

1. Obstáculos a Eros. O puritanismo

O discurso moralista e puritano é herdeiro das tendências

platônico-cristãs que desvalorizam o corpo (ver Capítulo 32) e consideram que o caminho da humanização

está na purificação dos sentidos "mais baixos". Nessa perspectiva a sexualidade é desvalorizada, como se deixasse de fazer parte do homem integral, para ser reduzida

ao silêncio.

A visão platônico-cristã dissocia o amor espiritual do amor carn

São Paulo defende o celibato, mas diz que é "melhor casar-se que abraçar-se". Santo Agostinho, que tivera vida devassa antes da conversão, achava o prazer um companheiro

perigoso. Os ideais ascéticos estimulam a continência, que é o controle da atividade sexual até a abstinência. Mas, para isso, o homem deve lutar contra a tentação,

procurando todos os meios de fugir à luxúria (sensualidade).

A Reforma protestante retoma essa temática, e o trabalho surge c

É conhecida a tese do sociólogo Max Weber contida na obra A

ética protestante e o espírito do capitalismo, na qual explica como o ideal de vida ascética constitui o núcleo da ética protestante. Pela teoria da predestinação,

a salvação ou a condenação das almas independe do próprio homem, pois é Deus que nos escolhe ou nos condena-Mas eis o que importa: as obras, a riqueza, a prosperidade,

são sinais da escolha divina. Dai o trabalho ser o meio de fugir da tentação e a condição da purificação. "A ociosidade é a mãe de todos os vícios", e o principal pecado é a preguiça. Está surgindo aí a moral burguesa.

O corpo deserotizado

Com a implantação do capitalismo e o desenvolvimento do sistema

O princípio de adestramento do corpo, que deve ser submetido a u horas no século passado), faz com que o trabalho não seja apenas um freio para o sexo, mas que promova um processo de dessexualização e deserotização do corpo.

Tínhamos visto que o trabalho é, segundo Freud, o resultado da s história da humanidade. Existe uma situação de dominação em que uma classe se encontra submetida ao trabalho alienado, fragmentado, repetitivo e mecânico, de onde

foi retirado todo prazer.

Segundo a análise de Marcuse em Eros e civilização, as exigênci ao princípio de desempenho, segundo o qual o trabalhador interioriza a necessidade de rendimento, de produtividade, preenchendo funções preestabelecidas e organizadas

em um sistema cujo funcionamento se dá independentemente da participação consciente de cada

um. "Eficiência e repressão convergem : isso significa que o ideal de

produtividade da sociedade industrial se faz por meio da repressão.

A dupla moral

O sexo, retirado da amplitude inicial em que deveria se encontrar e ainda reduzido à genitalidade (ao próprio ato sexual). Mais ainda: é controlado para que não se desvie da função de procriação, considerada fundamental.

Na família burguesa vão se tecendo os papéis destinados a cada um: o homem, responsável pelo sustento da família, atua no espaço público (o trabalho e a política). A mulher, "protegida" pelo homem, desempenha o papel biológico que lhe é destinado e fica confinada no lar.

A consequência disso é a chamada dupla moral, isto é, a existência de dois padrões de conduta.

Para que a mulher possa desempenhar o papel de mãe, a educação dentro do casamento e, muitas vezes, sem os "prazeres da luxúria". A virgindade é valorizada, o adultério punido (até pouco tempo, inclusive no Código Penal) e sempre os

homens aceitaram com naturalidade as justificativas de "matar para lavar a honra".

Por outro lado, a educação do menino é bem diversa, orientada para a conquista. Encontra-se no romance de Mário de Andrade

Amar, verbo intransitivo, em que o pai contrata uma governanta alemã sob o pretexto de educar os filhos (um rapaz e duas meninas), mas com o objetivo oculto de proceder

à iniciação sexual do filho (sem problemas de vícios e doenças..). A mesma duplicidade se repete no comportamento do próprio pai, quando às quartas-feiras, às vezes, vai

freqüentar o Vale do Anhangabaú, na cidade de São Paulo, então zona de meretrício, e de onde não traz sequer um fio de cabelo estranho...

Esse comportamento dicotomiza a figura feminina: ou é santa ou é

a todo instante, à tendência a sexualizá-la de forma perversa.

Por exemplo, vejamos o simples uso dos adjetivos honesto e sério já uma moça honesta" é a mulher "casta e pura" - Um homem indignado pode ter o seu comportamento analisado de diversas formas. Idêntico comportamento na mulher gera

explicações referentes à suposta "precariedade" da sua vida sexual. De um homem, no seu trabalho, exige-se apenas competência; de uma mulher, que também seja bonita

e charmosa.

A própria educação da mulher é feita desse tecido ambíguo de exposição e negação da sua sexualidade. É ensinada desde cedo a

ser vaidosa, insinuante, mas deve ir "até certo ponto", no "limite da decência".

Bunuel mostra o paroxismo dessa situação no filme Belle de jour (A bela da tarde),

onde uma mulher da alta sociedade, à tarde, frequenta um bordel. Com isso

Bunuel desvela a contradição entre a realidade vivida pela mulher "bem-comportada" e os

seus desejos secretos e inconfessáveis.

Também é ambíguo o papel da prostituta: condenada e ridiculariza diz Marilena Chaui:

"Inúmeros estudos têm mostrado como, na geografia das cidades (anteriores às megalópoles contemporâneas), o bordel é tão indispensável quanto a igreja, o cemitério,

a cadeia e a escola, integrando-se à paisagem, ainda que significativamente localizado na fronteira da cidade, quase seu exterior. Nas grandes cidades

contemporâneas,

a localização torna-se central, mas sob a forma de guetos e, portanto, de espaço segregado, significativamente designado em São Paulo como 'boca do

lixo'. (.) Em

suma, a sociedade elabora procedimentos de segregação visível e de integração invisível, fazendo da prostituta peça fundamental da lógica social".

Marilena Chaui, Repressão sexual. essa nossa (des)conhecida, p. 80.

A permissividade

O quadro de nítida repressão sexual tem sido substituído, nas últimas décadas, a admitir uma liberação. Veremos, entretanto, como essas alterações têm nuances que precisam ser esclarecidas.

O movimento estudantil de maio de 1968, iniciado na França e propagado no Brasil, trouxe e da alegria por ela proporcionada. A dupla moral foi duramente criticada, assim como todas as formas hipócritas de relacionamento humano; os movimentos feministas

conseguiram progressos na tentativa de recuperação da dignidade e autonomia da mulher; houve a

exigência de uma linguagem mais livre e menos preconceituosa; iniciou-se a valorização do corpo.

Estava começando a chamada revolução sexual.

Mas eis que surgem alguns problemas. Parafraseando o compositor, a padronização, não pode ser reduzida a fórmulas, nem se submete a receitas.

Ora, o ideal do corpo e do ambiente erotizados constituiria uma ameaça à produtividade do sistema.

Como reage o capitalismo diante de tais formas emergentes de

"dissolução" dos costumes? Incorporando-as para amenizar os seus efeitos. Vejamos como isso

ocorre.

Uma ampla produção de revistas, filmes, livros, peças teatrais v
sexuais. Mas essa produção se acha voltada

para um "novo filão" de dinheiro: o sexo torna-se vendável e exposto como num supermercado. Por isso é preciso examinar o conteúdo de tais publicações que, simulando

a liberação da sexualidade, na verdade reforçam preconceitos.

É essa a posição de Marcuse, que denuncia a liberação ilusória,

Em primeiro lugar, porque a sexualidade que se acha "liberada" é

da sexualidade humana, que deveria estar difusa não só no corpo todo como também no ambiente e nos atos não propriamente sentais. Já vimos que o trabalho alienado

"deserotizou" o ambiente humano, e esta foi a condição de se manter a produção e a eficiência. Assim, a canalização dos instintos para os

órgãos do sexo impede que

seu erotismo "desordenado" e "improdutivo" prejudique a "boa ordem" do trabalho e extravase os limites permitidos.

(II. Marcuse, A deologia da sociedade industrial, p. 83.)

O alívio de fim de semana dado às necessidades sexuais cada vez
faz o indivíduo pensar que, afinal, o mundo não é tão hostil ass
na verdade, é ocultado que "o ambiente no qual o indivíduo podia
podia concentrar como agradável quase como uma zona estendida de
"universo" de concentração de desejos libidinosos

é do mesmo modo reduzido. O efeito é uma localização

e contração da libido, a redução da experiência erótica para exp

Além disso, trata-se de uma liberação " versão Playboy", ou seja permissividade, mas na verdade tais extravagâncias apenas são possíveis no imaginário da maior parte das

pessoas, para as quais o sexo "liberado" surge como um sonho, como a ilusão de que tal paraíso seja um dia possível.

Resta-nos examinar ainda outra forma de repressão. Se, na sociedade lembre-se do confessionário -, atualmente cabe à ciência, por meio da sexologia.

No Capítulo 33, dissemos que muito se escreve sobre sexo e quase Agora, diremos ainda: escreve-se muito sobre sexo, mas do ponto de vista científico. Os romanos tiveram a Ars amatoria (A arte de amar), de Ovidio; os japoneses,

a sua arte erótica, os hindus, o Kama Sutra. Nessas obras,

procurase conhecer o sexo pelo domínio do corpo e pelo exercício do amor: trata-se de uma arte. A sexologia, por sua vez, explica o sexo pela razão: é uma ciência.

Segundo Michel Foucault (1926-1984), filósofo francês autor de História da sexualidade, "falar sobre "é uma maneira camuflada de evitar "fazer sexo". Daí a mudança da ars em scientia sexualis. A ciência torna-se uma forma controladora da sexualidade e, através do "discurso da competência", busca-se a "normalidade" e a "objetividade".

Explicando melhor: o discurso científico, considerando-se além dos preconceitos (já que se diz discurso objetivo), reduz o sexo a uma visão

biologizante. Ao mostrá-lo

como algo "natural", estabelece cânones (padrões) sobre o que é normal ou patológico, classifica os tipos de comportamento, determina a profilaxia (ou seja, formas

de higiene e controle de doenças etc.) e aprisiona os indivíduos à última palavra do especialista

"competente", através do qual o sexo é vigiado e regulado.

Diz Bataille: "O especialista nunca pode estar à altura do eroti

Para aquele que se não pode furtar a ele, para aquele cuja vida se abre à exuberância, o erotismo é, por excelência, o problema pessoal. E ao mesmo tempo, por excelência,

o problema universal, O movimento erótico é também o mais intenso dos movimentos (à exceção, se se quiser, da experiência dos místicos). Por isso está situado no

cume do espírito humano

1. Conclusão

Pelo que pudemos constatar, a superação do puritanismo com seus repressivos não conseguiu alcançar a liberação do erotismo humano, mas, ao contrário, tem criado formas sutis de repressão.

No entanto, é preciso prosseguir na busca da autêntica liberação esquecer que os mecanismos de repressão se encontram na própria sociedade e são exercidos como instrumentos de dominação.

O que podemos concluir é que a repressão sexual sempre existirá só se libertará caso possa ser desfeito o nó da dominação social. Já dissemos anteriormente que Eros é do domínio da democracia, pois a

"amizade é a recusa do servir",

como já sabia La Boétie, filósofo francês do século XVI.

O caminho para a libertação de Eros, tornado Tanatos na sociedade, portanto pela discussão política das condições dessa alienação.

O. Bataille, O erotismo, p. 245.

Exercícios

1. Que contradição existe entre instinto e civilização?
2. Qual é a diferença entre sublimação e repressão?
3. Em que sentido o erotismo não é simples atividade sexual?
4. Qual é a relação entre repressão sexual e trabalho?
5. O que é super-repressão para Marcuse?
6. O que é dupla moral? Quais são as consequências para...
7. Qual foi a importância do movimento estudantil de maio de 1968?
8. Em que sentido a sexualidade exclusivamente genital pode ser considerada repressiva?
9. Em que medida o discurso científico da sexualidade pode ser considerado repressivo?
10. Explique por que a questão da repressão sexual pode ter sido tão importante para o movimento estudantil de maio de 1968?
11. Releia o texto complementar "A sexualidade", de Merleau-Ponty. O que ele quer dizer com "a sexualidade é uma forma de existência"? Como isso se relaciona com a questão da repressão sexual?
12. Há debates a respeito da introdução ou não da disciplina de sexualidade no currículo do 1º grau. Algumas pessoas argumentam que seriam favoráveis desde que as informações sejam estritamente científicas e restritas à biologia". Como podemos criticar essa orientação?

13. A censura a espetáculos geralmente é mais rigorosa com os filmes e revistas sobre sexo do que com os de violência. Em que sentido o erotismo seria...

"mais perigoso" para o sistema?

Texto complementar

As questões a seguir se referem ao texto complementar

14. Compare as duas afirmações: "o fetiche não responde"
"pede-se à pele que responda".

15. Explique o significado da expressão: "festa não dos s
sentido",

Fragmentos de um discurso amoroso

Sem querer, o dedo de Werther toca o dedo de Charlotte, seus pés
encontram. Werther poderia se abstrair do sentido desses acasos; poderia se
concentrar corporalmente nessas fracas zonas de contato e gozar esse pedaço de
dedo ou de pé inerte, de um modo

fetiche sem se preocupar com a resposta (como Deus

é sua etimologia - o Fetiche não responde). precisamente: Werther é perverso,
ele está apaixonado:

cria sentido, sempre, em toda a parte, de coisa alguma, e é o sentido que o faz
ficar arrepiado: ele está no braseiro do sentido. Todo contato,

para o enamorado, coloca a questão da resposta: pede-se à pele que responda.

(Pressão de mãos - imenso dossiê romanesco -, gesto delicado no
e sobre o qual a cabeça do outro vem pouco a pouco repousar, é a região
paradisíaca dos signos sutis e clandestinos:

como uma festa, não dos sentidos, mas do sentido.)

(R. Banhes, Fragmentos de um discurso amoroso

* * *

CAPÍTULO 35

A MORTE

Quem ensinasse os homens a morrer, os ensinaria a viver.

(Montaigne)

O que se tornou perfeito, inteiramente maduro, quer morrer.

(Nietzsche)

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar se a vida merece ou não ser

vivida, é responder a uma questão fundamental da filosofia.

(Camus)

1. A morte como enigma

A morte é o destino inexorável de todos os seres vivos. No entanto, com ansiedade o que poderá ocorrer após a morte. A crença na imortalidade, na vida depois da morte, simboliza bem a recusa da própria destruição e o anseio de eternidade.

Estudos a respeito dos primórdios da nossa civilização relaciona aos mortos. Portanto a morte se apresenta desde o início como uma fronteira que não significa apenas o fim da vida, mas o limiar de outra realidade instigante porque

ininteligível, além de atemorizadora.

A morte daqueles que amamos e a iminência da nossa própria morte "existe algo em nós que não se pode crer suscetível de destruição". Por isso é inevitável que desde o início da

cultura humana o recurso à fé religiosa tenha aplacado o temor diante do desconhecido.

Através dos tempos, a consciência religiosa tem oferecido um conjunto de orientações que orientam o comportamento humano diante do mistério da morte: quer seja pelos rituais de passagem dos primitivos quer seja nas religiões mais elaboradas, pelos preceitos do viver terreno para garantir melhor destino à alma. Por isso, a angústia da morte tem levado à crença na imortalidade e na aceitação do sobrenatural, do sagrado, do divino.

1. As mortes simbólicas

O homem não tem, contudo, consciência apenas da morte enquanto figura mítica do deus Cronos (Tempo) devorando os próprios filhos.

A morte, como clímax de um processo, é antecedida por diversas figuras "morte" que permeiam o tempo todo a vida humana. O próprio nascimento é a primeira

morte, no sentido de ser a primeira perda, a primeira separação. Rompido o cordão umbilical, a antiga e cálida simbiose do feto no útero materno é substituída pelo

enfrentamento do novo ambiente.

A MORTE

A oposição entre o velho e o novo repete indefinidamente a mesma dinâmica: o mesmo tempo que anseia pelo novo, teme abandonar o conforto e a segurança da estrutura antiga a que já se habituou.

Os heróis, os santos, os artistas, os revolucionários são sempre assim, no simbólico, por serem capazes de construir o novo a partir da superação da velha ordem.

1. A filosofia e a morte

No diálogo Fedon Platão descreve os momentos finais da "ida de Sócrates" para o além. Sendo o corpo um estorvo para a alma, a serenidade do sábio diante da morte é o reconhecimento de que a separação significa a libertação do espírito.

No decorrer da história da filosofia, muitas vezes os pensadores estão na raiz de toda filosofia e, mesmo quando não se discute diretamente sobre a morte, ela se situa no horizonte de toda reflexão filosófica.

É nesse sentido que

Platão afirma ser a filosofia uma meditação da morte, e Montaigne diz que "filosofar é aprender a

morrer". Pois se a filosofia é uma das formas da transcendência

humana, pela qual refletimos a respeito de nossa existência e destino, a discussão sobre a morte não lhe pode ser estranha.

Segundo Heidegger (ver Capítulo 31 - O existencialismo), o ser humano é, como possibilidade, como projeto, o introduz na temporalidade. Isso não significa

apenas que o homem tem um passado e um futuro e que os momentos se sucedem passivamente uns aos outros; significa que o futuro se revela como aquilo para o qual

a existência é projetada e que o passado é aquilo que a existência transcende. O existir humano consiste no lançar-se continuo às possibilidades, entre as quais

se encontra justamente a situação-limite representada pela morte, a qual possibilita o

olhar crítico sobre o cotidiano. E nesse sentido que podemos considerar o homem como um

"ser-para-a-morte".

Para Heidegger, só o homem autêntico enfrenta a angústia e assume a nega a transcendência e repete os gestos de "todo o mundo" nos atos cotidianos. No mundo massificado do homem inautêntico, até a morte é banalizada, e dela se fala

como se fosse um acontecimento genérico, longínquo e impalpável. A impessoalidade tranquiliza e aliena o homem, confortavelmente instalado num universo sem indagações.

Há a recusa de refletir sobre a morte como um acontecimento que nos atinge pessoalmente.

Sartre, referindo-se à sua infância em As

palavras, diz: "A morte era a minha vertigem porque eu não amava viver: é o que explica o terror que ela me inspirava. (...) Quanto

mais absurda a vida, menos suportável

é a morte".

Na teoria sartriana, ao contrário da de Heidegger, a consciência "nada" dos nossos projetos,

a certeza de que um nada total nos espera. E conclui pelo absurdo da morte e, simultaneamente, da vida, que é uma

"paixão inútil".

Mas seja a morte considerada, como em Heidegger, algo que dá sentido ao homem contemporâneo manifesta em abordar a temática do morrer humano. Em nenhum tempo a recusa do enfrentamento da própria finitude foi tão visível. Muitas podem

ser as explicações dadas por antropólogos, sociólogos, psicólogos que certamente fecundarão a matéria de reflexão dos filósofos. O que não podemos é

deixar de pensar

na morte: vejamos por que.

1. Aspecto histórico-social da morte

As sociedades tribais e tradicionais

Observando a história e os diversos povos, verificamos que o sentido que lhe dá refletem de certa forma o sentido que ele confere à vida. Os pólos antagônicos vida e morte não são excludentes, pois são formas dialéticas inseparáveis.

No mundo tribal, a morte não é propriamente um problema. Ela não coletivas de culto aos mortos, aos ancestrais.

Como vimos no Capítulo 6, o homem primitivo se acha de tal forma participação no todo coletivo. Como o eu se afirma pelos outros, o existir do primitivo é essencialmente relacional, e a individualidade se encontra envolvida pela

totalidade maior da comunidade. Por isso a morte não é percebida como dissolução, o morto apenas muda de estado e passa a pertencer à comunidade dos mortos, o que

é viabilizado por "rituais de passagem" adequados à ocasião. "Vivos e mortos, totem e deuses, antepassados, participam de uma mesma realidade vital." Não há nenhuma

idéia de aniquilamento, e os mortos podem retornar ao mundo dos vivos durante o sono destes e por meio de aparições.

Nas sociedades tradicionais, fortemente marcadas pela predominância do indivíduo se encontra inserido numa totalidade mais importante que ele, há uma série de cerimônias e rituais que cercam o evento da morte. Isso não significa

que

seja fácil morrer (muito ao contrário), mas sim que a morte não é banalizada porque se acha inserida no cotidiano das pessoas como um evento importante.

Evidentemente, essas cerimônias variam conforme os costumes, mas do século XX.

Os parentes, vizinhos e amigos acompanham a agonia do moribundo. procedidas conforme a religião do morto: dependendo

disso, chamase o padre para dar a extremaunção, de preferência enquanto há lucidez, sem falsos escrúpulos de que o doente perceba a proximidade da morte.

Ao morrer, geralmente seu caixão é colocado sobre a mesa da sala o defunto noite adentro. As crianças circulam pelo ambiente. O morto é chorado e freqüentemente lembrado. A ausência é assinalada pelo luto, cuja duração varia

conforme o tipo de parentesco; em algumas regiões, a viúva deve guardá-lo pelo resto da vida. Um conjunto de atos determinados socialmente

- como visitas ao cemitério,

missas para a alma do morto, flores, visitas de pêsames, cartas de condolências

- ajuda os parentes a atravessar o período doloroso da perda e a reintegração à vida

normal.

A negação da morte

Um fenômeno diferente vem ocorrendo há cerca de cinquenta anos, impiedosamente destruiu os antigos laços, fragmentando a comunidade em núcleos cada vez menores e instaurando extremo individualismo.

As pessoas vivem no ritmo acelerado imprimido pelo sistema de pr

se ocupa desses "marginais" da sociedade - porque reduzidos à improdutividade -, que são trasladados para hospitais "a fim de ser melhor assistidos". Se, por um lado, são tratados em ambientes assépticos e com técnicas sofisticadas que prolongam a vida, por outro lado não escapam à solidão e à impessoalidade do atendimento.

Os enfermeiros e médicos são eficientes, mas o moribundo se encontra afastado da mão amiga, da atenção sem pressa nem profissionalismo.

Quando morre, o velório geralmente é feito no necrotério, para o dessa realidade da vida: nunca vêem um morto, nem um cemitério.

O. Gusdorf, Tratado de metafísica, p. 99.

O francês Philippe Ariès aborda essas questões no clássico estudo com o título provocativo de "A pornografia da morte", no qual mostra como a morte se tornou um tabu, substituindo o sexo como principal interdito:

"Antigamente

dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho, mas elas assistiam à grande cena das despedidas, à cabeceira do moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais

tenra idade na fisiologia do amor, mas, quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém lhes diz que ele repousa num belo jardim por entre as

flores">

A "obscenidade" em falar da morte se torna grave quando se trata fato ser escamoteado: os parentes, com a cumplicidade dos médicos, escondem do paciente sua doença letal e o fim próximo. Nem diante da

iminência da morte ousamos

falar dela.

A tentativa de ocultamento da morte talvez explique a sofisticação das funerárias americanas que

"tomam conta do morto". Medard Boss, médico e psicanalista suíço,

diz: "Nunca esquecerei minhas visitas aos "Funeral Homes" americanos, nos quais os defuntos são maquilados, um

cigarro é colocado em suas bocas, e ao lado se tocam

fitas gravadas com discursos que os falecidos pronunciaram (3)

outrora ".

O antropólogo brasileiro Roberto da Matta também se referiu
confortável:

"O que seria tudo isto, senão um modo radical de livrar-se do morto, transformando-o em alguém que realmente dá a impressão de

repousar?" (4)

Por que será que o homem contemporâneo escamoteia assim a morte?
incapacidade para lidar com a vida.

O homem urbano, individualista, massacrado pelo sistema de produção
muito distante daquilo que poderíamos considerar uma boa qualidade de vida.
Independentemente do progresso técnico atingido, são altos os níveis de
alienação humana

no trabalho, no consumo, no lazer (ver Capítulo 2 - Trabalho e alienação).

Mais ainda, a insensibilidade com relação à morte individual tem
da humanidade a morte ultrapassa a dimensão do indivíduo e ameaça a

sobrevivência de todos.

Por isso, é preciso resgatar, no mundo atual, a consciência da morte obcecado pela morte inevitável. Tal atitude seria pessimista e paralisante. Ao contrário, ao reconhecer a finitude da vida, reavaliemos nosso comportamento e escolhas,

e podemos proceder a uma diferente priorização de valores.

Por exemplo, se tomamos como valores absolutos o acúmulo de bens torna ridículos esses anseios, privilegiando

outros valores que nos dão maior dignidade. Essa mesma reflexão, no nível planetário, nos ajuda a questionar os falsos objetivos do progresso a qualquer custo.

A consciência da morte nos ajuda a questionar não só se nossa vida tem sentido para seus herdeiros,

2Ph Ariés, História da morte no Ocidente, p. 56.

Medard Boss, Angústia, culpa e libertação, 2. cd., São Paulo. Liv., Duas Cidades, 1977. p. 73.

Roberto da Malta. A casa e a rua, São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 117.

Exercícios

1. "O problema da morte, em seu significado radical, não é religioso." (Julian Marias)

Em que medida a citação acima revela a dimensão religiosa da morte?

2. "No fundo de nós mesmos, nós nos sentimos não-mortais". Comente a frase de Philippe Ariès, observando que ele não diz

"imortais", mas "não-mortais".

3. Em que sentido a reflexão sobre a morte pode ser impor

4. Qual é a principal diferença entre o enfrentamento da
tribal, nas sociedades tradicionais e no mundo contemporâneo?

5. O que quer dizer, nas sociedades contemporâneas, o "ta
morte"?

6. "... ninguém morre antes da hora, O tempo que perdeis
não vos pertence mais do que o que precedeu vosso nascimento, e não vos
interessa".

"Considerai em verdade que os séculos intermináveis ,já passados, são para vós
como se não tivessem

sido. Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa.

Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem
viveu muito e não viveu, Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois
depende de vós,

e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagináveis então nunca
chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis?

Haverá caminho que não tenha fim?" (Montaigne)

Comente o significado do trecho dos Ensaaios, de Montaigne, capít

"De como filosofar é aprender a morrer".

UNIDADE VI - ESTÉTICA

(gRAVURA)

Nesse estudo, para seu famoso quadro Antropofagia (1929), a pint

serão retrabalhados em função de seu melhor aproveitamento do ponto de vista da forma pictórica.

É sempre interessante poder acompanhar a evolução de uma idéia artística.

CAPÍTULO 36

CREATIVIDADE

Na verdade, o que é a criação matemática? Não consiste em fazer mas as combinações assim construídas seriam infinitas e, na sua maior parte, absolutamente sem interesse. Criar consiste precisamente em não fazer combinações inúteis e em fazer aquelas que são úteis e que constituem uma pequena minoria. Invenção é discernimento e escolha.

(Henry Poincaré)

Antes da discussão dos conceitos, sugerimos a seguinte atividade: cinco centímetros de diâmetro e desenhem livremente em seu interior o que quiserem, durante quinze minutos. Em seguida, façam um Levantamento de todos os desenhos e apresentem para o grupo os mais comuns e os mais incomuns. A partir disso, discutam o que é criatividade.

1. Conceitos: o uso vulgar, a definição do dicionário, o uso em psicologia

Quando começamos a discutir sobre criatividade, parece sempre que quem possuem o dom da criatividade, geralmente na área de artes, que é negado ao comum dos mortais. Chamamos de criativas as pessoas que sabem desenhar, tocam algum

instrumento, têm alguma habilidade manual "especial", como pintar camisetas ou ser bom marceneiro; enfim, as que sabem fazer coisas que a maioria das pessoas (principalmente

nós) não sabe.

Será que basta habilidade técnica para ser criativo? Ou será que
Vamos começar a discutir esse assunto partindo de alguns signifi
do dicionário':

criar. V. t. d. 1. Dar existência a; tirar do nada. 2. Dar origem a; gerar, formar. 3.
Dar principio a; produzir, inventar, imaginar, suscitar.

criador. Adj. 3. Inventivo, fecundo, criativo. criatividade. f 1. Qualidade de
criativo.

criativo. Adj. Criador.

Podemos ver, nesses vocábulos, que a criatividade pressupõe um s
não existia anteriormente. Vemos, também, que imaginar é uma forma de
inventar ou criar um produto. Portanto, esse produto da atividade criativa de um
sujeito não

é, necessariamente, um objeto palpável, mas pode ser uma idéia, uma imagem,
uma teoria.

Agora estamos prontos para abordar alguns conceitos elaborados p
hipóteses sobre as pessoas criativas. Diz Ghiselin que a

medida da criatividade de um produto "está na extensão em que ele reestrutura
nosso universo de

compreensão"(2) ou, segundo Laklen, a medida da criatividade é "a extensão
da área da ciência que a contribuição abrange.

Aurélio Buarque de Holanda Ferrei-a, Novo dicionário da língua
portuguesa, 2. ed., 20t impr., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

1. Critérios de determinação da criatividade

Podemos notar que as definições de Ghiselin e Laklen medem a criatividade em termos da abrangência de seus efeitos, isto é, quanto mais uma contribuição (seja ela um objeto ou uma idéia) remexer nossas crenças estabelecidas, quanto mais revolucionar o nosso universo de saber (o que temos como sendo o "certo", o "indiscutível"), mais criativa ela será.

Notamos, também, que em todos esses conceitos já está inserida a idéia de que uma obra verdadeiramente criativa traz algum tipo de novidade que nos faz dizer: "Nossa, nunca tinha percebido isso!"

O novo que a obra criativa nos propõe, no entanto, não é gratuito. O novo é criativo, mas nem tudo que é novo é criativo. Explicando melhor: a inovação aparece com relação a um dado problema ou a uma dada situação, solucionando-a

ou esclarecendo-a. A inovação surge, geralmente, do remanejo do conhecimento existente que revela insuspeitados parentescos ou semelhanças entre fatos já conhecidos

que não pareciam ter nada em comum. Assim, Gutenberg resolveu o problema da impressão ao ver uma prensa de uvas para fazer vinho. Aparentemente, uvas e vinho, de

um lado, e papel e letra, de outro, nada tinham em comum, e no entanto foi a partir do procedimento para fazer vinho que Gutenberg pensou em pressionar papel contra

tipos molhados de tinta.

Já temos, pois, mais um critério para medir a criatividade: a idéia de ser relevante,

isto é, adequada à situação. Um ato, uma idéia ou um produto é criativo quando

é novo, adequado e abrangente.

1. Criatividade como capacidade humana

Levando em conta essa discussão, percebemos que a criatividade é à ciência e à vida em geral. A ciência não poderia progredir se alguns espíritos mais criativos não tivessem percebido relações entre fatos aparentemente desconexos,

se não tivessem testado essas suas hipóteses e chegado a novas teorias explicativas dos fenômenos.

A imaginação

O processo de trabalho do cientista aproxima-se do processo de t "exploratório",

isto é, dedicam-se a "explorar" as possibilidades, "o que poderia ser", em vez de se deter no que realmente é. Para isso, necessitam da imaginação. Assim, um dos sentidos de criar é imaginar. Imaginar é a capacidade de ver além do

imediate, do que é, de criar possibilidades novas. É responder à pergunta: "Se não fosse assim,

como poderia ser?". Se dermos asas à imaginação, se deixarmos de lado o nosso senso crítico e o medo do ridículo, se abandonarmos as amarras lógicas da realidade,

veremos que somos capazes de encontrar muitas respostas para a pergunta.

Este é o chamado pensamento divergente, que leva a muitas respostas possíveis.

É o contrário do pensamento convergente, que leva a uma única resposta, considerada certa. Por exemplo, à pergunta

"Quem descobriu o Brasil?", só há uma resposta certa:

Pedro Álvares Cabral. Para a pergunta "Se os portugueses não tivessem

descoberto o Brasil, como estaríamos vivendo hoje?", há inúmeras respostas possíveis. A primeira envolve memória; a segunda, imaginação.

Tanto o artista quanto o cientista têm de ser suficientemente flexíveis para lidar com o possível.

Ghiselin, The creative process and its relation to the individual. Creative Scientific Talent, 1956.

Laklen, apud C. W. Taylor, Criatividade: progresso e potencial, p. 27.

A inspiração

Nesse contexto, qual seria o lugar da tão falada inspiração? Na realidade, diante de um problema, de uma preocupação ou ainda de uma situação, obtidas as informações fundamentais acerca do assunto, o nosso subconsciente passa a lidar com

esses dados, fazendo uma espécie de jogo associativo entre os vários elementos.

É como tentar montar um quebra-cabeças: experimentamos ora uma peça, ora outra, até

acharmos a adequada. E o momento em que a imaginação é ativada para propor todas as possibilidades, por mais inverossímeis que sejam. Desse jogo subconsciente surgirão

em nossa consciência sínteses e novas configurações dos dados sobre as quais trabalhará nosso intelecto, pesando-as, julgando-as, adequando-as ao problema ou à situação.

Ao surgimento dessas sínteses em nossa consciência damos o nome de inspiração.

Tanto o artista quanto o cientista trabalham intelectualmente a

tem de decidir entre materiais, técnicas e estilos para a produção da sua obra. O cientista tem de elaborar e testar as suas hipóteses para chegar a uma teoria ou produto novos.

1. Desenvolvimento e repressão da criatividade

Podemos afirmar que, como capacidade humana, a criatividade pode na escola, os amigos, o lazer ofereçam condições ao pleno exercício do comportamento exploratório e do pensamento divergente, incentivando o uso da imaginação, do

jogo, da interrogação constante, da receptividade a novidades e do desprendimento para ver o todo sem preconceito e sem temor de errar.

A repressão, por sua vez, acontece quando essas condições não são riscos e o ficar no terreno seguro da repetição do já conhecido.

Assim, a criatividade não é um dom que só os gênios têm e os outros não. É uma capacidade que todos nós podemos desenvolver se nos dispusermos a praticar alguns tipos de comportamentos específicos.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto, explicando-as com suas próprias palavras.
 2. Qual o papel da imaginação no ato de criar?
 3. O que é inspiração?
 4. Como se pode desenvolver a criatividade?
- Leia o texto complementar e, a partir do que aprendeu sobre criatividade, responda:
5. O que o autor quer dizer com "o modo normal de ver o mundo"?
 6. O que significa "a mentalidade consumista" e por que é prejudicial à criatividade?

7. No que consiste a contemplação ativa? Quais suas relações?
8. Estabeleça uma ligação entre o conceito de "novidade"

Sugestões para debates em grupo ou dissertação

- a) Educação criativa: Como seria uma escola que tivesse p
- b) Lazer criativo: Dentre as opções de lazer oferecidas hoje em
- c) Criatividade na ciência: Procure um

exemplo concreto de como um cientista usou da criatividade para chegar a uma teoria ou idéia nova.

- d) Distinção entre ciência e tecnologia.

Texto complementar

[Contemplação e criatividade]

O fenômeno da inspeção prolongada pode ser relacionado à criatividade como instrumento facilitador dos estágios preparatórios da criação. Ou, mais ambiciosamente, como um modelo, em pequena escala, de todo o processo criativo, mostrando,

sob condições simples, o essencial do que acontece quando o pensador, o artista ou o cientista criativos enfrentam o mundo. Finalmente, as transformações causadas

pela inspeção prolongada podem ser consideradas idênticas ao que se costuma denominar criatividade. Neste caso, o verdadeiro trabalho do criador seria nada mais

do que o anotar das revelações tidas durante a inspeção.

Sem dúvida, a contemplação profunda do objeto a ser representado

(...) É, também, evidente que tal inspeção faz descobrir possibilidades de estruturar e reestruturar a totalidade do trabalho, ou parte dela.

.) Essas descobertas

servem para que o pensador criativo se afaste do modo normal de ver o mundo.
(...)

O modo normal de ver, embora indispensável até mesmo para o artista, não é a forma artisticamente verdadeira, o que o objeto significa para ela. (...)

Mas, entretanto, o que é contemplação? Sua natureza é freqüentemente consumista de hoje em dia leva as pessoas à total passividade. A pessoa age como um receptor que pega o que encontra e sofre as imposições do mundo. Se é necessário

afastar-se do comum - em nome da originalidade e do progresso - ele tende a esperar que essas mudanças lhe sejam reveladas ou dadas pelo meio ambiente, ou seja,

pelo mundo social e pelo mundo percebido ou, ainda, pelo estoque de inspirações inconscientemente geradas. Em virtude desse estado de espírito, tendemos a ver a

contemplação como uma atividade puramente passiva. (...)

[É preciso esclarecer que:]

(...) A verdadeira contemplação não se resume a esperar e juntar pedacos do mundo de um modo questionador, mundo esse que não é simples como uma figura geométrica, mas cuja complexidade misteriosa incita a mente. O artista olha para seu

modelo à procura de respostas visíveis para a pergunta: Qual é a natureza desta vida? Mais precisamente, ele procura similares para as constelações e processos da

realidade. A contemplação não se assemelha à atitude do espectador médio; ela não tem respostas a oferecer para a pessoa que não fizer perguntas.

(...) O indivíduo criativo não deseja sair do que é o normal e c

seus próprios critérios de verdade. E, nesse processo, freqüentemente abandona o modo normal de ver as coisas. Quando Picasso fala de seu trabalho como sendo uma

série de destruições, evidentemente se refere à destruição positiva necessária a toda busca. O desejo de ser diferente só por ser diferente é prejudicial, e a necessidade

de fugir de uma dada condição deriva de um estado patológico inerente à situação (...) ou à pessoa, como nos mecanismos de fuga dos neuróticos, que os freudianos

atribuem aos artistas. Frente a frente com a realidade preñhe de sentido, a pessoa verdadeiramente criativa não foge, mas caminha em direção a ela. A contemplação

permite-lhe analisar as potencialidades do objeto em relação ao tipo de verdade que seja adequado a ambos. (...)

(Rudolf Arnheim, Towards a psychology of art, Londres, Faber and Faber, 1966, p. 296-299.)

* * *

CCAPÍTULO 37

ESTÉTICA: INTRODUÇÃO CONCEITUAL

A arte é uma série de objetos que provocam emoções poéticas.

(Le Corbusier)

fenomologica

1. Conceituação: no uso vulgar, em artes, em filosofia

Fazendo um levantamento do uso comum da palavra estética encontramos expressões dizem respeito à beleza física e abrangem desde um bom corte de cabelo e maquilagem bemfeita a cuidados mais intensos como ginástica, tratamentos à base

de cremes, massagens, chegando, às vezes, à cirurgia plástica. Encontramos ainda expressões como: senso estético. arranjo de flores estético ou decoração estética.

Nelas também está presente a relação com a beleza ou, pelo menos, com o agradável; mas aqui a palavra estética é usada como adjetivo, isto é, como qualidade.

Se continuarmos a procurar, saindo agora do uso comum e entrando em estética socialista *etc.* Nesses casos, a palavra estética, usada como substantivo, designa um conjunto de características formais que a arte assume em determinado

período e que poderia, também, ser chamado de estilo.

Resta, ainda, outro significado, mais específico, usado no campo da filosofia que estuda racionalmente o belo e o sentimento que suscita nos homens.

Assim, tradicionalmente, mesmo em filosofia, a estética aparece

lugar privilegiado na reflexão estética, pois, durante muito tempo, ela foi considerada como tendo por função primordial exprimir a beleza de modo sensível.

1. Etimologia da palavra estética

Etimologicamente, a palavra estética vem do grego *aisthesis*, com sentidos, "percepção totalizante".

A ligação da estética com a arte é ainda mais estreita se se considera que o objeto artístico é aquele que se oferece ao sentimento e à percepção. Por isso podemos compreender que, enquanto disciplina filosófica, a estética tenha também se voltado para as teorias da criação e percepção artísticas.

*

Dictionnaire de la philosophie, Paris, Larousse, 1982, p. 91.

1. O belo e o feio: a questão do gosto

O que é a beleza? Será possível defini-la objetivamente ou será ela eminentemente subjetiva, isto é, que depende de cada um?

De Platão ao classicismo, os filósofos tentaram fundamentar a obra de arte no mundo. Se, por um lado, ele reconhece o caráter sensível do belo, por outro continua a afirmar a sua essência ideal, objetiva. Somos, assim, obrigados a admitir

a existência do "belo em si" independente das obras individuais que, na medida do possível, devem se aproximar desse ideal universal.

O classicismo vai ainda mais longe, pois deduz regras para o fazer artístico a ter qualidades que o tornam mais ou menos agradável, independente do sujeito que as percebe.

Do outro lado da polêmica, temos os filósofos empiristas, como D

opinião pessoal não pode ser discutido racionalmente, donde o ditado: "Gosto não se discute". O belo, portanto, não está mais no objeto, mas nas condições de recepção

do sujeito (ver os conceitos de subjetivo e objetivo no Vocabulário).

Kant, numa tentativa de superação dessa dualidade objetividade-s
justificá-lo intelectualmente". Para ele, o objeto belo é uma ocasião de prazer, cuja causa reside no sujeito. O princípio do juízo estético, portanto, é o sentimento

do sujeito e não o conceito do objeto. No entanto, há a possibilidade de universalização desse juízo subjetivo porque as condições subjetivas da faculdade de julgar

são as mesmas em todos os homens. Belo, portanto, é uma qualidade que atribuímos aos objetos para exprimir um certo estado da nossa subjetividade. Sendo assim, não

há uma idéia de belo nem pode haver regras para produzi-lo. Há objetos belos, modelos exemplares e inimitáveis (ver o item Criticismo Kantiano na Terceira Parte do

Capítulo 10).

Hegel, em seguida, introduz o conceito de história. A beleza mud
que se reflete na arte, depende mais da cultura e da visão de mundo vigentes do que de uma exigência interna do belo.

Hoje em dia, de uma perspectiva fenomenológica, consideramos o b
é, também, a imanência total de um sentido ao sensível, O objeto é belo porque realiza o seu destino, é autêntico, é verdadeiramente segundo o seu modo de ser, isto

é, é um objeto singular, sensível, que carrega um significado que só pode ser percebido na experiência estética. Não existe mais a idéia de um único valor estético

a partir do qual julgamos todas as obras. Cada objeto singular estabelece seu próprio tipo de beleza.

O problema do feio está implícito nas colocações que são feitas de imediato, dois modos de representação do feio: a representação do assunto "feio" e a forma de representação feia. No primeiro caso, embora o assunto "feio" tenha

sido banido do território artístico durante séculos (pelo menos desde a Antiguidade grega até a época medieval), no século XIX ele vem a ser reabilitado.

No momento em que a arte rompe com a idéia de ser "cópia do real" ela passa a ser avaliada de acordo com a autenticidade da sua proposta e com sua capacidade de falar ao sentimento (ver Capítulo 38 - Arte como forma de pensamento).

O problema do belo e do feio é deslocado do assunto para o modo de representação. E só haverá obrasfeias na medida em que forem malfeitas, isto é, que não corresponderem

plenamente à sua proposta. Em outras palavras, quando houver uma obra feia - neste último sentido -, não haverá uma obra de arte.

Antes de seguirmos adiante, queremos lembrar que o próprio conceito de subjetividade assim entendida refere-se mais a si mesma do que ao mundo dentro do qual ela se forma, e esse tipo de julgamento estético decide o que nós preferimos

em virtude do que somos. Nós passamos a ser a medida absoluta de tudo, e essa atitude só pode levar ao dogmatismo e ao preconceito. A subjetividade

de em relação ao objeto estético precisa estar mais interessada em conhecer, entregando-se às particularidades de cada objeto, do que em preferir. Nesse sentido,

ter gosto é ter capacidade de julgamento sem preconceitos. É a própria presença

da obra de arte que forma o gosto: torna-nos disponíveis, reprime as particularidades

da subjetividade, converte o particular em universal. A obra de arte "convida a subjetividade a se constituir como olhar puro, livre abertura para o objeto, e o

conteúdo particular a se pôr a serviço da compreensão em lugar de ofuscá-la fazendo prevalecer as suas inclinações. À medida que o sujeito exerce a aptidão de se

abrir, desenvolve a aptidão de compreender, de penetrar no mundo aberto pela obra. Gosto é, finalmente, comunicação com a obra para além de todo saber e de toda

técnica, O poder de fazer justiça ao objeto estético é a via da universalidade do julgamento do gosto"2.

1. A recepção estética

Outro assunto que ainda precisamos abordar diz respeito à atitude em relação à arte(3). Costuma-se dizer que

a experiência estética, ou a experiência do belo, é gratuita, é desinteressada, ou seja, não visa um interesse

prático imediato. Só nesse sentido podemos entender a gratuidade dessa experiência,

ejamais

como inutilidade, uma vez que ela responde a uma necessidade humana e social. A experiência estética não visa o conhecimento

lógico, medido em termos de verdade; não visa a ação imediata e não pode ser julgada

em termos de utilidade para determinado fim.

A experiência estética é a experiência da presença tanto do

sujeito que o percebe.

A obra de arte, como já dissemos, pede uma recepção que lhe para ela, sem lhe impor normas externas. Essa recepção tem por finalidade o desvelamento

constituente do objeto, através de um sentimento que o acolhe e que lhe é solidário. A

obra de arte espera que o público "jogue o seu jogo", isto é, entre no seu mundo, de acordo

com as regras ditadas pela própria obra para que seus múltiplos sentidos possam aparecer.

O espectador, através do seu acolhimento, atualiza as possíveis arte e testemunha o surgimento de algumas significações contidas na obra. Outros a

verão, e outros significados surgirão. Todos igualmente verdadeiros.

**

2 M. Dufrenne, *Phénomélogie de l'expérience esthétique*, p.100

Exercícios

- 1-Levante as principais idéias do texto básico.
2. Como Kant supera a dualidade objetivo-subjetivo?
3. Qual é a importância do conceito de história introduzido por
4. Como se coloca o problema do belo do ponto de vista da fenomenologia?
- 5, Por que não há obra de arte quando o modo de representação é
6. O que é ter gosto? Explique com suas palavras.
7. Quais são as principais características da experiência estética?
8. Discuta: "A experiência estética tem por finalidade o

9. Leia os textos seguintes e explique-os com suas palavras.

"A perfeição final de toda arte é reproduzir, não as coisas que de acordo com os princípios da verdadeira beleza, presentes na própria natureza."

(Quatremère de Quincy)

A beleza envolve "integridade e perfeição, uma vez que as coisas ou claridade, donde as coisas bonitas têm cores brilhantes". (Santo Tomás de Aquino)

Não estamos nos referindo à experiência estética perante fenômenos da natureza, uma vez que neste livro, o que

realmente nos interessa discutir é a experiência da arte.

--

10. Explique, com suas palavras, o que Dufrenne quer dizer para o objeto, e o conteúdo particular a se

pôr a serviço da compreensão em lugar de ofuscá-la fazendo prevalecer as suas inclinações. A medida que o sujeito exerce a aptidão de se abrir, desenvolve a aptidão

de compreender, de penetrar no mundo aberto pela obra".

Depois de ler o texto complementar, responda às questões 11 a 14

11. A partir do texto base, discuta o que Schiller quer dizer. Compare com a posição fenomenológica e faça sua síntese.

1. que se entende por "liberdade estética"?
2. Qual a importância da educação da sensibilidade?

1. Qual o papel que a disciplina Educação Artística deve desempenhar na formação do estudante?

Texto complementar

Carta XX

Discutindo o estado estético, Schiller esclarece, na Carta XX, dirigida ao príncipe

Augustenburg:

Para leitores que não estejam familiarizados com a significação que de algum modo possam ocorrer no fenômeno são pensáveis sob quatro relações diferentes. Uma coisa pode referir-se imediatamente a nosso estado sensível (nossa existência e bem-estar): esta é a sua índole física. Ela pode, também, referir-se a nosso entendimento, possibilitando-nos conhecimento: esta é sua índole lógica. Ela pode, ainda, referir-se a nossa vontade e ser considerada como objeto de escolha para um ser racional: esta é sua índole moral. Ou, finalmente, ela pode referir-se ao todo de nossas diversas faculdades sem ser objeto determinado para nenhuma isolada dentre elas: esta é sua índole estética. Um homem pode ser-nos agradável por sua solicitude; pode, pelo diálogo, dar-nos o que pensar; pode incutir respeito pelo seu caráter; enfim, independentemente disso tudo e sem que tomemos em consideração alguma lei ou fim, ele pode aprazer-nos na mera contemplação e apenas por seu modo de aparecer. Nesta última qualidade, julgamo-lo esteticamente. Existe, assim, uma educação para a saúde, uma educação do pensamento, uma educação para a moralidade, uma educação para o gosto e a beleza. Esta tem por fim desenvolver em máxima

harmonia o todo de nossas faculdades sensíveis e espirituais. Para contrariar a corriqueira sedução de um falso gosto, fortalecido também por falsos raciocínios

segundo os quais o conceito do estético comporta o do arbitrário, observo ainda uma vez (embora estas cartas sobre a educação estética de nada mais se ocupem além

da refutação deste erro) que a mente no estado estético, embora livre, e livre no mais alto grau, de qualquer coerção, de modo algum age livre de leis; e acrescento

que a liberdade estética se distingue da necessidade lógica no pensamento e da necessidade moral no querer, apenas pelo fato de que as leis segundo as quais a mente

procede ali não são representados e, como não encontram resistência, não aparecem como constrangimento.

(Friedrich Schíller, A educação estética do homem. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p.

109.)

* * *

CAPÍTULO 38

ARTE COMO FORMA DE PENSAMENTO

Entender a idéia de uma obra de arte é mais como ter uma nova experiência (Suzanne Langer)

1. Arte é conhecimento intuitivo do mundo

Assim como o mito e a ciência são modos de organização da experiência no mundo humano como forma de organização, como modo de transformar a experiência vivida em objeto de conhecimento, desta vez através do sentimento (ver Capítulos 6 e 11).

O conhecimento intuitivo do mundo, como já vimos no caso do mito, não se dá que, pelo fato de serem abstrações genéricas, estão longe do dado sensorial, do momento vivido. Ele também pode se dar através da intuição(1), do conhecimento imediato da forma concreta e individual, que não fala à razão, mas ao sentimento e à imaginação.

E a arte é um caso privilegiado de conhecimento intuitivo do mundo, pois se entrega a elas para penetrar-lhes o sentido.

O verdadeiro artista intui a forma organizadora dos objetos, a qual focaliza sua atenção. Ele vê, ou ouve, o que está por trás da aparência exterior do mundo. Por exemplo, no filme *Amadeus*, de Milos Forman (prêmio Oscar de 1985), há uma cena que mostra didaticamente esse

processo. A sogra de Mozart, emocionada e muito irritada, conta ao compositor por que a filha dela o abandonou. Mozart, que a princípio realmente procurava uma resposta

para essa questão, lentamente deixa de prestar atenção às palavras para sintonizar com a melodia e ritmo do discurso. Ele ouve a musicalidade por trás do discurso

inflamado e compõe uma ária para A flauta mágica. Assim, como todo artista, Mozart percebe, pelo poder seletivo e interpretativo dos seus sentidos, formas que não

podem ser nomeadas, que não podem ser reduzidas a um discurso verbal explicativo, pois elas precisam ser sentidas, e não explicadas. A partir dessa intuição, o artista

não cria mais cópias da natureza, mas, sim, símbolos dessa mesma natureza e da vida humana.

Esses símbolos, portanto, não são entidades abstratas, não são e que representam analogicamente, ou seja, por semelhança de forma, a experiência vital intuída pelo artista. Assim, a tela de Mondrian intitulada New York não reproduz

figurativamente, iconicamente, a cidade, mas representa analogicamente a vivência do artista em relação a ela. E essa apreensão do concreto, do imediato, do vivido,

é transportada para uma outra obra que, ela também, é um objeto concreto para o espectador. Assim, quando apreciamos uma obra de arte, fazemo-lo através dos nossos

sentidos: visão, audição, tato, cinestesia e se a obra for ambiental, até o olfato.

É a partir dessa percepção sensível que podemos intuir a vivência que o artista

expressou em sua obra, uma visão nova, uma interpretação nova da natureza e da vida. O artista atribui significados ao mundo por meio da sua obra. O espectador lê

esses significados nela depositados. Essa "interpretação só é possível em termos de intuição e não de conceitos, em termos de forma sensível e não de signos

abstratos"².

Podemos dizer, então, que na obra de arte o importante não é o tema em si, mas o tratamento que se dá ao

tema, que o transforma em símbolo de valores de uma determinada época.

(2 Cassirer. Symbol. myth and culture, p. 1 75.)

A luz, a cor, o volume, o peso, o espaço, enquanto dados sensíveis usamos esses dados para construir, através do pensamento lógico, o nosso conceito de mundo físico. Em arte, esses mesmos dados são usados para alargar o horizonte

de nossa experiência sensível. Por exemplo, pelo uso incomum de cores ou sons, pela organização inusitada de um espaço, pela textura ou forma dada a um material,

a nossa própria perspectiva da realidade é alterada. O artista não copia o que é; antes cria o que poderia ser e, com isso, abre as portas da imaginação.

****nota**

1. Intuição: enquanto conhecimento imediato, pode ser empírica, quando diz respeito a um objeto do mundo; e racional, quando diz respeito à relação imediata

entre duas idéias. Toda intuição tem caráter de descoberta, seja de um objeto, de uma

nova idéia ou de um sentimento. (Ver Capítulo 3 O que é c

Gravura

O grito, de Edvard Munch, 1895, serigrafia. Obra expressionista, revela, no uso do branco e preto, na simplicidade dos traços do desenho, nas várias direções das

linhas que compõem o fundo, na expressão do rosto e na posição das mãos, uma maneira de ver o mundo que pode ser compreendida intuitiva e imediatamente.

1. O papel da imaginação na arte

É exatamente a imaginação que vai servir de mediadora entre o vi pelo corpo (os órgãos dos sentidos) e a ordenação do espírito (pensamento analógico).

A imaginação, ao tomar o mundo presente em imagens, nos faz pensar imaginário assim criado não é irreal. É, antes, pré-real, isto é, antecede o real porque aponta suas possibilidades em vez de fixá-lo numa forma cristalizada. Assim,

a imaginação alarga o campo do real percebido, preenchendo-o de outros sentidos(3).

Arte e sentimento

Na experiência estética, a imaginação manifesta, ainda, o acordo O sentimento acolhe o objeto, reunindo as potencialidades do eu numa imagem singular. É toda nossa personalidade que está em jogo, e o sentimento despertado não

é o sentimento de uma obra, mas de um mundo que se descortina em toda sua profundidade, no momento em que extraímos o objeto do seu contexto natural e o ligamos

a

um horizonte interior. Este sentimento, portanto, "não é emoção, é conhecimento.(5)

(nota: Não podemos esquecer da origem da palavra sentido, como particípio passado do verbo sentir. O problema do significado, portanto, passa pelo sentido, tanto

do ponto de vista sensorial quanto do ponto de vista emocional.)

Estabeleçamos as diferenças entre sentimento e emoção. O termo e níveis profundos de agitação. Ela rompe a estabilidade afetiva. Assim, emoção designa um estado psicológico que envolve profunda agitação afetiva.

O sentimento, por outro lado, é uma reação cognitiva, de reconhecimento
É percepção

das tensões dirigidas, comunicadas e expressas pelos aspectos estáticos e dinâmicos da forma, tamanho, tonalidade ou altura. Essas tensões são tão perceptíveis quanto

o espaço ou a quantidade.

Podemos, então, dizer que o sentimento esclarece o que motiva a

A emoção é uma resposta, é uma maneira de lidarmos com o sentimento
alegria expressa pelo riso, por exemplo, é o modo pelo qual lidamos com o sentimento

do cômico; o medo é uma resposta ao sentimento de ameaça. Assim, o sentimento é conhecimento porque esclarece o que motiva a emoção; esse conhecimento é sentimento

porque é irrefletido e supõe uma certa disponibilidade para acolher o afetivo, disponibilidade para a empatia, ou seja, sentir como se estivéssemos no lugar do outro.

É preciso lembrar que sempre podemos nos negar a essa disponibilidade, pois ela pressupõe um certo engajamento no mundo: o objetivo não é pensá-lo, nem agir sobre

ele; é, tão-somente, senti-lo na sua profundidade.

O sentimento, na sua função de conhecimento, alcança, para além uma interioridade, isto é, de manifestar o que o objeto é para si. Mas essa expressão, em arte, ocorre sempre através de um meio específico. O artista não

escolhe

o seu meio (video, pintura, dança etc.) como um meio material externo e indiferente. Para

ele, as palavras, as cores, as linhas, as formas e desenhos, os sons (timbre)

dos diversos instrumentos não são somente

meios materiais de produção. São condições do pensar artístico, momentos do processo de criação e parte integrante e constituinte da sua expressão. O projeto do

artista condiciona o meio e o material, que, por sua vez, condicionam as técnicas e o estilo. Tudo isso reunido forma a linguagem da obra, sua marca inconfundível,

seu significado sensível. Em virtude dessa ligação indissolúvel entre significante e significado na obra de arte é que podemos dizer que "o objeto estético é. em

primeiro lugar, a apoteose do sensível, e todo seu sentido é dado no sensível"⁵. Assim, a obra de arte não pode ser traduzida para outra linguagem. Quando contamos

um filme a alguém (existe coisa mais chata?), ele perde a maior parte de seu significado, pois sua forma sensível de imagem desapareceu. A obra de arte pode, quando

muito, inspirar uma outra, e então teremos um filme a partir de um livro,

uma música a partir de um quadro *etc.* São obras diferentes, no entanto.

1. A educação em arte

A educação em arte só pode propor um caminho: o da convivência c
em praças públicas, as que estão em bancos, em repartições do governo, nas casas de amigos e conhecidos. Também aquelas, anônimas, que encontramos às vezes numa

vitrina, numa feira, nas mãos de um artesão. As que estão em alguns cinemas, teatros, na televisão e no rádio. As que estão nas ruas: certos edifícios, casas, jardins,

túmulos. Passamos por muitas delas, todos os dias, sem vê-las. Por isso, é preciso uma determinada intenção de procurá-las, de percebê-las.

Quanto mais ampla for essa convivência com os tipos de arte, os
É só através desse contato aberto e eclético que

podemos afinar a nossa sensibilidade para as nuances e sutilezas de cada obra, sem querer impor-lhe o nosso gosto e os nossos padrões subjetivos, que são marcados

historicamente pela época e pelo lugar em que vivemos, bem como pela classe social a que pertencemos. "Lembraremos, ainda, que é na freqüentação da obra que a intersubjetividade pode se dar.

É através dela que podemos encontrar' com o autor, sua época e também com nossos semelhantes. É pelas veredas não-rationais da arte que a freqüentação permite descobrir e percorrer, que nos sintonizamos' com o outro,

numa relação particular que a vida cotidiana desconhece. Terreno da intersubjetividade, a arte nos une, servindo de lugar de encontro, de comunhão intuitiva; ela

não nos coloca de acordo: ela nos irmana.

Em seguida, precisamos aprender a sentir. Em nossa sociedade, da arte dentro desse tipo de perspectiva. Assumimos, então, tal distância da obra que não é possível recebê-la através do sentimento. Por outro lado, o sentimento, como já dissemos, não é a emoção descabelada. Chorar ao assistir a um drama ou ao ouvir uma música não é sinal de que estejamos acolhendo a obra através do sentimento.

Podemos estar fazendo uma catarse das nossas emoções. No sentimento, ao contrário, a emoção é despida de seu conteúdo material e elevada a um outro estado:

retirado o peso da paixão, permanecem o movimento e as oscilações do sentir em comunhão com o objeto.

Finalmente, já fora da experiência estética, podemos chegar ao n
é o trabalho do crítico e do historiador da arte. Para essa tarefa, só a convivência com a obra não basta. É necessário o conhecimento histórico dos estilos, da linguagem de cada arte, além de um profundo conhecimento da cultura que gerou cada obra.

Concluindo, a arte não pode jamais ser a conceitualização abstra
o mundo, proporcionando o conhecimento por familiaridade com a experiência afetiva. Esse modo de apreensão do real alcança seus aspectos mais profundos, que pela

sua própria imediatez não podem ser apresentados de outra forma. A partir dessas idéias, podemos compreender a epígrafe do capítulo:

"Entender a idéia de uma obra de arte é mais como ter uma nova e proposição."⁷

(5)"M. Dufrenne. Phénoménologie de l'expérience esthétique, p. 471.)

1. J. Coli. O que é arte, p. 126.

7S. K. Langer, Sentimento e forma, p. 259.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto base.
2. Por que a arte é um caso privilegiado do entendimento intuitivo?
3. Explique por que o artista cria símbolos e não cópias da natureza.
4. O que caracteriza esses símbolos?

5. Qual é a diferença entre sentimento e emoção? Qual deles é a

6. Como se dá a expressão em arte?

7. Por que é importante a convivência com as obras de arte?

Leia o texto complementar e responda às questões 8 a 11.

8. O que o autor quer dizer com a frase: "Um artista só p
oferecer.

9. Como você relaciona essa afirmação com o fato de o art

10. Como ele pode manter a relação dialética entre "reali
singular e universal"?

1. Em que sentido a sociedade precisa do artista?

Texto complementar

Arte e sociedade

Um artista só pode exprimir a experiência daquilo que seu tempo
não consiste em que a sua experiência seja fundamentalmente diversa da dos
outros homens de seu tempo e de sua classe, mas consiste em que ela seja mais
forte, mais

consciente e mais concentrada. A experiência do artista precisa apreender as
novas relações sociais de maneira a fazer que outros também venham a tomar
consciência

delas; ela precisa dizer hic tua res agitur. Mesmo o mais subjetivo dos artistas
trabalha em favor da sociedade. Pelo simples fato de descrever sentimentos,
relações

e condições que não haviam sido descritos anteriormente, ele canaliza-os do seu
"Eu" aparentemente isolado para um "Nós"; e este

"Nós" pode ser reconhecido até na subjetividade transbordante da

retorno à primitiva coletividade

do passado; ao contrário, representa

um impulso na direção de uma nova comunidade cheia de diferenças e tensões, na qual a voz individual não se perde numa vasta unissonância. Em todo autêntico trabalho

de arte, a divisão da realidade humana em individual e coletiva, em singular e universal, é interrompida; porém é mantida como fator a ser incorporado em uma unidade

recriada.

Só a arte pode fazer todas essas coisas. A arte pode elevar o homem para compreender a realidade e o

ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais

humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. A sociedade precisa do artista, este supremo feiticeiro, e tem o direito

de pedir-lhe que ele seja consciente de

sua função social. Tal direito nunca foi discutido numa sociedade em ascensão, ao contrário do que ocorre nas sociedades em decadência. A ambição do artista que

se apoderou das idéias e experiências do seu tempo tem sido sempre não só de representar a realidade como a de plasmá-la. O Moisés de Michelangelo não era só a imagem

artística do homem do Renascimento, a corporificação em pedra de uma nova personalidade consciente de si mesma. Era também um mandamento em pedra dirigido aos contemporâneos

de Miguel Ângelo e a seus dirigentes: "É assim que vocês precisam ser. A época em que vivemos o exige. O mundo a cujo nascimento presenciamos o requer".

(E. Fischer, A necessidade da arte, p. 56-57.)

CAPÍTULO 39

FUNÇÕES DA ARTE

A razão de ser da arte nunca permanece inteiramente a mesma. A função original da arte. No entanto, a despeito das situações sociais diferentes, há alguma coisa na arte que expressa uma verdade permanente. E é essa coisa que nos possibilita - nós, que vivemos no século XX -o como vermo-nos com as pinturas pré-históricas das cavernas e com antiquíssimas canções.

(Ernest Fischer)

As obras de arte, desde a Antiguidade até hoje, nem sempre tiveram importância, ora para despertar o sentimento religioso ou cívico. Foi só neste século que a obra de arte passou a ser considerada um objeto desvinculado desses interesses nãoartísticos, um objeto propiciador de uma experiência estética por seus valores intrínsecos.

Assim, dependendo do propósito e do tipo de interesse com que analisamos uma obra de arte, podemos distinguir três funções principais para a arte.

1. Função pragmática ou utilitária

A arte serve ou é útil para se alcançar um fim nãoartístico, isto é, para atingir um fim. Esses fins nãoartísticos variam muito no curso da história. Na Idade Média, por exemplo, na medida em que a maior parte da população dos feudos era analfabeta, a

arte serviu para ensinar os principais preceitos da religião católica e para relatar as histórias bíblicas. Esta é uma finalidade pedagógica da arte.

Na época da Contra-Reforma, a arte barroca foi muito utilizada para fiéis, mostrando-lhes a grandeza e a riqueza do reino do céu, numa tentativa de segurar os

fiéis dentro da religião católica, ameaçada pela Reforma protestante. Na medida em que os argumentos racionais não conseguiam se manter de pé diante da emocional. Esse é um exemplo da arte sendo usada para finalidades. No nosso século, o "realismo socialista" tem por finalidade retratar figuras da revolução socialista como um meio

para despertar o sentimento cívico e manter a lealdade da população. A própria arte engajada, que floresceu entre nós no final da década de 50 e início da década de 60, pretendia conscientizar a população sobre sua situação socioeconômica.

Portanto, as finalidades a serviço das quais a arte pode estar presente. Nessa perspectiva, quais seriam os critérios para se avaliar uma obra em relação à finalidade a que serve (se a finalidade for boa, a obra é boa); e o critério de eficácia da obra em relação à finalidade (se o fim for atingido, a obra é boa).

Como vemos, em nenhum momento, dentro desse tipo de interesse, a

1. Função naturalista

Refere-se aos interesses pelo conteúdo da obra, ou seja, pelo que a obra é encarada como um espelho, que reflete a realidade e nos mostra para fora do mundo artístico, para o mundo dos objetos retratados. Assim, uma escultura de D. Pedro 1, por exemplo, serviria, dentro dessa perspectiva, para

nos

remeter ao homem e ao político, ao que ele representou num determinado momento histórico brasileiro. Deixaríamos em segundo plano a leitura propriamente dita da

escultura, isto é, valores como qualidade técnica, expressividade, criatividade etc., pois o nosso interesse estaria voltado somente para o assunto

tratado.

Essa atitude perante a arte surge bastante cedo. Como veremos no e pinturas que "imitam" ou "copiam" a realidade. Essa tendência caracterizou a arte ocidental até meados do século XIX, quando surgiu a fotografia. A partir de então,

a função da arte, especialmente da pintura, teve de ser repensada e houve uma ruptura do naturalismo,

Os critérios de avaliação de uma obra de arte do ponto de vista deve ser representado corretamente para que possamos identificá-lo): a inteireza, ou seja, a qualidade de ser inteiro, íntegro (o assunto deve ser representado por inteiro); e o vigor, que confere um poder de persuasão (especialmente se a situação representada for imaginária). Como exemplo deste último, temos a figura do

E.T.,

no filme de mesmo nome. Ele foi representado com tamanho vigor que ficamos convencidos da possibilidade de sua existência, enternecemos-nos com suas aventuras e

torcemos por ele até o final.

1. Função formalista

Finalmente, temos o interesse formalista, que, como o próprio no

no Capítulo 38 (Arte como forma de pensamento),

contribui decisivamente para o significado da obra de arte, Este, portanto, é o único dos interesses que se ocupa da arte enquanto tal e por motivos que não são estranhos ao âmbito artístico.

Desse ponto de vista vamos buscar, em cada obra, os princípios que existem entre eles. Não importa o tipo de obra analisado:

pictórico, escultórico, arquitetônico, musical, teatral, cinematográfico *etc.* Todos comportam uma estruturação interna de signos selecionados a partir de um código

específico.

Há nessa função, uma valorização da experiência estética como um mundo, Embora a experiência estética propicie o conhecimento do que nos rodeia, este conhecimento não pode ser formulado em termos teóricos porque ele é imediato,

concreto e sensível (ver Capítulo 38 -Arte como forma de pensamento).

O critério através do qual uma obra de arte será avaliada de um público cuja sensibilidade seja educada e madura, isto é, que conheça vários códigos e esteja disponível para encontrar na própria obra suas regras de organização.

Como exemplo, para ilustrar essa função, vamos analisar um samba por João Gilberto.

Samba de uma nota só

1 Eis aqui este sambinha

2 Feito numa nota só

3 Outras notas vão entrar

- 4 Mas a base é uma só
- 5 Esta outra é consequência
- 6 Do que acabo de dizer
- 7 Como eu sou a consequência
- 8 Inevitável de você.
- 9 Muita gente existe por aí
- 10 Que fala, fala e não diz nada, ou quase nada
- 11 Já me utilizei de toda a escala
- 12 E no final não sobrou nada, não deu em nada
- 13 E voltei pra minha nota
- 14 Como eu volto pra você
- 15 Vou mostrar com a minha nota
- 16 Como eu gosto de você
- 17 Quem quiser todas as notas - ré, mi, fá, sol, lá, si, dó
- 18 Fica sempre sem nenhuma. Fique numa nota so.

Em primeiro lugar, precisamos estabelecer o quadro de referência

É uma canção, com música e letra. É uma composição musical popul

É música da classe média do Rio de Janeiro, com ideologia pequeno-burguesa, individualista, sem preocupações sociais. Pertence à bossa nova, cujas propostas principais

são:

- fazer uma renovação na MPH a partir da incorporação de

- ser música camerística (ao contrário do modelo operístico)
- usar uma batida diferente do samba tradicional;
- integrar harmonia-ritmo-melodia e contraponto (a melodia)
- integrar voz, instrumento e arranjo, de forma que um co

Assim, o primeiro aspecto que notamos no Samba de uma nota só é da outra. Para entender isso, é preciso ouvi-lo. Durante os primeiros quatro versos, a música acompanha a idéia de ser feita sobre uma nota só. Os versos 5 e 6 são

acompanhados de uma mudança, e os versos 7 e 8 voltam para a nota base, relacionando a complementaridade das notas com

a complementaridade dos participantes de uma relação amorosa (eu e você) e introduzindo o aspecto individualista.

A melodia que acompanha os quatro versos seguintes (9, 10, 11 e tempo que ilustra a letra. Não é a variedade de notas utilizadas em uma composição que lhe confere valor estético.

Em seguida, como dizem os versos 13, 14, 15 e 16, volta-se à nota

Por meio da analogia entre as notas e os amores, os versos finais que esta análise evidencia é que, ao comentar e ilustrar os procedimentos da leitura musical, a composição esclarece alguns dos próprios princípios da bossa nova

que, na época, vinham sendo criticados por fugirem dos padrões de samba aceitos até então.

A interpretação de João Gilberto é perfeita: afinada, contida, com de forma simples, sem os arroubos característicos do samba-canção. Podemos assim perceber que a obra apresenta uma unidade orgânica (entre forma musical e letra)

perceptível ao ouvido treinado, que se encanta ao deparar com ela.

É apenas do ponto de vista didático que podemos separar as funções finalidades pedagógicas, por exemplo, ela precisa ter função naturalista. Outras vezes é o estético que se sobrepõe às outras funções. Assim, é o modo como nos aproximamos

de qualquer obra de arte que vai determinar a função da obra naquele momento. Em si, todas as obras que são verdadeiramente de arte necessariamente são capazes de

sustentar a contemplação estética de um observador sensível e treinado.

Exercícios

1. De que depende a função que a obra de arte tem em cada
2. Como a arte é encarada do ponto de vista da função para
3. Dê exemplos dos tipos de fins a que a arte pode servir
4. Quais são os critérios de avaliação da obra de arte na
5. Que tipo de interesse pela arte surge na função naturalista
6. Quais são os critérios de avaliação da obra de arte na
7. Como a arte é encarada do ponto de vista da função formal
8. Quais são os critérios de avaliação da obra de arte na
9. Identifique a função da arte e justifique:

a) "Quero ficar no seu corpo feito bailarina Que logo se alucina salta, se ilumina quando a noite vem.

(Chico Buarque)

- b) A foto de uma pessoa querida.
- c) Um filme histórico, como *Reds*, usado na aula de história

de 1917.

d) "A arte bizantina, sobretudo a pintura bizantina, era também didática. Tinha por objetivo ensinar, por meio dos seus ícones, a religião cristã ortodoxa até aos analfabetos." (A. Michelis)

e) "As pinturas faziam parte da técnica deste processo de 'ratoeira' em que a caça havia decair, ou a ratoeira com o animal já capturado.

É que os desenhos constituíam simultaneamente a representação e a coisa representada, eram simultaneamente o desejo e a realização do desejo. O caçador e o pintor

da era paleolítica supunham encontrar-se na posse do próprio objeto desde que possuíssem a sua imagem; julgavam adquirir poder sobre o objeto por intermédio da representação."

(A. Hauser)

Leia o texto complementar e responda às questões 10 a 12.

- 10. De acordo com Léger, pintor francês contemporâneo, a
- 11. Qual é a diferença entre pintura abstrata e figurativa?
- 12. Qual é o papel da realidade na criação artística?

Texto complementar

O novo realismo: a cor pura e o objeto

Um exemplo: se componho um quadro utilizando como objeto um fragmento da casca de árvore, a asa de

borboleta, e que se diga: que representa isto? É um quadro abstrato, não é um quadro figurativo.

Aquilo a que se chama quadro abstrato é coisa que não existe. Não há quadros concretos. Há quadros bons e quadros maus. Há quadros que nos

comovem e quadros que

nos deixam indiferentes.

Nunca se deve julgar um quadro por comparação com elementos mais
quadro tem um valor em si próprio, como uma partitura musical, como um
poema.

A realidade é infinita e muito variada. Que é a realidade? Onde
dose de realidade deve existir na partitura? Impossível responder.

Outro exemplo sobre esta questão da realidade: fotografo, com mu
muito forte, uma unha de mulher. Esta unha, muito cuidada, é valorizada como
um olho, como a
boca. É um objeto que tem um valor em si.

Depois projeto a unha aumentada cem vezes e digo a uma pessoa: v
Ficarão espantadas e entusiasmadas, acreditarão no que digo. Mas, finalmente,
dir-lhes-ei: não, o que acabam de ver é a unha do dedo mindinho da mão
esquerda da

minha mulher. Essas pessoas ir-se-ão embora vexadas, mas nunca mais farão a
famosa pergunta: que representa isto?

Esta pergunta já não tem nenhuma razão de ser. O Belo está em to
fragmento, em formas puramente inventadas. O que é preciso é desenvolver a
sensibilidade para

poder discernir o que é belo e o que não é. A inteligência, a lógica, não têm nada
a ver em tudo isso.

Não se explica a arte. É coisa do domínio da sensibilidade, que
(Fernand Léger, Funções da pintura, São Paulo, Bifel, s.d., p. 72.)

CAPÍTULO 40

O SIGNIFICADO NA ARTE

Sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou social só tem eficiência quando for reduzida à estrutura literária, à forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende da forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto.

Como ficou claro na Unidade 1, o homem está continuamente atribuindo significado aos textos que lêmos apenas os textos escritos, mas lemos igualmente outros tipos de textos, não-verbais, aos quais também atribuímos significados. Já vimos que a arte se constitui em um texto muito especial, pois a atribuição de significados está presa a sua forma sensível de apresentação e é inseparável dela.

Assim, a divisão que vamos fazer em termos de forma e conteúdo é didática e opera um corte na unidade da obra de arte, como um bisturi que disseca

corpos vivos e os separa em partes para que se possa conhecer cada uma e, depois, apreender a relação entre elas. Ao fazer isso, estamos destruindo, em primeiro

lugar, a experiência estética e, em segundo lugar, a Gestalt da obra, ou seja, a apreensão do conjunto, do todo, dentro do qual as partes tomam sentido.

1. A especificidade da informação estética

Teixeira Coelho Netto, ao discutir a informação estética, compar

(Antonio Candido)

(1. T. Coelho Netto, introdução à teoria da informação estética, p.

9-16.)

A informação estética, ao contrário da informação semântica, não lógica. Ela pode ou não ter uma lógica semelhante à do senso comum também não precisa ter ampla circulação, isto é, não há necessidade de que um público

numeroso tenha acesso a ela. A informação estética continua a existir mesmo dentro de

um sistema de comunicação restrito, até interpessoal, ou mesmo quando não há nenhum receptor apto a recebê-la. Sabemos que isso aconteceu inúmeras vezes.

Por exemplo, a informação estética contida numa tela de Van Gogh permaneceu

lá, embora em sua época ninguém pudesse entendê-la. Outra característica da informação estética

que a diferencia da informação semântica

é o fato de não ser traduzível em outras linguagens.

Quando dizemos "O tempo hoje está ruim", podemos traduzir a informação contida nessa frase para qualquer outra língua, sem perda da informação com tempo ruim, vemos a qualidade da cor, a força do vento, da chuva

ou da neve, a vegetação, os ruídos ou o silêncio, a névoa, a qualidade da luz e inúmeros outros detalhes que

nos são mostrados pelas câmeras e que nos causam um determinado para a linguagem verbal nem para qualquer outra sem ser mutilada, isto é, sem perder parte de sua significação.

A informação estética apresenta, ainda, um outro aspecto distinto não ser esgotável numa única leitura. Por exemplo, a informação sobre o tempo ruim so me conta algo de novo na primeira vez em que for dada. Ela se esgota. A informação

estética contida em uma obra de arte, no entanto, pode ser lida de várias maneiras por pessoas diferentes ou por uma mesma pessoa. Na

primeira vez que lemos um Livro

ou ouvimos uma música, recebemos uma certa quantidade de informações; numa segunda leitura ou audição, podemos receber outras informações; anos mais tarde, ainda

outras. Essa característica de inesgotabilidade permite que as obras de arte não envelheçam nem se

tornem ultrapassadas. A obra de arte é aberta, no sentido de que

ela própria instaura um universo bastante amplo de significações que

vão sendo captadas, dependendo da disponibilidade dos receptores(2)

1. A forma

Roman Jakobson, conhecido linguista, definiu algumas características da função poética ganha uma dimensão estética, podendo, assim, ser aplicada a todas as outras formas artísticas

além da poesia(3).

**

2 u-Eco, Obra aberta.

1. R. Jakobson, *Êssais de linguistique générale*, p. 209-248.

A função poética: a transgressão do código

A função poética da linguagem, segundo Jakobson, caracteriza-se

na a própria mensagem, isto é, por chamar atenção sobre a forma de estruturação e de composição da mensagem. A função poética pode estar presente tanto numa propaganda, num outdoor, quanto numa poesia, numa música ou em qualquer outro tipo de obra de arte.

Mas como é que se chama a atenção para a própria mensagem? Como mas é remetida para o contexto fora da obra. Na classificação de Jakobson, a função presente seria a referencial, centrada exatamente no contexto externo à obra.

A estruturação da obra, a sua organização interna, não chama a nossa atenção. Para que isso aconteça, é necessário sair do habitual, daquilo a que estamos acostumados

e que, por isso mesmo, nem percebemos mais. Em outras palavras, sair do esperado, o que implica transgredir o código consagrado.

(Gravura)

Composição em vermelho, amarelo e azul, de Pier Mondrian, 1921. Um dos artistas mais representativos do abstracionismo geométrico, Mondrian trabalha a superfície

do quadro respeitando suas duas dimensões (largura e altura) e sem criar nenhuma ilusão de profundidade. Usa poucas cores, sempre primárias, contrastando com o branco

e com o negro das linhas que dividem a superfície em quadrados e retângulos. E a partir desse trabalho em cima da forma que podem surgir os significados da obra.

Quando o código é usado de maneira incomum, a forma de apresentação da poesia. As palavras de que nos utilizamos para escrever um poema ou para nos comunicarmos no dia-a-dia são fundamentalmente as mesmas. Na fala diária, no entanto,

não prestamos atenção à forma das palavras, porque o que nos interessa para que

a comunicação se efetive é o seu conteúdo semântico. A poesia, ao contrário, chama

a nossa atenção para essa forma. Há um poema de Carlos Drummond de Andrade intitulado

"Ao Deus Kom Unik Assão"⁴. Sem dúvida, chama a atenção. Primeiro, pela forma

de escrever comunicação: com a letra K, de uso restrito na língua portuguesa; com a substituição do ç por dois s; com a divisão da palavra em três outras. Em seguida,

notamos que deus é substantivo masculino, enquanto comunicação é substantivo feminino. Portanto, várias transgressões do código num único título.

O que precisa ficar claro, no entanto, é que essas inovações e s para o significado da obra, neste caso o poema. Assim, vejamos: quanto à transformação do feminino em masculino, sabemos que nossa sociedade dá mais valor ao homem

do que à mulher; uma deusa nunca é levada muito a sério. O poder de deus é muito mais forte também porque as religiões ocidentais não cedem nenhum lugar a deusas.

Quanto ao uso da letra K, dos dois s e à divisão da palavra, causam um estranhamento, um distanciamento, remetendo a códigos e culturas estrangeiros. Em se tratando

de deus, remetem também a deuses e faraós (Tutancâmon etc.). A divisão da palavra comunicação reflete uma divisão nas discussões sobre o próprio assunto.

A partir dessa discussão sobre a função poética, que leva necess no Capítulo 4, incluímos as linguagens artísticas entre as que são estruturadas de forma mais flexível. Se romper o código é uma característica própria da arte, nenhum código artístico pode ser inflexível (como, por exemplo, os códigos matemáticos) nem exercer força coercitiva sobre a produção dos artistas. Ou

estes não seriam artistas.

**

1. Carlos Drummond de Andrade, As impurezas do branco, Rio de Janeiro.]. Olympio, 1976, p. 3.

(Gravura)

Escultura, de Hans Arp. A obra desse escultor que também é pintor, se situa dentro do abstracionismo informal. O nome do trabalho é bastante indicativo: é uma escultura

que não quer representar nada fora dela. Ela simplesmente ocupa um espaço, é um objeto tridimensional a mais no mundo, e suas formas arredondadas criam jogos de

luz e sombra.

O papel das vanguardas artísticas

A ênfase dada à forma da obra de arte e às transgressões do código militar que designa o grupo de soldados que avança à frente da guarda ou batalhão. Transferindo o termo para a

área artística e cultural, também designa os desbravadores, os que fazem o

"reconhecimento do terreno", os que ampliam o espaço da linguagem artística através de

experimentações. É a vanguarda que rompe os estilos, que propõe novos usos do código. Atrás dela vêm os batalhões, ou seja, os outros artistas, considerados seguidores

e que formam as escolas. Neste momento, o que era novo, o que constituía uma transgressão do código, passa a ser, outra vez, o habitual, o código consagrado.

Assim, a linguagem da vanguarda cultural e artística é sempre dinâmica nas bienais, os filmes de arte, o teatro experimental, a música dodecafônica e

assim por diante. Todas essas obras instituem um novo repertório de signos e novas

regras de combinação e de uso. Leva algum tempo, e muita convivência com o mundo artístico, para dominarmos, ou seja, compreendermos os novos códigos e as novas

linguagens.

A existência das vanguardas, no entanto, é imprescindível à manu de progresso envolve idéias de melhoria e ultrapassagem, absolutamente estranhas ao mundo artístico. A arte do século XX não é melhor nem pior que a arte grega ou

renascentista. É apenas diferente, porque responde a questões colocadas pelo homem e pela cultura atuais. Os artistas de vanguarda são exatamente aqueles que levantam

essas questões antes que a maior parte da sociedade as tenha percebido e respondem-nas trabalhando a linguagem e a forma sensível de suas obras.

1. O conteúdo

A interpretação da obra de arte, ou seja, a atribuição de significado é o do sentimento, que já foi discutido. Sentir em uníssono com a obra, deixar que ela nos leve e enleve, seguir seu ritmo interno, é o modo próprio de decodificação

que se dá na experiência estética. Esse sentimento apresenta-se como uma unidade não dissociável da experiência, isto é, ele só pode acontecer na presença da obra.

O segundo nível de interpretação se dá através do pensar e envol

Como se pode fazer essa análise?

Sem querer fornecer um receituário, é possível traçarmos algumas

Em primeiro lugar, precisamos fazer um levantamento da forma, em

das linguagens artísticas. Por exemplo, a linguagem teatral difere da linguagem cinematográfica. Assim, se formos analisar um espetáculo teatral, vamos precisar,

antes de mais nada, saber o que caracteriza a linguagem específica do teatro.

Em seguida, precisamos descrever a obra em nível denotativo, isto trata do afresco Última Ceia, de Leonardo da Vinci, nós vemos, representados na parede, treze homens atrás de uma mesa, de frente para nós, agrupados três a três,

exceto a figura central, com tal tipo de indumentária, fazendo tais gestos *etc.* Essa descrição dos signos que aparecem na obra e de

Construção espaço negativo, de N. Kasak. Esse é outro exemplo de escultura abstrata que ilustra a

experimentação na busca de novos usos do código artístico. Essa

obra, em vez de trabalhar com o volume, trabalha com os espaços vazios criados pela modelagem do metal.

como se combinam é muito importante, pois vai nos fornecer dados para estabelecermos relações que não estão tão aparentes, mas que se encontram implícitas na obra.

Por isso é imprescindível que façamos uma descrição detalhada e cuidadosa, a mais completa possível.

Finalmente, como na leitura de um livro, vamos levantar os signos, coloca uma figura sobre um determinado fundo, em que se combinam determinadas cores ou sons ou formas, em que se associa uma música a uma imagem, os significados

de cada signo vão sendo alterados pelos significados dos outros signos, formando um espesso tecido de significações que se cruzam e entrecruzam.

No levantamento dessas conotações, precisamos sempre levar em co

simbolizava a virgindade. Se desconhecemos esse fato, a interpretação de uma obra do período em que apareça esse símbolo será deficiente. Por outro lado, além desse

significado conotativo cristalizado, podemos encontrar outros significados a partir da perspectiva da nossa época. Assim, para podermos penetrar a significação mais

profunda de qualquer obra de arte é necessário que tenhamos conhecimentos de história geral, de história da arte e dos estilos, da história dos valores e da filosofia

da época em que a obra foi criada, para podermos situá-la no seu contexto. Precisamos, também, estar engajados no nosso tempo para podermos perceber o que a obra

nos diz hoje.

É por isso que dissemos, nos Capítulos 37 e 38, que a arte nos t
um universo de significações que jamais é esgotado e que ultrapassa em muito a intenção do autor. Esquemáticamente, podemos representar esse processo da seguinte

forma:

- universo de significações possíveis de uma obra
- intencionalidade do autor
- significados que podemos atribuir à obra, sem desrespeitar sua proposta
- significado arbitrário; que não pertence ao universo da obra e que não podemos impor a ela

Para terminar, vamos dar um exemplo de como fazer uma das leituras
f o r m a
r e f o r m a

disforma

transforma

conforma

informa

forma

É um poema concreto, portanto sua forma visual tem tanta importância quanto a forma sonora. O que vemos? Sete palavras dispostas de maneira a formar um

hexágono, na medida em que a primeira palavra tem 5 letras; a segunda, 7; a terceira, 8; a quarta, 10; a quinta, 8; a sexta, 7; e a sétima, 5 outra vez. Existe,

portanto, um movimento crescente seguido por outro decrescente. Vemos, ainda, que a palavra base FORMA se desloca para a direita até atingir a metade do poema e,

em seguida, volta à sua posição inicial, no eixo direita-esquerda. No eixo superior-inferior, a mesma palavra apresenta correspondência invertida de posições, como

se puséssemos um espelho sobre o eixo.

Quanto aos prefixos utilizados, formam um losango, descrevendo os significados imediatos das palavras:

- forma: os limites exteriores da matéria de que é constituído u
- reforma: formar de novo, reconstruir, corrigir, emendar
- disforma: dis: separação, negação (da forma); remete a
- transforma: dar nova forma, modificar, transfigurar, me
- conforma: conciliar, harmonizar, adequar, amoldar, acom
- informa: comunicar, participar.

Portanto, partimos de uma forma que é corrigida, emendada, a partir de uma nova forma (prefixo trans, "além de"). A partir daí, temos o processo de cristalização. Acomodamo-nos e resignamo-nos à nova forma, que

será comunicada, espalhada, compartilhada. Chegamos ao ponto terminal do processo: forma cristalizada. Ele também pode ser um novo início.

No nível do conteúdo conotativo, percebemos que o processo de descoberta, numa transformação (processo de crescimento da forma), e termina no estabelecimento de outro molde ou modelo, isto é, num fechamento. Esse processo tanto

pode se referir didaticamente à descoberta de novas linguagens artísticas, ao processo da

vanguarda que rompe os códigos estabelecidos, mas acaba propondo

outros que tendem ao fechamento, como pode se referir ao processo de crescimento do ser humano em geral. Cada vez que aprendemos uma coisa nova (seja no

terreno intelectual, seja no afetivo), rompemos um molde, tentamos reconstruí-lo, corrigi-lo, até que ele muda

tanto que passa a ser uma nova forma. Aí

começa o processo de nos acostumarmos com ela, de a mostrarmos aos outros, até que, finalmente, ela se

torna habitual outra vez.

O que parecia uma brincadeira se enche de sentido. Torna-se grande "barato". E nos emociona, nos enche de alegria, de satisfação. É o sentimento de completude.

Exercícios

1. Levante as idéias principais do texto base.
2. Como podemos caracterizar a informação estética?
3. Como se chama atenção para a própria mensagem?
4. Qual é a função das vanguardas?
5. Por que é difícil entender as obras de arte de vanguarda?
6. O que é interpretar a obra no nível do sentimento?
7. O que é analisar a obra de arte?
8. Quais são os passos para se analisar uma obra de arte?
9. Por que a arte nos traz o conhecimento de um mundo?
10. Qualquer obra de arte pode servir para exercícios de

livros de arte, além de filmes, teatro etc.), procure cultivar essa prática, individualmente ou em grupo (por ex., programando atividades desse tipo e organizando,

depois, debates sobre as impressões de cada um).

Leia o texto complementar e responda às questões 11 a 15.

11. O que significa, no texto, "uma temática não-pictórica
12. A que necessidade responde a obra de Cézanne?
13. Explique a afirmação: "Mondrian almoça de costas para
14. A que necessidade responde a obra de Kandinsky?
15. Qual a posição do autor do texto, Ferreira Gullar, so

Sugestões para dissertação

Utilizando os conceitos do Capítulo 4, discuta os temas seguintes

- a) A produção artística, a construção da linguagem e o processo
- b) Se uma linguagem só se desenvolve em função de um projeto (co

pelo crítico e pelo autor do texto "O que diz a obra de arte"?

Sugestões para pesquisa e seminário

c) Qual o projeto artístico da Renascença e como se desenvolve a

d) Qual o projeto artístico da modernidade e como se dese

Texto complementar

O que diz a obra de arte

Não faz muito tempo, li num jovem crítico que a pintura é o meio tomara como tema de seus quadros figuras e fatos da vida política brasileira. Quer dizer, o crítico argumentava contra a adoção pelo pintor de uma temática não-pictórica

ou extrapictórica, não sei como ele a definiria. É um ponto de vista e, como não conheço os quadros do referido pintor, não posso dizer se, no caso particular, o

crítico tinha ou não razão. Mas o princípio geral sobre que baseava a sua crítica me parece discutível. Se a arte é o meio menos apropriado para dizer alguma coisa,

isso significa que a arte não diz nada? É uma tese inaceitável.

Mas não vamos nos valer de uma formulação possivelmente infeliz armar uma discussão pessoal. O que importa é a concepção iniplícita na tese. Admitamos que seu propósito foi apenas afirmar que a arte não pode cingir-se a uma temática

explícita, e essa é uma questão que volta à baila.

Não resta dúvida que o caminho percorrido pela arte nos últimos cenas mitológicas, alegóricas ou históricas foram banidas da pintura pelo impressionismo, O artista se voltou para a realidade objetiva: as paisagens e as cenas

da vida moderna. Esse defrontar-se com o presente é um defrontar-se com o

devenir: Degas capta os gestos das bailarinas que dançam, Monet capta a luz cambiante da

paisagem. É uma pintura onde não há heróis, não há história, não há mitos: o artista elabora as sensações que lhe chegam do mundo que ele vê.

Cézanne sentiu a necessidade de fundar essas sensações em termos novo espaço pictórico como haviam feito os mestres do Renascimento. Mas não um espaço

idealizado

como o deles: um espaço ambíguo capaz de conter as contradições que a experiência direta lhe revelava - um espaço, por assim dizer, arrancado

às coisas.

E essa visão da natureza vai gerar o cubismo que, partindo dela, termina por negá-la:

idealiza-la,

desarticula os volumes em planos e abre caminho para a abstração geométrica. Surge em seguida

Mondrian para quem, na natureza, só há dois ritmos fundamentais - o vertical e o horizontal. O impressionismo, que negara as formas idealizadas, gera desse modo

o seu contrário: Mondrian almoça de costas para a paisagem.

Os retângulos assimetricamente distribuídos do pintor holandês n desligados da experiência cotidiana das pessoas. Há, porém, uma diferença fundamental: Mondrian reduz a expressão de seu idealismo ao sensorialmente percebido.

Por outros caminhos, Kandinsky chega também à eliminação de qual segundo, a espiritualidade do homem. Em ambos está a pressuposição de que a

representação das coisas e dos seres é um empecilho à expressão da verdadeira realidade.

Essa atitude ideológica em face do real suscita uma série de questões: a essência pode ser apreendida se se elimina a aparência? As formas ditas abstratas têm algum significado imanente? E, se têm, é possível articulá-las numa linguagem

capaz de exprimir, de modo cada vez mais rico e profundo, as "verdades" subjacentes?

Durante mais de cinquenta anos os artistas e os teóricos da arte das formas abstratas por sua vez - quer seja a mondrianiana quer seja a kandinskiana - não se mostrou capaz daquele enriquecimento. Pelo contrário, no curso das

décadas, essa linguagem enveredou por um caminho de progressiva autodestruição. Os representantes mais conseqüentes de ambas as tendências, em sua fase final, voltaram-se

para a aplicação prática de suas experiências expressivas: uns no campo da indústria, outros no da terapêutica ou da investigação psicológica.

Agora pergunto: cabe, em nome de qualquer destas tendências, negar a possibilidade de uma linguagem referencial? E a busca dessa linguagem implica inevitavelmente o rebaixamento

da qualidade artística? Só por mero dogmatismo se poderia garantir que sim.

Vejamos agora a questão sob outro enfoque. Afirmar-se que a arte segundo a qual esta linguagem é um universo fechado que se alimenta exclusivamente de si mesmo. Essa definição aparece como verdadeira se se concebe a linguagem

da arte (ou qualquer outra) como um sistema desligado do processo global da história e do espaço social.

É certo também que, em determinados períodos e numa considerável

parte de sua utilização, a linguagem funciona aparentemente como um sistema fechado. Digo "aparentemente" porque as raízes da linguagem estão de tal modo mergulhadas

na experiência que temos do real que, a rigor, seria impossível dizer onde termina uma e onde começa o outro. Podemos definir o âmbito da linguagem em termos de

sistema (elementos, relações, princípios etc.) mas não em termos de expressão. E a linguagem da arte se empobrece, se academiza, precisamente na medida em que o

sistema prepondera sobre a expressão: a linguagem "se fecha". Para exemplificar: quando os impressionistas descobrem a possibilidade de captar a expressão cromática

das coisas expostas à luz do sol, rompem os limites do sistema da linguagem pictórica para fazê-la abarcar uma nova dimensão do real; quando Seurat tenta metodizar

a aplicação das descobertas expressivas de seus antecessores, a linguagem se submete ao sistema, em detrimento da expressão. Uma nova ruptura se dá com Van Gogh,

em quem de novo a expressão supera o sistema estabelecido. E esse processo de "ruptura" se verifica mesmo no interior da obra de um mesmo artista, de quadro para

quadro, às vezes quase imperceptivelmente, pois é ele o indício de que a linguagem está viva, de que a arte "fala". Noutras palavras: a linguagem pictórica, como

qualquer outra, só é linguagem porque é sistema e por isso há nela uma natural tendência a fechar-se em seus limites; por outro lado, ela só é linguagem porque é

expressão e por isso há também nela uma tendência natural para romper o sistema. Essa contradição interna, dialética, da linguagem revela sua ligação

profunda com

o conjunto do processo da realidade. A sua autonomia existe, mas é relativa.

Voltando à tese do crítico: ele não pretende afirmar que a arte que esse sistema inclui tudo, ou seja, tudo o que pode ser dito pela linguagem da arte; o mais que se pretenda dizer com essa linguagem "não é arte".

Considero muito compreensível que hoje no Brasil alguns críticos o essencial, depois de um período (se é que já passou) em que os limites do sistema da linguagem artística foram amplamente rompidos e se adotou a atitude de afirmar

que a própria linguagem da arte era uma forma de repressão. A partir daí, tudo é expressão e tudo é arte; isto é: nada é expressão e nada é arte.

Não estou aqui para defender a arte como instituição a ser presente o sistema da linguagem - que não foi criado por decisão de nenhuma autoridade mas por uma necessidade real de expressão e comunicação - e se pretende substituí-lo

pela valorização de meras atitudes e especulações arbitrárias, não se ganha nada, não se cria nada, não se ajuda a ninguém. Trata-se de uma posição "libertária", de fundo niilista, que confunde os valores e prejudica os verdadeiros artistas.

Há que compreender, porém, que tal fenômeno é produto de uma crise como o nosso. Creio, no entanto, que a atitude correta em face de tal fenômeno não é a defesa do purismo artístico, já que esse purismo está na raiz mesma da crise.

Quando Mondrian e Kandinsky dão as costas à realidade e buscam formas idealizadas para se exprimirem, não se tomam os profetas de uma arte futura - como se disse

e se repetiu muitas vezes - mas os profetas do fim de uma arte que se nega a exprimir as relações concretas da vida.

(FerreiraGullar, Sobre arte, Rio de Janeiro, Avenir, 982, p. 9-13.)

CAPÍTULO 41

CONCEPÇÕES ESTÉTICAS

A Idade Média tinha tanta noção do que entendemos pelo termo arte que a idéia pudesse nascer, foi preciso que se separassem as obras de arte de sua função. (...) A metamorfose mais profunda principiou quando a arte já não tinha outra finalidade senão ela mesma.

(André Mairaux)

O conceito de belo, como já dissemos no Capítulo 37, é eminentemente subjetivo. Quem dissesse que "gordura é formosura".

Da mesma forma, as manifestações artísticas têm sido bastante diversas sob a influência de vários fatores, que vão do político, social e econômico até os objetivos artísticos que cada época ou cultura tem se colocado.

Ao longo dos séculos, surgiram várias correntes estéticas que variaram o estatuto e a função da obra de arte.

Discutiremos aqui algumas dessas correntes mais importantes que marcaram a história da arte.

1. O naturalismo grego Conceito de naturalismo

O naturalismo constitui uma noção fundamental que marcou profundamente a história da arte.

O naturalismo, segundo Harold Osborne, pode ser definido como a tentativa de colocar diante do observador uma

semelhança convincente das aparências reais das

coisas. A admiração pela obra de arte, dentro dessa perspectiva, artista em fazer a obra parecer ser o que não é, parecer ser a realidade e não a representação.

Dentro da atitude naturalista, podemos distinguir algumas variações, dentre as quais as mais importantes são o realismo e o idealismo. O realismo mostra o mundo como ele é, nem melhor nem pior. E característico, por exemplo, da arte renascentista do século XV.

Já o idealismo retrata o mundo nas suas condições mais favoráveis. Na verdade, mostra o mundo como desejaríamos que fosse, melhorando e aperfeiçoando o real.

É o padrão da arte grega, que não

retrata pessoas reais, mas pessoas idealizadas. Foram os gregos que elaboraram a teoria das proporções do

corpo humano.

A ruptura com a atitude naturalista ocorre na segunda metade do século XIX, primazia às variações da luz e não aos objetos representados.

Essa mudança de atitude se deve, ao aparecimento do "bisavô" da máquina fotográfica - o daguerreótipo -, que fixa as imagens do mundo de forma mais rápida e mais

econômica do que a tela

pintada. Assim, os artistas, principalmente os pintores, tiveram de repensar a função da arte e o espaço específico da pintura.

(Gravura)

Vitória de Samotrácia, Grécia, século IVa.C. Esta escultura, embora tenha perdido a cabeça, é um exemplo claro do naturalismo grego. Além do movimento do corpo e

das roupas, percebem-se detalhes sutis por baixo das vestes, como, por exemplo, o umbigo.

O naturalismo na arte grega

Na Grécia Antiga não havia a idéia de artista no sentido que hoje temos. O artista era considerado um artesão, um trabalhador manual, do mesmo nível do agricultor ou do ferramenteiro. Ele era um artesão numa sociedade em que o trabalho manual era considerado indigno.

Nesse período (séc. V e IV a.C.) foram desenvolvidas técnicas para criar imagens de coisas reais, imagens que tivessem aparência de realidade.

Há várias anedotas que ilustram bem isso, embora poucos exemplares tenham sobrevivido. Uma delas conta que Parrásio pintou cavalos vivos relincharem ao vê-lo. Outra história conta que Parrásio pintou uvas tão reais que passarinhos tentavam bicá-las.

Na verdade, talvez essas pinturas só possam ser consideradas reais se forem consideradas como tal. Por outro lado, temos de admirar a fidelidade anatômica das esculturas gregas, tais como a Vitória de Samotrácia e o Discóbulo.

Essa atitude perante a arte está fundada sobre o conceito de mimesis. Embora, mimesis seja normalmente traduzida por "imitação", para

Samotrácia e o Discóbulo.

Essa atitude perante a arte está fundada sobre o conceito de mimesis.

Embora, mimesis seja normalmente traduzida por "imitação", para

Crátilo, as palavras imitam a realidade. Neste caso, a tradução mais correta para mimesis talvez fosse "representar", e não "imitar".

Para Aristóteles (séc. IV a.C.), a arte "imita" a natureza. Arte chamamos de belasartes. Assim, a arte, enquanto poíesis, ou seja, "construção", "criação a partir do nada", "passagem do não-ser ao ser", imita a natureza no ato de criar. Por outro lado, também aqui poderíamos entender mimesis com o sentido de

"representar". Para Aristóteles, "todos os ofícios manuais e toda a educação completam o que a natureza não terminou".

Ainda segundo Aristóteles, a apreciação da arte vem do prazer in do feio. O prazer, no caso, não vem do reconhecimento da coisa feia, mas da habilidade que o artista demonstra ao representá-la.

(Aristóteles, Política, VII, li.)

É no sentido de cópia ou reprodução exata e fiel que a palavra m são avaliadas segundo o padrão de correção colocado por Platão: "Agora suponhamos que, neste caso, o homem também não soubesse o que eram os vários corpos representados.

Ser-lhe-ia possível ajuizar da justeza da obra do artista? Poderia ele, por exemplo, dizer se ela mostra os membros do corpo em seu número

verdadeiro e natural e em suas situações

reais, dispostos de tal forma em relação aos outros que reproduzam o agrupamento natural

- para não falarmos na cor e na forma - ou se tudo isso está confuso

na representação? Poderia o homem, ao vosso parecer, decidir a questão se simplesmente não soubesse o que era a criatura retratada?"².

(2 Platão, Leis, 668.)

1. A estética medieval e a estilização

Na Europa ocidental, durante a Idade Média, não houve grande impulso no fortalecimento da alma e do espírito.

Entretanto, em virtude do analfabetismo mais ou menos generalizado ou seja, para ensinar a religião e infundir o temor do julgamento final e das penas do inferno. As obras de arte assumem a condição de símbolos que manifestam a

natureza divina e canalizam a devoção do homem para o deus supremo.

Por isso, a postura naturalista é abandonada em prol da estilização de detalhes individualizadores. A estilização responde melhor à necessidade de universalização dos princípios da religião cristã.

A arte bizantina do mesmo período mostra extraordinária homogeneidade com a expressão religiosa e com a tradução da teologia em forma de arte, a Igreja Ortodoxa bizantina padroniza a expressão artística, abolindo a representação tridimensional

em pinturas e mosaicos, preferindo as figuras chapadas, cujas vestes eram representadas por linhas sinuosas (ver a reprodução do mosaico da igreja de São Vital,

Ravêna, no Capítulo 13 - A ciência medieval).

Mantidas suas características próprias, tanto no Ocidente quanto no Oriente, mas que é o refulgir da verdade no símbolo. A obra de arte, assim, permite-nos alcançar a visão direta da perfeição da natureza divina. Desse ponto de vista, a beleza

é uma qualidade mais bem apreendida pela razão do que pelos sentidos, e corresponde ao pensamento religioso dessa época, marcado pelo desejo de ascender do mundo

sensual das sombras, das aparências, (contemplação direta da perfeição divina

(ver Terceira

Parte do Capítulo 10).

Santo Agostinho

Santo Agostinho, ao tratar da ordem e da música, considera o número e harmônico.

O conceito de beleza, enquanto ordenação dos objetos ao que deve ser o conceito que fundamenta a objetividade do julgamento da beleza, donde se podem criar normas para a produção do belo.

Santo Tomás de Aquino

Cabe a Santo Tomás de Aquino (séc. XIII) retomar o pensar durante quase toda a Idade Média. Se é criação

de Deus, o mundo terá as marcas de sua origem e será a encarnação

simbólica do logos divino. Pode, assim, ser objeto de nossa atenção e interpretação. Para Santo

Tomás, a beleza é um dos aspectos do bem: "A beleza e a bondade de uma coisa são

fundamentalmente idênticas". A beleza é o aspecto agradável da bondade, pois o belo é agradável à cognição.

Santo Tomás estabelece três condições para a beleza:

integridade ou perfeição, uma vez que os objetos incompletos ou

- devida proporção ou harmonia entre as partes e entre o

- claridade ou luminosidade, ou seja, o resplandecer da f

partes da matéria.

1. O naturalismo renascentista

O Renascimento artístico, ocorrido entre os séculos XIV e intelectual. Conseqüentemente, a obra de arte assume um outro lugar na cultura da época.

Nesse contexto, as artes vão buscar um naturalismo crescente, mas as suas descobertas e elaborações em busca do ilusionismo visual. Assim, a perspectiva científica, a teoria matemática das proporções, que possibilitam a criação

da ilusão da terceira dimensão sobre uma superfície plana, as conquistas da astronomia, da botânica, da fisiologia e da anatomia são incorporadas às artes.

Osborne distingue seis princípios fundamentais que dominaram o p

1. A arte é um ramo do conhecimento e, portanto, criação
 2. A arte imita a natureza com a ajuda das ciências.
 3. As artes plásticas e a literatura têm propósito de mel
 4. A beleza é uma propriedade objetiva das coisas e consi
- expressa-se matematicamente.

5. As artes alcançaram a perfeição na Antiguidade clássic
 6. As artes estão sujeitas a regras de perfeição racional
- estudo das obras da Antiguidade.

1. Iluminismo e academismo:

a estética normativa

Descartes (séc. XVII) não elaborou uma teoria estética, mas seu em relação à teoria do conhecimento foram decisivos no desenvolvimento da estética neoclássica.

A busca da clareza conceitual, do rigor dedutivo e da certeza in cartesianos e aristotélicos nos conceitos polissêmicos, isto é, com muitos sentidos, de razão e natureza. Artistas e críticos identificaram o seguir a natureza com

o Seguir a razão, uma vez que a natureza do homem é ser racional.

Assim, o racionalismo estético, nos séculos XVII e XVIII, tentou e evidente por si mesmo. Esse axioma pode ser expresso nos seguintes termos: a arte é uma imitação da natureza que inclui o universal, o normativo, o essencial, o característico e o ideal. A natureza deve ser representada em abstrato, com as características da espécie. O princípio básico da arte, portanto, continua a ser a imitação, embora de cunho idealista.

Posteriormente, esses princípios foram reduzidos a um sistema, d estética normativa, que estabelece regras para o fazer artístico, limitando a criatividade e a individualidade da intuição artística.

O academismo acaba por estrangular a vida da atitude naturalista

1. Kant e a crítica do juízo estético

Na Crítica do juízo, elaborada em 1790, Kant se ocupa, em primeiro dos estetas ingleses do século XVIII e modelando-as dentro de um sistema coerente.

Começou por distinguir a base lógica do juízo estético da base l Estabeleceu, também, a distinção entre percepção estética e formas de pensamento conceitual (belo é o que agrada independentemente de um conceito), indo contra a estética cartesiana e racionalista.

A seguir, dividiu a beleza em duas espécies: a beleza livre, que conceitos. Os juízos estéticos estão relacionados com a primeira espécie de beleza.

A partir do conceito de prazer desinteressado, Kant diferencia o no prazer dos sentidos. A experiência do belo se dá no sensível e independe de qualquer interesse de outro tipo. "O gosto é a faculdade de julgar um objeto ou um

modo de representação por uma satisfação ou insatisfação inteiramente independentes do interesse. Ao objeto dessa satisfação chamase belo." Assim, para Kant, a

beleza reside primordialmente na atitude desinteressada do sujeito, em relação a qualquer experiência. O que garante a universalidade dos juízos estéticos é o fato

de que todos os homens têm a mesma faculdade de julgar, assim como a razão também é idêntica para todos.

1. A estética romântica

As idéias fundamentais da estética romântica, desenvolvida ao longo das expressões gênio, imaginação criadora, originalidade, expressão, comunicação, simbolismo, emoção e sentimento.

A noção de gênio, como dom intelectual e espiritual inato, ligada à suprema realidade. Assim visto, o gênio era essencialmente original e expressava sua natureza superior através de obras por cujo intermédio os homens comuns entrariam

em contato com ele e comungariam com a sua personalidade.

A imaginação, por sua vez, passou a ser vista como faculdade capta do artista. Era, ao mesmo tempo, criadora e reveladora da natureza, dentro de uma visão romantizada

do idealismo transcendental kantiano que circunscrevia a forma da experiência à

capacidade configuradora da mente (ver Terceira

Parte do Capítulo 10).

É a imaginação que nos permite compreender os sentimentos dos ou da experiência, é fonte de invenção e originalidade. O conceito romântico de imaginação criadora não era, como vemos, um conceito psicológico e jamais foi claramente

definido.

Quanto ao simbolismo, no período romântico adquire especial rele espiritual.

Enfim, o romantismo concebe a arte como expressão das emoções pe

1. A ruptura do naturalismo

A revolução estética iniciada no século XVIII, quando se propôs foi completada nos últimos cem anos, passando a apreciação estética a ser o único valor das obras de arte.

Nas palavras de André Malraux, crítico francês deste século, "a que careciam de uma palavra para exprimi-lo. Para que essa idéia pudesse nascer, foi preciso que se separassem as obras de arte de sua função. (...) A metamorfose

mais profunda principiou quando a arte já não tinha outra finalidade senão

"3

ela mesma -,

E essa independência da obra de arte tanto em relação à intenção produção do século XX.

A partir do momento em que o ser da arte não é representar natur

é possível encontrar a especificidade da arte enquanto promotora da experiência estética.

André Malraux, *Les voix du silence*, apud II. Osborne, *Estético e teoria do arte*, p. 248.

Ao lado disso, encontramos o repúdio à estética sistemática e um

A nova atitude estética advém do estado de espírito cauteloso, e

individuais de cada forma de arte, Isso vai possibilitar a cada uma empreender experimentações, na busca da sua linguagem específica e característica, como vimos

no Capítulo 40, quando discutimos o papel das vanguardas.

Com a dissolução da atitude naturalista, os artistas passam a. m
arte. Qualquer

assunto serve, ou mesmo nenhum assunto, como é o caso da arte abstrata e da música atonal.

Assim, a obra de arte adquire um estatuto próprio de obra, isto
esta é a

própria realidade.

Realidade especial, diferente da realidade do nosso cotidiano. Realidade de obra de arte.

Apesar de essa ruptura ter condicionado praticamente toda a prod
principalmente nos meios de comunicação de massa, como a

tevé, o cinema, o rádio.

Tomemos, por exemplo, a televisão. Considerando a programação te
do que isso,

fazer-nos acreditar nessa realidade criada. As

telenovelas, os telejornais, os programas de auditório querem nos convencer de que as coisas acontecem do jeito que nos está sendo mostrado. Assim, a casa

do trabalhador, da empregada doméstica, os quais, todos sabemos, ganham pouco, tem móveis e objetos de decoração bastante caros. Eles próprios usam roupas caras

e da moda, e raramente aparecem trabalhando. Essa realidade mostrada na tevê não nos incomoda, não nos perturba o lazer. Muito pelo contrário, nos diz que o mundo

está em ordem e as pessoas, felizes. As próprias imagens do telejornal dão-nos a impressão de que presenciamos os acontecimentos ao vivo. O que fica escondido é

o fato de que, ao selecionar as imagens que vão ser mostradas, ao cortá-las, ao montá-las numa determinada ordem, a produção do telejornal já mutilou a realidade,

já a interpretou e nos mostra o produto final manipulado como se fosse o fato em si.

É o naturalismo a serviço da ideologia dominante (ver a Primeira Parte do Capítulo

5).

(Gravura)

Cabeça, de Pablo Picasso, 1910. Embora ainda conserve alguns traços que nos permitem identificar esta escultura como representando uma cabeça humana, ela está muito

longe da fidelidade naturalista que vimos na figura anterior. Há inúmeras deformações que emprestam novos significados a esta realidade instaurada pela existência

da obra.

1. O pós-modernismo

Vivemos uma época de pós-tudo. A velocidade da transmissão da informação, pelos microcomputadores, pelas máquinas de fax e pelos satélites, faz surgir uma estética adequada a essas condições de vida.

O pós-modernismo, movimento iniciado na arquitetura italiana dos anos 1960, coloca-se como reação à busca da universalidade e

racionalidade, propondo a volta do passado através de materiais, formas e valores simbólicos ligados à cultura local.

Da arquitetura, passa para as artes plásticas (pop arte dos anos 1960, happenings, as performances, até chegar às intervenções⁽⁴⁾).

A estética pós-moderna caracteriza-se pela desconstrução da forma fixa. As coisas vão acontecendo, aparentemente sem ligações causais. Caracteriza-se ainda pelo pastiche e

ecletismo que permitem juntar-se as coisas mais variadas e até mesmo antagônicas na mesma obra; pelo uso da paródia, discurso paralelo que comenta e, em geral, ridiculariza

o discurso principal; pelo uso da metalinguagem, isto é, da citação de outras obras; pela incorporação do cotidiano e da estética dos meios de comunicação de massa;

pela efemeridade, ou pequena duração, de muitas das suas obras. Não existe um estilo único, tudo vale dentro do pós-tudo.

**

Happenings⁽⁴⁾ são os espetáculos teatrais, sem um texto definido sejam de teatro ou de música, que se utilizam de várias linguagens artísticas; intervenções são as manifestações artísticas que interferem na vida da cidade.

(Gravura)

Beaubourg, Centro Pompidou, Paris. O projeto arquitetônico pós-moderno desse museu de arte contemporânea torna-se evidente através da subversão operada pela exposição

externa das entranhas construtivas do edifício, com seus canos de água e conduítes de eletricidade deixados à mostra.

Exercícios

1. Qual a relação entre naturalismo e ilusão do corpóreo?
2. Por que o impressionismo pode ser considerado como o p
3. Qual a importância dos estilos do passado, ou seja, da
4. Por que a arquitetura pós-moderna não é uma mera cópia

Textos complementares

1

[O naturalismo]

George Schmidt, procurando definir o conceito pictórico do naturalismo, a ilusão da matéria, o acabado desenho do pormenor, a justeza das proporções anatômicas e da perspectiva e a exatidão da cor dos objetos. O diretor do Museu

das Belas Artes de Basileia diz: "A história da pintura européia, de Delacroix a Picasso, não é outra coisa, precisamente, senão o desmantelamento progressivo do

naturalismo" (Histoire de la peinture moderne, t. II). Com efeito, só a pintura ao ar livre liquidou com três dos componentes do naturalismo: o acabado dos detalhes,

a ilusão da matéria e o absoluto da cor dos objetos, atingindo gravemente a ilusão do corpóreo.

O impressionismo chega e, prosseguindo nas conquistas dos pintores fascinante dos contrastes diretos de cor. Manet e seus êmulos têm também, pela primeira vez, contato com o produto de uma cultura inteiramente estranha àqueles parisienses

provincianos as estampas japonesas. A franqueza do desenho destas e os acordes exóticos de áreas claras e escuras encantam Manet e amigos. Posteriormente, essas

estampas seriam apreciadas, sobretudo na geração pós-impressionista, pelas superfícies sem sombras e pelas cores puras. Hoje é que sabemos admirar-lhes também, como

acentuou Schmidt, o poder expressivo das linhas.

As cores são descobertas na sua pureza, e os artistas percebem q como faz o branco. Outra descoberta sensacional é que as sombras não são absolutas. Podem ser dadas pela cor. Na decomposição do claro-escuro que dessas descobertas

resulta, o modelado dos objetos torna-se secundário, quando não desaparece. A tela é tomada pelas pequenas manchas de cor da nova fatura; o artista não respeita

mais a parte do quadro destinada à perspectiva aérea. Tudo se cobre, enquanto a cor local se evapora. A cor natural é um fantasma que se dissolve.

A transformação do mundo visível em cores representa o esforço m escravidão da imitação da natureza, para tornar independentes os meios do artista (Schmidt). Os objetos naturais, sob a influência da cor, perdem sua existência

particular, sua autonomia local. Cézanne veio destruir os dois últimos anteparos naturalistas: a ilusão do espaço sensorial e a correção das proporções anatômicas

e da perspectiva que escaparam à avalanche impressionista. Nessa depuração, o mestre de Aix contou com a cooperação espontânea de Gauguin e Van Gogh, Toulouse-Lautrec

e Seurat. A obra de destruição estava consumada.

(Mário Pedrosa, Arte/firma e personalidade, São Paulo, Kairós, 1979, p. 122-125.)

II

[O pós-moderno]

A arquitetura pós-moderna não é, ainda, a arquitetura High-Tech, tubulações de metal, como nas refinarias; saídas de ventilação, como nos navios. O centro cultural de Beaubourg, em Paris, pode ser considerado High-Tech, um caso

da arquitetura moderna em seu ponto mais radical, algo como uma "máquina de habitar" exacerbada, não inteiramente aceita na área da edificação particular, mas admitida

(ainda como um escândalo, tal uma Torre Eiffel de hoje!) nos domínios da edificação pública. Interiormente, o design High-Tech define-se pelo uso de móveis industriais

e comerciais ou deles derivados: guarda-roupas que são os módulos de aço dos vestiários esportivos; mesas de aço como nos escritórios; estantes de ferro como as

usadas nos almoxarifados industriais, e o restante lixo, supérfluo ou salvados de falência dos empreendimentos comerciais.

A novíssima arquitetura livrou-se de tudo isso, e de todos os es de todos os códigos anteriores podem ser usados (citados, é a palavra pós-moderna) numa mesma edificação; é o recurso à historiografia. Não, porém, com o senso moderno

de medida e comedimento que marcou o ecletismo da segunda metade do século XIX, mas com uma marca forte e livre, de modo que os diferentes códigos fiquem todos em

evidência, uns ao lado dos outros. Charles Moore projetou (1976-1979) para a

cidade de New Orleans uma das grandes obras da pós-modernidade arquitetural:
a Piazza

d'Italia, praça interior de uma ampla edificação comunal. No centro circular da praça, um grande mapa da Itália gravado no chão, como um mosaico. O mapa se desdobra

por entre fachadas (fachadas apenas, nada há por trás delas) que são reproduções de fachadas de grandes construções "antigas" nos estilos dórico, coríntio, compósito

e toscano. Mas não se trata de uma cópia tal qual, uma cópia conforme ou conformada: capitéis de colunas são em metal reluzente, material que cobre mesmo toda uma

fachada. Bases de colunas são pintadas de marrom e mostram-se como se tivessem sofrido um corte transversal, como se fossem ilustrações de um

muro vivo. A fachada

central, a maior, tem colunas cuja parte superior do fuste, sob o capitel, recebeu aplicações de néon vermelho (o néon, símbolo pós-moderno revivido quatro décadas

depois). E são também frisos de néon que recortam e ilustram o frontão e a parte interior dessa fachada principal. Há repuxos d'água e luzes coloridas por toda

parte,

e cores vivas agitam as fachadas (mais ou menos as mesmas cores reais dos templos gregos da antiguidade, que nunca foram "classicamente" brancos como os representaram

os movimentos classicistas e neoclassicistas europeus entre os séculos XV e XVIII).

Ecletismo, citação, fuga dos padrões habituais do bom gosto, mistos estilos modelares. Não é, na verdade, um simples retorno ao antigo, não se trata de mais um caso do "eterno retorno". A linguagem agora é a da decomposição

(onde

antes valera a composição modernista, tão cara aos mestres modernos), linguagem da visão contemporânea sobre o passado. Tudo isso somado ao uso de materiais de hoje

e com "muita imaginação", pedra de toque do pós-modernismo. Tudo isto para escapar das caixas luzidias mas redundantes e previsíveis, de concreto e vidro, típicas

da arquitetura moderna que tomou de assalto o mundo todo, padronizando-o.

Uma certa crítica faia em retrocesso e diz que por trás de rótul de recuperação do velho, um trabalho de exumação. A realidade não é bem essa. A pintura de Edward Hopper tem em comum com a obra dos pintores holandeses dos séculos

XVII e XVIII o que se poderia chamar de um certo realismo. Mas o registro é outro. Absurdo dizer que Hopper exuma os flamengos, ou que o hiper-realismo é mero revival.

Hiper-realismo, nova objetividade, verismo, precisionismo, realismo fotográfico, pintura nazista da década de 30 e realismo socialista estão, de certo modo, numa

mesma grande margem. Cada um, porém, com sua identidade própria, inconfundível.

O pós-moderno arquitetural recorre a estilemas, a traços de esti Muda a expressão, muda o significado, muda a significação global e final. E, depois, o passado não é nem mesmo a opção primordial

dessa arquitetura: ela é, antes de mais nada, inclusivista. O objetivo é alcançar uma codificação plural, longe dos compromissos de ocasião e dos pastiches

não-intencionais de alguns manipuladores

mais limitados. Resultado: a complexidade e a contradição (para não dizer: a dialética) são seus traços de base. Venturi, arquiteto e teórico do pós-modernismo avant

la lettre, vê nesse, aliás, o primeiro grande traço da pós-modernidade arquitetural quando comparada com a

modernidade.

(J. Teixeira Coelho Netto, Moderno e pós-moderno, São Paulo, L&PM, 1986, p. 72 75

QUADRO CRONOLÓGICO

Este quadro tem a finalidade de situar a atividade filosófica no contexto histórico, relacionando

os mais significativos acontecimentos culturais, políticos e científicos, na tentativa de superarem parte

fragmentária da abordagem por assuntos.

ANTIGUIDADE

Século	Filosofia	Contexto histórico
--------	-----------	--------------------

VI a.C.

Período pré-socrático

Escola jônica: Tales, Anaximandro, Anaxímenes, Heráclito

Escola itálica: Pitágoras

Escola eleática: Xenófanes, Parmênides, Zenão

Registro escrito da Ilíada e Odisséia (Homero)

Reformas de Sólon

Reformas de Clístenes

Período arcaico da arte grega

V a.C.

Escola atomista: Leucipo, Demócrito

Anaxágoras

Empédocles

Período clássico

Sofística: Górgias, Protágoras, Híppias

Escola socrática: Sócrates

Gerras médicas

Péricles

Heródoto (história), Hipócrates (medicina)

Tragédias e comédias

Guerra do Peloponeso

Tirania dos Trinta

Período clássico da arte grega

IV a.C.

Platão

Artistas

Eudoxo (sistema geocêntrico)

Crise política em Atenas

Filipe da Macedônia e Alexandre Magno (helenismo)

Período helenístico da arte grega

III a.C.

Período pós-socrático

Estoicismo: Zenão e Círcio

Epicurismo: Epicuro

Ceticismo: Pirro

Euclides (geometria), Arquimedes (mecânica)

Guerras púnicas (Roma-Cartago)

I a.C.

Lucrécio, Cícero

Fundação do Império Romano

I d.C.

Sêneca

Cristianismo

II

Marco Aurélio

Ptolomeu (sistema geocêntrico)

Apogeu do Império Romano

III

Plotino

Filosofia patrística (Padres da Igreja): Clemente, Orígenes

Galeno (anatomia)

Crise do Império Romano

IV

Filosofia patrística: Santo Agostino

Começo da alquimia

Vulgata (tradução da Bíblia para o latim)

Divisão do Império Romano (do Ocidente e do Oriente)

Cristianismo (religião oficial)

IDADE MÉDIA

Século Filosofia Contexto histórico

V

Morte de Santo Agostino

Queda do Império Romano

VI

Boécio

Justiliano (Império Bizantino; Corpus Juris Civilis)

Mosteiros beneditos

VII

Surgimento do islamismo

VIII

Alcuíno

Fundação do Império do Ocidente: Carlos Magno

Alcuíno (inglês) organiza o ensino no reino franco

IX

Scotus Erígena

Al Kindi

Tratado de Verdun

Apogeu da cultura islâmica

XI

Avicena

Querela dos universais: Guilherme de Champeaux, Roscelino

Cisma do Oriente

Arte romântica

XII

Abelardo

Averróis

Cruzadas

Universidades

Números decimais na Europa

XIII

Tradução de Aristóteles para o latim

Escolástica: Santo Alberto, Santo Tomás de Aquino

Escola de Oxford: Duns Scotus, Roger Bacon

Cruzadas

Ordem dos Dominicanos e Ordem de São Francisco

Arte gótica e mourisca

Alquimia

XIV

Escola de Oxford: Guilherme de Ockham

Ibn Khaldun

Dante Alighieri, Marsílio de Pádua

Início da Guerra dos Cem Anos

Estados Gerais

Cisma do Oriente

Bússola

Pré-Renascimento

Fim da Idade Média: tomada de Constantinopla pelos turcos (1453)

RENASCIMENTO

Século Filosofia Contexto histórico

XV

Nicolau de Cusa

Joana d'Arc

Grandes navegações: descoberta da América

Renascimento artístico italiano

Gutenberg (imprensa)

XVI

Erasmo

Giordano Bruno

Bodin, Maquiavel

Thomas More

Montaigne

Descobrimento do Brasil

Formação das monarquias nacionais

Reforma protestante

Concílio de Trento

Copérnico (heliocentrismo)

Fim do Renascimento artístico/Barroco

IDADE MODERNA

Século Filosofia Contexto histórico

XVII

Campanella

Empirismo: Francis Bacon, Hobbes, Locke

Racionalismo: Descartes, Pascal, Malebranche, Spinoza, Leibniz

Renascimento científico: Galileu, Kepler, Newton

Mercantilismo e absolutismo

Guerra dos Trinta Anos

Cromwell

Revolução Gloriosa

Barroco

XVIII

Berkeley, Hume

Iluminismo: Montesquieu, Kant

Enciclopédismo: Voltaire, Diderot, D'Holbach, La Mettrie, Rousseau

Liberalismo

Revolução Industrial (máquina a vapor)

Despotismo esclarecido

Inconfidência Mineira

Independência dos EUA

Revolução Francesa

Barroco Brasileiro, Rococó e Neoclassicismo

Início do romantismo

IDADE CONTEMPORÂNEA

Século Filosofia Contexto histórico

XIX

Idealismo: Fichte, Schelling, Hegel, Schopenhauer

Positivismo: Comte, Taine, Stuart Mill, Spencer

Socialismo: Saint-Simon, Fourier, Owen, Proudhon, Feuerbach, Marx e Engels

Kierkegaard

Nietzsche

Napoleão

Rainha Vitória

Colonialismo

Revoluções liberais

Comuna de Paris

Independência do Brasil

Unificação alemã

Unificação italiana

República brasileira

Independência das colônias americanas

Romantismo, realismo, parnasianismo, simbolismo, impressionismo

SÉCULO XX

É difícil proceder à classificação das correntes filosóficas do
não temos suficiente distanciamento para fazer análises mais objetivas; em
segundo lugar, às vezes a classificação se torna uma 'camisa-de-força'. pois
"encaixamos"

pensadores em correntes que podem ter exercido influência sobre eles, mas com
as quais não podem ser plenamente identificados.

É o que ocorre com Heidegger, que

sempre negou estar entre os existencialistas, ou Foucault e Althusser, entre os
estruturalistas. Além disso, existem casos de influência múltipla, como, por
exemplo,

MerleauPonty e Sartre, que usavam o método da fenomenologia e também
sofreram influência do marxismo.

Outros, ainda vivos, têm o seu pensamento em processo, sendo pre

caso de Habermas que, inicialmente ligado à Escola de Frankfurt, hoje desenvolve um pensamento com características bem específicas e já independente dos frankfurtianos.

Portanto, é preciso observar o quadro a seguir sob um prisma pur para maiores investigações, considerando sempre sua precariedade.

Devido ao elenco de nomes de filósofos do século XX ser muito mais anteriores, indicamos primeiro os principais fatos históricos e movimentos artísticos do século XX e, em seguida, as diversas correntes filosóficas.

Acontecimentos históricos

Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Revolução Russa (1917)

Ascensão do fascismo na Itália (1922)

Quebra da Bolsa de Nova Iorque (1929)

Brasil: Revolução de 30 (Vargas - fim da República Velha)

Portugal: ditadura de Salazar (1932-1968)

Ascensão do nazismo na Alemanha (1933)

Brasil: Estado Novo (1937-1945)

Espanha: guerra civil; ditadura de Franco (1939-1969)

Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

Bomba atômica - Hiroshima e Nagasaki (1945)

Brasil: República populista (1945-1964)

Guerra Fria: EUA x URSS

República Popular da China (1949)

Revolução Cubana (1959)

Descolonização da África e Ásia

Brasil: golpe militar de 1964

Brasil: Nova República (1985)

Queda do muro de Berlim (1989)

Desagregação dos Estados socialistas (a partir de 1991)

Movimentos artísticos

Os movimentos artísticos no século XX são muitos e coexistem numa mesma época. Assim, indicamos

somente a data de seu surgimento.

1905 -Fauves (França)

Expressionismo

A ponte (Alemanha)

1908-Cubismo (França)

1909-Futurismo (Itália)

1911 - Expressionismo abstrato - Cavaleiro azul (Alemanha)

1913-Suprematismo (Rússia)

1916-Dadaísmo (Suíça)

1917 -Neo-plasticismo -De Stijl (Holanda)

1924-Surrealismo (França) Bauhaus (Alemanha)

Anos 50-Action-painting (Estados Unidos)

Pop-art (Estados Unidos)

Anos 60-Pop-art

minimalismo

hiper-realismo

Anos 70 - Arte-conceitual

Correntes filosóficas

CRÍTICA DA CIÊNCIA: Einsten Mach (1838-1916), Pierre Duhem (1861-1916). Llenri Poíncaré (i854-1912)

neo-positivismo: Alfred Ayer (1910), Ludwig Witrgenstein (1889-1951)

Filosofia da matemática (logística): Gottlob Frege (1848-1925), Giuseppe Peano (1858-1932), George Cantor (1845-1918), Bertrand Russell (1872-1970). Alfred

Whitehead (1861-1947)

Círculo de Viena (positivismo lógico): Rudolf Carnap (1891-1970), Moritz Schlick (1882-1936)

Tendências contemporâneas: Karl Popper (1902), Thornas Kuhn (1922), Imre Lakatos (1922-1974), Paul

Feyerabend (1924)

Epistemologia francesa: Gaston Bachelard (1884-1962), Maurice MerleauPonty (i908-1961), Michel

Foucault (19261984)

PRAGMATISMO: William James (1842-1910), Sanders Peirce (1839-1914), John Dewey (1859-1952)

NEOKANTISMO:

Escola de Marburg: Hermann Cohen (1842-1918), ErnstCassirer(1874-1945), Paul Natorp (1854-1924)

Escola de Baden: Wilhelm Windelband (1848-1915), Beinrich Rickert (1863-1936)

- Neocriticismo: Charles Renouvier (1815-1903), Octave Hamelin (1856-1907)

ESPIRITUALISMO CRISTÃO: Louis Lavelle (1883-1951), René Le Senne (1883-1954), Maurice Blondel (1861-1949)

RACIONALISMO: Alain (pseud. de Émile-Auguste Chartier, 1868-1951), Léon Brunschvicg (1869-1944)

HISTORICISMO: Wilhelm Dilthey (1833-1911)

NEO-HEGELINISMO (espiritualista): Giovanni Gentile (1875-1944), Benedetto Croce (1866-1952)

NEO-ESCOLÁSTICA: Désiré Mercier (1851-1926), Jacques Maritain (1882-1973), Réginald GarrigouLagrange (1877-1964), Antonin Sertillanges (1863-1948)

FENOMENOLOGIA: Franz Brentano (1838-1917), Edmund husserl (1859-1938). Max Scheler (1874-1928),

Nicolai hartmann (1882-1950), Martir, Heidegger (1889-1976), Karl Jaspers (1883-1969), Maurice

MerleauPonty (1908-1961), Alphonse de Waelhens (1911), Martin Buher (1878-1965)

Existencialismo: Jean-Paul Sactre 0905-1980), Gabriel Marcel (1889-1973)

Hermenêutica: Paul Ricoeur (1913)

Personalismo: Emmanuel Mounier (1905-1950)

ESTRUTURALISMO: Claude Lévi-Strauss (1908), Roland Banhes (1915-1980), Michel Foucault (19261984), Jacques Derrida (1930). Louis Althusser (1918-1990)

MARXISMO: Lênin (1870-1924), Rosa Luxemburg (1870-1919), Antomo

Gramsci (1891-1937). Georg

Lukács (1885-1973), Lucien Goldman (1913-1970), Louis Althusser (1918-1990)

Escola de Frankfurt (Teoria crítica): Max Horkheimer (1895-1973), Theodor Adorno (1903-1969), Walter

Benjamin (1892-1940), Herbert Marcuse (1898-1979), Erich Fromm (1900-1980)

ÉTICA DO DISCURSO: Jürgen Habermas (1929), Karl-Otto Apel (1922), Ernst Tugendhat (1925), Otto Fried

[Löffe (1943)]

ARQUEOLOGIA GENEALÓGICA: Michel Foucault (1926-1984), Gilles Deleuze (1925), Félix Guattari (1930-1992),

Jean Baudrillard (1929), Jean-François Lyotard (1924)

FILÓSOFOS INDEPENDENTES (sem escola): Henri Bergson (1859-1941), Teilhard de Chardin (1881-1955), Vladimir Jankélévitch (1903-1985), José Ortega y Gasset (1883-1955)

Esta classificação é proposta pelo professor Antonio Joaquim Severino. Ver obra de sua autoria: Filosofia. São

Paulo, Cortez, 1992. p. 204.

VOCABULÁRIO

LETRA A

*ABSOLUTO Absolvere tem dois sentidos diferentes: desligar, livrar, portanto,

para ser concebido ou para existir não precisa de qualquer outra coisa; o que é em si e por si (exemplo: Deus é Ser absoluto). O Espírito absoluto de Hegel representa,

após o Espírito subjetivo e o Espírito objetivo, o momento supremo do desenvolvimento da idéia, como consciência desligada de todo conteúdo concreto do Espírito.

Absoluto é também sinônimo de a priori, isto é, independente da experiência (exemplo:

verdades absolutas). Significa ainda o que não comporta nenhum limite, ou seja, que está absolvido" de qualquer constrangimento (exemplo: poder absoluto) ou não

está sujeito a nenhuma restrição (necessidade absoluta).

*ABSTRAÇÃO Ato de abstrair, ou seja, isolar mentalmente para considerar à parte um elemento da representação que não é dado separadamente na realidade. Por exemplo,

o conceito homem resulta de uma abstração. pois considera o que é comum a todos os homens, deixando de lado as características de cada homem individual. Outro exemplo:

o conceito movimento, independentemente de qualquer corpo movido. Consultar Capítulo 3.

*AGNOSTICISMO (a-gnose, "não-conhecimento") Doutrina segundo a qual o fundo das coisas é incognoscível, não podendo ser conhecido pelo espírito humano.

***ALIENAÇÃO** A alienação surge na vida econômica quando o operário, ao vender sua força de trabalho, perde o que ele próprio produziu. A consequência dessa perda é

a fragmentação de sua consciência, que também deixa de lhe pertencer; a pessoa não é mais o centro de si mesma e passa a ser "comandada" de fora; perda da individualidade;

perda da consciência crítica. Consultar Capítulos 2 e 24.

***ALTERIDADE** (do latim alter, "outro") Qualidade do que é outro; o outro é aquele que não sou eu. Consultar Capítulo 33.

***AMORALISMO** Ausência de princípios morais; o ato amoral é o que se realiza à margem de qualquer consideração a respeito das

normas morais. Não confundir com o ato

imoral, que supõe a existência de formas morais, no caso, transgredidas. Consultar Capítulo 27.

***ANALOGIA** Raciocínio por semelhança; é uma indução parcial ou imperfeita na qual passamos de um ou de alguns fatos singulares não a uma conclusão universal, mas

a

outra enunciação singular ou particular inferida em virtude da comparação entre objetos que, embora diferentes, apresentam pontos de semelhança. Consultar Capítulo

9.

***ANARQUIA** No sentido vulgar: confusão, ausência de governo. Ver anarquismo.

***ANARQUISMO** (an-archon. "sem governante") Doutrina política que rejeita toda forma de coerção e preconiza a supressão da instituição do Estado; também conhecido

como

comunismo libertário. Consultar Capítulo 24.

*ANTITÉTICO Relativo a antítese, a oposição, a contradição.

*ANTROPOMÓRFICO Que assume forma humana. A POSTERIORI Posterior; conhecimento adquirido graças à experiência.

*A PRIORI Anterior a toda experiência.

LETRA C

*CARTESIANO Relativo ao pensamento de Descartes (séc. XVII). Cartesius era o nome latino de Descartes.

*CETICISMO ou CEPTICISMO (skeptomai, "examino") Doutrina segundo a qual o espírito humano nada pode conhecer com certeza; conclui pela suspensão do juízo e pela

dúvida permanente. Oposição: dogmatismo (ver). Consultar Capítulos 3 e 8.

*CIENTIFICISMO Forma de pensar derivada do positivismo, pela qual o único conhecimento adequado é o científico; concepção deformada da ciência que consiste em tomá-la

como sistema fechado e definitivo e como solução de todos os problemas.

Consultar Capítulos 10e 11.

*COGNITIVO Referente ao conhecimento. Sujeito cognocente: sujeito que conhece.

*COMUNISMO Organização política e económica que toma comuns os bens de produção. Segundo Marx, o comunismo é a fase posterior ao socialismo (ver), quando seria possível

instaurar a sociedade sem Estado. Consultar Capítulo 24.

*CONCEITO Idéia abstrata e geral; representação intelectual, apreensão abstrata do objeto. Consultar Capítulo 10.

*CONCRETO São concretas as representações que manifestam seu objeto tal como ele é dado na intuição sensorial (exemplos: sensação, imagem, percepção). Portanto,

a

representação concreta é singular, individual; ao contrário, a representação abstrata é geral (exemplo: idéia).

*CONOTAÇÃO Significado segundo, figurado, às vezes subjetivo, dependente de experiência pessoal de um signo. Ver denotação.

*CONTINGENTE Tudo que é concebido como podendo ser ou não ser de um modo ou de outro. Exemplos: o futuro é contingente quando, independentemente dos acontecimentos

presentes, pode se produzir ou não; um fato é contingente quando pode ocorrer ou não (diferentemente, a lei geral supõe a repetição constante); uma proposição é

contingente quando a verdade ou falsidade da relação que ela enuncia só pode ser conhecida pela experiência e não apenas pelos dados da razão. Oposição:

necessário (ver). Consultar Capítulo 30.

*COROLÁRIO Proposição resultante, dedutivamente, de uma proposição já demonstrada; consequência.

*COSMOGONIA Origem e formação do mundo; referente aos mitos da criação do mundo. Consultar Capítulo 7.

*COSMOLOGIA (logos, "estudo", "razão") Parte da filosofia que estuda o mundo, a natureza; parte da metafísica que se ocupa da essência da matéria.

LETRA D

*DEDUÇÃO Operação lógica na qual se passa de uma ou mais proposições a uma outra que é a consequência; é o argumento cuja conclusão é inferida necessariamente das

duas premissas; raciocínio que vai do geral ao particular ou ao geral menos conhecido. A dedução lógica

por excelência é chamada por Aristóteles silogismo (ver). Consultar Capítulo 9.

*DENOTAÇÃO Significado primeiro e imediato de um signo (palavra, imagem etc.). Ver conota

ção.

*DETERMINISMO Conjunto das condições necessárias de um fenômeno. Princípio da ciência experimental segundo o qual tudo que existe tem uma causa, isto é, as leis

científicas

são as relações constantes e necessárias entre os fenômenos. Na moral, teoria segundo a qual tudo é determinado, isto é, tem uma causa, inclusive as decisões da

vontade, não havendo, portanto, liberdade humana.

*DEVIR Movimento; vir-a-ser: transformação incessante e permanente pela qual as coisas se constroem e se dissolvem noutras coisas através do tempo.

*DIALÉTICA No sentido amplo, arte de discutir; tensão entre opostos. Em Hegel, significa a marcha do pensamento que procede por contradição, passando por três fases

- tese, antítese e síntese -, e reproduz o próprio movimento do Ser absoluto, ou Idéia. Para Engels, é a ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo externo

como do pensamento humano; Engels aproveita a dialética de Hegel, mas transforma o idealismo hegeliano em materialismo.

*DICOTOMIA Divisão em duas partes.

*DOGMA Ponto de doutrina religiosa aceito como indiscutível; verdade de fé, aceita sem prova.

***DOGMATISMO** Doutrina filosófica que parte do pressuposto da capacidade de atingir verdades certas e absolutas (nesse sentido, opõe-se a ceticismo: ver). Para Kant,

posição dos filósofos que admitem a capacidade da razão em conhecer, sem antes fazer a crítica da faculdade de conhecer. Para o marxismo, tendência de aceitar verdades

definitivas, o que contraria o movimento da dialética. No sentido comum, atitude de quem tende a impor doutrina ou valores sem provas suficientes e sem admitir discussões.

Consultar Capítulos 3 e 8.

***DOUTRINA** Conjunto de princípios, de idéias, que servem de base a um sistema religioso, político, filosófico ou científico.

LETRA E

***EMPÍRICO** Baseado na experiência comum, não metódica. Não confundir com experimentação (ver). Consultar Capítulo

11.

***EMPIRISMO** Doutrina filosófica moderna (séc. XVII) segundo a qual o conhecimento

procede

principalmente da experiência. Principais representantes: Bacon, Locke,

Hume. Doutrina oposta ao racionalismo (ver). Consultar

Capítulo 10.

***ENGAJAMENTO** Situação do filósofo cujo pensamento supõe comprometimento com a

situação social e política vivida. Consultar Capítulo 31.

***EPISTEMOLOGIA** (episteme, "ciência") Estudo do conhecimento científico do

ponto de vista

crítico, isto é, do seu valor; crítica da ciência; teoria do conhecimento.

*ESCOLÁSTICA Escola filosófica da Idade Média cujo principal representante é Santo Tomás de

Aquino. No sentido pejorativo, que decorre da escolástica decadente, o

termo escolástico se refere a todo pensamento formal, verbal, estagnado nos quadros tradicionais.

Consultar Capítulos 10, 13 e 20.

*ESOTÉRICO Todo ensinamento ministrado a círculo restrito e fechado de ouvintes. Saber secreto. Em oposição, exotérico é o saber público, aberto a todos.

*ESSÊNCIA O que faz com que uma coisa seja o que é, e não outra coisa; conjunto de determinações que definem um objeto de pensamento, conjunto dos constitutivos

básicos. Por exemplo, a essência de mesa é o que faz com que uma mesa seja uma mesa, e não outra coisa, deixando de lado as características secundárias

e acidentais como cor, tamanho, estilo *etc.*

*ESTEREÓTIPO Opinião preconcebida a respeito das coisas e das pessoas; imagem simplificada

que retira as nuances da individualidade; o homem médio de certo meio social.

*ÉTICA (ethos, "costume") Parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito das noções

e princípios que fundamentam a vida moral. Consultar Capítulo 27.

*EXISTENCIALISMO Corrente filosófica que põe o primado do existir sobre a essência e

toma como objeto de análise a existência humana concreta e vivida. Consultar

Capítulo 31.

***EXPERIMENTAÇÃO** Método científico que consiste em provocar observações em condições especiais, com vistas a controlar uma hipótese. Consultar Capítulo 15.

LETRA F

***FACTICIDADE** (factum, "fato") Caráter do que existe como puro fato. Para a fenomenologia,

a facticidade é uma das dimensões humanas pela qual o homem se encontra lançado entre as coisas em situações dadas e não escolhidas

por ele. Por exemplo, nascerem uma família de operários ou de burgueses. Também se diz

ímanência (ver). Consultar Capítulos 30 e 31.

***FENOMENOLOGIA** No sentido geral, é o estudo descritivo de um conjunto de fenômenos

tais como se manifestam no tempo ou no espaço, em oposição às leis abstratas e fixas desses fenômenos. Em Hegel, a fenomenologia do Espírito é o estudo das etapas

percorridas pelo Espírito, do conhecimento sensível ao saber verdadeiro. Em Husserl, trata-se de um novo método que procura apreender, por meio dos acontecimentos

e dos fatos empíricos, as essências, ou seja, as significações ideais, percebidas diretamente pela intuição

(ver). Consultar Capítulos 16 e 31.

***FORMA SIMBÓLICA** Estrutura de signos.

LETRA G

***GERAL** Conceito que convém à totalidade de indivíduos de uma espécie; que é

atribuível a

todos os componentes de um grupo, espécie ou gênero. Por exemplo, quando usamos o conceito homem, referimo-nos a todos os homens.

É geral a proposição em que o sujeito

é geral. Exemplos: "Todos os homens são mortais" e "Nenhum homem é mineral".

Oposição:

particular (ver). Consultar Capítulos 9 e 11.

LETRA I

*ÍCONE Signo que representa o objeto, mantendo com ele uma relação de semelhança (exemplo: a fotografia). Consultar Capítulo 4.

*IDEALISMO No sentido mais popular, consiste na atitude de subordinar atos e pensamentos a

um ideal moral ou intelectual. Do ponto de vista da teoria do conhecimento, idealismo é o nome genérico dos diversos sistemas pelos quais o ser ou a realidade são

determinados pela consciência. "Ser" significa "ser dado na consciência". Consultar Capítulos 10,23 e 24.

*IDEOLOGIA No sentido amplo, é o conjunto de doutrinas e idéias ou o conjunto de conhecimentos destinados a orientar a ação. Do ponto de vista político, é o conjunto

de idéias da classe dominante estendido à classe dominada e que visa à manutenção da dominação.

Consultar Capítulos 5 e 24.

*ILUMINISMO (ou Ilustração, ou Filosofia das Luzes, ou Aufklärung) Movimento racionalista

do século XVIII (Kant e os enciclopedistas franceses) que consiste na crença no poder da razão de reorganizar o mundo humano. Consultar Capítulos 10 e 22.

***IMANÊNCIA** (immanere, "permanecer em", "não ultrapassar") Caráter do que é imanente. É ímanente a um ser ou a um conjunto de seres aquilo que está compreendido neles

e não resulta de uma ação exterior. Por exemplo, a

justiça imanente é a que resulta do curso natural das coisas, sem intervenção de um agente distinto delas. Também é imanente aquilo que se acha circunscrito ao âmbito

da experiência possível, estando excluído tudo o que não pode ser experimentável. Com relação a Deus, o panteísmo imanentista nega a transcendência divina, identificando

Deus e natureza. Do ponto de vista da fenomenologia, imanente é o mesmo que facticidade (ver). Oposição: transcendência (ver).

***INDUÇÃO** Operação lógica em que, de dados singulares suficientemente enumerados, inferimos uma verdade universal.

É o raciocínio que leva à conclusão a partir de

dados particulares. Consultar Capítulo 9.

***INSTINTO** Atividade automática, caracterizada por um conjunto de reações bem determinadas, hereditárias, específicas, idênticas na espécie. Não confundir com intuição

(ver). Consultar Capítulo 1.

***INTELIGIBILIDADE** Qualidade do que é inteligível, que pode ser compreendido.

***INTERSUBJETIVO** Relação estabelecida entre as pessoas, entre os Sujeitos.

***INTUIÇÃO** Conhecimento imediato, feito sem intermediários, visão súbita. Consultar Capítulo 3.

LETRA L

***LAICIZAÇÃO** Ato de tornar algo ou alguém leigo (laico), isto é, não mais religioso. Diz-se também secularização (ver).

***LIBERALISMO** Teoria política e econômica surgida no século XVII e que exprime os anseios da burguesia. Defende os direitos da

iniciativa privada, restringe o mais

possível as atribuições do Estado e opõe-se vigorosamente ao absolutismo. Consultar Capítulos 22 e 26.

***LIBERTÁRIO** Partidário do anarquismo (ver).

***LÓGICA** Parte da filosofia que investiga a validade dos argumentos e dá as regras do pensamento correto; trata do estudo normativo das condições da verdade (da consequência

e da verdade da argumentação). Consultar Capítulo 9.

LETRA M

***MARXISMO** Doutrina econômica e filosófica iniciada por Marx e Engels (séc. XIX); contrapõe-se ao liberalismo (ver); faz a crítica do

Estado burguês. A teoria marxista tem como

fundamento o materialismo histórico e

dialético (ver). Consultar Capítulo 24.

***MASSIFICAÇÃO** Ato de influenciar as pessoas por meio da comunicação de massa; orientar o indivíduo no sentido de estereotipar-lhe as reações e a conduta. Ver estereótipo.

***MATERIALISMO** No sentido moral, designa a orientação de vida em busca do gozo e dos bens materiais. No sentido psicológico, consiste na negação da existência da

alma

como princípio espiritual, e na redução dos fatos da consciência a epifenômenos da matéria. Do ponto de vista da teoria do conhecimento, o dado material é considerado

anterior ao espiritual e o determina. Distinguem-se: a) materialismo mecanicista (séc. XVIII), que reduz tudo aos fenômenos mecânicos; as idéias, determinadas pela

matéria, permanecem passivas à ação dela; b) materialismo histórico e dialético (séc. XIX, Marx e Engels), segundo o qual as idéias derivam também das condições

materiais, mas, ao contrário do materialismo mecanicista, o mundo não é estático, mas concebido como processo, e o real é contraditório e dinâmico. Nesse sentido,

o homem não é passivo, mas reage sobre aquilo que o determina.

***METAFÍSICA** Parte da filosofia que estuda o "ser enquanto ser", isto é, o ser independentemente de suas determinações particulares; estudo do ser absoluto e dos primeiros

princípios. É para Aristóteles a ciência primeira, na medida em que fornece a todas as outras o fundamento comum, isto é, o objeto ao qual todas se referem e os

princípios dos quais dependem. (Exemplos de conceitos metafísicos:

identidade, oposição, diferença, todo, perfeição, necessidade, realidade etc.) Alguns problemas metafísicos: a essência do universo (cosmologia racional); a existência

da alma (psicologia racional); a existência de Deus (teologia racional ou teodicéia).

***MORAL** (mos, moris, "costume") Conjunto de normas livre e conscientemente adotadas que visam a organizar as relações das pessoas na sociedade tendo em vista o bem

e o mal; conjunto dos costumes e valores de uma sociedade, com caráter

normativo (regras do comportamento das pessoas no grupo). Consultar Capítulo 27.

LETRA N

*NECESSÁRIO O que não pode ser de outro modo, nem deixar de ser.
Exemplos: é necessário o encadeamento de causas e efeitos num sistema determinado; uma proposição

NECESSÁRIO O que não pode ser de outro modo, nem deixar de ser.
Exemplos: é necessário o encadeamento de causas e efeitos num sistema determinado; uma proposição

é necessária quando deriva logicamente de princípios dados anteriormente;
chamase condição necessária aquela sem a qual o condicionado não se realiza.
Oposição:

contingente

(ver).

LETRA O

*OBJETIVO Conhecimento objetivo é aquele fundado na observação imparcial, independente das preferências individuais. Conhecimento resultante da descentralização

do sujeito que conhece, pelo confronto com outros pontos de vista. Oposição:

subjetivo (ver). Consultar Capítulo 11.

*OBJETO O que se apresenta à vista, coisa percebida; também o que é pensado, representado no espírito: o que está posto diante do espírito.

*ONTOLOGIA Parte mais geral da metafísica, que trata do "ser enquanto ser"; às vezes, o conceito de ontologia é usado como sinônimo de

metafísica (ver).

LETRA P

*PARTICULAR Conceito que se refere só a alguns indivíduos da mesma espécie; supõe um todo do qual se considera apenas uma parte (exemplos: alguns homens; certos animais).

É particular a proposição em que o sujeito é particular, ou seja, quando o predicado é afirmado ou negado de uma

parte indeterminada da extensão do sujeito: "Alguns

homens são jovens"; "Nem todos os homens são justos". Não confundir com subjetivo (ver). Consultar Capítulo 9.

*POSITIVISMO Filosofia de Augusto Comte (séc. XIX) que considera o estado positivo (ver) o último e mais perfeito estado abrangido pela humanidade. Valoriza a ciência

como a forma mais adequada de conhecimento, donde deriva o cientificismo (ver). Consultar Capítulos 10,11 e 16.

P*OSITIVO O que é real, palpável; dado da experiência; baseado nos fatos. Para Comte, depois de ter superado as formas teológicas e metafísicas de explicação do

mundo,

o homem atinge o estado positivo, que se opõe a tudo o que é quimérico ou vago: "Somente são reais os conhecimentos que repousam sobre fatos observados".

*PRAGMÁTICO Que se refere à ação, ao sucesso ou à prática; também significa útil, eficaz. Oposição: teórico, especulativo.

*PRAGMATISMO Sistema filosófico de William James e John Dewey que subordina a verdade à utilidade e reconhece a primazia da ação

sobre o pensamento. Para Sanders Peirce, a validade de uma idéia resulta de suas

conseqüências práticas.

***PRÁXIS** Os gregos chamavam práxis à ação de levar a cabo alguma coisa; também designa a ação moral; significa ainda o conjunto de ações que o homem pode realizar

e, neste sentido, a práxis se contrapõe à teoria (ver). No marxismo, também conhecido como filosofia da práxis, o termo ganha um sentido mais preciso e não se identifica

propriamente com a prática, mas significa a união dialética da teoria e da prática; ao mesmo tempo que a consciência (teoria) é determinada pelo modo como os homens

produzem a sua existência. também a ação humana (prática) é projetada, refletida, consciente. Consultar Capítulo 24.

***PSICANÁLISE** Método, teoria e forma de tratamento psicológico iniciado por Freud e cuja novidade principal está na descoberta do inconsciente e da natureza sexual

da conduta. Consultar Capítulos 16 e 28.

LETRA R

***RACIOCÍNIO** Operação discursiva do pensamento que consiste em encadear logicamente juízos e deles tirar uma conclusão. Em lógica, chamase argumentação. Consultar

Capítulo

9.

***RACIONALISMO** Doutrina filosófica moderna (séc. XVII) que admite a razão como única fonte de conhecimento válido; superestima o poder da razão. Principais representantes:

Descartes, Leibniz. Doutrina oposta ao empirismo (ver). Consultar Capítulo 10.

*RAZÃO Em sentido geral, é a faculdade de conhecimento intelectual, entendimento (em oposição a sensibilidade). Faculdade do pensamento discursivo. feito por meio

de argumentos e de abstrações; faculdade de raciocinar; faculdade de alcançar o conhecimento do universal, de ascender às idéias.

*REFLEXÃO Ato do conhecimento que se volta sobre si mesmo, tomando por objeto seu próprio ato; ato de pensar o próprio pensamento. Consultar Capítulo 8.

LETRA S

*SECULARIZAÇÃO Ato de tornar secular (isto é, do século, do mundo); deixar de ser religioso ou sagrado. Diz-se também laicização (ver).

*SIGNO Alguma coisa que está no lugar de outra, sob algum aspecto.

*SILOGISMO Tipo de raciocínio dedutivo que, de uma proposição geral, conclui outra proposição geral ou particular. Consultar Capítulo 9.

*SOCIALISMO Nome genérico das doutrinas que pretendem substituir o capitalismo por um sistema econômico planificado que conduza a resultados mais eqUitativos e mais

favoráveis ao pleno desenvolvimento do ser humano. Designação das correntes e movimentos políticos da classe operária que visam a propriedade coletiva dos meios

de produção. O socialismo utópico (Saint-Simon, Fourier, Proudhon etc.) foi criticado pelo socialismo científico (Marx e Engels). Para Marx, o socialismo é a primeira

fase revolucionária após a destruição do Estado burguês e supõe ainda a existência de um aparelho estatal; após esta fase, deveria surgir o comunismo propriamente

dito (ver). Socialismo real é a denominação pela qual se tornou conhecido o sistema implantado na ex-URSS, sobretudo a partir da crise da década de 80. Consultar

Capítulos 24 e 26.

*SOFISMA Falso raciocínio. Consultar Capítulo 9. SOFISTAS (sophistés, "sábio") Filósofos do século V a.C. Inicialmente, sofista designava qualquer filósofo, mas

a

partir de Platão e Aristóteles adquiriu um sentido pejorativo, qualificando a pessoa cuja sabedoria é aparente e que argumenta com sofismas (ver). Somente no século

XIX iniciou-se a reabilitação dos sofistas. Consultar Capítulos 10 e 19.

*SUBJETIVO Conhecimento subjetivo é aquele que depende do ponto de vista pessoal, individual, não fundado no objeto, mas condicionado somente por sentimentos ou

afirmações arbitrárias do sujeito. Não confundir com particular (ver). Oposição: objetivo (ver). Consultar Capítulo 11.

LETRA T

TEOLOGIA Estudo da existência, da natureza e dos atributos de Deus, assim como de sua relação com o mundo. Chamase teologia racional ou teodicéia a parte da metafísica

que se ocupa desse assunto usando exclusivamente a razão. Chamase teologia sobrenatural ou revelada a que baseia suas afirmações, em última instância, na revelação

sobrenatural procedente de Deus. Na Idade Média, a filosofia era considerada ancilla theologiae, ou seja, 'serva da teologia'. Consultar Capítulos 10, 13 e 20.

*TEORIA (théorein, "contemplar"; theoria, visão de um espetáculo") Construção especulativa do espírito; construção intelectual para justificar ou explicar alguma

coisa. Em oposição à prática, a teoria é um conhecimento independente das aplicações; no entanto, isso não significa que a teoria possa estar separada da prática,

pois ela nasce da prática e deve estar sempre sujeita à crítica a partir dos acontecimentos. Em oposição ao senso comum, a teoria é uma etapa do método científico

que se caracteriza pela concepção metódica e sistematicamente organizada sobre determinado assunto; também chamada hipótese geral, reúne diversas leis particulares

numa explicação mais abrangente (exemplo: teoria da relatividade). Teoria do conhecimento é a parte da filosofia que estuda as relações entre sujeito e objeto no

ato de conhecer. O conceito de teoria é também usado no sentido pejorativo como construção racional artificial e utópica, incapaz de explicar a realidade.

*TOTALITARISMO Sistema político no qual todas as atividades do ser humano estão submetidas ao Estado. Consultar Capítulo 25.

*TRANSCENDÊNCIA Ato de ultrapassar, de ir além de; superação. Na teoria do conhecimento, diz-se do objeto como realmente distinto da consciência (caso não seja admitida

a transcendência do objeto, prevalece a concepção idealista do conhecimento). Na teologia, a transcendência de Deus consiste no fato de a realidade infinita de Deus

sobrepular o mundo e tudo quanto é finito. Na filosofia existencial e no existencialismo, a consciência não é "em-si", mas se acha voltada para algo fora dela: o

homem é capaz de um projeto pelo qual executa o movimento de ultrapassar a si mesmo. A transcendência é o outro pólo dialético da facticidade (ver), pelo qual o

homem supera as situações dadas e não escolhidas. Consultar Capítulos 30 e 31.

LETRA U

*UTOPIA (ou-topos, "nenhum lugar") Que não existe em lugar algum; descrição de uma sociedade ideal; refere-se a um ideal de vida proposto. Pode ser também

a expressão

da esperança, pois, graças ao projeto utópico - como antecipação teórica daquilo que "ainda-não-é" -,

torna-se possível criar condições para a reforma social. No

sentido pejorativo, refere-se ao ideal irrealizável.

ORIENTAÇÃO

BIBLIOGRÁFICA

Bibliografia básica

História da filosofia

BOCI-HENSKI, Joseph M. A filosofia contemporâneo ocidental. 2. cd. São Paulo, Herder, 1962.

BRÉHIER, Émile. História da filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1977-1981.

CHÂTELET, François (org.). História da filosofia; idéias, doutrinas. Rio de Janeiro, Zahar. 8 v.

HEIMSOETH, Heinz. A filosofia no século XX. São Paulo, Saraiva, 1938. (Col. Studium)

HIRSCHBERGER, Johannes. História da filosofia. São Paulo, Herder. 4 v.

HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. História dos filósofos ilustrada pelos textos. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1970.

MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo. São Paulo, Mestre Jou, s.d. 2 v.

NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea; trajetos iniciais. São Paulo, Atica, 1991.

SCIACCA, Michele 1'. História da filosofia. São Paulo! Mestre Jou, 1966. 3 v.

SCRUTON, Roger. introdução à filosofia moderna-Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

STFGMÜLLER, W. A filosofia contemporânea. São Paulo, EPIJI Edusp. 1977.
2 v.

Introdução à filosofia

ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena P. Filosofando;
introdução à filosofia. 1. cd. São Paulo, Moderna, 1986. Temas de filosofia. São
Paulo, Moderna,

1992.

BOCHFENSKI, Joseph M. Diretrizes do pensamento filosófico. São Paulo,
Herder, 1964.

BORNHEIM, Gerd A. Introdução ao filosofar; o pensamento filosófico em bases
existenciais. Porto Alegre, Globo, 1970.

Li

.4

4

CASSIRER. Ernst. Antropologia filosófica. São Paulo. Mestre Jou. 1972.

CHAIJI, Marilena e outros. Primeira filosofia; lições introdutórias. São Paulo,
Brasiliense,

1984.

CORBISIER, Roland C. de A. Introdução à filosofia. Rio de Janeiro, Civilização
Brasileira,

1983.

GARCÍA MORENTE, Manuel. Fundamentos de filosofia; lições preliminares. 2.
cd. São Paulo, Mestre Jou, 1966.

GILES, Thomas R. Introdução à filosofia. São Paulo, EPUI Fdusp, 1979.

HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. Compêndio moderno de filosofia. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1968.2v.

JASPERS, Karl. introdução aopensamentofilosófico. São Paulo, Cultrix, 1971.

MARIAS, Julian. Introdução à filosofia. São Paulo, Duas Cidades, 1960.

RFZENDE, Antonio (org.). Curso de filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Seaf, 1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Filosofia. São Paulo, Cortez, 1992.

Dicionários de filosofia

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1970.

BOBBIO, Norberto e outros. Dicionário de política. 2. cd. Brasília, Fd. Universidade de Brasília, 1986.

BRUGGFR, Walter. Dicionário de filosofia. 2. cd. São Paulo, Herder, 1969.

CUVILLIER, Armand-Joseph. Pequeno vocabulário da língua filosófica. 2. cd. São Paulo, Ed. Nacional, 1969.

IAPASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.

JOLIVET, Régis. Vocabulário de filosofia. Rio de Janeiro, Agir, 1975.

LALANDE, André. Vctabulaire technique ei critique de la philosophie. 5. cd. Paris, Prestes Universitaires de France, 1947.

LOPES DE MATYOS, Carlos. Vocabulário filosófico. São Paulo, Edições Leia, 1957.

MORA, José E. Dicionário de filosofia. Lisboa, Dom Quixote, 1978.

Revistas

Algumas já interromperam sua publicação regular. ALMANAQUE. São Paulo, Brasiliense.

ARTE EM REVISTA. São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea, Kairós.

CADERNOS DA FLUI São Paulo, PUC, Cortez.

CADERNOS DA UnB. Brasília, Ed. Universidade de Brasília.

CADERNOS DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA. Campinas. Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp.

DISCURSO. São Paulo, Departamento de Filosofia da USP.

MANUSCRITO. Campinas, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da Unicamp.

NOVOS ESTUDOS CEBRAP. São Paulo, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento.

<ipt

wii.

'4

44'

.4

4

REFLEXÃO. Campinas, Instituto de Filosofia da Puccamp.

REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA. São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia.

REVISTA FILOSÓFICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro! Departamento de Filosofia UFRJ.

TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo, Ed. Ciências Humanas.

TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro.

Coleções

ENCANTO RADICAL. São Paulo, Brasiliense.

ESCRITORES DE SEMPRE. Lisboa, Fortugália.

OS PENSADORES. São Paulo. Abril Cultural.

POLÊMICA. São Paulo, Moderna.

PRIMEIROS PASSOS. São Paulo, Brasiliense.

PRIMEIROS VÔOS. São Paulo, Brasiliense.

QUALÉ. São Paulo, Brasiliense.

TUDO É HISTÓRIA. São Paulo, Brasiliense.

VIDA E OBRA. Rio de Janeiro, Jo,çé Alvaro Editor.

Notap É importante a seguinte publicação para a consulta dos interessados nos trabalhos com filosofia no Brasil:

SEVERINO, Antonio Joaquim. Afilosofia no Brasil; catálogo sistemático dos profissionais,

cursos, entidades e publicações da área da filosofia no Brasil. São Paulo, Anpof, 1990.

Bibliografia específica

ALTHUSSER. Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa, Presença; São Paulo, Marfins Fontes. s.d.

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência; introdução ao jogo e suas regras. São Paulo, Brasiliense,

1981.

ARANHA, Maria Lúcia de A. Maquiavel, a lógica da força. São Paulo, Moderna, 1993.

ARIËS, Philippe. História do morte no Ocidente. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

BARTJ-IES, Roland. Elementos de semiologia. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1971.

— Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

'4444;

4t,

ris

a

Mitologias. São Paulo, Difel, 1972.

BATAILLE, Georges. O erotismo; o proibido e a transgressão. 2. cd. Lisboa, Moraes Ed.. 1980.

BEROER, Peter L. Perspectivas sociológicas; uma visão humanística. Petrópolis, Vozes, 1980.

BIBE-LUYTEN, 5. 1v!. O que é história em quadrinhos. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Col. Primeiros Passos)

BOBBIO, Norberto. A teoria das formas de governo. 4. cd. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1985.

-. Estado, governo, sociedade; por uma teoria geral da política. Rio de Janeiro. Paz e Terra,

1987.

• -

Liberalismo e democracia. 3. cd. São Paulo. Brasiliense, 1990.

Qual socialismo?; debate sobre uma alternativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

O futuro da democracia; uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro. Paz e Terra,

1986.

BORNHEIM, Gerd. Os filósofos pré-socráticos.

1. cd, São Paulo. Cultrix, 1977, BOTTIGELLI, E. A gênese do socialismo científico. Lisboa, Estampa, 1971.

BRENNER, Charles. Noções básicas de psicanálise. 3, cd. Rio de Janeiro, Imago; São Paulo, Edusp, 1975.

CARUSO, Igor. A separação dos amantes; uma fenomenologia da morte. 2. cd. São Paulo, Cortez, 1982.

CASSIRER. Ernst. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.

O mito do Estado. Rio de Janeiro, Zahar,

1976.

- Symbol, myth and culture. New Haven, London, Yale University, 1979.

CHÂTELET, François e outros. História das idéias políticas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

CHÂTELET, François e PISIER-KOUCHNER, Évelyne. As concepções políticas do século

XX; história do pensamento político. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas. São Paulo. Moderna, 1980.

- O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense. 1980. (Coleção Primeiros Passos)
- Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. As grandes obras políticas de Maquiavel a nossos dias. 3. cd.

Rio de Janeiro, Agir, 1976.

- História do pensamento político. Rio de Janeiro, Zahar
CIRNE, Moacyr. A linguagem dos quadrinhos. 3. cd. Petrópolis, Vozes, 1973.

- Lima introdução política aos quadrinhos. Rio de Janeiro, Angra, Achiamé, 1982.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência; em
saio de antropologia política. São Paulo,
Brasiliense, 1982.

4 - A sociedade contra o Estado. 2. cd. Rio de
Janeiro, Francisco Alves, 1982.

COELHO NETTO, José Teixeira. A construção do sentido na arquitetura. São
Paulo, Perspectiva, 1979.

Introdução à teoria da informação estética. Petrópolis, Vozes, 1973.

-. O intelectual brasileiro; dogmatismo e outras confusões. São Paulo. Global,
1978.

- O que é indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos)
- Semiótica, informação e comunicação. São Paulo, Perspectiva, 1980.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col. F
COPI, Irving M. introdução à lógica. São Paulo. Mestre Jou. 1974.

CORBISIER, Roland, Enciclopédia filosófica. Petrópolis, Vozes. 1974.

Filosofia política e liberdade. 2. cd. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

1, COSTA. Caio Túlio. O que é anarquismo. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Col.
Primeiros Passos)

DELEUZE, Gilles. Espinoza e os signos. Lisboa, Ré Ed., s.d.

DORFMAN, Anel e JORRE Manuel. Super-fio'nem e seus amigos do peito. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

DORFMAN, Anel e MATTELART, Armand. Para ler o Pato Donald. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

OUFRENNÉ, Michel. Estética e filosofia. São Paulo, Perspectiva, 1972.

O poético. Porto Alegre, Globo. 1969.

Phénoménologie de l'expérience esthétique. Paris, PUF, 1962. 2v.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo. Perspectiva. 1973.

ECO, Umberto. A estrutura ausente. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1971.

Apocalípticos e integrados. São Paulo, Perspectiva, 1970.

Mentiras que parecem verdades. São Paulo, Summus, 1980.

Obra aberta. São Paulo, Perspectiva, 1971.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. As ciências e a

- história da Maquiavel. Imago, 1975. ed. janeiro, Pallas, 1975.

p < ESC

ao pensamento por Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1979.

FARIA, A. Lúcia O. ed. Ideologia do livro didático

ti co. São Paulo, Cortez, 1984.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Rio de

janeiro, Zahar, 1983.

4,

.SCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Lisboa, Portugália, 1966.

JLQUIÉ, Paul. A dialéctica. 2. cd. Lisboa, Europa-América, 1974.

A psicologia contemporânea. São Paulo, Ed. Nacional, 1960.

pZER, James G. O ramo de ouro. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

iITAG, Barbara. Itinerários de Antígono. Campinas, Papirus, 1992.

£UD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise; Esboço da psicanálise e outros. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974. EDMANN, Georges. Sete estudos sobre

o homem co técnica. São Paulo, Difel, 1968.

JMM, Enich. A arte de amar. Belo Horizonte.

Itatiaia, s. d.

Psicanálise da sociedade contemporânea.

1. cd. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

RTER, Pierre. Juventude e tempo presente; fundamentos de uma pedagogia. Petrópolis, Vozes, 1975.

RAUDY, Roger. O pensamento de Hegel. Lisboa, Moraes Ed., 1971.

RCIA, N. Jahr. O que é propaganda ideológica. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Passos)

RCIA, Othon M. Comunicação em prosa tnodemo. 3. cd. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.

ES, T. R. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo, EPU/Edusp, 1975.2v.

AMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 6. cd. Rio de Janeiro,

Civilização Brasileira, 1986.

Obras escolhidas. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

-. Os intelectuais e o organiza ção da cultura.

1. cd. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985. IMAL, Picrrc. A mitologia grego. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Vôos) LUPPI, Luciano. Tudo começou

com Maquiavel. Porto Alegre, L&PM, 1980.

JILLAUME, Paul. Manual de psicologia. 3. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1966.

JSDORF, Georges. A agonia da nossa civilização. São Paulo, Convívio, 1978.

- Afalo. Porto, Despertar, s.d. (Col. 1-lumanitas) _ Mito e metafísica. São Paulo, Convívio, 1979. - Tratado de metafísica. São Paulo, Ed. Nacional, 1960.

pUSER, Arnold. Teoria social da literatura e da arte. São Paulo, Mestre jou, s.d.

4 *4

4.4.4

44 4 <4p

<pp<p

*44

44

444*

44*

4<

444*

t

*4>

p4.

5p

1>

444

ti

44*

*4>

44

44p

44

74

HEIDBREder, Edna. Psicologias do século XX. 3. cd. São Paulo. Mestre Jou, 1975.

HEIDEGGER, Martin. Poetry, language, thought. New York, Harper & Row, 1975.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento. 4. cd. Coimbra, Arménio Amado, 1968.

HOBbes. Thomas. Leviatã. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

HOBsBAWM, Eric J. (org.). História do marxismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 6 v.

- Revolucionários. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. Dialética do esclarecimento. 2. cd. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1985.

Temas básicos da sociologia. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1973.

JAEGER, Werner. Paideia. São Paulo, 1-lerder, s.d. JAKOBSON, Roman. Essais de linguistique

générale. Paris, Minuit, 1963. (Editado no Brasil sob o nome de Lingii (soca e comun,cação.)

JAPIASSIJ, Hilton. introdução à epistemologia do psicologia. 2. cd. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

- Nascimento e morte das ciências humanas.

Rio de Janeiro, Francisco Alvcs, 1978.

- O mito da neutralidade cientzfica. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

KANT, Immanucl. Critique ofjudgement. Col. The Great Ideas, Encyclopaedia Britannica. v. 42.

Critica da razão pura. Col. Os pensadores.

São Paulo, Abril Cultural, 1980. v. 1.

Textos selecionados. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980. v. 2.

KNELLER, Gorge F. A ciência como atividade humana. São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

- Arte e ciência da criatividade. São Paulo, lbrasa,

1971.

KOESTLER, Arthur. Os sonâmbulos; história das idéias do homem sobre o

universo. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1961.

KONDER, Leandro. introdução ao fascismo. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

O que é dialética. São Paulo, Brasiliense,

1. (Col. Primeiros Passos)

KOPNIN, Pavel V. Fundamentos lógicos da ciência. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979.

LANGER, Suzann K. Filosofia em nova chave.

São Paulo, Perspectiva, 1971.

Sentimento e forma. São Paulo, Perspectiva,

1980.

LEBRUN, Gérard. O que é poder São Paulo, Brasiliense, 1981. (Col. Primeiros Passos)

LEFORT, Claude. A filosofia política diante da democracia moderna. In Revista Filosofia Política. Porto Alegre, L&PM, 1984. n. 1.

- A invenção democrática; os limites da dominação totalitária. São Paulo, Brasiliense,

1983.

LIARD, Louis. Lógica. 7. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1968.

LOCKE, John. Carta acerca da tolerância; Ensaio

sobre o entendimento humano. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

LOPES, Edward. Fundamentos de linguística contemporânea. São Paulo,

Cultrix, 1972.

LUCIE, Pierre. A gênese do método científico. 2. cd. Rio de Janeiro, Campus. 1978.

LUIJPEN, W. A. M. Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo, EPU/Edusp. 1973.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.

MACPHERSON, C. B. A teoria política do individualismo possessivo: de Hobbes a Locke. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MAQUIA VEL, Nicolau. O príncipe (Cora guia de estudo de Rosemary ODay). Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1979.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. O que é morte. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Col. Primeiros Passos)

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. 4. cd. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

- A dimensão estético. São Paulo, Martins Fontes, 1981.
- Emos e civilização (4. cd. Rio de Janeiro,

Zahar, 1969.

MARITAIN, Jacques. Elementos de filosofia; lógica menor. Rio de Janeiro, Agir, 1962.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (Feuerbach). São Paulo, Hucitec, 1984.

MATOS, Olgária. Escola de Frankfurt; luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo, Moderna, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A estrutura do comportamento. Belo Horizonte,

Intcrlivros, 1975.

- Elogio da filosofia. Lisboa, Guimarães, 1962.

(Col. Idéia Nova)

.4

4*

4<

4*4

-4

-4

*44

- Fenomenologio da percepção. Rio de Janeiro, Preitas Bastos, 1971.

MERQUIOR, José Guilherme. O liberalismo; antigo e moderno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

MILAN, Betty. O que é amor. São Paulo, Brasiliense, 1983. (CoI. Primeiros Passos)

MIRANDA, Orlando. Tio Patinhas e os mitos da comunicação. São Paulo, Summus, 1976.

MOLES, A. O cartaz. São Paulo, Perspectiva, 1972.

MORAES, Eliana R. e LAPEIZ, Sandra M. O que é pornografia. São Paulo, Brasiliense, 1984. (Col. Primeiros Passos)

MOYA, Álvaro de. Shozom! 2. cd. São Paulo, Perspectiva, 1972.

MUCCHIELLI, R. A psicologia da publicidade e da propaganda. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. As belas mentiras. São Paulo, Moraes, 1981.

NOVAES, Adauto (org.). Ética. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. São Paulo, Cultrix, 1970.

PACKARD, V. The status seekers. New York, Pocket Books, 1970.

PANOFSKY, Erwin. Meaning in the visual arts. England, Peregrine Book, 1970. (Editado no Brasil pela Perspectiva sob o nome de O significado nas artes visuais.)

PEIRCE, Ch. Sanders. Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1977.

- Semiótica e filosofia. São Paulo, Cultrix, 1972.

PEIRCE, Ch. Sanders/FREGE, Gottlob. Escritos coligidos. / Sobre a justificação da ciência (fusão de um conceito gráfico; Os fundamentos da aritmética. Col. Os pensadores.

São Paulo, Abril Cultural, 1980.

PENHA, João da. O que é existencialismo. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Passos)

PEREIRA, M. Helena da Rocha. Estudos de história da cultura clássica. 3. cd. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970. v. 1.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 3. cd. Rio de Janeiro, Forense, 1969.

PLATÃO, A República. 2. cd. São Paulo, Difel, 1973.

PRÉLOT, Marcel. As doutrinas políticas. Lisboa, Presença, 1974.4v.

READ, Herbert. O sentido da arte. São Paulo, Ibrasa, 1978.

RIBEIRO, Renato Janine. A marca do Leviatã. São Paulo, Mica, 1978.

RISSO VER, F. e BIRCH, D. C. Mass media and the popular arts. New York,

McGraw-Hill, s.d.

ROCHA E SILVA, Maurício. A evolução do pensamento científico. São Paulo, Hucitec, 1972.

ROLLAND, Romain. O pensamento vivo de Rousseau. São Paulo, Fdusp, 1975.

ROUANFT, Sérgio P. As razões do Iluminismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

ROIJSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e outros. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril

Cultural, 1973.

SALMON, Wesley. Lógica. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 1987.

SÂNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

- Filosofia da práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

SANTOS, Laymert G. Alienação e capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Vãos)

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. e notas de Vergílio Ferreira. 3. ed. Lisboa, Presença, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo, Cultrix, 1971.

SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira; estrutura e sistema. São Paulo, Saraiva, 1973.

4.44

11

.444

SCHAFF, A. Introdução à semântica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,

1968.

- Linguagem e conhecimento. Coimbra, Almedina, 1974.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo, EPU, 1986.

TAYLOR, Calvin W. Criatividade; progresso e potencial. São Paulo, Ibrasa/Edusp, s.d.

THALHEIMER, August. Introdução ao materialismo dialético. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979.

TOUCHARD, Jean. História das idéias políticas. Lisboa, Europa-América, 1970. 7 v.

VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. 2. cd. São Paulo, Difel, 1977.

Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo, Difel/Edusp, 1973.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET, Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. São Paulo, Flauas Cidades, 1977.

VIEIRA PINTO, Alvaro. Ciência e existência. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1969.

WEFFORT, Francisco C. (org.). Os clássicos da política. São Paulo, Ática, 1989. 2v.

WOLFLE, D. A descoberta do talento. Rio de Janeiro, Livradora, 1969.

WOODCOCK, George (introd. e sel.). Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, L&PM, 1981.

Obras literárias

O uso de textos literários como complementação do debate

concreto para o abstrato, propiciando discussões bastante ricas e abertas. A lista que se segue não pretende ser absolutamente exaustiva, pois queremos apenas sugerir

algumas pistas. Sem dúvida faltarão muitos textos importantes que o próprio professor poderá completar com a sua experiência pessoal.

ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo. Belo Horizonte, Itatiaia, 1982.

BEAUVOIR, Simone de. Todos os homens são mortais. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BRECHT, Bertolt. A vida de Galileu. São Paulo, Abril Cultural, 1977. (Col. Teatro Vivo)

BUKOWSKI, Charles. Canas na rua. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col. Circo de Letras)

CAMUS, Albert. A peste. Rio de Janeiro, Record.

- O estrangeiro. Rio de Janeiro, Record.

DOSTOIEVSKIJ, Fiodor. "O grande inquisidor". Ia Os irmãos Karamazov. São Paulo, Abril Cultural, 1970. (Co]. Os Imortais da Literatura Universal)

DIJRRENMATIT, Friedrich. A pane. Porto Alegre, Globo, 1964.

Os físicos. São Paulo, Brasiliense.

FELINTO, Marilene. As mulheres de Tzjucopapo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Roberto. Cleo e Daniel. São Paulo, Global, 1981.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Ninguém escreve ao coronel. 4. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

- O veneno da madrugada. 2. cd. Rio de Janeiro, Record.

GOLDING, William. O senhor das moscas. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

GUIMARÃES, Josué. Os tambores silenciosos. Porto Alegre, Globo, 1977.

Record, s.d.

- Sidarta. 20. cd. Rio de Janeiro, Record, s.d.

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. Rio de Janeiro, Cia, Brasileira de Divulgação do Livro, 1967.

KAFKA. Franz. A meta, norfose. São Paulo, Brasiliense, 1986.

- Carta a meu pai. São Paulo, Brasiliense. 1986. LISPECTOR. Clar
Janeiro, José Olympio, 1979.

- Laços de j#unília; contos. Rio de Janeiro, Sabiá, 1960.

MACHADO DE ASSIS. O alienista e outros contos. São Paulo, Moderna, 1991.

MACHADO, Ruhem Mauro. Jantar envenenado:

contos. São Paulo, Atica, 1979.

MUSIL, Robert von. O jovem Til rless. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

ORWELL, George. A revolução dos bichos. Porto Alegre, Globo, 1964.

1. São Paulo, Ed. Nacional. 1975.

lo, Brasiliense, 1983. (Cantadas Literárias)

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro, Record, 1981.

RODRIGUES, Nélson. Vestido de noiva. In Teatro completo. Rio de Janeiro.
Nova Fronteira, 1981. v. 1. (Peças Psicológicas)

SALINGER, Jerome D. O apanhador no campo de centeio. 6. cd. Rio de Janeiro,
Ed. do Autor, s.d.

SARTRE, Jean-Paul. A idade da razão. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

- A náusea. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

As moscas. 5. cd. Lisboa, Presença, 1979.

- A infância de um chefe. In O muro: contos.

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

SCLIAR, Moacir. O centauro no jardim. Porto Alegre. L&PM, 1983.

SÓFOCLES. Édipo rei. São Paulo, Abril Cultural, 1976. (CoI. Teatro Vivo)

TOLSTOI. Leão. A morte de Ivan Ilich. Lisboa, Verbo, s.d.

VEIGA, J. J. A hora dos ru, ninantes. São Paulo, Difel.

OUTRAS OBRAS DAS AUTORAS:

Maria Lúcia de Arruda Aranha

História da Educação; Filosofia da educação;

Maquiavel, a lógica da força (todas da Editora Moderna)

Maria Helena Pires Martins

Gianfrancesco Guarnieri; Nelson Rodrigues

(Abril Cultural; Coleção Literatura Comentadal

María Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins

Temas de Filosofia (Editora Moderna)

RICOEUR, Paul, 123, 375	TALES de Mileto, 66, 67, 72, 135,
ROCHA E SILVA, Maurício, 159, 160, 388	TAYLOR, Calvin W.,
ROSCELINO, 102, 372	TAYLOR, Frederick, 13
ROSSELLI, Carlo, 260	TELLES, Norma, 189
ROUANET, Sérgio Paulo, 27, 124, 256, 288, 388	TERTULIANO,
ROUSSEAU, Jean-Jacques, 12, 112, 204, 218,	THATCHER, Marg
222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 259,	THOU
285, 289, 373, 388	TOCQUEVILLE, Alexis de, 230, 2

RUSSELL, Bertrand, 86, 163, 374
TOLSTÓI, Leon, 248
TOUCHARD, Jean, 230, 388
SAINT-SIMON, conde de, 231, 237, 238, 373
SALMON, Wesley, 81, 86, 388
SANTO AGOSTINHO, 101, 103, 143, 199, 200,
202, 312, 326, 364, 371, 372
SANTO ANSELMO, 102
SANTOS, Laymert Garcia dos, 19, 388
SANTO TOMÁS de Aquino, 10, 91, 102, 103,
143, 146, 200, 201, 202, 364, 372
SÃO BERNARDO de Claraval, 200
SARTRE, Jean-Paul, 13, 123, 170, 267, 287, 304,
305, 306, 307, 308, 332, 373, 375, 388, 389
SAVIANI, Dermeval, 74, 300, 388
SCHAFF, Adam, 32, 388
SCHELER, Max, 123, 305, 375
SCHELLING, Friedrich, I 15, 373
SCHLICK, Moritz, 163, 374
SCHUHL, M. P. M., 135
SEVILHA, Isidoro de, 202
SILVA, Aracy Lopes da, 189
SIMPLÍCIO, 68
SINGER, Paul, 268, 269
SKINNER, Burrhus Frederic, 170, 175, 176, 297,
TOGLIATTI, 266
TRACY, Destutt
TRÓTSKI, Leon, 90, 256, 263,
VALÉRY, Paul, 131, 22
VAN RIET, George
VERDENAL, René,
VERGEZ, André, 27, 77, 79,
VERNANT,
VESÁL
VIEIRA PINTO, Álvaro, 90,
VOLTAIRE, François-Marie Arouet, 1
224, 373
WATERSTON, John James, 159
WATSON, John B., 169, 170, 175,
WATSON-CRICK, 159
WEBER, Max, 161, 180, 326
WEFFORT, Francisco, 1 15, 388
WEIL, Eric

MARCHAIS, Georges, 266

MARCUSE, Herbert, 17, 124, 265, 267, 288, 326,
328, 329, 375, 387

MARÍAS, Julián, 335, 383

MARSÍLIO de Pádua, 201, 202, 372

MARX, Karl, 8, 11, 12, 14, 19, 88, 89, 91, 93,
119, 120, 121, 124, 125, 161, 166, 226, 232,
234, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243,
244, 245, 246, 247, 248, 249, 255, 260, 262,
263, 267, 269, 285, 286, 288, 289, 373, 387

MATOS, Olgária, 124, 387

MATTELART, Armand, 46, 385

MAUROIS, André, 87

MERCHIOR, José Guilherme, 230

MERLEAU-PONTY, Maurice, 71, 76, 78, 123,
130, 133, 170, 171, 173, 175, 177, 267, 297,
303, 306, 318, 329, 373, 374, 375, 387

MERSENNE, Marin, 144

MICHELIS, A., 353

MILL, James, 86, 230,

MILL, John Stuart, 85, 229, 230, 231, 232, 237,

259, 373

MONDOLFO, Rodolfo, 198, 383

MONTAIGNE, Michel de, 25, 331, 332, 335, 372

MONTESQUIEU, barão de, 1 12, 182, 219, 221,
222, 223, 230, 373

MOORE, Charles, 370

MORE, Thomas, 213, 236, 372

MORIN, Edgar, 322

MOUNIER, Emmanuel, 9, 13, 299, 375

MUSSOLINI, Benito, 252, 253, 256

NEURATH, Otto, 163

NEWTON, Isaac, 112, 128, 131, 139, 149, 152,
156, 158, 159, 163, 351, 373

NIETZSCHE, Friedrich, 24, 25, 122, 123, 124, 164,
285, 286, 287, 288, 289, 318, 331, 373, 387

NOGUEIRA, Marco Aurélio, 262

NOSELLA, Maria de Lourdes, 43, 387

NOVAES, Adauto, 185, 276, 387, 288

OCKHAM, Guilherme de, 201, 372

OITICICA, José, 249

ORÍGENES, 143, 371

ORWELL, George, 5, 248, 256, 258, 389

OSBORNE, Harold, 362, 365, 366, 387

OWEN, Robert, 237, 238, 373

PAINE, Thomas, 230

PARMÊNIDES, 66, 69, 84, 92, 93, 98, 99, 136,
319, 371

PASCAL, Blaise, 10, 130, 147, 148, 149, 184,
273, 274, 278, 373

PASSERON, Jean-Claude, 40

PASTEUR, Louis, 157, 161

PAVLOV, Ivan, 169

PEDROSA, Mário, 369

PEIRCE, Charles Sanders, 24, 29, 375, 387

PEREIRA, Maria Helena Rocha, 39, 63, 68, 387

PÉRICLES, 65, 93, 191, 196, 197, 371

PETERFALVI, 33

PIAGET, Jean, 291 , 295, 387

PIÉRON, Henri, 170

PITÁGORAS de Samos, 66, 72, 135, 137, 371

PLATÃO, 10, 62, 68, 69, 70, 71 , 72, 77, 79, 84,
92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 129, 133,

136, 137, 138, 140, 146, 190, 192, 193, 194,
196, 197, 198, 200, 206, 284, 311, 312, 313,
319, 320, 322, 332, 363, 364, 371, 387
POINCARÉ, Henri, 162, 337, 339, 374
POPPER, Karl, 163, 164, 165, 374
PRADO COELHO, Eduardo, 166, 281
PRÉLOT, Marcel, 387
PROTÁGORAS, 93, 94, 96, 192, 371
PROUDHON, Pierre Joseph, 237, 238, 239, 247,
248, 373
PSEUDO-PLUTARCO, 68
PTOLOMEU, Cláudio, I 39, 143, 144, 150, 152,
158, 160, 371
1
QUINCY, Quatremère de, 343
RABELAIS, François, 132
RAWLS, John, 261
READ, Herbert, 248, 387
REICH, Wilhelm, 267, 288
REID, Thomas, 1 12
REY, J. M., 122

RICARDO, David, 161, 217, 240

GRÓCIO, Hugo, 213

GUATTARI, Felix, 21, 26, 375

GUILLAUME, Paul, 3, 386

GUSDORF, Georges, 6, 28, 32, 57, 59, 77, 79,
290, 295, 300, 303, 312, 333, 386

GUTENBERG, Johannes, 10, 372

HABERMAS, Jürgen, 14, 125, 266, 269, 288,
289, 373, 375

HAMILTON, Sir William, 170

HARTMANN, Nicolai, 123, 375

HAUSER, Arnold, 353, 386

HAYEK, Friedrich, 261

HEGEL, Georg Wilhelm, 11, 12, 88, 89, 91, 93,
94, 96, 115, 118, 119, 233, 234, 235, 239,
240, 244, 246, 320, 373, 386

HEIDBREder, Edna, 170, 297, 386

HEIDEGGER, Martin, 7, 13, 123, 124, 170, 304,
305, 308, 332, 373, 375, 386

HELVETIUS, 112, 121

HERÁCLITO de Éfeso, 66, 69, 92, 93, 99, 371

HERDER, Joham Gottfried, 1 12, 383, 386

HESÍODO, 54, 63, 66, 67, 72, 84, 94, 96, 192,
297, 319, 322

HIPÓCRATES, 145, 146, 371

HIPÓDAMOS, 94, 96, 192

HIPPIAS, 192

HITLER, Adolf, 26, 54, 252, 253, 265

HOBBS, Thomas, 210, 211, 212, 213, 215, 218,
219, 224, 227, 373, 386, 387

HOBHOUSE, Leonard, 260

HOBSON, John, 260

HOMERO, 62, 63, 68, 69, 70, 72, 84, 94, 96, 192,
286, 289, 297, 298, 371

HORKHEIMER, Max, 8, 9, 15, 122, 124, 265,
288, 375, 386

HUISMAN, Denis, 27, 77, 79, 164, 383

HUME, David, 23, 107, 108, 110, 1 1 1, 112, 154,
373

HUSSERL, Edmund, 23, 71, 123, 170, 171, 304,
305, 375

JAEGER, Werner, 94, 96, 191 , 192, 386

JAKOBSON, Roman, 355, 386

JAMES, William, 24, 55, 169, 375, 386

JANKÉLÉVITCH, Vladimir, 319

JAPIASSU, Hilton, 131, 134, 384, 386

JASPERS, Karl, 76, 77, 78, 79, 123, 170, 305,
331, 375, 383

JUNG, Carl Gustav, 288

KANT, Immanuel, 21, 23, 26, 72, 91, 112, 113,
114, 115, 117, 125, 221, 222, 259, 285, 289,
365, 366, 373, 386

KAUTSKY, Karl, 263, 264

KEYNES, John Maynard, 260

KIERKEGAARD, Søren, 122, 125, 285, 287,
305, 373

KNELLER, George, 131, 158, 159, 386

KOESTLER, Arthur, 144, 386

KOFFKA, Kurt, 171

KOHLBERG, Lawrence, 294

KÖHLER, Wolfgang, 3, 4, 171, 172

KOYRÉ, Alexandre, 152, 386

KRANZ, Walter, 68

KROPÓTKIN, Pierre A., 248

KRUCHEV, Nikita S., 255, 266

KUHN, Thomas, 163, 374

LA BOÉTIE, Étienne de, 21 3, 329

LACAN, Jacques, 291

LAING, Ronald, 39

LAKATOS, Imre, 163, 374

LAKLEN, 338

LALOUP, Jean, 146

LA METTRIE, Julien Offray de, 298, 373

LANGER, Suzanne, 345, 348, 387

LÉBRUN, Gerard, 180, 262, 387

LEFORT, Claude, 181, 182, 207, 387

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm, 85, 149, 373

LÊNIN (Wladimir Ilitch Ulianov), 14, 89, 255,
263, 264, 375

LEUCIPO, 66, 371

LÉVI-STRAUSS, Claude, 274, 375

LÉVY-BRÜHL, Lucien, 186

LIEBKNECHT, Karl, 265

LOBATCHEVSKI, 162

LOCKE, John, 23, 26, 103, 106, 107, 108, 110,
111, 112, 154, 166, 218, 219, 220, 221, 222,
224, 226, 227, 232, 285, 304, 313, 373, 387

LOPES, Edward, 32, 33, 387

LUCRÉCIO, 335, 371

LUIJPEN, W. A. M., 300, 315, 387

LUKÁCS, Georg, 375

LÚLIO, Raimundo, 108

LUXEMBURGO, Rosa, 265

J

CHAMPEAUX, Guilherme de, 102, 372

CHÂTELET, François, 75, 76, 112, 117, 118,
122, 175, 239, 254, 383, 385

CHAU, Marilena de Souza, 40, 86, 134, 165,
182, 183, 185, 327, 383, 385

CIRNE, Moacy, 48, 49, 385

CLASTRES, Pierre, 60, 186, 188, 189, 385

CLEMENTE de Alexandria, 143, 371

COELHO NETTO, J. Teixeira, 354, 370, 385

COMFORD, Alex, 248

COMTE, Auguste, 58, 115, 116, 117, 118, 132, 155,

161, 162, 168, 174, 175, 231, 298, 313, 373

CONDILLAC, Etienne Bonnot de, 81, 285

COOPER, David, 39

COPÉRNICO, Nicolau, 1 13, 128, 139, 144, 15 1 ,
159, 163, 166, 226, 372

COPI, Irving, 83, 84, 86, 385

CORNFORD, F. M., 67

CUVILLIER, Armand-Joseph, 157, 383

D'ALEMBERT, 112, 222

DA MATTA, Roberto, 334

DANTE ALIGHIERI, 202, 372

DARWIN, Charles, 88, 90, 158, 161, 163, 166

DELEUZE, Gilles, 21, 26, 375, 385

DEMÓCRITO, 66, 67, 371

DEMÓSTENES, 316

DESCARTES, René, 10, 22, 23, 24, 26, 85, 102,
103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 11 1, 112,
124, 149, 154, 166, 210, 21 8, 266, 304, 309,
312, 313, 314, 365, 373

DESNÉ, Roland, 1 12

DE WAELHENS, Alphonse, 123, 375

DEWEY, John, 24, 169, 375

D'HOLBACH, barão, 298

DIDEROT, Denis, 1 12, 121, 222, 224, 373

DIELS, Hermann, 68

DILTHEY, Wilhelm, 23, 375

DIONÍSIO, o Velho, 54, 193

DORFMAN, Ariel, 46, 385

DUFRENNE, Mikel, 344, 347, 385

DUHEM, Pierre, 162, 164, 374

DUMAZEDIER, J., 18, 19, 385

DUMESNIL, 105

DURKHEIM, Émile, 161, 168

ECO, Umberto, 43, 46, 145, 355, 385

EHRENFELS, Christian, baron von, 171

EINSTEIN, Albert, 83, 156, 158, 162, 163

ELIADE, Mircea, 47, 56, 57, 385

EMPÉDOCLES, 66, 67, 69, 138, 319, 371

ENGELS, Friedrich, 88, 89, 91, I 19, 121, 232,
235, 237, 238, 239, 240, 262, 263, 373, 387

EPICURO, 284, 289, 371

ESCOREL, Lauro, 205, 385

ESTABLET, Roger, 41

EUCLIDES, 24, 135, 143, 150, 160, 162, 371

EURÍPEDES, 283

FECHNER, Gustav Theodor, 168, 175

FEUERBACH, Ludwig, 91, 115, 119, 235, 239,
373, 387

FEYERABEND, Paul K., 163, 374

FICHTE, Johann Gottlieb, 1 15, 373

FILÓPONO, 69

FISCHER, Ernst, 349, 350, 385

FOUCAULT, Michel, 39, 166, 167, 231, 328,
373, 374, 375, 386

FOURIER, Charles, 237, 238, 373

FRAYSE PEREIRA, João, 39, 187

FREGE, Gottlob, 86, 374

FREITAG, Bárbara, 295, 386

FREUD, Sigmund, 55, 124, 125, 166, 167, 172,
173, 177, 285, 287, 288, 289, 291 , 300, 324,
326, 386

FRIEDMANN, G., 16, 386

FROMM, Erich, 13, 265, 267, 323, 375, 386

FURTER, Pierre, 316, 386

GALILEU GALILEI, 10, 73, 102, 106, 1 16, 126,
128, 130, 136, 138, 139, 144, 146, 148, 149,
150, 151 , 152, 153, 155, 156, 157, 1 58, 159,
160, 163, 167, 210, 312, 373, 388

GANDHI, Mahatma, 248

GARAUDY, Roger, 91, 233, 266, 386

GARCÍA MORENTE, Manuel, 95, 97, 104, 106,

1 17, 1 18, 273, 383

GHISELIN, 337, 339

GIANOTTI, José Arthur, 276

GILSON, Étienne, 199, 202

GOLDMAN, Emma, 248

GORBATCHEV, Mikhail, 267, 268

GORER, Geoffrey, 334

GÓRGIAS, 25, 94, 96, 192, 371

GRAMSCI, Antonio, 35, 37, 74, 129, 1 3 I , 265,

268, 375, 386

GREEN, Thomas, 260

ABELARDO, Pedro, 102, 372

ADORNO, Theodor W., 8, 15, 124, 265, 288,

375, 386

ALCUÍNO, 143, 372

ALFARABI, 145

AL KINDI, 145, 372

ALTHUSSER, Louis, 384

ANAXIMANDRO, 13, 40, 166, 265, 373, 375

ANAXÍMENES, 66, 68, 371

APEL, Karl-Otto, 283, 289, 375

ARENDT, Hannah, 183, 184

ARIÈS, Phillipe, 334, 335, 384

ARISTARCO de Samos, 139

ARISTÓFANES, 319

ARISTÓTELES, 62, 72, 80, 84, 85, 91, 92, 94,

96, 98, 99, 102, 116, 120, 137, 138, 139, 140,

141, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 157, 160,

185, 190, 192, 194, 195, 196, 197, 200, 201,

278, 284, 289, 363, 364, 371, 372

ARNHEIM, Rudolf, 340

ARQUIMEDES, 27, 136, 140, 143, 150, 156,

160, 371

AVERRÓIS, 372

AVICENA, 145, 372

BABEUF, Gracchus, 236

BACHELARD, Gaston, 131, 374

BACON, Francis, 83, 85, 106, 107, 108, 154,

155, 210, 373

BACON, Roger, 106, 145, 372

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch, 237, 238,

239, 247, 248, 249

BARTHES, Roland, 60, 61, 323, 324, 330, 375,
384

BASAGLIA, Franco, 39

BATAILLE, Georges, 280, 325, 329, 384

BAUDELLOT, Christian, 41

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb, 1 12

BEAUVOIR, Simone, 186, 188, 303, 304, 305,
308, 309, 310, 388

BECCARIA, César, 182

BENEVIDES, Maria Victoria M., 227

BENJAMIN, Walter, 124, 132, 265, 288, 375

BENTHAM, Jeremy, 230, 231 ,

BERGER, Peter, 7, 383, 384

BERGSON, Henri, 23, 375

BERNARD, Claude, 86, 87, 155, 157, 161, 164

BERNARDET, Jean Claude, 33, 359

BERNSTEIN, Eduard, 263, 264, 265

BETTELHEIM, Bruno, 60

BINSWANGER, Ludwig, 123

BLANC, Louis, 237, 238

BLANQUI, Auguste, 237, 238

BOBBIO, Norberto, 259, 261, 262, 270, 383, 384

BODIN, Jean, 213, 372

BOÉCIO, 102, 372

BOURDIEU, Pierre, 40

BORNHEIM, Gerd, 69, 295, 383, 385

BOSS, Medard, 334

BOSSUET, Jacques B., 299

BRENTANO, Franz, 123, 170, 375

BRUNO, Giordano, 146, 151, 372

BUKHARIN, Nikolai, 264

BURNET, John, 68

CAMPANELLA, Tommaso, 236, 373

CAMUS, Albert, 331, 388

CAPALBO, Creusa, 2

CARNAP, Rudolf, 163, 374

CARUSO, Igor, 321, 385

CASSIRER, Ernst, 28, 57, 58, 206, 346, 375, 383,
385

HESSE, Hermann. Demian. 17. ed. Rio de Janeiro,
Record, s.d.

_. Sidarta. 20. ed. Rio de Janeiro, Record, s.d.

HUXLEY, Aldous. Admirável mundo novo. Rio de Janeiro, Cia. Brasileira de Divulgação do Livro, 1967.

KAFKA, Franz. A metamorfo.se. São Paulo, Brasiliense, 1986.

Carta a meu pai. São Paulo, Brasiliense, 1986.

LISPECTOR, Clarice. A hora da e.strela. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

. Laços de família; contos. Rio de Janeiro, Sabiá, 1960.

MACHADO DE ASSIS. O nlienista e outros contos. São Paulo, Moderna, 1991 .

MACHADO, Rubem Mauro. Jantar envenenado; contos. São Paulo, Ática, 1979.

MUSIL, Robert von. O jovem Ttirl.s.s. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

ORWELL, George. A revolução do.s bicho,s. Porto Alegre, Globo, 1964.

. 1984. São Paulo, Ed. Nacional, 1975.

PAIVA, Marcelo Rubens. Feliz ano velho. São Pau-lo, Brasiliense,

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro, Record, 1981 .

RODRIGUES, Nélon. Vestido de noiva. In Tea-tro completo. Rio de 1981. v. 1. (Peças Psicológicas)

SALINGER, Jerome D. O apanhador no campo de
centeio. 6. ed. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, s.d.

SARTRE, Jean-Paul. A idade da razão. Rio de Janeiro, Nova Fronte
. *A náu.sea. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.*
. *As mo.scas. 5. ed. Lisboa, Presença, 1979.*
. A infância de um chefe. In O muro; contos.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

SCLIAR, Moacir. O cendauro no jardim. Porto
Alegre, L&PM, 1983.

SÓFOCLES. Édipo rei. São Paulo, Abril Cultural,
1976. (Col. Teatro Vivo)

TOLSTOI, Leão. A morte de Ivan Ilich. Lisboa,
Verbo, s.d.

VEIGA, J. J. A hora dos ruminantes. São Paulo, Difel.

RIBEIRO, Renato Janine. A marca do Leviatã. São
Paulo, Ática, 1978.

RISOVER, F. e BIRCH, D. C. Mass media and the
popular art.s. New York, McGraw-Hill, s.d.

ROCHA E SILVA, Maurício. A evolução do pen-
.samento científico. São Paulo, Hucitec, 1972.

ROLLAND, Romain. O pensamento vivo de
Rou.s.seau. São Paulo, Edusp, 1975.

ROUANET, Sérgio P. As razões do Iluminismo.

São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do contrato social; Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens e outros. Col.

Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

SALMON, Wesley. Lógica. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1987.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. Ética. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

Filosofia da práxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

SANTOS, Laymert G. Alienação e capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Vãos)

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Trad. e notas de Vergílio Ferreira.

1. ed. Lisboa, Presença, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo, Cultrix, 1971.

SAVIANI, Dermeval. Educação brasileira; estrutura e sistema. São Paulo, Saraiva, 1973.

SCHAFF, A. Introdução à semântica. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

. Linguagem e conhecimento. Coimbra, Almedina, 1974.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo, EPU,

1986.

TAYLOR, Calvin W. Criatividade; progresso e

potencial. São Paulo, Ibrasa/Edusp, s.d.

THALHEIMER, August. Introdução ao materialismo dialético. São Paulo, Ed. Ciências Humanas, 1979.

TOUCHARD, Jean. História das idéias políticas.

Lisboa, Europa-América, 1970. 7 v.

VERNANT, Jean-Pierre. As origens do pensamento grego. 2. ed. São Paulo, Difel, 1977.

. Mito e pensamento entre os gregos. São Paulo, Difel/Edusp, 1973.

VERNANT, Jean-Pierre e VIDAL-NAQUET,

Pierre. Mito e tragédia na Grécia antiga. São

Paulo, Duas Cidades, 1977.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e existência. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

WEFFORT, Francisco C. (org.). Os clássicos da política. São Paulo, Ática, 1989. 2 v.

WOLFLE, D. A descoberta do talento. Rio de Janeiro, Lido, 1969.

WOODCOCK, George (introd. e sel.). Os grandes escritos anarquistas. Porto Alegre, L&PM, 1981.

Obras literárias

O uso de textos literários como complementação do debate filosófico é importante, já que o

exercício de interpretação ajuda a passagem do

pensamento concreto para o abstrato, propiciando discussões bastante ricas e abertas. A lista que se segue não pretende ser absolutamente exaustiva, pois queremos apenas sugerir algumas pistas. Sem dúvida faltarão muitos textos importantes que o próprio professor poderá completar com a sua experiência pessoal.

ANDRADE, Mário de. Amar, verbo intransitivo.

Belo Horizonte, Itatiaia, 1982.

BEAUVOIR, Simone de. Todos os homens são mortais. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BRECHT, Bertolt. A vida de Galileu. São Paulo, Abril Cultural, 1977. (Col. Teatro Vivo)

BUKOWSKI, Charles. Cartas na rua. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Col. Circo de Letras)

CAMUS, Albert. A peste. Rio de Janeiro, Record.

. O estrangeiro. Rio de Janeiro, Record.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. "O grande inquisidor". In

Os irmãos Karamazov. São Paulo, Abril Cultural, 1970. (Col. Os Imortais da Literatura

Universal)

DÜRRENMATT, Friedrich. A pane. Porto Alegre,

Globo, 1964.

Os físicos. São Paulo, Brasiliense.

FELINTO, Marilene. As mulheres de Tijucopapo.

Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Roberto. Cleo e Daniel. São Paulo, Global, 1981.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. Ninguém escreve

ao coronel. 4. ed. Rio de Janeiro, José

Olympio, 1976.

. O veneno da madrugada. 2. ed. Rio de Janeiro, Record.

GOLDING, William. O senhor das moscas. Rio de

Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

GUIMARÃES, Josué. Os tambores ,silenciosos.

Porto Alegre, Globo, 1977.

LANGER, Suzanne K. Filosofia em nova chave.

São Paulo, Perspectiva, 1971.

. Sentimento e forma. São Paulo, Perspectiva,

1980.

LEBRUN, Gérard. O que é poder. São Paulo,

Brasiliense, 1981. (Col. Primeiros Passos)

LEFORT, Claude. A filosofia política diante da

democracia moderna. In Revista Filosofia

Política. Porto Alegre, L&PM, 1984. n. 1.

A invenção democrática; os limites da dominação totalitária. São Paulo, Brasiliense,

1983.

LIARD, Louis. Lógica. 7. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1968.

LOCKE, John. Carta acerca da tolerância; Ensaio

sobre o entendimento humano. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1973.

LOPES, Edward. Fundamentos de lingüística contemporânea. São Paulo, Cultrix, 1972.

LUCIE, Pierre. A gênese do método científico.

1. ed. Rio de Janeiro, Campus, 1978.

LUIJPEN, W. A. M. Introdução à fenomenologia

exi.stencial. São Paulo, EPU/Edusp, 1973.

MACHADO, Roberto. Nietzsche e a verdade. Rio

de Janeiro, Rocco, 1984.

MACPHERSON, C. B. A teoria política do individuali.smo possessivo: de Hobbes a Locke. Rio

de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe (Com guia de

estudo de Rosemary O'Day). Brasília, Ed.

Universidade de Brasília, 1979.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. O gue é morte.

São Paulo, Brasiliense, 1985. (Col. Primeiros
Passos)

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. 4. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

A dimensão estética. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

. Eros e civilização. 4. ed. Rio de Janeiro,
Zahar, 1969.

MARITAIN, Jacques. Elementos de filosofia; lógica menor. Rio de Janeiro, Agir, 1962.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã (Feuerbach). São Paulo, Hucitec, 1984.

MATOS, Olgária. Escola de Frankfurt; luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo, Moderna, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A estrutura do comportamento. Belo Horizonte, Interlivros, 1975.

Elogio da filosofia. Lisboa, Guimarães, 1962.
(Col. Idéia Nova)

Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.

MERQUIOR, José Guilherme. O liberalismo; antigo e moderno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1991.

MILAN, Betty. O que é amor. São Paulo,

Brasiliense, 1983. (Col. Primeiros Passos)

MIRANDA, Orlando. Tio Patinhas e os mitos da

comunicação. São Paulo, Summus, 1976.

MOLES, A. O cartaz. São Paulo, Perspectiva,

1972.

MORAES, Eliana R. e LAPEIZ, Sandra M. O que

é pornografia. São Paulo, Brasiliense, 1984.

(Col. Primeiros Passos)

MOYA, Álvaro de. Shazam! 2. ed. São Paulo, Perspectiva, 1972.

MUCCHIELLI, R. A psicologia da publicidade e

da propaganda. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978.

NOSELLA, Maria de Lourdes C. D. As belas mentiras. São Paulo, Moraes, 1981.

NOVAES, Adauto (org.). Ética. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria Municipal de

Cultura, 1992.

OSBORNE, Harold. Estética e teoria da arte. São

Paulo, Cultrix, 1970.

PACKARD, V. The status seekers. New York,

Pocket Books, 1970.

PANOFSKY, Erwin. Meaning in the visual arts.

England, Peregrine Book, 1970. (Editado no

Brasil pela Perspectiva sob o nome de O .significado nas artes visuais.)

PEIRCE, Ch. Sanders. Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1977.

. Semiótica e filosofia. São Paulo, Cultrix,

1972.

PEIRCE, Ch. Sanders/FREGE, Gottlob. Escritos

coligidos. !Sobre a justificação científica de

uma conceitografia; Os fundamentos da aritmética. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril

Cultural, 1980.

PENHA, João da. O que é existencialismo. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Passos)

PEREIRA, M. Helena da Rocha. Estudos de histó-

ria da cultura clássica. 3. ed. Lisboa, Funda-

ção Calouste Gulbenkian, 1970. v. 1.

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia. 3. ed.

Rio de Janeiro, Forense, 1969.

PLATÃO, A República. 2. ed. São Paulo, Difel,

1973.

PRÉLOT, Marcel. As doutrinas políticas. Lisboa,

Presença, 1974. 4 v.

READ, Herbert. O sentido da arte. São Paulo,

Ibrasa, 1978.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Lisboa, Portugal, 1966.

FOULQUIÉ, Paul. A dialética. 2. ed. Lisboa, Europa-América, 1974.

A psicologia contemporânea. São Paulo, Ed.

Nacional, 1960.

FRAZER, James G. O ramo de ouro. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FREITAG, Barbara. Itinerários de Antígona. Campinas, Papirus, 1992.

FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise;

Esboço da psicanálise e outros. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

FRIEDMANN, Georges. Sete estudos sobre o ho—

rnem e a técnica. São Paulo, Difel, 1968.

FROMM, Erich. A arte de amar. Belo Horizonte,

Itatiaia, s. d.

Psicanálise da sociedade contemporânea.

1. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

FURTER, Pierre. Juventude e tempo presente; fundamentos de uma pedagogia. Petrópolis, Vozes, 1975.

GARAUDY, Roger. O pensamento de Hegel. Lisboa, Moraes Ed., 1971.

GARCIA, N. Jahr. O que é propaganda ideológica. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Passos)

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. 3. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getú-

lio Vargas, 1975.

GILES, T. R. História do existencialismo e da fenomenologia. São Paulo, EPUfEdusp, 1975. 2 v.

GRAMSCI, Antonio. Concepção dialética da história. 6. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

Obras escolhidas. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

. Os intelectuais e a organização da cultura.

1. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

GRIMAL, Pierre. A mitologia grega. São Paulo, Brasiliense, 1982. (Col. Primeiros Vãos)

GRUPPI, Luciano. Tudo começou com Maquiavel. Porto Alegre, L&PM, 1980.

GUILLAUME, Paul. Manual de psicologia. 3. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1966.

GUSDORF, Georges. A agonia da nossa civilização. São Paulo, Convívio, 1978.

A fala. Porto, Despertar, s.d. (Col. Humanitas)

Mito e metafísica. São Paulo, Convívio, 19'19.

Tratado de metafísica. São Paulo, Ed. Nacional, 1960.

HAUSER, Arnold. Teoria social da literatura e da

arte. São Paulo, Mestre Jou, s.d.

HEIDBREder, Edna. Psicologias do século XX.

1. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1975.

HEIDEGGER, Martin. Poetry, language, thought.

New York, Harper & Row, 1975.

HESSEN, Johannes. Teoria do conhecimento.

1. ed. Coimbra, Arménio Amado, 1968.

HOBBS, Thomas. Leviatã. Col. Os pensadores.

São Paulo, Abril Cultural, 1974.

HOBBSAWM, Eric J. (org.). História do marxismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 6 v.

. Revolucionários. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W.

Dialética do esclarecimento. 2. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

. Temas básicos da sociologia. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1973.

JAEGER, Werner. Paideia. São Paulo, Herder, s.d.

JAKOBSON, Roman. Essais de linguistique générale. Paris, Minuit, 1963. (Editado no Brasil sob o nome de Lingüística e comunicação.)

JAPIASSU, Hilton. Introdução à epistemologia da p.sicologia. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

_. Nascimento e morte das ciências humanas, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.

O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

KANT, Immanuel. Critique of judgement. Col. The Great Ideas, Encyclopaedia Britannica, v. 42.

. Crítica da razão pura. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980. v. 1.

. Te.xto.s selecionados. Col. Os pensadores. São Paulo, Abril Cultural, 1980. v. 2.

KNELLER, George F, A ciência como atividade humana. São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

_. Arte e ciência da criatividade. São Paulo, Ibrasa, 1971.

KOESTLER, Arthur. O.s .sonâmbulo.s; história das idéias do homem sobre o universo. São Paulo, Instituição Brasileira de Difusão Cultural,

1961.

KONDER, Leandro, Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro, Graal, 1977.

O que é dialética. São Paulo, Brasiliense,

1. (Col. Primeiros Passos)

. KOPNIN, Pavel V. Fundamentos lógicos da ciência.

" Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.

= 4=, KOYRÉ, Alexandre. Do mundo fechado ao universo infinito. São Paulo, Edusp; Rio de Janeiro

--Y- Forense Universitária, 1979.

J

Liberalismo e democracia. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

Qual socialismo?; debate sobre uma alternativa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

O futuro da democracia; uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro, Paz e Terra,

1986.

BORNHEIM, Gerd. Os filósofos pré-socráticos.

1. ed. São Paulo, Cultrix, 1977.

BOTTIGELLI, E. A gênese do socialismo científico. Lisboa, Estampa, 1971.

BRENNER, Charles. Noções básicas de psicanálise. 3. ed. Rio de Janeiro, Imago; São Paulo,

Edusp, 1975.

CARUSO, Igor. A separação dos amantes; uma fenomenologia da morte. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1982.

CASSIRER, Ernst. Linguagem e mito. São Paulo, Perspectiva, 1972.

O mito do Estado. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

. Symbol, myth and culture. New Haven, London, Yale University, 1979.

CHÂTELET, François e outros. História das idéias políticas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

CHÂTELET, François e PISIER-KOUCHNER, Évelyne. As concepções políticas do século XX; história do pensamento político. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

CHAUI, Marilena. Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas. São Paulo, Moderna, 1980.

O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense,

1. (Col. Primeiros Passos)

Repressão ,rexual, essa nossa (des)conhecida.

São Paulo, Brasiliense, 1984.

CHEVALLIER, Jean-Jacques. As grandes obra.s
políticas de Maguiavel a nosso,r dias. 3. ed.

Rio de Janeiro, Agir, 1976.

História do pensamento político. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 2 v.

CIRNE, Moacy. A linguagem dos quadrinhos.

1. ed. Petrópolis, Vozes, 1973.

. Uma introdução política aos quadrinhos. Rio
de Janeiro, Angra, Achiamé, 1982.

CLASTRES, Pierre. Arqueologia da violência; ensaio de antropologia política.
São Paulo,

Brasiliense, 1982.

_. A sociedade contra o Estado. 2. ed. Rio de
Janeiro, Francisco Alves, 1982.

COELHO NETTO, José Teixeira. A construção do
sentido na arquitetura. São Paulo, Perspectiva, 1979.

. Introdução à teoria da informação e.stética.

Petrópolis, Vozes, 1973.

. O intelectual brasileiro; dogmatismo e outras
confusões. São Paulo, Global, 1978.

O que é indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos)

Semiótica, informação e comunicação. São

Paulo, Perspectiva, 1980.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo, Brasiliense,

1. (Col. Primeiros Passos)

COPI, Irving M. Introdução à lógica. São Paulo,

Mestre Jou, 1974.

CORBISIER, Roland. Enciclopédia ,filo.sófica.

Petrópolis, Vozes, 1974.

. Filo.sofia política e liberdade. 2. ed. Rio de

Janeiro, Paz e Terra, 1978.

COSTA, Caio Túlio. O que é anarquismo. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos)

DELEUZE, Gilles. Espinoza e os .rigno.s. Lisboa,

Ré Ed., s.d.

DORFMAN, Ariel e JOFRÉ, Manuel. SuperHomem e seus amigo.s do peito. Rio de Janeiro,

Paz e Terra, 1978.

DORFMAN, Ariel e MATTELART, Armand.

Para ler o Pato Donald. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

DUFRENNE, Mikel. Estética e filo.sofia. São Paulo, Perspectiva, 1972.

. O poético. Porto Alegre, Globo, 1969.

. Phénoménologie de l'expérience esthétique.

Paris, PUF, 1967. 2 v.

DUMAZEDIER, J. Gazer e cultura popular. São Paulo, Perspectiva, 1973.

ECO, Umberto. A estrutura ausente. São Paulo, Perspectiva/ Edusp, 1971.

Apocalípticos e integrados. São Paulo, Perspectiva, 1970.

. Mentiras que parecem verdades. São Paulo, Summus, 1980.

. Obra aberta. São Paulo, Perspectiva, 1971.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

ESCOBAR, Carlos Henrique de. As ciências e a filosofia. Rio de Janeiro, Imago, 1975.

Epistemologia das ciências hoje. Rio de Janeiro, Pallas, 1975.

ESCOREL, Lauro. Introdução ao pensamento político de Maquiavel. BrasMia, Ed. Universidade de BrasMia, 1979.

FARIA, A. Lúcia G. de. Ideologia do livro didático. São Paulo, Cortez, 1984.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro,

Jorge Zahar, 1989.

JOLIVET, Régis. Vocabulário de filosofia. Rio de

Janeiro, Agir, 1975.

LALANDE, André. Vocabulaire technique et critique de la philosophie. 5. ed.
Paris, Presses

Universitaires de France, 1947.

LOPES DE MATTOS, Carlos. Vocabulário filosófico. São Paulo, Edições Leia,
1957.

MORA, José F. Dicionário de filosofia. Lisboa,

Dom Quixote, 1978.

Revistas

Algumas já interromperam sua publicação regular.

ALMANAQUE. São Paulo, Brasiliense.

ARTE EM REVISTA. São Paulo, Centro de Estudos de Arte Contemporânea,
Kairós.

CADERNOS DA PUC. São Paulo, PUC, Cortez.

CADERNOS DA UnB. Brasília, Ed. Universidade
de Brasília.

CADERNOS DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DA

CIÊNCIA. Campinas, Centro de Lógica,

Epistemologia e História da Ciência da

Unicamp.

DISCURSO. São Paulo, Departamento de Filosofia da USP.

MANUSCRITO. Campinas, Centro de Lógica,
Epistemologia e História da Ciência da
Unicamp.

NOVOS ESTUDOS CEBRAP. São Paulo, Centro
Brasileiro de Análise e Planejamento.

REFLEXÃO. Campinas, Instituto de Filosofia da
Puccamp.

REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA. São Paulo, Instituto Brasileiro de
Filosofia.

REVISTA FILOSÓFICA BRASILEIRA. Rio de Janeiro, Departamento de
Filosofia UFRJ.

TEMAS DE CIÊNCIAS HUMANAS. São Paulo, Ed.
Ciências Humanas.

TEMPO BRASILEIRO. Rio de Janeiro.

Coleções

ENCANTO RADICAL. São Paulo, Brasiliense.

ESCRITORES DE SEMPRE. Lisboa, Portugaláia.

OS PENSADORES. São Paulo, Abril Cultural.

POLÊMICA. São Paulo, Moderna.

PRIMEIROS PASSOS. São Paulo, Brasiliense.

PRIMEIROS VÔOS. São Paulo, Brasiliense.

QUALÉ. São Paulo, Brasiliense.

TUDO É HISTÓRIA. São Paulo, Brasiliense.

VIDA E OBRA. Rio de Janeiro, José Álvaro Editor.

Nota: É importante a seguinte publicação para a

consulta dos interessados nos trabalhos com

filosofia no Brasil:

SEVERINO, Antonio Joaquim. A filo.sofia no Brasil; catálogo sistemático dos profissionais,

cursos, entidades e publicações da área da filosofia no Brasil. São Paulo, Anpof, 1990.

Bibliografia específica

ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado. Lisboa, Presença; São

Paulo, Martins Fontes, s.d.

ALVES, Rubem. Filosofia da ciência; introdução

ao jogo e suas regras. São Paulo, Brasiliense,

1981.

ARANHA, Maria Lúcia de A. Maquiavel, a lógica

da força. São Paulo, Moderna, 1993.

ARIÈS, Philippe. História da morte no Ocidente.

Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

BARTHES, Roland. Elementos de semiologia. São

Paulo, Cultrix/Edusp, 1971.

. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de

Janeiro, Francisco Alves, 1981.

Mitologias. São Paulo, Difel, 1972.

BATAILLE, Georges. O erotismo; o proibido e a
transgressão. 2. ed. Lisboa, Moraes Ed., 1980.

BERGER, Peter L. Perspectivas sociológicas; uma
visão humanística. Petrópolis, Vozes, 1980.

BIBE-LUYTEN, S. M. O que é história em quadrinhos. São Paulo, Brasiliense,
1985. (Col.

Primeiros Passos)

BOBBIO, Norberto. A teoria das formas de governo. 4. ed. Brasília, Ed.
Universidade de

Brasília, 1985.

Estado, governo, sociedade; por uma teoria
geral da política. Rio de Janeiro, Paz e Terra,
1987.

Bibliografia básica

História da filosofia

BOCHENSKI, Joseph M. A filosofia contemporânea
ocidental. 2. ed. São Paulo, Herder, 1962.

BRÉHIER, Émile. História da filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1977-1981.

CHÂTELET, François (org.). História da filosofia; idéias, doutrinas. Rio de Janeiro, Zahar. 8 v.

HEIMSOETH, Heinz. A filo.sofia no .século XX.

São Paulo, Saraiva, 1938. (Col. Studium)

HIRSCHBERGER, Johannes. História da filosofia. São Paulo, Herder. 4 v.

HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. História

dos filósofos ilustrada pelos textos. Rio de

Janeiro, Freitas Bastos, 1970.

MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo. São

Paulo, Mestre Jou, s.d. 2 v.

NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea; trajetos iniciais. São Paulo, Ática, 1991.

SCIACCA, Michele F. História da filosofia. São

Paulo, Mestre Jou, 1966. 3 v.

SCRUTON, Roger. Introdução à filosofia moderna. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

STEGMÜLLER, W. A filosofia contemporânea.

São Paulo, EPU/ Edusp, 1977. 2 v.

Introdução à filosofia

ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria

Helena P. Filosofando; introdução à filosofia. 1. ed. São Paulo, Moderna, 1986.

. Temas de filosofia. São Paulo, Moderna, 1992.

BOCHENSKI, Joseph M. Diretrizes do pensamento filosófico. São Paulo,

Herder, 1964.

BORNHEIM, Gerd A. Introdução ao filosofar; o pensamento filosófico em bases existenciais.

Porto Alegre, Globo, 1970.

CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 1972.

CHAUÍ, Marilena e outros. Primeira filosofia; lições introdutórias. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CORBISIER, Roland C. de A. Introdução à filosofia. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.

GARCÍA MORENTE, Manuel. Fundamentos de filosofia; lições preliminares. 2. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1966.

GILES, Thomas R. Introdução à filosofia. São Paulo, EPU/ Edusp, 1979.

HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. Compêndio moderno de filosofia. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1968. 2 v.

JASPERS, Karl. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo, Cultrix, 1971 .

MARÍAS, Julian. Introdução à filo.sofia. São Paulo, Duas Cidades, 1960.

REZENDE, Antonio (org.). Curso de filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Seaf, 1986.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Filosofia. São Paulo, Cortez, 1992.

Dicionários de filosofia

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filo.sofia.

São Paulo, Mestre Jou, 1970.

BOBBIO, Norberto e outros. Dicionário de política. 2. ed. Brasília, Ed. Universidade de

Brasília, 1986.

BRUGGER, Walter. Dicionário de filnsofia. 2. ed.

São Paulo, Herder, 1969.

CUVILLIER, Armand-Joseph. Pegueno vocabulário da língua filosófica. 2. ed. São Paulo, Ed.

Nacional, 1969.

ÍNDICE

ONOMÁSTICO

ABELARDO, Pedro, 102, 372

ADORNO, Theodor W., 8, 15, 124, 265, 288, 375, 386

ALCUÍNO, 143, 372

ARABI, 145

AL KINDI, 145, 372

ALTHUSSER, Louis, 384

ANAXIMANDRO, 13, 40, 166, 265, 373, 375

ANAXÍMENFS, 66, 68, 371

@APFL, Karl-Otto, 283, 289, 375

@ARFNDT, Hannah, 183, 184

ARIÊS, Phillipe, 334, 335, 384

ARISTARCO de Samos, 139

ARISTÓFANES, 319

ARISTÓTELES, 62, 72, 80. 84, 85, 91, 92, 94, 96, 98, 99, 102, 116, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 157, 160, 185, 190, 192, 194, 195,

196, 197, 200, 201, 278, 284, 289, 363, 364, 371, 372

ARNHEIM, Rudolf, 340

ARQUIMEDES, 27, 136, 140, 143, 150, 156, 160, 371

AVERRÔIS, 372

AVICENA, 145, 372

BABEUF, Gracchus, 236

BACHELARD, Gaston, 131, 374

BACON, Francis, 83, 85, 106, 107, 108, 154, 155, 210, 373

BACON, Roger, 106, 145, 372

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch, 237, 238, 239, 247, 248, 249

BART1-IBS, Roland, 60, 61, 323, 324, 330, 375, 384

BASAGLIA, Franco, 39

BATAILLF, Georges, 280, 325, 329, 384

BAUDELLOT, Christian, 41

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb, 112

BFAUVOIR, Simone, 186, 188, 303, 304, 305, 308, 309, 310, 388

BECCARIA, César, 182

BENEVIDES, Maria Victoria M.. 227

BENJAMIN, Walter, 124, 132, 265, 288, 375

BENTI-IAM, Jeremy, 230, 231

BERGER, Peter, 7, 383. 384

BERGSON, 1-lenri, 23, 375

BERNARD, Claude, 86, 87, 155, 157, 161, 164

BERNARDET, iean Claude, 33, 359

BERNSTEIN, Eduard, 263, 264, 265

BETTELHEIM, Bruno, 60

BINSWANGFR, Ludwig, 123

BLANC, Louis, 237, 238

BLANQIJI, Auguste, 237, 238

BOBBIO, Norberto, 259, 261, 262, 270, 383, 384

BODIN, Jean, 213, 372

BOÉCIO, 102, 372

BOURDIEU, Pierre, 40

BORNHEIM, Gerd, 69, 295, 383, 385

BOSS, Medard, 334

BOSSUET, Jacques B., 299

BRENTANO, Franz, 123, 170, 375

BRUNO, Giordano, 146, 151, 372

BUKHARIN, Nikolai, 264

BURNFT, John, 68

CAMPANELLA, Tommaso, 236, 373

CAMUS, Albert, 331, 388

CAPALBQ, Creusa, 2

CARNAP, Rudolf, 163, 374

CARUSO, Igor, 321, 385

CASSIRER, Emst, 28, 57, 58, 206, 346, 375, 383, 385

CHAMPEAUX, Guilherme de, 102, 372

CHÂTELET, François, 75, 76, 112, 117, 118, 122, 175, 239. 254, 383, 385

CHAUI, Marilena de Souza, 40, 86, 134, 165, 182, 183, 185, 327, 383, 385

CIRNE, Moacy, 48, 49, 385

CLASTRES, Pierre, 60, 186, 188, 189, 385

CLEMENTE de Alexandria, 143, 371

COELHO NETTO, J. Teixeira, 354, 370, 385

@COM FORD, Alex. 248

COMTE, Auguste, 58,115,116, 117,118, 132, 155, 161, 162,168,
174,175,231,298, 313, 373

CONDILLAC, Etienne Bonnot de, 81, 285

COOPER, David, 39

COPÉRNICO, Nicolau, 113,128, 139, 144, 151, 159. 163, 166, 226, 372

COPI, Irving, 83, 84, 86, 385

@CORNFORD, F. M., 67

CUVILLIER, Armand-Joseph, 157. 383

DALEMBERT, 112,222

DA MAnA, Roberto, 334

DANTE ALIGHIERI, 202, 372

DARWIN, Charles, 88, 90, 158. 161, 163, 166

DELEUZE, Gilles, 21, 26, 375, 385

DEMÓCRITO, 66, 67, 371

DEMÓSTENES, 316

DESCARTES, René, 10, 22. 23, 24, 26, 85, 102.

103, 104,105,106, 107, 108, 109, III, 112, 124, 149, 154, 166,210. 218, 266, 304,
309, 312, 313, 314, 365, 373

DESNÉ. Roland, 112

DE WAELHENS. Alphonse, 123, 375

DEWEY, John, 24, 169, 375

DHOLBACH, barão, 298

DIDEROT, Denis, 112, 121, 222, 224, 373

DIELS, Hermann, 68

DILTI-IEY, Wilhelm, 23, 375

DIONÍSIO, o Velho, 54, 193

DORFMAN, Anel, 46, 385

DUFRFNNE, Mikel, 344, 347, 385

DUHEM, Pierre, 162, 164, 374

@DIJMAZEDIER, J., 18, 19, 385

DUMESNIL, IOS

DIJRKHEIM,Émile, 161, 168

ECO, Umberto, 43, 46, 145, 355, 385

EHRENFELS, Christian, baron von, 171

EINSTEIN, Albert, 83, 156, 158, 162, 163

ELIADE, Mircea, 47, 56, 57, 385

EMPÉDOCLES, 66, 67, 69, 138. 319, 371

ENGELS. Friedrich, 88, 89, 91, 119, 121, 232,
235, 237, 238, 239, 240, 262, 263, 373, 387

EPICURO, 284, 289, 371

ESCOREL, Launo, 205, 385

ESTABLET, Roger, 41

EUCLIDES. 24, 135. 143. 150, 160, 162. 371

EURÍPEDES, 283

FECHNER, Gustav Theodor, 168,175

FEUERBACH, Ludwig, 91, 1 IS, 119,235,239, 373, 387

FEYERABEND, Paul K., 163, 374

FICHTE, Johann Gottlieb, 115,373

FILÓPONO, 69

FISCHER, Ennst, 349, 350, 385

FOUCAULT Michel, 39, 166, 167, 231, 328, 373, 374, 375, 386

FOURIER, Charles, 237, 238, 373

FRAYSE PEREIRA, João, 39, 187

FREGE, Gottlob, 86, 374

FREITAG, Bárbara, 295, 386

PREUD, Sigmund, 55, 124, 125, 166, 167, 172, 173. 177. 285, 287, 288, 289, 291, 300, 324, 326, 386

FRIEDMANN, G., 16,386

FROMM, Erich. 13. 265. 267. 323, 375, 386

FURTER, Pierre, 316, 386

GALILEU GALILEI, 10,73, 102, 106, 116, 126, 128, 130, 136, 138, 139. 144, 146, 148, 149, 150, 151. 152, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 163, 167, 210. 312, 373,

388

GANDHI, Mahatma. 248

GARAUDY, Roger, 91,233,266,386

GARCÍA MORENTE, Manuel, 95, 97, 104, 106, 117,118,273,383

GHISELIN, 337, 339

GIANOTTI, José Arthur, 276

GILSON, Étienne, 199, 202

GOLDMAN, Ernma, 248

GORBATCHEV, Mikhail, 267, 268

GORER, Geoffrey, 334

GÓRGIAS, 25, 94, 96, 192, 37!

GRAMSCI, Antonio, 35, 37, 74, 129, 131, 265

268, 375, 386

GREEN, Thomas, 260

GRÓCIO, Hugo, 213

@GUATTARI, Felix, 21, 26, 375

GUILLAIJME, Paul, 3.386

GUSDORF, Georges, 6, 28, 32. 57. 59, 77, 79, 290, 295, 300, 303, 312, 333, 386

GUTENBERG, Johannes, IO, 372

HABERMAS, Jtirgen. 14, 125, 266, 269, 288, 289, 373, 375

HAMILTON, Sir William, 170

HARTMANN, Nicolai, 123. 375

HAIJSER, Arnold. 353, 386

HAYEK, Friednrich, 261

HEGEL, Georg Wilhelm, II, 12. 88, 89, 91, 93, 94, 96, 115, 118, 119, 233, 234, 235, 239, 240, 244, 246, 320, 373, 386

HE1DBREDER, Edna, 170, 297, 386

HEIDEGGER, Martin, 7, 13, 123, 124, 170. 304, 305, 308, 332, 373. 375, 386

HELVETIUS, 112, 121

HERÁCLITO de Éfeso, 66, 69, 92, 93, 99, 371

HERDER, Joham Gotlfnied, 112,383,386

I-IESIODO, 54, 63, 66, 67, 72, 84, 94,96, 192, 297,319,322

HIPÓCRATES, 145, 146,371

@HÔDAMOS, 94, 96. 192

HIPPIAS, 192

HITLER, Adolf, 26. 54, 252, 253, 265

HOBBS, Thomas, 210,211,212,213,215.218, 219, 224, 227, 373, 386, 387

HOB4HOUSE, Leonard, 260

HOBSON, John, 260

HOMERO, 62, 63, 68, 69,70, 72, 84,94.96,192, 286, 289, 297, 298, 371

HORKI-IEIMER, Max, 8,9,15, 122, 124, 265, 288, 375, 386

HUISMAN, Devis, 27, 77, 79, 164, 383

IIJME, David, 23, 107, 108, 110, III, 112, 154, 373

HUSSERL, Edmund, 23, 71, 123. 170, 171, 304, 305, 375

JAEGER, Werner, 94, 96, 191, 192, 386

JAKOBSON, Roman, 355, 386

JAMES, William, 24, 55, 169, 375, 386

JANKÉLÉVITCH, Vladimir, 319

JAPIASS{3, 1-Hilton, 131, 134, 384, 386

JASPERS, Karl. 76, 77, 78, 79, 123, 150, 305, 331, 375. 383

LETRA K

KANT, Immanuel, 21, 23, 26, 72, 91, 112, 113,

114, 115, 117. 125, 221, 222, 259, 285, 289, 365, 366, 373. 386

KARLITSKY, Karl, 263, 264

KEYNES, John Maynard, 260

KIERKEGAARD. Søren, 122. 125, 285, 287, 305, 373

KNELLER, George, 131, 158, 159, 386

KOESTLER, Arthur, 144, 386

KOEEKA, Kurt, 171

KOHLBERG, Lawrence, 294

KÖHLER, Wolfgang, 3, 4, 171, 172

KOYRÉ, Alexandre, 152, 386

KRANZ, Walter, 68

KROPOTKIN, Pierre A.. 248

KRUCIEV, Nikita S., 255, 266

KLIHN, Thomas, 163, 374@

LETRA J

JUNG, Carl Gustav, 288

LETRA L

LA BOÉTIE, Étienne de, 213, 329

LACAN, Jacques, 291

LAING, Ronald, 39

LAKATOS, Imre, 163, 374

LAKLEN, 338

LALOUP, Jean, 146

LA METTRIE. Julien Offray de, 298, 373

LANGER, Suzanne, 345, 348, 387

LÉBRUN, Genard, 180, 262, 387

LEFORT. Claude. 181, 182, 207, 387

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm, 85, 149, 373

LÉNIN (Vladimir Ilitch Ulianov), 14, 89, 255, 263, 264, 375

LEUCIPO, 66, 371

LÉVI-STRAUSS, Claude, 274, 355

LÉVY-BRILLIANT, Lucien, 186

LIEBKNECHT, Karl, 265

LOBATCI-IEVSKI, 162

LOCKE, John, 23, 26, 103, 106, 107, 108, 110, III, 112, 154,
166,218,219,220,221,222, 224, 226, 227, 232, 285, 304, 313, 373, 387

LOPES, Edward, 32, 33, 387

LUCRÉCIO, 335, 371

LUIJPEN, W. A. M., 300, 315, 387

LUKACS, Georg, 375

LÚLIO, Raimundo, 108

LUXEMBURGO. Rosa, 265

LETRA M

MACHADO, Roberto, 287, 387

MACPHERSON, C. B., 232, 233, 219. 387

MALEBRANCHE, Nicolas. 111,373

MALRAIJX, André, 362, 366

MAQUIAVEL, Nicolau, 196, 203, 204. 205, 206, 207, 209, 213, 372, 384, 385,
386, 387

MARCEL, Gabriel, 278, 306, 32!, 375

MARCHAIS, Georges, 266

MARCUSE, Herbevt. li, 124, 265, 267, 288, 326, 328. 329, 375, 387

MARIAS, Julián, 335, 383

MARSILIO de Pádua, 201, 202, 372

MARX. Karl, 8. II, 12, 14, 39, 88, 89, 9!, 93, 119, 120, 121, 324, 325, 361, 166,
226, 232, 234, 235, 237, 238, 239, 240, 24!, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248,

249, 255, 260, 262, 263, 267, 269, 285, 286, 288, 289, 373, 387

MATOS, Olgânia, 124, 387

MATFELART, Armand, 46, 385

MAUROIS, André, 87

MERO-flOR, José Guilherme, 230

MERLEAU-PONTY, Maurice, 71, 76, 78, 123, 130, 133, 170, 171, 173, 175, 177, 267, 297, 303, 306, 318, 329, 373, 374, 375, 387

MERSENNE, Mano, 144

MICHELIS, A., 353

MILL, .latnes, 86, 230, MILL, John Stuart, 85, 229, 230, 231, 232, 237, 259, 373

MONDOLFO, Rodolfo, 198. 383

MONTAIGNE, Michel de, 25, 331, 332, 335, 372

MONTESQUIEU, barão de, 112, 182, 219, 221, 222, 223, 230, 373

MOORE, Chavles, 370

MORE, Thomas, 213, 236, 372

MOR1N, Edgar, 322

MOUNIER, Emmanuel, 9, 13, 299, 375

MUSSOLINI, Benito. 252, 253, 256

LETRA N

NEURATH, Otto, 163

NEWTON, Isaac, 112, 128, 131. 139, 149, 152, 156, 158, 159, 163, 351, 373

NIETZSCHE, Friedrich, 24,25, 122, 123, 324, 164, 285. 286, 287, 288, 289, 318, 331, 373, 387

NOGUEIRA, Marco Aurélio, 262

NOSELLA, Mania de Lourdes, 43, 387

NOVAES, Adatto, 185, 276, 387, 288

LETRA O

OCKHAM, Guilherme de, 201, 372

OITICICA, José, 249

ORÍGENES, 143, 371

ORWELL, George, 5, 248, 256, 258, 389

OSBORNE, Harold, 362, 365, 366, 387

OWEN, Robert, 237, 238, 373

LETRA P

PAINE, Thomas, 230

PARMÊNIDES, 66, 69, 84, 92, 93, 98. 99, 136, 319, 371

PASCAL, Blaise, IO. 130, 147, 148, 149, 184, 273, 274, 278, 373

PASSERON, Jean-Claude, 40

PASTEUR, Louis, 157, 161

PAVLOV, Ivan, 169

PEDROSA, Mário, 369

PEIRCE, Charies Sanders, 24, 29, 375, 387

PEREIRA, Maria Helena Rocha, 39, 63, 68, 387

PÉRICLES, 65, 93. 191, 196, 197, 371

PETERFAL VI, 33

PIAGET, Jean, 291, 295, 387

PIÉRON, Heud, 170

PITÁGORAS de Samos, 66, 72, 135, 137, 371

PLATÃO, 10, 62, 68. 69, 70,71, 72,77, 79, 84, 92, 94, 95, 96. 97, 98, 99.
101,102,129,133, 136, 137, 138. 140, 146, 190, 192, 193, 194, 196, 197,
198.200,206,284,311,312,313,

319, 320, 322, 332, 363, 364, 371, 387

POINCARÉ, Henri, 162, 337, 339, 374

POPPER, IKarl, 163, 164. 365, 374

PRADO COELHO, Eduardo, 166, 281

PRELOT, Mamei, 387

PROTÁGORAS, 93, 94, 96, 192, 373

PROUDHON, Pierre Joseph. 237, 238, 239, 247, 248, 373

PSEUDO-PLUTARCO, 68

PTOLOMEU. Cláudio, 139. 143, 344, 350, 152, 158, 160.373

LETRA Q

QEINCY. Quáíremêre dc. 343@

LETRA R

RABELAIS, Fnançois, 132

RAWLS, John, 261

READ. I-lenbert, 248. 387

REICH, Wihelm, 267, 288

REID, Thomas, 112

REY, X. M., 122

RICARDO, David, 161, 217, 240

,1 4

RICOEUR, Paul, 123, 375

ROCHA E SILVA, Maurício, 159, 160, 388

ROSCELINO, 102, 372

ROSSELLI, Cano, 260

ROUANET, Sérgio Paulo, 27, 124, 256, 288, 388

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 12, 112, 204, 218, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 259, 285, 289, 373, 388

RUSSELL, Bertrand, 86. 163, 374

LETRA S

SAINT.SIMON, conde de, 231, 237. 238, 373

SALMON, Wesley, 81, 86, 388

SANTO AGOSTINHO 301, 103, 143, 199,200

202, 312, 326, 364, 371, 372

SANTO ANSELMO, 102

SANTOS, Laymert Garcia dos, 19, 388

SANTO TOMÁS de Aquino, 10, 91, 102, 103, 143, 146, 200,201,202,364,372

SÃO BERNARDO de Claraval, 200

SARTRE, Jean-Paul, 13, 123, 170,267,287,304

305, 306, 307, 308, 332, 373, 375, 388, 389

SAVIANI, Dermeval, 74, 300, 388

SCHAFF, Adam, 32, 388

SCHELER, Max, 123, 305, 375

SCHELLING Friedrich, 115, 373

SCHLICK, Monitz, 163, 374

SCHUHL, M. P. M., 135

SEVILHA, Isidoro de, 202

SILVA, Aracy Lopes da, 189

SIMPLÍCIO, 68

SINGER, Paul, 268, 269

SKINNER, Burrhus Frederic, 170. 175, 176, 297, 298

SMITH, Adam, 161, 240

SNYDERS. Georges, 42

SÓCRATES, 62, 66, 69, 71, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 129, 192, 193, 197, 198, 284, 286, 319, 332, 371

SÓFOCLES, 55, 283, 389

SOLLERS, 283

SONTAG, Susan, 317

SPENCER, I-lerbert, 162, 373

SPINOZA, Banuch, 154, 213, 313, 314, 315, 318, 373

STĂLIN, Joseph, 90, 181, 255, 263, 264

STECKEL, Wilhelm, 177

LETRA T

TAINE, Hippolyte, 298, 373

TALES de Mileto, 66, 67, 72, 135, 371

TAYLOR, Calvin W., 388

TAYLOR, Fredenick, 13

TELLES, Norma, 189

TERTULIANO, 143

THATCHER. Margareth, 261

THOUREAU Henry, 247

TOCQUEVILLE, Alexis de, 230, 231, 232

TOGLIATTI, 266

TOLSTÔI, Leon, 248

TOUCHARD, Jean, 230, 388

TRACY, Desíutt de, 42, 44

TRÓTSKI, Leon, 90, 256, 263, 264

LETRA V

VALÉRY, Paul, 131, 227

VAN RIET, Georges, 300

VERDENAL, René, 117, 118

VERGEZ, André, 27, 77, 79, 164, 383

VERNANT, Jean-Pierre, 62, 65, 67, 68, 135, 388

VESÂLIO, 149, 312

VIEIRA PINTO, Álvaro, 90, 388

VOLTAIRF, François-Marie Arouet, 112, 222, 224, 373

LETRA W

WATERSTON, John iames, 159

WATSON, John B., 169, 170, 175, 297, 298, 303

WATSON-CRICK, 159

WEBER, Max, 161, 180, 326

WEFFORT, Francisco, 115, 388

WEIL, Eric, 234

WHITEHEAD, Alf, 75, 86, 163, 374

WietGENSTEIN, Ludwig, 163, 374

WOLFF, Christian, 112

WOODCOCK, George, 248, 249, 250

WOODSWORTH, 169

WUNDT, Wilhelm, 168, 169, 175

LETRA X

XENÓFANES, 66, 371

XENOfONTE, 71,95,97

LETRA Z

ZENÃO de Eléia, 66, 371

ZENÃO de Cítio, 284

FIM